

ANAIIS

2º COLÓQUIO

PPGH - UEPG

EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:

10 ANOS DE PPGH

19 A 21
DE OUTUBRO
DE 2022

UEPG

Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

C719 Colóquio PPGH-UEPG (2. : 2022 : Ponta Grossa, PR)
Anais [recurso eletrônico] / 2º Colóquio do Programa de Pós-Graduação em História, 19 a 21 de outubro de 2022. / Organizadores: Luis Fernando Cerri, Alessandra Izabel de Carvalho. – Ponta Grossa, PR : Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2022.
5.450 KB : PDF
Vários autores.
ISBN 978-65-00-68889-4 (digital)

1. Pesquisa histórica-Brasil-Congressos. 2. História-Anais. I. Cerri, Luis Fernando. II. Carvalho, Alessandra Izabel de.

CDD 907.2081

Elaine Cristina Itner Voidelo - CRB9/1239

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesquisa histórica-Brasil-Congressos 907.2081



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Coordenação Geral

Luis Fernando Cerri

Alessandra Izabel de Carvalho

Realização

Programa de Pós-Graduação stricto sensu em História
Núcleo de Pesquisas Memória, Cultura e Natureza Núcleo de Pesquisas em Didática da
História Núcleo de Pesquisas em História e Religião
Núcleo de Pesquisas em Estudos de Gênero
Núcleo de Pesquisas em História Intelectual
Núcleo de Pesquisas em História e Imagem

Apoio

Departamento de História
Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

COMISSÃO ORGANIZADORA

Alessandra Izabel de Carvalho
Luis Fernando Cerri
Edson Armando Silva
Erivan Cassiano Karvat
Robson Laverdi
Brenda Carolina Busato Rotter
Débora do Rocio Pacheco da Silva
Frederico Renan Hilgenberg Gomes
Thayná Guedes Assunção Martins
Thiago de Paula

COMISSÃO CIENTÍFICA

Edson Armando Silva (PPGH)
Georgiane Garabely Heil Vázquez (PPGH)
Luis Fernando Cerri (PPGH)
Maria Paula Costa (PPGH/ Unicentro)
Robson Laverdi (PPGH)
Rosângela Wosiack Zulian (PPGH)
Patrícia Carla de Melo Martins (PPGH)
Alessandra Izabel de Carvalho (PPGH)
Claudio Luiz Denipoti (PPGH/ UEL)
Erivan Cassiano Karvat (PPGH)
Marco Antonio Stancik (PPGH)
Maria Julieta Weber Cordova (PPGH)
Niltonci Batista Chaves (PPGH)
Patrícia Camera Varella (PPGH)
Evelyn Roberta Nimmo (PPGH)
Carmen Lúcia de Salis (UNICENTRO)
Andréa Mazurok Schactae (IFPR)
Ilton César Martins (UEPG)
Joseanne Marinho (UESPI)
Rosângela Petuba (UEPG)
Névio de Campos (UEPG)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



ARTE

Ana Flávia Barboza Garcia

DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO

Frederico Renan Hilgenberg Gomes

REVISÃO

Frederico Renan Hilgenberg Gomes

Luis Fernando Cerri

Alessandra Izabel de Carvalho



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Sumário

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 1	8
A INTELLECTUALIDADE E O CAMPO RELIGIOSO UMBANDISTA NO BRASIL DOS ANOS 1950: OS DITOS E NÃO-DITOS NO JORNAL DE UMBANDA	8
A DESILUSÃO COM O IDEAL DE PROGRESSO NA OBRA “UM BRADO DE REVOLTA CONTRA A MORTE VIOLENTA” DE MARIANA COELHO (1935)18	
ORIGEM DA SAÚDE PÚBLICA: BRASIL COLÔNIA E PROVÍNCIA DO PARANÁ.....	28
PORNOGRAFIA COMO FORMA DE SEXUALIZAÇÃO: SEXISMO METAFEMINISTA E A PRÁTICA DA HEGEMONIA CONSERVADORA NA COMTEMPORANEIDADE	37
EDUCAR PARA O PROGRESSO: A PRODUÇÃO DISCURSIVA DE JORNAIS ESTUDANTIS PARANAENSES DURANTE O ESTADO NOVO (1941).....	49
A MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: ANÁLISE TEÓRICA E ESTATÍSTICA	59
SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 2	71
A LEI 10.639 EM PERSPECTIVA: O QUE MUDOU? O QUE PERMANECEU EM VINTE ANOS?	71
PEDAGOGIA SOCIAL NO BRASIL: ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES DO JORNAL ‘O PAIZ’ EM 1917.....	80
SUBJETIVIDADES AMBIENTAIS DE MIGRANTES MINEIROS NO NORTE DO PARANÁ (1940-1960).....	89
OS BARÕES DA MODERNIDADE E OS SISTEMAS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO DE ERVA- MATE: UM ESTUDO DE CASO DA REGIÃO CENTRO-SUL DO PARANÁ	98
CHARLOTTE PERKINS GILMAN (1860-1935): ENTRE A HISTÓRIA INTELLECTUAL E A EPISTEMOLOGIA CRÍTICA FEMINISTA.	108
NOVO COMPLEXO MINEROINDUSTRIAL: PROCESSO CATALISADOR DE TENSÕES E INTERESSES EM ITAIACOCA.....	120
CONGADA DA LAPA: RELATOS SOBRE O APRENDIZADO EM TORNO DA HISTÓRIA ORAL.....	131
O “COMUNISMO ATEU” OU AS “FORÇAS DEMOCRÁTICAS”, QUAL VOCÊ PREFERE? AS ESTRATÉGIAS ELEITORAIS DE VICENTE FRARE, UM CATÓLICO PREFEITURÁVEL	140
SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 3	149
O FEMINISMO DE MARIANA COELHO NO ÂMBITO DOS DEBATES DAS FEMINISTAS NO BRASIL E NO CONTEXTO INTERNACIONAL	149



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

POR UMA HISTÓRIA DOS TRABALHADORES INDUSTRIAIS: REFERÊNCIAS E ANÁLISES SOCIOECONÔMICAS E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL (PONTA GROSSA/PR, 1990-2020)	157
AMORES, PROMESSAS E DESILUSÕES: UMA ANÁLISE À PARTIR DA CATEGORIA GÊNERO SOBRE OS CRIMES DE DEFLORAMENTO NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA (PR) (1921-1929)	164
OS USOS DA HISTÓRIA NA ERA DIGITAL: PASSADOS EM DISPUTA	174
AS MATÉRIAS DE CAPA DA REVISTA <i>MANCHETE</i> SOBRE FAMOSOS SOROPOSITIVOS NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990	184
SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 4	194
MEDIAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE C. G. JUNG EM CURITIBA: A ATUAÇÃO DE EMIR CALLUF COMO INTELECTUAL MEDIADOR	194
FOTO BIANCHI E OS RETRATOS ESCOLARES: O USO DE FOTOGRAFIAS PARA A CONSTRUÇÃO DA HISTORIOGRAFIA PONTA-GROSSENSE.....	206
ARA CHICO! AS REPRESENTAÇÕES DE ELEMENTOS MODERNOS E DO CAMPO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE CHICO BENTO MOÇO (2013-2021)	216
UTILIZAÇÃO DA FERRAMENTA OPENREFINE COMO TÉCNICA DE TRATAMENTO DE DADOS PARA PESQUISAS HIATORIOGRÁRICAS.....	225
A DESCRIÇÃO DA PAISAGEM E O REGIONALISMO EM O DRAMA DA FAZENDA FORTALEZA (1941)	236
ANÁLISE DO USO HISTÓRICO DA REPRESA ALAGADOS EM PONTA GROSSA (PR), NO PERÍODO DE 1950 A 2000, E OS POSSÍVEIS EFEITOS AO MEIO AMBIENTE.	244
SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 5	253
DA FAZENDA A CIDADE: AS RELAÇÕES DA MEMÓRIA SOCIAL E AFETIVA DO CAMPO NA FAZENDA CAPOCU	253
MULHERES MIGRANTES: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS CAMPO- CIDADE EM TELÊMACO BORBA/PR.....	263
CONSOLIDAÇÃO DO SINDICADO DOS METALÚRGICOS DE PONTA GROSSA/PR: A AÇÃO E IMPORTÂNCIA DO SINDICATO PARA OS TRABALHADORES ORGANIZADOS 1993-2000	271
O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA RELAÇÃO ENTRE O FICAR E SAIR: A PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO ASSENTAMENTO PIRITUBA/ SP.	282
O DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFPR: A CONTRIBUIÇÃO DA HISTORIADORA ALTIVA PILATTI BALHANA.....	292
VIVÊNCIAS DE UMA VIDA SEM FILHOS: AMORES E DESAMORES NO CONTEXTO DE TERESINA-PI (1950-1970).....	300



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

SAGA DA ESPERANÇA: REPRESENTAÇÕES PARANISTAS ACERCA DE JEAN MAURICE FAIVRE E A COLÔNIA THEREZA CHRISTINA.....	309
SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 6	320
AS REPRESENTAÇÕES SOBRE DOENÇA MENTAL CONSTRUÍDAS DENTRO DA COMISSÃO FORMADA NA SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROLOGIA, PSYCHIATRIA E MEDICINA LEGAL (1908– 1910)	320
A PAISAGEM ENQUANTO ELEMENTO DE ANÁLISE DO TRABALHO DOS ERVEIROS E ERVEIRAS NA FLORESTA COM ARAUCÁRIA NA REGIÃO CENTRO-SUL DO PARANÁ	329
NO UNIVERSO DUNA (1965): IMPERIALISMO NA LITERATURA DE FRANK HERBERT E PERSPECTIVAS FUTURAS.....	337
ALMOÇOS E TROPEÇOS: UMA ANÁLISE METODOLÓGICA DA CONSTRUÇÃO DE ENTREVISTAS EM HISTÓRIA ORAL.	347
UM ESTUDO HISTÓRICO DO MOSTEIRO DA RESSURREIÇÃO: O USO DE VÍDEO DO <i>YOUTUBE</i> COMO FONTE HISTÓRICA.....	357
HISTÓRIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DOS SISTEMAS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE	368
SCOTT, SHACKLETON E AMUNDSEN: MEDOS, ANSIEDADES E A EXPERIÊNCIA SINESTÉSICA.....	376
O HISTORIADOR COMO INTELLECTUAL DE MUSEUS: PRESERVAR, PESQUISAR, COMUNICAR.....	387



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 1

A INTELLECTUALIDADE E O CAMPO RELIGIOSO UMBANDISTA NO BRASIL DOS ANOS 1950: OS DITOS E NÃO-DITOS NO JORNAL DE UMBANDA

GRUBE, Bruno dos Santos¹

¹ *Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional Uninter, Pós-graduado em Ciência Política pelo Universidade Cesumar, Mestrando em História, Cultura e Identidade na UEPG (Núcleo de Pesquisa de História e Religião – PPGH)*

A intelectualidade sobrevive dentro de um campo social próprio, alimentado e sustentado por *habitus* e capitais simbólicos bastante específicos, conforme suas particularidades e interesses característicos. Seria ingenuidade se basear apenas em um tipo de recurso, por exemplo, o financeiro (aos moldes economicistas de Marx ou dos neoliberais) para compreender uma sociedade. Obviamente o capital financeiro é importante, mas não se trata do único fator a ser considerado. Há nuances muito mais sutis que podem causar tanto (ou as vezes até mais) impacto do que a mera acumulação financeira. A saber, tratam-se do capital social e do capital cultural (BOURDIEU, 2013).

1. Escreva aqui o primeiro subtítulo do trabalho.

Por capital cultural entende-se os recursos condizentes aos conhecimentos e práticas capazes de lhe servirem de base referencial para compreender melhor e atuar no mundo aonde estiver inserido, usufruindo assim de oportunidades garantidas pela sofisticação, amparadas por sua noção e estoque de saberes. O capital social, bastante influenciado pelo capital financeiro e cultural, garante acesso a determinados círculos sociais e grupos, o que diferencia o status de quem o adquire (BOURDIEU, 2013). Para Jessé Souza (SOUZA, 2022), não existem pessoas com capital social elevado sem os capitais financeiros e culturais adequados (pelo menos um ou outro). E nessa combinação de recursos e capitais simbólicos, determinados campos desenvolvem códigos de conduta e linguagens condizentes com seu “status social”. A estes comportamentos exclusivos dá-se o nome de *habitus* (BOURDIEU, 2013).

Assim sendo, quando observa-se o Jornal de Umbanda: Órgão noticioso e doutrinário da União Espiritista de Umbanda, produzido entre os períodos de 1949 até 1960 no Rio de Janeiro, ainda capital do Brasil, é possível se constatar que há ali a manifestação de um *habitus* intelectual e religioso bastante comum na época (tanto na própria ideia de produção de um periódico quanto na busca por legitimar e expandir uma religião). Segundo Peter Burke (2010, p.69) “Como culturas inteiras, há locais específicos



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

que são particularmente favoráveis à troca cultural, especialmente as metrópoles e as fronteiras.”

O habitus em questão refere-se ao campo da religião de Umbanda, podendo ainda ser subdividido mais especificamente nos “intelectuais umbandistas”, que ao longo de mais de uma década, divulgaram em suas páginas, para todo o Brasil, diversas propostas de reflexão e orientações condizentes com a ética que acreditavam. Para Tertuliano Monteiro de Araja, correspondente do jornal:

Será que existe alguém que de fato conheça perfeitamente a Umbanda? Penso que não; pois as opiniões são tão várias e controvertidas que estabelecem uma dúvida muito grande a respeito do assunto. Todos são conhecedores do metier, mas, a verdade é que os entendidos por aí espalhados, na minha fraca opinião, não falam com o dicionário na mão, isto é, não tem base formada, pois nunca procuraram ouvir a palavra autorizada dos que realmente podem dar lição. (ARAJA, 1953, p.2)

No decorrer das edições, constata-se um processo de “busca por seriedade” por parte dos editores, tanto quando escrevem sobre atitudes de outros umbandistas, quanto de pessoas externas a religião, que menosprezam ou difamam seu campo religioso. Segundo Burke (2010, p.84) “O poder do mal-entendido – ou melhor dizendo, da reinterpretação inconsciente – não deve ser subestimado.”. O diálogo com os assinantes (que enviavam cartas) e com os colunistas convidados demonstra o zelo com a maneira de se racionalizar a religião de Umbanda através de debates e contraposições de ideias. Segundo um dos correspondentes do jornal chamado de J. A. de Oliveira:

Nosso intuito é o de fazer compreender aos adeptos e praticantes da Umbanda – da necessidade de estabelecer **DISTINÇÃO** (sic) entre os vários cultos e doutrinas – particularizando a Umbanda, em virtude, também, de nossa responsabilidade como diretor de uma instituição umbandista; desejosos de ver a **UMBANDA UNIFICADA ENTRE SEUS PRATICANTES E ADEPTOS** (sic). E, também, ver as práticas de Umbanda mais espiritualizadas, sem misturas ou enxertos, como se observa atualmente. (...) Os nossos Irmãos umbandistas precisam de capacitar-se que a Umbanda não precisa de usar nomes ou designações de outras correntes espiritualistas, uma vez que **POSSUI O SEU PRÓPRIO NOME** (sic). (OLIVEIRA, 1953, p.2)

Por meio das fotos espalhadas pelas edições, percebe-se também uma tentativa de “humanizar” a religião, mostrando confraternizações e visitas dos diretores do jornal a diversos terreiros, tendas, templos, centros, cabanas ou casas da religião umbandista. Uma vez que o preconceito racial sempre se fez presente em nossa sociedade brasileira desde sua fundação (SOUZA, 2022), seja explícita ou implicitamente, e que a Umbanda foi e é muito ligada as tradições africanas também, o Jornal de Umbanda, dentro de certas limitações da época, confrontou as intolerâncias vividas na sociedade. Segundo J. A. Oliveira:

Como se vê, não basta o indivíduo ser crente. É necessário saber porque se crê. É indispensável que o indivíduo se melhore. É necessário, para tanto, **ESTUDO DOCTRINÁRIO – ORIENTAÇÃO – E** (sic) a finalidade da União



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

de Umbanda não é outra senão ORIENTAR (sic), esclarecendo os adeptos da Religião de Umbanda, principalmente aos diretores de instituições umbandistas. E a Umbanda é, repetimos – uma corrente de luz e verdade a serviço da Caridade – sua finalidade é tornar o homem melhor – quem assim não pensar e agir certamente que não é e nem pode ser umbandista. (OLIVEIRA, 1953, p.2)

Há presente em toda a estrutura do periódico uma preocupação central: oferecer capital cultural básico para que os religiosos assinantes e pertencentes a Federação Espiritista de Umbanda possam defender e praticar a religião sob rígidos padrões éticos e morais. A influência kardecista é bastante presente em boa parte dos discursos no jornal. Tal pode ser constatado já no próprio nome da federação, pelo termo “espiritista”. Há inclusive longos debates que perpassam edições, justamente sobre essas questões (a Umbanda é espiritismo também?). Para Peter Burke:

Em nosso mundo, nenhuma cultura é uma ilha. Na verdade, já há muito que a maioria das culturas deixaram de ser ilhas. Com o passar dos séculos, tem ficado cada vez mais difícil se manter o que poderia ser chamado de “insulação” de culturas com o objetivo de defender essa insularidade. (BURKE, 2010, p.101)

As tradições, especialmente as religiosas neste caso, seriam como áreas culturais em contínua construção (BURKE, 2010), que não estariam isoladas nem passariam impassíveis pela interação umas com as outras. Há forte presença do catolicismo no discurso dos pensadores do jornal e nas imagens (gravuras de santos com dia de comemoração e histórico), apesar de também haverem profundas críticas teológicas às interpretações bíblicas. Assim como há referência aos Orixás do Candomblé e cultos nativos da África. Para Burke (2010, p.102) “Portanto, não se pode dizer que o Candomblé é ‘puro’ enquanto a Umbanda, por exemplo, é um híbrido”. Nenhuma religião é pura e insulada em si mesma. Todas as religiões são híbridas e construídas socialmente. Segundo Jessé Souza:

Como não somos abelhas nem formigas, mas um tipo de animal que interpreta a própria ação, toda a nossa atuação no mundo é influenciada, quer saibamos disso ou não, por ideias. São elas que nos fornecem o material que nos permite interpretar nossa própria vida e dar sentido a ela. Por conta disso, quem controla a produção as ideias dominantes controla o mundo. (...) No mundo moderno, a dominação de fato tem que ser legitimada cientificamente. Quem atribui prestígio hoje em dia a uma ideia é a ciência, assim como antes era a religião. (SOUZA, 2019, p.26)

O entrecruzamento entre ciência e religião tem seu ponto forte na doutrina Kardecista, que foi intensamente difundida pelo Brasil desde o fim do século XIX, entre as elites metropolitanas. O positivismo muito marcante na abordagem da “mesa branca” (outro nome para kardecismo), pode ser sentido também através do discurso dos intelectuais umbandistas no jornal. Há uma certa tentativa por parte dos editores em legitimar o saber umbandista como algo racional, ou seja, “não primitivo” ou “inculto”. Neste ponto, entra-se na esfera do culturalismo. Para Jessé Souza:



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Até a década de 1920, o racismo fenotípico baseado na cor da pele e nos traços fisionômicos era reconhecido como ciência tanto internacional quanto nacionalmente. (...) O culturalismo julgava ter vencido o paradigma racista e tê-lo superado por algo não só cientificamente superior, mas também moralmente melhor. (...) O culturalismo tornou-se uma espécie de “senso comum internacional” para a explicação das diferenças sociais e de desenvolvimento relativo no mundo inteiro. (SOUZA, 2019, p.16-17)

A partir de um “acúmulo” de capitais culturais, sob esta ótica culturalista, o preconceito seria mascarado. Ao invés de se julgar as pessoas apenas pela cor de sua pele, uma nova forma de intolerância passaria a ocorrer, agora a nível cultural, ou seja, referente a sua capacidade de articular conhecimentos e saberes “válidos”. Sob este paradigma, obviamente, a Europa e a América do Norte serviram de parâmetro de “civilizações modelo com saberes científicos legítimos” e influenciaram as ideias do mundo como um todo, continuando a colonização de forma mais sofisticada (SOUZA, 2022).

As demais nações, tidas como “inferiores culturalmente”, “subalternas” ou “pré-modernas”, caso em que o próprio Brasil se encontrava na época do jornal (e ainda se encontra), condiz com esse projeto de colonização dos saberes de então. A violência simbólica e epistêmica projetada nas páginas do jornal faz referência ao paradigma social estabelecido. Em alguns trechos do jornal surgem pequenos vislumbres de transposição destes ideais culturais hegemônicos, contudo, tratam-se de discursos ainda escassos. Para Maldonado-torres:

O trabalho coletivo desses e de outros autores leva em consideração que, ao invés de conceber o colonialismo como algo que acontece na modernidade em conjunto com outros períodos históricos, é mais sensato afirmar que a modernidade por si só, como uma grande revolução imbricada com o paradigma da “descoberta”, tornou-se colonial desde seu nascedouro. Isso leva a uma mudança no modo de se referir à modernidade ocidental: de modernidade simplesmente, como oposto ao pré-moderno ou não moderno. É esse “além da modernidade”, em vez simplesmente independência, que torna-se o principal objetivo da decolonialidade. (MALDONADO-TORRES, 2019, p.32)

Outro aspecto pode ser observado ao averiguar as condições pertinentes à elaboração de um jornal nesta época. Deduz-se que os editores possuíam ao menos certo capital financeiro e cultural para conseguirem por em prática, ao longo de mais de uma década, tal empreendimento jornalístico. O próprio capital social elevado também aparece de certa forma, quando um de seus membros diretores, Jayme Madruga, é entrevistado por outro periódico (A Noite – jornal renomado da época) ao longo de 3 edições consecutivas. Alguém sem certo prestígio social não receberia tal destaque.

A complexidade presente nas tensões dos discursos dentro do Jornal de Umbanda parecem apontar para uma tendência kardecista, o que de certa forma, afasta as raízes afroameríndias diretamente do escopo conceitual dos intelectuais de umbanda em questão. Para Reginaldo Prandi:



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

A umbanda que nasce retrabalha os elementos religiosos incorporados à cultura brasileira por um estamento negro que se dilui e se mistura no refazer das classes sociais, numa cidade que, capital federal, é branca, mesmo quando proletária; culturalmente européia; que valoriza a organização burocrática da qual vive boa parte da população residente; que premia o conhecimento pelo aprendizado escolar em detrimento da tradição oral; e que já aceitou o kardecismo como religião, pelo menos entre setores importantes fora da Igreja Católica. “Limpar” a religião nascente de seus elementos mais comprometidos com a tradição iniciática secreta e sacrificial é tomar por modelo o kardecismo, capaz de expressar ideais e valores da nova sociedade republicana, ali na sua capital. (PRANDI, 95/96, p.69)

2. Os ditos e não-ditos no Jornal de Umbanda

Segundo Michel Pollak (POLLAK, 1989), um fato social, conceito advindo de Durkheim, é uma “coisa” capaz de servir como objeto de estudo. Uma vez que as questões sociais podem ser materializadas por meio de fatos sociais coisificados, haveriam assim indicadores empíricos de uma possível memória coletiva. Desta forma, os costumes, as personagens históricas, os patrimônios arquitetônicos, etc, apresentariam uma certa constituição de estabilidade e duração capazes de garantir cientificidade a estes objetos quando utilizados para uma pesquisa. A memória coletiva se desdobraria em uma memória oficial legitimada (POLLAK, 1989), o que em outras palavras, fortaleceria um elo de ligação entre todos os habitantes de um determinado país ou comunidade, criando um sentimento próprio de solidariedade e identidade s comuns.

Entretanto, esta memória oficial excluiria muitas outras vozes, marginalizando assim diversas narrativas. As minorias culturais acabariam por construir (ou manter) uma memória subterrânea, invisibilizada pelo discurso opressor da “maioria”. Essas memórias subterrâneas trazem consigo os ares da subversão (POLLAK, 1989), aflorando em momentos de crise e entrando nos campos das disputas ou memórias concorrentes.

A batalha das memórias desenrola-se em revisões e autocríticas do passado comum, gerando assim memórias proibidas, clandestinas em sua essência. No geral, essas memórias proibidas tendem a ser traumatizantes (POLLAK, 1989), esperando o momento certo para serem expressas. Muitas destas memórias proibidas (oficialmente) são passadas entre familiares e amigos. Há também as memórias vergonhosas e as memórias indizíveis, que cada qual, são guardadas também em estruturas de comunicação não formais, passando despercebidas dos meios oficiais.

Deste modo, percebe-se nas páginas do Jornal de Umbanda uma marginalização subintendida ao longo dos mais de 10 anos do periódico. Possivelmente o jornal poderia ser caracterizado como um tipo de meio onde uma “memória subterrânea umbandista” está sendo propagada, numa tentativa de se desmarginalizar. Há muitas reflexões e teorizações por parte de seus editores e leitores, o que também deixa latente questões não-ditas sobre as influências africanas e indígenas da religião, uma vez que o culturalismo (SOUZA, 2022) próprio da época impera com seus preconceitos recalcados.

Para Alessandro Portelli (PORTELLI, 1993), que traz a questão do imaginário em conexão com a identidade dos sujeitos entrevistados, algumas vezes, durante as narrativas, as pessoas podem alterar seu discurso e sua forma de participação nos eventos



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

passados, fantasiando e imaginando circunstâncias que preencham de significado suas vidas (atualmente), mesmo que contrarie a história coletiva. Trata-se de algo que poderia ter sido diferente, uma história alternativa: um ucronismo.

Dentro desta perspectiva, o ucronismo não se trata de realidades, mas sim de possibilidades (PORTELLI, 1993), e a interpretação destas representações não deve se dar ao “pé da letra”. Há uma necessidade de se dar atenção a qualidade dos narradores, buscando os porquês do investimento emocional nestas abordagens e, novamente, os não-ditos contidos nestas narrativas. Às vezes podem ser memórias vergonhosas ou preconceitos que frustraram e continuam frustrando o sujeito até os dias atuais. A imaginação ucrônica mantém uma consciência das injustiças existentes no mundo, mas apontando para uma possibilidade de reconciliação.

Outro documento complementar utilizado na pesquisa é o *Relatório do Primeiro Congresso de Umbanda* dos anos 1941, que serviu de arcabouço teórico para boa parte dos debates no *Jornal de Umbanda* dos anos 1950. Neste relatório, vários pensadores da época expressaram suas teorias sobre as origens da Umbanda: alguns disseram que sua origem era europeia (de tradições místicas ou kardecistas), outros que a religião vinha da Índia e outros que sua origem vinha da Atlântida (!). Por mais sofisticados que fossem seus argumentos, tais não possuíam contato com a história coletiva, caindo assim na imaginação (ucrônica). É claro que de uma perspectiva teológica a interpretação poderia ser diferente, mas, como não é este o caso da pesquisa, o ucronismo pode servir aqui de base referencial de interpretação.

Pelo viés psicanalítico, o imaginário representa uma boa parte de nossos pensamentos. Para Lacan (FINK, 2017), muitas das histórias contadas pelos analisandos simplesmente não farão nenhum sentido, uma vez que boa parte do que aconteceu foi deixada de fora. Preencher essas lacunas, observar o que não se encaixa (ou até mesmo o que se encaixa demais) e resgatar os detalhes importantes que foram omitidos (propositalmente ou não) constituem um dos principais objetivos de uma análise. Mesmo não se tratando de uma sessão de psicanálise, constata-se nas narrativas do *Jornal de Umbanda* várias lacunas não-ditas a serem observadas.

A cultura popular e erudita se entrelaçaram, havendo assim uma circularidade de culturas (BAKHTIN, 1987). E no seio desta amálgama cultural, ao pesquisador cabe “rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações das lembranças” (AMADO, 1996, p.135) em uma busca por significar socialmente as experiências relatadas pela narrativa.

3. Questões de identidade

É corriqueiro que ao pensarmos no conceito de “identidade” logo nos venha a mente o “RG” ou “registro geral” (HALL, 2006), que é aquele documento que comprova legal e burocraticamente a nossa existência dentro do Estado. Contudo, a noção de identidade vai muito além disso, enquadrando-se em como as pessoas compreendem a si mesmas, de que maneira se enxergam e se colocam no mundo frente aos demais. Em outras palavras, a quais grupos pertencemos e com quais realmente nos identificamos é a questão.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Dentro das instâncias psíquicas elaboradas por Freud (ZIMERMAN, 2004), há o Ego, que é o nosso contato com a realidade, ou seja, o nosso “eu” capaz de reconhecer e ser reconhecido perante um mundo composto por diversos outros egos, interconectados por meio de identidades nacionais, estaduais, municipais, familiares, profissionais, esportivas, etc. Isso significa que nós assumimos certos papéis que já são prévios dentro dos agrupamentos humanos que somos inseridos, papéis estes capazes de diferenciar um do outro. É muito comum que ao nascer já nos enquadremos em alguma etnia e cultura própria de uma determinada região, que sejamos incorporados em alguma religião pelos nossos familiares, que sejamos apresentados ao mundo com um nome escolhido pelos progenitores e assim por diante. Há todo um contexto para que o Ego possa apoiar-se e manifestar-se.

A contextualização histórica é parte integrante de nossa sociabilidade. Participamos, querendo ou não, de uma sociedade onde há disputas de poder, cargos, interesses e uma gama de complexidades que vão muito além das meras questões de sobrevivência animal. Certamente o “não eu” parece ser bem vívido na presença do outro, não apenas individual, mas institucionalmente falando também. Existem organizações que compõe uma maneira própria de agir no mundo, e em muitos casos, influenciam as noções de identidade de quem a compõe. A participação social se dá por esse “vestir a camisa” que nos enquadra em determinadas comunidades.

Mas como manter uma identidade em um mundo cheio de vicissitudes? O que realmente permanece em nós? Ao menos, com o passar do tempo, vamos envelhecendo e acumulando experiências, o que por si só já nos enquadra em certas categorias, tais como criança, adolescente, adulto ou idosos, que carregam consigo certos hábitos próprios e tendências identitárias também.

Através de um olhar mais atento, podemos perceber que essas identidades são construídas socialmente ao longo de nossa história através de reflexões e narrativas que extrapolam a mera teoria. Essas narrativas tão bem construídas acabam se introjetando em nós, que assumimos aqueles papéis sociais e vamos nos sujeitando a um sentimento comum próprio a todos que pertencem ao enredo específicos de determinadas coletividades. Isso garante o senso de pertencimento, incentivando e reforçando uma certa coesão social que permite com que a esfera coletiva se imponha frente ao indivíduo.

Assim, criam-se tradições, “rituais de iniciação” e todo um imaginário próprio de certas camadas populares, definindo o que é permitido e o que não o é. Há todo um aparato moral que segura as pessoas dentro de si mesmas, pressionando-as a seguir o que está pré-estabelecido. Aqui o Superego se mostra atuante (ZIMERMAN, 2004).

Independente de uma autoridade externa para nos controlar, carregamos dentro de nós o juiz e carrasco psíquico chamado de Superego (ZIMERMAN, 2004), que nos força a nos adequar e a seguir as normas convencionalmente estabelecidas. O sociólogo Stuart Hall (HALL, 2006) esclarece que existem variações identitárias fundamentais que ajudam a compreender nossa situação no mundo em diferentes épocas. Durante o período do iluminismo na modernidade europeia, criou-se uma forte convicção identitária baseada nos Estados nacionais, onde o sujeito centrava-se na ideia de patriotismo e dever cívico para com sua nação. Esta mentalidade ajudou a estabelecer a soberania dos países e a



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

unificar povos diversos em torno de um objetivo comum. Esse sujeito com firmes tendências nacionalistas e patrióticas, unificados em uma causa nacional, após as grandes guerras mundiais, foram se fragmentando por conta da descrença gerada na humanidade. A violência e a miséria que as noções de nacionalismo causaram no mundo fortaleceu uma identidade desconfiada dos grandes ideais nacionais, permitindo assim o surgimento de pessoas múltiplas, ou seja, de identidades híbridas.

Segundo Stuart Hall (HALL, 2006), a identidade completamente unificada com houve outrora, cheia de segurança de si e perfeitamente coerente seria uma fantasia, uma vez que saímos da modernidade e adentramos num momento conhecido como “pós-modernidade”. Nesta fase, a humanidade como um todo, passa de uma forma ou de outra, por uma crise identitária, onde mesclam-se em uma diversidade nunca antes vista ou imaginada de múltiplos pertencimentos a grupos distintos. Isso, obviamente advém da própria globalização, que por meio da internet, conectou o mundo todo, expandindo os limites culturais e possibilitando que as informações fossem acessadas com maior velocidade.

Por um lado, há grande acessibilidade de conhecimentos e divulgação do que antes era exclusividade de alguns, por outro, alguns críticos dizem que a globalização está tirando a importância de grupos étnicos com tradições culturais particulares, tais como nativos de algumas regiões do mundo. De quaisquer forma, o indivíduo pós-moderno assume uma “identidade híbrida”, muito mais solta do que na época de Freud, obviamente, mas que traz consigo outros desafios e dificuldades que acabam por compor novas maneiras de sofrimento humano.

4. Considerações Finais

O presente trabalho está inserido no Núcleo de Pesquisa em História e Religião do programa de pós-graduação do mestrado de História da UEPG. Tal pesquisa carrega em si uma preocupação central caracterizada pela busca de uma legitimação da religiosidade e identidade umbandista em um contexto histórico bastante efervescente no que se refere a cultura brasileira dos anos 1950.

Por mais que se trate de algo ocorrido há mais de setenta anos, os ecos dos discursos apresentados no Jornal de Umbanda ainda influenciam o campo umbandista nos dias de hoje. Há entre os próprios “filhos de fé” umbandistas da atualidade um resgate de vários debates muito similares aos que ocorriam naquela época. Observar as continuidades, descontinuidades e regularidades nas narrativas religiosas certamente compõe um dos interesses centrais do núcleo de História e Religião.

Os estudos relacionados ao referido Jornal de Umbanda, com seus debates e interpretações teológicas são escassos, o que de certa forma garante uma pertinência dentro do campo historiográfico. Desenvolver análises capazes de decifrar os ditos e não-ditos, e as lacunas no periódico enriqueceria o campo, instituindo assim novas bases de discussão e abrindo caminho para novas possíveis pesquisas dentro do mesmo periódico, uma vez que as possibilidades são diversas.

Seguindo para além da academia, o impacto social de um trabalho sobre uma religião tão mal-entendida e cercada de preconceitos como a Umbanda, seguramente



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

ajudaria no esclarecimento e na disseminação de informações e conhecimentos convenientes para seus membros, simpatizantes e curiosos.

Outro aspecto importante de se ressaltar é que a Umbanda e a natureza estão profundamente interligadas, e isso garante uma atenção especial à territorialidade dos religiosos em questão. Os Orixás manifestam-se por meio dos elementos naturais, tais como os rios (Oxum), as montanhas (Xangô), as matas (Oxossi), as tempestades (Iansã), etc. Este conhecimento natural serve como pano de fundo de toda e qualquer discussão referente aos intelectuais de Umbanda. É em função de uma consciência ambiental e social de acolhimento aos excluídos que a Umbanda se constitui como religiosidade “marginal”, ou seja, fora dos padrões judaico-cristãos do ocidente. Os umbandistas cercados pela violência física e epistêmica, tidos como “o Outro” naquela sociedade brasileira dos anos 1950, no Rio de Janeiro, (SPIVAK, 2010), organizaram-se para desenvolver um campo de debates capaz de legitimar seus posicionamentos.

A pesquisa carrega em si uma investigação do *Jornal de Umbanda* tendo por base vários autores, especialmente historiadores, sociólogos e psicanalistas, que fundamentam um “esqueleto conceitual” para a pesquisa e garantem uma transdisciplinaridade. É a partir de suas categorias de análise que todo o trabalho nas fontes são elaborados. Observando página por página do periódico em busca de narrativas que tragam à tona os ditos e não-ditos das memórias subterrâneas do campo intelectual umbandista daquele tempo, a pesquisa vem se revelando bastante favorável, tanto metodologicamente quanto no que se refere a teoria.

Nada está escrito na pedra, logo, conforme a pesquisa das fontes forem sendo ampliadas e novas evidências surgirem, há a possibilidade de que novos ângulos de interpretação possam ser utilizados. Por hora, estas “verdades provisórias” sintetizam esta produção teórica.

5. Referências

AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. In. História. São Paulo: 14, 1995.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES, GROSFOGUEL. *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas (Coleção cultura negra e Identidades) 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FINK, Bruce. *Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes*. São Paulo: Bucher; Karnac, 2017. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

JORNAL DE UMBANDA: Orgão noticioso e doutrinário da União Espiritista de Umbanda. Rio de Janeiro: 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111848&PagFis=2> Acesso em 29 jun., 2021.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio.* In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol.2, n.3, 1989.

PRANDI, Reginaldo. *As religiões negras no Brasil – para uma sociologia dos cultos afrobrasileiros.* São Paulo: Revista USP, 95/96.

PORTELLI, Alessandro. *Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores.* In: Proj. História. São Paulo, 10, dezembro, 1993.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso.* Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

_____. *Brasil dos humilhados: uma denúncia da ideologia elitista.* 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZIMERMAN, David E. *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão.* Porto Alegre: Artmed, 2004.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

A DESILUSÃO COM O IDEAL DE PROGRESSO NA OBRA “UM BRADO DE REVOLTA CONTRA A MORTE VIOLENTA” DE MARIANA COELHO (1935)

SILVA, Débora do Rocio Pacheco da¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa; Núcleo História Intelectual

Esse trabalho surgiu como desdobramento e reflexão feita a partir de uma atividade realizada na disciplina de Tópicos especiais em História, Cultura e Natureza, do Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Identidades, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Onde discute-se a ideia da trajetória de Mariana Coelho para além das suas contribuições intelectuais, com uma discussão entorno de sua corporalidade. Bem como analisou-se a obra *Um brado de revolta contra a morte violenta* (1935) e a decepção da intelectualidade do período perante os cenários de violência, causados principalmente pelas guerras e que quebra o paradigma de um ideal de progresso e de evolução da sociedade, em voga desde o período iluminista e tão almejado e acreditado nos primeiros anos da Primeira República, sobretudo pelos positivistas no final do século XIX e início do XX.

1. Resquícios da trajetória de uma intelectual

Ao estudarmos sobre história intelectual muitas vezes acabamos nos prendendo em analisar a trajetória desses sujeitos, suas redes de sociabilidade, as características daquela determinada geração e nos esquecemos de que todo esse contexto histórico possui um “pano de fundo”, faz parte de um espaço localizado, é impulsionado por fatores, elementos e organismos vivos e pulsantes que interferem e estão presentes (mesmo que de forma indireta) em tudo o que aconteceu/acontece em determinado recorte histórico e fazem parte desta trama, de forma materializada e não apenas como algo ligado às ideias de determinados sujeitos. Para F. Capra (1991) vivemos em uma constante inter-relação e interdependência entre vários fenômenos, sejam eles físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais, em que se propõe uma nova visão do real, que transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais, que devemos ver o mundo em termos de relações e de integração, ou seja, interagindo por meio de trocas, e por essas também se reestruturando, mudando.

Mariana Coelho, portuguesa naturalizada brasileira, viveu em Curitiba por quase toda a vida, foi uma poetisa, ensaísta, escritora, professora, feminista e reconhecida como figura atuante no círculo da elite letrada paranaense, fundando colégio e auxiliando em centros e grêmios culturais. De acordo com Bueno (2010) engajada na causa da emancipação feminina, Coelho encontrou espaço para divulgação de suas ideias em um campo ainda restrito a participação das mulheres, utilizando de suas amizades e parcerias com intelectuais importantes de seu contexto, para assim conseguir publicar.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Trajetórias não são apenas trajetórias, são resquícios, indícios de uma vida humana e as interferências dessa vida naquele espaço. Os escritos de Mariana Coelho nos jornais alteraram configurações e modos de se perceber a escrita feminina, começou-se, principalmente (e não exclusivamente) a partir de suas publicações, naquela cidade, Curitiba, a se falar sobre a emancipação feminina, sobre o papel social da mulher, educação feminina, coisas que antes não eram pautas a serem muito discutidas pela imprensa paranaense, muito menos eram pautas a serem discutidas por mulheres, ainda mais publicamente. A presença física dessa mulher, os espaços que ela ocupou vão muito além do seu potencial intelectual, e ela soube se apropriar disso, para conseguir as mudanças que queria, sejam elas estruturais, de comportamentos ou de pensamentos e mentalidades.

Para as mulheres daquele período, escrever tinha um significado muito além do que apenas expressar a criatividade por meio das palavras, de acordo com Eleutério (2005):

[...] escrever [...] constitui[a]-se numa espécie de ensaio de identidade e autonomia. Ao produzir um texto, a mulher de então não est[ava] interessada apenas em expressar um saber ou em dar expansão aos seus anseios, mas sim de dar conta e propor uma reflexão de si mesma e da sociedade que até então só se reconhecia através do foco da interpretação masculina. (ELEUTÉRIO, 2005, p. 19)

Tylley (2014) ao falar sobre a carnalidade da experiência, muito influenciado por Merleau-Ponty, nos faz refletir sobre a existência material do corpo humano no mundo. Em que, Merleau-Ponty defende uma posição materialista contrária a qualquer forma de idealismo ou intelectualismo que tente situar e compreender o mundo a partir da perspectiva de um espírito descorporificado, e de alguma forma, fora do corpo. E isso no caso, ao analisar a trajetória de Mariana Coelho, era para mim uma problemática, pois eu tinha uma visão sobre ela muito ligada apenas aos seus escritos, a sua trajetória intelectual, suas ideologias, seus pensamentos, via parte dela, sua mente, esquecia de percebê-la como um todo, como um corpo atuante no mundo, num determinado espaço-tempo, e que influenciava e era influenciada por outros corpos.

Ainda, de acordo com Tylley (2014):

As coisas e os lugares, como as pessoas, são seres temporais. O tempo está dentro de uma pessoa, é parte dela, como também o é de uma coisa ou de um lugar. Conseqüentemente, coisas, pessoas e lugares não são entidades estáticas, mas, ao contrário, estão constantemente mudando e alterando sua natureza. O tempo é a quarta dimensão “escondida” do ser, é um dos elementos constituintes de lugares, paisagens e coisas. Nossa existência corporificada e percepção do mundo envolvem um incessante alongamento do presente ao passado, no que ambos se conectam e se postam em relação ao futuro. Assim, a experiência é constituída com as cores do tempo. Memórias de lugares que visitamos outrora colorem nossas percepções atuais e, também, como encaramos o futuro e o novo. As experiências passadas são transportadas através da atividade do sujeito encarnado e fornecem estruturas através das quais esse sujeito se torna capaz de interpretar o mundo e encaixá-lo em um



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

padrão. O corpo carrega o tempo para a experiência do lugar e da paisagem. Qualquer momento de experiência vivida é, dessa forma, orientado pelo e para o passado, uma fusão dos dois. O passado e o presente se dobram um sobre o outro: o segundo influencia o primeiro, e o primeiro rearticula o segundo. (TYLLEY, 2014, p. 36).

Quando Tylley (2014) fala que o corpo carrega o tempo para a experiência do lugar e da paisagem, e que qualquer momento de experiência vivida, é orientado pela fusão entre o presente e o passado. O que me vem há mente é que, pouco se sabe sobre a vida de Mariana Coelho em Portugal, porém, ela chegou ao Brasil, mais especificamente em Curitiba, com uma bagagem já consolidada como uma “illustre escritora”, termo recorrentemente usado por seus colegas da imprensa paranaense. Qual foi a educação que Mariana recebeu? Ela foi instruída? Como era a condição de sua família? Quais livros ela leu? Quais pensadores influenciaram ela? Quais espaços ela frequentou em seu país natal? Muitas dessas questões ainda são lacunas. Porém, é de se suspeitar que, diferente do comum para as mulheres da época, que não tinham acesso à educação, que eram impossibilitadas de ler, escrever, publicar na imprensa, Mariana foi um “ ponto (corpo) fora da curva”.

Ela utilizou desse privilégio para ocupar espaços, ser ativa naquele mundo, de forma talvez até mesmo transgressora para seu período, mas que pudesse proporcionar mudanças para as questões femininas da época, como por exemplo: escrevendo suas “chronicas de moda” para discutir além do tema “moda”, mas também falar sobre a importância de mulheres terem acesso à educação e que assim, instruídas, as mulheres poderiam estar cada vez mais próximas da emancipação feminina. Atuação essa, que possibilitou que muitas outras mulheres passassem a escrever na imprensa também, seja apoiando as ideias dela, seja criticando. Fomentando um movimento, uma rede de outros corpos, que unidos por uma ideia passam a discutir por algo em comum, ou pela sua divergência. Para Tylley (2014) “o corpo é o meio através do qual nós conhecemos a ideia de lugar. Lugares constituem corpos assim como o inverso, e ambos compõem paisagens. Lugares reúnem pessoas, memórias, estruturas, histórias, mitos e símbolos (p.51).”

Se pensarmos na trajetória de Mariana Coelho, como portuguesa naturalizada brasileira, escritora, professora, feminista, positivista através de uma abordagem fenomenológica, vemos que essa pessoa, esse sujeito é um entrelaçamento de outros lugares, outras vivências, outras experiências, outros corpos, na relação com outras pessoas e com o mundo ao seu redor. Vê-se que, para Tylley (2014) as pessoas não recebem informação e conhecimento sobre o mundo passivamente, pois sempre agem em conformidade com projetos práticos, valores, necessidades, desejos e interesses.

Mariana começou a sua vida no meio literário ao escrever poemas nos jornais de Portugal, no Brasil fez o mesmo, escreveu ensaios, escreveu sobre assuntos polêmicos para o período, fundou uma escola, formou muitas meninas com os princípios no qual ela acreditava, na questão do que ela entendia de como deveria ser a educação das mulheres. Manteve contato com os intelectuais proeminentes do período, não apenas em Curitiba, mas trocou cartas com outras pessoas de outros estados que possuíam interesses e bandeiras parecidas, como Juvenal Lamartine, Bertha Lutz, Dario Vellozo, Rocha Pombo, Fábio Luz, etc. Participou da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

auxiliou na fundação da filial da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino no Paraná. Quando atuava como professora, na escola República Argentina, incentivava a escrita de suas alunas através da publicação do Boletim Primavera, onde as mesmas eram responsáveis pelo conteúdo desse boletim. Foi uma mulher com várias frentes de atuação, circulou em espaços bastante masculinizados, como a maçonaria, círculos intelectuais ligados ao cientificismo, positivismo e neopitagorismo.

E percebeu que um dos alicerces para que as mulheres conseguissem se tornar escritoras, serem reconhecidas e não hostilizadas era a amizade e a articulação que elas criavam através de uma aproximação com outros homens de letras, por isso, vemos que ela usava muito dessa estratégia ao trocar cartas com intelectuais de destaque no cenário e escrever elogios aos mesmos nos jornais. Precisou estabelecer alianças e confrontos ao longo de sua trajetória e algo que lhe facilitou também, foi a estreita ligação de seu irmão Teixeira Coelho, também com esses literatos do período. De acordo com Vieira (2007) é possível identificar quatro características como sendo comuns aos intelectuais das primeiras décadas do século XX:

1-Sentimento de pertencimento ao estrato social que, ao longo dos séculos dezenove e vinte, produziu a identidade social do intelectual; 2- engajamento político propiciado pelo sentimento de missão ou de dever social; 3- elaboração e vinculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade; 4- assunção da centralidade do Estado como agente moderno de reforma social (VIEIRA, 2007, p. 3-4)

Porém, tudo isso nos mostra também que Mariana Coelho era fruto de seu tempo. Seus escritos reverberam muito das ideias presentes naquele período, acerca do racionalismo científico, darwinismo social, evolução, progresso, exaltação da razão e até mesmo escritos eugenistas e racistas. Ela, acreditava no ideário positivista de que a ciência seria responsável pela regeneração moral. Por isso, pode ser considerada como um “corpo ambíguo”, pois ao mesmo tempo que ela apresenta discursos progressistas e transgride o modelo de feminilidade do século XIX (pelo que escrevia, pelos seus comportamentos, por sair sozinha, por não ter se casado e não ter tido filhos), ela também, por outro lado pode ser vista como também conservadora, pois o seu discurso sobre a emancipação das mulheres era alcançável apenas para determinados e seletos grupos de mulheres, e era uma emancipação com muitas restrições. Para Bueno (2010):

A emancipação feminina, na compreensão de Mariana Coelho, não poderia furtar das mulheres as horas dedicadas à maternidade e ao lar. A “nova mulher” anunciada por ela devia conciliar os seus diversos papéis sociais empenhando-se em dividir-se entre os direitos que lhe foram naturalmente atribuídos no espaço do privado e as novas exigências de participação na vida pública. Responsável pela tarefa de proporcionar o desenvolvimento das qualidades intelectuais e morais das crianças, por meio de seus exemplos, a mulher era vista por ela como elemento indispensável para a construção do futuro da nação. Ou seja, a preocupação com a formação das mulheres do ponto de vista de Mariana Coelho passava também pela questão da educação das novas gerações cujo futuro estava nas mãos maternas: a educação das crianças. (BUENO, 2010, p.71)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Apesar dela romper com o espaço destinado às mulheres, que era o espaço doméstico, e passar a ocupar o espaço público, possibilitou também que muitas outras mulheres também adentrassem nesse espaço das letras, lugar esse bastante monopolizado pelos homens. Porém, ainda, a sua escrita era o que Nelly Novaes Coelho (2000), vai chamar de “escrita bem comportada”, pois era uma escrita que atendia às ordens e exigências patriarcais, não buscava romper com as relações de gênero e não almejava mudanças estruturais e sociais. Há momentos que ela se subverte e tem horas que ela se conforma com alguns padrões do período, seu feminismo é um feminismo entendido com muitas características eurocêntricas. Sobre a característica do entendimento feminista de Mariana Coelho, Dyeinne Tomé (2020) diz que:

Observamos que Mariana Coelho, no decorrer de sua trajetória, vai propondo uma alteração no papel feminino dentro da relação familiar, na atuação doméstica e na vida pública, o que faz com que assuma dois posicionamentos distintos – divididos em dois momentos específicos, nomeados nesta tese de “feminismo por intuição” e “feminismo por convicção”. O primeiro feminismo divulgado pela intelectual não preconiza uma alteração radical na função social feminina, ela defendia o direito à educação, ao trabalho e ao voto das mulheres, sem, contudo, que estas se descuidassem ou se exonerassem de suas atividades em âmbito doméstico, enfatizadas como primordiais. Em seu segundo feminismo, com uma postura bem mais obstinada e radical, passou a defender, de modo determinado, seu projeto de sociedade, em que as mulheres pudessem atuar de modo efetivo nos espaços públicos sem estarem circunscritas às atividades da esfera doméstica. (TOMÉ, 2020, p. 295)

Da mesma forma, e no mesmo período que a presença de Mariana Coelho e os seus escritos na imprensa puderam de certa forma propiciar uma alteração de pensamentos e comportamentos, também a sociedade brasileira passava por mudanças estruturais, tanto no campo político, como no social e cultural, com as mudanças implementadas pela proclamação da república, e que foram sentidos principalmente nas capitais brasileiras, como nesse caso, Curitiba. Havia nessa capital, por parte dos intelectuais, um anseio de progresso. De acordo com Alexandra Bueno, Mariana Coelho foi capaz de traduzir seu contexto, categorizando as experiências e formas de pensar, de conceber o mundo, sendo porta-voz de seu contexto. Além de que, acompanhou mudanças significativas no campo das ideias, e que também presenciou o nascimento e desenvolvimento da urbe curitibana, com um desenvolvimento sem precedentes no campo das ciências e das novas tecnologias, que modificaram profundamente os modos de vida e as práticas sociais da época. (BUENO, 2009, p. 01).

2. A obra Um brado de revolta contra a morte violenta – de Mariana Coelho (1935):

“Se num futuro mais ou menos próximo a guerra se desencadear submergindo novamente o mundo em sangue, atendendo as variadas e diabólicas invenções de matar – todas desenvolvidas e sancionadas por essas mesmas potencias pacifistas... Será realmente uma guerra – fim – de – mundo, pois se afirma, e com razão, que nessa guerra não desaparecerão somente indivíduos – desaparecerão nações e com elas – quem sabe? Também a nossa civilização.”



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

(COELHO, MARIANA; UM BRADO DE REVOLTA CONTRA A MORTE VIOLENTA, 1935)

Como já dito anteriormente, Mariana e muitos intelectuais daquele período acreditavam na teoria de que a história caminhava para uma constante evolução. De uma “civilização em progresso”. Muitos de seus escritos transparecem esse seu pensamento, porém, é perceptível também que, tanto ela quanto seus contemporâneos vivenciaram uma espécie de “crise paradigmática” e que a mesma crise causou uma certa desesperança no almejado futuro racional e progressista da humanidade, que para eles deveria sempre caminhar rumo à evolução. Sobre isso, podemos perceber em seu livro “Um brado de revolta contra a morte violenta”. Que foi influenciado principalmente após os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, (nomeada por ela como a Grande Guerra, pois no período em que escreveu esse livro, ainda não havia ocorrido a Segunda).

Na dissertação de mestrado a qual estou desenvolvendo, não utilizo como fonte esse livro de Mariana Coelho (Um brado de revolta contra a morte violenta), porém, para entendermos essa crise e as mudanças do contexto vivenciado por ela e a discussão que envolve essa reflexão, acredito que esse livro responde bem a esse objetivo, pois aponta os anseios dos intelectuais do período e a preocupação com o presente e futuro daquelas pessoas e da humanidade como um todo.

O livro foi baseado em uma conferência que a autora realizou no salão nobre da Associação Comercial do Paraná, em Curitiba, no dia 05 de dezembro de 1934, em que ela palestrou para membros do Centro de Cultura Feminina. Começa a obra falando que destina 50% da venda desta conferência como “um modesto auxílio á ereção de uma herma que perpetue em Curitiba a memória do inolvidável escritor paranaense dr. Rocha Pombo.” Ela divide o livro em três partes, o primeiro se tratando sobre “Guerra”, o segundo “Pena de morte” e o último abordando sobre uma “execução que foi memorável, da guerra de 1914”. Diz Mariana:

Senhores – vivemos uma época em que, positivamente, a vida perdeu o seu intrínseco valor! E tão imperiosa é a verdade deste fundamentado argumento, que me impeliu a tentar um estudo de acôrdo com os principais assuntos da actualidade mundial – pela sua flagrante importância moral e política – que tão justa e profundamente nos contristam (COELHO, 1935, p.5)

Fala sobre o medo de acontecer uma nova guerra, e do quanto isso é ameaçador e que não descarta a realidade de “num futuro mais ou menos próximo – com todo o seu séquito de horrores atribulando o espírito das mais sensíveis e evoluídas geraçõesactuais”. Mariana Coelho estava certa, pois quatro anos depois eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Segundo ela, na imprensa cada dia mais se publica sobre mortes violentas, principalmente ligadas ao suicídio de homens e mulheres, mas também de como é grande o número de assassinatos, que para ela é impulsionado pela “imaginação doentia” e pela “provável ausência da razão”. A morte de mulheres, de acordo com a autora, é relacionadadiretamente ao que ela vai chamar de “casos de amor”. Diz ela:

Na febre alucinante dos assassínios mais hediondos da época, sobressaem muitos criminosos imolando, num ódio insensato e feroz, a pobre mulher



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

indefesa – esposa, noiva ou amante – á faca, a punhal e a tiro! Sob a funda impressão desta assombrosa avalanche da morte quási que paralisa a minha humilde palavra – sentindo-se envolta no fatalismo destas duas afirmações com que tão singular ciência salientemente caracteriza o nosso tempo: - saber matar e saber morrer. (COELHO, 1935, p. 6-7)

Outro assunto discutido por ela nesse contexto de aumento da violência, é sobre a morte por suicídio, reprovada por ela, pois dizia que “nada há de mais reprovável e mais absurdo que lançar mão do suicídio, tendo nós, fatalmente a morte certa. Como se não tivéssemos todos de sucumbir a essa irrecorrível lei da Natureza!”. Para ela, o suicídio só era aprovável aos condenados á morte. E apresenta dados de como era grande o número de suicídios na França, entre os anos de 1834 a 1848, principalmente nos meses mais quentes do ano, e entre a classe dos artistas e “iletrados”, na faixa etária dos 30 e 40 anos. Em vários momentos do livro, Mariana Coelho aponta como causa das mortes violentas, seja como característica do assassino ou do suicida, a classe social dos sujeitos e a falta de instrução. Que para ela “pertencem, em regra, ás classes de mediana cultura, e até mesmo das pessoas incultas.” Suas ideias veem muito de encontro com os escritos de Césare Lombroso. Diz ela:

Nesta tendência delirante da nossa época para o suicídio, deve-se também notar que na sua maior parte os suicidas da actualidade pertencem, em regra, ás classes de mediana cultura, e até mesmo das pessoas incultas. As mulheres servem-se, geralmente, para emprenderem a viagem eterna, de processos tão pavorosos que fazem arrepiar! – O que prova até uma certa leviandade na verdadeira concepção das contingências mundanas: - embebem as vestes em álcool ou petróleo e ateiam-lhes, simplesmente, o fogo! Ou atiram-se sob as locomotivas cujo esmagamento as torna horrorosamente irreconhecíveis! (COELHO, 1935, p 7-8)

Para ela, a instrução seria um fator que poderia tornar o sujeito mais pacifista e racional. E cita o nome de alguns intelectuais da época, que ela acreditava escreverem e defenderem ideais pacifistas, como o novelista inglês H. G. Wells, Erich Maria Remarque, Einstein e Max Nordau (ambos os últimos banidos da Alemanha, durante o governo de Hitler - sobre o governo de Hitler ela toma o seguinte posicionamento: “política intolerante e ditatorial hitlerista, imprópria da civilização atingida pelo nosso século”. Porém, acreditava ser uma utopia, um sonho, acabar definitivamente com todas as possibilidades de futuras guerras. Culpa os governos dizendo:

Muitos e, infelizmente, arraigados, são os recursos da intolerância dos governantes, fundada nos seus interesses, no seu egoísmo e não raro na sua sede de vingança, que se levantam como obstáculos intransponíveis á realização do nosso sonho altruístico que procura incentivar a mais racional e persistente propaganda em prol da paz – principal felicidade que deve conciliar e unir todas as nações. (COELHO, 1935, p 8)

De acordo com Mariana, os responsáveis pelas mudanças estruturais da sociedade era a classe trabalhista, o proletariado, mas que, de acordo com suas ideias, isso só seria possível se eles fossem devidamente instruídos, pois, acreditava que apenas através da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

instrução seria alcançado o progresso e a liberdade, eles teriam consciência do seu valor. Acreditava que “liberdade e progresso” eram “irmãos gêmeos”, e só esses elementos poderiam garantir um porvir que compensasse o tenebroso presente. Diz ela:

Eu tenho uma íntima fé, Senhores, nas classes trabalhistas, nas classes proletárias, nas multidões operárias grevistas – limpas de tudo o que se relacione com o terrorismo sectário. Eu tenho uma fortalecida fé nessas classes modestas, que, quando seguramente possuídas da precisa instrução – pois que sem ela não há progresso nem liberdade – impelidas pela consciência do seu valor, amparadas pela justiça social, farão a greve geral, permanente, intransigente, pela paz do mundo! Estou certa de que nessa classe de preponderante e prometedor futuro despertará insofrecível o ódio às guerras, e com seu sazonado raciocínio responderão á imposição impotente dos mandantes sanguinários, com a formal recusa de cevar com o seu sangue e espírito covarde e egoísta dos que conseguem seu contraditório triunfo à custa de tão sagrada manutenção. Deixará então, finalmente, de existir o pesado tributo de sangue – suportado através dos séculos! (COELHO, 1935, p. 10-11)

Contesta a indústria bélica e os magnatas por detrás delas. Fala que há um discurso de que a guerra também tem sido fator de progresso, com as “invenções progressistas de matar”, porém, ela diz que a tal preço, é preferível abrir mão desse progresso e dessa ideia de civilização. Critica também o imperialismo e exploração dos países europeus a outros países, como os da América Latina. Na segunda parte do livro, discorre sobre a pena de morte, faz um levantamento histórico sobre o uso da forca, da guilhotina e da cadeira elétrica. Fazendo um panorama sobre o Brasil, fala sobre a galé perpétua, do período do Brasil Império, e critica a existência da forca aqui no Paraná, no Alto de São Francisco. Aponta várias obras literárias que abordam sobre os condenados à pena de morte, como as obras de Victor Hugo, Friedrich Schiller, Percy Bysshe Shelley e Enrico Ferri, esse último sobre a antropologia criminal. Na última parte do livro, aborda sobre a polêmica execução de Mata Hari, pseudônimo da dançarina holandesa Marguerite Gertrude Zelle, acusada e julgada de ser espiã e ter colaborado com o governo alemão, contra o governo francês. Fala sobre a dualidade do século que mais produziu descobertas científicas como sendo também o período de mais invenções de instrumentos mortíferos, diz:

Nos imoralíssimos instrumentos de morte que o século XX- o século das mais surpreendentes descobertas científicas – ainda tolera para vergonha sua, a justiça dos homens pode gabar-se de castigar um crime com outro incomparavelmente maior –além de executar, muitas vezes, por erro judicial, condenados inocentes. Além de tudo, vejamos a incongruência de tal lei: se o paciente é criminoso nato, a responsabilidade do seu crime não é sua – é toda da natureza que assim o conformou ou deformou. Se é acidental, é perfeitamente susceptível de regeneração que a pena de morte lhe nega, tolhendo assim a cooperação do regenerado nas exigentes utilidades da pátria. (COELHO, 1935, p. 26)

Faz também uma crítica ao posicionamento das instituições religiosas perante a pena de morte aplicada em alguns países, se questionando:



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Todo o espírito evoluído e ao mesmo tempo bem intencionado, acha-se a braços com a seguinte objecção: porque é que as religiões que se dizem representantes de Cristo- ensinando-nos a sofrer e a perdoar – silenciam, submissas, sem um protesto pelos meios ao seu alcance, em face da covardia com que se enfeita a lei da pena de morte? Será porque essa pena é um reflexo da Inquisição que a monarquia absoluta e os tribunais eclesiásticos mantiveram durante séculos? (COELHO, 1935, p. 34)

É muito perceptível nessa obra a crise vivenciada por Mariana Coelho, com a sua decepção em torno de um progresso civilizacional, de uma sociedade mais racional e pacífica, isso marca uma crise entre a “modernidade” e um ideal futurista, onde antes se acreditava que o passado era algo ultrapassado, os intelectuais daquele período buscavam o novo e esse novo viria, de acordo com os ideias deles, do futuro, havia um pensamento de um futurismo exarcebado e bastante confiante, mas que entrou em crise por conta de determinados acontecimentos que colocaram em cheque os ideais evolucionistas e positivistas, como por exemplo as guerras e a violência, que iam contra o discurso de uma sociedade cada vez mais racional e evoluída.

E isso é algo ainda bastante latente nos dias atuais. As novas tecnologias, novas correntes de pensamento, a industrialização, globalização, a “grande aceleração” causada pelo capitalismo, colocaram dúvidas sobre a ideia de progresso e o futuro se tornou até mesmo ameaçador. Em que, como discutido por Hartog ao pensar nos regimes de historicidade (2013) a esperança não pode mais ser depositada no futuro, tem que partir do presente.

Referências

- BUENO, Alexandra Padilha. *Deslizes de sentido: razão, fé e moralidade na produção literária de Mariana Coelho*. Anpuh – XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009.
- BUENO, Alexandra Padilha. *Educação e participação política: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940)*. Dissertação de mestrado em Educação. UFPR, Curitiba, 2010.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a Ciência, a Sociedade e a cultura emergente*. Cultrix, São Paulo, 1991.
- CHAKRABARTY, Dipesh. *O clima da história: quatro teses*. Sopro 91, jul/2013.
- COELHO, Mariana. *Um brado de revolta contra a morte violenta*. Oficinas Gráficas “A Cruzada”, Curitiba, 1935.
- COELHO, Nelly Novaes. 500 anos de presença da mulher na literatura em Portugal e no Brasil – A literatura como memória cultural. In: *Literatura: arte, conhecimento e vida*. Editora Peirópolis, São Paulo, 2000.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de Romance*. In: *As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Topbooks: Rio de Janeiro, 2005.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Editora Autêntica; 1º ed., 2013.

TILLEY, Chris. *Do corpo ao lugar à paisagem uma perspectiva fenomenológica*. Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, vol. 8, n. 1, jan./jun., 2014.

TOMÉ, Dyeinne Cristina. *Mariana Coelho e a educação das mulheres: uma escritora feminista no campo intelectual (1893-1940)*. Tese (Doutorado em Educação), UEPG, Ponta Grossa, 2020.

VIEIRA, C. E. *Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)*. 1. Ed. Editora da Universidade Federal do Paraná, v.1, 2007.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

ORIGEM DA SAÚDE PÚBLICA: BRASIL COLÔNIA E PROVÍNCIA DO PARANÁ

VOIDÉLO, Elaine Cristina Itner¹

¹*Universidade Estadual de Ponta Grossa*

O histórico da saúde pública no Brasil teve origem no seu descobrimento, com o reconhecimento dos hábitos de higiene dos indígenas e a partir dos tempos da Colônia, observou-se o caráter de pouca abrangência social e de extensão nas ações em saúde. Ao longo do século XX, com a criação de um Ministério da Saúde (1931), a adoção de políticas sanitárias e, principalmente ao final do século, com as ações e iniciativas que culminariam com a construção do Sistema Único de Saúde (SUS), a saúde tomou um papel mais significativo e foi assumida como parte da política de Estado.

Scliar (2002, p. 45) cita em seu ensaio, como os primeiros europeus ficaram impressionados ao chegarem ao Brasil, com a saúde e aparência dos índios recém-descobertos, e como seus hábitos saudáveis em relação a alimentação e vida ativa os tornavam sadios e fortes. Se houvesse alguma enfermidade, estes recorriam ao pajé, que realizava tratamentos através de rituais mágicos e utilização de remédios à base de ervas.

Esses conhecimentos de cura pelos indígenas, foi relatada nas cartas de Padre Anchieta, no século XVI, descrevendo que antes da colonização, os índios que habitavam as terras brasileiras já possuíam técnicas que os permitiam tratar a saúde utilizando recursos naturais.

Pesquisas recentes de cartas enviadas a Portugal na época do descobrimento e início da colonização indicam, por exemplo, que os índios tinham conhecimentos sobre fraturas, as quais imobilizavam com talas de bambu; amputação; suturas (feitas com um cipó específico); anestesia (sendo que alguns dos componentes utilizados seriam incorporados às primeiras anestésias modernas, quinhentos anos depois); controle da natalidade (não era permitido ter mais do que dois filhos por família, pois esse era o máximo que uma mãe poderia carregar em caso de fuga causada pelos constantes atritos tribais); e, o mais importante, higiene, pois os índios se banhavam de quatro a cinco vezes ao dia. Nesses banhos também praticavam natação, o que auxiliava a manter o porte físico. Além de manterem organizadas suas aldeias e suas ocas, eles nunca jogavam seus dejetos nos rios, pois sabiam que dos rios e das matas tirariam os recursos para sua sobrevivência. (JUSTINO; BOMBONATO; JUSTINO, 2011, p. 2)

1. A colonização

Apesar da admiração pelo conhecimento do novo mundo descoberto, os hábitos indígenas não eram reconhecidos nem pelos Jesuítas, nem pelo governo colonial, que introduziu o atendimento médico aos doentes pelos físicos (os médicos da época). (SCLIAR, 2002, p. 46).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

De tal modo, com a urgente necessidade dos colonizadores de subjugação dos indígenas através da conversão religiosa e conseqüentemente de seus costumes, estes passam a utilizar e modificar os saberes e práticas de saúde dos locais.

Com a vinda dos colonizadores, os índios acabaram entrando em contato com novas doenças e pragas, as quais contribuíram para o adoecimento de quase toda a população nativa. Mesmo assim, a sabedoria indígena permitiu que os boticários tomassem conhecimento de novos medicamentos e ervas, os quais foram muito utilizados até praticamente o final do reinado de Dom Pedro II, pois os medicamentos vindos da Europa eram muito caros e sua importação era difícil. Com esses conhecimentos, os boticários também desenvolveram tinturas, extratos e xaropes, entre outros produtos, que foram de grande ajuda para os médicos. Alguns, inclusive, são usados até os dias atuais. (JUSTINO; BOMBONATO; JUSTINO, 2011, p. 3–5)

Com a chegada da frota de Cabral, a futura colônia recebia seu primeiro médico, João Farras, conhecido como Mestre João, de origem espanhola, que além de médico, era astrônomo e físico-mor do Reino. Tinha como função o cuidado com os doentes da frota e auxílio na navegação com seus conhecimentos de astronomia. Como a maioria dos profissionais de saúde da época, Mestre João tinha origem judaica, sendo que estes tinham muito prestígio na corte e eram os preferidos pelos reis e fidalgos, por possuírem ampla capacidade profissional e elevado nível cultural.

Os físicos respondiam pelo saneamento e profilaxia das doenças epidêmicas e às questões relativas ao trabalho de médicos, farmacêuticos, cirurgiões, boticários, curandeiros etc.

Havia uma hierarquia entre essas denominações. Interessante observar que um cirurgião, que podia até realizar amputações, não precisava de nenhum curso médico. Era necessário apenas o conhecimento empírico, juntamente com a habilidade de cortar cabelo e barba, ofício que posteriormente acabou demonstrando a necessidade de distinção de licenças emitidas pelas câmaras municipais para a práticas das profissões de cirurgião e barbeiro. (MIRANDA, 2017, p. 243)

Os problemas de higiene eram de responsabilidade das autoridades locais, portanto, as câmaras municipais se preocupavam com a sujeira das cidades, a fiscalização dos portos e da prática médica e do comércio de alimentos.

A assistência aos pobres ficava por conta da caridade cristã. Em 1543, surgiu a primeira Santa Casa de Misericórdia, quando Brás Cubas, fundou em Santos, a Irmandade da Misericórdia e o Hospital de Todos os Santos, que realizavam a assistência aos doentes. Depois, este modelo de amparo foi replicado em Olinda, Bahia, Rio de Janeiro, Belém e São Paulo. (PAIM, 2009, p. 26)

Contudo, a função destas instituições era apenas albergar os doentes, cuidar deles e quando a situação era grave, proporcionar-lhes uma morte com assistência religiosa, porque naquela época muito pouco se podia fazer, em relação ao tratamento curativo de um enfermo. (SCLIAR, 2002, p. 47)

Neste período entre o século XV e XVII, seja pelo desconhecimento da causa da maior parte das doenças ou pela falta absoluta de médicos habilitados na Colônia, o boticário era o socorro da população com seus tratamentos alternativos, mais baratos e mais acessíveis.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Esse atendimento inclusive tinha melhor aceitação por estarem vinculados com as práticas mais rudimentares que ainda assimilavam o uso de ervas medicinais; intimamente ligadas à cultura de pajelança e curandeirismo conhecidos até então. E como expõe Pimenta (2003, p. 100), “durante a primeira metade do século XIX, assim como hoje em dia, muitos enfermos procuravam ajuda de terapeutas não-oficializados, que se baseavam em conhecimentos adquiridos de outros mais velhos ou por experiência própria.”

O que segundo Witter (2005, p. 22), descarta a ideia do curandeirismo como um “mal necessário” a cobrir a lacuna deixada pela “falta” de médicos e de remédios europeus.

2. Início da organização em saúde

Segundo (EDLER, 2018), com a abertura dos portos ao comércio exterior, em 1808, as autoridades sanitárias concentraram suas atenções nas medidas higiênicas que respondessem aos interesses dos comerciantes e da agroindústria escravista exportadora, fiscalizando as boticas de bordo, as cargas trazidas, a presença de doenças contagiosas na tripulação. O medo da importação de escravos doentes que pudessem gerar uma epidemia nas cidades portuárias era outra preocupação dos comerciantes. No entanto, a criação da Inspeção de Saúde dos Portos só seria em 1828.

Foram estes fatores que motivaram em 1808, após a chegada de D. João ao Brasil, a criação das primeiras escolas de medicina no Rio de Janeiro e em Salvador, que segundo Silva (2002, p. 140) foram criadas como parte integrante de um conjunto de medidas relacionadas com a implantação de serviços públicos durante a transferência da Corte portuguesa para o país.

No Rio de Janeiro, foi baseada na escola francesa, com foco na descrição das doenças e da organização social da cidade, e em Salvador, com um modelo misto europeu (português, alemão e inglês) que propunha outra articulação, baseada diretamente nas questões sociais e no indivíduo.

A criação destas escolas, e a formação de médicos, porém, ainda não resolvia os problemas de saúde da população, visto que estes atendiam apenas as famílias mais abastadas. A população em geral ainda era subordinada às ações autoritárias de fiscalização da saúde pública, denominada Polícia Médica, um modelo formulado na Alemanha, conhecida por suas teorias, políticas e práticas que buscava a prevenção de acidentes, ao controle e prevenção de epidemias, ao esclarecimento do povo quanto à saúde, à garantia de cuidados médicos, e à organização da profissão médica e ao combate ao charlatanismo, mas que no Brasil, basicamente visava apenas a higienização urbana, expulsando os pobres para áreas afastadas dos grandes centros. (GALVÃO, 2009, p. 15)

Este modelo de intervenção foi imposto pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, e “repassado e homogeneizado em todo o Império, pelos ministérios, através de seus atos, decretos, leis, regulamento e determinações sociais. Embora se tratasse de um saber científico, fruto da ciência do século XIX, apresentava uma série de divergências entre o saber e a prática”. (SIQUEIRA, 1989, p. 42)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

No Brasil, essa imposição se deu de maneira mais restritiva, de cunho apenas fiscalizatório. De tal modo que estas divergências foram evidenciadas quando vieram as grandes endemias e epidemias como a febre amarela, malária e outras parasitoses, demonstrando que a organização sanitária brasileira, rudimentar e centralizada, com aspecto meramente burocrático era incapaz de assegurar a saúde pública da população, sem discriminação.

Quanto a este aspecto muito debatido quando se trata das práticas em saúde no Brasil, observamos o importante estudo de Puttini (2008, p. 97), sobre o risco do curandeirismo na sociedade, que representava, no passado, uma ação criminosa de perigo aos serviços médicos de saúde pública, mas que hoje, certamente, o curandeirismo não é uma ameaça à prática da saúde pública no Brasil, visto como produto das relações simbólicas entre o campo médico e religioso.

Junto com licenças para médicos, cirurgiões e boticários, havia para sangradores, parteiras e curandeiros. Todos que quisessem exercer alguma atividade terapêutica teriam liberdade para isso, caso conseguissem uma autorização concedida pela Fisicatura mor, que era o órgão do governo responsável pela regulamentação e fiscalização das práticas de cura. (PIMENTA, 2003, p. 92)

Assim, Scliar (2002, p. 49–52) relata que em 1832, o Código de Posturas do Rio de Janeiro, estabeleceu pela primeira vez a obrigatoriedade da vacinação, que devido ao medo e desconfiança dos novos métodos de cura não foram aceitas pela população.

Ao final do século XIX, com o movimento imigratório aumentado, havia o desejo de estimular a produção agrícola com estes trabalhadores que chegavam da Europa, mas a fragilidade dos imigrantes diante as doenças tropicais, fez com que o Brasil, pela primeira vez, assumisse seu primeiro investimento real na saúde e pesquisa, não por uma questão humanitária, mas sim, econômica, para pagamento de sua dívida externa recém contraída e a necessidade de exportação de café.

3. Atendimento em Saúde na Província do Paraná

Segundo Roncaglio, Neuert e Martins (2001, p. 223–225), o acervo do Arquivo Público do Paraná possui grande quantidade de fontes para serem pesquisadas acerca do entendimento da saúde pública no estado, sua evolução no contexto nacional, o desenvolvimento médico e a análise dos tipos de doenças que proliferaram historicamente nas regiões paranaenses.

Nos levantamentos já realizados, sabe-se que no contexto regional do Paraná, os registros de ações de saúde se dão a partir da emancipação de São Paulo, em 1853.

Porém, mesmo com uma economia baseada na erva-mate, que segundo estudo de Szesz (1997, p. 74) era responsável por mais de 40% do total de arrecadação do estado, e da extração de madeira, os recursos da província não eram direcionados para investimentos sociais, ou para a instalação de um serviço sanitário adequado, que era precário, sem estrutura para oferecer recursos médico-sanitários e hospitalares a população. (FERNANDES JUNIOR, 1987, p. 3)

Ainda assim, a escolha de Curitiba para ser capital da Comarca e depois da Província do Paraná, no século XIX, teve a questão saúde item decisivo. O clima da região



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

da Capital protegia a localidade e seu entorno de graves doenças, e em sintonia com os conhecimentos da ciência médica do período, fundamentada na teoria miasmática, essa preocupação com os “bons ares” era compreendida por que algumas enfermidades eram circunscritas a determinadas regiões e porque tinham diferentes padrões endêmicos em diferentes áreas. (BERTUCCI, 2011, p. 1)

Na província, o tratamento das doenças limitava-se, em sua grande maioria, a remédios e cuidados caseiros, já que a população não podia contar com atendimentos médicos ou hospitalares satisfatórios. No interior, a situação era agravada pela falta quase total de recursos financeiros. (DALLEDONE, 1980, p. 25–26)

No início da província, o atendimento médico se limitava ao acesso ao boticário local, em Curitiba, no caso, a “Botica Alemã” de Augusto Stellfeld. (CINTRA, 2011b, p. 1796)

As regiões mais afastadas da capital somente eram atendidas em momento de pandemias, por ordem de decretos imperiais e liberação de recursos financeiros. (FERNANDES JUNIOR, 1987, p. 7–8)

Foi apenas no final do século XIX que as autoridades passaram a reorganizar a normatizar padrões de higiene pública, sempre seguindo as diretrizes impostas pelo Império, e que tratavam basicamente a questões como saneamento, habitação e alimentação, além da questão dos cemitérios e sepultamentos, que eram as mais preocupantes, visto que destes problemas sanitários surgiam a causa das doenças epidêmicas, como a varíola e febre amarela. (DALLEDONE, 1980, p. 72)

Assim, neste período do Paraná província, havia apenas as instituições hospitalares básicas, herança do Império, visto que a Província não possuía recursos próprios para a ampliação desses serviços.

Estes estabelecimentos de atendimento hospitalar se resumiam no Lazareto da Ilha das Cobras, em Paranaguá, na Enfermaria Militar de Paranaguá e Curitiba e nas Santas Casas de Misericórdia, presentes em Curitiba, Paranaguá e Antonina.

Esta dificuldade ao acesso às práticas científicas de cura, contribuía para a atuação de charlatões e suas práticas alternativas já pertencentes aos “traços culturais já arraizados” da população (FERNANDES JUNIOR, 1987, p. 7–8).

O caso da atuação de charlatões que disputavam o espaço de cura com médicos formados é outro ponto a considerar pois eram praticadas geralmente com a condescendência do governo, visto que o número de profissionais da saúde era insuficiente e não alcançava as classes mais pobres ou retiradas. (CINTRA, 2011a, p. 7) Ao longo do século XIX, a profissão médica foi se institucionalizando e o Império buscava o combate das práticas de curandeirismo e a legalização da profissão de médicos e boticários, controlando a validação de diplomas e o exercício profissional.

a medicina institucionalizada sempre conviveu com o charlatanismo praticado por curandeiros, curiosos e entendidos, livres para agir, sobretudo pela falta de médicos em várias regiões rurais. Favorecia tal situação o fato de a própria prática médica legal fundamentar-se em sangrias, purgativos, vomitórios, infusões e no conhecimento da prática popular. Só com a era microbiana foi possível de fato mudar, aprimorar e diversificar os tratamentos, que se tornaram específicos para cada moléstia. Foi uma longa luta travada entre a medicina legal, oficializada, institucionalizada e a medicina exercida por



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

curiosos e práticos. O conhecimento da população não se modificou embora houvesse revolução na ciência ou alterações na política da saúde. As camadas menos favorecidas da população continuavam procurando o serviço dos práticos, pois sua condição social e cultural não fora alterada. Muito tempo ainda decorreria para que a medicina social ou preventiva pudesse ocorrer na prática. Como tentativa, foi implantado um serviço, ainda que precário, de atendimento aos pobres. (SIQUEIRA, 1989, p. 49-50)

Essa institucionalização se deu através da Inspetoria-Geral de Higiene (1892) que foi um órgão criado pelo Império sob o decreto n. 9.554, de fevereiro de 1886, com o objetivo de substituir a antiga Junta Central de Higiene Pública (1850), confirmando a tendência centralizadora da política administrativa marcante no Segundo Reinado. (CABRAL, 2013)

Neste mesmo ano foi aprovado o Regulamento do Serviço Sanitário no Paraná, porém sua efetivação só se daria em 1918 com a instituição do Código Sanitário. (CINTRA, 2011a, p. 5)

A busca por uma organização dos serviços de saúde com a criação da Inspetoria Geral de Higiene, refletiu no Paraná com suas comissões sanitárias, onde as Câmaras Municipais cumpriam a fiscalização e legalidade do exercício da profissão médica dos escassos médicos e farmacêuticos licenciados e dos estabelecimentos de saúde como os lazaretos, enfermarias, asilos, e Santas Casas, configurando então, a primeira representação da Secretaria de Saúde do Estado.

Para o exercício desta atividade foram nomeados delegados para as cidades de Paranaguá, Antonina, Campo Largo, Lapa, Ponta Grossa e Palmas, sendo que nas demais cidades da província inexistiam profissionais da área de saúde.

Vale ressaltar que, quando da criação desta Inspetoria Geral de Higiene, já havia a Inspetoria de Saúde do Porto de Paranaguá, onde:

o cargo de provedor de saúde do porto era um dos recursos médicos mais atuantes na Província. Este cargo existia desde o século XVII, com o objetivo de policiamento sanitário nos principais portos do Império. Cabia ao provedor de saúde fiscalizar os navios atracados no porto, fazendo visitas de saúde no sentido de impedir o desembarque de doentes suspeitos com a finalidade de prevenir epidemias. As embarcações chegadas deveriam fornecer o certificado ou carta de saúde, e se obrigavam a colocar em quarentena os passageiros e tripulantes enfermos. As quarentenas eram cumpridas a bordo ou no lazareto da ilha das Cobras, na baía de Paranaguá. (SIQUEIRA, 1980, p. 116-117)

Paranaguá no século XIX, em virtude da sua condição portuária, apresentava um grande fluxo de mercadorias e pessoas. Foi uma das principais cidades da Província do Paraná, ocupando uma posição de destaque muitas vezes superior à da cidade de Curitiba. O porto não trazia somente riquezas, mas também doenças como a febre amarela que atingiu grande proporção epidêmica no ano de 1878, representando um desafio à sua população e principalmente ao médico Leocádio Correia. Para resolver os problemas de saúde, além da crônica falta de recursos, a cidade precisou enfrentar as dificuldades impostas por uma estrutura política centralizadora, que limitava ações locais mais imediatas. (DOLINSKI, 2012, p. 14)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Mesmo com as tentativas de organização da saúde se sucedendo, as melhorias sanitárias não se atualizavam na Província do Paraná. Todo o atendimento à população continuava a ser feito de maneira centralizada pelas Santas Casas de Misericórdia, que em Curitiba foi fundada em 1852, em condições que ainda nas primeiras décadas do século XX demandavam melhorias, como laboratórios e postos sanitários, mesmo sendo considerável que diversos grupos sociais ainda evitasse o tratamento em hospitais. (BERTUCCI, 2011, p. 3)

No início da República, em 1889, o Paraná contava apenas com 19 médicos e 19 enfermeiros licenciados. (FERNANDES JUNIOR, 1987, p. 12–15)

4. Considerações

A evolução da saúde no recorte temporal proposto, demonstra que desde a colonização, houve apenas a visão de adequação das práticas de higiene do povo brasileiro aos modelos europeus, que presumiam a civilidade.

As reformas propostas pelo Império, se limitavam a burocratização, fiscalização e repressão. Praticamente todo o atendimento em saúde era realizado de maneira filantrópica e comunitária de maneira local, o que fez com que a saúde pública como direito se tornasse inexistente, com estabelecimentos rudimentares e centralizados.

Ao governo, cabia apenas ações emergenciais que impedissem as situações de ameaças epidêmicas, visto que essas prejudicavam aos interesses dos comerciantes e da agricultura baseada na mão de obra de escravos e imigrantes.

Apenas com a proximidade do fim do Império, e a atribuição aos Estados pelo cuidado à saúde da população, que houve o desenvolvimento de políticas públicas de urbanização em decorrência do aumento populacional e da necessidade de saneamento e saúde que surgiu com a República, e ao início da industrialização. Foi o início da busca por uma sociedade saudável e produtiva. A saúde como questão social e econômica.

Referências

BERTUCCI, L. M. *Saúde Pública na capital paranaense. dos “bons ares” à febre tifóide.*

Em: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais.** São Paulo: ANPUH, 2011. p. 12. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300200787_ARQUIVO_TextoAnpuh2011.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

CABRAL, D. *Inspetoria-Geral de Higiene (1886-1892).* [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/535-inspetoria-geral-de-higiene-1886-1892>.

CINTRA, E. P. U. *Faculdade de Medicina do Paraná: Catalisadora do Processo de Institucionalização da Ciência Médica no Paraná nas primeiras décadas do Século XX.* [S. l.]: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011a. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300846565_ARQUIVO_FMP.pdf.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

CINTRA, E. P. U. Faculdade de Medicina do Paraná: História, Ciência e Assistência (Curitiba, 1913-1946). Em: FACULDADE DE MEDICINA DO PARANÁ, 2011b.

V Congresso Internacional de História. [S. l.: s. n.], 2011. p. 1793–1805. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/261.pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.

DALLEDONE, M. T. A. *Condições sanitárias e as epidemias de varíola na província do Paraná (1853-1889)*. 1980. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - UFPR, Curitiba, 1980. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27082>. Acesso em: 25 set. 2022.

DOLINSKI, J. P. *História das doenças em uma perspectiva regional: a febre amarela na cidade de Paranaguá (1877-1878)*. 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, [s. l.], p. 15, 2012. Disponível em: https://www.13snhct.sbhc.org.br/resources/anais/10/1344778760_ARQUIVO_HISTORIADASDOENCASEMUMAPERPECTIVAREGIONAL-textocompletoparaaUSPSBHC.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

EDLER, F. C. Saúde e Higiene Pública na Ordem Colonial e Joanina. *O Arquivo Nacional e a história Luso Brasileira*, [s. l.], 2018. Disponível em: http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5120&Itemid=372.

FERNANDES JUNIOR, L. R. *A Secretaria de Estado da Saúde do Paraná: suas origens e sua evolução no período de 1853-1983*. Curitiba: Fundação Caetano Munhoz da Rocha, 1987.

GALVÃO, M. A. M. *Origem das Políticas de Saúde Pública no Brasil: do Brasil Colônia a 1930*. Caderno de Textos do Departamento de Ciências Médicas da Universidade Federal de Ouro Preto, [s. l.], p. 33, 2009. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/origem_politicas_saude_publica_brasil.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

JUSTINO, J. R.; BOMBONATO, A. M.; JUSTINO, C. A. P. *Podologia: Técnicas e especializações podológicas*. São Paulo: [s. n.], 2011. E-book. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=sne9DwAAQBAJ&pg=GBS.PP14&hl=en_US. Acesso em: 26 set. 2022.

MIRANDA, C. A. C. *A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura*. 3. ed. rev.ed. Recife: [s. n.], 2017. E-book. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39938/950195/Ebook+A+ARTE+DE+CURAR.pdf/79de256e-161d-4fb1-bf4e-e802193f223a>. Acesso em: 25 set. 2022.

PAIM, J. S. *O que é o SUS?* 6. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

PIMENTA, T. S. *Entre sangradores e doutores: práticas e formação médica na primeira metade do século XIX*. Cad. Cedes, [s. l.], v. 23, n. 59, p. 91–102, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/LF79n7MyS8tYnjFkGmLbvk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2022.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

RONCAGLIO, C.; NEUERT, M.; MARTINS, M. A. B. *Apontamentos para uma história da saúde: as fontes documentais do Paraná*. Hist. cienc. saúde-Manguinhos, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 223–235, 2001. Disponível:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000200010&lng=pt&tlng=pt

SCLIAR, M. *Políticas de saúde pública no Brasil: uma visão histórica*. Em: SAÚDE PÚBLICA: HISTÓRIAS, POLÍTICAS E REVOLTAS. São Paulo: Scipione, 2002. p. 204.

SILVA, M. R. B. *O ensino médico em debate: São Paulo - 1890 a 1930*. Hist. cienc. saúde-Manguinhos., [s. l.], v. 9, n. suppl, p. 139–159, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/fddMJj8HNpkxXFqkHp93XTx/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 25 set. 2022.

SIQUEIRA, M. D. *Saúde e doença na Província do Paraná: 1853-1889*. 1989. 396p. f. Curitiba: 1989. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27169>.

SZESZ, C. M. *A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas (1889-1920)*. 1997. 197 f. Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24648/D%20%20SZESZ%2c%20CHRISTIANE%20MARQUES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2022.

WITTER, N. A. *Curar como arte e ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura*. Tempo, [s. l.], v. 10, p. 13–25, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/tem/a/kXwRdPSSyh5rytvMZhjskjl/?lang=pt>.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**PORNOGRAFIA COMO FORMA DE SEXUALIZAÇÃO: SEXISMO
METAFEMINISTA E A PRÁTICA DA HEGEMONIA
CONSERVADORA NA CONTEMPORANEIDADE**

FADEL, Elize¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa Mestranda em História, PPGH

A presente pesquisa é resultado de um projeto de mestrado submetido ao Programa de Pós-graduação em História no Núcleo de História e Gênero da Universidade Estadual de Ponta Grossa, analisa o conceito de pornografia no contexto da modernidade tardia¹, examinando os conceitos de pornografia e sexualização que finalmente ocupam cada vez mais a discussão científica em torno das questões da sexualidade moderna e das representações na mídia e nas novas tecnologias. Sua questão central é quais são os possíveis efeitos da pornografia no campo mais amplo da sexualidade e na construção da realidade social. Dessa maneira pretende-se analisar as diferentes correntes de estudos pornográficos e abordar a discussão sobre sexualização do corpo.

1. Introdução

A partir do ano de 2007 até a atualidade o consumo pornográfico vem reinando em diversos meios digitais, um dos maiores sites de conteúdo adulto atual é o Pornhub, sendo este subsidiado da empresa privada MindGeek, dona de outras múltiplas plataformas pornográficas. Levando tal coisa em consideração o projeto analisa a pornografia contemporânea, buscando a realidade da sexualização do corpo, sua relação com o metafeminismo e a hegemonia conservadora a partir do ano de 2007 até o de 2021.

Atualmente com o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação e banda larga, no sentido de criar um ambiente social que permita o fornecimento fácil e relativamente barato de ligações rápidas à Internet, têm contribuído significativamente para assegurar ainda mais um quadro altamente adequado para e acesso mais fácil a material pornográfico, aumentando seu consumo. Em outras palavras, por meio dos canais digitais, principalmente no ambiente de comunicação moderno, e legalmente desregulado em muitos aspectos, considerando que o mundo da internet não “tem lei”, e que se torna muito difícil regular as transações monetárias e culturais, dessa maneira foram criadas as condições para a expansão sem precedentes da produção, oferta e consumo de pornografia, com consequências tanto no campo da sexualidade quanto no campo cultural.

Vale ressaltar neste ponto que no contexto deste trabalho o termo “pornografia” é utilizado como uma tradução mais fiel do termo pornographication inserido por McNair (2002) e adotado por Attwood, cujo trabalho influenciou significativamente o presente estudo. Como será observado abaixo, pornificação, como um termo alternativo frequentemente mencionado, significa essencialmente a mesma coisa e foi simplesmente adotado por McNair por uma questão de simplicidade. Uma razão adicional para usar o



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

termo “pornografia” é que ele é considerado, de acordo com a abordagem a ser adotada, mais testável porque a forma como é adotado e usado por estudiosos como Attwood o torna mais neutro em termos de valor, contribuindo assim para uma maior descarga ideológica. O uso de “pornografia” versus “pornificação” parece contribuir para isso em termos linguísticos/semânticos.

Introduzida como modernidade “líquida” pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), a modernidade tardia é marcada pelas economias capitalistas globais com sua crescente privatização de serviços e pela revolução da informação.

É nesse contexto que se coloca a questão central do presente estudo: quais são os possíveis efeitos da pornografia no campo mais amplo da sexualidade e na construção da realidade social e como as diferentes correntes sociais recebem o consumo pornográfico? Esta é uma questão sociocultural que se evidencia no modelo de valores culturais em uma escala de influência, segundo o qual o conceito de esfera pública e os processos de produção e consumo de textos informativos e midiáticos são fatores de socialização. Tais fatores geram uma nova definição da realidade social e formação de estereótipos de longo prazo dentro da cultura predominante – e sempre com a condição de que aquilo que constitui a análise da cultura dominante em uma sociedade. Em outras palavras, o foco na busca de possíveis consequências e resultados no nível social e cultural é uma tentativa de abordar como um todo quaisquer efeitos possíveis, cumulativos ou não, da pornografia, tanto emocionalmente, cognitivamente ou comportamentalmente, assim como efeitos generalizados, difusos e gerais (macro e micro) (Bryant e Zillmann 1994).

Mas é preciso deixar claro que a pornografia não é a soma algébrica do consumo em massa de produções pornô, mas uma realidade social no campo da cultura que constitui e condensa o efeito cumulativo (macro) do consumo em massa de imagens pornográficas e sexuais e seu inédito na esfera pública. Essa implicação geral é a inclusão de práticas verbais/racionais e razões relacionadas à pornografia na cultura mainstream/popular, mídia e novas tecnologias de informação e comunicação, paralelamente pela gravação de elementos de discurso sexual e pornográfico na socialização sexual.

2. O consumo pornográfico na modernidade tardia

A tradicional controvérsia entre conservadores morais e políticos que promovem a ideia de censura à pornografia e liberais que rejeitam a censura, defendendo os valores da liberdade de vontade e liberdade de expressão ganhou novas dimensões com a intervenção do movimento feminista, invocando dados de pesquisas modernas que exigem, em parte ou em geral, a proibição da pornografia. Isso criou um quadro aparentemente confuso onde, junto com a pró-censura moral e politicamente conservadora, algumas correntes feministas trazem visões tradicionais de censura enquanto outras correntes são contra tal processo. Inevitavelmente, o debate não pode ignorar as abordagens teóricas à definição de pornografia, as noções de liberdade, mas também os limites da individualidade por um lado e a intervenção estatal e social por outro. Assim, a questão de saber se a produção ou consumo de pornografia pode ou deve



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

ser proibida ou restringida por um governo ou qualquer outra autoridade pública torna-se significativamente mais complexa.

O que muda principalmente na modernidade tardia e alimenta o debate sobre a pornografia é a ampla disponibilidade de representações pornográficas na sociedade e na esfera pública, mas em combinação com o grande número de pessoas que aproveitam a difusão desse material por meio das novas tecnologias de comunicação. Mais especificamente, a pornografia é usada como um termo para descrever a expansão bem-sucedida da indústria pornográfica no núcleo duro das representações na moda, publicidade e outros aspectos da cultura dominante. Este é um processo que Paasonen, Nikunen e Saarenmaa (2007) chamam de ‘prostituição pornográfica’ apenas por uma questão de ortografia mais simples esclarecendo que pelo menos no debate público atual o termo ‘prostituição’ não implica uma tendência geral para prostituir e difundir uma cultura mais ampla de prostituição e sexo no mercado. Ou seja, o conceito de prostituição pode não ‘explicar nada sozinho’, mas como ferramenta analítica pode ser usado para compreender as transformações sociais na esfera cultural e mais especificamente no campo da visibilidade da pornografia e da integração de sua estética como parte da cultura popular.

No entanto, a pornografia da cultura dominante já é alvo de críticas e reações (Attwood, 2007), e apesar de qualquer acordo sobre suas dimensões, o debate público provavelmente permanecerá baixo e as reações giram principalmente em torno de avaliações de sinais negativos da difusão e facilidade de acesso a materiais e representações explicitamente sexuais no mundo moderno. Essas abordagens têm se refletido principalmente nos conceitos de “cultura de prostituta” e “pornografia cotidiana” (Paulo, 2005). As noções acima referem-se a uma situação em que nas sociedades ocidentais virtualmente ‘todos’, sejam eles próprios usando pornografia ou simplesmente tendo algum tipo de relacionamento com alguém que a consome, entram em contato com o que McNair (2002) chama de “pornosfera” e viver em uma sociedade que chama de “PornLand”.

Em um nível mais geral e de acordo com Attwood (2007), há uma série de fatores que enquadram as formas como a pornografia e o debate em torno dela evoluem. E nesse sentido, podem-se apontar cinco aspectos que nos remetem ou implicam em transformações na compreensão e nas representações da pornografia, bem como aos debates que disso se sucedem: Primeiro, mudanças nas formas como o sexo e o corpo são apresentados, compreendidos e vivenciados, em segundo lugar, os desenvolvimentos tecnológicos, principalmente centrados na Internet, que permitiram acesso desimpedido a material pornográfico, terceiro, mudanças na forma como a pornografia é definida e seu significado, as mudanças nas políticas de sexo e intimidade que, baseadas na famosa afirmação feminista de que “o público é político”, tornaram as práticas e representações sexuais questões públicas e políticas, quinto, as mudanças na academia e, em particular, sua redefinição como um espaço acessível e democrático, mas também a ascensão dos estudos de comunicação e cultura – com o desenvolvimento dessas disciplinas levando a um aumento do interesse pelos textos e da importância do público e, nesse sentido, trazer a pornografia para o primeiro plano da análise, tornando-a um objeto de estudo aberto a diversas interpretações, leituras, usos e até prazeres.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Por outro lado, existem abordagens mais críticas. Graham (2007), por exemplo, destaca as dificuldades gerais de iniciar um diálogo honesto e profundo entre a comunidade científica e a comunidade pornográfica. Aliás, acusa a comunidade acadêmica de ter contribuído essencialmente para a criação de uma discussão pretensiosa, possivelmente virtual. De fato, há muita heterogeneidade no debate moderno sobre pornografia. Sendo o debate público exacerbado pelo fato de que o próprio termo se tornou depreciativo e muitas vezes combinado com ou referindo-se à violência e atos ou desejos imorais.

Este desenvolvimento epistemológico ocorreu através da integração dos estudos pornográficos na parte mais ampla dos Estudos Culturais. Em alguns aspectos, é claro, o estudo da pornografia é parte do estudo dos meios de comunicação de massa e estudos de cinema – com a análise da pornografia aqui muitas vezes feita em termos técnicos puramente cinematográficos. Mas há uma suposição mais geral, muitas vezes tácita, de que a pornografia é essencialmente uma parte dos Estudos Culturais que inclui abordagens analíticas e de pesquisa de estudos feministas, estudos de comunicação e mídia, estudos de internet e estudos de cinema, psicanálise, humanidades e análise social / sociológica.

Historicamente, os estudos sobre pornografia vêm principalmente dos Estados Unidos e, em menor escala, do Reino Unido, e têm se concentrado na censura, na liberdade de expressão, no arcabouço legal e na história de sua produção. Portanto, há uma mudança na maneira como a comunidade acadêmica estuda a pornografia no contexto dos estudos pornográficos, uma estrutura que também inclui pesquisadores da Europa Central, dessa maneira se faz cada vez mais interessante trazer esse tema para a realidade brasileira, trazendo uma série de dimensões – como a variedade e heterogeneidade dos textos pornográficos, a importância da estética, a inovação da pornografia, sua mudança foco do biológico (sexo) para o gênero, a evolução da “pornografia simples” para um conjunto mais diversificado de representações, bem como a percepção da importância dos conceitos de raça e ordem (Attwood, 2007).

No contexto do presente projeto rejeita-se a alegação de que os estudos pornográficos são apenas um “veículo de legitimação das ações da indústria pornográfica, considerando que a pornografia é basicamente a incorporação de práticas verbais e discursos relacionados a esse material na cultura dominante, na mídia e nas novas tecnologias de informação e comunicação. Assim, além de uma tentativa de delimitar esse conceito polissêmico e controverso, toda a discussão é também uma tentativa de explorar e redefinir a socialização sexual por meio da gravação de elementos do discurso pornográfico (Attwood, 2006). É um processo que ocorre dentro da tendência mais ampla de sexualização da cultura, com a qual a presença cada vez maior de relações sexuais mediadas, representações na esfera pública que contribuem para a difusão e expansão do discurso sexual. Nessa realidade de enorme variedade de inclinações ou ‘tirania de escolhas’ que a cena pós-moderna oferece, a pornografia pode assumir características ‘elegantes e refinadas’. Aqui a pornografia não flerta com a tendência predominante, mas agora é uma faceta da tendência predominante, principalmente no sentido de que o vocabulário e a estética da cultura pornográfica têm permeado a vida cotidiana e o discurso público.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Em outras palavras, um movimento para enquadrar a pornografia envolve: 1) observar como a pornografia sinaliza conceitos e práticas dentro de um contexto cultural mais amplo, 2) estudá-la como uma categoria de ações obscenas, 3) o exame cuidadoso de textos pornográficos específicos, 4) a tentativa de descrever as características gerais da pornografia em uma variedade de mídias, e 5) o estudo das maneiras pelas quais a pornografia é consumida e incorporada à vida cotidiana.

É com base nestes antecedentes que surgiu as porn wars, que tornaram a análise de pornografia e seu mundo cultural extremamente difícil. No geral, o interesse acadêmico e público pela pornografia criou uma razão “eterna” que diz respeito a uma série de dimensões socioculturais e não apenas a aspectos de um tipo de representação visual (Attwood, 2007), uma espécie que contém por si só uma dimensão de universalidade. Um aspecto fundamental dessa retórica é a compreensão da historicidade do conceito de pornografia em condições basicamente modernas e pós-modernas. Como a historiadora Lynn Hunt (1993) caracteristicamente aponta, a necessidade de um registro histórico completo da compreensão do fenômeno da pornografia também foi destacada no famoso Relatório da Comissão Meese em 1986.

O que acima se refere essencialmente e demonstra a importância de estudar a pornografia a partir de uma perspectiva macro-histórica, é que o percurso histórico da pornografia na modernidade é também uma abordagem interpretativa para entender a construção social da pornografia como inadequada, obscena e doentia. Construção que se relaciona, se cultiva e se reproduz mesmo nas condições pós-modernas por meio de uma retórica científica e social baseada na razão do exemplo das influências, ou seja, a ideia básica de que tecnologias e mídias são responsáveis por moldar atitudes, comportamentos e práticas, mas as causas vão além disso.

Deve-se notar, no entanto, que embora a natureza radical das mudanças tecnológicas que ocorreram no consumo de material pornográfico não esteja em questão, existem continuidades históricas, bem como descontinuidades que devem ser observadas. Em outras palavras, deve-se enfatizar que toda a experiência pornográfica é o resultado de uma série de desenvolvimentos políticos, sociais, econômicos e culturais que cada vez moldam à sua maneira as mudanças em todos os níveis de produção e consumo de pornografia. Por exemplo, o caminho para a “legitimidade cultural” da pornografia hardcore e sua conseqüente influência sobre outras razões sexuais através das possibilidades de adoção de novas tecnologias de distribuição começou com a legalização da pornografia pública no início dos anos 1970 nos EUA.

Foi no final da década de 1970 que grandes setores da sociedade americana começaram a entrar em contato com sua própria pornografia pesada produzida internamente. Até então, apenas os filmes europeus eram exibidos, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, em um número limitado de cinemas americanos (Williams, 2014). Essa disseminação gradual da pornografia pelo cinema nos Estados Unidos foi a mudança mais significativa no campo da pornografia – no sentido de integrar a pornografia em estratos e categorias sociais que se estendem além dos homens ricos e mais velhos de épocas anteriores. É neste momento que a indústria da pornografia começa a tomar forma, devido ao volume de negócios global cada vez maior em uma



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

indústria de entretenimento, ou no que agora é comumente chamado de “indústria de entretenimento adulto”.

Para Attwood (2007), o ingrediente crucial para o sucesso da indústria pornográfica (porn industry) é a adoção do modelo de negócios de entretenimento que dominou Hollywood de 1920 até o final dos anos 1960, gerando uma abertura para setores crescentes da sociedade americana. Ou seja, o grau de industrialização e profissionalismo que cada vez mais passou a caracterizar a indústria pornográfica de acordo com os padrões do modelo hollywoodiano, é uma dimensão que interpreta, em parte, sua legitimidade, tanto como campo de trabalho quanto como campo de entretenimento. Por exemplo, o acesso à pornografia mais ampla através do cinema desde o início dos anos 1970, e especialmente a narrativa baseada em personagens do recurso pornográfico que prevalecia na época, deu o impulso inicial à indústria pornográfica para tentar fazer seu próprio sistema estelar. Assim, e em um nível mais geral, a visão predominante parece ser que a pornografia não é diferente de outras indústrias de mídia. Pode ser a chamada “ovelha negra” da indústria do entretenimento, mas o seu tamanho e a velocidade com que se desenvolveu são particularmente notáveis, tornando-se a mais popular de outras indústrias de entretenimento, como música, cinema e esportes, mas sem muita diferença com elas em termos de operação. A diferença, por exemplo, é que, como a indústria pornográfica não pode anunciar seus produtos ao público em geral e a clientes em potencial da mesma forma que outras indústrias comerciais, ela é forçada a recorrer a grandes empresas de relações públicas por meio das quais o marketing da cultura pornográfica e seus bens. Levando isso em consideração, é possível pensar em até que ponto a pornografia sexualiza o corpo, e de que maneira essa sexualização se diferencia das diversas mídias.

Por fim, deve-se notar que, como bem apontam Smith e Attwood (2014), o estudo da pornografia como negócio e campo de trabalho não pode ser deixado à breve descrição de “indústria”, mas passar para uma análise mais detalhada e aprofundada de como funcionam essas estruturas de negócios e de trabalho. Há também o problema geral de determinar o tamanho da indústria geral de pornografia e sexo. Ainda mais especificamente, é particularmente difícil avaliar a indústria de entretenimento adulto online, precisamente porque inclui produtos de colaborações offline, como filmes pornográficos, mas também serviços offline, como vídeos online salas de conversa. Não é preciso um conhecimento especial sobre a internet para entender a posição da indústria do sexo e da pornografia nela. Nem pela constatação de que outras áreas econômicas e de negócio beneficiam da sua operação, como, por exemplo, as empresas prestadoras de serviços de banda larga, e mais concretamente a prestação de serviços de acesso a aplicações de internet através da tecnologia 3G, que perante a indústria pornográfica têm encontrado um ajudante financeiro muito importante.

A partir do exposto, pretende-se levantar o debate da sexualização do corpo e dos efeitos da pornografia, assim como abordar o discurso de que a pornografia não sexualiza ou gera estereótipos de sexualidade e sexo. O discurso contra a sexualização e a pornografia reproduz, em certa medida, o ceticismo não apenas sobre sexo e sexualidade, mas também sobre as representações midiáticas e o uso da tecnologia moderna. Levando isso em consideração o presente projeto tem como intenção pensar a sexualização da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

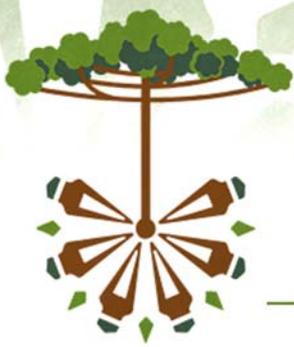
cultura e a crítica à pornografia, mas também em que medida a pornografia e as imagens de cunho sexual são ‘responsáveis’ por esse desenvolvimento. Essa é uma dimensão do debate que obscurece e borra a linha entre pornografia e sexualização. Em outras palavras, deve-se esclarecer que é razoável em alguns casos que os dois conceitos sejam idênticos, simplesmente porque o primeiro é um aspecto e parte do segundo. Deve-se, portanto, enfatizar que a pornografia, como parte integrante das práticas e discursos relacionados à pornografia na cultura mainstream, e é determinado pela gramática particular decisiva da lógica e estética pornográfica que gira em torno dos conceitos de revelação, crueldade e exagero.

Afinal, a importância das representações sexuais é sempre relativa às convenções pré-existentes em torno da arte, pornografia, moda e estilo de vida, embora não se deva esquecer que surge em relação a uma série de discursos complexos em torno da imagem corporal, o debate das celebridades, as políticas feministas e o contexto geral da cultura dominante (Attwood, 2004). Tampouco se deve esquecer que a reprodução de imagens e padrões estéticos sexualizados é julgada em termos funcionais, no sentido de que contribuem à sua maneira para a manutenção de alguma ordem social. Em outras palavras, buscam-se as relações de consumo no macronível social e cultural, pois na presente análise a pornografia não é considerada a soma algébrica do consumo em massa de pornô, mas uma realidade social caracterizada pela integração de práticas verbais e palavras relacionadas à pornografia na cultura dominante, a gravação de elementos do discurso sexual e pornográfico na socialização sexual e sua visibilidade inédita na esfera pública.

3. Metodologia

Embora a tentativa de investigar os possíveis efeitos da pornografia seja feita por meio de elaboração teórica, no entanto, na medida em que estas são, por definição, hipóteses de trabalho, pretende-se abordar uma pesquisa indicativa sobre o estudo de discussões sobre sexualização. Nesse contexto, a apresentação dos exemplos virá de discussões hospedadas em livros de cunho religioso, disponíveis nos mais diversos sites, sendo um exemplo deles o livro “Mais que uma batalha: como obter vitória, liberdade e cura da pornografia” de Joe Rigney. Será utilizado também a rede social Reddit assim como o site pornográfico Pornhub, sendo o último uma das principais fontes para a pesquisa.

Diversos estudos realizados sobre os efeitos da pornografia também serão utilizados, como apontado por Hardy (2008, p. 62), de 1960 a 1990 muito tempo e dinheiro foram gastos em pesquisas sobre os efeitos causais sem, de fato e aparentemente, transpor a clara distinção conceitual entre a representação pornográfica de atos sexuais e o “real” comportamento existente do mundo. Ou seja, o trabalho mais extenso sobre os efeitos a partir da década de 1960, vários dos quais já citados acima, reflete a centralidade e influência dessa escola no estudo da pornografia (McNair 2014, p. 163). Como aponta Attwood (2014), no campo da psicologia, o estudo da pornografia mainstream favorece a condução de experimentos e a abordagem dos efeitos, de importância insignificante, e em suas suposições sobre relações de causa e efeito sobre o pensamento e a ação humana. Mais especificamente, argumenta-se que existe uma correlação entre o consumo de pornografia



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

e o cultivo de comportamentos sexuais liberais, ou mesmo libertários. Ou seja, há pesquisas, como mencionado acima, que favorecem a associação dos jovens que consomem pornografia com o fato de serem mais propensos a aprovar e aceitar sexo casual e fora do casamento, ou de experimentar sexualmente e ter maior interesse em sexo.

Junto disso é importante trazer o debate do feminismo pró-censura, abordando sobre a polêmica sobre a Lei Antipornografia promovida por MacKinnon e Dworkin, um projeto de lei que tornou a pornografia um problema para os tribunais civis como violação de direitos civis, tentou estruturar uma série de argumentos centrados na definição de pornografia no contexto de uma tendência mais ampla dos novos movimentos sociais a se interessarem mais por mudanças no nível cultural, ao invés de estrutural/político. MacKinnon define a pornografia como sendo o “local da luta” e o cerne da polêmica que a cerca – tornando visíveis as dimensões da pornografia encontradas na obscuridade. Neste contexto, é dado que o sucesso de um empreendimento cinematográfico não é tanto julgado pela sua eficácia, mas por influenciar intervenções legislativas e políticas, mas também por sua capacidade de reformular o “vocabulário público” em torno dessas questões.

Mais especificamente, é o trabalho diversificado e extenso de MacKinnon que contribuiu para um tratamento geral mais crítico, no sentido estrito do termo, da pornografia como um fenômeno social com caráter específico e efeitos direcionais. Ou seja, para MacKinnon (1986), a pornografia é uma forma de sexo forçado, uma prática de política sexual, uma instituição de desigualdade de gênero. E a dominação masculina é sexual, no sentido de que os homens sexualizam a hierarquia social predominantemente com o gênero (1989). A esta luz, a pornografia não é uma fantasia inofensiva ou uma distorção corrupta e confusa de uma sexualidade de outra forma “natural e saudável”. Assim relacionada ao estupro e à prostituição, a pornografia institucionaliza a sexualidade da supremacia masculina, que combina a erotização da dominação e da submissão com a construção social dos sexos.

A pornografia, em outras palavras, constrói uma noção de sexualidade na qual os homens tratam as mulheres da maneira como as veem, e a maneira como veem as mulheres é a forma repreensível e objetivada da pornografia. Então, o que a pornografia faz está no mundo real e não apenas na mente de alguns. Por isso, a retórica da representação como uma “não-realidade” é considerada, por MacKinnon (1993), a negação mais elitista dos males da pornografia. É, em outras palavras, a indústria pornográfica, e não as ideias e opiniões sobre sexo, que forçam, ameaçam, chantageiam, coagem e incitam as mulheres a participarem da produção de material pornográfico (1993). É por isso que, segundo a visão de MacKinnon, a pornografia é uma forma de discriminação contra as mulheres, assim como o discurso de ódio racista é uma forma de subjogação racial, levando a concluir que essa discriminação deve ser tomada literal e não figurativamente.

O principal problema metodológico aqui é que essas pesquisas destacam uma correlação e não uma relação de causalidade. Em outras palavras, dizer que duas coisas acontecem ao mesmo tempo não é o mesmo que dizer que uma causa a outra. Nesta base, faz mais sentido, segundo Barker (2014), concluir que as pessoas que gostam de



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

pornografia são também aquelas que têm atitudes mais liberais em relação à sexualidade. Afinal, é muito provável que esse interesse por sexo anteceda o consumo de pornografia, ou que uma terceira variável, como a tendência para atividades sexuais, explique tanto o interesse pela pornografia quanto o interesse pelo sexo. Dessa maneira pretende-se problematizar as discussões sobre efeitos e sua relação com a sexualização do corpo, muitas vezes deixada de fora por vertentes mais conservadoras dos estudos pornográficos. Porém indo contra essa ideia vem a realidade brasileira, o Pornhub Insights já apontou que grande parte dos consumidores de pornografia não se identificam publicamente como tal, muitos vindo de origens mais conservadoras (Insights, 2020).

Um pressuposto metodológico chave neste esforço analítico é a posição de que a internet fornece um ambiente socialmente familiar, mas amplamente anônimo, onde pensamentos sobre sexo podem ser discutidos “honestamente”. Afinal somente colocando a análise textual em uma perspectiva social mais ampla fornecida pela teoria social é que o papel e o significado da palavra em um determinado contexto social podem ser plenamente apreciados. Há a necessidade de um deslocamento do estudo de volta ao mundo “real”, “material”, onde acontece o que foi dito no nível da linguagem, de significados e visões. É esta necessidade que re-enfatiza a importância das narrativas e histórias. E isso, apesar dos problemas que surgem do uso da linguagem na compreensão da sexualidade, no sentido de que em grande medida as percepções predominantes de sexualidade, gênero e desejo são alimentadas por uma “mentalidade patriarcal” que pressupõe uma “cultura intercultural”.

Na medida em que o objetivo desse esforço analítico não é tanto o diálogo da internet em si e suas características, mas as visões desenvolvidas sobre ele, justamente por constituírem os dados observacionais não aleatórios da pesquisa, a abordagem não deve tomar a forma de uma “análise compulsiva”, mas focar em apresentar as maneiras pelas quais as opiniões dos usuários presentes no site Pornhub, seja no nível demonstrativo ou co-demonstrativo, se relacionam com aspectos individuais da pornografia. Deve-se notar que o caráter geral da pesquisa se baseia em uma abordagem no campo dos estudos culturais que se encontra principalmente na etnografia e percebe o pesquisador como um sujeito racional que tenta se posicionar criticamente sobre os fenômenos em estudo e oferecer abordagens interpretativas, em um contexto onde se procura servir ao projeto de interdisciplinaridade, mas também não degenerar o tratamento de dados em uma análise relativista pós-moderna e obviamente abstrata (Attwood, 2004).

4. Fontes

As fontes a serem utilizadas nessa pesquisa são das mais diversas origens: Fontes digitais, orais, documentos, artigos e livros. No seguimento de minha graduação consegui levantar diversos dados sobre o universo pornográfico, assim como a realidade de seu consumo em território nacional, para os projetos intitulados “Pornografia e História: relações de poder, gênero e performance na contemporaneidade” e “De Close(s) a Dandara(s): entre a fetichização e a violência”. O material obtido nessas pesquisas continuara sendo usado, assim como os levantamentos bibliográficos e as fontes. As



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

fontes e dados levantados no seguimento dos projetos estão arquivados no Zotero, facilitando o acesso quando necessário. O Pornhub, site que será usado como fonte principal, é um dos mais populares do mundo, tendo tido 42 bilhões de visitas em 2019 de acordo com dados divulgados pelo próprio site. Segundo dados disponibilizados em 2019, 22 milhões de pessoas afirmam consumir pornografia no país.

Com base nisso, fóruns, sites de feedback, blogs e livros digitais são considerados uma ferramenta particularmente importante para explorar padrões e normas comportamentais por meio da análise dos textos postados neles. A combinação de usar meios de comunicação de massa de alta tecnologia, encontrar redes de apoio e satisfazer quaisquer desejos sexuais, desde a masturbação na tela até o sexo no mercado, fortalece e empodera os usuários individuais da Internet de expressão coletiva em tais movimentos. O site Reddit será usado, pois nele é disponibilizado a possibilidade de criar páginas e grupos, um deles é a página “PornhubComments”, que traz comentários e feedbacks do site Pornhub, assim como a página “PornAddiction” que aborda o vício em pornografia.

Serão utilizados livros nacionais e internacionais sobre o vício em pornografia, como “Os Custos sociais da pornografia” de Mary Eberstadt e Mary Anne Layden, e “Mais que uma batalha: como obter vitória, liberdade e cura da pornografia” de Joe Rigney. Estudos sobre a influência e consequência do consumo pornográfico como os estudos de Zillmann e Bryant (1988), Shaw (1999), Nordin (2006) e o de Landau, Garrett e Webb (2008) também serão utilizados. É importante frisar que a teórica Feona Attwood será amplamente utilizada, pois seus diversos trabalhos e pesquisas sobre o universo pornográfico acabam por torna-la essencial para o seguimento da pesquisa. Dessa forma pretende-se abordar a maneira que sexualidade, pornografia e mercado podem ser o veículo para criar e participar de coletivos digitais e redes sociais de maneiras que não eram possíveis no passado, contribuindo assim para o surgimento e formação de novas formas de cultura e aglomerações.

Referências

- ATTWOOD, Feona. *No Money Shot? Commerce, Pornography and New Sex Taste Cultures*. 2007.
- ATTWOOD, Feona. Intimate Adventures: Sex Blogs, Sex “Blooks” and Women’s Sexual Narration. *European Journal of Cultural Studies*. 2009.
- ATTWOOD, Feona, Clare Bale and Meg Barker. *The Sexualization Report*. 2013. Disponível em: <http://thesexualizationreport.wordpress.com>
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BARKER, Meg. *Psychology and Pornography: Some Reflections*. Porn Studies, vol. 1, pp. 1-2, pp. 120-6. 2014.
- BRYANT, Jennings and Dolf Zillmann, D. (eds.). *Media Effects: Advances in Theory and Research*. New Jersey: Lawrence Erlbaum. 1994.SSS



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

DEJEAN, Joan. *A politização da pornografia: L'École de filles*. In: HUNT, L. A invenção da pornografia: A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800, São Paulo, Hedra, 1999.

DINIELLI, David C. Book Review: Catharine A. MacKinnon. Only Words, *Michigan Law Review*, vol. 92, vol. 6, pp. 1943-52. 1994.

DOWNING, Lisa. *Pornography and the ethics of censorship*. Film and Ethics. 2009.

DWORKIN, Andrea. *Pornography: Men Possessing Women*, G. P. Putnam's Sons, EUA, 1981.

DWORKIN, Ronald. Is There a Right to Pornography? *Oxford Journal of Legal Studies*, vol. 1, pp. 2, pp. 177-212. 1981.

DWORKIN, Andrea. *Pornography: Men Possessing Women*. New York: Plume. (1981 [1989]) Dworkin, Andrea, Catharine A. MacKinnon. *Pornography and Civil Rights: A New Day for Women's Equality*. Minneapolis, Minnesota: Organizing Against Pornography. 1988.

EBERSTADT, Mary e Layden, Mary Anne. *Os Custos sociais da pornografia*. 2019.

GRAHAM, S. and Marvin S. *Telecommunications and the city*. London, Routledge. 1996.

GRAHAM, S. *Software sorted Geographies*. *Progress in Human Geography*. Vol.: 29, 5, pp.: 119. 2007.

HARDY, Simon. *The Pornography of Reality*. 2008.

HARDY, Simon. *The New Pornographies: Representation or Reality? On: Mainstreaming Sex: The Sexualization of Western Culture*. London, New York: I.B. Tauris. 2009

HÄGGSTRÖM-NORDIN, Elisabet, Jonas Sandberg, Ulf Hanson and Tanja Tydén. *It's Everywhere!:* Young Swedish People's Thoughts and Reflections About Pornography, *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, vol. 20, vol. 4. 2006.

HUNT, L. (1993). 'Introdução: Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800', *na mesma* (ed.). *A Invenção do Pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*. Nova York: Zone Books.

JUFFER, Jane. *At Home With Pornography: Women, Sex, and Everyday Life*. New York, London: New York University Press. 1998.

LINDA, Williams. *Porn Studies*. Durham and London: Duke University Press. 2014.
McNair, Brian. Rethinking the Effects Paradigm in Porn Studies, *Porn Studies*, vol. 1, pp. 12, pp. 161-71. 2014.

MCNAIR, B. *Mediated sex: pornography and postmodern culture tura*. London: Araldo. 1996.
McNair, B. *Striptease Culture: Sex, Media, and Democracy Ratification of Desire*. London, New York: Routledge. 2002.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

PAASONEN, Kaarina Nikunen and Laura Saarenmaa (eds.). *Pornification: Sex and Sexuality in Media Culture*. Oxford, New York: Berg, pp. 33-44. 2007.

PAULO, P. *Pornification: How Pornography Is Transforming Our Lives, Our Relationships, and Our Families*. New York: Holt Paperbacks, 2005.

RIGNEY, Joe. *Mais que uma batalha: Como obter Vitória, Liberdade e Cura da pornografia*. 2022.

SMITH, Clarissa and Feona Attwood. *Anti / pro / critical Porn Studies*. Porn Studies, vol. 1, pp. 1-2, pp. 7-23. 2014.

LANDAU, Judith, James Garrett and Robert Webb. *Assisting a Concerned Person to Motivate Someone Experiencing Cybersex Into Treatment: Application of Invitational Intervention: The ARISE Model to Cybersex*, Journal of Marital and Family Therapy, vol. 34, pp. 4, pp. 498-511. 2008.

SVEINSDÓTTIR, Ásta Kristjana. *The Metaphysics of Sex and Gender*. Feminist Metaphysics, Springer Netherlands, pp. 47-65. 2011.

Endereços eletrônicos utilizados:

Institutional Investor, MindGeek Execs and Owners – Along With Visa and ColbeckCapital Hit With U.S. Lawsuit, 2021, disponível em: <https://www.institutionalinvestor.com/article/b1sb0pqlpv79zm/MindGeek> disponível em: Pornhub.com

MindGeek, , disponível em: <https://www.mindgeek.com/>



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

EDUCAR PARA O PROGRESSO: A PRODUÇÃO DISCURSIVA DE JORNAIS ESTUDANTIS PARANAENSES DURANTE O ESTADO NOVO (1941)

PEDROSO, Gabriele A. L.¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de História

A escrita jornalística excede o tom puramente noticioso ou político-administrativo, é necessário enquadrar a produção da imprensa em seu contexto. Dessa forma, é possível compreendê-la como um objeto que pode sustentar discussões acerca da sociedade - uma vez que aborda profundamente os imaginários de sua época - e que deve ser devidamente analisado. A partir dessas afirmações, entende-se que as produções jornalísticas partem de lugares sociais específicos e, portanto, denotam práticas discursivas específicas. Dessa forma, é possível pensar os periódicos como aparatos de ação política que permeiam os espaços da vida coletiva de forma muito intensa, devido sua habitual circulação ampla, priorizando determinados aspectos e apequenando outros, adotando determinadas narrativas em detrimento de outras, etc. Ou seja, compreende-se que os jornais são emissores de discursos selecionados e orientados, sempre vinculados ao seu contexto histórico-social.

A discussão deste trabalho provém da pesquisa realizada durante o Programa Voluntário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e investiga a produção discursiva de jornais estudantis paranaenses durante o Estado Novo (1937-1945). A análise se propôs a compreender como as produções desses jornais são orientadas pelo imaginário social decorrente do contexto histórico brasileiro e como o projeto político-educacional nacional do período direcionou a elaboração destes materiais, considerando as características específicas da escrita jornalística como sua diagramação, apresentação, circulação, intenção etc. As fontes estudadas foram jornais estudantis oriundos da cidade de Castro/PR e que datam de 1941, dentro, portanto, do recorte temporal do Estado Novo (1937-1945). O contato com os jornais se deu pelo Museu Campos Gerais (MCG), que em 2020, através de parceria institucional com a Casa da Cultura de Castro, iniciou o processo de digitalização e disponibilização de um conjunto de periódicos regionais dos séculos XIX e XX que foram impressos pela gráfica fundada por imigrantes alemães de sobrenome Kugler naquele município paranaense. São mais de 50 títulos que compõem a coleção e, dentre eles, há uma série de publicações estudantis majoritariamente provenientes do período compreendido como Estado Novo. Ao ter contato com os impressos, os padrões de publicação e conteúdo presentes nas diferentes edições foi rapidamente notado. Ao todo, são 6 títulos das décadas de 1930 e 1940 assinados por estudantes ou órgãos estudantis que integram o acervo dos jornais da Casa da Cultura de Castro, sendo que a pesquisa teve como seleção de fonte 2 títulos castrenses: o “Vozes Juvenís” e “O Cruzeiro do Sul”.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

1. A função da imprensa durante o Estado Novo

Compreende-se que a imprensa possui o papel social de "espelhar" o quadro do país e os anseios da comunidade ou, ao menos, apresentar ecos dessas pretensões, e, nesse sentido, os jornais se caracterizam como uma possibilidade de pesquisa profundamente valiosa para compreender as características e estruturação de imaginários sociais, principalmente em relação aos jornais politicamente ativos, onde a difusão de ideias, opiniões, valores e informações eram intrínsecas à sua elaboração. Ademais, o elemento contextual que rege as produções jornalísticas é o Estado Novo, sendo que essa é uma característica extratextual dos jornais. Ou seja, esse é um fator indissociável da investigação, onde se infere que as narrativas, estrutura social e universo simbólico produzidos durante o Estado Novo direcionam as produções textuais, já que estas são portadoras de discursos e estão em consonância com seu contexto.

Ao falar do Estado Novo, é importante compreender que o momento corresponde ao período entreguerras, onde novas formas de controle social são criadas com a justificativa de preservar a ordem, supostamente ameaçada por conflitos sociais. Na década de 1930, é criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), com o objetivo de exercer controle sobre a comunicação no país:

[...] o Estado assumiu o monopólio da mídia e procurou eliminar a contrapropaganda dos opositores. O DIP atuou na difusão sistêmica do projeto político-ideológico do Estado Novo, auxiliando na criação de uma base social que procurou legitimar as propostas de unidade nacional, de harmonia social, de intervencionismo econômico e de centralização política.” (CAPELATO, p. 31, 2009)

Ou seja, a imprensa exerceu diretamente a função de disseminar o projeto de nação - pautada em uma noção de desenvolvimento econômico, progresso material e ordenamento social - que era pretendido à época. É importante ressaltar que todo sistema político expressa seus ideais de alguma forma, através de algum meio ou suporte, e é pela função simbólica que a persuasão das massas se consolida, pois caso não o faça, perde a adesão (PÉLASSY, 1983). Dessa maneira, não existe sujeição se o poder não falar através das simbologias, e as narrativas transmitidas a partir do poder simbólico se apresentam em diversos âmbitos e são, neles e através deles, cristalizadas. Nos regimes ditatoriais essas questões são ainda mais intensas porque esses sistemas precisam zelar pela manutenção do poder a fim de exercer a dominação e, no Estado Novo varguista, marcado pelo populismo e pelo cerceamento de opiniões antagônicas ao regime, a função dos símbolos fica ainda mais evidente, já que foi uma das principais ferramentas para buscar consentimento e legitimidade das massas, explorando profundamente representações que remetiam à figura do líder nacional.

Em 1937, a censura dos meios de comunicação é legalizada pela Constituição brasileira, através do artigo 1.222 que extinguiu a liberdade de imprensa e tornou esta um instrumento do Estado, tendo função e caráter público, justificando-se através da garantia de paz, ordem e segurança pública. Nesse contexto, o discurso anticomunista é o principal mobilizador para a instauração e sustentação do Estado Novo, tendo a propaganda um



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

papel muito importante, atuando na produção de estruturas socioafetivas capazes de provocar sensibilidades e, principalmente, paixões (CAPELATO, 2009). O controle sobre a propaganda política é, normalmente, estratégia para o exercício de poder, mas em regimes totalitários ele se torna ainda mais crucial: o Estado tem o monopólio dos meios de comunicação e, através disso, exerce censura e manipulação sobre a informação. O DIP foi criado em 1939 – sob o argumento de que a propaganda oficial se responsabilizaria pela unidade nacional e pela manutenção da ordem – e, em 1941, assumiu os meios de comunicação, oficializando a censura. Dessa maneira, os periódicos eram institucionalmente obrigados a reproduzir os discursos oficiais.

2. O papel da educação e da juventude no Estado Novo

Para tratar da educação durante o Estado Novo, é necessário apresentar brevemente um panorama da função do ensino e o papel da juventude nos anos que antecedem esse período. A preocupação com a instrução pública é uma discussão antiga e não foi iniciada no Estado Novo. É possível encontrar debates sobre a necessidade de criação de uma legislação específica para a educação pública ainda no século XIX, durante a Assembleia Geral Constituinte e Legislativa, em 1823 (SAVIANI, 2011). Essa discussão, logicamente, foi bastante incipiente e o sistema educacional majoritariamente provincial, além de socialmente restrito, devido à ausência de um projeto que abrangesse todo o território nacional em uníssono. A urgência de uma proposta nacional surge no final do século XIX, mas devido ao baixíssimo investimento financeiro na educação, só se intensifica e apresenta ações concretas ou com maior robustez a partir do final da Primeira República, em 1930.

Portanto, delongou para que as propostas de reformas educacionais (principalmente aquelas que sugerem um modelo de educação centralizado) fossem efetivadas, dada a carência de infraestrutura e a falta de apoio político das elites. Dessa maneira, a responsabilidade pela instrução pública ficou por um longo período delegada aos estados e não à federação, e os níveis de ensino primário e médio nas primeiras décadas da República estavam abandonados e pouco frequentados. A partir da década de 1850 o Brasil passou a contar com uma malha ferroviária, o que contribuiu para acelerar o processo de urbanização e industrialização em algumas regiões do país. Por conta disso, de 1890 a 1920, há um considerável aumento populacional e, com a crise do modelo agrário-comercial-exportador, a industrialização passou a se apresentar como uma das principais atividades econômicas no país, gerando a necessidade de alfabetizar e orientar a educação para a formação de trabalhadores minimamente qualificados tecnicamente para suprir as funções nas fábricas. A intenção não era unicamente formar para o trabalho, uma vez que devido ao rápido e acentuado aumento demográfico, existia também a preocupação com a quantidade alta de órfãos e jovens empobrecidos e sem ofício nas cidades, fato que tensionou políticos e intelectuais da época, que entendiam esses jovens em situação desvalida como ameaças à ordem pública (MORAIS, 2015). Ou seja, nas primeiras décadas do século XX, a educação também tem uma função disciplinadora.

Em outubro de 1930, o Brasil passou por um processo de transformação política, social, econômica e cultural. Em contraposição à lógica e aos ideais da Primeira



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

República, o novo governo almejava mudanças estruturais. A centralização do poder e a criação de uma nova concepção de nacionalidade são duas das mudanças pretendidas e importantes para compreender como os desdobramentos políticos pós 1930 reverberam na educação e como ela é pensada nesse período.

Para Getúlio Vargas, a educação era um “problema nacional” e, ao mesmo passo, era a principal via rumo às transformações e o progresso desejado para o país. É importante destacar que ainda que Vargas passe a governar a plenos poderes - através de um golpe de estado - somente em 1937, desde 1930 algumas ações em relação ao ensino já eram pautadas ou executadas por ele, um exemplo disso é a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. A educação, nesse momento, é entendida como um dos principais meios – se não o principal meio – para atingir o desenvolvimento da sociedade e, acima de tudo, a afirmação de uma nova cultura de nação, que ficaria a cargo da juventude, já que esta era compreendida como o futuro da nação. Vargas pretendia que os moldes educacionais no Brasil se alterassem e apontassem mais objetivamente para a desvinculação das tradições coloniais, focando na reestruturação da mentalidade nacional a fim de ocasionar a formação de uma nova cultura política brasileira, fato que converge com a estruturação e aquecimento de circuitos intelectuais no país (CHAVES; KARVAT, 2013).

É a partir da afirmação de que a educação era pensada como um projeto, ou seja, era planejada e executada através de estratégias de ação, e que era apoiada, a partir de deliberações de Getúlio Vargas, por órgãos institucionais do país que pensavam esse projeto de forma homogênea no território nacional, que a educação, por ser compreendida como um elemento de formação principalmente da juventude brasileira, se torna também um campo de disputas (COSTA, 2016).

3. Jornais Estudantis no projeto de educação do Estado Novo

Ao tratar de periódicos estudantis, o objeto é uma escrita ativa, onde, por definição, há um emissor e um receptor dos textos que neles se inserem. O ato de escrita no contexto desses jornais não pode ser considerado solitário, porque era produzido por uma parte para que outras partes o consumissem. Essas afirmações levam, por consequência, à duas outras constatações: havia a circulação desses jornais para além dos alunos redatores, mesmo que de forma limitada (no circuito alunos-professores-núcleo familiar-comunidade local); e a escrita dos periódicos, por mais que não tivesse ampla circulação, passava pela leitura e por possíveis correções, adequações e seleções da instituição que os originava, uma vez que todos os jornais estudados possuem a assinatura do grupo escolar ao qual pertenciam (Sendo o “Vozes Juvenis” da Escola de Trabalhadores Rurais Olegário Macedo e o “O Cruzeiro do Sul” do Colégio São José) e, se eram elaborados com a intenção de serem distribuídos e consumidos por outrem, a vinculação institucional exposta nos jornais estudantis só poderia existir se, consonantemente, existisse a chancela das equipes dirigentes das escolas para tal.

É possível inferir que nem todos os textos presentes nos jornais estudantis necessariamente refletem integralmente as opiniões dos alunos, uma vez que são tutelados pelos olhares da instituição e, considerando o contexto histórico de tentativa de



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

estruturação de uma nova ideia de nacionalidade principalmente através da educação, os discursos que se expressam nesses periódicos indicam uma juventude extremamente afinada com a ordem social e institucional do governo de Vargas. Além disso, cabe lembrar que, segundo Woitowicz (2015), a produção jornalística a partir da ótica local e regional nesse período tem a função de mediação dos interesses da sociedade, e acabava legitimando ou reprovando determinados ideais em detrimento de outros, comumente corroborando com o discurso oficial governamental.

O exemplar do jornal *Vozes Juvenis* utilizado para a pesquisa data de 7 de setembro de 1941. A edição desse jornal comemora a Independência do Brasil e, ao mesmo passo, é a primeira edição lançada do jornal. Esse é o único exemplar a que esta pesquisa tem acesso, mas, no jornal existe a menção da intenção de continuar a atividade de publicação de periódicos no colégio. As primeiras páginas de jornais são muito importantes para compreender o teor que é almejado para ser transmitido ao leitor através do conteúdo jornalístico. É o primeiro contato que o leitor tem com o material e é através dos elementos presentes na capa que é possível compreender o sentido ideológico que a produção segue. Dessa forma, cabe elencar os títulos dos artigos presentes nas capas dos periódicos. Na edição de 7 de setembro do *Vozes Juvenis*, os títulos da capa são: Obras de S. Excia., Interventor Manoel Ribas, texto dedicado a apresentar, de forma majoritariamente quantitativa, as obras executadas pelo governador no estado do Paraná, incluindo a construção da própria Olegário Macedo. Esse texto é acompanhado de uma foto de Manoel Ribas; Considerações sobre a Independência do Brasil, texto dedicado a narrar os fatos que levaram à Independência e reverenciar figuras históricas como Tiradentes e D. Pedro; Nosso Jornal, breve texto que se refere diretamente ao leitor; 3ª Exposição de Animais e Produtos Derivados, texto de tom noticioso e informativo que anuncia a próxima exposição que será realizada pelo colégio. Dessa forma, principalmente se a extensão de cada um dos textos for considerada, mais da metade do espaço de capa é dedicado para produções textuais que tratavam das datas comemorativas ou de figuras políticas e históricas que se relacionavam com os interesses nacionais.

Os exemplares do “O Cruzeiro do Sul” também possuem um título que data de 7 de setembro de 1941. O jornal é oriundo do colégio São José, de Castro. Assim como o *Vozes Juvenis*, também existe um texto dedicado à data, porém, mais literário que a publicação da Olegário Macedo. É muito notável, na verdade, como todos os outros escritos do periódico têm esse teor e muitas vezes aparecem em forma de contos ou crônicas. Neste jornal, a produção de paixões se expressa de forma ainda mais clara no processo de orientação dos jovens ao patriotismo. Além disso, o fato de o Colégio ser confessional católico faz com que as produções mesquem esses discursos, remetendo muito fortemente à sacralização da política, discutida por Capelato (2009). O *Cruzeiro do Sul* apresenta muitas descrições sobre a estrutura física do colégio, mas a existência de textos sobre o cotidiano dos estudantes é muito mais numerosa. Mesmo tendo um teor mais íntimo do colégio, nesses textos regularmente existe a insistente menção à pátria e ao povo brasileiro. Para tornar mais claro o entendimento sobre o teor do periódico, todos os títulos dos artigos alocados na primeira capa se relacionam com temas ligados ao Brasil (exceto pelo último texto, que se dedica a versar sobre a primavera num tom literário): 7 de setembro, que trata da Independência, seus desdobramentos e sua importância para a



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

nação; Ipiranga, poema de 1882 de Bernardo Guimarães que aborda a independência; O pequeno Patriota, crônica que trata sobre o 7 de setembro e utiliza a narrativa de uma família para elencar o perfil de crianças que “sabiam amar a Patria”; Primavera, texto que trata sobre aspectos da estação. Ou seja, 75% dos artigos da página inicial do jornal é dedicada a textos que abordam o país e, em especial, a data comemorativa. Aqui, cabe ressaltar a reflexão proposta por Capelato (2009) acerca da utilização de celebrações oficiais, festas cívicas e datas comemorativas para a manutenção de poder: ao contrário de festas populares, a espetacularização do poder através de datas oficiais com programação e festejos nacionais, tem como função reforçar a ideia de harmonia social através da construção da representação de uma sociedade cujo povo era alegre e, consequentemente, imune de conflitos.

Essa é uma forma de coerção ideológica intensamente entrecruzada com os ideais do regime, que tem como intenção legitimar o governo vigente, mesmo que seja uma distorção da realidade, que se teatraliza através dessas comemorações e cristaliza ainda mais a imagem do líder. É interessante ressaltar que algumas datas comemorativas que foram criadas durante o Estado Novo perduram e são comemoradas enquanto datas oficiais até hoje, fato que comprova a efetividade da produção de símbolos através das datas nacionais. Esse periódico conta com mais uma publicação, que data de 21 de abril de 1941 e comemora Tiradentes. Na primeira página, é possível encontrar um texto sobre Tiradentes e uma gravura de Getúlio Vargas, seguida por uma homenagem ao seu aniversário, no dia 19 de abril. Nesse texto de homenagem, as redatoras se referem a Vargas como “o maior brasileiro da atualidade”, “grande estadista” e “supremo chefe”. Neste periódico, é notável como os assuntos relacionados ao patriotismo andam junto com a religião e como as referências à política – que, por vezes, se expressam timidamente ou se destinam inteiramente a Getúlio Vargas – sempre são profundamente incorporadas à uma esfera das sensibilidades, tanto por isso expressões que se relacionam com sentimentos (como “amor”, “bondoso”, “fraternal” por exemplo) apresentam-se neste periódico com maior veemência. Quanto aos artigos de capa, são todos dedicados a tratar sobre a data comemorativa em relação a Tiradentes e em relação ao aniversário de Getúlio Vargas, ou sobre o Brasil a partir da noção de pátria. Os títulos de capa são: Ao Cruzeiro do Sul, texto com estrutura e teor poético dedicado a elogiar e venerar o território do Brasil; Tiradentes, texto que, utilizando um tom parecido com o texto da edição de 7 de setembro que se dedicava a narrar desdobramentos e importância de um acontecimento, buscou explorar a figura de Tiradentes enquanto um patriota e herói nacional; Homenagem, texto dedicado a parabenizar, comemorar e elogiar a figura de Vargas.

Os jornais O Cruzeiro do Sul e Vozes Juvenis não possuem uma quantidade intensamente exacerbada de imagens em suas produções, contudo, as formas de utilização das imagens são bastante interessantes e complementam os discursos escritos. A edição de 7 de setembro de O Cruzeiro do Sul ilustra uma parte do edifício do colégio São José, ao lado do texto sobre a capela do colégio. O Vozes Juvenis possui apenas uma imagem na capa, que é uma foto do interventor do Paraná, Manoel Ribas, ao lado de texto em sua homenagem. Na edição de 21 de abril do O Cruzeiro de Sul, a imagem que ocupa quase metade da capa é uma gravura de Getúlio Vargas. Em primeiro lugar, como a análise é realizada em jornais, a decisão pela diagramação desses elementos é muito importante.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Optar por alocar uma gravura de Vargas na página em que é feito o primeiro contato visual do leitor diz respeito aos elementos que têm preferência de manifestação no material. Em segundo lugar, a escolha de utilizar uma gravura também é emblemática já que estas podem ser entendidas enquanto uma expressão icônica (ZICMAN, 1985) que é utilizada para que o produtor do discurso emanado se expresse através de algo ou, - como é nesse caso -, alguém, porque a gravura permite modificações, enquadramentos e alterações que a fotografia não permite tão facilmente. Para Bourdieu (2004), a fotografia é uma forma de representar o mundo e, dotada de convenções sociais que orientam sua produção, é também um aparato para interpretar a realidade. Mas, no sentido utilizado nos jornais estudantis selecionados, a fotografia funciona quase como um "espelho" daquilo que pode ser observado. Obviamente, a fotografia também é fruto de escolhas narrativas e de formas de representar o objeto em questão que partem do lugar social em que são produzidas, mas ainda possui menos possibilidades de modificações diretas da realidade, como é o caso de gravuras, desenhos, cartuns, charges, etc., que geralmente existem para reforçar uma mensagem já existente na sociedade ou no meio de produção dessa imagem (CHAVES, 2001).

Essas constatações permitem pensar que, pela escolha de uma imagem que já possuía ampla circulação na imprensa para retratar Vargas, os produtores dos textos dos jornais estavam em consonância com a forma de representar a figura do chefe de estado, que nos jornais é bastante direta e, (e levando em consideração outros suportes em quais essa mesma imagem era utilizada, como medalhas, placas, entre outros) até mesmo, possui um tom formal e solene. Esse mesmo teor pode ser observado na escolha da fotografia de Manoel Ribas, entretanto, ambas as fotografias – do interventor e do prédio do colégio São José - presentes remetem mais ao sentido de representação daquilo que é palpável, enquanto a gravura se insere em um campo de reprodução e reafirmação de narrativas acerca de Vargas, do contrário, a escolha não seria icônica.

4. Conclusões

Foram levantados elementos que se destacam nos textos dos jornais estudantis a partir de sua frequência. Dessa maneira, partindo do núcleo de sentido selecionado a partir das hipóteses levantadas através das etapas prévias à codificação do conteúdo dos jornais, foi possível notar o constante uso de termos que remetem ao Brasil como algo que ultrapassa a definição de país: Nos jornais estudantis, os textos que abordam o Brasil se referem a este majoritariamente como nação ou pátria (sendo estes os termos mais observados durante a análise). Aqui, cabe fazer um pequeno parêntese: segundo as definições do dicionário Houaiss de 2009, Nação é: "Agrupamento político autônomo que ocupa território com limites definidos e cujos membros, ainda que não necessariamente com a mesma origem [...], respeitam instituições compartilhadas"; Pátria é: "País em que se nasce e ao qual se pertence como cidadão"; enquanto País se limita à definição territorial, sendo entendido como "Qualquer região, terra ou território". Ou seja, a ideia de unidade se faz ausente neste último termo, diferente do caso dos dois primeiros, que carregam a essência da ideia da "sociedade em festa", discutida por Capelato (2009), que se entende como a construção da imagem de uma comunidade unida e fraterna que se



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

organiza em torno do líder (nesse caso, a figura do líder é claramente conferida a Getúlio Vargas).

A análise de mensagens políticas (essencialmente quando estas são produzidas para a massa, como é o caso de jornais) faz com que palavras cuja significação é atravessada por discussões que também possuem cunho político (tais como: poder, liberdade, nação, independência, etc.) necessitem de contextualização histórica para que sejam compreendidas em sua totalidade. Portanto, a discussão acerca da escolha do uso das palavras que aparecem com maior frequência nos periódicos se faz indispensável para pensar os discursos atrelados à educação e aos estudantes que eram produzidos ou reproduzidos. Ambas, pátria e nação, são palavras que carregam consigo o sentido de unidade e, a partir dessas afirmações, cabe retomar a discussão acerca da importância que as diretrizes estadonovistas conferiam à busca da construção de uma identidade nacional que desvinculasse o Brasil de seu passado colonial, inclusive - e principalmente - introduzindo essa nova ideia de brasilidade através da educação. Cabe lembrar, também, que essa intenção era mais do que puramente uma vontade ou desejo pessoal/particular de Vargas ou outros agentes envolvidos na esfera político-administrativa, esse era um intento estruturado e pensado enquanto um projeto para orientar os rumos do país.

A investigação permite concluir que os jornais estudantis se configuram enquanto um claro emissor do discurso nacionalista, da adoração à pátria e das condutas que a juventude interessada no progresso pessoal e nacional deveria adotar, com intento de participar ativamente da construção da identidade do país. Cabe ter sempre em mente, durante a análise de periódicos, a vinculação ideológica que os perpassa e retomar a afirmação quanto às possíveis censuras, seleções e adequações realizadas pelos órgãos coordenadores de cada instituição. Além disso, existe ainda a questão de uma provável censura em nível institucional pelo DIP. Para contextualizar melhor essa questão, convém pontuar que os títulos estudados são apenas um recorte de um conjunto de fontes maior e mais volumoso. Porém, os textos do *Vozes Juvenis* e do *O Cruzeiro do Sul* não podem ser desvinculados da unidade de fontes que conferem sentido e melhor compreensão acerca de suas produções.

Sendo assim, é importante frisar que os demais jornais estudantis presentes no corpus documental que não foram selecionados para a análise: 1) seguem o mesmo padrão de publicação quanto aos temas, ao sentido e à frequência de índices; 2) utilizam-se de imagens de forma igual (em alguns periódicos, inclusive, as mesmas figuras são utilizadas) ou semelhante aos periódicos aqui abordados; 3) os jornais não se limitam somente a Castro e são produzidos em outras cidades do Paraná; 4) em sua maioria, os jornais têm a mesma data de publicação ou (em casos de títulos com maior número de edições) são publicados em outras datas comemorativas. Essas observações, essencialmente a de número 4, permitem que novas hipóteses surjam: esses periódicos, muito provavelmente, estavam submetidos a uma regularidade de produção em nível nacional, provavelmente regulada pelo DIP. Esse fato, entretanto, não pôde ser analisado durante essa pesquisa devido a dois grandes fatores: o primeiro é a falta de acesso à diretrizes engendradas durante o Estado Novo que tratassem dos jornais estudantis como uma prática conveniente ao projeto de nação que era pensado durante o governo. Ou seja, não foi encontrado, até o período de abrangência deste relatório, nenhuma lei,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

decreto, discurso ou ato administrativo que tratasse especificamente dos jornais estudantis durante o governo de Vargas. O segundo fator que impede a conclusão acerca das hipóteses levantadas é a dificuldade em encontrar os anuários (ou qualquer outra documentação ordenada e de cunho administrativo) do Departamento de Imprensa e Propaganda, que possivelmente era o órgão responsável pela produção dos padrões de impressão - se é que estes existiam - ao menos no âmbito estadual. Entretanto, essa documentação existe, mas não está disponível para acesso online.

Cabe ressaltar que, durante os desdobramentos, mudanças e adequações da pesquisa, o processo de digitalização dos periódicos se configurou como um ponto importante pois, posteriormente, possibilitou que o corpus documental fosse ampliado e, conseqüentemente, novas hipóteses acerca das fontes foram formuladas. Sem o acesso digital aos outros periódicos - que não poderiam ser acessados presencialmente -, não seria possível sustentar a discussão acerca da possível padronização dos jornais por órgãos governamentais e, além disso, não seria possível dispor de um conjunto vasto de fontes da mesma natureza, fator que permite que as discussões sejam mais afinadas e precisas, mesmo na ausência de documentos oficiais que versem sobre a impressão dos jornais estudantis no período do Estado Novo.

Referências

- ABREU, G. S. A. *Lysimaco Ferreira da Costa e o ensino secundário brasileiro*. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 26 p. 165-189, 2008.
- BACZKO, B. A imaginação social. In: LEACH, E. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BANDEIRA DE MELO, P. *Um passeio pela história da imprensa: O espaço público dos grunhidos ao ciberespaço*. Comunicação e informação. (Online). São Paulo, 2005.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, P.; BOURDIEU, M. *The Peasant and Photography*. Ethnography, v. 5, n. 4, p. 601-616, 2004.
- BRIGGS, A.; BURKE, P. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CAPELATO, M H. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Fapesp, 1998.
- CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, v. 1, n. 997, p. 508, 1997.
- CHAVES, N. B.; KARVAT, E. C. *Intelectuais, Discursos e Instituições: As relações entre a História Intelectual (e/ou de intelectuais) e a História Local (reflexões sobre possibilidades de pesquisa)*. IV Congresso Internacional de História, Maringá, 2013. Mídia Digital.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

CORRÊA, A. S. *Imprensa Política e Pensamento Republicano no Paraná no Final do Século XIX. Revista de Sociologia Política.* (Online) Curitiba, 2009.

FONSECA, P. C. D. *Vargas: o capitalismo em construção, 1906-1954.* São Paulo: Brasiliense, 1989.

MELLO, S. G. B. *Paraná das Tipografias, Paraná das Letras: Elementos para uma história da cultura escrita no Paraná. Clio: Revista de Pesquisa Histórica.* (Online). Recife, 2021.

OLIVEIRA, L. L.; VELLOSO, M. P.; GOMES, A. M. C. *Estado Novo: ideologia e poder.* Rio Janeiro: Zahar Ed., 1982.

OLIVEIRA, M. C. M.; VOGT, A. M. C. *A política de educação do governo Vargas no Paraná. Revista Uniandrade*, v. 11, n. 2, p. 5-18, 2010.

PANDOLFI, D. C. et al. *Repensando o estado novo.* Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

POSSAMAI, Z. R. *Fotografia, História e Vistas Urbanas. Revista História.* (Online). São Paulo, 2008.

RIBEIRO, P. R. M. *História da Educação Escolar no Brasil: notas para uma reflexão.* Paidéia, FFCLRP – USP. Ribeirão Preto, 1993.

SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil.* 3. ed. rev. 1 reimpr. Campinas, 2011.

SOUZA, E. R. C. *Os grêmios escolares e os jornais estudantis: práticas educativas na Era Vargas (1930-1945).* Belo Horizonte, 2016.

WOITOWICZ, K. J. *Recortes do tempo na escrita do jornal. História e cotidiano no universo jornalístico da capital paranaense. In: Imagem Contestada: A Guerra do Contestado pela escrita do Diário da Tarde (1912-1916).* (Online). Ponta Grossa: EdUEPG, 2015.

ZICMAN, R. B. *História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. Projeto História: revista do programa de estudos pós-graduados de história*, v. 4, 1985.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

A MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: ANÁLISE TEÓRICA E ESTATÍSTICA

ALMEIDA, Karine de Fatima¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa; Departamento de História;

A pesquisa foi realizada a partir de um levantamento teórico e estatístico envolvendo a música e o ensino de história no ensino médio, trabalharemos com conceitos necessários para essa reflexão e discutiremos sobre os dados coletados. O estudo é qualiquantitativo, resultante da aplicação de um questionário em todo o ensino médio do Colégio Estadual Dr. Claudino dos Santos em Ipiranga-PR, o qual faremos diversas reflexões em questões selecionadas. Iniciaremos com uma discussão teórica sobre o assunto e seguiremos para a análise prática, pensando na opinião do estudante, a contribuição da música para aprender diversos assuntos, dentre outros aspectos.

1. A música no ensino: Aspectos teóricos

Inicialmente, essa pesquisa dialoga com o Núcleo de Pesquisa em Didática da História devido as problemáticas abordadas. Neste caso, a música como uma maneira de aprender história. A partir disso problematizaremos com conceitos da área, como Consciência Histórica e Cultura Histórica, estudados pelo teórico Jörn Rüsen.

O referente trabalho pode contribuir para a reflexão dessa prática de ensino, pois traz com ela um estudo estatístico e teórico sobre a música no ensino. Permite que se conheça os modos de operar com essa prática no ensino e o que pode ser aprimorado, já que as questões que serão trabalhadas partem das respostas dos alunos, assim melhorando a comunicação entre o professor e o estudante, sendo algo necessário em sala de aula para que se formem pessoas aptas para problematizar o meio social.

A música é uma expressão artística, a junção da melodia, harmonia e ritmo, que está amplamente presente em nosso cotidiano, por esse motivo, o trabalho com a música acaba sendo mais envolvente, pois estamos expostos a ela a todo momento. Utilizá-la a nosso favor traz um ganho a mais de conhecimento, pois nos permite ir além do que simplesmente ouvimos no nosso dia a dia.

Para compreender a música no seu sentido mais amplo, devemos nos ater sobre o significado de música popular e música erudita. Napolitano (2002, p. 14) nos aponta que a música popular surge no sistema musical ocidental, pode ser definida por 4 dimensões:

- 1) Definições normativas: música “popular” como inferior
- 2) Definições negativas: música popular definida por aquilo que ela não é (folclórica ou “artística/erudita”)
- 3) Definições sociológicas: nesta linha, a música popular estaria associada a “ou produzida por) grupos sociais específicos
- 4) Definições tecnológicas/econômicas: música popular como produto exclusivo dos *mass media*, disseminada no grande mercado (NAPOLITANO, 2002, p. 15).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

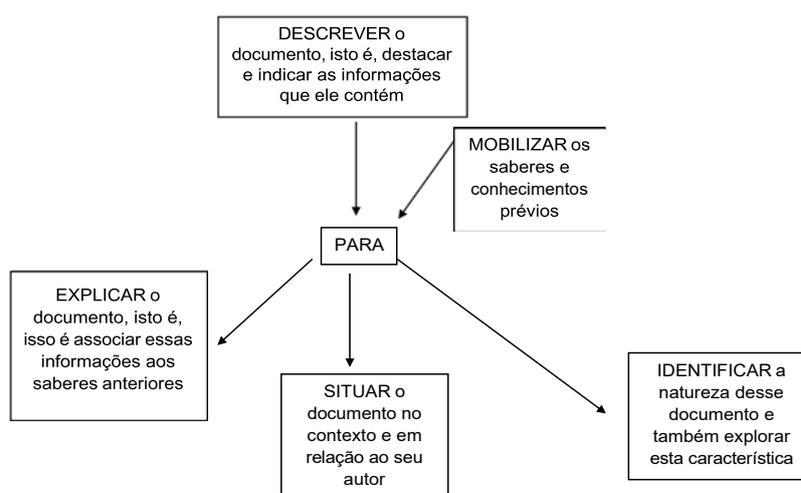
A música erudita composta por complexidade e que visava um público específico (burgueses), faz uma crítica a música popular, referindo-a como “uma decadência musical”, devido ao seu estilo que misturava vários gêneros e, por ser um produto comercializado facilmente, atingia as diversas camadas sociais (NAPOLITANO, 2002, p. 16). Esses elementos devem ser apresentados quando se trabalha com tais estilos em sala de aula, não no sentido de priorizar um estilo e diminuir o outro, mas refletir o momento em que estão inseridas, a realidade histórica presente na ascensão de cada estilo.

Ao trazer a música para o ensino, estamos trazendo mais um significado para seu uso: o da fonte histórica. As diversas mudanças que ocorreram em relação ao campo da educação nos apresentou novas fontes de ensino, além da fonte escrita, tais como músicas, filmes, séries e documentários. Essa mudança relativa à esfera documental possibilita explorar outros aspectos da história. Através da música, por exemplo, podemos observar o meio cultural, social e político.

O uso dessa metodologia no Brasil é recente. Segundo Pancini (1996), consta-se em 1996 que o trabalho com a música no ensino de história era escasso em bibliografia e na prática, sendo uma fonte que precisava de um avanço naquela época. O trabalho com essa metodologia no ensino foi se ampliando ao longo do tempo. Isso possibilita a observação em relação ao uso da música, como deve ser feito, como problematizar, como fazer com que os alunos interajam com a fonte, seus ganhos para o ensino, os conceitos e teorias, dentre outros aspectos apresentados nas pesquisas.

Circe Bittencourt (2008) em seu livro *Ensino de história: fundamentos e métodos* traz um esquema de análise de documento essencial para o trabalho com outras fontes no ensino:

Figura 1 – Esquema de análise de documentos

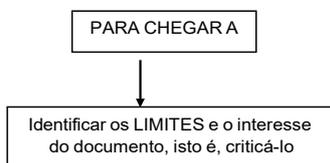




2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: Bittencourt, 2008, p. 334)

Esse esquema pode ser aplicado com a música na sala de aula. O trabalho com a descrição permite que o aluno inicialmente observe a base desse documento, o seu conteúdo, assunto. A mediação do professor no trabalho de análise permite auxiliar e mobilizar o conhecimento dos estudantes acerca do assunto abordado na música, explicando o que não é compreendido ainda e relacionando ao que eles aprenderam. Com isso é possível situar o período no contexto produzido, buscando identificar se a temática é do mesmo período ou não, e a reflexão de quem produziu. Por fim, fazer a crítica ao material, levando em consideração as etapas anteriores e observando cuidadosamente o documento trabalhado.

Na entrevista mediada por Hermeto e Soares (2017), o professor Marcos Napolitano, autor reconhecido na área de música e ensino, apresenta suas considerações acerca dessa metodologia. Questionado sobre as possibilidades de trabalhos em sala de aula com a música, Napolitano responde-os que há canções que têm usos facilitados para períodos específicos da história, como por exemplo a MPB, sendo muito usada no contexto dos anos 1930 e entre 1960 e 1970. Enquanto a história geral é pouco trabalhada em sala de aula com as canções e as músicas. Sobre o uso da música erudita, deve-se utilizá-la com mais atenção, com uma escuta diferenciada, já que é diferente da música popular (HERMETO; SOARES, 2017, p. 145).

Outro fator a considerar é que a música tem uma grande relevância no meio social, pois aproxima os indivíduos e interage com eles a partir do que esse elemento cultural retrata. Além disso, seu uso também pode nos possibilitar a identificação e construção identitária, refletindo nossas vivências. A partir dessa interação com o cotidiano, não podemos deixar de fora o conceito de consciência histórica, que para Rüsen (2001) é:

Todo pensamento histórico, em quaisquer de suas variantes - o que inclui a ciência da história -, é uma articulação da consciência histórica. A consciência histórica é a realidade a partir da qual se pode entender o que a história é, como ciência, e por que ela é necessária (RÜSEN, 2001, p. 56).

É necessário compreender que a história vai além do meio científico e acadêmico, considerando que as práticas cotidianas detêm historicidade, assim, a consciência histórica é múltipla e o ensino pode ser uma das maneiras de construí-la. Devemos ter em mente que o conceito não se trata de uma consciência do passado, mas a relação entre o presente e o passado orientando-se para um futuro. Isso aproxima-se com o conceito de cultura histórica, definida por Jörn Rüsen como:

O suprassumo dos sentidos constituídos pela consciência histórica humana. Ela abrange as práticas culturais de orientação do sofrer e do agir humanos no tempo. A cultura histórica situa os homens nas mudanças temporais nas quais



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

têm de sofrer e agir, mudanças que — por sua vez — são (co)determinadas e efetivadas pelo próprio agir e sofrer humanos. A cultura histórica é capaz de orientar quando viabiliza que as experiências com o passado humano sejam interpretadas de modo que se possa, por meio delas, entender as circunstâncias da vida atual e, com base nelas, elaborar perspectivas de futuro (RUSEN, 2015, p. 217).

Ao utilizarmos a música no ensino, temos que considerar diversos aspectos da sua natureza, pois ela é um produto cultural. Essa metodologia pode ser muito útil na construção da consciência histórica do estudante, mostrando a ele o que está em seu cotidiano, repleto de história, fazendo com que ele observe o mundo por outras perspectivas. A cultura é composta por historicidade, por isso, ao trabalhar com ela deve-se entender seu contexto de produção, levando em consideração a época, o artista, sua difusão e aclamação desse produto cultural pela sociedade. Refletir sobre tais elementos nos permite ter uma base para interpretar a fonte, assim podemos observar elementos que estão ocultos, indagar o porquê se apresentam dessa maneira.

Por fim, trabalharemos nesta pesquisa para buscar reflexões sobre como se dá o uso da música no ensino de história, considerando um contexto local. A análise partirá dos dados coletados no ano de 2022, levando em consideração a teoria para se pensar a prática, elaborando hipóteses e novas projeções sobre a temática.

2. Análise estatística: a música no ensino

A metodologia empregada na pesquisa é quali quantitativa, onde, no aspecto qualitativo, visamos analisar as questões e fazer conexões com os aspectos teóricos. Essa ponte é necessária para que possamos compreender o uso da metodologia em sala de aula. Os dados obtidos através do questionário trazem diversos aspectos necessários para se pensar a metodologia. Quanto aos objetivos, encaixa-se em uma pesquisa descritiva devido o levantamento de dados, a natureza da pesquisa é aplicada, pois trata-se da obtenção de novos conhecimentos para a prática. O trabalho com o método quantitativo requer rigor e interpretação que deve ser feito cuidadosamente, sem omitir ou distorcer as informações trazidas nos dados (DALFOVO, 2008, p. 6-7).

O trabalho com o meio estatístico na área de história acaba trazendo alguns questionamentos devido à natureza dessa metodologia, pois acreditam que há um ocultamento dos sujeitos no processo, mas o que acontece é o contrário: traz o sujeito como atuante essencial na pesquisa e pode ser uma das maneiras de compreender outros aspectos, como a identidade (CERRI, 2016, p. 143). No caso dessa pesquisa, temos questões que retratam o gosto do estudante. A análise dos dados nesse ponto permite a aproximação do pesquisador com o seu sujeito de pesquisa, pois conhecer seus alunos faz com que você crie um vínculo maior com eles, gerando confiança e interação.

A amostra final resultou em 284 respostas dos estudantes do Colégio Estadual Dr. Claudino dos Santos, no município de Ipiranga, localizado nos Campos Gerais, do estado do Paraná. O colégio, de rede pública, localizado na região central da cidade, onde a coleta foi feita com alunos entre 14 e 18 anos ou mais, do turno da manhã e noite. A escolha das idades do público respondente se deu na priorização do ensino médio, pela hipótese de



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

haver maior possibilidade dos sujeitos conhecerem a metodologia e para que possam conhecer também essa maneira de trabalhar com a história, um meio que está no cotidiano do estudante.

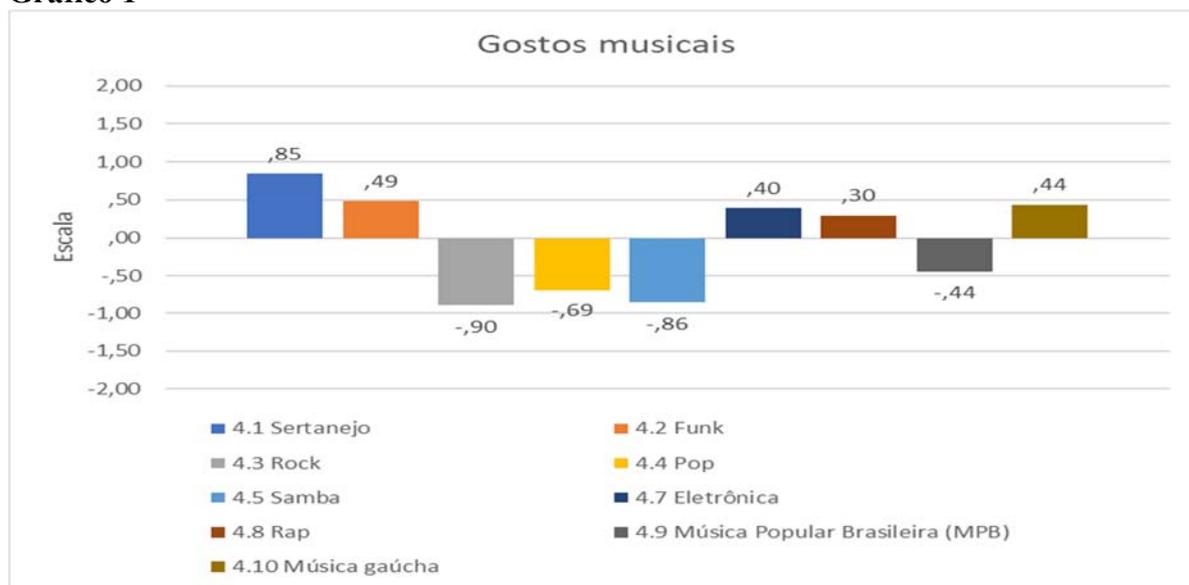
O público da pesquisa, segundo os dados coletados, está entre 14 anos e 18 anos ou mais, sendo 15 a 17 anos a maior parte do público respondente (totalizando 242 estudantes). O público predominante é do sexo feminino (143 respondentes), mas o sexo masculino também está bem presente na pesquisa (132 respondentes) e 8 participantes que preferiram não informar. Quanto ao turno, 227 estudantes são do matutino, enquanto 57 são do noturno.

A coleta foi feita durante as aulas de história nos dois períodos, sempre enfatizando aos estudantes para responderem com calma e sinceridade, além de que as respostas iriam ser tratadas com confidencialidade. O colégio foi bem acolhedor e prestativo, sempre mostrando disponibilidade para execução de projetos de pesquisa, tendo sido um trabalho agradável com os alunos e no diálogo com os professores, pedagogas e diretores sobre a coleta de dados.

Ao produzir o instrumento de pesquisa, foi levado em consideração os aspectos teóricos, que também aparecerão aqui. Feito a orientação inicial sobre o público respondente, prosseguiremos com as análises das questões específicas da pesquisa, boa parte das questões estão em escala Likert, o qual os valores de -2,-1 como negativos, 0 como valor neutro, 1 e 2 como positivos. A análise partirá pensando nas proximidades, mas também nos distanciamentos que podem ocorrer.

O gráfico 1 apresenta elementos necessários para se pensar a música no ensino: o gosto musical dos estudantes. Nessa questão foram elencados 10 estilos musicais, o estudante assinalava o nível de gosto por cada um, vejamos:

Gráfico 1



Fonte: Dados coletados e organizados pela autora.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Podemos observar que o estilo predominante é o sertanejo devido sua maior média positiva (0,85) com alta dos alunos gostarem desse estilo, o funk tem um valor considerável positivo (0,49) com a mesma tendência do sertanejo, porém em menor valor. Em contraposição, o rock possui tendência negativa, com o menor valor descrito (-0,90) indicando gostar pouco, o samba e o pop se encontra semelhante (-0,86 e -0,69, respectivamente) e quanto a MPB percebe-se que gostam pouco (-0,44). Os valores neutros nos apontam que gostam desses estilos, é o caso de música eletrônica, rap e música gaúcha com 0,40;0,30 e 0,44 nesta ordem.

Tais resultados podem se dar devido o estilo musical predominante atualmente, dessa forma, conhecer o gosto musical do estudante permite que a pesquisadora se aproxime deles, mas, ao trabalhar com a música, é importante não se ater somente a esse detalhe, mas apresentar novos estilos. Ao trazer novos estilos musicais para os estudantes, permite-se que eles conheçam novos elementos de cultura, o qual eles podem julgar gostar ou não gostar, há estilos citados no gráfico que nem todos têm contato, então podem considerar que não gostam, mas entrando em contato, há possibilidade de que passem a gostar.

A reflexão não trata da imposição de um determinado estilo musical para os jovens alunos, mas mostrar que há diversos tipos de música e que podem trazer elementos interessantes da sociedade. A linguagem musical possibilita a compreensão do meio vivido, podendo contribuir para a construção da identidade, construção de amizades, posicionamentos, formação de grupos, conhecimento sobre si e o mundo, dialogando com o ensino de história (XAVIER, 2018, p. 167).

Como complemento da questão citada, temos a questão 5, onde foi pedido para os alunos colocarem 5 músicas que eles escutavam no dia a dia em ordem de importância, nelas podemos confirmar os gostos musicais, mas observar como alguns gostos podem ser mais ecléticos, essa característica é interessante, pois nos permite pensar que não há só um estilo dominante presente no cotidiano deles.

Podemos trazer para esse público que em maioria gosta de música sertaneja, as músicas caipiras, Chaves (2008) nos apresenta em seu trabalho maneiras de utilizar esse estilo musical, desmistificando que, ao trabalhar com música no ensino, deve-se utilizar somente a música popular brasileira. A música caipira demonstra a perspectiva do homem diante de uma nova realidade: a urbana, que, além disso, é carregada de contextos e críticas sociais, demonstradas no cotidiano vivido dos estudantes, sendo uma fonte necessária para refletir essas mudanças da sociedade (CHAVES, 2008, p. 4). Por causa do colégio estar localizado no centro de uma cidade interiorana, que temos um estilo musical predominante por aqui. Dessa forma, devemos utilizar a nosso favor essa informação.

Partiremos então para a próxima análise, nela temos a tabela 1, contando com referência cruzada, feita com as questões 6 e 8. São questões que nos trazem informações sobre músicas com contexto histórico, se os alunos escutaram já esse tipo de música e se o professor deles trabalhou em sala de aula.

Tabela 1



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



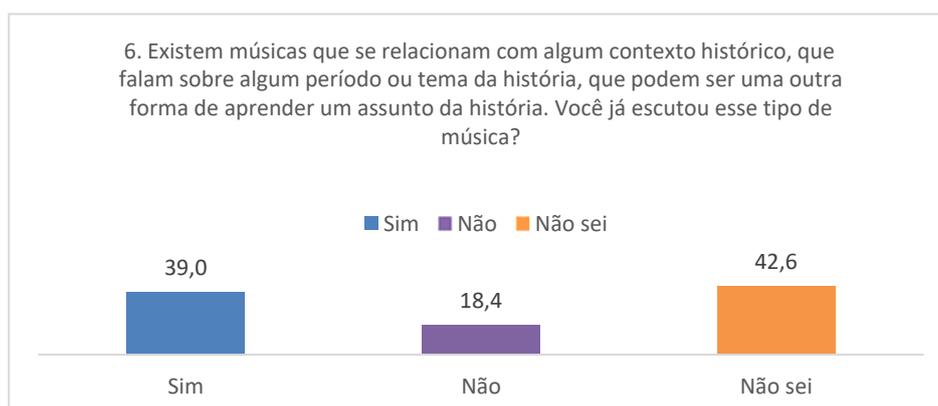
Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

		8. Seu professor (a) já trabalhou com músicas que trata de conteúdos históricos?					Total
		Nunca	Quase nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre	
6. Existem músicas que se relacionam com algum contexto histórico, que falam sobre algum período ou tema da história, que podem ser uma outra forma de aprender um assunto da história. Você já escutou esse tipo de música?	Sim	52	20	36	0	0	108
	Não	35	6	8	0	1	50
	Não sei	70	22	21	1	0	114
Total		157	48	65	1	1	272

Fonte: Dados coletados e organizados pela autora.

Percebe-se que os alunos que responderam que já escutaram esse tipo de música (sim) responderam que o professor trabalhou as vezes (36 respostas), mas basicamente “nunca” e “quase nunca” permanecem no valor mais alto (52 e 20 respostas respectivamente). Os respondentes que não escutaram esse tipo de música também relatam que “às vezes” o professor utilizou (8), mas o caso é semelhante ao anterior (nunca=35; quase nunca=6). Os que não sabem se já escutaram esse tipo de música permanece em alta, em que “nunca” (70) e “quase nunca” (22) o professor trabalhou com a metodologia na sala de aula. Para complementar, vamos ver o gráfico 2, da questão 6, com dados isolados:

Gráfico 2



Fonte: Dados coletados e organizados pela autora.

Temos uma quantidade grande de quem ouve músicas que retratam períodos ou tema da história (39%), os que não sabem 42,6% e quem não ouve 18,4%. A hipótese é que os alunos que escutam músicas que trazem contexto histórico não escutam em sala de aula, os que não sabem podem até escutar esse tipo de música, mas não conseguem identificar. O papel do professor é crucial nesse ponto: ao levar outras metodologias para a sala de aula, nesse caso específico a música, permite que o estudante amplie seus horizontes, suas perspectivas sobre diversos temas da atualidade e correlacionar com eventos passados. Góes (2011, p. 3) nos enfatiza que a música pode ser compreendida a



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

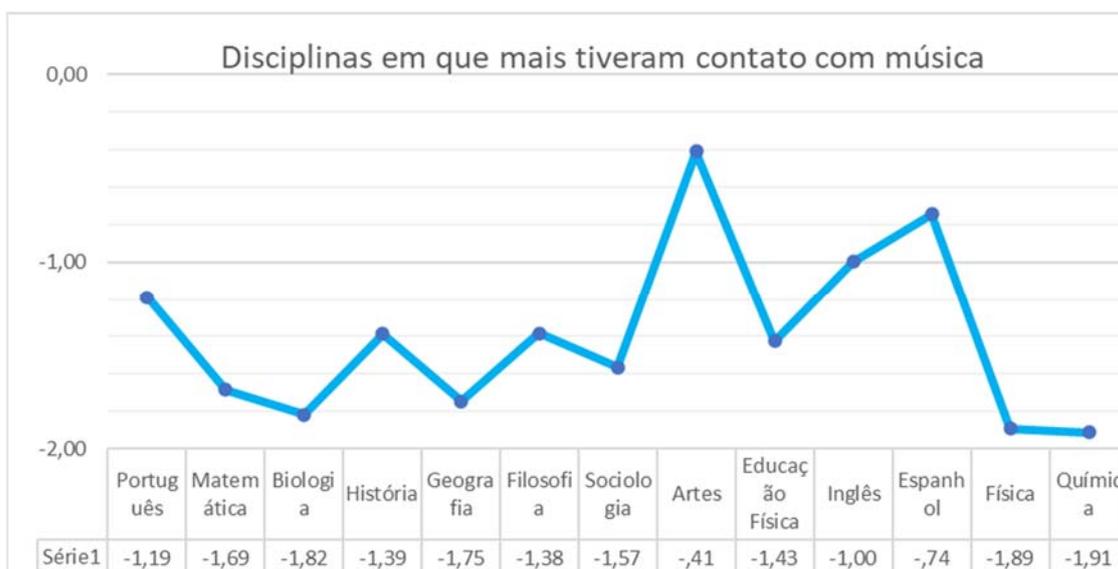


Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

partir de diversas realidades e experiências, "ouvir música é ouvir direções", cada pessoa reage e entende de uma maneira a música. Portanto, levar a música para o ensino amplia o potencial de leitura de mundo do estudante.

Ao pensar a música no ensino, podemos analisar seu uso em outras disciplinas, nos dados coletados temos resultados que podem ser observados no gráfico 3.

Gráfico 3



Fonte: Dados coletados e organizados pela autora.

Artes é a única disciplina que, apesar da média negativa – como as seguintes disciplinas – apresenta um contato maior (-0,41), espanhol também possui média negativa (-0,74), tendo a tendência de quase nunca utilizarem essa metodologia. Os valores que mais aproximam de nunca utilizarem a metodologia é química (-1,91), física (-1,89) e Biologia (-1,82). Enquanto geografia (-1,75), matemática (-1,69), sociologia (-1,57), história (-1,39), filosofia (-1,38), português (-1,19) e inglês (-1) demonstram quase nunca trabalharem com música.

A falta do uso dessa metodologia nas demais disciplinas (e possivelmente de outros materiais) muitas vezes se dá pelo pouco tempo de aula, no caso da música é necessário um tempo considerável, o exemplo de análise da Bittencourt inserido anteriormente nos mostra que o trabalho é dinâmico e amplo, assim, o debate da fonte leva tempo. Devemos pensar no currículo ao refletir sobre como se dá o uso de metodologias que vão além do livro didático. Na BNCC temos as 10 competências gerais, vamos nos ater a 3ª competência: “Valorizar e fluir as diferentes manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2017, p. 9). Essa competência é interessante, traz elementos da cultura para a sala de aula, mas muitas vezes não é possível realizar, como observamos na análise dos dados acima, nem sempre é culpa do professor o não uso de fontes diversas para enriquecer o aprendizado, mas o tempo, as outras atividades, o



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

currículo da escola, a estrutura etc. O trabalho vai além de trazer a fonte e requer uma base.

Seguindo a nossa análise, vamos agora olhar na perspectiva dos estudantes sobre a metodologia, as questões estão em escala Likert, descrito nas tabelas 2:

Tabela 2

9. No seu ponto de vista, o quanto o uso de músicas em geral pode ser útil para aprender história para você: ▾	10. No seu ponto de vista, o quanto o uso de músicas com contexto histórico pode ser útil para aprender história para você: ▾	11. Fora de sala de aula, você já ouviu músicas com contexto histórico? ▾	12. O quanto você gosta de utilizar esse meio (música) para aprender história? ▾
.55	.55	-.84	-.61
13. O Quanto você confia nesse meio (música) para aprender história? ▾	14. Nas suas aulas, vocês já fizeram paródias de músicas para estudar história? ▾	15. Se em sala de aula vocês já utilizaram paródias para aprender história, o que você achou da experiência? ▾	16. Se você já teve esse contato com paródias em sala de aula, o quanto de aprendizado você teve: ▾
-.11	-1.59	-0.47	-0.41

Fonte: Dados coletados e organizados pela autora.

Através das questões 9 e 10, obtivemos em ambas a média de 0,55, equivalente a “pouco”, ou seja, os alunos não acreditam que as músicas em geral e as músicas com contexto histórico podem ser úteis para aprender história. Na questão 11 podemos visualizar que as vezes tendendo a quase nunca os alunos escutam música que apresentam contextos históricos, com média de -0,84. O fato de eles não terem contato com a metodologia pode influenciar na resposta das questões 9 e 10, pois não conhecendo o método é difícil pensar positivamente sobre o assunto. Apesar de acharem ser pouco útil, o papel do professor é apresentar diferentes formas de aprender história, analisando as diferentes fontes, debatendo, provocando curiosidade e reflexão.

Em relação ao gosto e confiança na música para aprender história, eles gostam mais ou menos tendendo a gostar pouco (-0,61) e confiam mais ou menos nesse meio (-0,11), assim como comentado acima, o contato com a metodologia é necessário para que eles conheçam melhor a metodologia.

Acrescentamos também sobre as paródias, que é outra forma de obter aprendizagem em diversos assuntos, estimulando a criatividade e a atenção para formular uma letra, o trabalho com as paródias consiste em refazer uma nova letra para uma música já produzida (geralmente com músicas “do momento” devido o conhecimento mais amplo, para melhor fixação). Nessa questão sobre a produção de paródias para estudar história, tivemos a média de -1,59, ou seja, quase nunca produziram com alta tendência de nunca terem produzido.

Sobre o uso de paródias nas aulas de história, filtramos os resultados, ou seja, os dados da alternativa “f) Nunca usamos em sala de aula” não estão acrescentados na tabela acima, analisaremos as 157 respostas obtidas nas demais alternativas (-2 = Não gostei, -1 = Gostei pouco, 0 = Gostei mais ou menos, 1 = Gostei e 2 = Gostei muito), a média da questão 15 foi de -0,47, tendenciando a gostar mais ou menos. Na questão 16 sobre o



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

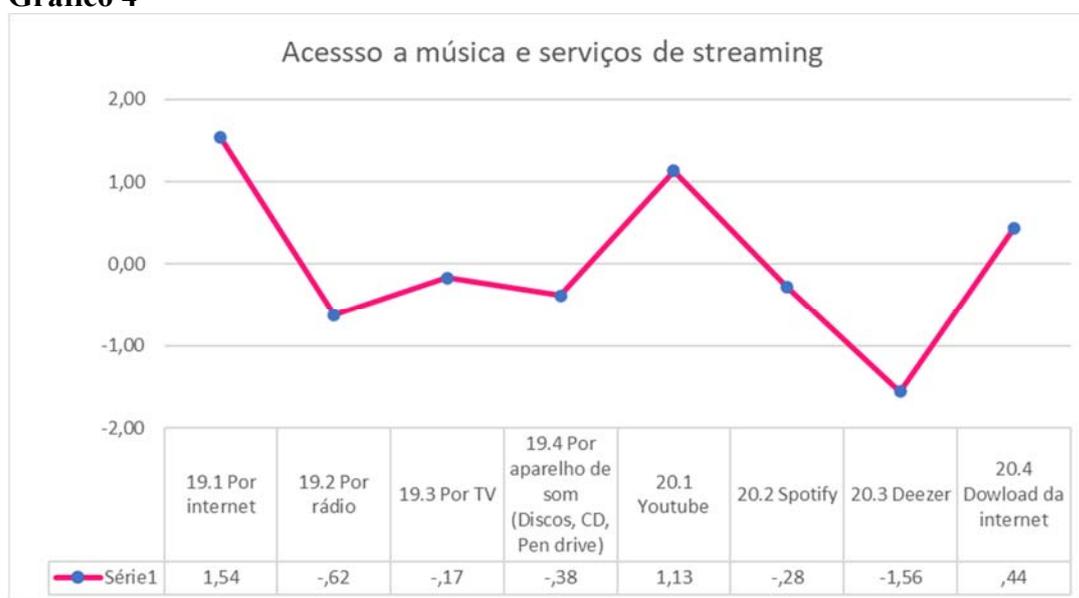


Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

quanto de aprendizado tiveram a média é de -0,41 obtidos com 171 respostas, os alunos aprenderam mais ou menos. Esses aspectos nos fazem pensar a prática, em como dialogar melhor com os estudantes, como é feito o uso de paródias no ensino e como melhorar o diálogo em sala de aula

Finalizando nossa análise geral, trabalharemos agora com as questões sobre o consumo de música, pelos meios de acesso e os serviços de streaming, trabalhando a frequência, descritos no gráfico 4:

Gráfico 4



Fonte: Dados coletados e organizados pela autora.

O acesso da música pela internet possui a mais alta frequência de acesso (1,54), com alta tendência de sempre utilizar esse meio para ouvir música, os outros três modos de acesso da questão 19 encontram-se com valores negativos, o rádio tem a média mais baixa, sendo quase nunca utilizado (-0,62), o aparelho de som as vezes tendendo a quase nunca ser utilizado e a TV também é utilizada as vezes para escutar música. A internet possibilita um acesso maior a música, sendo o veículo de informação mais rápido e que possibilita uma grande interação entre os indivíduos, a presença cultural é bem difundida nesse meio de informação, podendo acessar diversos estilos musicais de diferentes lugares.

Sabendo que a internet é o meio em que os alunos mais acessam as músicas, o Youtube é a plataforma mais utilizada com média de 1,13, ou seja, frequentemente utilizam para escutar música, além dos aspectos visuais presentes nesse meio, como os videoclipes, performances, shows, dentre outras características que ligam com a música. A plataforma menos utilizada é o Deezer, podemos pensar que pode ser referente ao custo para ter o acesso as músicas sem propagandas, tendo a média de -1,56, tendendo a quase nunca aproximando-se a nunca utilizar esse serviço de streaming. O Spotify, apesar de ser uma plataforma paga, acaba tendo uma média maior, mas ainda negativa, com -0,28,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

tendendo a acessarem a música as vezes por esse serviço, pode ser devido a popularidade desse aplicativo em relação aos outros. Por fim, os downloads pela internet têm uma média positiva, mas ainda tendendo a utilizarem as vezes esse meio para ouvir música.

Devemos refletir a música nesse sentido como um produto da indústria cultural. O que conta atualmente é a sua difusão e popularidade momentânea, o que acaba prejudicando muita coisa, a música vista como um produto acaba sendo somente um objeto do mundo capitalista, que apaga a expressão humana da música. Essa conscientização sobre como ouvir a música é necessária, para que não a escutemos de maneira alienante, sem observar os sentidos do ritmo, letra e instrumentalização, por isso é necessário esse trabalho com os alunos, para que vejam que o que eles consomem também é produto da história.

3. Conclusão

A partir dos resultados descritos, observamos que o uso da música no ensino acaba não sendo tão difundida, mas muitas vezes pode ser devido ao pouco espaço de tempo das aulas de história. Pela pesquisa teórica, observamos que essa metodologia pode trazer muitos ganhos para o ensino. A música que está no nosso cotidiano e no do aluno nos demonstra que pode ser um dos meios de adquirir as múltiplas consciências históricas, que detém de historicidade a partir do momento que traz no ambiente cultural elementos de nossa sociedade. Os dados demonstraram um estilo predominante: o sertanejo, mas que também os alunos entram em contato com músicas envolvendo contexto histórico fora do ambiente escolar, os demais dados se mostram necessários para pensarmos na prática e o que pode ser melhorado nela. O ensino deve propor ao aluno a liberdade dele realizar as suas próprias leituras de mundo.

Referências

- BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 408p.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, 2017.
- CERRI, L. F. Dados quantitativos na reflexão didática de estudantes e professores de História. *Revista História Hoje*, v. 5, n. 10, set. 2016.
- CHAVES, E. A.; GARCIA, T. M. F. B. A MÚSICA CAIPIRA EM AULAS DE HISTÓRIA: QUESTÕES E POSSIBILIDADES. In: ANPUH - XI Encontro Regional História, 2008, Jacarezinho - PR.. XI Encontro Regional História -, 2008.
- DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

GÓES, P. S. A utilização da Música nas aulas de História com os alunos do 8º ano. In: V Colóquio Internacional: Educação e contemporaneidade., 2011, São Cristóvão. V Colóquio Internacional: Educação e contemporaneidade., 2011.

HERMETO, M.; SOARES, O. P. Entrevista - Marcos Napolitano História e música popular: entre a historiografia contemporânea e as práticas de ensino na Educação Básica. São Paulo: *Revista História Hoje* - ANPUH, 2017 (Realização de entrevista para periódico científico).

NAPOLITANO, M. *História e música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 117p.

PANCINI, H. B. G. Música, um ensino alternativo para a história. *Educação & Tecnologia*, [S.l.], v. 1, n. 3, jul. dez. 1996.

RÜSEN, J. Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001, 194p.

RÜSEN, J. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Editora UFPR, 2015.

XAVIER, F. C. "O que aconteceu ainda está por vir": a música 'Índios' e o Ensino de História do Brasil. *CRÍTICA EDUCATIVA*, v. 4, p. 164-179, 201.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 2

A LEI 10.639 EM PERSPECTIVA: O QUE MUDOU? O QUE PERMANECEU EM VINTE ANOS?

COSTA, Edson W.¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa; Programa de Pós-Graduação em História

O trabalho aqui desenvolvido, tem como objetivo abordar algumas mudanças e permanências referente as concepções sobre o continente africano e a cultura afro-brasileira, a partir de uma turma de Ensino Fundamental da educação básica pública. A discussão apresentada é parte da dissertação de mestrado que encontra-se em andamento através do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Algumas questões que são parte do questionário que está sendo utilizado com fonte principal serão aqui problematizadas, em diálogo com os aportes teóricos e metodológicos da Didática da História.

1. Introdução

Nos últimos anos, o Ensino de História tem se mostrado amplamente preocupado com o papel ativo dos estudantes na escola, questões de, como se ensinar História a estes estudantes? Como ocorre sua aprendizagem histórica? Que sentidos atribuem ao material didático que recebem? E várias outras problemáticas, estão se tornando cada vez mais presentes nos trabalhos dos/as pesquisadores/as do Ensino de História.

Torna-se de grande relevância aqui apresentar algumas dessas mudanças, pois, durante muito tempo os estudantes foram colocados as margens do processo de ensino e aprendizagem, como receptores de conteúdos, uma plateia que assiste a palestra de um especialista em datas e fatos, que este, a toda aula prioriza a memorização dos eventos históricos de forma linear e cronológica.

Se distanciar deste ensino não parece ser uma tarefa fácil, como será aprofundado adiante, romper com a história dita como tradicional requer um aprofundamento teórico/epistemológico sólido. Neste caso, ensinar e aprender sobre história africana e afrobrasileira, não basta ter um rico aporte teórico sobre historiografia africana, é necessário que outras questões sejam levadas em consideração. A forma que os estudantes constroem suas representações sobre esta temática, vai além da perspectiva teórica do/a professor/a, a sua vida prática está presente nesse processo de aprendizagem, a TV, a internet, a sua cidade, a sua casa, espaços que por muito tempo estiveram de forma quase que inexistente nesse processo, passam agora a ser agentes de suma importância nas formas de se aprender história. O presente artigo tem como objetivo levantar reflexões a partir de cinco questões, sendo duas discursivas e três objetivas, que foram respondidas por vinte e dois estudantes de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública vinculada ao Núcleo Regional de Guarapuava.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

As questões dão suporte para pensarmos a problemática central deste artigo: após quase vinte anos da promulgação da lei 10.639/2003 o que os estudantes sabem sobre cultura africana e afro-brasileira? Quais pontos de mudanças podemos destacar? Se é que houveram mudanças. Em diálogo com a Didática da História, buscaremos problematizar quais as representações sobre a temática os /as estudantes possuem, abordando questões que estão para além do ambiente escolar, e que podem influenciar as representações que os/as estudantes constroem sobre os conteúdos tradicionalmente ditos como escolares.

2. O Ensino de História e a Lei 10.639

Refletir sobre os (as) estudantes em um contexto do Ensino de História brasileiro que durante muito tempo ainda se prende a uma estrutura imperial de ensino, onde ocorrem certos silenciamentos em relação a determinadas temáticas, não parece ser uma tarefa muito fácil, visto que, diante de toda uma trajetória estudantil pautada na construção de conceitos e visões, muitas vezes lacunares, ou mesmo, frente a estereótipos a respeito de determinadas abordagens, reforçados a todo momento, é um grande desafio. As pesquisas sobre o Ensino de História, e em específico sobre o Ensino de História da África em vários momentos se mostram atentas com a forma que os docentes trabalham e discutem as temáticas em sala de aula, bem como, a utilização do material didático, e com isso, visando analisar se tais professores(as) ressaltam a desconstrução de conceitos já superados pela historiografia, ou até mesmo a desconstrução de estereótipos e silenciamentos a respeito do tema.

Porém, como supracitado, não consta como objetivo problematizar os docentes ou mesmo o material didático utilizado, não que estes não estejam presentes na discussão, pois, pensar os/as estudantes é uma tarefa ampla e complexa, que envolve inúmeras questões.

É importante destacar que o estudante é a figura central no processo de ensino e aprendizagem, e pensar a forma como eles (as) compreendem a educação, e em especial a aprendizagem sobre história africana e afro-brasileira requer atenção.

Estudos recentes sobre os processos do pensar e do aprender, em suas diversas vertentes, acentuam o papel ativo dos sujeitos/alunos em seus percursos de aprendizagem e o protagonismo do professor na promoção de situações educativas que favoreçam o desenvolvimento de habilidades de pensamento, traduzidas na construção de competências cognitivas para o “aprender a aprender”, e que, ao mesmo tempo, possam educar os jovens com base nos valores contemporâneos. (CAIMI, 2009, p.65).

Tornar o/a estudante como agente central de sua aprendizagem requer um trabalho amplo e aprofundado, em termos metodológicos e epistemológicos, visto que, como mencionado, o Ensino de História no Brasil ainda possui resquícios de uma educação imperial como nos apresenta Mistura e Caimi (2020), seguindo moldes semelhantes a Europa no século XIX, onde a História como disciplina autônoma e portadora de um estatuto científico próprio se consolida.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

No Brasil, esse processo acompanha o mesmo *métier*, que ecoa no Ensino de História e possui dois importantes marcos: a instalação do Colégio Imperial Pedro II e a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1837 e 1838, respectivamente. Tais marcos constituíram-se como experiências historiográficas e didáticas, legando um conjunto de representações e práticas centrais ao estudo da história do Ensino de História e que, intrincadas, dizem muito sobre a forma como essa disciplina foi produzida institucionalmente, em termos de criação acadêmica, recepção, instrumentalização e gestão. (MISTURA e CAIMI, 2020, p. 9596).

Romper com essa estrutura pode-se dizer que requer um trabalho cotidiano, nas pesquisas e na escola, tomar uma postura epistemológica que tenha como foco a desconstrução de conceitos e visões que moldam as representações dos estudantes de forma lacunar e estereotipada deve estar internalizada no profissional da História.

2.1 A legislação: historicidade e possibilidades

A lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de história africana e afro-brasileira não pode ser considerada, segundo Pereira (2015), bondade de um governo, mas sim o resultado das lutas estabelecidas pelo Movimento Negro politicamente organizado, visando a inclusão da população negra no meio educacional. Vale destacar, que o Brasil foi o último país das américas a abolir a escravidão. O processo foi complexo em relação a população negra no período, é possível compreender uma dualidade neste processo, por um lado, pessoas negras que foram escravizadas estavam livres das condições desumanas estabelecidas por um sistema escravocrata, porém, a contraponto, a nova forma de governo brasileiro, a República, não assegurou esta população com políticas públicas, medidas que possibilitassem a inserção com dignidade, na nova estrutura econômica social. O racismo, a desigualdade que atingiu o corpo negro durante o processo de escravização, posteriormente com a proclamação da República se caracteriza como um marco nas estruturas sociais do Brasil.

Com isso, compreendemos que a lei 10.639 instituída em 2003, não foi um privilégio estabelecido por um governo, mas o resultado de grandes lutas, e resistências. Pensando a partir desta contextualização as temáticas trabalhadas em sala de aula, que por muito tempo estavam vinculadas a visões eurocêntricas e estereotipadas merecem agora uma problematização em destaque.

Entende-se a emergência em pensar a efetivação concreta de políticas afirmativas, pois, conforme Janz (2016), a história da África ocupou espaço relativamente pequeno nos currículos escolares brasileiros, e devido a este fato ocorre a necessidade em pensar a efetivação plena da legislação, para suprir as lacunas que estão presentes sobre a temática, não só pensando no reconhecimento e valorização da cultura africana e afro-brasileira e o combate a sua invisibilidade e deturpação, “mas também ao brancos que foram cegados por uma ideologia perpetuada pelo mito da democracia racial”, (JANZ, 2016, p.60).

Segunda Munanga (2010), no Brasil, é possível compreender a pluralidade cultural e sua importância a ser discutida nos âmbitos escolares, visto que, o Brasil é um grande exemplo de um país que nasceu da diversidade cultural, os povos europeus e suas diversas identidades e origens étnicas, os povos indígenas e sua multiplicidade cultural,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

povos africanos e sua grande diversidade, os povos orientais de diferentes origens. Ou seja, a formação da identidade, ou melhor, das identidades plurais do povo brasileiro tem raízes profundas, e é através de um Ensino de História atento a estas diversidades, que aborde e problematize estas diferenças que os estudantes devem ter contato, rompendo com narrativas voltadas apenas para o continente europeu, e privilegiando grupos e poderes políticos.

Em face do exposto cabe ressaltar a importância da estruturação das políticas públicas a respeito da abordagem de tais temas. A questão da História da África e da cultura afrobrasileira, como mencionado anteriormente são questões centrais na presente discussão, que visa abordar a importância de pensar o estudante como figura central no espaço escolar.

O respeito as diferenças são fundamentais na discussão sobre História da África. Mesmo com pontos extremamente positivos em relação a construção das narrativas sobre o assunto, ainda se faz necessária novas abordagens e problematizações no que tange a temática. Sobanski (2008), problematiza a forma que os estudantes e professores compreendem a importância da História da África, pensando também as concepções que eles (as) têm a respeito do continente frente a implementação da lei 10639/2003. E, diante da nossa formação digamos que eurocêntrica a respeito do ensino de História, a autora aponta:

Em nossa formação nos cursos de História, acabamos nos tornando produto caracterizado por uma educação eurocêntrica, vinculada a uma divisão tradicional da História dita Universal. Seguindo a direção da maioria, ou seja, o inevitável desfecho que leva à realidade escolar, o professor acaba reproduzindo consciente ou inconscientemente uma razão única e verdadeira que moldou sua cognição histórica e que, provavelmente, moldará o resultado das relações entre professores e alunos pelas aulas de História afora, (SOBANSKI, 2008, p. 11).

A partir dessa afirmação, torna-se possível a compressão a respeito de pensar o estudante no espaço escolar, como figura central no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Sobanski (2008), praticamente grande parte dos estudantes brasileiros investigados apresentam ideias e representações prévias sobre a África, porém, esse conhecimento sobre o continente da multiplicidade cultural não é científico, mas sim baseado em senso comum. Oliva (2009), em seu trabalho sobre materiais didáticos desenvolveu a análise dos Livros Didáticos para o Ensino Fundamental, detalhando questões importantes a respeito da análise da narrativa sobre a África nos materiais. O autor elenca em primeiro momento a problemática a respeito da quantidade de páginas destinada a esta temática no livro didático, concluindo que grande parte dos livros traz um conteúdo limitado sobre o tema e em comparação a outras sociedades, como por exemplo as europeias, onde o conteúdo é vasto. A partir deste primeiro ponto que Oliva (2009), destaca, é possível compreender a importância desta temática em nível quantitativo desenvolvida nos livros didáticos, sempre analisando e problematizando para evitar uma aprendizagem que reforce silenciamentos sobre África.

Como exposto, a aprovação da lei gerou grandes mudanças no Ensino de História no Brasil, e não pode ser reduzida a eminência de um governo recém chegado no período,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

não que este não tenha sua importância, mas sim de uma luta, uma historicidade com raízes profundas na história brasileira, que, mesmo com todos os problemas, desigualdades, genocídio, e epistemicídio, vem se estruturando e garantindo a necessidade de pensar a história africana e afro-brasileira, porém, pensar essa temática de modo desprendido de um sistema imperial de ensino.

3. Representação e Didática da História: apontamentos teóricos e metodológicos

Para o desenvolvimento do artigo, em primeiro momento foi selecionada uma escola pública vinculada ao Núcleo Regional de Guarapuava-PR. Para a aplicação do questionário, foi selecionada uma turma de 9º Ano do Ensino Fundamental com aproximadamente trinta alunos/as. De acordo com Diretrizes curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana (2004), as turmas de 9º Anos que estão no final do Ensino Fundamental em algum momento da sua trajetória escolar já discutiram temáticas relacionadas ao continente africano. A partir disso os estudantes do 9º Ano já tem percepções e representações sobre o continente africano, o que viabiliza a aplicação e análise das respostas. O terceiro momento da pesquisa foi a elaboração dos questionários. Foi elaborado um questionário com treze questões, abertas e fechadas.

Para discutirmos tais representações sobre a África, foi utilizado o conceito de representação discutido e problematizado pelo historiador Roger Chartier, e através deste conceito entender as percepções/representações destes estudantes a partir de suas respostas sobre o continente africano.

Chartier discute o conceito em seu livro “História Cultural entre práticas e representações” (2002), e também em seu texto “O mundo como representação” (1991). É neste ponto que se busca analisar as questões propostas aos estudantes, problematizar as representações de África em suas respostas, e conseqüentemente sua relação com a temática.

Representação segundo Chartier (2002), tem como objetivo identificar o modo como em diferentes espaços e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler. Ou seja, trabalhar com as representações do social é entender que não se trata de discursos neutros. As narrativas são produzidas a partir de estratégias e práticas sociais, escolares e também políticas.

As representações que os estudantes possuem e vão construindo ao longo de sua trajetória de vida e escolar, não estão ligadas somente ao ambiente escolar. Neste caso, as ideias que eles/as possuem sobre África e cultura afro-brasileira não são restritas apenas às aulas de história na escola, é possível que esta temática esteja presente em sua vida prática. Programas de televisão, sites, redes sociais, internet em geral, revistas, monumentos pela cidade, exposições, etc. É possível elencar inúmeros ambientes onde estes estudantes podem ter contato com a temática.

É neste ponto que podemos estabelecer um diálogo com a Didática da História, uma perspectiva que surge na Alemanha, porém sua utilização vem se desenvolvendo no Brasil nos últimos anos, e em certos momentos adquirindo um caráter teórico e metodológico próprio. Segundo Bergmann (1990) pensar e refletir sobre história a partir



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

de preocupações da Didática da História, é pensar sobre o seu ensino, onde o autor define como tarefa empírica da Didática da História, o que pode ser apreendido, que segundo o mesmo é uma tarefa de reflexão da Didática, e o que deveria ser apreendido, uma tarefa normativa da Didática da História. Portanto a Didática da História nos proporciona uma reflexão que vai além do ensino de história, ou seja, pode-se pensar sobre quais representações estes estudantes possuem sobre história africana e afro-brasileira para além do ambiente escolar, pois, como mencionado, eles/as podem ter contato com a temática em vários lugares, que não seja somente as aulas de história. Rüsen aponta:

A didática da história agora analisa todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar. (RÜSEN, 2006, p.12).

Diante das preocupações da Didática da História, é possível levantar questões e problematizações que vão além do Ensino de História. Pensar o continente africano, sua imagem presente ao objeto ausente, ou seja, suas representações para além das aulas de história se faz uma tarefa necessária com quase vinte anos da promulgação da lei 10.639.

4. Mudanças e permanências: Representações sobre história africana e afro-brasileira

“Um continente muito populoso, com vários povos e pessoas carentes”

Iniciamos este tópico com uma resposta presente no questionário respondido pelos estudantes, mas antes de nos aprofundarmos nas questões em si, cabe mencionar que o questionário possui treze questões, onde cinco questões estão presentes nesta discussão. O questionário foi respondido por vinte e dois estudantes de uma escola pública vinculada ao Núcleo regional de Guarapuava-Pr, contando com nove meninos e treze meninas, ao qual treze se autodeclararam brancos, sete pardos e dois amarelos, pertencente ao 9º Ano do Ensino Fundamental.

Retornando a resposta inicial, a questão a que se refere é a questão 1 do questionário:

- Quando falamos em África, quais palavra vêm a sua cabeça?

Todos/as os participantes da pesquisa responderam esta questão, onde a maioria mencionou em suas respostas algo parecido com o exposto acima. Quando questionados/as sobre o que vêm a sua cabeça quando falamos em África, grande parte dos estudantes mencionou: florestas, animais, pobreza, africanos, mata, seca, e fome. Estas foram as respostas mais frequente a esta pergunta. E Duas respostas trazem o continente como um país populoso.

É perceptível que diante destas respostas pode-se observar que grande parte dos estudantes participantes da pesquisa ainda associam o continente africano a imagem que nos últimos anos o Ensino de História da África vem questionando. O conhecimento geral



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

sobre o continente da multiplicidade cultural presente na turma em questão, que já tem praticamente nove anos de trajetória escolar, e que está inserida na obrigatoriedade da abordagem da temática no Brasil ainda se prende a estereótipos sobre o continente. Problematicar estas respostas nos remete a reflexão posto no início deste artigo, onde ainda há grandes marcas no Ensino de História do modelo imperial de se ensinar história. É problemático reduzir o continente aos seus problemas sociais, políticos e econômicos, é certo que tais problemas estão presentes no continente, porém, não se reduzem a ele.

A segunda questão respondida pelos estudante e utilizada neste artigo foi a questão 2:

- Nesta questão você pode marcar uma ou mais que uma alternativa.
- Em quais lugares você já viu, ou ouviu falar sobre África? I. Na escola.
- II. Em casa ou fora da escola.
- III. Na televisão, em um programa de Tv, filme, documentário ou desenho.
- IV. Na internet.
- V. Outros (escreva abaixo).

Nesta questão todos/as os estudantes responderam, a mais rselecionada foi a alternativa “I Na escola” em seguida a alternativa “III Na televisão, em um programa de Tv, Filme, documentário ou desenho” e em terceiro lugar “IV Na internet”, e as demais respostas, foram alternando ao longo da análise do questionário.

É possível percebermos que grande parte dos estudante estudaram sobre a temática na escola, visto que a maioria das respostas aponta isso, porém, não ficou restrita a escola, como mostra a segunda alternativa marcada. Podemos compreender como a história está presente na vida prática dos estudantes, estas temáticas não estão presas a escola, e seguindo as preocupações da Didática da História, a história africana está para além do Ensino de História, o conhecimento histórico está na vida pratica e cotidiana dos sujeitos (RÜSEN, 2006, p. 12).

A questão seguinte é referente aos povos do continente africano, questão 3:

- Quais povos do continente africano você conhece?

Nesta questão onze estudantes responderam que não conhecem ou não lembram, as outras onze respostas se intercalaram: entre indígenas, seguindo de escravos e quilombolas.

As duas últimas questões respondidas e utilizadas neste artigo foram as questões 11 e 12:

- Você conhece ou já ouviu falar sobre a lei 10.639/2003?

- a) Sim
- b) Não

- No Brasil foi sancionada em 2003, a lei 10.639 que torna obrigatório o ensino de história africana e afro-brasileira em todas as escolas nacionais. Referente a lei mencionada, selecione a alternativa que expressa, ou, se aproxima da sua opinião.

a) A lei 10.639/2003 não tem importância, pois, reconhece e valoriza apenas as culturas africanas e afro-brasileiras, assim deixando de lado as outras culturas.

b) A lei não tem benefícios para a educação no Brasil, pois, vivemos em outro continente, o americano, e não no continente africano.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

c) A lei ressalta a importância em estudar a história da África e suas diferentes culturas.

d) A lei ressalta a importância em estudar a história da África e a cultura afro-brasileira em suas mais diversas manifestações.

e) Não sei.

A maioria dos estudantes afirmou que não conhece a lei, porém, reconhece a sua importância, sendo a letra “c” a mais assinalada.

Podemos observar a partir das questões trabalhadas e análises iniciais levantadas, que mesmo com praticamente vinte anos após a promulgação da lei 10.639/2003 ainda está presente nessa turma uma visão que esteve presente durante muito tempo na escola e na sociedade sobre África e sua relação com o Brasil. Apesar dos estudantes reconhecerem a importância em se trabalhar com essa temática, os mesmos sabem muito pouco sobre ela, ou até mesmo há desconhecem por completo.

5. Considerações finais

A partir do exposto acima, foi possível problematizarmos que mesmo com os avanços no Ensino de História no Brasil, se distanciando de uma perspectiva eurocêntrica ainda encontramos grandes lacunas em certas temáticas. Mesmo com praticamente vinte anos após a promulgação da legislação supracitada, onde os currículos se reorganizaram em todos os níveis educacionais, do Ensino Fundamental ao Ensino Superior ainda se fazem presentes visões e representações ligadas a este modelo de ensino. Com isso, o trabalho docente se faz ainda mais necessário, novas posturas teóricas e metodológicas que já se encontram presentes, necessitam se tornar cotidianas, sempre visando a desconstrução e problematização de visões construídas lacunarmente nos estudantes.

Referências

BERGMANN, Klaus. A história na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 29-42, 1990.

BRASIL, *Diretrizes curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e Africana*, Brasília, 2004

CAIMI, F. E. História Escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende?. In: ROCHA, H. A.B., MAGALHÃES, M. S., GONTIJO, R. (Org.). *A escrita da História escolar: Memória e Historiografia*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CHARTIER, R. *A História Cultural entre práticas e representações*. Portugal: DIFEL, 2002.

_____. O mundo como Representação. In *Estudos avançados*. São Paulo, v.5, n.11, p. 137 jan/abr. 1991.

GAMA, E. L. Lei 10.639/03 e as disputas de memória no ensino de história escolar. In: PRIORI, A; SILVA, A. L; BOLONHEZI, C. S. S. (Org). *Ensino de História, diversidade e educação antirracista*. 1. Ed. Curitiba: Brazil publishing, 2020.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

JANZ, R. *Lei 10.639/2003: o que os alunos do 1º ano do ensino médio sabem sobre história africana e afro-brasileira?* 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) Ponta Grossa, 2018. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

MISTURA, L; CAIMI, F. E. O Ensino de História no Brasil e seus pesquisadores: breves notas sobre uma herança de tensões e proposições. *Escritas do Tempo*, v.2. n.5.p.92-116. Jul/Out. 2020.

PEREIRA, N. D. *A trajetória histórica dos negros brasileiros: da escravidão a aplicação da lei 10.639 no espaço escolar*. Curitiba: UFPR, 2015, Monografia (especialização).
MUNANGA, K. Educação e diversidade cultural. *Cadernos Penesb*, Niterói, n. 10, p. 3854, 2010.

OLIVA, A. R. Lições sobre a África: Abordagens da história africana nos Livros didáticos brasileiros. *Revista de história* 161. (2º semestre de 2009) p. 213-244.

SOBANSKI, A. Q. *Como os professores e jovens estudantes do Brasil e de Portugal se relacionam com a ideia de África*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação, da Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Ensino, Setor de Educação) Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

RÜSEN, J. DIDÁTICA DA HISTÓRIA: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*, v.1. n. 2. p. 07. Jul./Dez. Ponta Grossa, 2006.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

PEDAGOGIA SOCIAL NO BRASIL: ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES DO JORNAL “O PAIZ” EM 1917

OLIVEIRA, Gabriel Henrique Divardim de¹

¹Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação e do curso Bacharelado em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Trecho da pesquisa de dissertação desenvolvida no âmbito da História da Educação, investigação com base em fontes da imprensa escrita nas décadas iniciais do século XX, sobre o debate da Pedagogia Social no Brasil naquele período. Com referenciais da sociologia e da história cultural, tais como o conceito de “circulação” de Bourdieu (2002) e “representações” de Chartier (1990), pesquisa-se debates e enunciações realizadas em jornais brasileiros no começo do século XX em busca de conceitualizações, sistematizações e críticas sobre a Pedagogia Social. Buscando ampliar as contribuições sobre uma historiografia da Pedagogia Social, pretende-se responder ao seguinte problema: Como e que representações de Pedagogia Social circularam na imprensa brasileira das primeiras décadas do século XX?

1. O conceito da Pedagogia Social e as lacunas de sua historiografia

A Pedagogia Social enquanto conceito específico, surge na Alemanha no final do Século XIX, em um contexto de pós-guerra e Revolução Industrial que gerava além da industrialização e da urbanização, desigualdade social e outros problemas.

O conceito de "Pedagogia Social" usado pela primeira vez em 1850 pelo pedagogo alemão Diesterweg, na obra “Bibliografia para a Formação dos Mestres Alemães”, apresentou-se desvinculado de enfoque científico e pedagógico e foi quase ignorado na época. Observa-se que o termo Pedagogia Social já havia sido utilizado por Magwer em 1844, na "Pädagogische Revue", uma publicação alemã, segundo Feroso (1994) A primeira obra que sistematiza a Pedagogia Social é publicada em 1898, escrita por Paul Natorp, filósofo neokantiano, e intitula-se “Pedagogia Social. Teoria da educação e da vontade sobre a base da comunidade”. (MACHADO, Evelcy, 2008, p. 2)

Paul Natorp sistematiza então o conceito de Pedagogia Social como parte da Pedagogia, suprimindo qualquer teor individualista, direcionando-a às relações sociais do indivíduo em comunidade. Evelcy M. Machado (2008, p. 3). Além desta sistematização, um colega de Natorp, o pedagogo Hermann Nohl identificou questões específicas da Pedagogia Social diferenciando-a da perspectiva escolar. Erico R. Machado (2010, p.143). A Pedagogia Social voltava-se aos problemas da sociedade alemã daquele tempo, com foco em grupos marginalizados, por exemplo a infância abandonada e a juventude considerada delinquente, pensando possibilidades que envolvessem as relações entre indivíduo e comunidade, para além da escolarização.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Los tratadistas alemanes vinculan la aparición de la pedagogía social a la existencia de la sociedad industrial, em el sentido de que ésta ha provocado un acúmulo de problemas humanos colectivos [...] que desestructuran la vida humana y que, precisamente, son los que se propone resolver la educación social. (CABANAS, 1997, p.77)

Os problemas ampliados pelo capitalismo e pela urbanização abrupta na Alemanha, como a desigualdade econômica, péssimas condições de trabalho e a fome, foram o incentivo necessário para que novas teorias surgissem. Um dos cofundadores da Escola neokantiana de Marburgo, da Universidade de Marburgo, na Alemanha, Paul Natorp publica em 1898 o livro **“Pedagogia Social: teoria da educação e da vontade sobre a base da comunidade”** onde demarcava que sua teoria não se referia às formas tradicionais de educação, nem à educação do indivíduo isolado mas sim ao homem que vive em comunidade. (MACHADO, 2010, p.37).

No Brasil, a terminologia da Pedagogia Social teria sido usada no começo do século XX, com um significado atrelado à uma Educação Popular diferente da atual:

As terminologias Educação Popular e Pedagogia Social aparecem no cenário educacional brasileiro de uma maneira diferente de como são concebidas atualmente. No caso da Educação Popular, que nos dias de hoje é relacionada a práticas educativas em diferentes espaços além da escola, antigamente era relacionada à democratização da oferta de ensino escolar para toda a população, e a Pedagogia Social seria a pedagogia escolar que deveria subsidiar esse processo de escolarização. Desta maneira, assim como na Alemanha, a terminologia surgiu com diferentes perspectivas do que as atuais. (MACHADO, Erico R., 2010, p. 96)

Poderíamos então concluir que a conceitualização de Natorp, não dava significado à terminologia presente no Brasil no começo do século XX. Com as influências destes dois autores em nossa atualidade, a tentativa de vinculação entre a Pedagogia Social teorizada com o uso da terminologia naquele tempo, poderia incorrer no equívoco do anacronismo.

Nessa tentativa de comparação, também é possível verificar que é somente no início do século XXI que, pela primeira vez, se identifica no Brasil esta perspectiva de Pedagogia Social relacionada aos processos de educação em diferentes contextos atrelados aos vários grupos sociais e culturais, em que se busca a profissionalização dos muitos educadores que atuam nesses espaços. Diferente do processo ocorrido na Alemanha, em que a busca desse entendimento começou há mais ou menos um século, no Brasil, essas discussões possuem menos de uma década. (MACHADO, Erico R., 2010, p. 144)

Investigando as representações que envolveram conceitos e práticas da Pedagogia Social, para contribuir com a historiografia da Pedagogia Social no Brasil é de suma importância o “questionamento dos sistemas de interrogação.” evitando incorrer ao equívoco do anacronismo.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

os historiadores são certamente os mais inclinados a ceder ao anacronismo, porque, seja para aparecerem modernos ou tornarem seus trabalhos mais interessantes, seja por negligência, hão de empregar palavras atualmente em curso para falar de realidades nas quais essas palavras não eram usadas ou, então, tinham um outro sentido;” (BOURDIEU; 2011a, p. 23)

Nesse sentido, com o objetivo de identificar as condições de circulação das teorias da Pedagogia Social no Brasil, nas décadas iniciais do século XX, a partir de fontes jornalísticas, o referencial teórico segue o uso do conceito de “representações” de Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] (CHARTIER, 1990, p. 17)

A partir da luta de representações, a construção da experiência histórica é dada tanto pelos que produzem quanto pelos que recebem as representações.

não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 1990, p. 17)

A pesquisa documental está sendo feita digitalmente, a partir da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com inúmeras possibilidades de pesquisa, acessibilidade e arquivo amplo.

Nesse sentido, por fazer parte de uma comunidade de conhecedores especializados, o rastreador de histórias em jornais nunca se sentirá totalmente livre para criar arbitrariamente o sentido de uma cadeia de fatos. Ele sabe que não estará nunca sozinho, podendo ser facilmente desmentido por um testemunho ou interlocutor qualquer, até porque, ao indicar as páginas de onde retirou as notícias que alimentam, empiricamente, a sua análise, estará também abrindo-as para outras pessoas e pesquisadores interessados naquele assunto ou a eles relacionados. Assim, a própria fonte eleita como primordial terá o papel involuntário de garantir e, simultaneamente, fiscalizar os excessos que a interpretação feita pelo pesquisador venha a cometer. (CAVALCANTE, p.7)

Na reflexão sobre a história das e por meio das fontes impressas, Luca (2005, p.142) afirma que não há procedimento padrão que dê conta da amplitude de possibilidades da pesquisa em jornais. No decorrer da presente pesquisa, a investigação na imprensa selecionada se deu a partir de alguns pressupostos: a análise da realidade das representações e das representações da realidade de cada publicação, a busca pelos sujeitos sociais envolvidos e suas posições no mundo social. Por exemplo, quem, como e



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

por que publicou? São questões que buscou-se responder conforme o contato com as fontes.

2. “O Paiz” (RJ), Pedagogia Social e a crítica à Weltpolitik alemã

O jornal “O Paiz”, fundado em 1884 sobreviveu até a década de 1930. Com pautas importantes como a defesa da abolição da escravatura, os intelectuais que nele escreviam defendiam os ideais de república e modernidade. Seu discurso intelectual era acessado pela pequena e elitista parcela letrada da população, o jornal tinha origem no comércio e defendia tais interesses comerciais ligados a ideia de modernização. Intitulava-se como “Jornal independente, político, literário e noticioso”. Vendido avulso ou por assinatura.

O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público caracterizaram a imprensa brasileira de grande parte do século XIX, que, é bom lembrar, contava com contingente diminuto de leitores de leitores, tendo em vista as altíssimas taxas de analfabetismo. Os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas. (LUCA, 2006, p.133-134).

Figura 1 – Recorte da edição 11937 (1), de 1917, “O Paiz” (RJ).



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Marcado pelo situacionismo, apoiando e sendo apoiado pelos presidentes nas primeiras décadas da república, em 1917 o jornal “O Paiz” criticava o imperialismo alemão e a guerra que estava em andamento (Primeira Guerra Mundial, 1914-1918).

Tendo como proprietário o empresário João José dos Reis Júnior, conde de São Salvador de Matosinhos, e primeiro redator-chefe Rui Barbosa, o jornal logo ostentaria o slogan: “O Paiz é a folha de maior tiragem e de maior circulação na América Latina”. (SILVA, 2017)

Na segunda página da edição de 13 de junho de 1917 do jornal “O Paiz” (RJ), encontra-se a primeira aparição do termo Pedagogia Social com referência à Paul Natorp, no Brasil, em um texto intelectual e jornalístico. Uma “nova ciência social”, como podemos encontrar em um trecho de um texto de representação, em conjunto com a crítica ao imperialismo alemão e assim, uma crítica ao contexto de produção da teoria.

Figura 2 - Recorte da edição 11937 (1), de 1917, “O Paiz” (RJ).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

No trecho, em meio a exemplos, elogios e críticas sobre a produção intelectual alemã daqueles anos, C. da Veiga Lima cita brevemente em meio ao assunto principal do texto: “[...] Por ultimo, os recentes estudos de Paul Natorp, sobre a nova sciencia politica: a pedagogia social... [...]” Transcrição da imagem a seguir:

Figura 3 – Recorte da edição 11937 (1), de 1917, “O Paiz” (RJ).

lores. Por último, os recentes estudos de Paul Natorp, sobre a nova sciencia politica: a pedagogia social... E a ironia con-

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Uma vez que a produção teórica da Pedagogia Social se deu na Alemanha, a partir de necessidades em situações pós-guerra, as representações contidas na edição do jornal, são uma oportunidade para a contextualização e problematização de fatores que encadearam as duas grandes guerras mundiais: o nacionalismo, o imperialismo e o capitalismo. Um país consideravelmente recente, a Alemanha foi unificada em 1871 após inúmeras guerras, como exemplo com a Dinamarca, Áustria, França, além de conflitos internos. Otto Von Bismarck, imperador e chanceler alemão de 1871 a 1890, principal líder da unificação, tratou de resolver os conflitos internos em busca de coesão nacional. Levando as ideias de uma elite letrada por meio da interferência na educação pública e particular, uso de jornais, revistas e livros, o patriotismo e os valores militares foram impostos de cima para baixo, do Estado e da burguesia para as camadas populares. Com a ferramenta do nacionalismo, Bismarck buscava a transformação do interesse do Estado em interesse dos cidadãos, apelando para mitos de origem e outros símbolos que formassem pilares da ideia de nação alemã.

Vale ressaltar que tal coesão nacional não significa unanimidade política, mas simplesmente um sentimento de pertencimento a um determinado país, uma identificação sociocultural proporcionada pela língua, pela educação, pela cultura e pelo Estado, responsável por desenvolver a força-motriz necessária para que a população ultrapasse obstáculos e diferenças regionais, políticas, étnicas e/ou econômicas de forma a se mobilizar em prol de um objetivo mais amplo e de cunho nacional. (STARLING, 2021, p.273)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Assim se deu o desenvolvimento da Realpolitik, política externa que evitava conflitos internacionais. No período seguinte, Guilherme II como imperador da Alemanha, de 1888 até 1918, buscou reposicionar o Estado alemão no cenário internacional. Aproveitando-se do projeto nacionalista de Bismarck, Guilherme II desenvolveu a Weltpolitik, política agressiva e expansionista que introduziu a Alemanha mesmo que tardiamente, na corrida imperialista e colonial.

No período Guilhermino, o nacionalismo alcançou camadas mais populares e o uso das escolas e das instituições militares, tornava a cultura alemã militarizada e patriótica. Diferente do atual contexto brasileiro, em que o setor militar deveria garantir os poderes constitucionais, na Alemanha de Guilherme II as forças armadas respondiam diretamente ao imperador. A busca pela legitimação da Weltpolitik se apoiava em ideologias racistas e xenofóbicas, colocando o povo alemão como eleito para levar a “civilização” para o resto do mundo, sendo um dos slogans “Deutschland uber Alles” (a Alemanha acima de todos).

É a partir dessa política agressiva, assentada em um nacionalismo militarizado, racista e xenofóbico, que a Alemanha se encaminhou para os conflitos militares que culminaram na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Publicado em 1917, o texto do jornal “O Paiz” criticava a Weltpolitik e a tentativa alemã de fundamentar bases para seu imperialismo. Segue a transcrição de alguns trechos:

As falsas razões básicas do imperialismo alemão

NOTA PRÉVIA

Filiado ao instinto de moralidade, que é a relação universal, com a consciência do momento político, temos o problema da guerra, como a condição primordial da crítica dos fundamentos do pensamento germanico, em relação á cultura philosophica, em particular, da corrente vencedora do imperialismo. [...] Não houve ainda na historia desastre maior do que a de Weltpolitik... Aceitaram os allemães completamente os dogmas do pensamento, traduzidos paradoxalmente, de forma pragmaticas. (Edição 11937 (1), “O Paiz” / Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira)

O padrão de sentimento nacionalista da Alemanha desde Bismarck, mas principalmente no período de Guilherme II buscava fundamento na diferenciação do outro, com conotação racista e xenofóbica. Com o uso pseudo-científico da teoria da evolução de Charles Darwin, a Weltpolitik alemã era executada com caráter eugenista e racista, buscando levar a “civilização” e eliminar as “impurezas” estrangeiras. Em prol da “exploração econômica e a manutenção e/ou conquista do seu status de potência imperial.” (Starling, 2021, p.281).

Insistiram na supremacia do dolicocephalo louro e o procuraram no fundamento anthropologico o conceito da raça eleita... [...] Fundaram em toda Allemanha as Gobineau-Vereinigung, sociedade destinada a publicar, recommendar e traduzir as idéas de Gobineau. Um de seus maiores admiradores é Houston Stemart Chamberlain, o autor dos “fundamentos do século dezenove”. O que Gobineau defendia era a doutrina da desigualdade, a afirmação da desigualdade como lei da natureza. Em virtude desta lei da natureza, ha um povo superior a todos os outros povos... No caso concreto do imperialismo allemão ha a considerar os lineamentos do grande systema da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

organização nacional sobre a base econômica e a grande intensidade da vida intelectual em que elle se fundamenta. Podemos chamar um imperialismo armado, arrogante, de cálculo definitivo. [...]. Está extinta a ação regeneradora da raça eleita... Vimos, superficialmente, as falsas razões básicas do imperialismo germanico. Exploraram o gobinismo, o darwinismo e o misticismo profundo da raça... Rio, abril de 1917 - C. DA VEIGA LIMA. (Edição 11937 (1), "O Paiz" / Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira)

No trecho transcrito acima, percebe-se a criação das "Gobineau-Verenigung" que seriam grupos de divulgação, tradução e publicação das ideias do Conde Gobineau. Teórico do racismo pseudo-científico, Conde de Gobineau (1816-1882) foi amigo do imperador Dom Pedro II e chegou a proferir um prognóstico aos brasileiros: raça qual seria extinta em 200 anos por causa de sua miscigenação. (SOUSA, 2013). Sua principal obra, "Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas", era uma das ditas pelo jornal, "falsas razões" do imperialismo e da execução da Weltpolitik alemã. Os grupos de divulgação das teorias racistas, faziam coro com outros grupos nacionalistas da burguesia letrada alemã. Tais grupos, com dezenas de milhares de membros, existiam desde Bismarck mas haviam aumentado significativamente no período guilhermino, pressionando politicamente a Alemanha em prol da ofensiva imperialista.

A partir disso, analisar a primeira citação da Pedagogia Social de Natorp em representações jornalísticas no Brasil, datada de 1917, pode ser um impulso para a reflexão sobre problemas atuais do Brasil e do mundo, além dos interesses envolvidos no processo de circulação da Pedagogia Social.

3. Considerações finais

A reflexão crítica amparada pela historiografia pode contribuir para a compreensão do presente, não com tentativas de comparação e erros anacrônicos, mas como um dos pressupostos para a análise rigorosa dos processos históricos e suas implicações atuais. Desde a reflexão sobre as origens do slogan "Brasil acima de todos", da campanha que elegeu Jair Messias Bolsonaro presidente, em 2018, até o subsequente aumento de grupos neonazistas em 270% no território brasileiro, identificado nas pesquisas da antropóloga Adriana Dias que "afirma que há 530 núcleos extremistas no país, reunindo até 10 mil pessoas." (FANTÁSTICO, 2022).

Em termos geopolíticos, a historiografia pode contribuir na reflexão sobre a guerra em curso da invasão da Rússia na Ucrânia, os problemas relacionados ao nacionalismo e ao imperialismo nos dois territórios e a defesa de setores da extrema direita brasileira da "ucranização do Brasil", sendo a Ucrânia um país com grande presença de grupos paramilitares neonazistas, que praticam racismo e violência étnica há vários anos. Nesse sentido, sobre as manifestações de apoiadores do governo brasileiro em 2021, identificaram-se bandeiras hasteadas de cor rubro-negra:

Essas últimas passaram a ser utilizadas pelo grupo Правий сектор, cuja transliteração é Pravyi Sektor (Setor Direito). Nascido como um movimento de extrema-direita paramilitar em novembro de 2013 durante as manifestações



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

conhecidas como Euromaidan, o Pravyi Sektor tornou-se um partido político na Ucrânia em 2014. (PORTAL; JÚNIOR; 2021)

No ano de 2022, no Brasil encontramos uma conjuntura política marcada pelo governo que se afirma nacionalista, inspirando-se no passado alemão e no presente ucraniano. A pandemia de covid-19 e a política de negacionismo científico teve inúmeras consequências, como exemplo as milhares de crianças orfãs, que mesmo em número desatualizado, passou das cem mil.

A vulnerabilidade social e econômica afetou grande número de crianças e adolescentes, tornando-se símbolo de uma pandemia que vem marcando drástica e irreversivelmente uma geração de brasileiros. Segundo estimativas, mais de 113 mil menores de idade brasileiros perderam o pai, a mãe ou ambos para a Covid-19 entre março de 2020 e abril de 2021. Se consideradas as crianças e adolescentes que tinham como principal cuidador os avós/avôs, esse número salta para 130 mil no país. (Conselho Nacional de Saúde, 2021)

Tais crianças, poderão ser responsabilidade de educadoras e educadores sociais, com suas práticas fundamentadas ou não, nas teorias da Pedagogia Social. A historiografia da Pedagogia Social pode fazer parte de um processo em busca da cientificização e estruturação da área no Brasil. É necessária a luta pela profissionalização da educação social, também a busca pela fundamentação teórica, elevando as práticas educativas sociais a um nível de reconhecimento expressivo. Ampliar o conhecimento historiográfico da área pode também ser uma forma de resistência contra as mazelas do nacionalismo e da guerra, defendendo a ciência e a dignidade humana.

Referências:

- BOURDIEU, P. *As condições sociais de circulação internacional das ideias*. Tradução de Fernanda Abreu. Enfoques, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 6-17, 2002.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996
- BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- CALIMAN, Geraldo. Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador. *Revista de Ciências da Educação*, UNISAL, Americana/SP, n. 23, p.341368, 2010.
- CAVALCANTE, M. J. M. O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2002. Faced/UFC, ANAIS... 2002
- CHARTIER, R. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.5, n.11, p.173-191. 1991.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

CHARTIER, R. *A história ou a leitura do tempo*. Autêntica Editora. Belo Horizonte, 2017.

Conselho Nacional de Saúde. *Órfãos da Covid-19: mais de 113 mil menores de idade perderam os pais na pandemia, denuncia relatório do CNS e CNDH*. Terça, 07 de Dezembro de 2021. Acesso em: setembro de 2022.

Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos. FANTÁSTICO, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem270percent-> Acesso em: setembro de 2022.

KIM, A, "Paul Natorp", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Edward N. Zalta (ed.), 2021.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, Evelcy. A pedagogia social: diálogos e fronteiras com a Educação Nãoformal e Educação Sócio-comunitária. *Revista de Ciências da Educação*, 99-122. 2008.

MACHADO, E. R. *A constituição da Pedagogia Social na realidade educacional brasileira*. Florianópolis, 2010, 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

NATORP, P. *Pedagogia Social: teoria de la educación de la voluntad*. Madri: La Lectura, 1913.

PETRUS, Antonio. (org.). *Pedagogia Social*. Espanha: Ariel, 1997.

PORTAL J.; JÚNIOR L. "CHEGOU A HORA DE UCRANIZAR!": USOS DO PASSADO E NACIONALISMO NAS MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS EM DEFESA DE JAIR BOLSONARO. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 269-289, maio/ago. 2021.

SILVA, G. C. *Jornal O Paíz – intelectualidade e sociabilidade: formação de opinião, produção e circulação de ideias na constituição das elites brasileiras no oitocentos*. XXIX *Simpósio Nacional de História: Contra os preconceitos: História e Democracia*. Arquivo, 2017.

SOUSA, R. A. S. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 21-34, jan-jun, 2013.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

SUBJETIVIDADES AMBIENTAIS DE MIGRANTES MINEIROS NO NORTE DO PARANÁ (1940-1960)

GONÇALVES, Isabelle Muraro¹; LAVERDI, Robson²

¹Mestranda em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG);

²Orientador. Doutor, professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Este trabalho propõe-se a apresentar parte do 3º capítulo da dissertação “Vozes da migração mineira em Siqueira Campos/PR: memórias e histórias (1940-1960)”. Nele se desenvolve a discussão sobre as subjetividades ambientais apreendidas nas entrevistas com os sujeitos que efetuaram a migração rural-rural de Minas Gerais para o Paraná entre as décadas de 1940 e 1960. Essa perspectiva de análise é resultado das discussões desenvolvidas no núcleo de pesquisa “Memória, cultura e natureza”, pois analisa a produção social das narrativas dos entrevistados em interação com a natureza, e pretende contribuir com o debate trazendo esses sujeitos, camponeses mineiros no Norte do Paraná entre as décadas de 1940-1960, e suas percepções ambientais construídas nesse espaço em transformação, ao eixo da discussão.

A centralidade desses sujeitos para a pesquisa pôde ser acessada pela utilização da metodologia da história oral, que deu condições para que os entrevistados narrassem as suas subjetividades enquanto sujeitos em trânsito e num ambiente rural em franca modificação e como esse contexto produziu sentido para eles. O texto também visa ampliar à sociedade a projeção de quem são os migrantes mineiros no Norte do Paraná, já que não se amoldam necessariamente à uma memória coletiva e historiografia muito atreladas a definições. Para aproximar o leitor dos entrevistados, buscou-se manter a oralidade na escrita.

Para abordar essa subjetividade ambiental, vale-se da proposta pensada por Guattari, para quem a subjetividade “é o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas, estejam em posição de emergir como *território existencial*, auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (GUATTARI, 2006, p. 19, *grifo do autor*). Essa subjetividade se demonstra num modo de existir/ser/sentir/viver no mundo e de se relacionar com ele.

A relação dos sujeitos com o meio tanto é produtora de subjetividades quanto a produz. Ao relacionar-se com o ambiente, o sujeito o experiencia: de alguma maneira constrói a sua realidade naquele mundo material e é capaz de, vivendo, aprender (TUAN, 2013). Essa experiência tem um aspecto cultural, já que, ainda que os seres humanos tenham possibilidades iguais de percepção pelos sentidos naturais, o modo como se pode valer deles pode provocar diferentes atitudes no ambiente, bem como desenvolver mais ou menos determinados sentidos (TUAN, 2012).

Para essa análise, necessário compreender o espaço num sentido livre, amplo, abrangente, de movimento, enquanto o lugar define-se pelo espaço significado pelo



2º COLÓQUIO PPGH - UEPG EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES: 10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

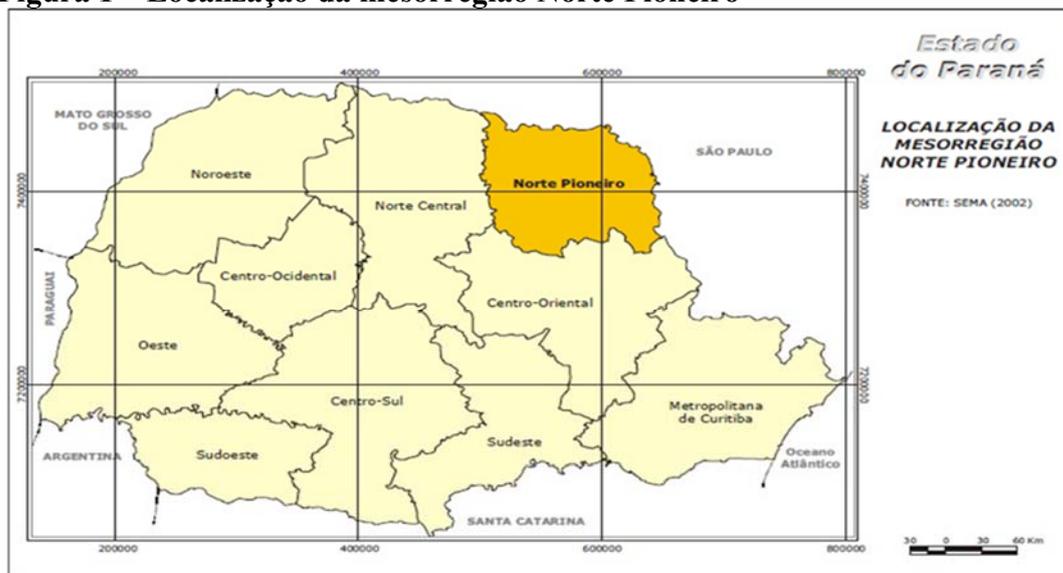
Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

sujeito (TUAN, 2013), ou seja, onde é possível pausar o movimento, permanecer, se sentir seguro, familiarizado (TUAN, 2013). Em outras palavras, lugares

São fatos existenciais elementares e a construção social do lugar, em termos de outros, é um meio universal de experiência. Quando as pessoas pensam em suas identidades sociais, culturais ou individuais, elas inevitavelmente associam a um cenário, as imaginam e as sentem localizadas” (TILLEY, 2014, p. 50).

O recorte espacial da pesquisa situa-se na área rural dos municípios de Siqueira Campos, Tomazina, Quatiguá e Salto do Itararé, que integram o Norte Pioneiro, nome dado à mesorregião paranaense e que esteve em vigor até 2017, quando o IBGE propôs uma regionalização segundo regiões geográficas intermediárias e imediatas.

Figura 1 – Localização da mesorregião Norte Pioneiro



Fonte: IPARDES. Leituras regionais: Mesorregião Geográfica Norte Pioneiro Paranaense. Curitiba: BRDE, 2004. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_norte_pioneiro.pdf. Acesso em: 11. dez.2021.

Assim, são essas as premissas sobre as quais esse trabalho se articula: como os entrevistados percebem o ambiente rural? Quais mudanças ambientais identificaram desde a sua chegada ao Norte do Paraná?

3.1. Subjetividades ambientais: o campo não é o mesmo

O Senhor José Paixão, que deixou Ibitiúra de Minas aos oito anos para migrar para a área rural de Quatiguá/PR, município onde vive atualmente, foi desafiado pelo seu pai, na única vez que retornou à Minas, a se lembrar do lugar onde morava, e conta com satisfação que o surpreendeu na ocasião:



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Aí o meu pai, quando nós chegamos lá na cidadinha, aí meu pai falou: “você não sabe mais onde você morava. Onde nós morava você não sabe”. Eu falei: “sei, quer ver?” Quando nós chegamos na cidade assim, falei pra ele “é lá naquelas bananeiras lá em cima lá óh!”. É uma serra assim ó. Você olha da cidade, é assim ó. “É lá óh, lá naquelas bananeiras”, falei pra ele (PAIXÃO, 2021).

Ele, assim como os outros entrevistados, deixaram a área rural de Minas Gerais entre 1940 e 1960 para buscar novas possibilidades, também no campo, mas no Norte do Paraná, na região conhecida como Norte Pioneiro. Essa possibilidade ligava-se em muito à produção de café.

Da sua fala emerge a capacidade que determinados lugares têm, como a casa da família, de atravessar o tempo sem se desfazer completamente na memória. Apesar de ser um local simples, insere-se no conceito de lugar, por razões como: “proporciona abrigo; a sua hierarquia de espaços corresponde às necessidades sociais; é uma área onde uns se preocupam com os outros, um reservatório de lembranças e sonhos” (TUAN, 2013, p. 202). É nela que o indivíduo encontra segurança, proteção, descanso, a ponto de recuperá-la pela memória anos após tê-la deixado.

A memória espacializada se revela numa experiência íntima com o lugar. Por essa experiência, embora se possa descrever um passeio, registrá-lo pela fotografia e até expressá-lo de maneira sensível, a sensação do que se viu e sentiu é subjetiva, só quem a experimentou pode conhecer o seu significado (TUAN, 2013, p. 180). É o que Tilley, inspirado em Merleau-Ponty, considerou uma experiência do mundo, composta por “[...] uma combinação das duas esferas [objetiva e subjetiva] e – justamente por transcender o dualismo sujeito/objeto, é intrinsecamente ambígua. O corpo não é um objeto e minha consciência corporal não é um mero pensamento” (TILLEY, 2014, p. 26).

Essa percepção do sujeito no mundo é a relação entre a consciência e o mundo dos significados donde esta consciência surge, considerando o corpo como sujeito e objeto e não como instâncias separadas, sendo o corpo o instrumento que permite a consciência aflorar – uma consciência da percepção do mundo através do corpo (TILLEY, 2014).

Em se tratando de migrações, é comum que os entrevistados sejam levados a fazer referências aos espaços e lugares em que estiveram durante suas itinerâncias, pois os deslocamentos vão conferindo diferentes modos de sentir e lembrar, indo desde o espaço vivido até o espaço imaginado, idealizado. É o corpo sensorial, que percebe fisicamente a subjetividade (TILLEY, 2014). Outro ponto relevante é que as narrativas se constroem sob um espaço que sofreu imensas transformações, que é a área rural do Norte do Paraná, entre os municípios de Siqueira Campos, Quatiguá, Tomazina e Salto do Itararé. Assim, cuida-se de sujeitos em trânsito e ambientes em transformação: ambos em movimento.

O sujeito é resultado do tempo assim como as coisas e os lugares, não sendo nenhum deles estáticos, portanto. A percepção do mundo pelo corpo envolve um entrelace entre passado, presente e expectativa de futuro. Assim, as percepções atuais dos indivíduos bebem da sua memória para se saciar (TILLEY, 2014). Dentro dessa dinâmica, os entrevistados foram abordados sobre as mudanças que perceberam no meio rural do Paraná, já que este é o ambiente com o qual se relacionaram durante maior tempo e por



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

conta da permanência nele, na maior parte dos casos. São dois os aspectos que mais despontaram das entrevistas: o vazio demográfico no campo e a sua destruição pela ação humana.

O Senhor José Pitarelo viu as festas e os jogos de futebol se acabarem no Ribeirão Bonito, da mesma forma que viu a comunidade se desfazer em direção à cidade de Quatiguá. No dia de sua entrevista, pôde-se reparar o vazio do domingo que não era ocupado pela grande família reunida como nos tempos da migração, realizada em 1952, nem pela vizinhança reunida para o futebol que costumava jogar, cujo campo agora correspondia a uma plantação do outro lado da estrada, de frente para a varanda da sua casa. A casa que fora do seu pai jazia em ruínas ao lado da sua, e do terreirão de café só sobrou o espaço há tempos inutilizado. Então ele desabafa sobre a solidão que o campo impôs aos que permaneceram nele, embora esclareça que atualmente a situação tenha relativamente melhorado:

Nós vivimos uns 7, 8 anos aqui que o vizinho mais perto nosso era lá em cima lá [...]. Era o mais perto nosso. Nós ficamos 6, 7 anos aqui isolado, completamente. O Rubens mesmo e a Nena [dona Centilina] não morava ali, morava lá em baixo... Ali [...] [na] granja, só tinha, só tinha [...] aqueles que cuidava da granja ali, mas ficava Só de dia, de tarde ele ia embora, aqui onde é que o Mingoti comprou, não tinha nenhuma casa, não tinha nada. Nós passemos uns 6, 7 anos que foi difícil também. Tinha dia que dava uma vontade que vinha lá de cima do serviço, dava vontade de ir embora, porque todo mundo que morava por aqui, os conhecidos, venderam e foram em Quatiguá. E nós sofrimos aqui também uns par de ano. Ai graças a Deus foram a molecada foram casando, fazendo as casa. O cumpadi João polaco comprou ali, o Donizete comprou lá em cima onde tem outra casa lá, tem um camarada lá também. Então foi povoano aos poquinho de novo (PITARELO, 2021).

Essa melhora nem de longe se iguala aos tempos da infância ou mocidade, quando, comenta: “tinha um monte de gente aqui, Deus o livre! Tinha bastante gente, nossa vida!” (PITARELO, 2021), e compara, em números relativos, ao vazio atual:

Porque foi dentro de pouco tempo acabou todo mundo. A fazenda Angelim que tinha umas duzentas famílias lá, hoje acho que não tem nenhum. Aqui nesse bairro nosso aqui, subia pra cima ali do Ambrósio pra cima ali, hoje você vai até o Luis Spina, né? Do Luis Spina pra cima ali vivia acho que umas 100, cento e pouca família ali. Hoje só tem um capataz do Bordignon lá. Toma conta lá, não tem mais ninguém. E lá pra baixo lá, do lado do João Rua lá, do teu tio lá, quem que tem lá também? Ali tinha alguma pessoa também, não tem mais ninguém (PITARELO, 2021).

A esse vazio o Senhor José Pitarelo atribui alguns fatores: enfraquecimento da terra associada à dificuldade de produzir, porque, segundo ele, a produção não tem preço no mercado. Isso fez com que a agricultura familiar fosse em grande parte substituída pela pastagem e criação de gado. “Maior parte é só pra gado. Porque não adianta você teimar na plantação também, não produz. E quando produz não tem preço”. Além disso, o campo altamente tecnicista impõe uma barreira econômica para a produção, diferente dos seus tempos de trabalho, quando: “nóis não, nóis não pensava em trator, em



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

maquinário, em nada dessas coisa. Nós fazia tudo no braço, conforme dava. Agora hoje todo mundo que planta é só no maquinário né?” (PITARELO, 2021).

Sua narrativa revela como uma nova realidade do campo se apresentou para ele: baixos preços e dependência técnica, o que inviabiliza que pequenos produtores possam sobreviver do campo e impõe o êxodo para o espaço urbano. Moreira e Carvalho (2017), ao analisarem a retração da cultura de café no Norte do Paraná entre 1960-1975, lançam um olhar crítico às fontes históricas e à historiografia que atribuíram esse fenômeno a um único evento: a geadas de julho de 1975. Segundo constataram, esse foi um aspecto aliado a vários outros, dentre os quais o esforço do governo militar em incorporar a produção cafeeira à agroindústria, modernização que não pôde ser suportada pelos pequenos produtores (MOREIRA; CARVALHO, 2017), além de “medidas governamentais de racionalização da produção, os baixos preços, o surgimento de organismos prejudiciais às lavouras e as geadas” (MOREIRA; CARVALHO, 2017, p. 2).

Assim, a vontade governamental não correspondia à manutenção da agricultura camponesa nos moldes em que se estruturava à época em que os entrevistados migraram e trabalharam na lavoura, já que o modelo não tinha aderência no modo capitalista de produção em escala, o que era sustentado por um discurso no sentido de que o campo tradicional era um óbice à modernização da nação, o que revelava uma opção de desenvolvimento em que a agricultura familiar não se mostrava interessante (LOHN, 2008).

Tais aspectos coincidem com a narrativa dos entrevistados, como a do Senhor Luis Toniette, para quem os trabalhadores do campo “desacorçoaram com a lavoura”, o que remete a todas as dificuldades que a vida no campo infligia ao camponês. Era um trabalho duro, braçal, ao sol, sujeito às intempéries da natureza. Sem chances de aderir à agroindústria, a produção perdia o preço, e o trabalho duro não poderia resultar em sustento.

Foi, foi formando pasto, cada um formava pasto, foi acabando com a lavoura, né? Tudo, aonde que acabou, que aqui não tem mais lavoura, né? Acabou tudo por causa disso. Reforma de pasto, por causa de ir formando pasto por causa do gado, já nem terra de planta não tem mais, né? É só pasto né? Foi acabando. O povo foi desacorçoando com a lavoura e foi... acabando (TONIETE, 2021).

Trata-se do processo de erradicação de cafezais que evidencia uma opção política da década de 1960 resultado das geadas, dos baixos preços do café, da baixa produtividade nas áreas de cafezais mais antigos, bem como daqueles plantados em áreas menos adequadas ao cultivo (CANCIAN, 1981) aliado ao “programa de diversificação econômica das regiões cafeeiras dos Estado do Paraná pelo GERCA” (CANCIAN, 1981, p. 131) (Grupo de Erradicação e Racionalização da Cafeicultura), relacionado ao Instituto Brasileiro do Café (IBC).

A política de erradicação de cafezais tinha como pano de fundo obrigações assumidas no âmbito do Acordo Internacional do Café, pelo qual se fixou quotas para exportação que para o Brasil foi de 40%, época em que o Norte do Paraná detinha 60% de toda produção brasileira. Pela iniciativa, houve seleção de áreas apropriadas para a cafeicultura simultaneamente ao rejuvenescimento das plantações. Naquele caso, NO



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Paraná era o Norte Novo que figurava como a área ideal, muito em função de sua altitude (KOHLHEPP, 1991).

De acordo com Nadir Cancian, o GERCA alegava que a dependência do café era um ponto negativo para a renda interna paranaense e foi capaz de reduzir a produção cafeeira em 14% no Norte Velho (nomenclatura usada pela autora e que corresponde à área ocupada pelos entrevistados) entre 1962 a agosto de 1967, áreas que deram espaço tanto a pastagens artificiais quanto a lavouras temporárias (CANCIAN, 1981). No Norte do Paraná seriam 250 milhões de cafeeiros erradicados por contrato, ao passo que uma quantidade semelhante deixaria a produção não-oficialmente, de acordo com Gerd Kohlhepp (1991).

Um dos problemas sociais acarretados por esta dinâmica foi o êxodo rural provocado em função do desemprego dos trabalhadores que se ocupavam com as plantações de café, que correspondiam a quase 1/3 da população do Estado (KOHLHEPP, 1991). Embora houvesse um plano de diversificação agrícola para que essas pessoas trabalhassem nas mesmas propriedades no cultivo de outros gêneros, não havia ocupação para todos, causando um intenso fluxo de migração para as cidades (KOHLHEPP, 1991).

Na área rural isso resultou no trabalho rural precarizado com a redução de trabalhadores rurais com contratos permanentes, na separação entre o local de trabalho e de moradia e predominância de bóias-frias sem proteção social (KOHLHEPP, 1991). De acordo com Mariana Anibelli, a modernização da agricultura no Paraná não rompeu com o modelo de concentração fundiária, mas expoliou do campo milhares de camponeses (ANNIBELLI, 2004).

Apesar deste contexto de substituição das áreas destinadas aos cafezais, a longo prazo não se pode dizer que houve uma diversificação da produção para o interesse interno. Pelo contrário, as terras paranaenses tenderam à concentração e à monocultura à medida que o camponês deixava o campo. Segundo dados do IPARDES de 2020, a produção agropecuária da região do Norte Pioneiro tem seus índices impulsionados pela pecuária bovina e galinácea e pela produção de soja, milho e cana-de-açúcar, itens que correspondem aos interesses do mercado internacional de commodities. Essa dinâmica do desenvolvimento regional do Norte do Paraná entre os anos 1930-1980 foi objeto de estudo de Kohlhepp, que a descreveu como:

De uma zona pioneira no limite sul da região tropical, amplamente desmatada com pequenos e médios estabelecimentos para uma região no auge da cafeicultura, orientada para o mercado mundial e finalmente para uma paisagem agrária diversificada e uma agricultura modernizada controlada pelo agrobusiness (KOHLHEPP, 1991).

Esse modelo produz um impacto socioambiental que não escapa à percepção dos entrevistados, incluindo desde a insegurança alimentar até os danos relacionados à perda da vegetação nativa, diminuição da qualidade do solo, da qualidade e disponibilidade de água, entre outros desdobramentos do modelo agropecuário capitalista. A senhora Leia Teixeira, moradora de Tomazina/PR, ao noticiar as mudanças que constatou no campo, faz referência ao rio que passava pela fazenda onde morava: o rio bem largo, onde era possível pescar com a peneira, hoje é uma “coisinha”, como afirmou. Para ela, isso é a



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

pior coisa. Em sua fala ela também registra a sua preocupação com disponibilidade de água para as próximas gerações.

Então, lá na fazenda era o rio, era bem largo né, tudo foi secando. Isso é a pior coisa que tá, é a água nossa, tá diminuindo a cada dia né. E lá na fazenda a gente pescava nesse rio, com peneira, eu e meu irmão, e hoje é uma coisinha, sabe? Uma gotinha assim correndo lá um pouquinho de água né, bem pouca água. E, mas está assim geral... [...] Ele me falou que fez mais de 200 agora em pouco tempo. Artesiano. Quer dizer, por falta da água estão fazendo artesiano, mas quanto mais artesiano fizer, mais vai... imagina a situação que vai ficar a nossa né. Futuramente, não sei o que vai ser a falta da água (TEIXEIRA, 2021).

Ao ser perguntada sobre mudanças ambientais, a senhora Maura Mario, moradora de Quatiguá/PR, lembrou-se de como encontrou, há aproximadamente 5 anos atrás, o bairro onde nasceu, chamado Cafundó, em Minas Gerais, emendando, emocionada, que: “ah, meu Deus! pra falar nisso, dá vontade de chorar!” (MARIO, 2021) Ela rememora que:

Lá no Cafundó, onde eu nasci, tinha um rio enorme, coisa mais linda do mundo... e agora, quando a gente foi lá, faz uns 5 anos, 4, 5 anos, não sei [...] esse rio que era a coisa mais linda lá tá um pouquinho só de água. Passamos no, no Grotão, que tinha... a minha casa, a casa do meu pai, que era na beira da estrada assim, um morrão que subia e... do lado de lá da casa, menina, tinha um rio, muita pedra, aquele barulhão, quando chovia, que... caía bastante água, era um barulhão... nós entramos lá, pedimos pra mulher que mora lá, pra gente ver... que tristeza! Ficamos todos decepcionados de ver, porquê... como diminuiu esse... esse tempo seco assim, acho que tá acabando com tudo mesmo, né? Isso eu fiquei muito triste, porque isso deu uma diferença, Nossa Senhora! (MARIO, 2021).

O sentimento de tristeza que a Senhora Maura externou é uma expressão da relação desses camponeses despojados dos referenciais ambientais por eles significados. O rio não tem mais água, as matas caíram, o campo não tem mais gente, a água e o alimento não têm mais qualidade. A natureza local passou a “obedecer a uma lógica extra local, com uma quebra às vezes profunda dos nexos locais” (SANTOS, 2020, p. 254), tal como a perda do referencial produtivo dos camponeses com a terra, bem como os laços subjetivos e sentimentais que os sujeitos experimentaram com esses locais.

4. Considerações finais

Os sujeitos entrevistados experimentaram o movimento migratório e o movimento de transformação do espaço rural no Norte Pioneiro do Paraná, sobretudo a partir do processo de erradicação dos cafezais. A partir dessa perspectiva, da transição e de processos, a análise de suas narrativas permitiu perceber a relação dialógica entre o sujeito e o ambiente e como este funciona na constituição de sentido para aquele.

Referências



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

ANNIBELLI, Mariana Baggio. Impacto dos agrotóxicos sobre o meio ambiente no Estado do Paraná – Brasil. Polígonos. *Revista de Geografia*, 14 (2004); pp. 169-181. Disponível em: <https://buleria.unileon.es/bitstream/handle/10612/8396/Impacto.pdf?sequence=1&isAlloWed=y>. Acesso em: 17 jul. 2022.

CANCIAN, Nadir Aparecida. *Cafecultura paranaense: 1900/1970*. Curitiba: Grafipar, 1981.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Leituras regionais: Mesorregião Geográfica Norte Pioneiro Paranaense. Curitiba: *BRDE*, 2004. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_norte_pioneiro.pdf. Acesso em: 11. dez.2021.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. 2020. Perfil do Norte Pioneiro Paranaense. Curitiba: *IPARDES*. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=704&btOk=ok. Acesso em: 18 jul. 2022.

KOHLHEPP, Gerd. Mudanças estruturais na agropecuária e mobilidade da população rural no norte do Paraná (Brasil). *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 53(2): 79-94, abr./jun. 1991. Disponível em: <https://www.rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/811>. Acesso em: 17 jul. 2022.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Mitologias do desenvolvimento: extensão rural e modernização: o caso de Santa Catarina (décadas de 1950 e 1960). *Espaço Plural*, vol. IX, núm. 18, enero-junio, 2008, pp. 9-17. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1630>. Acesso em: 17 jul. 2022.

MOREIRA, Juliane R. Santos; CARVALHO, Alessandra Isabel de. *Transformações na paisagem agrícola no Norte do Paraná: perspectivas sobre o processo de retração da cafeicultura (1960-1975)*. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/sncma/article/view/182/163>. Aceso em: 18 jul. 2022.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. – 4. Ed. 10. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. Vestígios - *Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24–62, 2014. DOI: 10.31239/vtg.v8i1.10599. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11838>. Acesso em: 16 jul. 2022.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar. a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

FONTES

BARBOSA, Centilina Gonçalves. *Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”*. Quatiguá-PR, 15/01/2021, vídeo MP4, 51m20s.

MARIO, Maura Martins. *Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”*. Quatiguá-PR, 10/07/2021, vídeo MP4, 01h40s.

PAIXÃO, José Domingos da. *Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”*. Quatiguá-PR, 01/07/2021, vídeo MP4, 52m03s.

PITARELO, José. *Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”*. Quatiguá-PR, 30/06/2021, vídeo MP4, 47m42s.

SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. *Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”*. Salto do Itararé-PR, 08/08/2021, 01h5m35s.

TEIXEIRA, Leia Goulart. *Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”*. Tomazina-PR, 12/08/2021, vídeo MP4, 46m50s.

TONIETE, Luis. *Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”*. Quatiguá-PR, 17/06/2021, vídeo MP4 48min31s.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

OS BARÕES DA MODERNIDADE E OS SISTEMAS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE: UM ESTUDO DE CASO DA REGIÃO CENTRO-SUL DO PARANÁ

SILVA, Lauren¹; CARVALHO, Alessandra I.²

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa; ²Departamento de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa

O projeto em desenvolvimento consiste na análise da indústria ervateira da região Sul do Brasil, e de que forma os sistemas tradicionais de produção de erva-mate sombreada na região Centro-Sul do Paraná são relevantes para a posição de destaque dessa indústria no século XXI. Por meio da História Ambiental, buscaremos compreender a historicidade da relação entre erveiros e ervateiros, os agente no eixo produção-comercialização que será discutido no trabalho – a indústria ervateira e sua vantagem competitiva sustentável que lhe garante bom desempenho financeiro, e os erveiros e as dificuldades em seguir com essa prática agrícola. Para isso, estão sendo utilizadas as entrevistas realizadas com produtores rurais produzidas pela pesquisa de extensão em História Oral Ambiental, o Prognóstico Erva Mate produzido pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná, e as redes das principais empresas do mate.

1. A erva-mate da região Centro-Sul do Paraná.

A história da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) carrega consigo a ancestralidade indígena, a relação simbiótica com a araucária (*Araucaria angustifolia*) e o recurso de memória para os produtores rurais que tiveram, no campo, suas vivências construídas. Ademais, essa espécie vegetal também representa o nascimento da sociedade burguesa do mate e da organização de um modelo industrial que até hoje levanta questionamentos devido a suas peculiaridades, respaldada pelo título de principal produto de exportação paraense no século XIX.

Primordialmente extrativista, colhida às sombras da floresta do Sul da América, ainda durante o século XVII o mate era produzido artesanalmente, cujas técnicas de beneficiamento eram de amplamente conhecidas e não exigia elevado nível de investimento. No entanto, ao contrário das inúmeras benfeitorias que produziam o mate, a comercialização era de responsabilidade de um grupo seleta, que, ao reter grande parte dos lucros, foram pouco a pouco ampliando suas atividades dentro desse setor. De comerciantes se tornaram, também, detentores das casas de soque, sendo facilitado o controle da qualidade do produto, especialmente do destinado a outros países (PEREIRA, 1996).

Mesmo sendo majoritariamente voltado à exportação, o mate pré-industrial não é categorizado estritamente como economia colonial, já que estava ancorado fundamentalmente aos fatores econômicos e humanos da região que o produzia – a coleta, beneficiamento e exportação dependia do seu próprio capital, ou ainda do capital



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

provindo de outros setores da região. Essa característica permitiu que o mate estruturasse as demais economias (como madeireira, agrária, artesanal e manufatureira), ou que destinasse seus lucros para se autopromover (IANNI, 1988, p. 87 – 88; apud PEREIRA, 1996).

Com os até então comerciantes se elevando a detentores dos meios de produção, é possível perceber o início da transição do modelo de produção putting-out (trabalho terceirizado que requeria a presença do comerciante capitalista, intermediário entre produção e comercialização) para o sistema fabril ainda no século XVIII, motivado pelo intenso combate à adulteração da erva-mate pela mistura de outras espécies menos nobres. Essencial para o desenvolvimento da indústria ervateira, a preocupação com a qualidade do mate se tornou comum, originando, durante o século XIX, a diferenciação de preço pago pelo mate a variar por suas características (PEREIRA, 1996). Nesse cenário, concomitantemente à criação dessa indústria, surgiu não somente o produtor do mate, mas também a burguesia industrial do mate (PEREIRA, 1996).

Visando atender a demanda crescente do produto pelos países vizinhos, como Argentina, Chile e Uruguai, a burguesia do mate paranaense se valeu dos conhecimentos dos caboclos no manuseio da planta, e da Floresta Ombrófila Mista (FOM) que fornecia um ambiente naturalmente propício para o desenvolvimento dessa cultura silvícola (NOGUEIRA, 2021).

Foi esse produto destinado à exportação o responsável por originar a riqueza das principais famílias do Paraná, já que, ao mesmo tempo que exigia concentração de capital, era altamente lucrativo. O controle da produção e dos canais de exportação possibilitaram constantes alterações técnicas no beneficiamento do mate, e potente influência política. Essa influência tornava ainda mais evidente a concessão de privilégios e monopólios entre cidades ou personalidades, que, de modo muito próximo ao caso do café em São Paulo e da cana-de-açúcar no Nordeste (GERHARDT, 2013), contribuiu para a origem dos viscondes e barões.

Como bem retratado na história tradicional, Visconde de Nacar e Barão do Serro Azul, foram os maiores exportadores de erva-mate do Paraná, têm seus nomes em ruas e seus bustos expostos em prédios, sendo considerados heróis responsáveis pelo desenvolvimento da nação e especialmente do Paraná. No entanto, os meios que divulgam essas narrativas deixam de mencionar a participação da burguesia do mate em setores vistos hoje como desonrosos, a exemplo do tráfico de escravos já no período de ilegalidade (GERHARDT, 2013). Mesmo influenciada pelas novas formas de se fazer história, quando tratam da erva-mate as narrativas seguem privilegiando os barões da modernidade, hoje representados pelos conglomerados transnacionais (como a Leão Junior, pertencente à Coca-Cola) e empresas de médio porte (como a Baldo e a Barão). Essa forma de comercialização corresponde aos interesses do agronegócio, tendo seus lucros satisfatórios e estável contribuição para a balança comercial, e consegue conquistar mundialmente, através de intensa aplicação do seu capital, reconhecimento da região Sul do Brasil como uma potência produtora de erva de qualidade. No entanto, tais empresas estão também relacionadas ao prejuízo aos sistemas tradicionais de produção de mate e ao uso de monoculturas que agredem diretamente o meio ambiente (LACERDA, HANISCH, NIMMO, 2020; NOGUEIRA, 2021).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Mesmo responsável pela atribuição de qualidade ao produto, a erva-mate tradicionalmente produzida é desvalorizada pela grande indústria, através do estabelecimento unilateral dos preços pagos ao produtor, do avanço do agronegócio, do êxodo rural e da especulação fundiária rural, que acabam por submeter “a riqueza biológica da terra ao valor de mercado, pautado nas expectativas de produtividade de safras cultivadas em sistemas industriais convencionais” (NOGUEIRA, 2021, p. 153).

Nesse contexto, os trabalhos realizados pelo CEDErv (Centro de Desenvolvimento e Educação dos Sistemas Tradicionais de erva-mate) buscam a manutenção desse sistema tradicional cujo uso econômico e racional da Floresta com Araucárias o torna responsável por grande parte dos últimos redutos de mata nativa no Paraná (CARVALHO; LAVERDI, 2016). O CEDErv é uma rede colaborativa na qual constituirei aliança intensiva para desenvolver este projeto no qual se busca compreender a relevância, no século XXI, da erva-mate tradicionalmente produzida na região Centro-Sul do Paraná para a manutenção da posição de destaque da indústria ervateira do Sul do Brasil.

Através da análise crítica da historiografia tradicional, aliada à História Ambiental e à coparticipação dos produtores rurais que contribuem continuamente ao CEDErv, esse trabalho pretende compreender o eixo que intermedia as duas pontas da produção e comercialização da erva-mate: de um lado a indústria ervateira, com sua vantagem competitiva sustentável que lhe garante bom desempenho financeiro (HEXSEL; LAGRECA, 2007), e do outro os erveiros, que apresentam dificuldades, sobretudo financeira, de seguir com essa prática agrícola (NOGUEIRA, 2021).

Nesse sentido, ressalva-se a amplitude da cadeia que envolve o comércio de ervamate, que vai desde a obtenção de mudas para serem plantadas em meio ao sub-bosque (que substituem aquelas cuja vida-útil chegou ao fim), passando pela colheita, pelos acordos entre erveiro e ervateira, pelo processamento desse produto na indústria, até chegar no retorno de recursos provindos desse comércio que devem ser destinados a melhorias no campo, já que é a partir da matéria-prima produzida no meio rural que esses fluxos se tornam possíveis.

É preciso produzir uma história da erva-mate no Paraná para além do baronato tradicionalmente elencado pela historiografia, mas ter também em mente que os barões da modernidade – as indústrias do mate – ainda ditam as regras nesse setor. Os erveiros que constroem o CEDErv denunciam a falta de segurança no investimento e as oscilações mercadológicas a quais estão desproporcionalmente suscetíveis, além da conflituosa relação com instituições ambientais que afeta a colheita dos recursos florestais, “apesar de essas práticas serem baseadas em profundo conhecimento do meio ambiente e gerações de conhecimento e prática compartilhados” (NIMMO et al., 2020), situação contrária ao amplo desmatamento promovido pela grande agroindústria.

Vê-se, com essas afirmações, a necessidade de compreender esse complexo cenário para encontrar meios capazes de promover a verticalização da produção para além da grande indústria. Respalda pelas iniciativas da ONU e da FAO, como a Década de Agricultura Familiar e a Década de Restauração dos Ecossistemas, esse projeto vai de encontro à tendência mundial de valorização da agricultura familiar e da agroecologia e à garantia da segurança alimentar.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

2. Articulação metodológica e as fontes.

A pesquisa em desenvolvimento pretende, inicialmente, compreender a relevância da erva-mate tradicionalmente produzida na região Centro-Sul do Paraná para a manutenção da posição de destaque da indústria ervateira no Sul do Brasil no século XXI. Para isso, é essencial historicizar a relação existente entre erveiros e ervateiras, e, a partir do funcionamento da indústria ervateira e da comercialização da erva-mate, traçar a rota percorrida pelo produto paranaense.

Imprescindível para contato inicial com a problemática, será utilizado o material levantado pelas pesquisas de extensão em História Oral Ambiental (nome: “Uso e conservação da araucária na agricultura familiar – Fase 2: o papel da erva-mate e dos sistemas tradicionais de manejo florestal na restauração e conservação da Floresta com Araucária”) que, através de entrevistas desenvolvidas com as famílias que praticam agroecologia, reuniram depoimentos acerca do dia-a-dia no campo, suas histórias e desafios. Além disso, a oralidade nas fontes será continuamente desenvolvida, através de visitas às propriedades.

A partir dessas entrevistas serão também enumeradas as principais indústrias que adquirem a produção para beneficiamento. A princípio, as empresas analisadas serão a Baldo (maior exportadora de erva-mate), a Barão (que em seu slogan afirma ser a “verdadeira tradição gaúcha”) e a Leão Junior (originária de Ponta Grossa, mas adquirida pela Coca-Cola em 2007).

Além da História Oral, a História Ambiental tem possibilitado um aprofundamento na agricultura familiar desenvolvida no Centro-Sul do Paraná, ao tempo em que reconhece a conexão da sobrevivência da Floresta de Araucária às práticas agroecológicas e às sensibilidades que surgem a partir da convivência com o mundo natural. Para isso, tem sido fundamental a biblioteca virtual do CEDErva, a qual reúne a produção científica em torno da erva-mate tradicionalmente produzida. Esse site conta com ampla contribuição, e foi inclusive complementada pelo PROVIC que desenvolveu entre 2018 e 2019, intitulado “Uso e conservação da araucária na agricultura familiar: o papel da erva-mate e dos sistemas tradicionais de manejo florestal na restauração da Floresta com Araucária (Memórias do conhecimento tradicional associado às Florestas com Araucária)”.

Partindo desse material e com complementação por um levantamento bibliográfico interdisciplinar, está sendo realizado um apanhado da trajetória da indústria ervateira do Sul do país e quais fatores a mantém em posição de destaque, que inclui investigar se as ervateiras têm produção própria ou a adquire, e, se adquirem, qual é o critério utilizado, e se há exclusividade no mate provindo da região Centro-Sul do Paraná e do Planalto Norte de Santa Catarina.

Além disso, é importante saber se os pequenos agricultores produzem suas próprias mudas ou as adquirem, e, se adquirem, se elas são compradas de viveiros terceirizados ou se são fornecidas pela própria empresa que comprará a produção após a colheita.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Ademais, materiais produzidos pelos setores de economia e ciências florestais possibilitam aprofundar as análises da indústria ervateira e suas estratégias de manutenção de qualidade e segurança de mercado. Tais materiais podem ser facilmente encontrados em plataformas de divulgação de conteúdo científico. A exemplo disso, o Prognóstico Erva Mate produzido pela Secretaria de Agricultura e do Desenvolvimento do Paraná apresenta anualmente um panorama geral da economia entorno da erva-mate, mundial, nacional e estadual. Além dessas, as próprias indústrias de erva-mate continuamente lançam em suas redes novas informações sobre a produção e suas propagandas expressivas, que servirão como fonte para a análise de discurso referente à indicação geográfica.

Como método de consolidar suas vendas, as indústrias do mate se valem fortemente de propagandas. Partindo delas, será realizada uma análise de discurso, especialmente referente à indicação geográfica (IG). Para isso, será realizado um mapeamento da rota da erva-mate sombreada proveniente do Centro-Sul do Paraná através do software Q-Gis que, já utilizado em pesquisas anteriores, apresentou características que favorecem o compartilhamento de informações georreferenciadas. Como produto majoritariamente destinado ao mercado externo, é essencial compreender a amplitude desse comércio.

Além disso, serão levantados os preços de comercialização da erva-mate e, por meio do *software* Power BI, esses dados serão analisados e contrapostos ao preço médio pago aos produtores rurais, unindo ao estudo de que forma os ganhos são, ou não, convertidos em recursos para a comunidade, e se esses ganhos, mesmo que convertidos, são o suficiente para que esse ciclo de produção e comercialização seja mantido.

De maneira geral, o desenvolvimento da pesquisa tem sido interdisciplinar para dar conta de seus objetivos, sendo necessário recorrer à historiografia tradicional, a relatórios de exportação, a análises econômicas, à oralidade, e às novas perspectivas propostas pela História Ambiental.

Referências

ALMEIDA, Rufino Porfirio. *Um aspecto da economia de Santa Catarina: a indústria ervateira*. Dissertação mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 1979.

ANAIS do III Seminário: Sistemas de produção tradicionais e agroecológicos de erva-mate 2015. Embrapa Florestas. Colombo, 2016.

ANAIS do IV Seminário: Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Ervamate. Universidade Tecnológica Federal do Paraná UTFPR, Curitiba, 2018. Arquivo em PDF.

APPADURAI, Arjun. *Introdução: Mercadorias e a política de valor*. In: *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora UFF, 2008.

BALLAMINGIE, P., BLAY-PALMER, A. D., KNEZEVIC, I., LACERDA, A. E. B., NIMMO, E. R., STAHLBRAND, L., AYALON, R. Integrating a food systems lens into



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

discussions of urban resilience: Analyzing the policy environment. *Journal of Agriculture, Food Systems, and Community Development*, vol.9, n. 3, 2020. p. 227–243.

BARRETO, M.. Desafios e Possibilidades na Reprodução Social do Modo de Vida dos Camponeses Faxinalenses do Paraná. *Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia*, v. 7, p. 25-41, 2015.

BARRETO, Marcelo. *A produção camponesa e o monopólio do território pelo capital: espacialidades distintas na extração da erva-mate na região da Floresta com Araucária do Paraná*. 2008. 94 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território : Sociedade e Natureza) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

BEGNIS, Heron. A economia da erva-mate: uma breve perspectiva. *Redes*, v. 5, n. 3, p. 25-44.

BERKES, Fikret. *Sacred ecology*. Routledge, 2017.

BODINI, Vera Lúcia. *Uso da análise estrutural prospectiva para a identificação de fatores condicionantes da competitividade na agroindústria brasileira*. Tese doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2001.

BOGUSZEWSKI, José Humberto. *Uma história cultural da erva-mate: o alimento e suas representações*. Dissertação Mestrado em História – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

BONDARIK, Roberto KOVALESKI, João Luiz PILATTI, Luiz Alberto. *A produção de erva-mate e a iniciação industrial do Paraná*. In: Anais do Congresso Internacional de Administração. Ponta Grossa/PR, 2006. p. 1-8.

BORTOLINI, Maria Denise. *Entre o temporal e o eterno: corpo e sentidos nas missões jesuíticas do Paraguai-séculos XVII e XVIII*. Dissertação mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História, 2003.

BUTLER, William Mill. *Yerba Maté Tea: the history of its early discovery in Paraguay*. The Yerba Maté Tea Co Philadelphia, 1900.

CARVALHO, Alessandra Izabel de; LAVERDI, Robson. *Uma produção de sentidos para a araucária (sem floresta) no Paraná*. In: Franco, José Luiz et al (orgs.) *História ambiental: territórios, fronteiras e biodiversidade*. Volume 2. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. *O desmatamento de florestas de araucária e o Médio Vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações*. Dissertação mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História, 2006.

CAVALLO, Gonzalo Aguilar. Conhecimentos ecológicos indígenas e recursos naturais: a descolonização inacabada. *Estudos avançados*, v. 32, p. 373-390, 2018.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

CEDERVA. *Sistemas tradicionais de cultivo: a erva-mate sombreada*. Curitiba, 2020. Disponível em: <<http://www.cederva.org/sistemas-de-producao.html>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CHAIMSOHN, Francisco Paulo SOUZA, Adriano Martinho de. eds. . *Sistemas de produção tradicionais e agroflorestais de erva-mate no centro-sul do Paraná e Norte Catarinense*. Circular Técnica. IAPAR. Ponta Grossa, 2013.

CHAIMSOHN, Francisco Paulo; SOUZA, Adriano Martinho. *Sistemas de produção tradicionais e agroflorestais no centro-sul do Paraná e norte de Santa Catarina*. Contribuições para a construção do processo de Indicação Geográfica. Ponta Grossa: [os editores], 2012.

DALMORA, Eliane. *O papel da agricultura familiar no processo de conservação da Mata Atlântica em Santa Catarina: modos de apropriação e transformações no sistema de gestão ambiental na década de 1990*. Tese doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pos-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, 2004.

FERRARI, Maristela. *Interações transfronteiriças na zona de fronteira Brasil-Argentina: o extremo oeste de Santa Catarina e Paraná e a província de Misiones século XX e XIX*. Tese doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Geografia, Florianópolis, 2012.

FERREIRA, Eva Maria Luiz BRAND, Antonio. Os guarani e a erva-mate. *Fronteiras*, v. 11, n. 19, p. 107-126, 2009.

FÖETSCH, Alcimara Aparecida. *Faxinais e calvas: identidades territoriais na região do Contestado PR/SC*. Tese doutorado - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-graduação em Geografia, Curitiba, 2014.

FOLCH, Christine. *Stimulating Consumption: Yerba Mate Myths, Markets, and Meanings from Conquest to Present*. In: *Comparative Studies in Society and History* 2010 52 1 :6-36.

FREIRE, Paulo Cear Vargas. *Mboroviré: a erva-mate no Paraguai colonial*. Dissertação de Mestrado em História – UnB, 2011.

FREIRE, Paulo Cezar Vargas. *Mboroviré: a erva-mate no Paraguai colonial*. 2011. 316 f., il. Dissertação Mestrado em História — Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

GALLARDO, Carlos R. *La indústria yerbatera en Misiones*. Oficina Nacional de Agricultura. Buenos Aires, 1898.

GERHARDT, Marcos. *Colonos ervateiros: história ambiental e imigração no Rio Grande do Sul*. Esboços UFSC, v. 18, p. 73-95, 2011.

GERHARDT, Marcos. *História ambiental da erva-mate*. Tese doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pósgraduação em História, Florianópolis, 2013.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

GURSKI, Clóvis Roberto. *Análise do posicionamento da empresa Baldo S/A na obtenção da matéria-prima erva-mate*. Dissertação mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Economia, Florianópolis, 2003.

HANISCH, Ana Lúcia, et. al. *Evaluating Sustainability in Traditional Silvopastoral Systems caívas: Looking Beyond the Impact of Animals on Biodiversity*. Sustainability 11 11 , 3098. 2019

HOLMES, Katie; GAYNOR, Andrea; MORGAN, Ruth. *Doing environmental history in urgent times*. History Australia, v. 17, n. 2, p. 230-251, 2020.

IANNI, Octavio. *As metamorfoses do escravo*. São Paulo: Hucitec. 1988. 2. ed. rev. e aum. p. 87-8.

LACERDA, A. E. B., HANISCH, A. N., NIMMO, E. R. *Leveraging Traditional Agroforestry Practices to Support Sustainable and Agrobiodiverse Landscapes in Southern Brazil*. Land 2020, 96.

LOPES, Nátili de Oliveira Von Ende. *A indicação geográfica como forma de valorização da biodiversidade no planalto norte catarinense*. Dissertação mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2011.

LUIZ, Ricardo Gomes. *Conservação da biodiversidade, cultivo e produção de erva-mate no município de São Mateus do Sul – PR*. Dissertação de mestrado do Programa de pósgraduação em tecnologia e sociedade. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

MARQUES, A. C. MATTOS, A. G. BONA, L. C. REIS, M. S. *Florestas Nacionais e Desenvolvimento de Pesquisas: o Manejo da Erva-Mate Ilex paraguariensis A.St.-Hil. na Flona de Três Barras/SC*. Biodiversidade Brasileira, v. 2, p. 4, 2012.

MARQUES, Anésio da Cunha. *As paisagens do Mate e a conservação socioambiental: um estudo junto aos agricultores familiares do planalto norte catarinense*. Tese de doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

MATTOS, Andréa Gabriela. *Caracterização das Práticas de Manejo e das Populações de erva-mate nativa em exploração no planalto norte catarinense*. Dissertação mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de PósGraduação em Recursos Genéticos Vegetais, Florianópolis, 2011.

MONTOYA, Pe. Antonio Ruiz de. *Tesoro de la Lengua Guarani*. Madrid, Editor Iuan Sánchez, 1639

MUSEU PARANAENSE. *Histórico da Erva-Mate*. Parque histórico do Mate. Página eletrônica.

NIMMO, E. R NOGUEIRA, J. F. M. M. *Creating hybrid scientific knowledge and practice: the Jesuit and Guaraní cultivation of yerba mate*. In: *Canadian Journal of Latin*



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

American and Caribbean Studies / Revue canadienne des études latino- américaines et caraïbes. 2019

NIMMO, Evelyn NOGUEIRA, João Francisco Miró Medeiros. *Sementes da discórdia: o plantio e comércio de erva-mate no contexto missioneiro e colonial na América Platina.* In: A ação global da Companhia de Jesus: embaixada política e mediação cultural. FLECK, E. C. D ROGGE, J. H. orgs.. Editora Oikos. São Leopoldo, 2019. p. 376-404.

NOERNBERG, Priscila. *Chimarrão em Canoinhas/SC: tomar, saber, fazer e comunicar.* Dissertação mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2012.

NOGUEIRA, João Francisco Miró Medeiros. *Historicidade e significado nas paisagens dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate na bacia do Alto Iguaçu, sul do Paraná.* 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2021.

OLIVEIRA, A. L. De. Costurando retalhos: agricultura, ciência e política na defesa da produção tradicional e agroecológica de erva-mate. *Vivência: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 53, 29 abr. 2020.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de ESSELIN, Paulo Marcos. *Uma breve história indígena da erva-mate na região platina: da Província do Guaíra ao antigo sul de Mato Grosso.* Espaço Ameríndio, p. 278-318, 2015.

OLIVEIRA, Marisa Correia de. *Estudo da erva-mate no Paraná 1939-1967.* Dissertação mestrado - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História. Curitiba, 1974.

OLIVEIRA, Y. M. M. de ROTTA, E. *Área de distribuição natural de erva mate Ilex paraguariensis St. Hil.* Embrapa Florestas, 1985.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos avançados*, v. 24, p. 81-101, 2010.

PARANÁ. *Departamento de Economia Rural - DERAL.* Prognóstico Erva Mate - Novembro de 2020. Disponível em: <https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-09/progostico_erva_mate_-_2020.pdf>. Acesso em: 19 de jun. de 2022.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando iras rumo ao progresso.* Curitiba: UFPR, p. 133-134, 1996.

RADOMSKI, M. I. LACERDA, A. E. B. de KELLERMANN, B. *Sistemas agroflorestais: restauração ambiental e produção no âmbito da Floresta Ombrófila Mista.* Embrapa Florestas. Colombo, 2014.

SANTOS, Sandra Cristina Lins dos. *Avaliação comparativa entre sistema agroflorestal com erva-mate e fragmento de floresta ombrófila mista quanto à fitossociologia,*



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



parâmetros químicos e físicos do solo e ciclagem de nutrientes. Dissertação Mestrado em Ciências Agrícolas. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

STRACHULSKI, Juliano. *Os saberes ecológicos tradicionais da comunidade rural linha Criciumal e sua relação com a paisagem rural - Cândido de Abreu, PR*. 2014. 178 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território : Sociedade e Natureza) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014.

VOGT, Gilcimar Adriano NEPPEL, Gilberto DE SOUZA, Adriano Martinho. A atividade ervateira no Planalto Norte Catarinense: a Indicação Geográfica como alternativa para a re-valorização do produto erva-mate. *DRd-Desenvolvimento Regional em debate*, v. 6, n. 2, p. 64-87, 2016.

WILLIAMS, Brian; RILEY, Mark. *The Challenge of Oral History to Environmental History*. Environment and History, 2018.

WILLIAMS, Raymond. *Ideias sobre a natureza*. In: Cultura e materialismo. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**CHARLOTTE PERKINS GILMAN (1860-1935): ENTRE A
HISTÓRIA INTELLECTUAL E A EPISTEMOLOGIA CRÍTICA
FEMINISTA.**

SANTOS, Luana de Almeida¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de História.

Apresenta-se aqui algumas considerações envolvendo o projeto de pesquisa para conclusão de curso “Charlotte Perkins Gilman: Trajetória intelectual e performances textuais no reformismo eugênico estadunidense (1898-1916)”. Tal projeto se construiu a partir do desdobramento de experiências nas Iniciações Científicas: “Condição feminina, literatura e sociedade: Reflexões em torno da obra de Charlotte Perkins Gilman, 1892-1915” (2019-2020), e “Charlotte Perkins Gilman, “The Prophet of Women”¹: Uma tese feminina sobre a evolução humana em fins do século XIX” (2021-2022). Sendo uma pesquisa ainda em seus primeiros passos, exploramos aqui as relações possíveis entre o campo da história intelectual e a epistemologia crítica feminista, como ponto de partida para a formulação de questões e caminhos a serem destrinchados ao longo do projeto. A pesquisa se propõe a historiar a obra de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), escritora e teórica social do reformismo estadunidense de fins do século XIX, utilizando o contextualismo linguístico de Dominick LaCapra, entre outras abordagens da História Intelectual. Para isso, pretende-se analisar suas produções não-ficcionais, desde a publicação de *Women and Economics* (1898) até a circulação final de sua revista *The Forerunner* (1909-1916), dentro da relação dialógica entre as realidades textuais e contextuais. Nessa contraposição entre sua produção e seu campo cultural, pretende-se também compreender o processo de construção de sua persona intelectual feminina dentro de um espaço marcadamente masculino, incluindo na pesquisa suas publicações em outras revistas reformistas, suas influências e disputas. Por fim, se atentando as questões postuladas pela vertente corpo, conhecimento e gênero da Epistemologia Crítica Feminista, pretende-se produzir interpretações no entrecruzamento de sua obra e seus temas, sua experiência e suas sociabilidades enquanto intelectual reformista feminina em fins do século XIX.

1. Charlotte Perkins Gilman sob um novo olhar:

Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), teórica, romancista e reformista estadunidense, representa ainda uma inquietante e única figura da literatura progressista do século XIX e XX. Desde de seu suicídio em 1935, até a inauguração de um busto de bronze em sua homenagem na biblioteca Elisabeth Schlesinger, em 2008, inúmeras reinterpretções de sua obra foram feitas (WEINBAUM, 2010). Sejam pesquisas

¹ “A profeta das mulheres”, descrição de William Theodore Doyle sobre Charlotte Perkins Gilman no Congresso Internacional das Mulheres em 1932 (GILMAN PAPER'S, 2022, tradução nossa).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

biográficas ou bibliográficas, os resultados construíram um conjunto imenso de ressignificações das ideias e sensibilidades de sua obra. Seus textos literários, já canônicos nos cursos de literatura estadunidense, foram lidos pelo olhar da escrita feminina, da cultura material, do simbolismo; foram tratados como monumentos da criação de um imaginário feminino. E ainda, entre o fim dos anos 1990 em diante, foram reinterpretados sob a luz da crítica literária em sua relação com a eugenia e o imperialismo (RENSING, 2013).

Entretanto, novas perspectivas de pesquisa ainda surgem conforme sua obra e os seus arquivos pessoais se internacionalizam. Seus trabalhos, recentemente vem sendo pensados em uma perspectiva mais global, sendo que seus textos, ficcionais ou teóricos, se apresentam como fontes para a investigação de temas que ultrapassam as fronteiras da literatura estadunidense de fins do século XIX (KNIGHT, 2011). Gilman, "a apóstola do trabalho para as mulheres"², apesar de nenhuma formação superior específica, se correspondeu com um dos mais influentes sociólogos eugenistas de seu período, Lester F. Ward (1841-1913), com economistas e antropólogos estadunidenses, trocou cartas com autores e autoras de outros países, e esteve presente em inúmeros encontros do Congresso Internacional das Mulheres (KNIGHT, 2011).

A construção de sua teoria maternalista, que teve bases em observações biológicas, sociais e econômicas, parece refletir não apenas as sensibilidades dos debates políticos e acadêmicos do período ao redor da sexualidade, da sociedade global e da evolução humana, mas também, pode servir como fonte para se pensar a criação de uma figura intelectual em fins do século XIX.

Nesse sentido, utilizando do contextualismo linguístico de LaCapra (1983), com sua abordagem dialógica, notamos a necessidade de contrapor a trajetória de sua atuação intelectual aos temas de sua produção dentro de uma leitura que articule os preceitos teóricos da História Intelectual, aos questionamentos que a Epistemologia Crítica Feminista³ nos propõe. Portanto, compreender sua inserção, transferências e sociabilidades dentro de um campo reformista não restringiria a pesquisa ao reformismo eugenista estadunidense. Pelo contrário, como sua escrita abrange a experiência feminina e uma performance pública dessa experiência, em nossa leitura, a pesquisa pede por uma interpretação histórica que esteja aberta as epistemes construídas na vertente corpo, gênero, experiência e escrita, de autoras como Jaggar, Bordo (1997); Lloyd (1979); Rago (1998); Alcoff (2000); e Gardiner (1982).

2. Charlotte e o campo da História Intelectual:

O campo da história intelectual sendo abrangente e trabalhando com uma variedade de fontes não poderia servir como um recurso metodológico fechado, mas sim

² "The Apostle of Work for Women". (A SYNDICATE, 1904, seq.01).

³ A epistemologia crítica feminista, assim como os estudos de gênero, se constitui em um campo/categoria de análise que foca nas relações entre sexualidade, gênero e sociedade. A diferença é que a epistemologia crítica feminista, muito influenciada pela vertente "psicanálise e sexualidade" francesa, se volta mais as discussões em torno das formas de produção de conhecimento, escrita e símbolos culturais, em uma leitura crítica das relações entre masculino e feminino nesse meio (RAGO, 1998; JAGGAR; BORDO, 1997).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

como um guia teórico para pensar a produção intelectual (CARVALHO, FERNANDES, 2015). O intelectual dessa história não é só aquele que se mostra como um especialista de qualquer aspecto, mas sim, um agente que produz em relação a um lugar histórico e em relação a um grupo. Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), sendo esse agente produtor/canalizador de sentidos, escreveu, editou e publicou uma revista de teoria e comentário social, além de sua canônica escrita literária. A leitura da obra de Gilman pode trazer à pesquisa um apanhado de sentidos ao redor do debate de fins do século XIX sobre a função reprodutiva feminina no corpo social e sua resignificação nas discussões intelectuais de sociólogos, antropólogos e médicos.

A abrangência de temas e de oscilações de sua obra, inclina a pesquisa a um afastamento da ideia de contextualismo direto, na qual a produção precisa ser contraposta de forma cega a um período ou a um único referencial social. Outro afastamento que a obra parece impor é o da ilusão da criação biográfica trabalhada por Bourdieu (1998). O conjunto de produções de Gilman dificilmente poderia criar, no processo de escrita histórica, um sujeito linear e coeso com uma trajetória cumulativa. O que seus escritos parecem suscitar é na verdade a contextualização linguística explorada por Dominick LaCapra (1983), de modo crítico, que convida o historiador a ler o texto por si mesmo, partindo do pressuposto de que toda a realidade é uma forma de textualidade.

LaCapra (1983) nos convida a ver o texto enquanto um universo em si, onde tanto sua interpretação histórica quanto sua produção, são marcados por uma corporeidade. Por isso, em sua análise, o contexto, o texto e a interpretação histórica precisam estabelecer diálogos concomitantes e não hierarquizadas. As análises sobre o trabalho ficcional de Gilman, principalmente a partir das décadas de 1960-1970, são leituras bem marcadas por sua historicidade. O movimento feminino do período estava preocupado não apenas com a construção de uma base teórica para suas reivindicações, mas também buscavam um senso histórico, que reafirmaria a validade política de sua agenda (NADKARNI, 2006). Autoras da segunda onda, como Mary Daly, Shulamith Firestone, Adrienne Rich e Monique Wittig, que pretendiam problematizar a relação entre o público e o privado em temas que tocavam a existência feminina, se aproximavam tanto de *Herland* (1915), em sua inspiração utópica, *Women and Economics* (1898), com sua explicação teórica das relações sexuais/econômicas, e *O papel de parede amarelo* (1892), como parte da história da escrita ficcional - subversiva- feminina (WEINBAUM, 2010). Ao estudar a história da construção de uma "mística" feminina naturalizada no lar e na maternidade, as autoras de segunda onda entraram em contato com Gilman, que escreveu de maneira deliberada sobre a necessidade da emancipação econômica das mulheres, e perceberam um encaixe perfeito para as ansiedades teóricas do movimento.

Essa resignificação, tanto editorial quanto da produção intelectual feminista estadunidense, abriu os caminhos para uma canonização da figura de Gilman, sem a consideração dos aspectos raciais, imperialistas e eugenistas de sua obra. Essa produção encontra-se em uma complexa relação de seu contexto e de sua própria identidade, criando a necessidade de uma leitura que admita essas nuances, e também parta dela. O que se pretende ao longo da pesquisa, de modo semelhante, é uma releitura dos escritos escolhidos de Gilman que deixem transparecer os aspectos tradicionalmente ignorados pelo cânone do feminismo branco, e que apenas recentemente vem sendo estudados.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Analisando a produção de Gilman sob as lentes da história intelectual e partindo do entendimento de que existe uma historicidade inerente à fonte escolhida, se espera também entender como a eugenia e o movimento reformista feminino se articularam nas teorias sobre a sociedade e a sexualidade em Gilman, ao mesmo tempo em que a autora cria uma persona intelectual para si.

3. Vozes textuais: Gilman a partir do contextualismo linguístico.

O projeto se dispõe a ler Gilman enquanto agente produtora dentro de um campo que se constrói tanto como sociabilidade intelectual e como contexto a posteriori. Nesse sentido, a linguagem, assim como suas estratégias e modelos de intervenção pública criam desdobramentos sobre sua produção e persona enquanto uma intelectual feminina e reformista. Portanto, experiência e identidade atravessam a linguagem criada, afetando seu campo da mesma maneira em que ele afeta sua escrita. Essa retroalimentação exige uma análise dentro do campo da História Intelectual que considere o gênero feminino, em suas performances, restrições e símbolos como elemento indissociável e indicativo de sua trajetória/produção intelectual. Na produção teórica de Charlotte Perkins Gilman, sua personalidade pública e sua atuação enquanto intelectual se tornam também indissociáveis de suas palavras. Seu mundo textualizado transparece em seus temas e posições. Uma escrita reformista como a sua dificilmente poderia ser compreendida fora de uma sociedade a se reformar. Nesse sentido nota-se a interessante possibilidade de se ler Gilman nas lentes do contextualismo linguístico de Dominick LaCapra.

O contextualismo linguístico de LaCapra se insere em um período de debates a respeito da eficácia da história das ideias para se compreender a historicidade dos discursos e das palavras. A concepção de História das Ideias, como pensada por Arthur Lovejoy e Perry Miller, nos Estados Unidos, já se via saturada em meio as reivindicações identitárias que cresciam ao longo dos anos de 1970. A compreensão descorporificada de suas vertentes parecia deixar uma lacuna para se analisar as relações entre contexto e texto - e se enfraquecia ainda mais com a virada linguística que também se espalhava pelo cenário acadêmico, conforme a influência de autores da linha francesa, como Michel Foucault, Jacques Derrida e Roland Barthes (SOARES; SILVA, 2018).

Utilizando de um outro olhar, Dominick LaCapra partiu do contextualismo sociológico e das formulações da *linguistic turn*, propondo uma abordagem dialógica entre texto, contexto e interpretação histórica - que considerasse tanto o documento em sua materialidade, quanto em sua característica de "ser-obra".

Conforme discutido na obra *Rethinking Intellectual History: texts, contexts, language*⁴ (1983), os textos seriam compreendidos como utilizações de determinada linguagem em determinado período. Sua análise, entretanto, não poderia ser apenas interna, pois os o mundo que produziu tal texto também é textualizado e infere nesse documento. Portanto, o caráter documental de todos os textos a serem analisados na concepção do contextualismo linguístico de LaCapra, diz respeito a materialidade hipertextual que essa fonte histórica faz referência. O documento histórico faz referência

⁴ “Repensando a História Intelectual: textos, contextos e linguagem” (tradução nossa).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

a um mundo passado e uma realidade em si mesmo, que ultrapassa seu momento de criação e é imbuído por múltiplos sentidos. O aspecto ser-obra, nesse sentido, representaria as possibilidades de leitura e interpretação histórica no presente. O ser-obra carregaria o caráter de crítica e imaginação histórica que poderia ser extraído do documento – o próprio sentido produzido na escrita histórica. Através de um tema, poderíamos ler o documento e interpretar seus sentidos de ser-obra a partir da abordagem dialógica. A análise de documentos textuais, em LaCapra (1983), nos convida assim, a produzir diálogos entre os sentidos desenvolvidos no processo de interpretação histórica e as vozes textualizadas de Gilman em um passado contextualizado.

A ideia de um passado passível de contextualização através de textos, na História Intelectual, nos remete a uma série de discussões em torno do campo de atuação e das formas de atuação do Intelectual. Esse personagem tão escorregadio, ora mártir místico e exilado, ora reflexo de uma função social, parece ser definido a partir das próprias indagações propostas pelo trabalho do historiador dos intelectuais (DOSSE, 2007). Charlotte Perkins Gilman é tomada como intelectual tanto por sua produção, quanto por sua forma de atuação social. Por isso, compreender seu contexto, ou dialogar com ele, é também investigar como ela se mostrou publicamente e como ela se envolveu em redes de sociabilidade intelectuais. Para tal, pode-se voltar as reflexões de François Dosse (2007) a respeito dos modos e meios de criação intelectual.

Para Dosse (2007), ao invés de nos prendermos em análises de disputas internas de cada campo, deveríamos nos voltar aos meios de sociabilidade, e como os mesmos se constituem como redes de afinidades eletivas e associações por valores e interesses ideológicos, explícitos em cafés, sociedades de letras, e principalmente, revistas.

Dosse (2007) usando o conceito de sociabilidade como forma de expressão intelectual, como um meio de se movimentar as ideias, critica a noção de sociabilidade e de campo cultural conforme imaginada na teoria de outro interprete das relações intelectuais, Pierre Bourdieu. Nesse ponto, o historiador negligencia de certa forma as disputas internas que Bourdieu (2004) aponta como sendo o espaço em que as sociabilidades intelectuais construiriam sua legitimidade. Considerando o lugar de onde Dosse (2007) expõe sua crítica, poderíamos entender que a legitimidade em Bourdieu (2004) nem sempre precisaria ser vista como uma característica negativa de atuação. Pelo contrário, poderia ser compreendida como um modo de manter em circulação determinados trabalhos, como uma forma de assegurar sua presença em um campo avesso a sua produção.

Gilman, sendo reformista, dialoga com meios e redes de sociabilidade intelectual que compartilham de um valor crítico e moral comum - a reforma da sociedade estadunidense, a regeneração moral e genética do mundo civilizado – assim como pressuposto em Dosse (2007). Entretanto ela se encontra em confronto com a necessidade de legitimar sua produção em um meio que, mesmo reformista e eugenista, ainda sim se colocava contrário a emancipação feminina (RENSING, 2013). E por isso, sua própria presença dentro desse campo já denota uma disrupção. Essa presença, de exílio ou de deslocamento, presume uma disputa de performance intelectual para se afirmar dentro do mesmo campo. E nisso, compreende-se necessário para análise de suas atuações, articular ao conceito de sociabilidade de Dosse (2007), as relações postuladas entre linguagem,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

poder e campo de Bourdieu (2004), e mesmo os modelos de intervenção de Sapiro (2012). A partir do acompanhamento das atividades e discussões do Núcleo de História Intelectual, também se amadureceu a perspectiva de que, nos conceitos e autores utilizados, é imprescindível partir de um ponto flexível de leitura, onde não se utilize como conceitos puros, teses criadas em e para outros contextos. E essa leitura flexível dialoga com as premissas do contextualismo linguístico de LaCapra (1983), que urge o historiador a pensar seu objeto como ser único, e por isso, ouvir suas demandas por conceitos e transdisciplinaridades específicas.

4. “*We are those men*”⁵: Uma escrita feminina em contextos masculinos?

Marilyn Strathern (1997) propõe que os estudos de gênero parecem estar constantemente presos à margem da produção de conhecimento, como uma zona adjacente transdisciplinar. Ao mesmo tempo em que isso criaria um espaço de comunicação rico entre as áreas das humanidades, ela aponta como essa construção mantém os estudos de gênero em permanente exclusão do desenvolvimento conjunto dos campos. Entendendo que a construção de uma historiografia que parta diretamente dos pressupostos dos estudos de gênero é essencial para um fazer histórico completo (RAGO, 1998), pretende-se criar um diálogo entre as problemáticas dos estudos de gênero e a prática da história intelectual a partir do trabalho com a trajetória e produção de Charlotte Perkins Gilman.

Ao analisar - em pesquisas de iniciação científica - a obra de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), principalmente sua produção na revista *The Forerunner* (1909-1916), pôde-se perceber o quanto essa abordagem, e o estudo sobre essa fonte, se tornam necessários para o campo da história intelectual e de gênero. O que se entende por feminismo eugênico de Charlotte Perkins Gilman, dialoga em seu universo textual com temas de determinismo biológico feminino e a utilização da eugenia como ferramenta argumentativa do movimento feminino de fins do século XIX (HAUSMAN, 1998). A produção intelectual citada trabalha com uma dissecação da condição feminina de fins do século XIX, e são perpassadas por discussões ao redor dos temas como a evolução sexual e o imaginário de uma essência feminina. Nesse sentido, notamos que sua obra é envolta em lugares de sociabilidade intelectuais distintos, seja o movimento reformista estadunidense dos anos de 1890-1920, o feminismo eugênico e o campo intelectual dos evolucionistas sociais - mas que de um modo ou de outro, estão inclusos dentro de um aspecto mais amplo de intelectualidade masculina, e que sofre, portanto, uma ruptura com a ascensão/circulação de figuras femininas nesse meio.

É comum que a escrita feminina, principalmente a escrita feminina de cunho científico, se assegure por si mesma como prática marginal. Como discutido por Jaggar; Bordo (1997) e Lloyd (1979), é notável a existência de um cânone ocidental masculino de literatura e de produção científica que pressupõe o deslocamento do feminino para o místico, enquanto se alavanca o símbolo do masculino ao da razão. O campo da história intelectual, geralmente voltado para autores masculinos, se torna, assim, um marco de

⁵ “Nós somos esses homens”, fala de Gilman em encontro do Nationalist Club, em 1890 (WIENEW, 2003).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

inflexão para essas discussões. Buscando um fazer histórico que não “esqueça” a produção desses sujeitos femininos é necessário não apenas fazer surgir nas fontes os locais onde os sujeitos femininos puderam deixar alguma marca, mas principalmente partir do entendimento de que sua produção e sua experiência estavam confluindo e agindo dentro do passado “masculino” (CHARTIER, 1995). Por isso, pretende-se no trabalho com a intelectual Charlotte Perkins Gilman, que agenciou dentro de estruturas masculinas seu próprio trabalho, produzir uma análise que identifique e interprete a historicidade da textualidade produzida, buscando entender como os temas trabalhados pela autora, assim como a sua forma, dialogam e se entrelaçam com seu mundo.

A relação de Gilman com o seu campo não é apenas de estratégias entre autores e espaços de publicação, mas sim um encontro entre o movimento reformista, o feminismo e o campo masculinizado da teoria social de fins do século XIX. Sua escrita, que fez bailar temas de educação, nacionalismo, desenvolvimento genético e economia sexual, nos desafia a questionar as próprias relações entre gêneros de seu mundo - este que é igualmente indiciado e inventado em suas teses. Uma pesquisa sobre a trajetória intelectual de Charlotte Perkins Gilman demanda a articulação de sua obra ao seu contexto tanto quanto um entrelaçamento no processo de interpretação histórica do que sua performance e seus temas nos dizem sobre a construção de uma personalidade intelectual feminina em fins do século XIX - intentando, assim, por reflexões possíveis e necessárias a respeito da problemática “gênero, conhecimento e experiência” na história contemporânea.

5. Explorando fontes: *The Forerunner* (1909-1916) e registros de si na Coleção Gilman Paper's (1846-1961).

O trabalho utilizará de duas formas principais de fontes primárias. Obras selecionadas da autora, e o Acervo “Papers of Charlotte Perkins Gilman, 1846-1961”. As obras, que em sua maioria já foram consultadas e analisadas em pesquisas de Iniciação Científica, assim como os textos publicados em jornais reformistas em revistas, podem ser encontrados digitalmente na plataforma Archive.org, ou nas plataformas Hollis (Da Biblioteca Harvard) e Institute HathiTrust (com os arquivos das Universidades de California e associados). Todas estão em sua língua original, o inglês. O acervo “Papers of Charlotte Perkins Gilman, 1846-1961” que estão na Plataforma digital da Biblioteca de Schlesinger, (Instituto Radcliffe, Harvard), contém cerca de 30 caixas digitalizadas disponíveis para visualização e download. Estas caixas se encontram organizadas por temas, como: “Bibliográfico e miscelânea”; “Correspondência familiar”; “Escritos” e “Recortes de notícias”. Muitos dos escritos e das correspondências familiares foram manuscritas por Gilman, e com o tempo, se tornaram praticamente ilegíveis, o que impede sua inclusão na pesquisa. Entretanto, as caixas “Bibliográfico”, “Escritos” e “Recortes de Notícias” contém escritos legíveis e que ainda trazem indícios de uma performance pública de Gilman. Neles podemos encontrar trechos em que Gilman é citada em revistas do movimento nacionalista e reformista, assim como publicações de pequenos trechos de sua obra, ou revisões feitas em jornais de alta circularidade, como o *The Chicago Times-Herald*.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Na revista *The Forerunner* (1909-1916), depois de uma leitura preliminar de alguns textos, palavras-chave foram escolhidas como ponto de partida para a pesquisa⁶. Feito esse mapeamento, retornou-se às seções selecionadas para a leitura e análise. Nessa primeira pesquisa, conduzida entre 2019-2020, foi possível delimitar temas dentro de suas publicações, como o maternalismo político, o reformismo evolucionista e a instrumentalização narrativa dos conceitos de “raça” e “selvagem”, estes que serão revisitados e articulados com o restante da pesquisa atual.

As obras *Women and Economics* (1898) e *The man-made World* (1911) foram analisadas na pesquisa de iniciação científica de 2021-2022. Nessa pesquisa foram conduzidas leituras e fichamentos para o mapeamento de conceitos. Primeiro, seguindo a cronologia expositiva da autora e depois voltando no uso de termos e conceitos específicos. A partir dessa análise inicial, já se pôde notar alguns conceitos-chave, como Economia Sexual, funcionalismo genético/essencialismo biológico; cultura androcêntrica e “energias masculinas/femininas” que surgem como sintomas simbólicos dessa cultura. Também se levantou algumas matrizes intelectuais, como Karl Marx, Charles Darwin, Frank L. Ward, Thorstein Veblen e Edward Bellamy. Nessas obras se pretende buscar uma conceitualização não apenas de sua teoria, mas de um conjunto de sensibilidades em torno de sexualidade, raça, reformismo e nacionalismo de fins do século XIX. Também se buscará analisar sentidos textuais internos, como o posicionamento de Gilman dentro de sua escrita, algo que até o momento parece se enquadrar em uma escrita profética e distanciada da sociedade.

6. Algumas questões e possibilidades:

Ao longo das obras *Women and Economics* e *The Man-Made World* notamos o entrelaçar de algumas ideias mais gerais que circulavam pelas discussões reformistas estadunidenses de fins do século XIX. A primeira sendo a tese do evolucionismo social, que consistia em uma apropriação cultural da teoria de Charles Darwin a respeito da evolução das espécies (HAUSMAN, 1998). Outra matriz pôde ser encontrada no nacionalismo de Edward Bellamy, que via, dentro de uma noção evolucionista, a sociedade estadunidense como um corpo nacional (KIMMELL, ARONSON, 1998). A obra de Thorstein Veblen parece ser influência central para Gilman em suas pesquisas sobre a sociedade do lazer e das instituições comportamentais humanas.

Assim como Veblen é citado de modo direto, a teoria ginocêntrica de Frank Lester Ward, que entende a mulher como o tipo genético da humanidade e o homem como modulação, também está implícita em inúmeras argumentações da autora, assim como no próprio prefácio de *The man-made World*. Outros dois autores podem ser rastreados nas discussões propostas por Gilman: Piotr Kropotkin é citado como “Kropotkin” logo após a autora mencionar o mutualismo (GILMAN, 1911, p.19); e Pierre Joseph Proudhon

⁶ As tags foram (1) “Women/Womanhood”, (2) “Mother/Motherhood”, (3) “Race”, (4) “Savage”, (5) “Breed”, (6) “Primitive”, (7) “Nation/Nationalism” e (8) “Civilization”. Os termos foram divididos em três categorias de análise. A primeira, contendo os termos 1 e 2, apresentou 27 textos considerados na pesquisa; a segunda, com os termos 3,4,5, e 6, trouxe 12 textos. A terceira e última categoria, com o restante dos termos, produziu a escolha de 16 textos.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

(1809-1865), é uma possível influência de Gilman para análises em que a autora critica a formação da propriedade privada como estágio violento e patriarcal da evolução social. Tais referências são interessantes para compreender com quais revistas e meios a autora criou as relações de sociabilidade destacadas por Dosse (2007); e nesse ponto destacamos o movimento nacionalista, que se alastra a partir dos anos de 1880, com revistas e clubes, mas também o movimento reformista, que de certo modo abrange inúmeras pautas que surgiam de modo dissonante em fins do século XIX (WIENEW, 2003). Essas pautas, entretanto, nem sempre se vinculavam diretamente ao movimento feminino, de sufrágio e de participação política e social das mulheres, como notamos nas explorações ao acervo.

As referências em suas obras nem sempre são citadas de modo direito. Gilman não menciona com quais textos está dialogando, e suas fontes variam de leituras pessoais, obras científicas, tratados políticos e, de modo curioso, até mesmo o *Handbook of Proverbs of all Nations* (GILMAN, 1998, p.49). Uma possibilidade de compreensão seria pontuar que tal escolha se relaciona a própria posição de Gilman como autora profética e também de experimentalista social onde suas análises são feitas a partir de sua posição privilegiada de observadora. Essa delimitação moral de seu discurso dialoga bastante com uma possível pretensão de Gilman em se destacar dentro do movimento feminino, como uma autora mulher que fugia da posição de poetisa ou romancista apenas, e engendrava em discussões teóricas sobre a economia nacional e a evolução social humana.

Ao longo das observações em seu acervo, dentro do recorte estabelecido, temos indícios dessa construção pública da personalidade intelectual de Charlotte Perkins Gilman. Primeiro como reformista se inserindo nas discussões nacionalistas, Gilman publica poesias e é vista como uma promessa das artes literárias. Sua alma e sua sensibilidade são colocadas como ponto central na validação de sua presença no movimento trabalhista (THE NATIONALIST, 1891; THE AMERICAN FABIAN, 1897). A partir da publicação de *Women and Economics*, em 1898, é possível apontar uma mudança. Apesar de dialogar diretamente com autores masculinos, e com questões que envolviam o nacionalismo, as reformas estruturais na educação e na economia doméstica, o trabalho *Women and Economics* parece chamar muito mais atenção pelas questões que articulam sexualidade e sociedade tanto nos jornais “femininos” quanto reformistas em geral.

Após a publicação de *Women and Economics* também se percebe que ela não apenas demarca sua relação mais próxima com o movimento feminino como também consolida sua imagem de literata apostólica, com tons de profecia e sermão religioso. Não como uma projeção retirada direta da obra, mas possivelmente pela popularidade que a autora angariou recebendo mais revisões e mais apresentações em colunas e periódicos de críticas literárias, fazendo com que os elementos que já eram mencionados anteriormente ganhassem folego e se tornassem mais caricatos, como a linhagem inglesa, a mente sóbria e observadora (muitas vezes tratado como o mais alto elogio em comparação com o estigma da histeria feminina), e o tom profético de seus “sermões”.

Poderíamos compreender, por ora, que a autora foi reconhecida e representada como pensadora e comentadora social validada pelos pares, após a publicação de seu livro teórico e, após a consolidação de uma imagem pública imponente e sóbria dentro da construção de uma imagem de transcendência profética. Retomando as discussões da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

epistemologia crítica feminista, com Lloyd (1979), para interpretar tais circularidades de Gilman, percebemos que a noção de racionalidade se consolida juntamente com a figura do pensador-intelectual masculino e de sua posição já validada de interlocutor da ciência. Gilman, por sua vez, parece se revestir de uma imagem de de-sexualização para tratar da sexualidade feminina como fator na evolução social. Tais possibilidades de interpretação abrem caminhos para se pensar não apenas em como se constroem figuras intelectuais femininas na história contemporânea, mas também para compreender quais estratégias e performances essas mulheres criaram enquanto intelectuais. Apontamos nessas primeiras explorações da trajetória de Charlotte, a figura da intelectual apostólica e profetiza, embalsamada em camadas de espiritualidade para se colocar em posição de interlocutora da ciência de fins do século XIX, não como uma categoria de intelectual, mas como uma possibilidade de intervenção feminina em um meio cultural masculino. Espera-se que ao longo da pesquisa mais caminhos sejam construídos para interpretar sua obra, sua trajetória e sua relação com o reformismo eugênico estadunidense.

Referências

- ALCOFF, Linda Martín. *Phenomenology, Post-structuralism, and Feminist Theory on the Concept of Experience*. In: L. Fisher; L. Embree (eds.) *Feminist Phenomenology*, pp. 395-6, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 2ª edição, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- CARVALHO, Aline de.; FERNANDES, Luiz Estevam de. Relações entre textos e contextos: Contribuições da história intelectual para a historiografia. *Rev. Projeto História*, São Paulo, n.54, 2015.
- CHARLOTTE PERKINS GILMAN PAPER'S, 1846-1961; Coleção 177; Mf-1. Schlesinger Library, Radcliffe Institute, Harvard University, Cambridge, Mass. Disponível em: <https://id.lib.harvard.edu/ead/sch00019/catalog> Acesso em 18 de junho, 2021.
- CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Rev. Cadernos Pagu*, v.4, n.1, pp.37-47, 1995.
- DOSSE, François. *La Marcha de Las Ideas*. Traducción de Rafael F. Tomás. Universitat de València, 2007.
- GARDINER, Judith Kegan. *On Female Identity and Writing by Women*. In: ABEL, Elisabeth (ed.). *Writing and sexual difference*. University of Chicago Press, pp. 177-193, 1982.
- GILMAN, Charlotte Perkins. *Herland*. Introdução de Ann J. Lane. New York - Pantheon Books, 1979.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

GILMAN, Charlotte Perkins. *O papel de parede amarelo* [1892]. In: *O papel de parede amarelo e outros contos*. São Paulo - Via Leitura, pp.21-40, 2019.

GILMAN, Charlotte Perkins. *The Forerunner*, NY: Charlton Company, Volume 1-7, 1909-1916. Disponível em https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=osu.32435031112592&view=lu_p&seq17 Acesso em 18 de junho, 2021.

GILMAN, Charlotte Perkins. *The Man-made world; or, Our androcentric culture*. NY - Source Book Press, 1970. Publicado originalmente por Charlton Co. NY, 1911.
GILMAN, Charlotte, “Stetson” Perkins. *Women and Economics: A study of the economic relation between men and Women as a factor in social evolution*. Boston. Small, Maynard & Company, 1898.

HAUSMAN, Bernice L. Sex before Gender: Charlotte Perkins Gilman and the Evolutionary Paradigm of Utopia. *Feminist Studies*, v.24, n.3, 1998.

JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (eds.) *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Tradução de Britta Lemos de Freitas. RJ - Editora Rosa dos Tempos, 1997.

KNIGHT, Denise D. *Prospects for the study of Charlotte Perkins Gilman*. State University Press - American Literary Study, v.36, pp. 1-25, 2011.

LACAPRA, Dominick. *Rethinking Rethinking Intellectual History: Texts, contexts, language*. Cornell University Press, Ithaca, 1983.

LEONARD, Thomas C. Eugenics and Economics in the Progressive Era . *Journal of Economic Perspectives*, v.19, n.4, 2004.

LLOYD, Genevieve. *The man of reason*. *Metaphilosophy*, v.10, n. 1, 1979.

NADKARNI, Asha. *Eugenic Feminism: Asian Reproduction in the U.S. National Imaginary*. *NOVEL: A Forum on Fiction*, v.39, n.2, 2006.

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, Gênero e História*. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.). *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed.Mulheres, 1998.

RENSING, Susan. Women 'Waking Up' and Moving the Mountain: The Feminist Eugenics of Charlotte Perkins Gilman. *MP: Online Feminist Journal*, v.4, n.1, 2013.

SAPIRO, Gisèle. Modelos de intervenção política dos intelectuais: O caso Francês. *Rev. Pós Ciências Sociais*, v.9, n.17, pp. 19-50, 2012.

SAPIRO, Gisèle. *Os processos literários e a construção da imagem do intelectual engajado*. Tradução de Jorge Thierry Calasans e Clara de F. Ferreira. *Rev. bras. Ci. Soc.*, v.28, n.83, 2013.

SILVA, Ricardo Oliveira; SOARES, Fabricio Antônio A. Dominick LaCapra: Documentos e epistemologia na história intelectual. *Rev. Historiae*, v.9, n.1, 2018.

STRATHERN, Marilyn. *Entre uma melanesianista e uma feminista*. Tradução de Pedro Soares Maia. *Rev. Cadernos Pagu*, v.8, n.9, pp. 7-49, 1997.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



WEINBAUM, Alys Eve. Writing a Feminist Genealogy: Charlotte Perkins Gilman, Ration Nationalism, and the Reproduction of Maternalist Feminism. *Feminist Studies*, v.27, n.2, 2001



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

NOVO COMPLEXO MINEROINDUSTRIAL: PROCESSO CATALISADOR DE TENSÕES E INTERESSES EM ITAIACOCA

NABOZNY, Lucimara¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

A possibilidade da chegada de um novo complexo industrial em Itaiacoca⁷ é um acontecimento transformador, que nos levou, por meio dessa pesquisa, a pensar sobre como os moradores expressam suas inquietações sobre o que é viver em um lugar cheio de afetos, que se localiza em cima de riquezas minerais. Isso, que poderia ser um detalhe do ambiente, implica em como os sujeitos históricos vivenciam a experiência de viver e trabalhar em Itaiacoca.

A pesquisa aconteceu no momento em que a implantação do novo complexo minero-industrial, conhecido como “a Fábrica de Cimento”, começou a sair do campo da imaginação e ganhar forma, com audiências públicas e a apresentação do Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), realizado pela empresa proponente, envolvendo órgãos ambientais, políticos, Ministério Público, entre outras instâncias, que pareciam distantes da realidade cotidiana antes experimentada.

A aproximação dos moradores locais com essa nova realidade faz emergir memórias, questionamentos e inquietações referentes às relações com a cidade. O que acompanha a chegada da fábrica de cimento e quais políticas públicas essas transformações requerem são as reflexões que movem esse texto, excerto do segundo capítulo da dissertação Modos de viver e trabalhar em Itaiacoca, tempos de industrialização em lugar de minérios, defendida no PPGH no ano de 2018, construída a partir da participação no Núcleo de Pesquisa “Memória, Cultura e Natureza”.

As leituras e aproximações possíveis durante esse momento de estudos me fizeram sentir que este trabalho não desejaria ignorar a dimensão ambiental, mas sim compreendê-la como constitutiva da história do lugar, como campo de investigação que ilumina a discussão política. Para compreender a mineração em Itaiacoca, foi preciso considerar que as relações humanas não ocorrem no vazio, e sim situadas.

1. O tempo presente como expressão de memórias e expectativas sobre mineração

No final do ano de 2016, o distrito de Itaiacoca aproximou-se um pouco mais de um projeto que há tempos ronda a população local: a chegada de um novo complexo minero-industrial. A portaria de lavra, que é a autorização de pesquisa e posterior exploração dos minérios presentes no subsolo de uma faixa geológica que vai entre a localidade de Conceição e São Silvestre em Campo Largo, existe desde 1974, e hoje pertence à Mineração Delta PR, do Grupo Brennand. Atualmente, a empresa proponente

⁷ Itaiacoca: distrito rural de Ponta Grossa, criado pela Lei n° 203 de 3 de janeiro de 1909, está localizado em uma região bastante acidentada dos Campos Gerais.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

vem se aproximando da execução da proposta para a construção da fábrica. Podemos considerar, assim, que a expectativa dos moradores locais pela instalação deste complexo não se inicia com as atuais discussões do projeto, mas desde outros tempos já perpassam o imaginário constitutivo da identidade do morador local.

Eliceu, um dos entrevistados, ao viver os processos de industrialização na posição de morador local, reflete sobre a formação geológica e a exploração de minérios e reconhece a incorporação da pesquisa e métodos científicos na região:

Itaiacoca é o centro, é uma das maiores reservas do mundo de pedra pra cal, calcário, cimento, essas coisas. Existe uma jazida que são nove quilômetros de minério que vem do Município de Campo Largo e Itaiacoca. É tudo pesquisado. Tá pra ser aberta a fábrica de cimento. Então, onde tá essa fábrica é onde tá o minério calcário, por volta de 350 ou 400 metros dos lados tá o talco, porque o talco acompanha a mina; é uma decomposição do calcário, o talco, eles são da mesma família. E aqui tem variedades de pedra, umas com mais magnésio, outras com menos, uma mais pra calcário, outra mais pra cal, outra mais pra cimento. Elas não são iguais, tem variedades, umas mais claras outras mais escuras. Eles tiveram ano passado pesquisando, trabalhando aqui. Dá surpresa! São pesquisas de ponta, tudo com diamante cortado os furos. [...] e tiveram surpresas, tanto que aparece coisas que eles não esperavam: acharam ouro, acharam urânio, que é material radioativo, daí eles lacraram, entupiram o poço. Mas encontraram, porque aqui tem todo tipo de minério. Essa foi a segunda pesquisa, eles fizeram a primeira mais superficial, agora que eles fizeram um levantamento maior, porque agora eles tão pra que no passe a crise eles querem mexer, começar a trabalhar. (GLINSKI, 2016).

Aquilo que não era possível saber antes das “pesquisas”, tão mencionadas pelos moradores, passa a compor o repertório dos mesmos sobre a natureza do lugar onde vivem e isso impacta suas identidades. Viver em um lugar que possui recursos “indispensáveis” e tão desejados pela sociedade moderna faz emergir, no morador local, uma expectativa sobre o que lhe caberá de benefícios relacionados ao que foi encontrado. Marilei Ferreira Gonçalves, moradora e ativista da comunidade Faxinal de Sete Saltos de Baixo, sobre o sentimento de viver em espaço de minérios, reflete: “A gente vive em cima do petróleo (risos), em cima do minério”. Guimarães et. al (2013) consideram que “a prospecção mineral ou a capacidade agrícola dos terrenos impulsionaram a evolução da sociedade e trouxeram um valioso aprendizado sobre várias facetas da geodiversidade” (GUIMARÃES et al., 2013, p. 41).

As transformações e a construção das diferenças entre campo e cidade constituem a dinâmica de trabalho nessas regiões, reconfigurando a compreensão sobre como socialmente são distinguidos os modos de viver no ambiente rural e urbano, como tramas, que permeiam este pensar a mineração e os moradores de Itaiacoca. Vivenciando as supostas contradições entre progresso e campo, os sujeitos ouvidos não podem ser definidos como agricultores, mineradores, itaiacocanos, industriários, ou qualquer outra categoria estagnada. Uma soma dessas identidades os compõe, são pessoas que constroem seu viver e ressignificam seu passado a partir do presente. Pelo seu lugar e seu tempo, estruturam sentimentos relacionados ao ambiente. Existe um lugar que, de dentro, é visto de uma forma. No entanto, o projeto vem de fora.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

A expectativa pela implantação de um novo complexo mineroindustrial e os movimentos nessa direção passam a compor as práticas cotidianas dos sujeitos, ou seja, sua própria cultura. Para Williams, cultura não é representação, mas ação. Como lê Cevasco (2001, p 50): “Cultura não é um processo social secundário – a produção de significados e valores é uma atividade humana primária que estruturam formas, instituições, relações”.

Buscando aproximação, a empresa que está propondo a instalação do complexo realizou ao menos três encontros com a comunidade. Na reunião realizada na localidade de Roça Velha, no pavilhão da igreja, compareceram aproximadamente 50 pessoas. A comunidade, que leva a fama de hospitaleira, organizou-se de modo a servir pastel e refrigerante para todos os participantes. Enquanto os representantes da empresa realizavam a apresentação institucional do Grupo Brennand e suas experiências em Sete Lagoas-MG, Pitimbu-PB e em outras regiões, algumas mulheres da comunidade prepararam o lanche na cozinha. Nessa ocasião, homens e mulheres, muitos vestidos com seus chapéus e saias não condizentes com a moda da cidade, estavam sentados em bancos de madeira, muito provavelmente construídos pelas suas próprias mãos, observando um grande telão que lhes dizia quanta modernização aquela proposta poderá assegurar para esta comunidade. Os olhos atentos de uns e a postura cansada de outros vislumbravam o futuro que se apresenta a seus olhos em forma de propaganda.

As reuniões comunitárias tinham a intenção de colocar em pauta o assunto da implantação da cimenteira e preparar os moradores para as audiências. Mas a expectativa já é algo que faz parte da vida em Itaiacoca e essa mudança vem sendo especulada desde as primeiras pesquisas, que datam de mais de cinquenta anos. A preocupação com a crise econômica que possa inviabilizar o empreendimento é recorrente entre os sujeitos entrevistados, e condiz com o dito pela empreendedora, que, nos encontros com a comunidade, alertava: – Não queremos levantar falsas expectativas – dizia o representante – mas não temos como precisar o tempo para a implantação, porque depende da economia, a economia precisa melhorar.

Por outro lado, a produção dessa expectativa é composta também pela disputa entre os municípios de Ponta Grossa e Campo Largo, em relação à implantação da indústria em seu território. A seguinte reportagem, datada de novembro de 2016, extraída da Folha de Campo Largo (2018), demonstra os argumentos pelos quais politicamente o empreendimento é valorizado pelos gestores municipais:

Campo Largo brigará para instalação de fábrica de cimento em São Silvestre: Com investimentos da ordem de R\$ 700 milhões, a Mineração Delta do Paraná S/A vai implantar na divisa de Campo Largo com Ponta Grossa, região de São Silvestre, uma unidade mineroindustrial. O empreendimento vai gerar, só na fase de construção (dois anos e meio), mais de 600 empregos diretos e 300 indiretos. Na fase de operação serão criados permanentemente 100 empregos diretos e 400 indiretos. O prefeito eleito, Marcelo Puppi [...] defendeu a implantação da planta industrial em São Silvestre, no município de Campo Largo, em vez de Itaiacoca.

Para além dessas disputas políticas explicitadas no artigo do Jornal, a apresentação dessa nova proposta afeta os moradores, tanto no desejo que se afirme brevemente,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

concordando então com o já experimentado “necessário desenvolvimento”, quanto com outros elementos que compõem as identidades dos moradores de Itaiacoca, que a conhecem além de suas possibilidades econômicas. Durante as audiências, essas questões emergiram uma condensação de conflitos e disputas, silenciosas no fazer cotidiano, mas que desenharam os espaços de Itaiacoca.

2. Audiências Públicas sobre “Estudo de Impactos Ambientais e Relatório de Impacto Ambiental”: condensação de conflitos e disputas

A fábrica de cimento vai ganhando forma a partir de audiências públicas. O EIA foi realizado por força legal. A obrigatoriedade desse instrumento e do envolvimento da comunidade nesse planejamento estão previstos para o licenciamento ambiental de qualquer atividade de exploração de recursos minerais. Para a mineração, o EIA sempre deve ser apresentado, uma vez que se trata da exploração de um recurso natural não renovável e o impacto ambiental é compreendido como inevitável nessa atividade, tratase de um estudo prévio para instalação de obra ou atividade que possa causar degradação ambiental. Por impacto ambiental, entende-se:

Qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou de energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam: I – a saúde, a segurança e o bem estar da população; II – as atividades sociais e econômicas; III – a biota; IV as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; V – a qualidade dos recursos ambientais (artigo 1º da Resolução Conama, 1986). (BRASIL, 2012).

O relatório final desse estudo tem a finalidade de propor subsídios para os órgãos gestores do meio ambiente e para a população local avaliar os impactos previstos pelo projeto. O documento resultante do EIA denomina-se RIMA (LCB, 2015) e é composto por diagnóstico ambiental e prognóstico de impactos ambientais após a futura instalação do empreendimento proposto. Contém a análise dos impactos ambientais, alternativas, medidas mitigadoras dos impactos positivos e negativos. Tudo isso deve ser apresentado por meio de uma audiência pública. O representante do órgão licenciador é quem preside a sessão e, ao final, é lavrada uma ata acompanhada de todos os documentos escritos e assinados durante a sessão, que servirá juntamente com o RIMA de subsídio para aprovação ou rejeição do projeto (BRASIL, 2012).

Tendo já sido realizado um encontro em Roça Velha, a segunda audiência ocorreu na quadra da Escola Municipal Professor Eloy Avrechak, na localidade de Cerrado Grande, Itaiacoca. Participaram deste momento aproximadamente 150 pessoas, entre as quais havia moradores da região, empresários, políticos, proprietários de chácaras, estudantes e desportistas que utilizam a região para suas atividades. A casa cheia surpreendeu os organizadores, que precisaram improvisar novos lugares para acomodar os participantes. Os acontecimentos durante a audiência expressam uma disputa em torno dos antigos modos de viver e trabalhar. Esse evento foi uma formalidade capaz de trazer à tona sentimentos ambíguos em relação a um debate histórico que se estabelece na tentativa de manutenção de um lugar e a presença da mineração.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O representante da IAP (Instituto Ambiental do Paraná), órgão licenciador, informou aos presentes que audiência pública é uma ferramenta de controle social, em consonância com a Constituição Federal de 1988, que fala sobre o direito ao meio ambiente saudável, e que, para tanto, o uso dos recursos naturais exige estudo ambiental. Explicou também as normas para a ocorrência da mesma. Na mesa de autoridades, abrindo o evento, a fala do Secretário Municipal de Obras de Ponta Grossa, que se colocou à disposição para auxiliar a execução do projeto que, a seu ver, significa “fortalecimento da economia e geração de emprego”.

Iniciada a sessão, o empreendedor mostrou seu trabalho desde a década de 1970, em cerâmica, vidro, aço e cimento. Deu exemplos de projetos sociais realizados, apontados como meio para desenvolvimento da comunidade, segundo o representante: “nós estamos crescendo e a comunidade tem que crescer junto”. Após apresentação da empresa candidata, a audiência passou para sua segunda fase, que foi a apresentação do Estudo de Impacto Ambiental (EIA).

O EIA identificou que o calcário da região é adequado para a produção de cimento, mostrou quais preocupações ambientais e sociais foram contempladas na metodologia adotada pelo estudo, como, por exemplo: meio físico, locais de captação de água, fauna, flora, estudo de tráfego e questões de arqueologia. Esta última porque foram encontrados quatro sítios arqueológicos e registros cerâmicos na região da área afetada. Estes sítios serão encaminhados para resgate e salvamento, com aprovação do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

No momento da apresentação do RIMA (LCB, 2015), a projeção na grande tela instalada para o evento não foi suficiente para dar clareza aos resultados. Em letras pequenas demais, a tabela apresentada não respondeu às inquietações da comunidade a respeito do planejamento das medidas para redução dos impactos ambientais e sociais. A dificuldade em visualizar e compreender o que se mostrava e dizia causou desconforto e murmúrios entre o público. O que (não) se via era, em dados: a área diretamente afetada de 330 hectares de mineração e 78 hectares de fábrica e a área indiretamente afetada de 778.359 hectares, em resumo, as ações de redução dos impactos ambientais e sociais partiam basicamente da expectativa de acionar os serviços públicos existentes, que já são considerados insuficientes pela população local.

Com o término dessa apresentação, os participantes foram convidados para um intervalo, lanche, e retomada das atividades e eventuais questionamentos e considerações dos presentes, que deveriam se inscrever para o uso da palavra. Essa configuração formal da audiência parecia não deixar os participantes muito à vontade. Durante o intervalo, ouviu-se, na voz de um morador: “vai ser bom, mas vai acabar com nosso sossego”. Esse movimento não é resultado de uma teorização ou racionalização da proposta apresentada. Assemelha-se mais a sentimento que antecede o ocorrido, ou, conforme Maffesoli (1998, p.129), uma “intuição societal”. Para dar a entender sobre esse conceito, o autor questiona: “Qual poderia ser a sensibilidade teórica, ou melhor, as categorias úteis e necessárias para perceber e compreender as novas formas da socialidade que nascem sob nossos olhos?”. A resposta do mesmo autor ao seu questionamento diz que tal sensibilidade pode ser a intuição, que resulta de um saber incorporado a cada grupo social e a cada indivíduo.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Na sequência da audiência, após a abertura para os questionamentos, mais de 20 pessoas haviam solicitado a oportunidade de se expressar. E o que se seguiu foram recorrentes questionamentos e manifestações relacionados aos impactos ambientais e sociais, agora do ponto de vista dos moradores, dos chacareiros e dos desportistas que compartilham o espaço de Itaiacoca. Evidenciou-se, assim, que este lugar não é exclusivamente mineiro. Além disso, a exposição como se deu e a falta de acesso ao documento gerou insatisfação: – Quero que conste em ata – dizia um popular em uso da palavra – não fiquei satisfeito com a apresentação desse relatório. Além disso, o documento não estava no site do IAP. Procurei a semana inteira.

Além desses questionamentos, também foram ouvidos outros, relacionados ao reflorestamento de área desmatada, poluição sonora, salários e prazos para início das contratações, possíveis danos às residências, adequação das rodovias, impactos sobre segurança, saúde ambiental e impactos à saúde humana. Outro questionamento foi sobre quem são as autoridades que irão fiscalizar os impactos, qualidade da água e risco de erosão, deslocamento dos animais, e impactos sobre povos tradicionais, entre outras colocações. Sobre essa última colocação, cabe atenção especial à Marilei Ferreira Gonçalves, uma mulher faxinalense da Comunidade Sete Saltos de Baixo, última comunidade faxinalense de Ponta Grossa, que dizia: “Não somos vistos, não aparecemos nessas discussões. As pessoas não estão colocadas em discussão. Não interessa o vizinho ao lado. Estão entrando em nossa casa”.

Em agosto de 2018, Marilei concedeu entrevista para este trabalho, e apresentou sua leitura sobre a chegada da cimenteira na comunidade:

Nós, enquanto Faxinal, nós vamos sentir o impacto social. Esse vai ser o impacto mais forte. Nós vamos sentir na educação esse impacto, porque as pessoas vão chegar de outros lugares, as pessoas vêm com conceitos dos grandes centros. No progresso, eles colocam essa falsa ilusão do progresso, e junto vem a violência. (GONÇALVES, 2018).

No acima narrado, Marilei percebe a força do discurso sobre desenvolvimento e progresso que, como vimos, está presente na construção da identidade dos moradores de Itaiacoca desde a chegada do forno grande. Sua fala e outras manifestações ocorridas na audiência nos dão pistas: podemos pensar as identidades locais passando por um momento de reorganização, inerente à cultura que, para Williams (2011), é um conceito que pela sua complexidade, não compreende somente seus objetos, mas também as contradições através das quais tem se desenvolvido.

Em sua apresentação final, o RIMA, que está disponível para consulta no site do órgão licenciador (IAP) e vem assinado pela empresa LCB Consultoria e Projetos (LCB, 2015), é um documento formal, com 57 páginas, ilustrado com fotos e mapas que visam dar o diagnóstico ambiental com informações viáveis de compreensão pelos interessados. Conforme descrição de objetivos do documento:

Documento utilizado para apresentar à população empreendimentos que de alguma forma promovam alterações ao meio ambiente. Deve resumir as características do empreendimento, levantar os impactos gerados e definir medidas e programas que os atenuem. A leitura do RIMA para implantação de



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Complexo Mineroindustrial nos municípios de Ponta Grossa e Campo Largo permite o entendimento pelo público e estará à disposição para consulta nas respectivas prefeituras e na Biblioteca do Instituto Ambiental do Paraná. (LCB, 2015, p.2).

Na citação, percebemos pelo menos duas contradições: a primeira relacionada ao acesso das populações interessadas ao documento. Além disso, o levantamento de impactos, conforme fala de Marilei, deu-se de forma superficial, desconsiderando os impactos que, de fato, a instalação do complexo irá desencadear.

No cenário da mineração do Brasil, segundo Farias (2002), várias atividades antrópicas vêm criando problemas ambientais, no uso do solo e subsolo, além das atividades de mineração, entre as quais se destacam: a urbanização desordenada, agricultura, pecuária, construção de barragens visando à geração de hidroeleticidade, uso não controlado de água subterrânea, dentre outras. Para evitar isso, a mineração está submetida a um conjunto de regulamentações, dentre elas o EIA/RIMA. Esse instrumento, no entanto, não está isento de fragilidades advindas de interesses políticos e econômicos. Fearnside (2011) também faz uma avaliação indicando problemas no relatório. A partir desses e de outros questionamentos que surgem sobre essa ferramenta, podemos indicar que, apesar de se configurar como um avanço no cuidado do meio ambiente, o EIA/RIMA pode apresentar lacunas e falhas.

As fragilidades do RIMA Delta/PR foram sentidas pelos moradores. Essa percepção passou a ação que imprime força de luta contra um projeto que parece ter apoio das políticas públicas, conforme narra Marilei:

O RIMA tá fragilizado. Bem fragilizado. Essa é a questão de a gente contestar. Logo após aquela audiência que teve no Cerrado, a gente encaminhou um protocolo junto ao IAP em Curitiba solicitando esclarecimentos e mostrando que iria acontecer esse impacto socioambiental, o que iria acontecer conosco. Nós não tivemos devolutiva. Eu procurei, aí me ligaram do IAP me dizendo que estava em Ponta Grossa no escritório. Eu procurei no escritório em Ponta Grossa, ninguém me deu a devolutiva. Simplesmente o documento sumiu. A gente teria um tempo pra entrar com recurso, discutindo a questão da audiência pública, mas nós não temos esse tempo porque esse documento simplesmente desapareceu. Agora, conversando, eu perguntei a eles o que aconteceu, se as LPs já foram liberadas. Disseram que já foram liberadas porque é interesse do governo estadual os impostos, os encargos, os tributos. (GONÇALVES, 2018).

Quase dois anos depois da Audiência Pública, as vozes de resistência continuam, sem sucesso, tentando manifestar de maneira formal sua posição contrária à implantação do complexo mineroindustrial. Essas manifestações podem representar um sentimento de distanciamento/silenciamento experimentado pelos moradores em relação à formalização do projeto. Não se trata aqui de responder se o documento estava ou não disponível, mas o fato de esta questão ter sido levantada nos faz pensar sobre o sentimento de apartamento da comunidade nesse processo. Algo como “pedem nossa opinião, mas nos limitam saber sobre o que exatamente se trata”.

Ainda olhando para RIMA, eoa o comentário do morador, feito durante o intervalo da audiência: “vai acabar com nosso sossego”. A Imagem 1 explicita que os



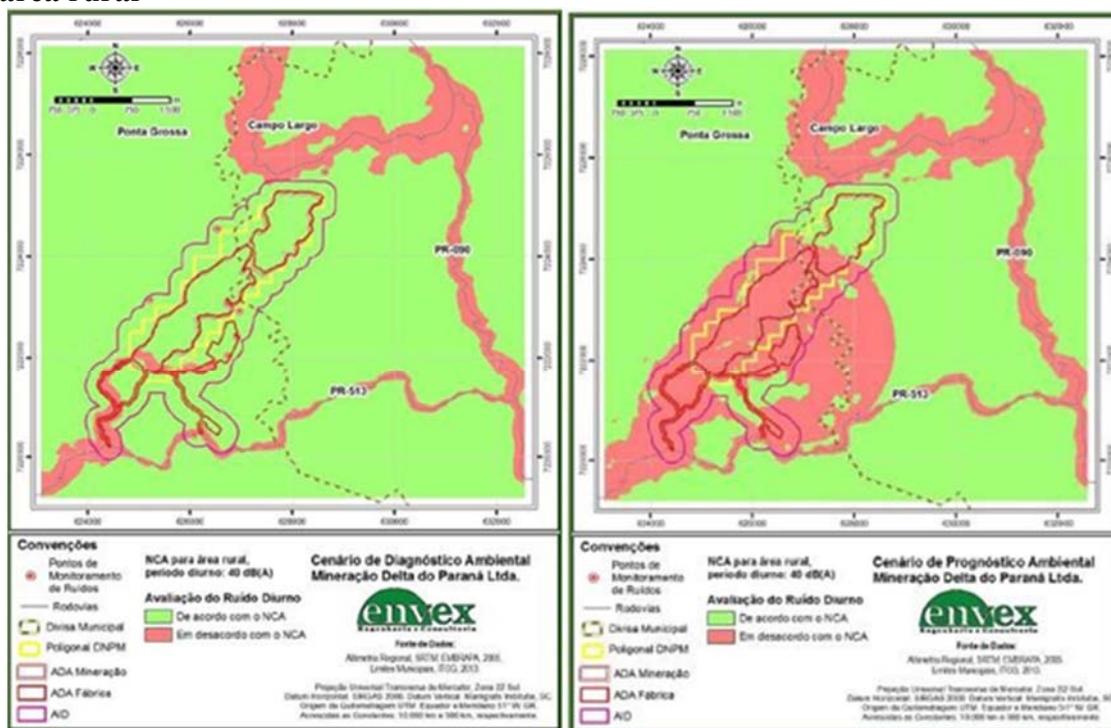
2º COLÓQUIO PPGH - UEPG EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES: 10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

moradores de certas áreas já convivem com ruídos não autorizados para um lugar rural: o RIMA apresenta, no diagnóstico atual, que algumas áreas próximas a mineradoras já existentes estão em desacordo com a NCA da NBR 10.151:2000. Uma área bem mais expressiva passará a conviver com ruídos considerados acima dos parâmetros aceitáveis para área rural. A avaliação oferecida pelo RIMA sobre esse prognóstico considera que: “Deve-se levar em conta que o NCA para áreas rurais é bastante restritivo: 40 dB(A) para o período diurno, e 35 dB(A) para o período noturno, e não é compatível com atividades industriais”.

Imagem 1 – Cenário Diagnóstico de acordo com o NCA da NBR 10.151:2000 para área rural



Fonte: RIMA Delta/PR (LCB, 2015, p. 14).

E, ainda:

Deve-se considerar que a implantação e operação do complexo Minerioindustrial Mineração Delta do Paraná S.A. irá alterar o uso do solo atual da região, devido à natureza de suas atividades. Por esta razão, é natural que, nas futuras revisões do zoneamento municipal, pelo menos a ADA (Área Diretamente Afetada) do empreendimento seja convertida para área industrial, de forma a compatibilizar o uso com o zoneamento da área. (LCB, 2015, p.17).

O projeto prevê uma conversão de área rural para área industrial. A área rural tem um modo de ser que é reconhecido inclusive pela NBR, que garante o silêncio. Essa possibilidade de revisão apontada pelo RIMA fala de uma mudança de norma que, na realidade cotidiana, já vem sendo sentida pelos moradores. Ser itaiacocano é condição que vem carregada de representações da vida no campo, da vida “nos mato”, como se diz



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

no lugar. O sujeito, inserido nesse ambiente, desenvolve suas formas de percepção do mundo. O desejo do retorno daqueles sujeitos que migraram do lugar combina com o desejo da manutenção do lugar dentro de um espaço daqueles que permaneceram e vivenciam essa perspectiva de mudança. Segundo Tuan (1980, p. 111):

Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança.

Entendendo essa relação do sujeito com o ambiente, proposta por Tuan (1980), fica claro porque possíveis implicações com a natureza foram tão questionadas durante a audiência pública, pois há, ali, outras formas de interação dos sentidos com o ambiente. Por isso, podemos observar mais um questionamento emergente na audiência pública: sobre a qualidade do ar. O EIA mostra que, na área onde será instalado o empreendimento, não há atualmente significativa emissão de poluentes atmosféricos. É que após a implantação da cimenteira, a qualidade do ar manterá a classificação como BOA para as substâncias PTS (partículas totais em suspensão), SO_x (óxido de enxofre) e CO (monóxido de carbono); e REGULAR para NO_x (Óxidos de Nitrogênio). Entretanto, em todos os casos, o padrão de qualidade do ar continua sendo atendido, mesmo considerando as concentrações preexistentes na região (LCB, 2015, p. 10). No entanto, a experiência da moradora faz com que questione a emissão de poluentes.

Marilei narra um diálogo sobre a qualidade do ar de comunidades próximas a indústrias, um consultor, ao abordá-la, disse “olha professora, você questiona, mas isso vai ser muito positivo”, ao que ela respondeu “se você me mostrar onde é positivo, me diga porque você não constrói do lado da sua casa? (risos)” (GONÇALVES, 2018). O consultor da empresa não compreende os motivos dos questionamentos da moradora, e por isso busca lhe mostrar novamente as vantagens que o empreendimento trará para o lugar: 400 empregos, segundo ele. “Eu me perguntei: pra quem?”, não houve resposta. Ela continuou: “Nós temos engenheiros formados? Nós temos pessoas formadas pra trabalhar? Nós não temos...” (GONÇALVES, 2018).

Existe, na intuição de Marilei, um temor pela extinção das comunidades tradicionais que dividirão espaço com a área de influência da fábrica de cimento, se vier. No entorno da área chamada de indiretamente afetada, estão registrados dois quilombos e um faxinal: Comunidade Negra Tradicional Sete Saltos, Comunidade Palmital dos Pretos e Faxinal Sete Saltos de Baixo. O RIMA considera que tais comunidades não serão diretamente afetadas pois estão em um raio maior de 10km da área da indústria.

A audiência funcionou como um momento desencadeador de uma complexa malha de relações sociais, afeto pelo lugar, expectativas, experiências e imaginação relacionados à mineração. Esse grande e intenso movimento de práticas e sentimentos em Itaiacoca, como já visto, não é novo. É um processo histórico em que os sujeitos são participantes.

3. Considerações Finais



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Os minérios de Itaiacoca são representados como importantes para a sociedade, pois Itaiacoca tem, em seu subsolo, um “tesouro”, que pesquisas externas foram revelando. Isso muda tudo. Aquele lugar, antes sem visibilidade, que era da gente “dos mato”, usado para plantar milho e feijão e criar porco solto, passa a ser apresentado como um potencial econômico a ser explorado. O sujeito de Itaiacoca participa disso de diferentes formas. Em alguns aspectos, percebendo oportunidades, em outros, angústias e incertezas, em face de possíveis consequências indesejadas.

Este estudo ocorreu no momento em que esse processo se dava. Isso não foi uma escolha intencional, pois já investigava o tema quando soube do agendamento das audiências. Mas a oportunidade de participar de uma delas me avisou que este momento estava repleto de significados e representando o auge de uma expectativa de meio século, que movimentou o lugar, pois a ação dos moradores levou em consideração essa possibilidade. Morar na cidade ou esperar o emprego? Vender o terreno ou esperar se valoriza? Investir no lugar... Mas, e se tiver minério? Todas essas questões são frutos da espera pelo futuro que nunca chega, da vida vivida em um presente estendido que é mantido pelas expectativas do seu próprio futuro. Essa condição impede o andamento de seus próprios projetos de vida, que permaneceram por anos silenciosos ou silenciados, e explodiram naquela audiência. Por isso aquele momento significou para este estudo mais que um olhar para o tempo presente, mas, a partir desse, trouxe-nos uma visão de tudo o que poderia estar em jogo na disputa do próprio lugar.

Referências

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA. Resoluções do CONAMA: Resoluções vigentes publicadas entre setembro de 1984 e janeiro de 2012*. Brasília: MMA, 2012.

CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FARIAS, Carlos Eugenio Gomes. *Mineração e meio ambiente no Brasil*, Ministério do Meio Ambiente, 2002.

FEARNSIDE, Philip. Gases de Efeito Estufa no EIA-RIMA da Hidrelétrica de Belo Monte. *Novos Cadernos NAEA*, [S.l.], v. 14, n. 1, out. 2011.

FOLHA DE CAMPO LARGO. *Campo Largo brigará para instalação de fábrica de cimento em São Silvestre*, 2018.

GLINSKI, José Eliceu. *Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto “Modos de trabalhar na mineração pré-industrial em Itaiacoca 1940 – 1970” do curso de especialização História, Arte e Cultura UEPG*. Itaiacoca/Ponta Grossa, 10/04/2016, formato MP3, 62 minutos.

GUIMARÃES, Gilson Burigo; LICCARDO, Antonio; PIEKARZ, Gil Francisco. A valorização cultural do patrimônio geológico-mineiro do Paraná. *Boletim de Geociências Paranaense*, v.70, p. 41-52, 2013. LCB – Consultoria de Projetos. RIMA. Relatório de



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Impacto Ambiental – Complexo Mineroindustrial. Mineração Delta do Paraná, Ponta Grossa/Campo Largo, IAP, v.1. 1.ed. mar. 2015. 57p.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

GONÇALVES, Marilei de Fátima Gonçalves. *Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto “Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar nos processos de industrialização” do curso de Mestrado em História UEPG*. Itaiacoca/Ponta Grossa, 18/08/2018, formato MP3, 35 minutos.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1980.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

CONGADA DA LAPA: RELATOS SOBRE O APRENDIZADO EM TORNO DA HISTÓRIA ORAL.

PINTO, Mauro Sérgio Souza¹

¹Universidade Estadual De Ponta Grossa (UEPG); Programa De Pós-Graduação Em História (PPGH)

1. Introdução e contextualização.

O tema deste trabalho gira em torno da história oral, sendo uma parte da historiografia e sendo ela pouco trabalhada na graduação – no meu caso pelo menos nem trabalhado foi – diferente dos colegas que fizeram a graduação na UEPG. Quando li sobre a história oral, muito me chamou a atenção por ser um tipo de história que – para mim – parecia fugir um pouco da historiografia pesada estudada até então, uma porque a historiografia intelectual é fundamental para compreender, estudar e escrever sobre a história, mas, no entanto, eu procurava algo que ligasse a história ao teatro, principalmente aquela parte que faz a gente sentir.

Talvez por ignorância minha ou falta de conhecimento da minha parte, mas, eu não conseguia ligar a historiografia com algo que fizesse sentir, embora eu imagine que uma pessoa só pesquisa aquilo que de alguma forma toca ela, ligando-a ao objeto ou tema pesquisado, nesse sentido fui atrás de alguma historiografia que ligasse o que eu estava procurando, e, descobrir a história oral. Como eu não tive contato com esse tema na graduação, as aulas da disciplina do mestrado me ajudaram muito na compreensão do tema, ou pelo menos me ajudaram a compreender um pouco mais sobre o universo que rodeia a história oral.

Em uma apresentação da minha pesquisa na Anpuh, fui questionado por um participante sobre a dificuldade que é conversar e obter informações com o senhor Ney, confesso que na hora que ele fez a pergunta eu não entendi muito bem o questionamento, pois achei que ele estava se referindo a dificuldade em sentar e ter uma conversa com o senhor Ney que, é o embaixador na Congada da Lapa, achei muito estranho já que o Ney adora falar sobre a Congada, sobre sua família e sobre o descaso que o poder público tem com eles na cidade da Lapa, quando perguntei sobre qual seria essa dificuldade, ele me disse que cada vez que o Ney fala sobre um assunto, ele dá uma versão diferente, ou uma data diferente, ou uma explicação diferente.

Não pude negar, pois quando se trata de fatos, de fato tem muitas divergências sobre o assunto, um exemplo é em relação a origem da Congada na cidade da Lapa, as primeiras conversas com o Ney, ele afirma que a Congada existe desde a época da escravidão, e como os membros da família Ferreira que pertenciam ao Barão dos Campos Gerais e após a abolição da escravatura ficaram nas terras do senhor Braga, no interior da cidade em um lugar chamado Feixo, uma comunidade Quilombola. Com o passar do tempo, a tradição foi passando de geração em geração, sendo os costumes passados de forma oral, até que no início do Sec. XX teria sido escrito por membros da família um



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

caderno, descrevendo o roteiro e as músicas que deveriam acontecer no momento da apresentação. O caderno, em posse da família Ferreira a mais de oitenta anos, foi passando de geração em geração. No entanto na entrevista feita para a disciplina ele fala que quem trouxe a Congada para Lapa foi um gaúcho que apresentou esse formato de congada para o avô dele, só que o avô dele não foi escravo, nem podia, já que a escravidão acabou “tardiamente” a mais de 130 anos atrás, e nessa época o avô dele não era nascido.

2. História da Congada da Lapa.

A Congada na cidade da Lapa, uma apresentação cultural e artística que vem acontecendo na cidade desde a época da escravidão e que ao que tudo indica vem sendo transmitida pela família Ferreira durante todo esse tempo de geração em geração. Com a recente morte do senhor Miguel Ferreira, último “rei do Congo”, o caderno ficou a cargo de seu sobrinho Ney Ferreira, que é embaixador, ao qual está encarregado de passar a tradição para as próximas gerações.

Um estudo feito por Paula Piva Linke e Sílvia Helena Zanirato(2016) destaca que essa festividade existe “comprovadamente desde o início do século XVII, ganhando força no século XVIII, mudando de feições no século XIX e ocorrendo ainda hoje em várias localidades brasileiras”. Surge de uma forma cultural e de adaptação aos costumes religiosos que existiam no período da escravidão, pois muitos pretos saídos de Angola, Moçambique, Congo e outras regiões africanas, quando chegaram ao Brasil tiveram que adaptar suas crenças africanas à religião católica ensinada pelos padres portugueses, destacando-se a devoção a esse santo (CEZAR, 2008).

A vida não era nada fácil para os escravos e a religiosidade trazia para eles uma esperança de vida melhor ou, pelo menos, aliviava um pouco o sofrimento que eles viviam, pelo fato da religião dos escravos ser uma religião de origem africana, não era bem vista pela sociedade da época, onde o catolicismo era dominante e além de ser dominante era também uma questão social. Com isso os escravos tiveram que adaptar sua crença ao que era aceitável para aquele momento, tem início então a festividades onde podiam incorporar sua crença fazendo uma adaptação e uma mistura entre os santos católicos (principalmente os de origem negra e humilde) e as músicas, batuques e danças que tinha na religião de matriz africana, surgiu assim a Congada.

Com o passar do tempo, a Congada começa a ser incorporada na sociedade lapeana de forma social e cultura, sendo comemorado no dia 26 de dezembro, um dia após o natal e em devoção a São Benedito, o santo com o qual os escravos se identificavam em face à crença em sua origem humilde. Segundo consta, ele havia sido filho de ex-escravos africanos e teve uma vida simples, dedicando-se ao mosteiro e atendendo aos necessitados, nesse dia o espírito natalino e solidário tomava conta das pessoas, isso se dava pelo fato dos pretos receberem por sua apresentação comida que, muitas vezes, tinha sobrado da mesa de seus senhores do dia anterior. (LINKE e ZANIRATO, 2016).

A festividade vai ganhando também uma conotação de participação social, pois os escravos para realizar as danças recebiam de seus senhores joias das mais caras, roupas coloridas e bem desenhadas, além de receberem armas que muitas vezes eram herança de



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

família. Todos sabiam quem eram os escravos e a quem eles pertenciam, logo, quanto mais enfeitados com jóias e roupas caras eles estivessem, significava que mais rico seu dono era, além de ser uma forma dos senhores pagarem promessas e agradecer o que consideravam graças alcançadas (LINKE e ZANIRATO, 2016).

3. História Oral.

O estudo sobre história oral nos ensina que os fatos, datas, nomes não são o mais importante quando fazemos uma pesquisa e/ou uma entrevista oral, até porque normalmente entrevistamos pessoas que são ou estão com uma certa idade, e muitas vezes a memória pode estar falhando, o que importa é todo o contexto que a pessoa (entrevistado) está inserido, e para entender todo o contexto que o entrevistado está inserido, não existe uma fórmula pronta, existe um caminho e alguns cuidados que devemos ter como historiadores, mas, nunca uma fórmula pronta. Quando tive contato com a disciplina sobre a história oral, iniciamos uma discussão sobre o que é MEMÓRIA e como ela foi construída.

Descrevendo que a memória é algo que é ou foi construída ao longo do tempo e que tudo está ligado a questão da memória, a discussão na aula foi no sentido que costumes, como por exemplo a questão do certo e do errado, não é uma questão de lei, mas sim uma questão de costume.

A identidade de uma pessoa está totalmente ligada a sua memória, uma vez que ela cresceu em uma sociedade que está cheia de valores e esses valores sendo passados de todas as formas e o tempo todo, faz com que uma forma de pensar e ver o mundo sejam construídos dentro desse indivíduo. No entanto, a identidade é mutável, ela pode mudar com o passar do tempo, pois vamos recebendo novas informações todos os dias.

Nessa aula a discussão continuou e em um primeiro momento eu fui entendendo que o trabalho do historiador quando faz história oral, vai meio que no sentido de um psicólogo (depois esse entendimento sofreu alterações), pois comecei a entender que o historiador tem que perceber aquilo que não é dito pelo entrevistado, já que nas entrelinhas do que ele está falando, existem muitas informações.

Essa discussão pra mim começou a fazer um grande sentido pois, como eu ainda não tinha muito uma noção do que é e nem como se fazia história oral – embora já havia feito uma breve pesquisa para escrever o projeto – eu comecei a entender que a história oral não está buscando o fato em si, mas ela está buscando uma compreensão de uma memória que foi construída ao longo do tempo e essa compreensão requer um cuidado grande com o que está sendo pesquisado, com a forma como essa pesquisa é feita e também com as interpretações do que as respostas de um entrevistado dá a cada pergunta que é feita.

Com a discussão sobre a memória, estudamos o texto do Thompson sobre costumes e cultura, ele fala sobre a construção de uma cultura e coloca como alguns costumes são adquiridos ainda na infância, passando o que nós chamamos de

“educação”, quando o autor fala dessa educação, ele está falando da educação que é ensinada nas instituições, logo o trabalhador ou às classes mais baixas não têm acesso a esse tipo de educação, então para eles acaba sobrando somente os costumes.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Logo, esse tipo de visão sobre a sociedade, nos influencia a ver uma sociedade onde a cultura ou o que vem e é produzido pela elite é que tem um valor, o que não vem da elite não “seria digno de ser estudado”. Como existe uma prática social, daquilo que vem de cima, e como nossa sociedade separa de uma forma maniqueísta as coisas, corremos o risco de separar entre o que é certo e o que é errado, entre o que tem valor e o que não tem valor, logo, cultura que vem de baixo não tem um valor tão grande assim. Sabemos que na prática não é bem assim, mas uma revisão bibliográfica, com uma explicação detalhada sobre o assunto, nos ajuda a entender melhor como uma cultura é ou tenta ser imposta na outra.

Um termo que comecei a prestar mais a atenção, é o termo “cultura popular”, quando ele é usado, passa pra gente uma interpretação que todos gostam, que é aceita por todos e que é seguida por todos, no entanto mesmo dentro de um grupo, nem todos pensam da mesma forma. Quando eu estava estudando e pensando sobre a cultura, comecei a pensar em como ela é realmente passada de geração em geração, como um “não pesquisador” quando eu olhava a cultura e a transmissão dela, eu sempre pensava em como ela podia ser passada, mas eu sempre olhei ela de uma forma superficial, de uma forma objetiva.

No entanto, estudando mais aprofundadamente sobre o tema, e analisando e aprendendo melhor sobre memória, comecei a perceber que a cultura está em todos os lugares, quando fiquei pensando na questão do sentimento em uma cultura, eu pensei em como os sentimentos influenciam no que é passado.

Quando olhamos um costume ou algo que é feito por um grupo, podemos perceber quando aquilo é feito por fazer, para agradar alguém, para cumprir um protocolo ou para simples formalidade, mas também percebemos quando algo é feito com um sentimento, nem sempre esse sentimento é bom, às vezes ele é feito por medo, por raiva, por solidão, por ódio ou por necessidade, o que quero dizer é que um algo que é feito com uma certeza do que está sendo feito, faz uma diferença grande.

Estou tentando fugir do senso comum, mas fiquei pensando, imagina uma sociedade onde o casamento é visto como algo sagrado, nossa sociedade já foi assim e em muitos lugares do interior as pessoas ainda levam isso muito a sério. Existe toda uma cultura sendo passado de pai para filho, mas não como uma simples formalidade e sim estando presente em tudo, nas cerimônias sagradas, nas conversas na hora do almoço, nas reuniões de família, nas brigas por “valores”, resumindo, tem todo um sentimento que gira em torno desse fato. Logo, para entendê-lo, tem que entender toda a subjetividade que forma esse fato.

Logo posso entender que não existe uma fórmula de como fazer história oral, pois cada um tem uma forma diferente de trabalhar, mas o que estudei até esse momento, posso definir da seguinte forma:

HISTÓRIA ORAL

MEMÓRIA NARRATIVA SUBJETIVIDADE

Cada ponto desse tem que ser entendido separadamente para conseguir entender e desenvolver a história oral. A história oral não está em busca da verdade ou da mentira, ela está em busca do contexto no processo que existe na memória.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Lembro do livro da Hebe Mattos e de Anna Lugão Rios, quando elas descrevem que alguns entrevistados tinham uma crença, quando uma mulher dava à luz a uma criança, uma cobra vinha durante a noite para mamar na mãe no lugar da criança e que a cobra colocava a ponta do rabo na boca da criança, com isso a criança ia ficando doente e podia chegar até a morrer. É claro que isso não acontecia, mesmo assim, muitos pais passavam a noite toda acordados quando uma criança começava a adoecer. O importante para elas não era o fato em si, mas sim tudo aquilo que estava culturalmente subjetivamente envolvido no fato.

Uma discussão que me ajudou muito a entender esse processo, foi a discussão em torno do texto do Raymond Williams, quando ele fala que a cultura é algo comum a todos. Williams foi uma pessoa que nasceu e foi criado na classe baixa, seu pai lutava ao lado dos trabalhadores e mesmo sendo criado em uma cultura que não tem muito valor para a sociedade, ele ganhou uma bolsa de estudos em uma faculdade, só que essa faculdade era uma faculdade frequentada pela elite, logo uma cultura considerada “superior” a cultura que ele tinha.

Quando chega na universidade Williams se depara com a casa de chá, é nessa casa de chá que as coisas acontecem, e ele percebe que uma cultura não é mais importante e nem melhor do que a outra, pois cultura é algo comum a todos. Na casa de chá ele percebe que a cultura da elite só pode existir porque a cultura da “não” elite existe, eu lembro muito bem das discussões no núcleo de pesquisa quando falamos sobre os cogumelos, e de como eles só poderiam existir se tivesse toda uma teia de formação por baixo.

Para Williams a cultura que vem de baixo – eu estou evitando usar esses termos, cultura de baixo ou cultura de cima pois tenho a impressão que o uso delas já coloca uma cultura como sendo boa ou ruim – sendo a cultura popular existente para cultura de elite, sendo a cultura de massa fundamental para existência da cultura de elite.

Essa discussão foi de uma importância muito grande para mim, não pelo fato de eu desprezar a cultura de massa. Na verdade eu passei a entender que muitas críticas feitas por mim não eram bem aprofundadas, com isso em até condenava o fato da cultura de massa ter menos valor do que a cultura de elite, mas pensando bem, essa visão preconceituosa estava guardada dentro de mim de uma forma bem discreta, o que faz eu ver que é ainda pior do que a forma escrachada, uma vez que a escrachada fica evidente e é logo questionada a ser mudada, já a escondida fica de forma “aceitável” e leva mais tempo a ser percebida e a ser percebida que precisa de mudança.

Um dos últimos autores lidos nas aulas, foi Alessandro Portelli, considerado um dos maiores nomes da bibliografia da história oral no mundo, ele escreve que a história oral não é nem melhor e nem pior que as outras, ela é apenas diferente. Com uma escrita muito simples de ser entendida – não que os outros textos fossem complicados - Portelli relata alguns momentos que ele viveu ao longo de sua carreira, me chamou muito a atenção quando ele explica os erros que ele cometeu em entrevista ao longo de sua carreira. Isso me deixou tranquilo, porque se até um dos maiores nomes cometeu erros na hora de fazer entrevista, imagina a gente que está começando.

Portelli relata quando ele foi fazer uma entrevista com trabalhadores que estavam em greve, as perguntas que ele fez levaram os trabalhadores a dar um tipo de resposta, ele perguntou sobre aquele momento e não sobre a intenção do que eles estavam fazendo,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

anos depois quando ele foi entrevistar os trabalhadores novamente, eles deram respostas sobre a intencionalidade do que estavam fazendo, quando ele perguntou por que não falaram isso naquele momento, eles falaram que ele não havia perguntado.

Portelli fala bastante também sobre a transcrição da história oral, quando tem uma transcrição você não consegue captar todo o sentimento que está sendo passado no momento que o entrevistado está falando, uma porque as regras gramaticais podem trazer uma dimensão diferente e outra porque em uma transcrição dificilmente aparecerá toda a emoção que aquele momento está sendo repassado. Eu acredito que se for escrito de uma forma literária, talvez essas emoções consigam, só que eu também penso que aí a transcrição vai ficar com a cara de quem está transcrevendo e não de quem está sendo entrevistado – grifo meu -.

Quando falamos em fontes orais, o entrevistado pode ter uma forma de falar que de fato passe toda uma cultura com palavras, no entanto ele pode deixar passar alguma ou algumas partes importantes, mas é sempre bom lembrar das explicações do professor quando ele dizia (e ele falou muitas vezes isso), que, não existe uma regra para se fazer história oral, o entrevistado pode estar falando dele(a) e estar se remetendo a um grupo, assim como ele pode estar falando de um grupo e estar se remetendo a ele, ou pode estar só relatando uma história que ouviu, ou então estar falando sobre si na terceira pessoa. Enfim, saber ouvir talvez seja mais importante do que saber perguntar.

3.1. Como uma entrevista deve ser conduzida.

Depois das aulas teóricas sobre história oral, fomos fazer a entrevista na prática, embora estivéssemos bem amparados pelo professor, mas na hora de fazer a entrevista o medo de fazer alguma coisa errada foi grande, mesmo tendo ouvido do professor que o erro é algo comum e mesmo depois de ler Portelli e ver que ele também cometeu erros.

Algumas das orientações foram em torno de como devemos nos comportar diante de um entrevistado, nossa postura não pode ser de um interrogatório, até porque se não o entrevistado não se sentirá bem para relatar o que ele tem para relatar. Eu compreendi que a conversa tem que ser algo agradável (claro que momentos tensos provavelmente podem acontecer), mas tem que ser aquela conversa que a gente tem com um amigo, às vezes na mesa de um bar, as vezes em um momento de descontração, as vezes em um momento aleatório, sabe aquele tipo de conversa que a gente não quer mostrar que é bom em alguma coisa, e nem quer esconder nada, só fica à vontade para relatar o que está acontecendo, ou o que temos vontade e o que somos.

Outro ponto extremamente importante da entrevista é o lugar onde vamos fazer a entrevista, se o lugar foi muito movimentado, com criança correndo, algo que “sugue” a energia daquele momento, provavelmente o andamento da mesma será comprometido. O professor falou bastante sobre o equipamento que será usado na hora da entrevista, eu confesso que quando o professor falou a primeira vez que teríamos que fazer uma entrevista, eu comecei a imaginar na minha cabeça em levar meu entrevistado em um estúdio de gravação, com um equipamento profissional, é claro que isso foi no primeiro dia de aula, eu pensava que dando uma grande atenção para o entrevistado ele se sentiria importante e falaria com mais liberdade e com mais vontade.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Porém com o passar das aulas e com as conversas com o professor, fui percebendo que se eu criasse esse cenário, o entrevistado se sentiria na obrigação de falar algo que eu queria ouvir, pois ele se sentiria em uma posição de defesa – não que ele não se sinta – mas de uma defesa meio que da honra do que ele estava falando.

A ideia era fazer com que com o tempo da conversa, o entrevistado nem se desse conta que estava sendo registrado, eu lembro do professor pedindo pra deixar o celular no modo silencioso, pois se ele tocasse ou recebesse uma mensagem, isso já iria atrapalhar na entrevista, o local também não precisa ser produzido, mas tem que ser onde a pessoa se sinta mais à vontade possível.

Quando estamos falando com a pessoa, eu aprendi a não fazer perguntas que de alguma forma induz a uma resposta, uma vez que uma pergunta pode ao mesmo tempo soar como uma afirmação, do tipo: mas você aceitou isso?. Ou então, como podemos aceitar que isso acontecesse?. A entonação da voz vai fazer uma diferença. Se eu faço perguntas onde o entrevistado vai ter a possibilidade de responder apenas “sim” ou “não”, isso meio que vai matar a entrevista.

Muitas perguntas que programamos para o momento da entrevista já serão respondidas sem ser necessário fazê-las, mas, também muitas entrevistas que não foram programadas irão surgir no momento da conversa. Foi orientado (e devo confessar que foi uma das que mais me chamou a atenção) pra gente não ficar concordando ou discordando com a cabeça ou com gestos ou ainda com palavras, porque o entrevistado vai achar que é aquilo que é pra falar, e ele vai dar as respostas naquele sentido.

4. Minha entrevista.

Depois das aulas teóricas sobre a história oral, fomos fazer uma entrevista com alguém que estivesse relacionado com nossa pesquisa, no meu caso eu já tinha alguém que eu já estava conversando inclusive para fazer o projeto, que é o Ney Ferreira, embaixador da Congada da Lapa.

O Ney é uma pessoa que gosta muito de falar sobre a Congada, sobre sua família, sobre o poder público, sobre a história da Lapa, e como nós já conversamos várias vezes sobre o assunto eu fui pra entrevista imaginando que ele falaria tudo aquilo que ele já tinha me falado, e algumas coisas ditas por ele, foi mesmo. No entanto, ele me deu algumas respostas que pra mim naquele momento soaram como uma surpresa, no entanto eu comecei a perceber que a forma como eu fui pra entrevista também foi diferente. Antes eu ia como uma espécie de jornalista, procurando tirar o máximo de informações possíveis sobre ele, sua família, sobre a Congada, sobre o caderno, e dessa vez eu fui com uma energia e com um conhecimento diferente sobre a história oral.

A primeira coisa que eu notei foram os erros históricos e factuais que existem nas informações que ele dá, tais como datas e momentos. Um exemplo é que ele fala que a Congada sempre foi apresentada no dia 26 de dezembro, e em uma pesquisa eu descobri que nem sempre foi nessa data, outro erro (ou desentendimento) é quando ele fala sobre a origem da Congada na Lapa, ele se confunde dizendo que existe desde a época da escravidão, mas depois fala que foi um gaúcho que trouxe esse formato de Congada para Lapa e que passou para seu avô.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

No entanto, esse tipo de erro não tem a menor importância, pois o que eu estava procurando ali era algo que ia além dessas informações, e o que ele deixou “escapar”, foi mais importante. Eu digo que deixou escapar porque ele não falou como um pesquisador, nem pudera, já que ele não é nenhum pesquisador, não acadêmico pelo menos mas, ele sente a cultura trabalhada nas primeiras aulas na pele.

Quando ele começou a falar sobre o desprezo que o poder público tem em relação a Congada e a cultura e o negro na cidade da Lapa, isso é muito convincente. Quando eu conversava com ele, até mesmo antes de eu escrever o projeto no programa, ele já trazia uma revolta verdadeira sobre esse desprezo, acredito que foi essa revolta, que vem de dentro que muito me influenciou a pesquisar o tema, como trabalhamos durante as aulas (e descrito aqui mais acima), a cultura não algo que vem de fora, quando isso acontece não influencia ninguém, mas quando a cultura vem de dentro, quero dizer, quando a pessoa realmente vive muito o que ela fala, isso toca tanto ela que acaba influenciando em quem está ouvindo.

Eu sempre tive essa inquietação dentro de mim, mas as conversas com os representantes da congada e principalmente com o senhor Ney Ferreira, despertaram em mim uma vontade muito grande de escrever e pesquisar sobre o tema.

No momento da entrevista o senhor Ney comentou algo que me chamou muito a atenção. Quando perguntado sobre o por que ele fazia questão de falar que essa Congada era da família Ferreira, ele respondeu que na cidade da Lapa, tudo girava em torno dos nomes das famílias, claro que ele fez referências às famílias mais ricas, como os Lacerdas, os Batistas, os Alves de Araújo, etc. Essas famílias são conhecidas justamente naquilo que eu critico no começo da minha pesquisa, que é a história deles que é contada, sendo a história deles contada eles contam como querem e mantêm seu nome registrado no história do município, justamente por essa questão é que o senhor Ney faz questão de deixar registrado que essa congada é da família Ferreira, percebo que é a forma ou pelo menos uma das formas dele deixar registrado sua história ou a história de sua família na cidade da Lapa.

Quando eu estava lendo o livro “Memórias do cativo – Ana Lugão Rios e Hebe Mattos”, elas relataram que o Brasil levou muito tempo para registrar a história do que aconteceu durante a escravidão com os escravizados, e isso fez uma grande diferença, pois nos Estados Unidos eles registraram a história dessas pessoas assim que eles foram libertos, isso não aconteceu no Brasil, por conta disso o que nós registramos foi o que foi contado pela descendência e é claro, a descendência foi contando e registrando o que os mais velhos contavam.

Isso aconteceu perfeitamente na história da Congada da Lapa, por isso as informações desconstruídas, como os escravizados não deixaram quase nada registrado, o que foi passado de geração em geração foi de boca a boca, a história oral. Talvez as informações desconstruídas não sejam tão importantes assim, porque o que mais importa é a forma como eles relatam sua cultura, seus ensinamentos e a sua história.

Referências



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



MATTOS, Hebe; LUGÃO RIOS, Ana M. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? *Projeto História*. São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**O “COMUNISMO ATEU” OU AS “FORÇAS DEMOCRÁTICAS”,
QUAL VOCÊ PREFERE? AS ESTRATÉGIAS ELEITORAIS DE
VICENTE FRARE, UM CATÓLICO PREFEITURÁVEL**

ENGUEL, Ricardo Gonçalves¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa; Departamento de História

1. Introdução

No interior da historiografia política renovada, dois pilares fundamentais sustentam os objetivos deste presente texto: I) as instituições políticas e religiosas e II) os processos decisórios. Ainda que classificados em separado, ambos dialogam entre si e dependem um do outro para a concretização de objetivos específicos. Ademais, tanto as instituições quanto os processos decisórios necessitam da ação materialista dos sujeitos históricos para produção de sentido, isto é, os atores sociais, reais possuidores de agência, determinam e exercem sobre as instituições intentos. Da mesma forma, só é possível que sistemas se estruturam e acontecimentos ocorram por meio da atuação humana, uma vez que a história é pano de fundo para os eventos sociais.

Por instituições políticas e religiosas, entendemos os partidos políticos e a Igreja Católica, respectivamente. No que se refere aos processos decisórios, referimo-nos ao pleito eleitoral ponta-grossense de 1963, responsável por eleger o prefeito e mais vinte vereadores.

Trazendo à baila a provocação de Carlos Caldas (2018), doutor em Ciências da Religião (PUC-MG), sobre as variadas dimensões existentes na formação da espécie humana, encontramos um aspecto fundamental para nossa problemática. Segundo o pesquisador, o *homo sapiens* é composto por outras dimensões, a saber: *homo faber*, *homo ludens*, *homo economicus* e o não menos importante **homo religiosus**. Decorre deste o anseio humano de buscar o inefável, o transcendente, o misterioso. Nesse sentido, a fé – condição individual – passaria a compor o cotidiano dos sujeitos históricos, buscando, por assim dizer, imprimir significado à existência do crente. Da experiência de fé individual, resulta, em maior ou menor grau, a carência de organização coletiva dos semelhantes. Dessa forma, instituem-se as religiões, organizações identitárias dotadas de funções burocráticas e dogmáticas, fundamentadas com objetivo de regulamentar as práticas e nortear os adeptos do credo. Portanto, como assevera o autor: “jamais se entenderá o ser humano excluindo-se dessa busca de compreensão o elemento espiritual propriamente” (CALDAS, 2018, p. 2), ou seja, as religiosidades e as espiritualidades compõem a vida cotidiana dos seres humanos e influem nas frequentes tomadas de decisão dos mesmos (processos decisórios).

Outra característica humana não explicitada por Caldas (2018), *homo politicus*, merece a lembrança. Essa condição há muito destrinchada por Aristóteles, nos serve com muita funcionalidade quando se considera o desejo de poder que desse conceito emana. Quando colocados lado a lado, como numa balança, *homo religiosus* e *homo politicus* tendem a buscar o equilíbrio frente a um processo decisório qualquer. Contudo, quando



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

esse processo se trata de uma eleição a balança tende a pender para um dos lados com maior afinco, sendo exigido dos sujeitos históricos maiores esforços para equilibrar a equação.

A partir disso, indagamos: a cultura religiosa presente numa comunidade teria a capacidade de orientar a intenção de voto do eleitorado nela instalado? Caso positivo, de que maneira um candidato articularia os medos, as angústias, os anseios e os desejos da população, respeitando e, ao mesmo tempo, explorando a religiosidade/espiritualidade predominante? Em outras palavras, como a balança homo politicus/homo religiosus poderia encontrar o ponto de equilíbrio?

Neste trabalho, buscaremos historicizar a estratégia eleitoral usada pela campanha de Vicente Frare, líder católico leigo ponta-grossense, filiado à União Democrática Nacional (UDN), para conquistar o voto dos católicos no pleito municipal de 1963. Traremos à tona as principais questões levantadas pelo udenista ao longo dos quatro meses de campanha no que se refere à religiosidade dos munícipes. A principal fonte usada, trata-se do periódico local Diário dos Campos, jornal responsável pela cobertura diária das ações e articulações do prócer prefeiturável à época. Temos como finalidade apresentar uma linha de raciocínio capaz de justificar a cultura religiosa como decisiva e importante para decidir o voto do eleitor. Dessa forma, verifica-se tanto ontem quanto hoje constantes acenos entre autoridades religiosas, crentes e candidatos.

2. Recatolizar para salvar? O projeto de reação católica.

A historiadora Giselda Silva (2011) inicia a discussão a respeito das aproximações e distanciamentos entre a Ação Integralista Brasileira (AIB) e Ação Católica Brasileira (ACB) da seguinte maneira:

Consta na doutrina católica que sua Igreja não deve participar de atividades político-partidárias, nem seus sacerdotes e suas organizações eclesiais. **Essa tarefa caberia aos leigos, que seriam estimulados para a militância política**, evitando-se dessa forma que a Igreja dependesse de algum regime ou partido político, questionando decisões e posições do Papa (SILVA, 2011, p. 33, grifo nosso).

A primeira afirmativa, caso problematizada, traria resultados contrários à determinação doutrinária da Igreja. Contudo, nosso foco aqui é outro. Enfocando a afirmativa destacada, temos uma importante consideração sobre o cenário instaurado no seio da sociedade brasileira a partir de meados dos anos 1920.

Após a Primeira Guerra Mundial, a reconfiguração das cidades, a formação da incipiente massa trabalhadora e os ideais de organização política à esquerda e à direita passaram a preocupar a Igreja Católica, separada do Estado desde a instauração da República (1889). A implementação da chamada **reação católica**, justifica-se por parte da Igreja por dois vieses: I) o político e o II) espiritual/moral. Se, por um lado, havia o receio católico a respeito do avanço “comunista ateu” e dos perigos para a fé oferecidos pela liberal democracia secularizada; por outro, havia a insatisfação católica em perder fiéis para as novas religiões (afro-brasileiras, vertentes protestantes e espíritas



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

kardecistas), bem como para as tendências ateístas, sob influência dos veículos anticlericais/livres-pensadores (SILVA, 2011).

Nesse sentido, conforme observou Campos (2010), a Igreja Católica tratou de reagir às constantes mudanças modernas com um projeto do século XIX, altamente fechado em si e hierarquizado: o romanizador (ultramontano). Segundo ele,

[...] é possível compreender que no Paraná havia a necessidade de implementação do projeto romanizador que consistia em combater os opositores da Igreja e instruir o clero e os leigos conforme os preceitos morais/religiosos da Igreja Católica. O que se constituiu no Paraná foi resultado de uma estratégia pensada pela hierarquia romana (CAMPOS, 2010, p. 31).

Restaurar a civilização cristã, a unidade rompida com o advento da República liberal. Essa era a proposta da Igreja com a instauração do projeto de reação ao mundo moderno. Unidos, clero e leigos seriam capazes de religar a relação entre a pátria e o povo rompida pelo avanço do anticlericalismo, do liberalismo e do “comunismo ateu”. A busca pela recatolização do Brasil deu-se em vários níveis, interno e externo à Igreja. Internamente, a Igreja Católica buscou formar um clero doutrinador, romanizado e com a incumbência de levar aos demais católicos do país o novo modelo. Ao lado do clero, os leigos católicos deveriam contribuir com a difusão dos novos ideais ultramontanos e para isso teriam ao seu dispor instrumentos e movimentos meticulosamente pensados pela hierarquia: o Centro Dom Vital, a revista A Ordem, a Liga Eleitoral Católica e a Confederação Católica Brasileira de Educação, todos esses com sede na capital Rio de Janeiro. No Paraná, semelhantes fundações trataram de enquadrar a diocese de Curitiba ao projeto nacional: União de Moços Católicos de Curitiba, Imprensa Católica, Círculo de Estudos Bandeirantes, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (CAMPOS, 2010). Cabe destacar que a Liga Eleitoral Católica teve sua Junta Regional atuante na diocese de Curitiba.

Campos (2010) ainda assevera que as autoridades católicas verificavam uma incoerência, no entender da Igreja, no que se refere ao desmonte da pátria católica. Para ele,

[...] os bispos afirmavam que a sociedade brasileira tinha uma forte índole católica em função do catolicismo estar presente desde o início da colonização, porém, os dirigentes políticos não professavam essa mesma crença, o que caracterizava a separação entre nação e governo” (CAMPOS, 2010, p. 44, grifo nosso).

Dessa forma, caso tomemos o trecho destacado, temos uma lógica que justifica as ações da Liga Eleitoral Católica nas mais diversas dioceses em que se instalou, sufragando políticos compromissados com os princípios da Igreja e criticando candidatos que “ameaçassem” a civilização cristã. Durante os momentos eleitorais existentes nos anos 1930 e após a redemocratização de 1945, a Liga Eleitoral Católica atuou nos mais



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

variados Estados do país⁸, até ser reestruturada em 1952, ano em que passou a ser subordinada à recém-criada Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Após a fase de reestruturação, a L.E.C. teve sua atuação redimensionada, sendo reduzida a poucas atuações. A desfiguração da Liga, no entanto, não significou a retirada do catolicismo da arena política. O que se percebeu foi a ascensão de novas formas de atuação da Igreja, através do clero e dos leigos, no sentido de sufragar, tensionar, articular e marcar a posição da religião católica em face de momentos eleitorais. Portanto, seja por meio da Liga Eleitoral Católica, seja pela ação isolada do clero ou de grupo de leigos específicos, o objetivo era o mesmo: levar ao poder líderes políticos católicos e assim restaurar o que para a Igreja era algo natural, a pátria catolizada.

3. “Que Deus nos ampare, e na prefeitura, Frare”⁹

O ano eleitoral municipal ponta-grossense de 1963 apresentou em diversos momentos as características do mencionado projeto católico. Quando as campanhas foram homologadas, os eleitores tinham as seguintes opções: Arthur Nadal (PSP), Felipe Chede (PST), José Hoffmann (PTN) e Vicente Frare (UDN). O candidato do PSP havia sido eleito vereador pela Frente Popular Cristã (FPC) em 1959, no quesito religioso era católico tradicional. José Hoffmann há muito já tinha uma consolidação política, por Ponta Grossa foi vereador nos fins de 1940, prefeito eleito em 1955 e deputado estadual em duas ocasiões (1951-1954 e 1959-1962). Em relação à Igreja Católica teve, principalmente nos anos 1950, grande apoio, inclusive assinando os compromissos da L.E.C. em 1954 – quando concorreu a reeleição a deputado estadual. Felipe Chede, por sua vez, havia concorrido a deputado federal em 1954 pelo PSP e não assinou os compromissos da Liga Eleitoral Católica. Em 1959 disputou a prefeitura de Ponta Grossa pelo PST em coligação com o PSB, fato que lhe rendeu a pecha de candidato “vermelho”, culminando em uma articulação entre os setores conservadores da cidade para minar a campanha de Chede, uma vez que se apresentava com reais chances de vitória. Vicente Frare, por sua vez, foi um personagem forjado no bojo da UDN local para fazer frente aos “velhos politiquieiros de outrora”. Frare tinha farta relação com a Igreja Católica, sobretudo com a paróquia Nossa Senhora do Rosário, onde se envolvia na composição da comissão dos festejos da padroeira¹⁰. Diferia dos demais prefeituráveis por não haver participado de outras disputas eleitorais, portanto, investia na condição de outsider.

Após 31 anos dirigido por José Hoffmann, o Diário dos Campos iniciava 1963 sob a responsabilidade de Osiris Jurasek. Entre os espaços do jornal, um em particular nos interessa. A partir de 13 de julho, o Diário dos Campos passou a contar com uma coluna intitulada “Jornal da Vitória a cargo do Comitê pró-candidatura Vicente Frare”. Explicitamente favorável a Frare (UDN), o “Jornal da Vitória” propôs expor diariamente

⁸ No Paraná, encontramos a última lista da Liga Eleitoral Católica apresentada aos eleitores em 1954, na edição de 02/10 do jornal O Dia o que nos permitiu mapear os candidatos vinculados à cidade Ponta Grossa.

⁹ Slogan criado por um morador do bairro Palmeirinha durante ações de campanha de Frare. O slogan foi noticiado pelo Diário dos Campos em 18 de setembro de 1963.

¹⁰ PROGRAMA DA FESTA DE N.S. DO ROSÁRIO. Diário dos Campos, 27 set. 1955. Ponta Grossa.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

ao eleitor as qualidades pessoais que justificavam o voto no católico udenista. A nota inaugural trata um pouco do assunto que nos é relevante:

Auscultando-se as várias correntes de opinião, em nossa terra, infere-se que a candidatura do Sr. VICENTE FRARE é a que vem se impondo ao povo e se consolidando como a que será, sem dúvida, perfilhada pela grande maioria dos nossos eleitores, a fim de que esta cidade possua, à frente da Prefeitura, um chefe esclarecido, capaz, realizador e honesto, com uma formação cristã e democrática de que tanto carece a nacionalidade, nos dias conturbados pelos quais está passando, de tempos pra cá (OBJETIVOS DESTAS COLUNAS, 13 jul., 1963, grifo original).

A nota destaca alguns pontos que serão enfatizados noutras publicações, como a “formação cristã e democrática” de Vicente Frare e as advertências de que o Brasil estava sob a carência desses valores de uns tempos pra cá¹¹. A terceira publicação da coluna, em 16 de julho, continua apelando para a biografia cristã de Frare apresentando o udenista como “solução democrática” em meio ao contexto de “intranquilidade” pelo qual a “pátria” passava. Ademais, além de palavras-chave como: pátria, democracia e cristão, a defesa da família também aparecia como bandeira a ser defendida pelo candidato. Essa terceira edição do “Jornal da Vitória” estabelecia conexões com a cenário nacional, especialmente quando diz que Frare precisava ser eleito para opor-se “à ação dia a dia mais audaciosa dos fomentadores da desordem e da inquietude, para melhor fazer fortalecer as suas ideias extremistas” (SOLUÇÃO DEMOCRÁTICA, 16 jul., 1963), uma postura crítica e em oposição ao governo do presidente João Goulart (PTB).

Esse teor salvacionista será retomado em 18 de agosto, na 29ª edição do “Jornal da Vitória”. Intitulada “pela democracia”, a nota insiste na existência de dois rumos possíveis para o país, o Estado e o município: o “comunismo ateu” ou a democracia. Explicitamente, a nota procura amedrontar os cristãos ao apresentar o comunismo como inimigo da religião:

De um lado, com todo o seu maquiavélico poder de seduzir, através de promessas mirabolantes, está o comunismo ateu, pronto para obter o poder por bem ou por mal, a fim de que, entre nós, seja implantado o mesmo regime sanguinário imposto à Cuba. **De outro lado, com todas as suas belas tradições de civismo e religiosidade, se colocam as forças democráticas,** que desejam solucionar os problemas brasileiros pelo trabalho pacífico e honrado, sem derramamento de sangue (PELA DEMOCRACIA, 18 ago.1963, grifo nosso).

Depois de separar em dois grupos distintos e de apelar para a cultura religiosa do eleitor, anunciando o temor pelo fim da liberdade religiosa em caso de êxito de campanhas à esquerda – tanto em âmbito nacional quanto municipal –, a nota expõe um pedido ao ponta-grossense “pela democracia, pelo que ela tem de puro e digno, vote em Vicente

¹¹ Para espantar os políticos “vermelhos”, destacamos a criação do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e a partir dele da Ação Democrática Popular (ADEP), com fortes ligações norte-americanas. Tinham como propósito entregar e combater os comunistas, financiando candidatos anticomunistas para os cargos públicos.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Frare, ajudando a manter o regime intacto entre nós! (PELA DEMOCRACIA, 18 ago.1963). Das façanhas discursivas usadas pela campanha, essa que procurou acenar aos crentes foi muito objetiva. Vicente Frare não se tratava de um candidato para os católicos, mas sim de um católico candidato. Dessa forma, o repúdio ao comunismo e o receio em ter a religião censurada por ações governamentais atingiam também o *homo religiosus* do prefeiturável. A trajetória assistencialista vinculada ao Asilo São Vicente de Paulo, onde Frare exerceu por várias ocasiões a presidência, também foi amplamente usada durante suas articulações de campanha. Frequentemente, o termo “caridade” era recuperado pelo prefeiturável para fundamentar a retórica de ser ele conhecedor da agrura dos desafortunados (CARIDADE, 23 jul. 1963).

O *homo religiosus* de Vicente Frare ainda foi confrontado em duas situações específicas. A primeira, em 18 de julho, quando o “Jornal da Vitória”, número 5, respondeu a seguinte pergunta: Vicente Frare era candidato clerical? Em resposta, a nota negava. Dizia ser Frare o candidato do povo ponta-grossense, de todos sem exceção. Contudo, não negava ser o prefeiturável homem religioso, temente a Deus. A manobra política em se desvincular da pecha de “candidato do clero” tem algumas justificavas. Além do setor religioso, a campanha da UDN amparou-se noutras classes conservadoras da cidade: a classe médica, a Sociedade Espírita Francisco de Assis¹² e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mormon)¹³, por exemplo. Além disso, buscou adentrar um reduto eleitoral em que seu principal rival à época, José Hoffmann, tinha extremo apoio: os ferroviários. Dessa forma, o jogo discursivo procurava atenuar o perfil católico de Frare, forjando um candidato “sem as cores da religião, quando esta se apresente intolerante em relação aos demais crentes” (QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA, 18 jul. 1963).

A segunda, ocorreu após uma nota divulgada pelo jornal Última Hora (SP), em agosto de 1963, sobre Nossa Senhora Aparecida¹⁴, nota essa que repercutiu negativamente junto à parcela católica brasileira, inclusive em Ponta Grossa. A situação gerou repúdio público por meio de um manifesto divulgado e assinado pela Federação das Congregações Marianas de Ponta Grossa, onde o mencionado grupo católico chamava de “comunista” o Última Hora e insuflava os devotos ao boicote. O repúdio à publicação do Última Hora chegou a agitar o Sindicato dos Comerciantes de Ponta Grossa, que na figura de seu presidente José B. Pontes enviou ao Congresso Nacional a ao presidente da República telegrama exigido retratação por parte do periódico paulista. Na mensagem, o líder sindical diz que 4 mil comerciantes católicos rechaçavam a atitude anticristã do jornal (PROVOCOU, 28 ago. 1963).

Quando a mencionada situação agitou o cenário nacional e municipal, Vicente Frare estava em plena campanha e como era esperado elaborou pronunciamento estratégico. Na 36ª edição do “Jorna da Vitória”, em 28 de agosto, consternou-se: “como líder católico desta terra hipoteco minha solidariedade ao Povo Brasileiro, em desgravo as ofensas à Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil” (POVO CATÓLICO DO BRASIL, 28 ago. 1963). No dia seguinte, a edição do “Jornal da Vitória” tratou

¹² VERBAS PARA A SOC. FRANCISCO DE ASSIS. In: Diário dos Campos, 21 ago. 1963.

¹³ LÍDER MORMON COM FRARE. In: Diário dos Campos, 22 ago. 1963.

¹⁴ Não conseguimos ter acesso à nota do Última Hora na íntegra.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

exclusivamente do episódio envolvendo o Última Hora. Após mostrar-se em completa sintonia com os grupos revoltados com a postura do jornal paulista e tecer elogiosos comentários sobre Nossa Senhora Aparecida, a campanha de Frare alertava aos eleitores o que estava em jogo na eleição daquele ano: o respeito à religiosidade dos brasileiros. Findava a nota:

Unimo-nos, assim, à comunidade ponta-grossense, na sua repulsa ao triste episódio, que dá bem uma ideia do que seria esta República, se tivéssemos a infelicidade de ver triunfarem os métodos com que certa corrente de opinião – reduzida, graças a Deus! – costuma tratar os sentimentos religiosos do nosso povo. Estamos inteiramente solidários com a tristeza de nossa gente, ao ver Nossa Senhora Aparecida maldosamente tratada. A injúria atinge toda a população (NOSSA SENHORA APARECIDA, 29 ago. 1963, grifo nosso).

Foram aproximadamente quatro meses de campanha com cobertura do Diário dos Campos, em especial, pelo espaço “Jornal da Vitória”. O último registro que encontramos da coluna data de 20 de setembro de 1963, sob o número 53. Vale destacar que não constam todas as edições da coluna no acervo consultado (Museu Campos Gerais) e que a partir de 5 de setembro a coluna passa a ocupar maior espaço no Diário dos Campos, bem como a contar com fotografias das articulações de campanha de Vicente Frare.

Mesmo após o exposto, caso ainda houvesse dúvida sobre a estratégia da campanha udenista em acenar ao eleitorado católico ponta-grossense com o objetivo de voltar ao poder após 16 anos¹⁵, a convocatória do bispo coadjutor da diocese Dom Geraldo Pellanda, na véspera da eleição, findaria com tal receio. Desde Roma, onde participava de etapa importante do Concílio Vaticano II, o bispo exortou os católicos para que fossem às urnas. Através de mensagem telefônica, o religioso reforçou aos eleitores cristãos a importância de sufragar o candidato que melhor representasse os anseios democráticos e cristãos. Findado tal telefonema, anunciou que ao que tudo indicava seria ele recebido, quando da sua volta, por Vicente Frare, na condição de prefeito eleito, o que representaria “redenção administrativa e política de Ponta Grossa”. Prossegue a reportagem:

Aquele líder espiritual [Dom Geraldo Pellanda] expressou as suas esperanças de que o eleitorado princesino, ao comparecer amanhã, as urnas, consciente de seus deveres, sufrague, maciçamente, o nome que, dentro dos seus princípios democráticos e cristãos, melhor convenha aos altos interesses do Município, afirmando, ainda, que, face a isso, estará certo de que terá a satisfação de, regressando de Roma, ser recepcionado, na Prefeitura, por Vicente Frare, cuja eleição parece-lhe representar a redenção administrativa e política de Ponta Grossa” (DOM GERALDO ENVIA MENSAGEM DE ROMA, 5 out. 1963, grifo nosso).

4. Considerações finais

¹⁵ A UDN venceu apenas em 1947 com João Vargas de Oliveira. Em 1951 Petrônio Fernal (PTB), em 1955 José Hoffmann (PTB) e em 1959 Eurico Batista Rosas (PSP) venceram o pleito. Em 1959 a UDN e o PTB estiveram coligados com o PSP de Eurico Rosas para barrar a candidatura de Felipe Chede (PST/PSB).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Esses episódios, vale lembrar, são recortes pontuais de uma discussão ampla e delicada. Os pormenores serão discutidos e historicizados na dissertação, atualmente, em fase de produção.

Parcialmente, consideramos que, por meio dos casos explorados neste texto, a campanha de Vicente Frare (UDN) buscou aproximação com o eleitorado cristão. Investindo em uma trajetória católica e até 1963 fora da política partidária, Frare dialogou com a comunidade ponta-grossense estabelecendo conexões com o cenário nacional.

Aproveitando a onda conservadora opositora ao governo do presidente João Goulart (PTB) e contando com o apoio do governador do Paraná Ney Braga (PDC), político ligado à Igreja Católica, o prefeiturável explorou temas como devoção à Nossa Senhora Aparecida, o “comunismo”, o patriotismo, a democracia, a caridade e a religiosidade, a partir de seu lugar social.

Mesmo contando com a benção do bispo coadjutor às vésperas da eleição, a candidatura não conseguiu vencer o pleito. Pela diferença de 248 votos, o udenista perdeu a disputa pelo governo municipal, que ficou a cargo do ex-prefeito José Hoffmann (PTN). A polarização¹⁶ entre José Hoffmann e Vicente Frare anulou qualquer possibilidade de Felipe Chede (PST) e Arthur Nadal (PSP) se aproximarem dos principais concorrentes.

Talvez um dos motivos pelo insucesso do udenista esteja ligado a não facilidade de atrair a totalidade do voto ferroviário. Mesmo apelando para as ligações que o aproximavam da categoria (seu pai era um trabalhador do ramo) e buscando apoio em Amadeu Puppi (UDN), deputado estadual com bom fluxo tanto com a Igreja quanto com os ferroviários, não foi suficiente para barrar José Hoffmann.

Dessa forma, o último pleito eleitoral municipal livre antes do golpe de 1964 levou à prefeitura um velho conhecido da cidade. Entretanto, para não perder o costume, também católico assumido.

Referências

CALDAS, Carlos. A espiritualidade estético-erótica de Rubem Alves. In: *Theologica Xaveriana*, vol.68 no.186 Bogotá July/Dec. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-36492018000200001>. Acesso em 10 set. 2022.

CAMPOS, Névio. *Intelectuais e Igreja Católica no Paraná: 1926-1938*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

CARIDADE. In: *Diário dos Campos*, 23 jul. 1963. Ponta Grossa.

COX, Gary. Electoral rules and electoral coordination. *Annual Review of Political Science*, 2, pp. 145-161, 1999.

¹⁶ A polarização política não é novidade. Considerada normal em qualquer pleito majoritário, segundo a lógica de Gary Cox (1999), uma vez que a fórmula para candidaturas viáveis é: Magnitude + 1 (M+1). Magnitude é o número de cadeiras em disputa. No caso dos cargos executivos, esse valor é 1. Logo (1 + 1 = 2). Portanto, apenas duas campanhas têm reais chances de vitória. Essa fórmula se opõe a tal “terceira via” que a mídia e o senso comum procuram criar.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

DOM GERALDO ENVIA MENSAGEM DE ROMA. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 5 out. 1963.

LÍDER MORMON COM FRARE. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 22 ago. 1963.

OBJETIVOS DESTAS COLUNAS. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 13 jul. 1963.

PARANÁ. *Tribunal Regional Eleitoral*. Consulta de resultados eleitorais, 1963. Disponível em: <<https://apps.tre-pr.jus.br/files/resultados/19631006A77771.pdf>>. Acesso em 13 ago. 2022.

PELA DEMOCRACIA. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 18 ago. 1963.

POVO CATÓLICO DO BRASIL. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 28 ago. 1963.

PROGRAMA DA FESTA DE N.S. DO ROSÁRIO. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 27 set. 1955.

PROVOCOU. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 28 ago. 1963.

QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 18 jul. 1963.

SILVA, Giselda Brito. A Igreja Católica Militante e a Ação Integralista Brasileira: aproximações e divergências (1932-1938). In: MOURA, C. A. S. de [et al]. *Religião, cultura e política no Brasil: perspectivas históricas*. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2011. 2v.

SOLUÇÃO DEMOCRÁTICA. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 16 jul. 1963.

VERBAS PARA A SOC. FRANCISCO DE ASSIS. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 21 ago. 1963.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 3

O FEMINISMO DE MARIANA COELHO NO ÂMBITO DOS DEBATES DAS FEMINISTAS NO BRASIL E NO CONTEXTO INTERNACIONAL

BERTON BAUER, Rosana de Fátima¹; CAMPOS, Névio de².

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa - Programa de Pós Graduação em História.

²Universidade Estadual de Ponta Grossa - Programa de Pós Graduação em História.

1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O feminismo surge no final do século XIX em um momento histórico em a mulher cabia somente o papel de mãe e esposa. As mulheres não tinham direito ao voto, nem participavam da vida política. Poucas tinham acesso à educação, que foi, por centenas de anos exclusividade masculina. Neste sentido, procurou-se por marcos na história em que esta condição passou a ser objeto de crítica e de personagens que de alguma forma lutaram para que esta realidade fosse diferente hoje. Em pesquisas, encontrou-se várias militantes feministas que marcaram a história do feminismo a nível mundial como: Mary Wollstonecraft, Olympe de Gouges, Susan Anthony, Betty Friedan, Kate Millet, além de Simone de Beauvoir e várias outras e até outros, poucos.

A partir deste levantamento buscou-se fazer um recorte espacial, procurando por nomes que se destacassem no Brasil, aparecendo o de Nísia Floresta, Bertha Lutz, Carlota Pereira de Queirós, Mietta Santiago, Celina Guimarães Viana, Rose Marie Muraro, todas de interessante trajetória, entretanto o que mais chamou a atenção foi o nome de Mariana Coelho, que além de destaque no país, residiu a maior parte da sua vida no Estado do Paraná. Estava assim, traçado o objeto de interesse para esta pesquisa.

Mariana Coelho nasceu em 10 setembro de 1857, em Vila Sabrosa, no Distrito de Vila Real, em Portugal. Como acontecia de forma recorrente na época, os estudos consultados apresentam imprecisão quanto a real data do nascimento de Mariana. Em 1893, mudou-se para o Brasil, passando a morar a cidade de Curitiba. Em 1939 naturalizou-se brasileira. Em Curitiba, viveu até sua morte em 29 de novembro de 1954.

Destacou-se como escritora e educadora. Dentre suas obras estão: Discurso, de 1902; O Paraná Mental de 1908; A evolução do feminismo: subsídios para sua história de 1933; Um brado de revolta contra a morte violenta de 1935; Linguagem de 1937; Cambiantes de 1940 e Palestras educativas (obra publicada em 1956 após a sua morte).

“Em 1902, no âmbito da educação formal, fundou o Colégio Santos Dumont, administrado por ela até 1917. Mais tarde, atuou como secretária, professora e diretora da Escola Profissional Feminina, instituição em que permaneceu até se aposentar em 1941.” (TOMÉ. 2020, p. 12)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O que chama a atenção na obra de Mariana Coelho, é o entendimento de que a mudança na condição da mulher na sociedade, se daria através da educação, compreensão esta, construída em um momento histórico-cultural em que as mulheres eram consideradas inferiores, estavam fora da vida social e política, como também da vida intelectual. As raras mulheres incluídas na intelectualidade, escreviam apenas sobre questões amorosas e poesia. As poucas escolas que ofereciam escolarização as mulheres, tinham currículos exclusivamente voltados para a leitura, mas principalmente a afazeres domésticos, como cuidar dos filhos, da casa e do marido, enfim, coisas que seriam úteis para uma boa mãe e uma prezada esposa. Mariana via na educação o caminho para que a mulher pudesse sair da condição de submissão para a de emancipação social.

Esta temática se articula a(o) linha/núcleo de pesquisa em “História Intelectual”, pois pretende discutir o contexto histórico, a trajetória e a obra da intelectual Mariana Coelho, buscando refletir sobre o pensamento da sua geração e as relações com outros intelectuais da mesma época que auxiliam na sua construção teórica.

A pesquisa partirá da seguinte problemática: Como o feminismo de Mariana Coelho se insere no âmbito dos debates feministas no Brasil e no mundo?

Adentrar a vida e obra de Mariana Coelho nos traz reflexões sobre a história da educação e da evolução das relações de gênero.

Temas como feminismo, profissionalização da mulher, laicização do ensino, anticlericalismo, cientificismo, eugenia, entre outros, foram abordados por Mariana Coelho em suas produções. Embora essa pluralidade de temas possa dar a impressão de uma miscelânea de ideias, na verdade, foram resultantes de sua ação pedagógica e de sua identidade com os intelectuais de seu tempo. (BUENO, 2010, p. 21)

Diante deste rol intelectual produzido por Mariana Coelho, compreende-se que há grande articulação do projeto com a historiografia, bem como justificada a sua importância para o meio acadêmico, para o feminismo e para a história da educação das mulheres brasileiras.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL:

- Analisar a vida e a obra da educadora e intelectual Mariana Coelho, procurando compreender sua visão de educação feminina dentro da conjuntura de influência histórica e intelectual da sua época e refletir sobre a relação que estabelece com outras feministas da sua época.

2.2 ESPECÍFICOS:

- Demonstrar quem foi Mariana Coelho, sua trajetória e produção intelectual, bem como as suas influências intelectuais e filosóficas;
- Compreender o panorama histórico social e intelectual em que Mariana constrói sua teoria, final do século XIX e início do século XX;
- Analisar a relação que ela estabelece com outras feministas brasileiras e internacionais da sua época.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

3. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, este trabalho terá, em um primeiro momento, como metodologia, a pesquisa qualitativa em fontes históricas que são os livros de autoria de Mariana Coelho e seus escritos no “Diário da Tarde”, artigos e notas de Mariana em periódicos locais. E fontes bibliográficas como livros de outros autores que tratam da intelectual, trabalhos de conclusão de curso, artigos, dissertações, teses, bem como sites que trazem informações sobre ela.

Em um primeiro momento, para apresentar quem foi Mariana Coelho sua trajetória e produção intelectual, em uma construção biográfica, serão feitas buscas nas produções existentes, sobre a vida pessoal e intelectual da autora.

Posteriormente, passaremos para a leitura e análise das obras da autora, buscando compreender a sua visão de feminismo. Todas as seis obras da autora serão analisadas assim como as publicações no Diário da Tarde disponíveis no portal “memoria.bn.br” dentre outros escritos.

Após a análise da vida e obra, a pesquisa buscará por fontes históricas para uma contextualização do período de produção de Mariana Coelho para compreender como ocorreu o processo de formação de seu pensamento. Esta contextualização buscará por informações da cidade de Curitiba, entre o final do século XIX e início do século XX, bem como de recortes históricos no Brasil que possam de alguma forma ter influenciado sua obra. Quais eram os destaques intelectuais da época, as correntes filosóficas que possam ter influenciado o discurso de Mariana.

No segundo momento, este trabalho se concentrará na busca por compreender a sociedade curitibana e brasileira do final do século XIX e início do século XX, compreender como as pessoas viviam, como se comportavam, como a sociedade se organizava, como se estabeleciam os papéis sociais. Principalmente no que se refere ao papel social das mulheres e a educação dada a elas neste momento. Para isso serão analisados trabalhos que contemplem esta temática como: livros, artigos, dissertações, teses, reportagens, dentre outros.

Além das obras da intelectual, outros trabalhos que tratam da temática farão parte desta análise. Como portais da internet, artigos publicados, algumas dissertações e teses que tratam da autora, em especial trabalhos que tratem da sua militância feminista.

4. FONTES

No primeiro momento adentraremos no universo de Mariana Coelho. Com o intuito de aproximação, buscou-se por trabalhos que tratassem desta. Pesquisou-se em portais como Google Acadêmico e Scielo, em acervos digitais de várias universidades, assim como pesquisou-se de forma simples no buscador Google pelo nome de Mariana Coelho.

As obras da autora estão disponíveis apenas de forma impressa. “O Paraná Mental” e “A evolução do feminismo: subsídios para sua história” foram adquiridas e as outras quatro, podem ser consultadas em bibliotecas como a Biblioteca Pública do Paraná.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Além das obras da autora, encontrou-se dois livros e alguns sites que tratam dela, além de vários artigos, teses e dissertações.

Um dos livros encontrados é o intitulado “Mariana Coelho: A Educadora Feminista”, escrito por Leonardo Soares Madeira Iorio Ribeiro, Doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ, publicado em 2015 pela Editora Lumen Juris auxiliará na elaboração da biografia. A obra, além de dados da vida e obra de Mariana, faz uma reflexão sobre sua posição feminista, sendo uma obra bem importante para a condução desta pesquisa.

Há também outro livro, publicado em Portugal pela Penagráfica, de autoria de Aires Antunes Diniz que tem por título: ‘Mariana Coelho: uma educadora feminista luso-brasileira’ que ainda não houve contato direto com a obra física, mas que tem muito potencial de ajuda no futuro trabalho.

Outro trabalho que contribuirá e que possui temática muito pertinente a esta pesquisa, é a dissertação de mestrado que tem por título “Educação e participação política: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940)”, apresentada por Alexandra Padilha Bueno, em 2010, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de História e Historiografia da Educação, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. A obra destaca e analisa a trajetória e o pensamento educacional de Mariana Coelho, buscando entender seu processo de formação e sua atuação no campo cultural paranaense e no âmbito educacional a partir das experiências no Colégio Santos Dumont e na Escola Profissional Feminina.

“Mariana Coelho e a Educação das Mulheres: Uma Escritora Feminista no Campo Intelectual (1893-1940)” é o título da tese apresentada por Dyeinne Cristina Tomé ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, em 2020. Obra recente, que trata da análise da trajetória de Mariana Coelho de 1893 a 1940, de seu processo de formação como leitora e escritora e a sua inserção no campo intelectual. Retrata também a formação da sua concepção feminista, como seu pensamento foi se moldando sob influências diversas, leituras, ações e relações com outras feministas. Obra em que mais se assemelha a temática desta pesquisa e que muito contribuirá.

Não poderíamos deixar de mencionar a tese de doutoramento “Resgates e Ressonâncias: Mariana Coelho” apresentada por Rosana Cássia Kamita ao curso de Pós-Graduação em Literatura, área de concentração em Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho traz um estudo sobre a vida e a obra de Mariana Coelho, demonstrando a sua intensa atuação social, sua influência feminista, seu interesse por questões políticas e o entendimento de que a atuação feminina tornaria a sociedade mais desenvolvida.

“Mariana Coelho: a educação e o feminismo no Paraná do início do século XX” é um artigo publicado na Revista Tuiuti: Ciência e Cultura, em 2018. De autoria de Maria Eduarda Bacellar e Anita Helena Schlesner, destaca o olhar de Mariana Coelho sobre “o papel da mulher na educação e na sociedade paranaense no início do século XX”. Importante contribuição para construção da análise de suas publicações realizadas no jornal “Diário da Tarde”.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Além das produções literárias, destaca-se o seu posicionamento feminista em um tempo em que esse movimento ainda iniciava suas primeiras discussões, mas ainda com pouca força. Esta militância ficou evidente em sua coluna no “Diário da tarde” chamada “Chronicas da Moda”, que primeiramente se propunha a dar dicas de moda, entretanto 5 meses depois, foi dividida entre assuntos de moda (agora usados para atrair as mulheres a leitura) e discussões diversas ligadas a igualdade entre os sexos e educação feminina.

Para compreender o panorama histórico-social e intelectual em que Mariana constrói sua teoria, buscou-se em portais como Google Acadêmico e Scielo, em acervos digitais de várias universidades, assim como pesquisou-se de forma simples no buscador Google por trabalhos que ajudassem a esclarecer o contexto histórico paranaense/curitibano e brasileiro do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Várias obras foram encontradas, dentre elas, chamou a atenção o estudo de Amélia Siegel Corrêa apresentado como obtenção de grau de Mestre em Sociologia ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, em 2006 e tem por título “Imprensa e política no Paraná: Prosopografia dos redatores e pensamento republicano do final do século XIX”. A produção destaca o momento histórico de crise da monarquia e ascensão da república, realizando uma análise de periódicos que circulavam no Paraná na busca por ideários republicanos, variados posicionamentos políticos e suas possíveis ligações e relações, ajudando a compor o pensamento e o momento político da época.

Outra produção de interesse é a que tem por título “O processo de produção historiográfica paranaense e a construção de uma identidade regional” de Maria Julieta Weber Cordova. Este texto faz uma excelente contextualização historiográfica da época de construção teórica da intelectual a ser estudada, da formação da identidade regional paranaense, do imaginário social e do surgimento do Movimento Paranista, permeados pelo republicanismo crescente no Brasil. Além de informações colocadas de forma direta, direciona para vários eventos que poderão ser melhor aprofundados e que trarão grande eficiência na contextualização do momento.

Além do material citado acima, há outros da mesma autora que servirão de base para esta interpretação histórica, como “O discurso regional autorizado de Bento, Brasil e David”; “Linguagem autorizada, capital cultural e espírito de família no discurso regional paranaense”; “Brasil Pinheiro Machado e o discurso de formação histórica paranaense a partir de Martius e João Ribeiro”; dentre outros disponíveis no portal Google Acadêmico.

“Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional” de Maria Tarcisa Silva Bega, que analisa o Movimento Simbolista Paranaense entre 1880 e 1920, ocorrido em Curitiba e “Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)” de Carlos Eduardo Veiga, servirão de base para a composição do quebra-cabeça histórico. Além de vários outros trabalhos que darão tranquilidade para traçar este panorama inicial.

Buscando analisar o papel da mulher na sociedade e a educação dirigida a elas encontrou-se: “Mulheres Curitibanas do Século XIX: Um Olhar Para Além das Vivências Domésticas”, trabalho de PDE de autoria de Valesca Fôlha de Souza, uma reflexão sobre os elementos que compunham o universo das mulheres brasileiras, em especial,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

curitibanas, no século XIX, elementos estes, voltados para atividades fora das vivências domésticas.

Várias outras obras disponíveis, poderão contribuir como o “Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade” organizado por Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil. “Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na 1ª República” e “Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná da virada do século” de Etelvina Maria de Castro Trindade. “História das Mulheres no Brasil” de Mary del Priore.

Com relação as influências intelectuais e filosóficas, várias das produções citadas acima trazem informações sobre as relações que Mariana mantinha e que a auxiliaram na sua evolução intelectual feminista. Além da análise dos seus próprios escritos. Dario Veloso apud Kamita (2005, p. 2) “evidencia o fato de que Mariana mantinha intenso contato através de cartas, telegramas e viagens com pessoas que tinham ideais em comum [...] uma estudiosa do feminismo, que levava adiante seus projetos de ampliação do espaço de atuação para a mulher”.

Para finalizar o trabalho, de forma inédita, através do acesso e análise, principalmente das publicações no Diário da Tarde e das cartas trocadas com outras intelectuais, poderá se demonstrar qual era a relação que Mariana estabelecia com outras intelectuais, a maioria, mulheres, quais eram as semelhanças e divergências estabelecidas entre elas, brasileiras e internacionais.

Concluindo, que, diante de todas as referências encontradas, contata-se que é perfeitamente possível a realização da pesquisa

REFERÊNCIAS

A MULHER e a educação pública no Brasil Império. Ensinar História. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/a-mulher-e-a-educacao-publica-no-brasil-imperio/#:~:text=Aos%20poucos%2C%20o%20magist%C3%A9rio%20feminino,mulheres%20continuou%20repleto%20de%20restri%C3%A7%C3%B5es.>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BEGA, M. T. S. *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e construção de identidade regional*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, 2001.

BUENO, Alexandra Padilha. *Educação e participação política: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2010.

COELHO, Mariana. *O Paraná Mental*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

_____. *A evolução do feminismo: subsídios para sua história*. 2. Ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

CORDOVA, Maria Julieta Weber. *O processo de produção historiográfica paranaense e a construção de uma identidade regional*. Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/ixencontro/comunicacao-individual/MariaJWCordova.htm#:~:text=O%20PROCESSO%20DE%20PRODU%C3%87%C3%83O%20HISTORIOGR%C3%81FICA%20PARANAENSE%20E%20A%2>>



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE REGIONAL
O Centro Paranaense de História: um desafio de organizar o
Paraná. Acesso em: 01 jun. 2022.

_____. *O discurso regional autorizado de Bento, Brasil e David*. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/43261> >. Acesso em: 01 jun. 2022.

_____. *Linguagem autorizada, capital cultural e espírito de família no discurso regional paranaense*. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/4832> >. Acesso em: 01 jun. 2022.

_____. *Brasil Pinheiro Machado e o discurso de formação histórica paranaense a partir de Martius e João Ribeiro*. Disponível em: < http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427763771_ARQUIVO_ArtigoBrasilPinheiroeJoaoRibeiroANPUH.pdf >. Acesso em: 01 jun. 2022.

CORRÊA, S. A. *Imprensa e política no Paraná: Prosopografia dos redatores e pensamento republicano do final do século XIX*. Dissertação (mestrado em sociologia). Universidade Federal do Paraná, 2006.

DINIZ, Aires Antunes. *Mariana Coelho: uma educadora feminista luso-brasileira*. Portugal: Penagrafica, 2015.

KAMITA, R. C. *Resgates e Ressonâncias: Mariana Coelho*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

_____. *Mariana Coelho e o História do Feminismo*. Disponível em: < https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206573_5e040b69d55a22fa62677372b0afa27b.pdf >. Acesso em: 08 jun. 2022.

KRAUSE, C; KRAUSE, M. *Educação de mulheres do período colonial brasileiro até a o início do século XX: do imbecilitus sexus à feminização do magistério*. X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental, 2016.

PAIVA, Mirian Santos. *Teoria feminista: O desafio de tornar-se um paradigma*. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/reben/a/6vxnfv6LJhjrHT5fM5LpWvN/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em: 19 mai. 2022.

PRIORE, Mary del. *História das Mulheres no Brasil*. Disponível em: < <http://edufn.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1343/1/Ser%20mulher%2C%20m%2C%20A3e%20e%20pobre.%20Hist%2C%20B3ria%20das%20mulheres%20no%20Brasil.%20PRIORE%2C%20Mary%20Del.%20FONSECA%2C%20Cl%20A1udia..pdf> >. Acesso em: 07 jun. 2022.

RIBEIRO, Leonardo Soares Madeira Iorio. *Mariana Coelho: A Educadora Feminista*. Rio de Janeiro: Editora Lumens Juris, 2015.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade. Disponível em: <https://www.academia.edu/38104926/Dicion%C3%A1rio_Mulheres_do_Brasil_de_1500_at%C3%A9_a_atualidade>. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOUZA, Valesca *Fôlha de. Mulheres Curitibanas do Século XIX: Um Olhar Para Além das Vivências Domésticas*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_hist_unioeste_valescafolhadesouza.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

TOMÉ, Dyeinne Cristina. *Mariana Coelho e a educação das mulheres: uma escritora feminista no campo intelectual (1893-1940)*. 2020. 345 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, 2020.

TRINDADE, E. M. C. *Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na 1ª República*. Fundação Cultural: Curitiba, 1996.

_____. Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná da virada do século. *História Questões e Debates*, v. 16, n. 30, p.57-81, 2000.

VEIGA, Carlos Eduardo. *Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)*. 1. Ed. Editora da Universidade Federal do Paraná, 2007.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**POR UMA HISTÓRIA DOS TRABALHADORES INDUSTRIAIS:
REFERÊNCIAS E ANÁLISES SOCIOECONÔMICAS E A
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL (PONTA GROSSA/PR,
1990-2020)**

COSTA, Iago Oliveira¹

*¹Licenciatura em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de
Ciência Humanas, Letras e Artes*

Essa pesquisa consiste na investigação de perspectivas, temas, problemáticas e reflexões sobre o mundo do trabalho e dos trabalhadores industriais de Ponta Grossa nos anos de 1990 a 2010. Toma-se como ponto de partida o reconhecimento do aumento na atividade industrial na década de 1970 no município em vários setores e ramos de atividades produtivas, buscando levantar e sistematizar referências, dados e saberes acadêmicos sobre esse incremento em várias disciplinas da análise social e econômica, de modo a perceber como os modos de trabalhar e as experiências dos trabalhadores aparecem referenciados, silenciados ou esquecidos no âmbito dessas análises. Além do incremento econômico e produtivo, tal processo é vivido por homens e mulheres que nele trabalham e reelaboram seus modos de vida.

1. As transformações do capitalismo e o mundo do trabalho – um diálogo com a bibliografia.

O mundo do trabalho passou por enormes transformações no século XX, em que se viu novos modelos de gestão do trabalho. Henry Ford em 1914 aprimorou o modelo de Taylor com as linhas de montagem, e teve como resultado o aumento da produtividade, a simplicidade dos produtos (com alta aceitação no mercado) e a baixa dos preços e maior aceleração do mercado.

Essas transformações elevaram o nível de vida dos trabalhadores pelo “sucesso” do fordismo, que se tornou uma das empresas mais lucrativas do mundo. A classe trabalhadora fabril era considerada uma “aristocracia” pois era a que recebia maiores salários e tinha maior poder de consumo. No entanto, na mesma medida em que a vida desses trabalhadores passava por elevações significativas, havia também o controle político e social da classe operária, na medida em que se buscou um consenso político-econômico e ideológico, para manter a alta produtividade. Houve a difusão de um novo modelo de vida americano, com uma “ética puritana” para se ter melhor aproveitamento das capacidades dos trabalhadores. Esse processo de transformações psicofísicas e de controle do instinto sexual (para não se ter cansaço físico) garantiu as classes dominantes o crescimento do modelo de acumulação do capital e elevou a exploração da força de trabalho.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Um dos autores importantes para se compreender esse período foi Antonio Gramsci, que compreendeu que “o velho individualismo econômico a que Gramsci se refere estaria então ligado à ideologia do artesão, que persistia mesmo com os esforços de se chegar a uma economia programática, planejada e racionalizada, de produção para as massas” (PROHMANN, 2016, p. 82). A nação estadunidense foi capaz de concentrar sua vida na produção, que se combinou a racionalização do desenvolvimento histórico e a racionalização do trabalho. A isso agregou-se a força e a persuasão exercidas sobre os trabalhadores, em que a racionalização da produção e do trabalho nos moldes americanistas seguiu uma lógica própria, visto que “a hegemonia nasce das fábricas e necessita apenas, para ser exercida, de uma quantidade mínima de intermediários profissionais da política e da ideologia” (GRAMSCI, 2014, p. 248).

A estrutura do bloco histórico fordista teve seu ápice pós Segunda Guerra Mundial, cuja superestrutura (ideias) era keynesiana. O capitalismo nesse período precisou de reconfigurações estatais que regulassem o mercado. No entanto, o esgotamento do Estado de bem-estar social em 1970 exigiu mudanças drásticas, sobretudo com a difusão de um novo ideal do liberalismo. O aprofundamento generalizado da crise, não ficou restrito somente ao mundo econômico, mas atingiu a vida social e cultural.

Com o fim do ciclo de ouro, há um novo processo de recomposição burguesa, em que o Estado que outrora corroborou com os altíssimos lucros das classes dominantes, passou a ser visto como “culpado” das dificuldades capitalistas. Assim, a característica social do Estado foi transformada ideologicamente para garantir a sobrevivência do sistema com a defesa irrestrita da “meritocracia” e da ideologia do “*self-made-man*”.

No entanto, longe de se pensar que o Estado deixou de ser importante para garantir a “supremacia no mercado”, aquele instrumento mostrou-se importante para difusão de normas de competitividade às custas de todas as condições mínimas do bem-estar, saúde e educação da população. Assim, o Estado é importante para manter a concorrência capitalista. Numa conjuntura de crise econômica, política e doutrinal, operou-se uma reconfiguração “neoliberal”, que foi fundada em dois momentos importantes que já vinham sendo tecidas: o Colóquio Walter Lippmann em 1938 e a corrente austro-americana, representada por Ludwig von Mises e Friedrich Hayek. Segundo Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo não é um herdeiro natural do primeiro liberalismo, mas sim tece proposições sobre como fazer o mercado e o princípio de governo dos homens como um governo para si, assim “considerado uma racionalidade governamental, e não uma doutrina mais ou menos heteróclita, o neoliberalismo é precisamente o desenvolvimento da lógica do mercado como lógica normativa generalizada, desde o Estado até o mais íntimo da subjetividade” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 31).

Na América Latina, uma das primeiras variantes dessas transformações neoliberais, que ocorreram concomitantemente a desarticulação de movimentos sociais aconteceu no Chile de Pinochet. No entanto, em 1990 com a profunda recessão econômica do capitalismo e as limitações do liberalismo, surgiu um novo tipo de liberalismo “social”, preocupado em combinar o mercado com a justiça social. Chamado de “Terceira Via”, esta é a junção da social-democracia com a face humanizada do capitalismo de mercado.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

2. O mundo do trabalho e a importância das narrativas subjetivas

A partir dos pontos levantados acima, busca-se um diálogo para melhor entender as análises e a importância do trabalhador para o meio social. Parte-se da intenção de compreender as experiências dos trabalhadores industriais e suas relações com o modo de viver urbano de Ponta Grossa, Paraná, para além das narrativas laudatórias do crescimento econômico em si mesmo. O espaço geográfico do distrito industrial da cidade já pode ser considerado em sua historicidade. De acordo com Larocca Junior (2002) o espaço do então Distrito Industrial foi onde ocorreu o maior processo de instalação das grandes indústrias que temos até hoje em dia. A partir dos anos 1970 já é possível perceber mudanças significativas, por exemplo a indústria do ramo de alimentos, no caso da soja como a Sanbra (1975). Na mesma direção Ceval e a conhecida nos dias de hoje como Bunge e a indústria Cargil. Estas indústrias constituem um amplo e complexo industrial que remontam os anos 1970.

As indústrias, em sua maioria multinacionais, abriam caminho também para o processo industrial de têxteis na cidade como Monofil e Kurashiki. Nos anos de 1980 a 2000 o ramo industrial de Ponta Grossa diversificou-se, tendo indústrias como a grande chilena Masisa (hoje conhecida como LP e Arauco), a multinacional no ramo na borracha, Continental, também a grande sueca TetraPak, atraída pelo desenvolvimento de cooperativas de laticínios na região, sobretudo de Carambeí. Segundo Larocca Júnior (2002, p. 82) chegou a comandar 9% do mercado nacional brasileiro, e posteriormente passou a ser regida pela italiana Parmalat.

Nos dias atuais, Ponta Grossa conta com mais de 1200 empresas no Parque Industrial (sendo os principais setores de metal mecânico, agroindustrial e madeireiro) e fomenta a economia local e nacional. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) o Estado do Paraná tem o 3º maior crescimento dos últimos 10 anos, período em que cidade atraiu diversas indústrias para alavancar a economia municipal e estadual. De acordo com o DCMAIS (Diário Dos Campos de Comunicação) o ramo industrial hoje chega a somar mais de 16000 novos empregos, entre eles cerca de 3.000 diretos e 13.000 indiretos.

Para melhor compreender o desenvolvimento do setor industrial da cidade, entendemos que se faz necessário compreender tais processos, e quando possível, discuti-lo com o conceito de experiência, que evidência a presença de trabalhadores nesse processo em Ponta Grossa. Partindo do conceito de experiência de E. P. Thompson (1981, p. 182) se faz presente e de fundamental importância no processo vivenciado por esses trabalhadores. Sem compreender as narrativas produzidas neste processo, sobretudo as acadêmicas e dos processos da memória social dessa industrialização, ficamos restritos ao universo de sentidos forjados pelo setor produtivo. Mas há muito mais além disso. Buscaremos referenciar o campo da história do trabalho e dos trabalhadores, e por que não, pensar a própria formação da classe operária da e na cidade de Ponta Grossa. Investigar as memórias e silêncios dessa produção pode ajudar a avançar sobre a compreensão dos mundos dos trabalhadores, ainda muitas vezes tendo suas histórias soterradas pela ideia abstrata do progresso econômico.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O mundo do trabalho tem sido cada vez mais foco das produções acadêmicas, sobretudo pelas transformações do processo produtivo em larga escala que ocorre historicamente desde o século XIX. No entanto, no que se refere a narrativas sensíveis, pouco se trabalha, a partir de uma perspectiva que esteja a contrapelo e que leve em consideração as formas de compreensão do mundo industrial pelos próprios oprimidos, pouco se tem registrado.

Nesse sentido, essa pesquisa busca refletir sobre como esses trabalhadores são representados em suas experiências dentro daquele processo, que uma narrativa laudatória do crescimento econômico, inúmeras vezes acaba por silenciar a história dos sujeitos ali inseridos e deixando os mesmos esquecidos como se não fossem protagonistas dessa história, ou melhor, da sua própria história. Nesse sentido, levantamos alguns questionamentos pertinentes ao trabalho, como: até que ponto esse desenvolvimento econômico tem como princípio a melhora das vidas de trabalhadores que nele se inserem? Como seus direitos básicos como saúde, segurança, educação, entre outros, nessa narrativa do progresso econômico estão trazendo resultados para a esfera social daqueles que fornecem sua mão de obra para o processo do capital? Parte-se da intenção de compreender as experiências dos trabalhadores industriais e suas relações com o modo de viver urbano de Ponta Grossa, Paraná, para além das narrativas laudatórias do crescimento econômico em si mesmo.

Através de uma pesquisa exploratória é feito o levantamento de estudos, análises e referências acadêmicas em diversos campos de saber sobre o processo de industrialização de Ponta Grossa nas últimas três décadas, identificando as principais matrizes de pensamento e referências da memória social que emprestam sentido ao chamado desenvolvimento econômico, bem como a produção de silêncios, esquecimentos dessa produção sobre a história dos trabalhadores e seus viveres na cidade. Dados estatísticos de produção e referenciais da produção industrial no período serão também levantados para conhecer a expressão e tamanho da classe trabalhadora industrial, assim como possíveis características de sua formação e resistências aos sistemas produtivos. Para poder entender diferentes fatores, é imprescindível o uso de algumas fontes como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, jornais como o Diário da Manhã e Jornal da Manhã, o levantamento sobre a produção de referenciais em plataformas acadêmicas como Scielo, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, embasa-se também pela revista Mundos do Trabalho, em meios digitais do GT “Mundos do Trabalho” da Associação Nacional de História.

Para analisar e discutir os meios do problema essa pesquisa se rodeia de referências em torno da história social do trabalho, que busca analisar temas e relações sobre os mundos do trabalho com mais especificidade o mundo dos trabalhadores industriais inseridos nesse processo e resultado de uma industrialização opressora. Esse campo tem por uma das maiores relevâncias entender o processo de trabalho vivido por homens e mulheres como tal, não reivindicando a história tradicional por olhos dos grandes senhores do processo produtivo. Para melhor entender as discussões até agora foi possível analisar alguns pontos observados que compreende o processo de proletarização em curso intensificando-se gradativamente, visto que cada vez mais pessoas com o passar dos anos disponibilizam sua mão de obra para sobreviver e em condições muito precárias



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

de trabalho. Pode-se citar o êxodo rural com o aumento dessa industrialização para diversos setores do trabalho, avanço da miséria social, desemprego, precarização do trabalho como terceirização do trabalho, trabalho temporário, jornada parcial. Pontos esses que um dos referenciais teóricos como Marcelo Badaró Mattos busca trazer em seus escritos.

Com o conceito de experiência por Edward Palmer Thompson (1981, p.182) que explica:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos dentro deste termo não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres” mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas!”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

Através desse conceito que para Thompson tem caráter fundamental na análise da formação dos indivíduos. Ademais, a forma como a experiência atua nesses sujeitos e como eles constroem modos de viver e trabalhar. Entende-se o trabalhador como sujeito histórico e de grande relevância para essa pesquisa e analisa-se como esses trabalhadores se entendem como sujeitos desse processo. Ainda mantendo a mesma linha teórica de Thompson se torna imprescindível a operacionalização da ideia de “agência humana”, ou mais conhecida como ação humana, conceito estabelecido por Thompson para melhor entender e explicar as relações de classe, experiência e a consciência de classe, onde explica:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõe) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram- ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. Podemos ver uma lógica nas reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos predicar nenhuma lei. A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma.” (THOMPSON, 1987, p. 10)

Está sendo possível entender esse processo de apagamento do trabalhador industrial enquanto um protagonista de sua própria história através de Michel Pollack e seu entendimento de memória. Isso que nos ajuda entender uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc.

Pouco se discute sobre o mundo dos trabalhadores na cidade de Ponta Grossa, mais especificamente sobre trabalhadores industriais que estão inseridos no processo produtivo em larga escala. Pode-se dizer que a pesquisa em questão é um acúmulo válido para futuras buscas sobre o tema, visto que não há um número de trabalhos que possam mostrar novos horizontes em uma perspectiva historiográfica e na própria historiografia pontagrossense. Em uma análise conjuntural pode-se dizer que a cidade de Ponta Grossa foi marcada profundamente com o avanço da industrialização em diferentes setores, como exemplo o setor alimentício, têxtil, madeireiro e afins, entretanto com o crescimento dessa industrialização e a forma de reorganização social vem sendo bastante afetados, diretamente ou indiretamente. Em contra partida a historiografia pontagrossense não acompanhou o mesmo desenvolvimento na academia, poucos historiadores e historiadoras abordam o tema em sua carreira, muitas vezes pela aproximação e/ou simpatia no seu leque de pesquisa, mas também pelo pouco número de trabalhos que podem orientar e induzir sobre novas perspectivas neste meio, está pesquisa se move no âmbito da historiografia pontagrossense para melhor dialogar com pesquisas futuras no meio acadêmico, pois conhecer o campo da história do trabalho e dos trabalhadores na historiografia social contemporânea é de grande importância, a produção de materiais referenciais para pesquisas futuras sobre a história da classe trabalhadora industrial de Ponta Grossa, se faz necessário Compreender a história dos trabalhadores, sobretudo os silêncios e esquecimentos que lhes tiram ou diminuem a importância na vida socioeconômica. Incrementar olhares e perspectivas de análise ainda não percebidos sobre os processos históricos da industrialização recente da cidade. Entendendo a relação que tal processo mantém uma interferência cotidiana com tais sujeitos nele envolvidos, sujeitos esses que se reelaboram no processo produtivo da industrialização princesina e fazem parte de um contexto histórico específico mas que pouco se fazem entender dentro do mesmo.

Para tanto vale ressaltar que o processo de industrialização se mostra um projeto firmado por pilares construídos através de sujeitos que tem sua história silenciada e apagada de diferentes maneiras. Dados tais elementos e levantamentos teóricos tal pesquisa se mostra importante para que seja possível analisar e buscar mais evidências sobre um assunto que se mostra de grande relevância para a historiografia contemporânea e para futuras pesquisas na área, que por muitas vezes permite um grande campo de estudo e novos horizontes a serem questionados e problematizados diante de sua demanda, porém, por outro lado encontra-se escassa na produção acadêmica para que seja possível pensar uma industrialização e as marcas que a mesma vem a deixar em indivíduos que nela estão inseridos, na cidade de Ponta Grossa, buscar entender grande parte dessa relação entre trabalho e sociedade, suas resistências ao modo produtivo, a chamada resistência por meio de silêncios mas operacionalizada na prática.

Como citado anteriormente, essa pesquisa se situa na história social do trabalho e busca por meio de indícios demonstrar a relação da classe trabalhadora industrial pontagrossense com o meio do crescimento econômico, pode-se dizer que para além das produções acadêmicas esse trabalho também busca dialogar com a sociedade como um



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

todo, sendo de importâncias múltiplas na construção social da cidade de Ponta Grossa, Paraná. Importância em entender o processo histórico que a cidade de Ponta Grossa sofreu com o avanço da industrialização e ainda vem dando sinais dessas marcas, visto que o processo de industrialização se faz de modo contínuo e se desenvolve dia após dia e traz consigo resultados que desembocam e afetam diretamente ou indiretamente a relação social que os indivíduos inseridos neste espaço são alcançados, fruto de uma industrialização que reinventa a sociedade e como a mesma recebe e interpreta esses aspectos em seu meio social, reelaborando seus olhares, suas vidas e sua história.

Por fim, destaca-se que a relevância da pesquisa se dá pela necessidade de aproximar as pesquisas acadêmicas de problemáticas que estejam efetivamente conectadas com as demandas dos trabalhadores industriais. A Universidade não deve ser uma “bolha”, com pesquisas orientadas por uma lógica mercantil, mas deve, através de seus inúmeros instrumentos, direcionar seus esforços para ser uma instituição socialmente referenciada.

Referências

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 402 p, 2016

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

JÚNIOR, Joel Larocca. *Desenvolvimento Industrial em Ponta Grossa (PR): Avaliação e perspectivas*. Dissertação de Mestrado. Convênio UFSC/UEPG. Florianópolis. (SC), UFRJ, 2012.

MATTOS, Marcelo Badaró. *A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo*. -1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

THOMPSON, Edward P. *A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. V.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

PROHMANN, Mariana. *Americanismo e fordismo nos Boletins da Comissão BrasileiroAmericana de Educação Industrial*. 2016. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**AMORES, PROMESSAS E DESILUSÕES: UMA ANÁLISE À
PARTIR DA CATEGORIA GÊNERO SOBRE OS CRIMES DE
DEFLORAMENTO NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA (PR)
(1921-1929)**

MAUDA, Fernanda¹

*¹Licenciatura em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciência
Humanas, Letras e Artes*

O presente texto busca discutir as principais ideias que circundam o projeto de pesquisa aprovado pelo programa de Pós-Graduação Acadêmica em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa, fazendo parte do Núcleo de Pesquisa em Estudos de Gênero. Esta pesquisa busca analisar os processos crime de defloração pertencentes ao município de Ponta Grossa (PR) que ocorreram entre os anos de 1921 a 1929. A utilização de processos crime como fontes na história, permite a problematização a respeito das camadas subalternas da sociedade, pensando dessa forma, as realidades de pessoas comuns. Os discursos presentes nesses processos são carregados com as noções de moralidade e com os valores sociais do contexto histórico ao qual pertencem, desta maneira, eram expostas as expectativas sobre o comportamento feminino e masculino ideal, e conseqüentemente, o que era visto como inadequado. O objetivo central da pesquisa é analisar a partir da categoria gênero como são construídos os papéis sociais dos atores envolvidos nos processos crime. A metodologia adotada, analisará as representações sociais presentes nos discursos, a partir da descrição das fontes, que serão os onze processos crime de defloração do município de Ponta Grossa, disponíveis no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), tratando-se de uma pesquisa qualitativa que busca analisar os conteúdos desses casos e as subjetividades intrínsecas a eles.

1. Crime de Defloração e Gênero

Em 1921 na cidade de Ponta Grossa (PR), chegava na delegacia de polícia uma mãe, clamando justiça por sua filha, a qual havia sido deflorada por seu noivo, e o mesmo não cumprira com sua palavra de que iria se casar com ela. A vítima, Ritta, tinha na época apenas catorze anos de idade, era doméstica e de família humilde, contou que conheceu Luiz, de vinte e quatro anos, trabalhador ferroviário, e em pouco tempo por conta do fervor da paixão, já estavam namorando. Em um raro momento em que estavam à sós, Luiz propôs a Ritta que tivesse com ele relações sexuais, o que não teria problema visto que logo mais iriam se casar, contudo, Luiz não cumpriu com suas promessas, e após algum tempo, deixou de frequentar a casa da mesma.

No seu depoimento à polícia, Luiz contou que não iria se casar com Ritta, porque havia chegado a seu conhecimento boatos sobre a má reputação da mesma, diziam que



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

ela tinha sido vista em companhia de outros homens, estando até mesmo em locais fechados com eles, diziam que a casa de Ritta era local de muitas festas e de promiscuidades. Por conta disso Luiz havia deixado de frequentar o local, até mesmo negando que algum dia haviam sido noivos. Após a desilusão amorosa, e de um inquérito sem conclusões, a vida de Ritta continuaria a carregar as marcas desse drama, visto que no momento da denúncia, foi constatado que estava grávida de quatro meses, e ela afirmava com veemência, que o pai era Luiz¹⁷.

Segundo Simone de Beauvoir “[...] na linguagem popular, “colher a flor” de uma mulher significa destruir lhe a virgindade, e essa expressão originou a palavra “defloramento” (BEAUVOIR, 1980, p.197)”, o temo em si, carrega uma romantização entorno da virgindade feminina. No Brasil, o “defloramento” enquadrou-se como um tipo de crime a partir do código penal de 1890, inserido no setor de delitos sexuais, constando no artigo 267, caracterizava-se por: “Deflorar mulher de menor idade, empregando sedução, engano ou fraude: Pena - de prisão celular por um a quatro anos”.

O crime de defloramento segundo o código penal de 1890, valorizava a identificação do rompimento ou não do hímen durante o ato sexual, tamanha era essa importância, que a resolução dos casos poderia ser definida a partir dos exames de corpo e delito feitos por médicos legistas que comprovassem que o hímen havia sido rompido. Já no código penal brasileiro de 1940, o crime de defloramento passa a ser denominado como “Sedução”, constando no artigo 217, caracterizando-se como: “Seduzir mulher virgem, menor de dezoito anos e maior de quatorze, e ter com ela conjunção carnal, aproveitando-se de sua inexperiência ou justificável confiança: Pena - reclusão, de dois a quatro anos”. Na década de 1940, já haviam sido realizados estudos sobre a existência de himens resistentes, retirando desse fator o maior peso das resoluções e dando maior valorização na questão de provar a “moralidade” da ofendida (CAULFIELD, 2000).

O crime de defloramento diferenciava-se do estupro, no primeiro, tinha-se o consentimento da vítima, em consonância com as articulações fraudulentas do acusado que realizava promessas de casamento, e dessa forma convencida a mulher menor de idade virgem ter com ele relações sexuais. Já o estupro, não havia consentimento da vítima, consistia, portanto, na violação de uma mulher virgem ou não, que não estava associada a questão do engano presente no crime de defloramento.

Ao propor a utilização de processos crime como fontes para a pesquisa histórica debruço-me sobre a seguinte reflexão de Boris Fausto: “[...] se aprendida em nível mais profundo, a criminalidade expressa a um tempo uma relação individual e uma relação social indicativa de padrões de comportamento, de representações e valores sociais” (FAUSTO, 2001, p.17). Dessa forma, por meio dos autos criminais, é possível identificar características que compõem o imaginário, os ideais e os julgamentos que integram as noções de moralidade de um determinado tempo e espaço.

A perspectiva da Micro-História ou a Micro-Análise entorno dos processos crime, permite uma problematização sobre as camadas subalternas das sociedades. Trazendo o foco de análise para os discursos dos atores sociais envolvidos nos crimes, esses discursos exprimem valores e concepções acerca dos conflitos sociais provenientes da esfera

¹⁷ Inquérito nº NCosta – ref. Ano: 1921 cx 2; natureza: defloramento.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

pública ou privada presentes nos seus cotidianos. (BENDER, 2007). A análise dos processos crime permite vislumbrar vestígios do cotidiano de indivíduos subalternos, que se inserem em realidades muito distantes dos “grandes nomes da história local”.

“No processo-crime, existe uma pluralidade de vozes que se cruzam, se esbarram e se complementam num mesmo processo.” (ROSEMBERG; SOUZA, 2009, p. 168). Os autos criminais, por mais que produzidos pelo aparelho judicial, e carregados por conta disso de diferentes tecnicismos do meio, exprimem as concepções, os conflitos e as expressões culturais principalmente das classes populares. Analisar o discurso construído pelos escrivães do judiciário, carece da percepção de que esses textos reduzem drasticamente a quantidade de expressividade dos depoimentos, que em suas formas orais possuem emoções, maneirismos, modos de falar, que a transcrição não consegue evidenciar. (ROSEMBERG; SOUZA, 2009).

O defloração é um crime que possui em sua essência a questão do julgamento moral principalmente da vítima, onde para se chegar ao veredito final são ouvidas testemunhas de acusação e de defesa que através de seus depoimentos tentam construir uma imagem positiva ou negativa da vítima e do acusado. Os depoimentos demonstram como as noções de moralidade estão presente na sociedade, pois é exposto as percepções sobre o acusado ou a vítima, julgando as condutas a partir do que acham certo ou errado. A questão da honra era um dos pontos principais de discussão nos processos de defloração, com a perda da virgindade e a não concretização do casamento, cria-se a noção de “quebra” da honra feminina. (CAULFIELD, 2000). Honra essa que não se entende a partir da manutenção da integridade da mulher, pois:

[...] não se trata precipuamente de proteger a “honra” como atributo individual feminino e sim como apanágio do marido ou da família. Desvenda-se deste modo o pressuposto de que a honra da mulher é o instrumento mediador da estabilidade de instituições sociais básicas – o casamento e a família. (FAUSTO, 2001, p.175)

Dessa forma, quando uma mulher perdia a virgindade era julgada como se a honra da família estivesse em risco, colocando também em prova a honra de um futuro pretendente a marido dessa mulher, como aponta Simone de Beauvoir: “Moça, tem o pai todos os poderes sobre ela; com o casamento, ele os transmite em sua totalidade ao esposo (BEAUVOIR, 1980, p.103)”.

Segundo Fausto (2001), as balizas norteadoras entorno dos julgamentos de defloração sobre o comportamento das mulheres vítimas eram rígidas e estritamente relacionadas com o meio privado, ou seja, o lar. As mulheres recatadas, que andavam sempre acompanhadas da família, não falavam com estranhos, não passeavam a noite, eram vistas socialmente como honestas, qualquer comportamento desviante poderia ser compreendido como agente da degradação da reputação da mesma. Nos julgamentos de defloração, caso houvesse a interpretação por parte das testemunhas de que a ofendida tinha má conduta, as chances do acusado ser absolvido eram enormes. Era mais valioso nos discursos julgar o comportamento da mulher do que o do acusado. É a partir dos discursos sobre o comportamento feminino e masculino que se evidenciam os sentidos socialmente criados, e que respaldam problematizações de gênero.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

em se considerando os “estudos da mulher”, esta não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes. (RAGO, 1998, p.06).

Rago (1998) nos permite refletir sobre como a mulher é moldada de acordo com o seu tempo. As concepções sociais entorno do comportamento feminino delimitam o que seria o padrão aceito e desejável, as mulheres que transgredem as regras são mal vistas e julgadas, escanteadas dentro de uma sociabilidade que supervalorizava a honra, pautada na pureza e recato feminino.

O Gênero é uma categoria de análise, pensada a partir da década de 1980 pelo movimento feminista, que compreende que as desigualdades entre homens e mulheres não se constroem a partir do campo biológico do ser, mas sim dos fatores culturais, ou seja, das diferentes formas como as sociedades desenvolveram redes de significações sobre a representação do feminino e do masculino ao longo do tempo. A trajetória desse campo de análise está interligada às lutas feministas pela conquista de seus direitos (PEDRO, 2005).

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1989, p.07).

Mulheres historiadoras que são movidas pelas angustias de seu próprio tempo buscam no passado as raízes dos problemas latentes ainda no presente. A contemporaneidade fomenta novas questões sobre o passado, novas problemáticas surgem, visto que a sociedade ainda carrega traços profundos de misoginia, opressão e desqualificação das mulheres. (RAGO, 1998).

Segundo José da Assunção Barros:

A oposição entre igualdade e diferença, se colocarmos a questão dentro de uma perspectiva semiótica, é da ordem dos «contrários» (de duas essências que se opõem). Já o contraste entre igualdade e desigualdade refere-se quase sempre não a um aspecto «essencial», mas a uma «circunstância» associada a uma forma de tratamento (mesmo que esta circunstância aparentemente se eternize no interior de determinados sistemas políticos ou situações sociais específicas). (BARROS, 2005, p.345).

Ao trabalhar o conceito de desigualdade Barros (2005) supõe a noção que uma essência se coloca superior a outra não existindo uma relação de paridade entre elas, essas relações desiguais são historicamente construídas, e a desigualdade de gênero se fundamenta na ideia de a “essência masculina” ser superior a “essência feminina”.

A presente pesquisa busca realizar uma análise dos processos crime de defloramento pertencentes a região de Ponta Grossa Paraná, que ocorreram entre 1921 a 1929. Os processos crime de defloramento utilizados nesta pesquisa, estão disponíveis no



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Centro de documentação e pesquisa em História (CDPH), localizado no Campus da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no município de Ponta Grossa.

O objetivo central da pesquisa é compreender a partir da categoria de análise gênero, como se constroem as noções referentes ao papel social da mulher e do homem, pensadas a partir dos discursos dos atores envolvidos (vítima, acusado, testemunhas, juízes e advogados) nos processos crime de defloramento. Buscando evidenciar os valores, os julgamentos, as concepções sociais e morais que esses discursos abordavam. Investigando mais a fundo esse material pretende-se evidenciar os princípios morais desses sujeitos, como eram as dinâmicas que permeavam os relacionamentos amorosos, a forma com que a família (principalmente da vítima) se envolvia e o que buscavam ao fazer a acusação, e os mais diversos aspectos que o desenrolar dos enredos permitem explorar.

A análise dos processos crime possibilita a investigação sobre as camadas populares residentes no município de Ponta Grossa, inseridas no contexto da década de 1920. Segundo dados do censo o município de Ponta Grossa tinha na década de 1920 cerca de 20.171 habitantes, sendo uma cidade que apresentava um forte desenvolvimento urbano, mas que ainda carregava uma presença rural elevada da população. (PINTO; GONÇALVES, 1983). Discutir sobre os cotidianos das pessoas comuns que moravam no município na época, é pegar a contramão da história dos grandes nomes, da história pertencente as elites ou dos grupos de prestígio, é protagonizar os que muitas vezes são silenciados pela historiografia, valorizando suas práticas, seus discursos, enfim, suas vivências.

2. Metodologia

A metodologia de análise dos processos crime requer particular atenção a escrita jurídica, que utiliza de termos técnicos e que seguem uma norma padrão de ortografia e estruturação do documento correspondente a um órgão de poder oficial. Dessa forma, acabam por silenciar, ou mudar expressões que na oralidade poderiam ser entendidas de outras maneiras (ROSEMBERG; SOUZA, 2009). Como será trabalhado com o código penal de 1890, é necessário a realização de leituras sobre os principais aspectos que regiam essa legislação.

Os onze processos crime de defloramento utilizados nessa pesquisa encontram-se disponíveis fisicamente no CDPH da Universidade Estadual de Ponta Grossa, entretanto, os mesmos foram previamente fotografados e armazenados em formato digital. Ao realizar a leitura dos processos se faz necessária a percepção das condições em que as fontes se encontram, visto que foram produzidas a um século atrás, muitas delas estão escritas a mão, com uma caligrafia rebuscada, onde o papel com o tempo foi se desgastando e possibilitando que algumas partes dos processos se percam.

O trabalho com essas fontes demanda a criação de critérios de análise, que esquematizem e possibilitem a construção de núcleos de discussão. Para essa esquematização dos conteúdos dos processos crime serão realizadas tabelas no programa Excel, que servirão como uma base de dados contendo os principais trechos e elementos que constituem os onze processos crime analisados, como: características do acusado, da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

ofendida e da família; desfecho dos casos; elementos presentes nos depoimentos que abordem noções sobre o bom e mau comportamento feminino e masculino; dinâmicas presentes nos relacionamentos amorosos; entre outros temas.

Em concordância com a temática da pesquisa, se faz necessário o levantamento bibliográfico que respalde o embasamento teórico articulado com as problemáticas analisadas nas fontes. Além das leituras serão realizados fichamentos da bibliografia, a fim de sintetizar e organizar as principais ideias e conceitos mobilizados pelos autores.

Foi realizado um breve levantamento bibliográfico prévio, sobre a temática gênero, serão utilizados: o texto clássico “*Gênero: uma categoria útil para análise histórica*”, de Joan Scott (1989); o livro intitulado “*Gênero e História*”, de Margareth Rago (2012); o artigo “*Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*”, de Maria Joana Pedro (2005); os livros “*Problemas de gênero*” (1990) e “*Corpos que importam*” (1993), de Judith Butler.

Sobre a temática de defloramento: “*Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*”, de Sueann Caulfield (2000); as dissertações de mestrado e especialização de Solange da Silva Pinto, intituladas respectivamente “*O debate de gênero no ensino de história: moças para casar – representações femininas nos processos crime de sedução em Ponta Grossa (1940-1970)*” (2018) e “*Sedução: histórias de amores e dissabores na cidade de Ponta Grossa entre os anos de 1968 a 1971*” (2008); “*Práticas discursivas: um estudo sobre crimes de defloramento (1920-1940) na comarca de Bauru (SP)*”, de Guilherme Rocha Sartori (2012).

Sobre a utilização de processos crime como fontes para a produção histórica: o livro clássico “*Crime e Cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924)*”, de Boris Fausto (1984); O texto “*Notas sobre o uso de documentos judiciais e policiais como fonte de pesquisa histórica*”, de André Rosemberg e Luís Antônio Francisco de Souza (2009); “*O crime na historiografia brasileira: uma revisão da pesquisa recente*”, de Marcos Luís Bretas (1991); “*Silêncios, Gritos e murmúrios: os processos-crime como fonte histórica*”, de Lucas Petry Bender (2007); “*O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*”, de Carlo Ginzburg (2006).

E sobre o contexto da década de 1920-1930 no município de Ponta Grossa (PR) e no Brasil: “*Ponta Grossa um século de vida*”, de Maria Aparecida Cézar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto (1983); “*Expansão urbana e desigualdade socioespacial: uma análise da cidade de Ponta Grossa (PR)*”, de Ederson Nascimento e Lindon Fonsaca Martins (2011); “*Da zelosa mãe e esposa à recatada professora, trabalhadora e cidadã de direitos: representações das mulheres e da sua educação no Diário dos Campos nas décadas de 1920/1930*”, de Karina Regalio Campagnoli (2020); “*Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940*”, de Nara Azevedo e Luiz Otávio Ferreira (2006); “*A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*”, de Helena de Carvalho de Lorenzo e Wilma Peres da Costa (2001); “*Trabalho urbano e conflito social: 1890-1920*”, de Boris Fausto (2016).

3. Fontes



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

As fontes principais para o desenvolvimento da pesquisa serão os onze casos de defloramento pertencentes a 1ª Vara Criminal da cidade de Ponta Grossa, registrados entre os anos de 1921¹⁸ a 1929. A documentação fica alocada no CDPH, não sendo um material disponível digitalmente, foi necessário, portanto, fotografar integralmente todos os processos, assim como também os catálogos de consulta referentes ao recorte temporal da pesquisa, que trazem informações resumidas sobre os processos. As fotos foram armazenadas e organizadas em drives digitais.

Os processos utilizados serão:

Inquérito nº NCosta – ref. Ano: 1921 cx 2; natureza: defloramento.

Processo nº NConsta – ref. Ano: 1922 cx 1; natureza: defloramento.

Queixa crime nº NConsta – ref. Ano: 1922 cx 2; natureza: defloramento.

Processo nº NConsta – ref. Ano 1923 cx 1; natureza: defloramento.

Processo nº NConsta – ref. Ano: 1923 cx 2; natureza: defloramento.

Processo nº NConsta – ref. Ano: 1924 cx 1; natureza: defloramento e rapto.

Processo nº NConsta – ref. Ano: 1927 cx 2; natureza: defloramento.

Carta Precatória nº NConsta – ref. Ano: 1927 cx 4; natureza: defloramento.

Processo nº NConsta – ref. Ano: 1927 cx 4; natureza: defloramento.

Processo nº NConsta – ref. Ano: 1928 cx 2; natureza: defloramento.

Inquérito nº NConsta – ref. Ano: 1929 cx 3; natureza: defloramento¹⁹.

Entre os documentos utilizados, sete são processos, dois são inquéritos, um é queixa crime e um é carta precatória. Os que são processos possuem mais volume de conteúdo, visto que existe o julgamento do acusado de acordo com a análise realizada sobre o inquérito. Todas as diferentes partes que compõem os processos crime de defloramento (queixa, exame de corpo e delito, depoimentos da vítima, do acusado e das testemunhas, defesa do acusado, discurso jurídico) serão utilizados na análise.

¹⁸ Inicialmente, tinha-se a intenção de analisar toda a década de 1920, entretanto no ano de 1920 não existem registros do crime de defloramento, sendo necessário, portanto, que o recorte iniciasse em 1921.

¹⁹ Inquérito: é a fase de investigação policial; Processo: é onde ocorre de fato o julgamento do acusado; Queixa crime: é o instrumento inicial da ação penal privada; Carta precatória: é um instrumento utilizado por um Juiz, que detém poder sobre a Jurisdição da qual faz parte, para que uma ordem seja executada em uma Jurisdição que não lhe pertence. Disponível em: <https://www.direitonet.com.br/busca?palavras=>. Acesso em 16 nov. 2022.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Um breve apanhado geral sobre os casos já foi realizado, as denúncias de defloramento eram realizadas pela família da mulher, tinham como objetivo a busca pela reparação da honra da filha por meio do amparo jurídico, visto que o acusado se recusava a casar com a mesma. A faixa etária das mulheres que haviam sido defloradas é de 13 a 18 anos, já os acusados tinham idades entre 19 a 28 anos. As profissões dos envolvidos demonstram que esses pertenciam as classes populares, sendo que todas as ofendidas se identificavam como domésticas, e os acusados tinham profissões diversas como: servente de pedreiro; trabalhador da ferrovia; soldado; lavrador; entre outros. Outro ponto que ilustra a condição social dos envolvidos, era o anexo de certidão de miserabilidade que a maior parte das famílias das ofendidas apresentavam na delegacia de polícia.

Após ser realizada a queixa, a vítima era encaminhada à realização do exame de corpo e delito, nesse exame seria comprovado se de fato havia ocorrido o defloramento, ressaltando a importância que o rompimento do hímen ainda tinha no período, era verificado se o defloramento era recente e se havia evidências de violência. Eram realizadas um conjunto de questões para a ofendida e para o acusado, onde cada um dava sua versão sobre o ocorrido. Em seguida as testemunhas eram convocadas para depor, e as questões eram feitas a fim de que se provasse uma das versões, ressaltando que era essencial para a conclusão dos casos, que as testemunhas opinassem sobre a conduta dos envolvidos, mas com mais ênfase buscava-se comprovar se a ofendida era honesta ou não.

Além dos processos crime de defloramento, não se exclui a possibilidade de utilização de outras fontes para a construção da análise, como jornais, certidões e censos do período que auxiliem a aprofundar as discussões levantadas.

Referências

AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920-1940. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.27, p.217-254. jul.-dez. 2006.

BARROS, José d'Assunção. Igualdade, desigualdade e diferença: em torno de três noções. *Análise Social*, v. XL, n.175, p.345-366, 2005. Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/?page_id=16. Acesso em: 16 jun. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BENDER, Lucas Petry. Silêncios, gritos e murmúrios: os processos crime como fonte histórica. *Revista Justiça & História*. v.7, n.13, p.261-282, 2007. Disponível em: <https://www.tjrs.jus.br/novo/revista-justica/revista-justica-historia-v-7-n-13/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

BRASIL, *Constituição (1940)*, Capítulo II – DA SEDUÇÃO E CORRUPÇÃO DE MENORES, Art. 217. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 17 de jul. 2020.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

BRETAS, Marcos Luiz. O crime na historiografia brasileira: uma revisão na pesquisa recente. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 32, 2º semestre de 1991, pp. 49-61.

BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: N-1, 2019.

CAMPAGNOLI, Karina Regalio. “Da zelosa mãe e esposa à recatada professora, trabalhadora e cidadã de direitos”: representações das mulheres e da sua educação no Diário dos Campos nas décadas de 1920/1930. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra*: moralidade, modernidade e nação no rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Editora da Unicamp / Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL, *Constituição (1890)*, Capítulo I – DA VIOLÊNCIA CARNAL, Art. 267. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmmimpressao.htmA. Acesso em: 17 de jul. 2020.

FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano*: a criminalidade em São Paulo (1880 – 1924). São Paulo: Brasiliense, 2001.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social 1890-1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar. PINTO, Elisabete Alves. *Ponta Grossa*: um século de vida. Ponta Grossa: Kugler artes gráficas Ltda, 1983.

Inquérito nº NCosta – ref. Ano: 1921 ex 2; natureza: defloramento.

LORENZO, Helena Carvalho de. COSTA, Wilma Peres da. *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. São Paula: Editora Unesp, 2001.

NASCIMENTO, Ederson; MATIAS, Lindon Fonseca. EXPANSÃO URBANA E DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL: UMA ANÁLISE DA CIDADE DE PONTA GROSSA (PR). *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*, [S.l.], v. 23, nov. 2011. ISSN 2177-2738. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/24833/16634>. Acesso em: 16 jun. 2022.

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história*. Epistemologia Feminista, Gênero E História. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.) Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RAGO, Margareth. *Gênero e História*. CNT-Compostela, 2012.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005. Disponível em:



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



<https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/?lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2022.

PINTO, Solange da Silva. *O debate de gênero no ensino de História: moças para casar – representações femininas nos processos crimes de sedução em Ponta Grossa (1940-1970)*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

PINTO, Solange da Silva. *Sedução: histórias de amores e dissabores na cidade de Ponta Grossa entre os anos de 1968 a 1971*. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu História, Arte e Cultura, 2ª ed) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

ROSEMBERG, André. SOUZA, Luís Antônio Francisco de. *Notas sobre o uso de documentos judiciais como fonte de pesquisa histórica*. Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.2, p. 159-173 - dez. 2009. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/175>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SARTORI, Guilherme Rocha. *Crimes de defloramento: entre práticas e representações do discurso jurídico*. Revista LEVS, São Paulo, nº 4, 2009. Disponível em: <http://www.levs.marilia.unesp.br/revistalevs/edicao4.htm>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

OS USOS DA HISTÓRIA NA ERA DIGITAL: PASSADOS EM DISPUTA

ANZUATEGUI, Fardin Gustavo¹; CERRI, Luis Fernando²

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa; Programa de pós-graduação em História; Departamento de História. E-mail: gustavo.anzuategui@gmail.com

²Universidade Estadual de Ponta Grossa; Programa de pós-graduação em História; Departamento de História. E-mail: fcronos@yahoo.com.br:

1. INTRODUÇÃO

Os usos do ensinar e aprender História tem se modificado ao longo das décadas no Brasil e no mundo. É importante que professores e pesquisadores da História reflitam acerca da temática, em especial no momento presente em que a escola e as universidades não são os únicos espaços de divulgação de conteúdos históricos.

Na atualidade é possível afirmar que o consumo de conteúdos históricos não mais se limita ao ambiente escolar ou acadêmico. A História é difundida em jogos, filmes, livros, gibis e especialmente na internet, espaço este que é possível encontrar horas de materiais que podem servir a preparação para provas e vestibulares a até mesmo curiosidades sobre a idade média ou áreas de interesse destinado aos mais diversos públicos.

Dado que existem diversas funções para a História que vão do entretenimento ao científico, se faz necessário refletir a respeito dos usos políticos e ideológicos da História. Em uma mistura de revisionismos mascarados de veracidade é comum que grupos criem ou distorçam narrativas sobre eventos ou personagens de modo que possibilite afirmar determinadas ideias ou políticas na atualidade. Este trabalho busca realizar uma revisão bibliográfica a respeito dos usos políticos do passado em que se propõe pensar o espaço da História em meio aos tempos digitais.

2. ALGUNS USOS POLÍTICOS DO ENSINO NO PASSADO

Durante muito tempo o ensino de História servia a uma função cívica: educar as massas de modo que estas contassem com uma série de informações selecionadas para enfatizar certos aspectos em detrimento a outros. Se fazia necessário aos cidadãos incubá-los de ideias cívicas e morais a respeito da pátria, das lideranças e do convívio social como aponta Laville (1999), a seguir:

O aparelho didático desse ensino era simples: uma narração de fatos seletos, momentos fortes, etapas decisivas, grandes personagens, acontecimentos simbólicos e, de vez em quando, alguns mitos gratificantes. Cada peça dessa narrativa tinha sua importância e era cuidadosamente selecionada. (LAVILLE, 1999, p. 126)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Desta forma, portanto, o ensino se destinava a interiorizar nos estudantes uma série de comportamentos que se esperava do cidadão no futuro, dentre elas a obediência, respeito aos símbolos e o não questionamento à ordem já estabelecida. O educando deveria passivamente absorver uma série de datas, fatos e personagens com pouco ou nenhum questionamento sobre o conteúdo, ao final suas habilidades eram medidas em avaliações as quais classificam os alunos em notas e aprovações. No Brasil um exemplo deste tipo de educação, dentre vários outros, encontra-se nas cartilhas varguistas do estado novo (1937-1945) como demonstrado a seguir:

FIGURA 1 - TRECHOS DA CARTILHA UTILIZADA NAS ESCOLAS: “A JUVENTUDE NO ESTADO NOVO”



Fonte: SOUZA, 2018.

Evidencia-se, portanto, que o uso da simbologia, das imagens e canções a qual serviu para reforçar um tipo de país que ideologicamente buscava-se formar: culto aos líderes, uma ordem harmoniosa entre os indivíduos e o amor à pátria se utilizando da figura infantil em construção que estaria pronta para receber os valores transmitidos sobre a organização social.

Aos poucos e com as diversas transformações nos currículos e na própria sociedade o “cidadão súdito”, aquele que deveria aprender as questões históricas básicas de formação de seu país, foi substituído pelo “cidadão participante”. Este deveria ser capaz de pensar criticamente a política e participar como agente ativo da democracia. Eleger, ser eleito, entender as relações entre passado e presente de modo que possibilite compreender os problemas econômicos e sociais da sociedade e assim propor mudanças. LAVILLE (1999).

Fica claro, portanto, que a História conta com diversos usos, por governos, empresas e professores. Toda propagação de conteúdos históricos não são neutros e indicam intenções daqueles que a disseminam, no entanto, isto não significa que há a livre



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

possibilidade de inventar ou modificar narrativas do passado apenas para justificar certos pontos políticos.

3. ALGUNS USOS POLÍTICOS DA HISTÓRIA NO PRESENTE

Dentro da questão dos debates se faz necessário pensar em relação às narrativas sobre o passado e sua legitimidade que seria reconhecida e validada pela sociedade. Estes debates servem não apenas para dar significado ao passado, mas para dar reconhecimento a pessoas e instituições do presente. Diversos são os exemplos de tentativas de reconhecer e justificar um passado que nem sempre ocorreu, haja visto o quadro de Independência ou morte de Pedro Américo ou a posição de Tiradentes como herói da república do mesmo autor. Apesar do povo não ter participado do processo de independência e Joaquim Xavier não ter sido reconhecido como mártir da Inconfidência Mineira naquele momento, as imagens e personagens tomam novos significados de acordo com o que se deseja legitimar.

Na modernidade o uso de vídeos e imagens ganham usos diversos em que basicamente qualquer um tem a possibilidade de criar e transmitir conteúdos e ressignificações do passado. Dado que a História não está mais limitada a ambientes acadêmicos ou escolares e que as relações entre o ensinar e aprender se faz importante a reflexão acerca de alguns pontos que a modernidade e mais especificamente a era digital trouxe para os que se interessam pela temática. Acerca disto Abreu (2009) destaca que:

A convergência das mídias possibilita, desde o final do Século XX e na primeira década do Novo Século (XXI), a mescla entre informação, entretenimento e conteúdos educacionais no ciberespaço. Se pensarmos que conteúdos educacionais não são opções fechadas nem estão sob o domínio das escolas ou das universidades, que cada indivíduo pode transmitir conhecimentos que detém, percebe-se que esta possibilidade é viável na Internet. (ABREU, 2009 p.8)

Fica claro, portanto que a transmissão de conteúdos históricos fora do ambiente escolar ou acadêmico não é exatamente um problema ou algo que deva ser combatido, a problemática se estabelece no momento em que alguns grupos têm se utilizado da internet para descredibilizar a História científica.

A era digital modificou as formas de comunicação e interação humana, além de transformar a relação dos historiadores com as fontes (SILVA; MANKE, 2021). Em nenhum momento na História se produziu um número tão grande de registros e materiais que está disponível a milhões de pessoas e que raramente têm sua veracidade confrontada com o advento da internet e das redes sociais a propagação de materiais históricos se intensificou de modo que os indivíduos sendo especialistas, ou não, podem produzir, criar e disseminar narrativas sobre o passado de modo a justificar suas próprias ideias do presente.

A internet apesar de ter disseminado o conhecimento histórico para praticamente todos os grupos e interesses também conta com indivíduos extremistas que se utilizam das liberdades democráticas para prosseguir com práticas da desinformação, discurso de ódio e notícias falsas e portanto “Embora a Internet seja um recurso de grande importância



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

para a facilitação do acesso pesquisas, dados e documentos, o que a torna um precioso recurso para a ciência e para a vida democrática, ela também oferece as condições para falseamento da ciência, para a corrosão da democracia e para o antidiálogo. (PICOLI; CHITOLINA; GUIMARÃES, 2020, p.9). Portanto, há de se refletir acerca dos limites e possibilidades do consumo de conteúdos históricos hoje em que propagam suas ideias ao mesmo tempo que abrem espaços para a barbárie.

No campo político hoje a História está sendo disputada principalmente por grupos da chamada Nova Direita a qual têm utilizado a internet para produzir, disseminar e reivindicar uma narrativa sobre o passado que destoia do que é academicamente debatido. Questões sobre a educação brasileira, Paulo Freire e a ditadura militar são frequentes palcos de debates destes grupos. Certamente que houve importantes avanços na transmissão do conhecimento histórico por meio da internet, se concretizou a possibilidade de que toda pessoa com acesso a internet possa conhecer ou aprofundar neste campo. Ao mesmo tempo as redes foram ocupadas por grupos políticos, religiosos e empresariais que por vezes atuam contra a democracia e a liberdade. (GONÇALVES, 2017)

O fenômeno da Nova direita pode ser entendido como uma mistura de elementos que consolidam o capitalismo como base econômica ao mesmo tempo que aceitam vantagens de políticas sociais de inclusão e distribuição de renda (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER; 2015). Se por um lado existe a redução de impostos para produtos como Jet-skis, há também o pagamento de auxílios para pessoas com menor renda. A nova direita também busca se desvencilhar de regimes ditatoriais e autoritários, fazendo uso amplo das redes sociais, piadas na internet e conteúdos como forma de divulgação de suas propostas. A roupagem de moralidade e dos bons costumes se mantém na tentativa de criar uma narrativa combativa na qual aqueles que fazem parte desta direita se portam como cruzados contra a corrupção, “ marxismo cultural” e “ideologia de gênero”

Portanto, a nova direita consolida suas práticas com uma espécie de “neopopulismo digital” ao abarcar um público eleitoral de diversas camadas sociais, apelando para a religiosidade, distribuição de renda e moralidade, como apontado abaixo:

Enquanto a direita tradicional primou pela manutenção do status quo, pelas políticas que favoreceram os mais ricos (vantagens tributárias, desregulamentação de mercados etc.), essa nova família de partidos” reconhece que não é possível governar sem olhar para os socialmente excluídos (e, em especial, para seu respectivo peso eleitoral)” (2015, p.116). (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER; 2015, p. 116

Destaca-se nesta onda da Nova Direita um dos grupos intitulado Brasil Paralelo, a empresa que conta com mais de 3 milhões de inscritos em seu canal no Youtube trabalha desde de 2016 para disseminar o que chama de "verdadeira História do Brasil e da educação". Dentre os diversos conteúdos já produzidos pela empresa destacam-se revisionismos sobre a Ditadura Militar, os professores postos como “doutrinadores” e até mesmo apreço pelo governo imperial de Dom Pedro II.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Segundo Picoli, Chitolina E Guimarães, (2011, p.11) “A dimensão anti-intelectual de culto no discurso da empresa fica evidente quando termos como “missão” e “antídoto” são utilizados nas entrevistas e nas produções audiovisuais na denúncia à presumida perversão ideológica da mídia e da Escola”. Portanto, para a empresa o conhecimento científico estaria corrompido por certos agentes entre eles professores e intelectuais em que suas intenções estariam em disseminar ideologias de esquerda anti família e valores ocidentais.

A narrativa difundida pelos fundadores da empresa se estabelece a partir do homem que constrói a si mesmo, a produtora com sede em Porto Alegre teria sido fundada por jovens comuns que compraram câmeras e alugaram uma pequena sala de seis metros quadrados com intenção de mudar o jeito que se faz política no Brasil e de contar História. (PAULO, 2020) Os vídeos de maior sucesso produzidos pela empresa são basicamente um aglomerado de imagens com uma música que alterna sua intensidade de acordo com os sentimentos que se deseja enfatizar. As imagens misturam-se com trechos de entrevistas entre ministros, políticos e celebridades de internet como apontado por Salgado e Jorge (2021):

Personalidades como Olavo de Carvalho, Luiz Felipe Pondé, Lobão, Fernando Conrado, Luiz Philippe de Orléans e Bragança, Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Joseita Ustra e Rodrigo Constantino. Assim, o que começou com três estudantes universitários usando câmeras emprestadas e suas poucas economias, em 2020 já era uma empresa que faturava trinta milhões de reais ao ano – 335% a mais do que em 2019 –, com planos de dobrar o faturamento em 2021. (SALGADO; JORGE; 2021, p.726)

4. O PAPEL DA BRASIL PARALELO NA ATUAL GUERRA CULTURAL

Desta forma, o discurso do mito liberal encontra dificuldades em sustentar-se no sentido que as primeiras produções da empresa contavam com figuras os Ministros da Educação, Mendonça Filho, e do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, além de políticos bolsonarismo e talvez o pai fundador da ideologia da Nova Direita: Olavo de Carvalho. Todas estas personagens entre ministros e políticos conhecidos seriam de difícil alcance para jovens desconhecidos que tinham apenas ideias na cabeça.

O discurso histórico produzido pela empresa é sustentado na tese do Marxismo Cultural, um suposto plano social feito pela esquerda que teria perdido os conflitos pelas vias armadas mas vencido a hegemonia cultural. Segundo esse posicionamento sustentado principalmente pelo pensador Olavo de Carvalho, a esquerda estaria infiltrada nas instituições como escolas, universidades, imprensa, novelas, internet ou seja, praticamente todos os setores da sociedade em um clara intenção de destruir os valores ocidentais. Neste cenário, os professores, em especial os de História, fariam os papéis de doutrinar os estudantes distorcendo os fatos históricos de modo a fomentar a revolução cultural. Neste sentido Silva (2020) contribui ao afirmar que:

Portanto, percebe um embate que não se resume a uma disputa de narrativas, mas que se dá entre racionalismo e irracionalismo, conhecimento científico e



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

senso comum. Os defensores de um suposto domínio do “marxismo cultural” na sociedade parte de uma percepção completamente distorcida da realidade, mostrando falta de compromisso com a análise e a interpretação da realidade concreta. (SILVA, 2020, p. 6)

Desta forma é perceptível haver um desconhecimento sobre a realidade em especial das salas de aula em que os professores lidam com constantes desvalorizações e dificuldades. A Brasil Paralelo ao propagar discursos de que os professores doutrinam os alunos demonstra tratar o jovem como uma tábua rasa que não sofre influências da família, igreja, televisão e da internet. Todos estes campos influenciam o estudante a formar suas opiniões políticas, sendo a escola apenas um dos espaços de formação.

Com um discurso simplista de nós contra eles, de apelo a símbolos e sentimentos como “pátria, família e liberdade” a empresa realiza uma verdadeira cruzada na tentativa de vender suas produções, como apontado por Paulo (2020):

A empresa do olavismo cultural falsifica o debate acadêmico e apela aos instintos mais primitivos do público que tenta alcançar. Nesta quarentena, um turbilhão de mensagens publicitárias convocava os “patriotas” a apoiarem a iniciativa em sua cruzada contra a educação brasileira. (PAULO, 2020, p. 103)

Não haveria problema algum em disseminar conteúdos históricos a respeito da História do Brasil ou sobre a educação, a questão é que estes grupos empresariais da nova direita vendem seus produtos na medida que atacam a História Científica, professores e universidades. Desta forma, a disputa pelo passado se entrelaça com o presente em que para se legitimar o que é produzido na internet se faz necessário desqualificar o conhecimento científico e seus interlocutores. Professores são colocados como doutrinadores que supostamente partilharam de um movimento de articulação para disseminar entre os alunos o “Marxismo Cultural” como segue nas imagens abaixo:

FIGURA 2 – PRINTS DO CANAL DO YOUTUBE DA EMPRESA BRASIL PARALELO



Fonte: BRASIL PARALELO, 2022.

Dentre as diversas produções da empresa, as quais buscam revisar questões sobre a ditadura militar e a educação brasileira, é possível encontrar documentários de horas de



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

produção e qualidade de cinema, disponibilizados gratuitamente pelo Youtube. No momento da escrita deste trabalho a empresa tem buscado diversificar suas produções com vídeos curtos no formato de podcasts. Na imagem dois destaca-se o plano oculto em que a escola estaria participando, palavras como “nova ordem mundial” e “engenharia cultural” fazem parte da narrativa.

A disseminação de conteúdos históricos cientificamente validados se torna secundário nos discursos da empresa, em uma tentativa de posicionar a academia como subversiva e, portanto, corrompida e incapaz de produzir ciência, a solução para este problema é vendida pela própria empresa. Desta forma, a Brasil Paralelo cria um problema em que ela mesma é a solução, apresentada em palavras nobres como “missão, resgate e verdade”. A narrativa funciona de modo a se alimentar de si própria na medida que se faz necessário a empresa criar cada vez mais conteúdos históricos tidos como verdadeiro para ocupar espaços acadêmicos e escolares que estariam corrompidos.

Além das produções gratuitas com milhares de horas de conteúdos revisionistas, a empresa conta ainda com planos de assinaturas mensais. O conteúdo extra oferecido dá acesso a materiais exclusivos para assinantes. Seguindo a premissa de cruzada em resgatar os valores a empresa oferece o “plano patriota”, por 10 reais mensais o internauta estaria contribuindo com a missão da empresa, como destacado abaixo

O que são R\$10,00 por mês se a recompensa é salvar a pátria? Tal postura reforça o caráter do culto do discurso e ajuda a explicar o emprego de estratégias publicitárias que em muito se aproximam da pregação evangelizadora indivíduo se sente salvo e diretamente, quando assinante, ou mesmo, replicador de conteúdo, responsável pela salvação dos outros (PICOLI; CHITOLINA; GUIMARÃES; 2020, p. 13)

Portanto, a forma de angariar mais assinantes para a empresa é o estímulo a contribuir para algo maior que seu próprio interesse, a “salvação da pátria” e principalmente de outras pessoas que estariam ideologicamente impossibilitadas de enxergar a verdade que agora é apresentada pela empresa. Os dez reais pagos pelos assinantes pode ser entendido como uma forma de dízimo, uma contribuição para levar a palavra a mais pessoas. Dado que o valor é acessível para boa parte das pessoas que consomem os conteúdos da empresa, ocorre uma espécie de “missão civilizadora” na qual os que agora estão despertos devem possibilitar aos demais perceber as amarras que estariam submetidos.

A empresa constantemente se coloca como neutra, sem ideologia ou tendências políticas na medida que tenta justificar um discurso que seria puro e comprometido com a verdade objetiva. Fato que nenhum discurso é isento pela própria estruturação dos argumentos, no momento em que se escolhem certas fontes ou se privilegiam o destaque de determinadas informações já existe aí, alguma posição política. O argumento de uma suposta neutralidade já é contraditório em si pois ao afirmar que não haveria intenções já se configura aí um objetivo. A produtora já se posiciona ideologicamente ao afirmar que os professores e intelectuais produzem uma História doutrinária e que seria o oposto da “verdadeira” propagada pela empresa (DIAS, 2019). Apesar da empresa se identificar como neutra e isenta de posições políticas, suas produções claramente seguem discursos



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

de direita, personalidades como Olavo de Carvalho e políticos ligados ao bolsonarismo participam ou apoiam as produções da empresa.

A tática de se vender como uma organização que não conta com ideologia própria e até mesmo neutra se faz necessário para a empresa ao afirmar que haveria um lado que estaria deturpando a ciência objetiva. Novamente a Brasil Paralelo cria um problema em que ela mesma é a solução no sentido de que se “eles “ são ideológicos “nós” falamos apenas a verdade científica e portanto, neutra.

Portanto, é perceptível que há um investimento massivo em propaganda por parte da empresa que além de tentar se colocar como isenta de posições políticas também desenvolve uma argumentação anti financiamento estatal ao afirmar constantemente em seus vídeos que não recebe dinheiro público e que toda sua produção é financiada por assinantes.

Desta forma, o discurso histórico e educacional produzido pela empresa se encaixa na perspectiva do bolsonarismo, baseado na mentalidade conspiratória em um sistema de crenças que tem por bases o pensador Olavo de Carvalho. Se utilizando de anúncios na internet e propagação por meio de redes sociais a narrativa construída para além da revisão de temas historicamente consolidados como a Ditadura Militar, há a necessidade de atacar um inimigo que é por vezes disforme “o comunismo”, a “esquerda”, “os professores de História”. Se utilizando de uma suposta isenção e neutralidade frente ao adversário que seria ideológico e subversivo, a Brasil Paralelo constrói uma retórica do ódio que se baseia em anular o outro para dar sustentação a seu próprio discurso. (BONSANTO, 2021)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impasses sobre os usos políticos da História não são atuais, diversas vezes organizações e políticos tentaram construir um discurso histórico que legitimasse suas posturas ou unisse determinados grupos sobre ideias próximas. A novidade neste momento trata-se da velocidade de disseminação e o alcance que materiais de cunho revisionistas e negacionistas se disseminam pela internet.

Se faz necessário aos professores de História, pesquisadores e intelectuais que reflitam e combatam falsas narrativas que propagam principalmente a retórica do ódio e da eliminação ao outro, a qual posiciona educadores como um inimigo a ser combatido. A barulhenta empresa Brasil Paralelo não deve ser entendida como algo passageira ou algo limitado a internet, desde sua criação a produtora tem aumentado seus ganhos na casa dos milhões de reais e atraído cada vez mais pessoas, não apenas aquelas que já concluíram a fase escolar mas alunos que podem ver o professor como um adversário que estaria em sala para enganá-lo.

REFERÊNCIAS

ABREU, K. C. K. História e usos da Internet. *Bocc*. Biblioteca online de ciências da comunicação. 2009. Disponível em: https://bdm.ufmt.br/bitstream/1/1088/1/TCCP_2018_Reniane%20Silva%20de%20Souza.pdf Acesso 15 Set. 2022



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

BONSANTO, A. Narrativas “historiográfico midiáticas” na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das fake news. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n.1, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5631/5269> Acesso 16 set. 2022

CODATO, A. BOLOGNESI, B. ROEDER, K. M. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, S. KAYSEL, A. CODAS. G. (org). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. 304 p. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Direita%20volver%20Final.pdf#page=116> Acesso 18 set. 2022

LAVILLE, C. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, nº 38, p. 125-138. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/jKD6TyyYNJXW7JMPnyxgBps/?format=pdf&lang=pt> Acesso 16 Set. 2022

MAÍRA, C. *O PT está na lista?* Confira quem mais gasta com anúncios políticos. Blog de Jamildo. Portal Uol. 2022. Disponível: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/jamildo/2022/07/15048750-o-pt-esta-na-lista-confira-quem-mais-gasta-com-anuncios-politicos.html> Acesso 19 set. 2022.

PAULO, D. M. D. Os mitos da Brasil Paralelo – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020) . *REBELA*, v.10, n.1. jan./abr. 2020. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/4180> Acesso 19 set. 2022

PICOLI, B. A. CHITOLINA, V. GUIMARÃES, R. Revisionismo Histórico e Educação para a Barbárie: A Verdade da “Brasil Paralelo”. *Revista UFG*. 2020, v.20. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/64896/35650>

SANTIAGO GONÇALVES, A/. C. *A nova direita brasileira e sua atuação nos meios de comunicação e na web*. 36 p. Trabalho de Conclusão de curso de Graduação em Ciência Política e Sociologia – Universidade Federal da Integração Latino-americana, Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/4137/TCC%20ANA%20CARO%20L.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso 14 set. 2022

SILVA, F. A. MANKE, L. S. “Vozes do Bolsonarismo”: reflexões históricas a partir de comentários de internautas pró-intervenção militar. *Revista Transversos*. Rio de Janeiro, n. 23, dez. 2021. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/57944/40551> Acesso 16 Set.2022

SILVA, M. G. da . Reflexões Sobre O “Marxismo Cultural”. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 1, n. 3, p. 77–82, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3900667. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/165>. Acesso em 19 set. 2022.

SOUZA, R. S. *Mídia e educação: análise das imagens de cartilhas na era Vargas*. 2018. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sociedade, Política e



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Cidadania: olhares transdisciplinares) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis, 2018. Disponível em: <https://bdm.ufmt.br/handle/1/1088> Acesso 15 Set. 2022.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

AS MATÉRIAS DE CAPA DA REVISTA *MANCHETE* SOBRE FAMOSOS SOROPOSITIVOS NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

GOMES, Frederico Renan Hilgenberg¹; VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil²

¹Bolsista (CAPES), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, E-mail: frhg.fred@gmail.com; ² Departamento de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

O presente texto busca apresentar e dialogar questões sobre como a mídia, mais especificamente a revista *Manchete*, buscou apresentar a epidemia de HIV/Aids para a sociedade nas décadas de 1980 e 1990. Para tanto, foram selecionadas as matérias de capa do semanário que contaram com a presença de pessoas famosas e que tiveram suas vidas atravessadas pelo HIV. Ao todo foram levantadas 7 capas que trouxeram a trajetória soropositiva de Rock Hudson, Cazuzza, Lauro Corona, Sandra Bréa e Renato Russo, bem como as matérias sobre o jogador de basquete estadunidense Magic Johnson. Mais do que apresentar conclusões, o objetivo desse texto é apresentar essa fonte, e algumas considerações teóricas, para o debate do evento e conseguir vislumbrar novos caminhos de análise. A escolha de analisar esses casos dentro da *Manchete* se deve ao fato que por serem famosos vão conseguir ter mais voz dentro dos veículos de imprensa do que pessoas comuns (FAUSTO NETO, 1991). Sendo assim, é possível verificar através dos seus relatos como pessoas soropositivas à época pontuaram o debate sobre a epidemia de Aids.

1. As capas da revista *Manchete*

A revista *Manchete* foi um dos principais semanários de circulação nacional da segunda metade do século XX, durante a década de 1970, por exemplo, a revista produziu mais de 11 milhões tiragens por ano, e com uma vendagem girando em torno da casa dos 10 milhões de exemplares. Fundada em abril de 1952 por Adolpho Bloch, a *Manchete* foi editada até o ano 2000, quando a Bloch Editores, editora que publicava a revista, abriu falência. “Nesses quarenta e oito anos, *Manchete* foi o termômetro que aferiu a febre de mudanças.” (GONÇALVES e MUGGIATI, 2008, p. 51). Os assuntos abordados no impresso eram os mais diversos possíveis, desde relatando a construção de Brasília, e tensões políticas, até a vida de famosos (PÁDUA, 2011; NASCIMENTO Greyce, 2020).

Marília Campos (2008), que trabalhou na revista *Carinho*, uma das publicações editadas pela Bloch Editores, escreveu que um dos maiores legados da editora ao jornalismo brasileiro do século XX foi de abordar a vida de famosos e socialites em suas páginas. Havia revistas específicas para esse nicho na editora, como as publicações *Amiga* e a *Fatos&Fotos*, bem como a própria *Carinho*, mas esse segmento também respingou nas principais publicações da editora, como a *Manchete*.

Um bom exemplo dessa abordagem sobre famosos na revista é percebendo as capas de suas edições. Além de temas políticos, inovações científicas ou sobre tensões



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

internacionais, em sua maioria, as capas do semanário eram sobre famosos e artistas. “Manchete consagrou seus campeões de capa, com amplo predomínio das mulheres bonitas e famosas ou dos homens que protagonizaram conquistas memoráveis.” (GONÇALVES e MUGGIATI, 2008, p. 34). Dentre as mulheres destacamos Xuxa como a campeã de capas, totalizando 37 vezes, Luiza Brunnet (35) em seguida e a princesa Diana (32) fechando o pódio. Já entre os homens o destaque foi para Roberto Carlos (31), seguido de Pelé (23) e finalizando com o ex-presidente Juscelino Kubitschek (22).

Outro ponto interessante sobre as capas das publicações da Bloch Editores é apontado por Daisy Prétola (2008, p. 160), que também atuou na editora, e se refere a representatividade, ou melhor dizendo, a falta dela dentro das publicações da Bloch: “Na época, apenas os negros famosos, como Muhammad Ali e Pelé, tinham espaço nas capas das revistas.” Campos (2008), complementa que em relação as capas com mulheres, a questão étnica também era avaliada:

As asiáticas venderam pouco. As negras, menos do que as mulatas. As morenas definitivamente vendiam bem, tanto quanto as tradicionais louras. Aos poucos, o mercado se debruçava e começava a identificar quem era a adolescente brasileira da classe C, estabelecendo sua identidade e, conseqüentemente, seus hábitos de consumo. (CAMPOS, 2008, p. 223).

O interesse em torno da capa de uma publicação como uma revista reside justamente em entender que essa parte do impresso vai ser a que primeiro o leitor vai interagir na banca de jornal e decidir se irá levar, ou não, aquele material para casa. Na *Manchete* a questão da capa tinha uma dupla tensão: a primeira se devia ao fato da publicação ser baseada no fotojornalismo, isto é, as imagens da revista eram o seu principal chamariz e a revista, por sua vez, era reconhecida pela qualidade das imagens que produzia (NASCIMENTO Greyce, 2020). Muitas vezes o que definia o sucesso de uma edição era justamente a matéria, imagem, que estampava a sua capa, por isso a escolha tinha que ser minuciosa.

Exemplo disso é a edição 123 de 28 de agosto de 1954, que a capa planejada para essa tiragem não era a mesma que os leitores acabaram encontrando nas bancas de jornais, pois em decorrência dos acontecimentos relacionados ao suicídio do presidente à época, Getúlio Vargas, Adolpho Bloch afirmou o seguinte: “A capa já estava impressa, era com o brigadeiro Eduardo Gomes, adversário do presidente. Eu tive de imprimir nova capa com o presidente Vargas. À tarde, a edição foi para as ruas, e à noite já estava esgotada.” (GONÇALVES e MUGGIATI, 2008, p. 29-30). E Adolpho ainda pontuava que foi com esse incidente que ele passou realmente a entender o que era o jornalismo e como ele funcionava. Mas essa situação nos revela o quão importante são as capas, já que elas nos contam tanto sobre quem a produz e quem a lê.

O segundo ponto de tensão foi brevemente apontado, mas diz respeito mais especificamente ao que seria veiculado na capa da publicação. José Gonçalves e Roberto Muggiati (2008, p. 32), ambos ex-funcionários da Bloch Editores, revelam que a escolha da capa da próxima *Manchete* na redação se assemelhava a “história do pênalti no futebol”, isto é, se a vendagem da revista fosse boa seria extremamente comemorada, senão, decisões severas eram tomadas. Outro ponto de tensão para a escolha da capa era



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

o jogo de forças que era realizado entre Adolpho Bloch e Justino Martins, editor da revista por longos anos. “No caso de Adolpho e Justino, os dois sempre mantiveram um corpo a corpo duríssimo. A seleção das matérias era discutida palmo a palmo e a escolha da capa uma verdadeira briga de foice no escuro.” (MUGGIATI, 2008, p. 83). Porém, quase sempre era palavra final de Bloch que valia (NASCIMENTO Greyce, 2020).

Na verdade, na escolha da capa da *Manchete* – mesmo quando Adolpho não participava da sessão de sagração da foto que carregava a responsabilidade de motivar ou não o leitor de banca a desembolsar seu dinheirinho –, o ritual sempre obedeceu a normas não escritas quase imutáveis ao longo de mais de quatro décadas. *Gente importante, famosos nacionais e internacionais de todas as áreas e de todas as épocas, grandes acontecimentos, temas de comportamento, tragédias ou inovações da ciência*²⁰. (GONÇALVES e MUGGIATI, 2008, p. 33).

Tendo em vista o interesse da *Manchete* sobre os temas acima apontados, não é curioso que a epidemia de HIV/Aids fosse capa da revista algumas vezes, já que cumpria quase todos os requisitos. Desde a confirmação dos primeiros casos nos Estados Unidos da América (EUA) em 1982 (NASCIMENTO Dilene, 2005) até o findar da *Manchete*, a epidemia de aids foi tema recorrente no semanário.

De acordo com o levantamento desta pesquisa, entre os anos de 1982 até 2000 a revista *Manchete* publicou em suas páginas cerca de 642 textos jornalísticos que de alguma forma versaram sobre a epidemia de HIV/Aids. Já as temática relacionadas a epidemia dentro da revista, três tiveram destaque: Ciência, Medicina e Saúde com 201 ocorrências; Arte e Famosos com 121; e, Sexo e Sexualidade com 102. O que leva a pergunta, o que toda essa discussão sobre capas e famosos tem ligação com a epidemia na *Manchete*?

O presente texto se baseia na pesquisa que estamos desenvolvendo dentro do mestrado do Programa de Pós-Graduação em História (UEPG) e a divisão de cada análise que vai ser feita na dissertação já foi pré-definida. No primeiro capítulo²¹ buscou abordar como a revista se apropriou do discurso médico/científico para apresentar a Aids para o grande público. Já no segundo capítulo estamos construindo uma forma de analisar as capas da *Manchete* que abordavam famosos soropositivos, dessa forma ligando a discussão sobre a cobertura que o semanário dava a vida de famosos e a epidemia.

Devido a emergência dessa nova enfermidade que vinha se disseminando rapidamente entre as pessoas, a Aids era um tema que chamava atenção nos meios de comunicação. Em termos comparativos, na década de 1980 a *Manchete* começou a perder mercado como principal revista semanal do país para *Veja* do Grupo Abril, contudo o seu nível de vendas continuava alto. A primeira capa do semanário da Bloch que abordou a epidemia, a edição 1.734 de 13 de julho de 1985, que tinha como título, *Ninguém está livre do AIDS*, vendeu cerca 95% das tiragens produzidas (GONÇALVES e MUGGIATI,

²⁰ Grifos nossos.

²¹ A ideia inicial de discussão do primeiro capítulo se dá da seguinte forma: as matérias de capa da *Manchete* que versavam mais sobre o desenvolvimento geral da epidemia de aids, análise do encarte específico para Saúde e vinculado à revista *Manchete* a partir de 1993 e as campanhas governamentais presentes na Revista.



2º COLÓQUIO PPGH - UEPG EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES: 10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

2008). Sendo assim, mesmo com a editora estando em crise e a prevalência de outro semanário no topo de vendas do país, a Manchete ainda se mantinha interessante e tinha aderência com os leitores brasileiros. Bem como a Aids era uma preocupação na sociedade brasileira.

2. As capas sobre famosos soropositivos

Durante os dezoito anos correspondentes ao recorte temporal da presente pesquisa, a Aids figurou 18 vezes nas capas da revista Manchete, pensando em citações chega a quase uma centena. As capas da Manchete sobre a epidemia podem ser divididas em dois grupos: o primeiro se referindo ao avanço da enfermidade e o segundo referente a famosos que tiveram um diagnóstico positivo para o HIV. Entre os famosos destaca-se: Rock Hudson, Lauro Corona, Cazuza, Sandra Bréa e Renato Russo, como pode ser visualizado na Imagem 1:

Imagem 1 – Edições da revista *Manchete* com matérias de capa com famosos que contraíram HIV



Fonte: MANCHETE, edições: 1.738, 1.748, 1.945, 1.996, 2.160 e 2.324 em sequência.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Essas edições foram acessadas através do acervo da *Manchete* disponibilizado pela Hemeroteca Digital Brasileira²² (HDB), que é o acervo mais completo da revista que pode ser acessado tanto digitalmente, bem como no geral, pois ao tentar localizar outras instituições de guarda que poderiam ter algum material físico da Revista não conseguimos localizar edições referentes ao recorte temporal da referida pesquisa, décadas de 1980 e 1990. Contudo, ao lermos uma série de três cartas dos leitores sob o título, *O drama de Cazuzza*, na edição 1.935 de 20 de maio 1989 nos deparamos com a referência a uma matéria de capa sobre Cazuzza, onde esta respondia a uma matéria, também de capa, da revista *Veja* sobre o cantor. No entanto, essa era uma das edições que não estão digitalizadas na HDB. Os leitores escreveram o seguinte:

A AIDS é um problema que interessa a toda humanidade. Os portadores do vírus devem ser tratado com respeito. Parabenizo a MANCHETE pela dignidade com que deu voz e vez ao nosso querido Cazuzza. A sua luta tenaz pela vida é um exemplo para todos. (Aurélio M. Vieira, Salvador, BA, ed. 1.935, 1989).

O poeta Cazuzza nos dá uma injeção de esperança a cada vez que aparece nos jornais, nas revistas e na televisão. MANCHETE, em seu número 1.934, ao mostrar o Cazuzza em família, recebendo o extraordinário apoio dos seus pais, prestou um serviço a centenas de famílias brasileiras que vivem o mesmo drama. Fora da solidariedade, não há salvação. (Maria Lúcia Pingittore, São Paulo, SP, ed. 1.935, 1989).

Só tenho duas palavras para me referir à edição passada de MANCHETE e para agradecer o momento de reflexão que você me proporcionaram: Cazuzza me comoveu. (Sônia L. Renner, Nova Friburgo, RJ, ed. 1.935, 1989).

Existe toda uma discussão sobre a credibilidade das cartas dos leitores, já que essas passam pela triagem e edição do veículo de imprensa, podendo ser adulteradas, ou até mesmo inventadas pelos editores (JESUS, 2009; NUNES, 2017). No geral, para uma carta ser escolhida para integrar a seção de cartas dos leitores deve, de alguma forma, manter a linha editorial que a revista, ou jornal, possui (GUARALDO, 2013). Porém, assumindo que essas cartas são verdadeiras, elas revelam o quanto essa matéria impactou os leitores, alguns chegando a escrever para a revista, bem como o nível acalorado da discussão, já que duas das principais revistas semanais do país estavam envolvidas nesse imbróglio.

Também foi com a carta de Maria Pingittore que conseguimos identificar qual era a edição em específico que foi veiculada a matéria-resposta à *Veja*, a edição 1.934 de 13 de maio de 1989. Dessa forma, pesquisando em sebos e sites de vendas da internet, conseguimos encontrar a referida edição e integrar esse material, tanto nesse trabalho como na dissertação. A edição da *Veja* que a *Manchete* produz a resposta pode ser visualizada na Imagem 2:

Imagem 2 – Capas das revistas *Veja* e *Manchete* sobre a soropositividade de Cazuzza

²² O acervo digital da revista *Manchete* disponível na Hemeroteca Digital pode ser acessado através desse link: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=1>.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: VEJA, edição 1.077, 26 abr. 1989 e MANCHETE, edição 1.934, 13 mai. 1989

A publicação da capa da *Veja* em questão foi um choque para a sociedade como um todo, bem como para o cantor e sua família. A matéria da revista do Grupo Abril exemplifica como a imprensa impactou no tecido social e como a própria imagem de Cazuza na capa, magérrimo, atrelada ao sub-título “uma vítima da Aids agoniza²³ em praça pública” ajudou a criar a imagem da pessoa com Aids, sobretudo na década de 1980. Não é raro que quando se fale sobre a epidemia uma das primeiras imagens que vem à mente das pessoas seja essa capa da *Veja*, tendo vivido na época de circulação dessa edição ou não. Como pontuou Lissandra Ramos (2016, p. 2), a capa da *Veja* é um claro exemplo da relação entre “mídia-sociedade versus doença-sociedade”.

O material analisado neste segundo capítulo será justamente essas sete capas da *Manchete*, bem como outras matérias que abordaram esses mesmos cinco personagens e as suas trajetórias soropositivas. Um outro “famoso” que pretendemos trazer para a análise é o jogador de basquete estadunidense Magic Johnson que teve inúmeras matérias sobre a sua soropositividade.

3. Os olímpicos

Um dos conceitos a ser abordado é o de “olímpicos” descrito por Antônio Fausto Neto, especialista em comunicação, nessas duas obras, *Mortes em Derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa* (1991) e *Comunicação & Mídia Imprensa. Estudo sobre a AIDS* (1999), o autor busca compreender o papel da mídia e como ela constrói discursivamente a epidemia de aids. Por “olímpicos”, Fausto Neto em suas duas obras, entende que essas “super pessoas” criadas pela mídia, isto é, os famosos.

²³ Grifos nossos.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Pessoas que têm suas vidas atravessadas pelo espaço público, uma vez que qualquer passo que dessem iria parar em páginas de fofocas e revistas, como a *Manchete*.

Para Fausto Neto (1991), o discurso dos meios de comunicação de massa seguem hierarquias como a sociedade, sendo assim, o caso de descoberta da soropositividade por esses “olimpianos”, bem como o caso da morte de alguns deles, vai ser amplamente discutido, e ter mais notabilidade na esfera midiática e geram mais comoção do que de pessoas anônimas. Percebendo a importância que a imprensa dá aos “olimpianos” é que se busca analisar a trajetória soropositiva de alguns deles dentro da *Manchete*.

A primeira capa da revista *Manchete* sobre uma pessoa famosa é do primeiro caso registrado na imprensa de um ator hollywoodiano que foi infectado por HIV, Rock Hudson (1925-1985). Rock foi um dos galãs de Hollywood nas décadas de 1950 e 1960, sendo muitas vezes considerado o símbolo do homem norte-americano. Contudo, próximo do seu aniversário de 60 anos é diagnosticado com Aids e passa a figurar nas manchetes de jornais, não mais por seu trabalho, mas sim pela sua sorologia. Além das duas matérias de capa em 1985, a *Manchete* abordou a questão da soropositividade de Hudson outras três vezes, nas edições: 1.755 de 07 de dezembro de 1985, 1.760 de 11 de janeiro e 1.791 de 16 de agosto de 1986.

O segundo “olimpiano” nas capas da *Manchete* foi o cantor Cazuza (1958-1990). Um dos principais músicos e compositores da década de 1980, Agenor de Miranda Araújo Neto, chamava atenção pelo seu talento e “exageros”. Houve muita discussão sobre a sexualidade e a sua condição sorológica do cantor antes que esse viesse a público afirmar que era portador do HIV, assim como Rock Hudson, Cazuza teve outras três matérias na revista envolvendo a epidemia de aids: 1.844 de 22 de agosto de 1987, 2.183 de 05 de fevereiro de 1994 e 2.503 de 08 de abril de 2000.

Já o ator Lauro Corona (1957-1989) contou com apenas uma capa da revista sobre a sua morte. Contudo, tendo em vista que mesmo o acervo da HDB sendo o mais completo, algumas edições não foram digitalizadas. Sendo assim, pode haver outras edições da *Manchete* sobre o caso de Corona, já que ele foi um dos primeiros atores a falecer e que teve a sua soropositividade acompanhada por inúmeros veículos de imprensa, como aponta Fausto Neto (1991).

Um caso importante de ser analisado é do jogador de basquete Magic Johnson. Este teve sua sorologia revelada em 1991 e o que gerou um grande alvoroço foi em relação a Magic ser praticante de um dos principais esportes dos EUA, bem como afirmava que tinha contraído o vírus mesmo sendo heterossexual. Por mais que em 1991 a noção de grupos de riscos já estava superada cientificamente, grande parte da sociedade associava a Aids a homossexuais, usuários de drogas injetáveis e trabalhadores do sexo. Sendo assim, foi com grande espanto que a soropositividade de Johnson foi recebida pela sociedade. Por mais que a *Manchete* não tenha feito uma capa específica para o seu caso, Magic Johnson foi matéria sete²⁴ vezes na revista e a discussão sobre ele levou a confecção da capa sobre *Mulher e AIDS*²⁵, devido ao jogador ter contraído o vírus por ato sexual heterossexual. Johnson é o único dos famosos aqui citados que ainda está vivo.

²⁴ As matérias sobre Magic Johnson foram veiculadas nas edições: 2.067 de 1991; 2.073, 2.081, 2.106, 2.121 de 1992; 2.196 de 1994 e 2.483 de 1999.

²⁵ A matéria de capa em questão se refere a edição 2.068 de 30 de novembro de 1991.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Em 1993 tem a confirmação da soropositividade da atriz Sandra Bréa (1952-2000), a primeira e única mulher com HIV que esteve na capa da *Manchete* falando sobre sua sorologia. Além da capa, ela vai contar com outras duas matérias com a aids como tema, 2.160 de 28 de agosto de 1993 e 2.508 de 13 de maio de 2000. Aqui tem um ponto importante de ser analisado, pois tanto a capa com Sandra, como a de Cazuzza em resposta *Veja*, foram mediadas pelo próprio Adolpho Bloch, onde este buscava, segundo José Esmeraldo Gonçalves (2008), nessas duas situações: saldo jornalístico para sua revista, bem como dar espaço para que esses dois artistas pudessem falar sobre os seus pontos de vista.

O último “olimpiano” a ser capa da revista e ser soropositivo foi o cantor Renato Russo (1960-1996). Assim como Cazuzza, foi considerado como um dos principais músicos dos anos 1980, bem como da década de 1990, com a sua banda Legião Urbana. Ao total, foram abordadas quatro vezes a relação entre Renato e a epidemia de Aids. além da edição onde ilustra a capa o cantor vai aparecer nas edições 2.206 de 16 de julho de 1994, 2.376 de 18 de outubro de 1997 e na edição 2.482 de 06 de novembro de 1999.

A enfermeira e pesquisadora Maria Rita de Almeida (2004, p. 6), cita que um produto da epidemia de Aids foi de reorganizar a relação de poder entre médico e paciente, “As pessoas acometidas pela doença articularam-se politicamente passando a dominar os seus aspectos técnicos e a enfrentar autoridades de saúde em seus próprios terrenos, rompendo o papel historicamente submisso e silencioso atribuído aos “pacientes”.” E ao trazer as matérias da *Manchete* sobre a soropositividade dessas pessoas famosas, pois elas vão ter mais direito a voz dentro dos veículos de imprensa, permite perceber como as pessoas soropositivas à época se colocavam no debate público.

Fontes Documentais:

MANCHETE, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1.738, 27 jul. 1985.

MANCHETE, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1.748, 19 out. 1985.

MANCHETE, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1.934, 13 mai. 1989.

MANCHETE, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1.945, 29 jul. 1989.

MANCHETE, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1.996, 21 jul. 1990.

MANCHETE, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2.160, 28 ago. 1993.

MANCHETE, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2.324, 19 out. 1996.

PINGITTORE, Maria Lúcia. [*Correspondência*]. Destinatário: Revista Manchete, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1.935, p. 96, 20 mai. 1989.

RENNER, Sônia L. [*Correspondência*]. Destinatário: Revista Manchete, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1.935, p. 96, 20 mai. 1989.

VEJA. São Paulo, n. 1.077, 26 abr. 1989.

VIEIRA, Aurélio M. [*Correspondência*]. Destinatário: Revista Manchete, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1.935, p. 96, 20 mai. 1989.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Referências

- CAMPOS, Marília. *Carinho S.A.* In: GONÇALVES, José Esmeraldo; BARROS, J. A. *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 209-240.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Mortes em Derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.
- _____. *Comunicação e mídia impressa. Estudo sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- GONÇALVES, José Esmeraldo; MUGGIATI, Roberto. *A janela do Russel*. In: GONÇALVES, José Esmeraldo; BARROS, J. A. *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 21-53.
- GONÇALVES, José Esmeraldo. *Folhetim de Redação*. In: GONÇALVES, José Esmeraldo; BARROS, J. A. *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 101-138.
- GUARALDO, Tamara de Souza Brandão. Mediação Editorial nas cartas de leitores: uma análise do texto instrucional de revistas semanais de informação. *Revista Multiplicidade*, v. 4, n. 4, p. 55-73, 2013.
- JESUS, Josely de. *Carta do leitor: a voz de quem leu*. In: DELL'ISOLA, R. L. P., organizadora. *Nos domínios dos Gêneros Textuais*. v. 2. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 69-74, 2009.
- MUGGIATI, Roberto. *A torre de papel*. In: GONÇALVES, José Esmeraldo; BARROS, J. A. *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 77-100.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. *As pestes do século XX: tuberculose e aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- NASCIMENTO, Greyce Falcão do. *Aconteceu, virou Manchete: notícias da ditadura*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.
- NUNES, Valfrido da Silva. Cartas e Carta do Leitor: o que diz a Literatura sobre o Tema. *Revista Tabuleiro de Letras*, v. 11, n. 02, p. 158-122, dez. 2017.
- PÁDUA, Gesner Duarte. *O herói conciliador: a construção da imagem de Tancredo Neves nas revistas Veja e Manchete (1982-1985)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2011. p. 252.
- PRÉTOLA, Daisy. *Bloch, a gaiola dourada do jornalismo gráfico*. In: GONÇALVES, José Esmeraldo; BARROS, J. A. *Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 149-170.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

RAMOS, Lissandra Queiroga. *Da cara da morte para a cara viva da AIDS: a transição expressa nas campanhas do dia mundial de luta contra a AIDS (1989-2014)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 4

MEDIAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE C. G. JUNG EM CURITIBA: A ATUAÇÃO DE EMIR CALLUF COMO INTELLECTUAL MEDIADOR

GARCIA, Ana Flávia Barboza¹; WEBER, Maria Julieta²

¹Acadêmica do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. ²Orientadora e Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

O trabalho teve por objetivo compreender o conceito de intelectual mediador e apropriação a partir de Gomes e Hansen (2016) e Roger Chartier (1988) respectivamente por meio da atuação de Emir Calluf como psicólogo na cidade de Curitiba na década de 1960 e 1970. Foi possível considerar que, a visão de intelectual mediador na trajetória de Emir Calluf pode ser atestada visto seu trabalho de mediação cultural ao introduzir a discussão da psicologia analítica nos mais variados meios, seja para um público mais especializado como em seu livro **Sonhos Complexos e Personalidade – Psicologia Analítica de C. G. Jung** de 1969, seja para o público em geral por meio de seus artigos no jornal **Diário do Paraná**. Salienta-se ainda o caráter de apropriação da obra de Jung, ao passo que ao ler e interpretar as obras junguianas, Emir Calluf foi também o produtor de um novo bem cultural, fruto de suas próprias experiências e visão de mundo.

1. Introdução.

O presente artigo, faz parte de uma dissertação em produção e tem por objetivo compreender o estabelecimento de uma prática psi²⁶ na cidade de Curitiba ao final da década de 1960, utilizando-se como reflexão a atuação do padre e psicólogo Emir Milton Calluf. Um dos fundadores do primeiro curso de formação de psicólogos na cidade pela Universidade Católica do Paraná em 1968, assim como também mediador de novas perspectivas acerca da psicologia em seu meio, argumentou sobre a psicologia junguiana em seu livro **Sonhos, Complexos e Personalidade – Psicologia Analítica de C. G. Jung** de 1969, quando ainda não haviam muitas traduções das obras de Jung no Brasil. Além disso buscou-se compreender os meios de apropriação do pensamento junguiano pelo padre curitibano em seus círculos por meio de seu discurso.

Para tanto, utilizou-se a perspectiva de intelectual mediador, na qual ressignifica e gera novos entendimentos acerca do conceito tradicional de intelectual, que vem sendo amplamente discutido e difundido em círculos acadêmicos de estudos intelectuais por diversos autores²⁷, especialmente pelas autoras Ângela de Castro Gomes e Patrícia

²⁶ Por práticas psi compreendem-se a prática da psicologia e psiquiatria entre suas diversas ramificações.

²⁷ Outros autores onde é possível encontrar o conceito de mediação cultural – essencial ao estudo de intelectuais mediadores – são Sirinelli (2003) e Velho & Kuschmir (2001), entre outros.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Hansen com o lançamento de seu livro **Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política**, publicado em 2016. Assim como o conceito de apropriação presente nos estudos do historiador francês Roger Chartier (1988; 1998), com a intenção de melhor compreender a recepção, interpretação e divulgação dos estudos junguianos por Emir Calluf, excepcionalmente no que se diz respeito ao contexto em que viveu.

A contribuição da obra de Gomes e Hansen (2016) é justamente a reflexão e ampliação do conceito de intelectual. As autoras abordam, logo no início do texto sobre a necessidade imposta até mesmo pela nova história cultural em pensar estes indivíduos, não mais como gênios criadores, os famosos homens de letras, impenetráveis em suas práticas de sapiência, geralmente ligados a grandes cargos políticos e influentes. Mas agora também como homens e mulheres comuns, produtores de bens culturais, e muitas vezes intermediadores entre os primeiros e o público. Assim, longe de ser uma categoria de menor relevância, o intelectual mediador (ou mediador cultural) é o indivíduo que se caracteriza por estar no entremeio do processo de criação e recepção, muitas vezes conhecido como vulgarizador e será o responsável por transmitir as obras ao grande público, seja por forma de traduções, seja por críticas literárias, seja por diversas outras formas de apropriação de um bem cultural.

Consideramos, então, que os intelectuais mediadores podem ser tanto aqueles que se dirigem a um público de pares, mais ou menos iniciado, como a um público não especializado, composto por amplas parcelas da sociedade. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 21).

Ao se falar em apropriação, pontua-se que não apenas o intelectual é ressignificado neste processo, mas também seu público. Compreende-se que o público, longe de ser passivo, não são indivíduos inertes à espera do bem cultural, mas, “[...] um sujeito que, simultaneamente, pode aderir e subverter os sentidos de uma mensagem, por estratégias de seleção e usos, dialogando, na maioria das vezes sem saber, com as intenções dos ‘criadores’” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 16). Visto que “Um texto só existe se houver um leitor para lhe dar significado” (CHARTIER, 1998, p. 11).

Desta forma, assim como o intelectual mediador é um leitor, ele se torna também um produtor de um novo bem cultural, ou seja, o produto de sua mediação é já, um novo produto, resultado de sua apropriação do bem que ele se dispôs a mediar. Assim, “o intelectual que atua como mediador cultural produz, ele mesmo novos significados, ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, que são reconhecidos como preexistentes.” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 18). O conceito de apropriação nos remete a pensar os processos de produção e recepção de forma mais complexa, considerando nesse processo muito mais do que apenas dois atores (autor e público) mas de forma mais significativa a todos que estiveram envolvidos no processo, como autores, editores, ilustradores, tradutores, críticos e leitores. Mesmo uma obra sendo produzida buscando uma ordem de “decodificação” por seu criador, são inúmeras as leituras e interpretações que se poderá fazer dela, daí a criação de diversos outros bens culturais frutos de um original, daí também a importância deste intelectual mediador. (CHARTIER, 1988)

Assim, considerou-se a atuação de Emir Calluf como a de um intelectual mediador ao trazer o debate da Psicologia Analítica em Curitiba, quando haviam ainda poucas



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

discussões especializadas sobre o assunto na cidade e eram escassas as traduções da obra junguiana em território nacional – a obra completa de Jung só foi traduzida a partir de 1972 pela Editora Vozes. Além disso, o debate sobre apropriação é de grande relevância, visto que ao mediar a discussão sobre Jung ao seu público, neste caso estudantes e adeptos da psicologia, Emir Calluf se apropriava do debate junguiano e o interpretava a sua maneira, deixando uma marca em sua obra, como um novo produto cultural.

2. O Psicólogo Emir Calluf: um junguiano em Curitiba

Emir Milton Calluf nasceu na cidade de Curitiba em 12 de fevereiro de 1929. Filho de Miguel Calluf e Methilde Sade Calluf, foi o segundo filho de uma abastada família síria. Adentrou jovem na vida religiosa, fazendo parte da ordem dos jesuítas, o que o levou também à sua formação como psicólogo. Ficou conhecido por sua personalidade polêmica, defensor da moral e dos bons costumes, escreveu diversos livros de cunho normativo especialmente voltado para os jovens, e foi apresentador do programa **Um lugar ao sol**, que ia ao ar pela TV Paraná nas décadas de 1960 e 1970, além de manter uma coluna no jornal **Diário do Paraná** durante o mesmo período. Foi também professor na Universidade Católica do Paraná e um dos fundadores do primeiro curso de formação de psicólogos em Curitiba, em 1968.

Como professor e psicólogo, seu discurso constantemente entrecruzava-se entre profissão da fé e discussões de teores científicos, legitimando-o, portanto, não apenas como emissário da Igreja, mas também como representante da ciência. Exerceu o sacerdócio de 1959 até 1977, ano em que esteve afastado da Igreja Católica por quebrar o voto de celibato e se casar com uma artista plástica curitibana. Através de sua atuação, agiu como um intermediário entre seu público e o imaginário conservador da época.

Emir Calluf teve seu primeiro contato com a psicologia ainda no seminário de São Leopoldo. Em meados da década de 60, formou-se nos cursos de Psicologia e Sociologia pela Universidade de *Harvard* em Boston, e teve passagem pela *George Washington University*²⁸. Como era capelão da Faculdade de Direito Católica e da Faculdade Católica de Filosofia²⁹, ambas pertencentes à Universidade Católica do Paraná³⁰, sua formação abriu caminho para também lecionar em tal instituição. Era nesta época, também, que a profissão de psicólogo começava a se institucionalizar no país.

²⁸ Não foi encontrado registro exato da data de sua formação, entretanto os jornais já noticiavam no início da década de 60 os cursos de psicologia que Pe. Emir realizava, além de conter menções de sua passagem por Harvard e George Washington University. (PSICANÁLISE e Anestesia no HC: Cursos do DANC. *Diário do Paraná*, Curitiba, 27 abr. 1963, p. 6; A EXTENSA paróquia de um sacerdote moderno. *Diário do Paraná*, Curitiba, 29 ago. 1965, p. 19).

²⁹ Para uma melhor compreensão acerca da constituição do ensino superior paranaense e os movimentos intelectuais acerca deste, sugere-se a tese de doutorado de Névio de Campos (2006) “Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892 – 1950”.

³⁰ Vale ressaltar que a Universidade Católica do Paraná foi fundada em 14 de março de 1959 pelo Arcebispo de Curitiba, Dom Manuel da Silveira D’Elboux, resultando da união de várias instituições: Círculo de Estudos Bandeirantes, Escola de Serviço Social do Paraná, Escola de Filosofia, Ciências e Letras de Curitiba, Escola de Enfermagem Madre Léonie, Faculdade Católica de Direito do Paraná, Faculdade de Ciências Médicas e a Faculdade de Ciências Econômicas.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Em 27 de agosto de 1962, pela Lei nº 4119, foi regulamentada a profissão de psicólogo, assim como a criação de um currículo mínimo para a formação destes profissionais. Segundo Trevizan (1991, p. 16)

Nesta época, fruto do desenvolvimento da ciência em nível mundial, havia alguns núcleos estudiosos, oriundos principalmente da Filosofia, Pedagogia e Medicina que já se dedicavam à Psicologia. Mesmo com formações tão diversificadas, foram eles os primeiros psicólogos do Brasil. Esses profissionais, sediados principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, ligados a universidades ou institutos de estudo, pesquisa e aplicação, buscaram com afinco e dedicação, tirar a Psicologia da obscuridade, desenvolvê-la enquanto ciência, ampliando seus núcleos de estudo. Foram eles, inclusive, os fundadores dos primeiros cursos de Psicologia no país.

A história da psicologia em Curitiba, entretanto, é um pouco mais remota. Segundo Trevizan (1991, p. 17), a primeira clínica de psicologia do Estado data de 1956, denominado por Serviço de Orientação Psicopedagógica, na cidade de Curitiba. Mais tarde, em 1962, surge o primeiro centro de psicologia para atendimento a crianças com dificuldade de aprendizagem, o chamado Instituto Decroly, por meio da psicóloga Pórcia Guimarães que era também professora do Departamento de Educação da Universidade Federal do Paraná. Em 1964, criou-se o Laboratório Psicotécnico Bom Jesus, mantido pela Associação Franciscana de Ensino Bom Jesus, o qual tinha o objetivo de “dar atendimento a empresas e escolas, além de desenvolver pesquisa em testes psicométricos” (TREVIZAN, 1991, p. 17). Existia ainda, a clínica de Emir Calluf, **Um lugar ao Sol**, nome em alusão a seu programa de TV, que ficava localizada na Av. Jaime Reis em Curitiba, datada também desta época.

Segundo Trevizan (1991, p. 17), durante muitos anos, mesmo após a regulamentação da profissão, os registros de atuação de psicólogos eram ainda escassos, visto serem poucos os profissionais na área e não existirem, propriamente, cursos específicos para formação. Cresceu rapidamente, por conseguinte, a demanda por cursos na área de psicologia por todo Brasil. No Paraná, uma das primeiras instituições a regulamentar um curso superior de psicologia foi a Universidade Católica do Paraná na qual Pe. Emir Calluf já lecionava nas faculdades de Direito e de Medicina. No dia 5 de dezembro de 1968 o Irmão Marista Luiz Albano, um dos fundadores da UCP, organiza, com o auxílio de Pe. Emir o primeiro curso de formação de psicólogos da instituição, alocando Emir Calluf como primeiro coordenador do curso. Dessa forma, Emir Calluf esteve intimamente ligado com a história do curso desde suas origens em Curitiba, assim como com a formação dos primeiros profissionais de psicologia formados no Paraná, sendo a primeira turma de 1973³¹.

Emir Calluf escreveu, durante sua vida diversos livros, a maioria ligados a vida religiosa, dedicando apenas dois aos estudos da psicologia. O primeiro, e que mais nos interessa, foi **Sonhos, Complexos e Personalidade – Psicologia analítica de C. G. Jung**

³¹ JUBILEU de Ouro do Curso de Psicologia da PUCPR (1969-2019). Disponível em: <https://www.pucpr.br/60anos/noticia/jubileu-de-ouro-do-curso-de-psicologia-da-pucpr-1969-2019/>. Acesso em: 12 out. 2021.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

de 1969, e o segundo **Psicologia da Personalidade** de 1976. Ambos foram lançados pela Editora Mestre Jou³² e apesar de terem tido apenas uma edição, foram bem recebidos, principalmente pelo público especializado. Exemplo disso seria o convite que Emir Calluf receberia em 1971 para estagiar no Instituto de Psicologia Analítica de Zurique, fundado por Jung, como pode-se ver na notícia a seguir:

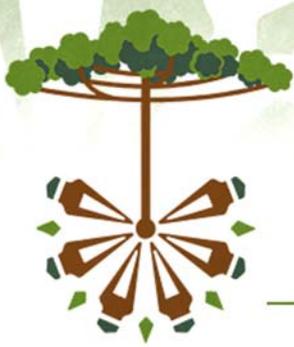
PADRE EMIR CALLUF recebeu um convite muito importante: para estagiar no Instituto de Psicologia Analítica de Zurich, que foi fundado por Jung. O sacerdote, fundador do Curso de Psicologia da Universidade Católica do Paraná – de onde é professor – considera excepcional a oportunidade, particularmente “porque vai abrir portas para uma franca cooperação entre o nosso Curso e o importante instituto”. (DIÁRIO DO PARANÁ, Curitiba, 15 ago. 1971, p. 3).

Na consulta às fontes, entretanto, não foi possível averiguar indícios de que o padre tenha feito realmente o estágio mencionado em Zurique, o que porém, não retira a relevância do convite. Além disso, um ano mais tarde, em 1972, Emir Calluf partiria para seu doutorado em Psicoterapia em Harvard, fruto de uma bolsa *Fullbright-Hays Award*³³ demonstrando suas relações de sociabilidades com a comunidade intelectual em. Foi nesta época, em seu doutorado nos Estados Unidos, que o sacerdote escreveu o livro **Psicologia da Personalidade**, no qual demonstra de forma mais clara os rumos tomados por ele na psicologia, como pode-se constatar na sua introdução:

A maioria dos livros citados é em inglês, porque a obra foi escrita durante nossa estadia na Universidade de Harvard, Cambridge, Ma., USA. E também, mormente porque é nos Estados Unidos que a Psicologia se vem desenvolvendo mais rápida e profundamente. Tanto do texto quanto da bibliografia sobressairá que, embora tenhamos chegado a conclusões próprias e independentes, pendemos – em oposição a uma psicologia behaviorística, carente de qualquer noção aceitável de personalidade e a uma psicologia

³² Felipe Mestre Jou foi um imigrante chileno que em 1952 abriu uma livraria na Praça Antônio Prado em São Paulo, ficando conhecido por importar livros da Espanha, Inglaterra e França, além de traduzir e editar diversas obras, movimentando o mercado editorial universitário da época. Faleceu em 1980 e em 1983 sua livraria foi fechada. (GARCIA, Glaucia. Uma breve história das livrarias paulistanas. 2010. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/uma-breve-historia-das-livrarias-paulistanas/>. Acesso em: 03 fev. 2022.)

³³ 10 Segundo o Site Oficial da Fullbright Brasil “O Programa de Intercâmbio Educacional e Cultural do Governo dos Estados Unidos da América foi criado em 1946, por lei do Senador J. William Fulbright, e tem como principal objetivo ampliar o entendimento entre os EUA e outros países. Durante toda a sua existência, este programa já concedeu mais de 370 mil bolsas de estudo, pesquisa e ensino a cidadãos norte-americanos e de outros 150 países. É isto que chamamos hoje de Fulbright e que chegou ao Brasil em 1957 e desde então representada e administrada por uma organização internacional vinculada aos governos do Brasil e dos EUA: a Comissão Fulbright. Suas bolsas já levaram mais de 4.900 brasileiros para estudar no Estados Unidos e trouxeram quase 3.400 norte-americanos para o Brasil. A Fulbright oferece bolsas de estudos para o intercâmbio de estudantes de pós-graduação, professores e pesquisadores que queiram fazer a diferença em suas comunidades por meio da pesquisa e do conhecimento.” (A FULBRIGHT nos EUA, no Brasil e no mundo. Disponível em: <https://fulbright.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 03 fev. 2022.)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

psicanalítica, não raro esterilizada por causa de um dogmatismo estreito – a uma Psicologia humanística. (CALLUF, 1976, p. 7, grifo do autor).

Como pode se notar, Emir Calluf pendia para o que ele chama de uma psicologia humanística, citando nomes como o psicólogo estadunidense Carl Rogers em contrapartida à psicologia behaviorista de B. F. Skinner. Além disso nota-se uma clara oposição à psicologia psicanalítica de Freud, preferindo utilizar a psicologia analítica de Jung. Este último seria o primeiro grande estudo na área da psicologia de Emir Calluf, o que demonstra que mesmo sete anos após publicar seu livro sobre a psicologia analítica do “mestre de Zurique”, continuou a utilizá-lo como referência na área. Durante sua vida, a psicologia parece ter sido um campo extremamente importante. Como foi possível perceber teve contato com diversas teorias em seu contexto vivido, mas é sua relação com Carl Gustav Jung que mais nos chamou atenção. É marcante a apropriação que Emir Calluf faz dos textos junguianos, enxergando com eles a sua própria realidade e da sociedade brasileira naquele momento.

Nesse sentido, necessário ressaltar que Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da Psicologia Analítica. Nasceu no dia 26 de julho de 1875 na pequena aldeia de Kesswill, às margens do Lago Constança, no nordeste da Suíça. Levava seu nome em homenagem a seu avô, que fora professor de Medicina da Universidade de Basileia. Filho mais velho e único sobrevivente dos filhos de um pastor suíço reformado, Paul Achilles Jung (HALL, NORDBY, 2021, p.14). Conhecido como o “príncipe herdeiro” de Sigmund Freud, teve seu primeiro contato com o fundador da psicanálise em 1907 em uma conversa que durou 13 horas ininterruptas. Estabeleceu-se então uma amizade que duraria por anos, até seu rompimento em 1913 com o lançamento do livro de Jung **Símbolos da Transformação** originalmente denominado de **Metamorfoses e Símbolos da Libido**. (HALL, NORDBY, 2021, p. 24-25). Nesta obra, Jung busca compreender a transformação da energia psíquica através dos símbolos, o que divergia das teorias freudianas no entendimento da psique. A partir da publicação do livro, ocorreu uma ruptura entre Jung e Freud.

Após a ruptura, Jung passou por um período de introversão no qual buscou se aprofundar sobre os mistérios do inconsciente, por meio da análise de seus próprios sonhos e visões. Após três anos de inatividade, Jung lança em 1921 o livro *Tipos Psicológicos*, na qual não apenas descreve uma taxonomia dos tipos psicológicos, mas também analisa suas principais divergências com Freud e Adler, outro psicanalista que também rompeu com Freud (HALL, NORDBY, 2021, p. 25). Após uma célebre carreira que marcaria a história da psicologia, além de outros campos como a literatura, a antropologia, arte, sociologia e mitologia, Jung morreu aos 85 anos, em 6 de junho de 1961, em sua casa, às margens do lago de Zurique, na Suíça (HALL, NORDBY, 2021, p. 28).

No Brasil, Segundo Motta (2005) e de acordo com diversos outros pesquisadores da área³⁴ é, em geral, de comum acordo que os primeiros movimentos de uma psicologia

³⁴ Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (1983). Um pouco da história e do espírito da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Em *Junguiana*, revista da sociedade brasileira de psicologia analítica no 1. (pp. 4-7). São Paulo; Kirsch, T. (2000) *The Junguians*. London: Routledge; Melo, W. (2001). Nise da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

analítica no país se deram por meio do estabelecimento de seções de Terapia Ocupacional na Colônia do Engenho de Dentro, que ficava localizado no antigo Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro, em 1946 pela médica psiquiátrica Dra. Nise Magalhães da Silveira.

O livro *Imagens do Inconsciente* (Silveira, 1982) apresenta o trabalho com imagens produzidas por freqüentadores do atelier de pintura do setor de terapia ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II. O capítulo inicial traz um breve relato sobre a transformação pela qual passou o atelier, que era inicialmente “apenas um setor de atividade entre vários outros setores da Terapêutica Ocupacional” (SILVEIRA, 1982 p. 13), até a fundação do Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952. O livro segue discutindo conceitualmente as imagens produzidas pelos pacientes, relatando alguns casos cujas pinturas, produzidas no atelier, são usadas para se fazer paralelos com temas míticos. Esse recurso, que Jung denominava de amplificação, é uma base importante do trabalho terapêutico proposto por Nise da Silveira, por permitir a expressão de conteúdos de camadas primitivas da psique que estariam na esfera do inconsciente coletivo, outro conceito junguiano. (MOTTA, 2005, p. 43).

No Paraná, segundo Cairo (2013) A psicologia analítica surgiu aos poucos na década de 1980, por meio de pequenos grupos que se reuniam para estudar os textos de Jung. Em 1989, a psicóloga Maria de Lourdes Baião Sanches, começou a participar de organizações junguianas, se tornando membro do Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP) reconhecido pelo IAAP (*International Association for Analytical Psychology*) em 1996 e criando, em 2001, numa parceria entre os psicólogos do IJUSP e do Paraná, a primeira turma de formação de analistas em Curitiba. Em agosto de 2004 a psicóloga Renata Wenth, que fez parte da formação São Paulo/Curitiba de 2001, ao defender sua monografia, dá início ao primeiro Instituto Junguiano do Paraná em Curitiba, o IJPR.

Sabe-se, entretanto, que mesmo na década de 1970 as ideias de Jung já circulavam em Curitiba. Exemplo disso seria a atuação de Emir Calluf, como catedrático da disciplina de Psicologia Analítica na UCP (CAIRO, 2013, p. 42) da qual inclusive, formou psicólogos junguianos, na primeira turma de 1973 como Elisabete Tassi Teixeira e Nélio Pereira da Silva (CAIRO, 2013, p. 37; 93), como também das palestras e livros publicados por ele na época, em especial **Sonhos, Complexos e Personalidade** (1969) do qual se tratará a seguir.

3. Sonhos, Complexos e Personalidade

O livro, publicado em dezembro de 1969 pela Editora Mestre Jou em São Paulo, conta com 302 páginas. A arte de capa é de Roberto Portugal Alves, ilustrador já conhecido de Emir Calluf, responsável também pelas ilustrações de seus artigos no jornal

Silveira. Rio de Janeiro: Imago; Motta. A.A. (1997). *A ponte de Madeira*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Sant’Anna. P.A. (2001). *Introduzindo a interlocução: Uma Breve Reflexão Sobre o Desenvolvimento da Psicologia Analítica no Brasil*. Em *As Imagens no Contexto Clínico de Abordagem Junguiana: Uma Interlocução entre Teoria e Prática*. (pp.123-129). Tese Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Diário do Paraná. A obra se divide em quatro partes: 1ª Introdução: Esboço Biográfico de Carl Jung; 2ª As grandes linhas da psicologia analítica: Inconsciente, Sonhos, Complexos, Tipos Psíquicos e Processos de Personalização; 3ª A Psicoterapia: A Psicoterapia, O Psicoterapeuta, As Neuroses, O Tratamento, As Psicoses; 4ª: Além da Psicologia: A Sociedade, A Arte e a Religião. Contando ainda com a Bibliografia consultada pelo autor também em alemão, francês e espanhol.

Buscou-se aqui compreender de que maneira o autor mediou o pensamento junguiano e o incorporou em seu discurso, utilizando como exemplo, um de seus artigos no **Diário do Paraná**, intitulado **Personalidade e Despersonalização** de 13 de outubro de 1968 e mais tarde reproduzido em seu livro **Moral para gente evoluída**, de 1971. Apontou-se assim, alguns extratos do que Emir Calluf escreveu na quarta e última parte de seu livro sobre Jung, “Além da Psicologia”, mais especificamente o que ele fala sobre a sociedade, onde traz alguns dos conceitos de Jung ao pensar o social e o indivíduo. Neste capítulo, em geral Emir Calluf discorre acerca da confrontação de Jung sobre a psicologia do indivíduo e a psicologia da sociedade. Buscando interpretar os problemas de sua época Emir Calluf (1969, p. 244) afirma:

Já verificamos ser a neurose uma dissociação interior, uma ruptura consigo mesmo. É o que acontece também na vida dos povos e especialmente em nossa época que é de divisão e doenças psíquicas, como o demonstram a situação político-social, a dispersão religioso-filosófica, a arte e a psicologia. Estamos em crise.

A fim de melhor explicar esta crise vivenciada pela sociedade de sua época, Emir Calluf invoca o conceito de “massificação”:

Mas aí ameaça ao homem um perigo imenso, perigo contra o qual Jung com todos os pensadores modernos e mais do que a maioria deles nos adverte: o da massificação, o da perda da individualidade que foi a maior aquisição da humanidade [...] Hoje em dia, quando a massificação avança celeremente, é necessário, pois, insistir no indivíduo. A massificação provem tanto de fora, da multidão, como de dentro, do inconsciente coletivo. E não há muita diferença entre esses dois aspectos, pois estão sempre unidos: o homem não se identificaria com a massa, caso esta não despertasse nele forças coletivas, e estas talvez não despertassem caso não as excitasse a multidão. Outrora defendiam-no contra a pressão exterior o reconhecimento dos “direitos humanos”, contra o demonismo interior a presença da Igreja. Mas atualmente os direitos são quase sempre uma palavra apenas, esmagados que estão por poderosas facções políticas que com o engodo da segurança social esbulhamos da liberdade. E para a maioria a Igreja deixou de ser uma autoridade e, portanto, uma proteção, estando nós assim entregues à “fera loira” que na sua prisão subterrânea se agita e ameaça investir desastrosamente contra nós. (CALLUF, 1969, p. 245).

A ideia de massificação é assim entendida e utilizada por Emir Calluf ao contemplar a crise da sociedade moderna; por um lado o ritmo acentuado da ciência e industrialização, transformando os indivíduos em números nas estatísticas, de outro lado o crescimento de ideologias coletivistas, o comunismo e o socialismo. Salienta-se que



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

naquele contexto o mundo vivia em plena Guerra Fria, e tais concepções foram amplamente absorvidas e discutidas pelos intelectuais brasileiros na época, como o próprio Emir Calluf. Assim, para o sacerdote curitibano, “o homem coletivo ameaça submergir o indivíduo, a pessoa humana, e com ela toda a civilização que é sua obra” (CALLUF, 1969, p. 246).

Emir Calluf retira tal impressão do livro **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo** de Jung, no qual, ao se referir à identificação do indivíduo com um grupo, assinala:

Trata-se mais exatamente da identificação de um indivíduo com um certo número de pessoas que têm uma vivência de transformação coletiva. [...] Em um grupo maior de pessoas ligadas e identificadas entre si por um estado de ânimo peculiar, cria-se uma vivência de transformação que tem apenas uma vaga semelhança com uma transformação individual. Uma vivência grupal ocorre em um nível inferior de consciência em relação à vivência individual. É um fato que quando muitas pessoas se reúnem para partilhar de uma emoção comum, emerge uma alma conjunta que fica abaixo do nível de consciência de cada um. Quando um grupo é muito grande cria-se um tipo de alma animal coletiva. Por esse motivo a moral de grandes organizações é sempre duvidosa. É inevitável que a psicologia de um amontoado de pessoas desça ao nível da plebe. Por isso, se eu tiver no grupo o que se chama uma vivência comunitária coletiva, esta ocorre em um nível de consciência relativamente inferior: por este motivo a vivência grupal é muito mais freqüente do que uma vivência de transformação individual. É também muito mais fácil alcançar a primeira, pois o encontro de muitas pessoas tem uma grande força sugestiva. O indivíduo na multidão torna-se facilmente uma vítima de sua sugestibilidade. Só é necessário que algo aconteça, por exemplo, uma proposta apoiada por todos para que cada um concorde, mesmo que se trate de algo imoral. Na massa não se sente nenhuma responsabilidade, mas também nenhum medo. (JUNG, 2000, p. 130-131).

Seria desta forma a “participação mística” (JUNG, 2000, p. 131; CALLUF, 1969, p. 247) ou, em outras palavras, essa identidade inconsciente que impera dentro da massa, que levaria o indivíduo a se tornar “super-sugestionável, pois se encontra aquém do seu nível normal” (CALLUF, 1969, p. 246) e desta forma engolido pela massa ou pelas organizações coletivas:

Favorecendo, pois, nos seus membros aquilo que é coletivo, a sociedade abre caminho para todas as mediocridades, cultivando aquilo que luxuriará de maneira irresponsável e oprimindo os valores mais preciosos: os individuais. Este processo coletivizador começa na escola, continua na universidade, caracteriza tudo aquilo que de perto ou de longe concerne o Estado, este gigante que esmaga a liberdade sem a qual nenhuma moral é possível. (CALLUF, 1969, p. 248).

E assim, para Emir Calluf (1969, p. 251) “esperar tudo do Estado significa esperar tudo dos ‘outros’, em vez de confiar em si”. O que de forma lógica, segundo Jung (2000, p. 132) desencadearia no comunismo, “no qual cada indivíduo escraviza a coletividade e esta última é representada por um ditador, isto é, um senhor de escravos” (JUNG, 2000,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

p. 132). Emir Calluf finaliza sua reflexão no capítulo com a seguinte questão: “Como curarmos a atual cegueira coletiva?” (CALLUF, 1969, p. 257) a qual responde:

Por um meio apenas: o retorno mediativo e sincero de cada um sobre si mesmo, retorno ao fundo humano primordial, à essência de sua própria natureza, o que lhe permitirá libertar da ganga o ouro da vocação individual e social verdadeira.

Como é possível observar, Emir Calluf constrói seu texto minando conceitos e o próprio pensamento junguiano. Salienta-se, porém, que Jung era um homem de seu tempo assim como Emir Calluf, e seus escritos refletiam a sociedade e os problemas que enxergava nela com base em sua experiência. Assim também Emir Calluf o fez ao apropriar-se do pensamento de Jung e o interpretar às luzes da sua experiência de vida, na sociedade em que vivia: o Brasil na ditadura militar. Ainda mais, apropriou-se também de acordo com o que defendia e mais ainda, do que atacava: o comunismo. De acordo com o que se constatou, sua mediação da psicologia, também se estendeu nas páginas do jornal, falando para um público não especializado. Pode-se observar, apesar de uma escrita mais informal e opinativa, as mesmas motivações e apropriações acerca da psicologia analítica, como se segue no artigo **Personalidade e Despersonalização do Diário do Paraná**, de 13 de outubro de 1968:

DECRESCIMO QUALITATIVO

A superpopulação vai conduzindo rápida e necessariamente a humanidade a um controle estatal cada vez mais rígido, ao tão decantado socialismo, que não é, para chamarmos as coisas pelo nome, senão a ditadura total por parte da sociedade, (i. é por parte dalguns ambiciosos que chamam a si mesmos de sociedade...) sobre a pessoa humana, dispondo para esta opressão de todos os imensos recursos da técnica moderna. Isto vai levando a um crescimento de “quantidade” não de “qualidade”, porque naturalmente a qualidade humana – a personalidade bem desenvolvida – não interessa aos despostas. Vai surgindo uma superorganização, dentro da qual “eu” não tenho mais sentido, como por si mesma uma formiga não tem sentido algum dentro do formigueiro: em vez de a sociedade existir para o homem, é o homem que começa a existir para a sociedade. [...] E o que dizermos da chamada guerra psíquica? E das sugestões subliminares como maneira de controlar a mente alheia? Saberão resistir à tentação de usar disto aqueles cuja única verdade é o poder absoluto? Não está isso acontecendo entre nós, onde p. ex. certos pseudo-líderes estudantis conseguem fascinar com o ideal totalitário do socialismo uma multidão de jovens que irrefletidamente vão usando das liberdades democráticas para suprimi-las.

EDUCAR PARA LIBERDADE

Isto não é pessimismo: é realismo. É só enxergando a doença como é de fato que o médico pode curá-la. Se não virmos a realidade em toda a sua tremenda seriedade, como nos convenceremos de que hoje mais do que nunca cumpre “educarmos para liberdade”? Mas o que é educarmos para a liberdade? Primeiro negativamente é uma luta sem tréguas contra mentira, a demagogia, a irreflexão: parece pouco, mas é tanto, ensinarmos a “pensar” e a usar do “bom senso”, que não confunde liberdade com libertinagem, pois essa prepara para escravidão: nada mais fácil de controlar do que uma pessoa dominada por suas paixões. Depois positivamente, afirmando os valores fundamentais sem os



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

quais o homem sucumbe: Deus, a religião, o amor, a família, a inteligência, a liberdade e a responsabilidade, que servirão de critério para aceitarmos ou rejeitarmos ideias, planos, ciência, arte e até mesmo pessoas. Porque o grande dilema do mundo futuro é: personalidade ou despersonalização.

Nesse sentido, Emir Calluf retorna à concepção da massificação e da perda da personalidade do indivíduo, ou a despersonalização, mostrando ainda a sugestibilidade do indivíduo na massa, mais passível de controle, sucumbindo assim ao que ele denomina por superorganização, o comunismo. Desta forma, a percepção de liberdade para Emir Calluf está associada aos valores dos quais poderão segundo ele, proteger o indivíduo desta despersonalização, ou seja, valores em suma, ligados à religião.

4. Considerações Finais

Pode-se compreender que, existia na visão de mundo de Emir Calluf uma dialética: de um lado um mundo civilizado, cristão, livre; do outro, um mundo caótico, vulgar, escravizado pelas paixões. Essa perspectiva seria fruto tanto da teologia que há muito tempo, via na modernidade o fim da hegemonia cristã e na inversão de valores um fim escatológico para humanidade, quanto da psicologia em que Emir Calluf se debruçava, tendo a massificação e a despersonalização como os piores males do século XX.

Seu discurso então, costumava envolver estas duas vertentes: a teologia e a psicologia, um legitimando o outro. Seguindo a percepção junguiana da psicologia, aliada à religião, para Emir Calluf, somente a crença em Deus poderia barrar o ser humano de se entregar às suas paixões. O fruto desta inversão de valores, seria para ele a despersonalização, quando o ser humano perde sua essência como indivíduo e concomitantemente passa à massificação, o fim de toda individualidade. Por isso o medo pela massificação. Para ele, ainda pensando em Jung, a religião (cristã) serviria como uma barreira a outras ideologias, sendo estas capazes de tomar o lugar como crença e se tornar a própria religião para o indivíduo.

Outro ponto importante a se pensar no discurso de Emir Calluf ao se utilizar a psicologia, é a patologização do inimigo. Ou seja, o sacerdote, assim como muitos psicólogos que legitimavam o regime militar, criou um discurso da patologia do comunismo. Não apenas isso, mas utilizou a percepção de patologia psíquica em tudo que feria, para ele os valores morais.

Pode-se compreender desta forma, que a atuação de intelectual mediador na trajetória de Emir Calluf pode ser atestada visto seu trabalho de mediação cultural ao introduzir a discussão da psicologia analítica nos mais variados meios, seja para um público especializado como em seu livro, seja como professor em sala de aula, seja para o público em geral por meio de seus artigos no jornal **Diário do Paraná**. Salienta-se, ainda, o caráter de apropriação da obra de Jung, ao passo que ao ler e interpretar as obras junguianas, Emir Calluf foi também o produtor de um novo bem cultural, fruto de suas próprias experiências e visão de mundo.

Por fim, reiteram-se as possibilidades de diálogos interdisciplinares que o presente trabalho pode gerar, bem como sua inserção nas discussões vinculadas ao Núcleo de



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Pesquisas em História Intelectual, de forma a perspectivar teorias e metodologias para o estudo de intelectuais, bem como seus desdobramentos no âmbito local e regional.

Referências

- CAIRO, N. G. *Psicologia no Paraná: um panorama da profissão no Estado e a trajetória do CRP-PR*. Curitiba, Conselho Regional de Psicologia, 2013.
- CALLUF, E. *Moral para gente evoluída*. Editora Mentor, 1971.
- CALLUF, E. *Sonhos, Complexos e Personalidade: Psicologia Analítica de C. G. Jung*. Editora Mestre Jou, São Paulo, 1969.
- CAMPOS, N de. *Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892 – 1950*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 2006.
- CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2ª Ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora UnB, 1998.
- GOMES, A. de C.; HANSEN, P. S. (Org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- HALL, C. S.; NORDBY, V. J. *Introdução à psicologia junguiana*. São Paulo: Editora Cultrix, 2ª Ed. 2021.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- JUNG, C.G. *General Bibliography of C.G. Jung's Writings*. N.p., Taylor & Francis, p. 62, 2014
- MOTTA, A. A. da. *Psicologia Analítica no Brasil: Contribuições para a sua história*. 2005. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SIRINELLI, J. F. “Os intelectuais”. In: RÉMOND Por uma história política. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- TREVIZAN, M. J. In: WEBER, L. N. D. e WALTER, M. R. *A psicologia no Paraná: os caminhos percorridos*. Curitiba: CRP-PR, 1991.
- VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

FOTO BIANCHI E OS RETRATOS ESCOLARES: O USO DE FOTOGRAFIAS PARA A CONSTRUÇÃO DA HISTORIOGRAFIA PONTA-GROSSENSE

BARBOSA, Audrey Franciny¹

¹Doutoranda PPGE-UEPH.

O presente texto tem por intuito apresentar os resultados obtidos pela pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em História (PPGH-UEPG) durante os anos de 2017-2019, a fim de ressaltar as potencialidades da fotografia enquanto fonte para a historiografia local. Inserida na linha de pesquisa “Discursos, representações: produção de sentidos”, sob orientação do Prof. Dr. Marco Antonio Stancik, a investigação em questão teve por objetivo analisar como a cultura escolar foi representada a obra de Luís Bianchi durante os anos de 1913-1943, período correspondente a primeira geração de fotógrafos do Foto Bianchi³⁵. Diante disso, para este momento, na primeira parte do texto apresentou-se uma rápida incursão acerca dos estudos e referenciais mobilizados para compreender o espaço da fotografia escolar no campo historiográfico. No segundo momento, apresentou-se uma síntese das análises realizadas na pesquisa³⁶.

1. Fotografia escolar & Historiografia

Qual a relevância dos retratos escolares para o conhecimento historiográfico?

Tal questão foi uma das inquietações que nortearam o desenvolvimento da pesquisa de mestrado. Na busca por essa resposta, foi realizado um levantamento de pesquisas com esta temática a fim de localizar nossa pesquisa no campo historiográfico. Em suma, grande parte dos estudos sobre os retratos escolares no campo acadêmico foram encontrados no campo da História da Educação. Entre eles destacaram-se as reflexões de Ieda Viana (2013) e Gabriela Cruder e Gustavo Fischman (2003) acerca da relevância das fotografias escolares como documentos para compreender um pouco mais das relações que permeiam o espaço escolar; os artigos de Claudia Alves (2010), Marcus Levy Bencostta (2011) e Maria Ciavatta (2009), que trataram do espaço escolar fotografado como instrumento de memória institucional. Além disso, no que se refere ao ato de fotografar os espaços

³⁵ O estúdio Foto Bianchi foi um dos estúdios fotográficos mais importantes da cidade de Ponta Grossa durante o século XX. Fundado em 1913 por Luís Bianchi e Maria Thommen o estúdio passou por três gerações de fotógrafos da família Bianchi – Luís (1913-1943), o filho Raully (1934-1987) e o neto Raul (1987-2001) – e atendeu clientela em algumas cidades da região dos Campos Gerais até o ano de 2001, quando ocorreu o encerramento das suas atividades e a venda de boa parte do acervo comercial/documental do estúdio para a iniciativa municipal. Atualmente, parte do acervo compõem o Fundo Foto Bianchi, sob cuidados da Casa da Memória Paraná (Ponta Grossa/PR) e disponível para pesquisa mediante agendamento.

³⁶ A pesquisa resultou na dissertação intitulada “Foto Bianchi: retratos e representações visuais do escolar (Ponta Grossa/PR, 1913-1943)”, disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3005>



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

escolares como uma prática cultural comum do século XX e com objetivos claros de legitimação do processo escolar e sua importância enquanto “monumento de um progresso em processo” destacaram-se as reflexões de Maria do Rosário Valencise Gregolin (2015), Rosa Fátima de Souza (2001) e Zita Possamai (2009).

Diante dessas leituras, a pesquisa abordou as fotografias escolares produzidas pelo Foto Bianchi enquanto documentos potenciais para o discurso histórico, uma vez que, foram além da ilustração e se apresentaram como artefatos visuais cujas intenções, processos e usos foram fundamentais para se compreender as relações sociais do seu tempo e, indiretamente, questionar o seu uso no presente (BARBOSA, 2019). Afinal, por meio dos retratos escolares podemos problematizar:

[...] o modo de ser, mas também o de se conceber a escola; além de revelar formas determinadas de os sujeitos se comportarem e representarem seus papéis – professor, aluno, classe etc. Elas trazem informações sobre a cultura material escolar, como os arranjos espaciais (arquitetura), as relações sociais, os contextos humanos (professores, alunos, diretores e suas respectivas posturas) e sobre as práticas escolares (festas de encerramento do ano letivo, entrega de diplomas, desfiles e comemorações cívicas, solenidades, etc.) (BENCOSTTA, 2011, p. 400- 401).

Para isso, foi necessário ter em mente que hoje a noção de documento fotográfico – e das fontes visuais – para a construção do conhecimento histórico é em grande parte aceita e reconhecido. Contudo, tal abordagem foi se construindo ao longo de diferentes correntes teóricas-metodológicas acerca do discurso histórico e da prática fotográfica.

De maneira sucinta, pode-se pontuar a historiografia científica do século XIX e início do século XX como uma abordagem que recusava o fotográfico enquanto documento central do conhecimento histórico. Segundo Borges (2008), esse momento foi marcado por uma série de historiadores – ligados, sobretudo, à perspectiva metódica – que recusavam tomar o objeto fotográfico enquanto fonte histórica legítima e potencial, uma vez que, ele não correspondia aos seus pressupostos documentais de cientificidade. Cabe lembrar que a historiografia metódica não abriu mão das fontes iconográficas. Pelo contrário, fez uso massivo delas para a ilustração dos fatos descritos nos documentos textuais, dando a elas um espaço secundário nos seus discursos (BORGES, 2008).

É quase uma unanimidade na historiografia abordar que foi com a virada conceitual de meados do século XX que tal situação se alterou. De fato, o conhecimento do mundo social e cultural foi perdendo seu *status* absoluto e inquestionável, dando lugar a perspectivas que pensavam o conhecimento do passado pautado nos significados e nas práticas humanas, não mais na realidade exata. Uma nova perspectiva da realidade, tempo, método, que abriu espaço para uma nova compreensão documental.

Para Meneses (2005) a ampliação da noção de documento suscitada, principalmente, pela *Escola dos Annales* do início do século XX, possibilitou as fontes visuais ocuparem um espaço central nos discursos historiográficos. Nessa perspectiva, a História Cultural, em voga a partir do final de década de 1970, por meio de sua retomada do conceito de representação contribuiu de maneira efetiva para a consolidação das fontes fotográficas na historiografia e a consolidação de um conhecimento histórico pautado no visual.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Nessas novas esteiras historiográficas, Peter Burke, em *Testemunha Ocular: história e imagem* (2001), propôs a construção de um estudo todo pautado no valor documental que diferentes imagens visuais possuem para a construção do conhecimento histórico. Conforme ressaltou o historiador, assim como os testemunhos orais e textuais, a imagem e seu testemunho ocular é essencial para uma compreensão ampla das sociedades do passado, por tal, sua análise crítica e problemas levantados quanto a seus usos e produções são fundamentais.

Frente a isso, Ulpiano Meneses (2003)³⁷ e Paulo Knauss (2006)³⁸ destacaram que o objetivo de uma História alicerçada no visual reside em partir para a compreensão do regime dos documentos visuais e não mais “iluminá-los com informações externas a eles” (MENESES, 2003, p. 20), destacando suas potencialidades e ações em diferentes espaços e tempos.

Partindo, então, da perspectiva da visualidade, ao tomar o retrato escolar como documento historiográfico é necessário considerar sempre seu conjunto de especificidades, ou seja, lembrar que na fotografia escolar deve ser considerado “um conjunto de gestos, de saberes e de sentidos implicados na sua produção [...] afinados com os valores que a escola tem compromisso de difundir, os símbolos que deve cultivar (ALVES, 2010, p.113-114). Por essa razão, esses retratos escolares não eram a “captura do real”, pelo contrário, eles foram produzidos por uma “ideia de ideal”.

Por fim, as fotografias escolares foram pensadas enquanto documentos sob a perspectiva de uma prática do passado, monumentos produzidos e legados que, ao serem questionados pela História, tornaram-se fontes para a construção do conhecimento historiográfico (LE GOFF, 1996).

2. Foto Bianchi: representações fotográficas da cultura escolar ponta-grossense

No desenvolvimento da pesquisa tomou-se contato com uma série de fotografias escolares de diferentes instituições pontagrossenses, entre elas a Escola Normal, o Ginásio Regente Feijó, o Grupo Escolar Senador Correia e o Internato Becker y Silva. Para este momento, apresentamos parte das análises realizadas das fotografias do Internato Becker y Silva.

Fundado em Ponta Grossa, no ano de 1919, o Internato Becker y Silva (OLIVEIRA, 2002) foi um dos espaços de ensino particular que contratou os serviços do

³⁷ Para Meneses (2003), a discussão do visual e do campo da visualidade ganharam mais importância na década de 1980, fruto de uma contemporaneidade cada vez mais alicerçada nos sentidos do visual. Segundo o autor, “a difusão da comunicação eletrônica e a popularização da imagem virtual obrigam à procura de novos parâmetros e instrumentos de análise [...]” (MENESES, 2003, p. 23). Logo, Meneses (2003; 2005) propôs que à análise da cultura visual dentro da perspectiva de História Visual deve estar pautada na articulação entre o visual, o visível e a visão.

³⁸ 4 Paulo Knauss (2006) destacou que o estudo da Cultura Visual abriu espaço para duas perspectivas, a saber: analisar a experiência visual atual – pautada na imagem digital e virtual; e uma segunda, pautada nas experiências de visualidades do passado, na qual a História seria fundamental para tal problematização. Logo, compreendeu-se que a problemática do visual é fundamental para a construção de uma crítica visual do passado e do presente.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Foto Bianchi no início do século XX para realizar retratos do seu espaço, professor e alunos.

Composto por um conjunto de duas fotografias (Figuras 1 e 3), ambientadas no espaço interno do prédio, com orientação horizontal e enquadramento central, os retratos em questão registraram os alunos, o professor, as salas de aulas, os materiais de ensino, o mobiliário e algumas das práticas escolares.

No caso dos retratos do Instituto Becker y Silva, o primeiro aspecto que se destacou foi a perspectiva de profundidade utilizada pelo fotógrafo (Figuras 1 e 3). Sobre isso, Maria Ciavatta enfatizou que era comum às primeiras fotografias – influenciadas em muito pela estética pictórica – adotar a perspectiva na composição de suas cenas. Segundo a autora:

De acordo com este método, baseado em um sistema de reprodução proporcional em uma superfície plana, todos os objetos são representados a partir de um único ponto de vista, o olho centralizado do pintor. Este ponto de vista sugere uma ilusão de profundidade determinada por um ponto de fuga e pela linha do horizonte, de modo que todas as linhas paralelas da composição estejam convergindo para um ponto no fundo da tela que representa o foco da perspectiva e a infinitude visual (CIAVATTA, 2002, p. 74-75).

Para além da estética fotográfica em perspectiva, três outros aspectos mereceram comentários nesse conjunto de fotografias: a presença de elementos da cultura militarista na escola, a representação de um ambiente de sociabilidades rigidamente organizado e a presença unicamente masculina.

Figura 1 – FOTO BIANCHI. Becker y Silva. Década de 1920



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG



Fonte: Museu Campos Gerais.

Figura 2 – FOTO BIANCHI. (Verso) Becker y Silva. Década de 1920.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: Museu Campos Gerais.

Figura 3 – FOTO BIANCHI. Becker y Silva. Década de 1920.



Fonte: Museu Campos Gerais.

Figura 4 FOTO BIANCHI. Becker y Silva. Década de 1920.

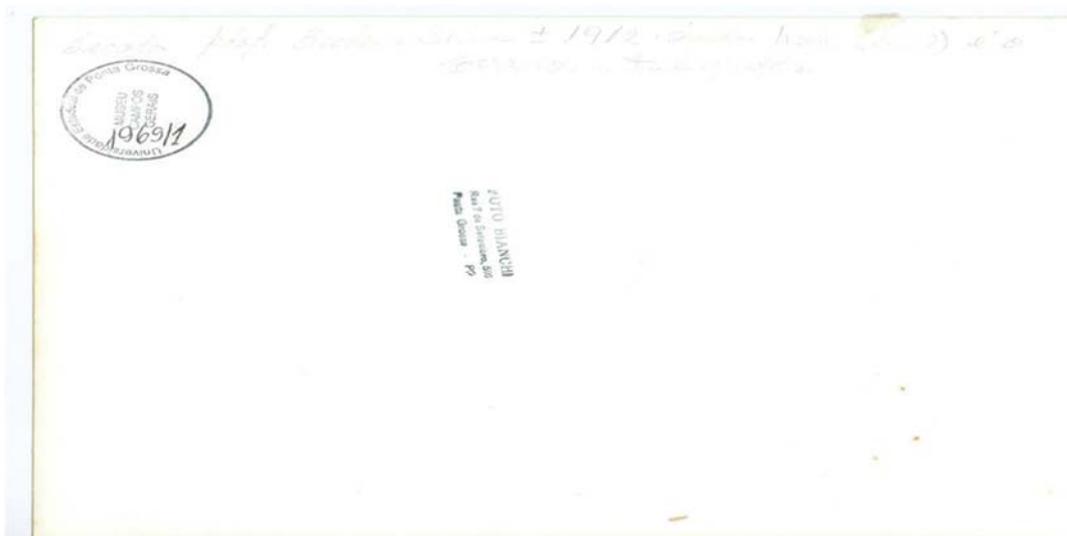


2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: Museu Campos Gerais.

No primeiro caso, a ideia de uma cultura militarista se fez presente pelo uso de uniformes que tinham uma clara função de “supervalorizar a imagem e elevar o espírito de patriotismo e nacionalismo” (BORGES, 2015, p. 327). Nessa perspectiva, Lima (2016) e Souza (2001) destacaram que era comum em alguns dos retratos escolares de início do século XX composições hierarquizantes em suas cenas, pautadas na ordem escolar onde as “relações de hierarquia e poder uniam os vários membros do grupo retratado” (SOUZA, 2001, p. 88).

No caso do professor, por exemplo, seu semblante rígido e o olhar austero era uma verdadeira norma que “apesar de estereotipado, era entendido e recebido como indicador de sua posição social e de sua idoneidade moral” (KOUTSOUKOS, 2007, p. 04), por essa razão, o olhar austero era uma exigência naquela época, e vista como indicador de posição social e seriedade.

O professor também ocupou uma posição particular nos retratos, em ambos, sua presença ocorreu de maneira a ficar em nível superior aos alunos, uma pose hierarquizante que pode ser pensada pela perspectiva foucaultiana de micropoderes (FOUCAULT, 1998). Ou seja, no cotidiano das sociedades existem micros esferas de poder que regem as relações em diversas instituições, como escolas, igrejas, prisões, etc. Nesse sentido, se a escola possui uma cultura própria, mas não separada das culturas que a rodeiam (JULIA, 2001), pensar sua dinâmica também deve ter por premissa pensar suas relações de poder, como o professor que foi representado como uma figura disciplinadora e elevada.

Em contrapartida, não se pode afirmar que a personalidade do professor realmente era rígida e disciplinadora, assim como, não se pode afirmar por meio da fotografia a presença ou não de mulheres (alunas, professoras, diretoras, etc.) na escola. Entretanto, o que se pode pensar foram os aspectos representados, ou não, nessas fotografias. Ou seja, o professor e os alunos que posaram para o modelo, o espaço ordenado das salas e os elementos ausentes, como mulheres e alunas. O representado e o silenciado, o evidenciado e o oculto, os retratos escolares do século XX também possuíam essa premissa. Afinal:



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Branco e negro, filhos de imigrantes ou não, são submetidos aos mesmos padrões morais, às mesmas normas de urbanidade e civilidade. As fotografias de classe expressam este comportamento desejável. Nas imagens, o ar de respeito, de seriedade, de gravidade. Poucas crianças emitem um sorriso furtivo (SOUZA, 2001, p.89)

3. Considerações finais

Por fim, com o desenvolvimento da pesquisa, ressaltou-se que a fotografia não é um rastro visual passivo do passado, pois enquanto materialidade de uma representação visual sua produção foi selecionada e construída com o objetivo de “dar a ver algo” em seu meio ou para onde fosse destinada – presente/futuro. Logo, com intenções específicas por parte do fotógrafo e do fotografado elas são monumentos do momento que buscam promover uma determinada imagem.

Assim, ao ser tomada pela historiografia, a fotografia exige uma perspectiva analítica crítica que permita sempre questionar, problematizar, desmontar e destacar sua condição de produto cultural, ou seja, seu caráter documental. Segundo Le Goff (1996):

O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado – sempre que a história quantitativa é possível e pertinente – em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica (LE GOFF, 1996, p. 539).

Isso posto, a pesquisa converge com as discussões propostas na linha de pesquisa “Discursos, representações: produção de sentidos” do PPGH-UEPG ao enfatizar que as fotografias escolares do Foto Bianchi devem ser pensadas por meio da “perspectiva de sua monumentalidade” (KOSSOY, 2014, p. 101). Isto é, não foram registros passivos, neutros ou impensados dos espaços escolares da cidade. Pelo contrário, carregaram em sua produção representações, discursos, intenções, posicionamentos e práticas que buscaram produzir determinados sentidos sobre a escola do período.

Referências

BARBOSA, Audrey Franciny. *Foto Bianchi: retratos e representações visuais do escolar* (Ponta Grossa/PR, 1913-1943). 158f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3005>.

ALVES, C. Educação, Memória e Identidade: dimensões imateriais da cultura material escolar. *Revista de História da Educação*. Pelotas, n. 14, n. 30. p. 101-125, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/28914/0>. Acesso em: 21 ago. 2019.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

BENCOSTTA, M. L. Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. *História*. São Paulo, v.30, n.1, p. 397-411, jan/jun 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a19>. Acesso em: 21 ago. 2019.

BORGES, L. O. A produção de identidades através dos uniformes escolares. *Revista do Lhiste - Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS, Porto Alegre*, v.2, n.3, 2015, p. 322-336. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/view/59777/36915>. Acesso em: 21 ago. 2019.

BORGES, M. E. L. *História e Fotografia*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, 132p.

BURKE, P. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004. 270p.

CIAVATTA, M. A cultura material escolar em trabalho e educação. A memória fotográfica de sua transformação. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v.23, n.46, jul/dez. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/2188>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CIAVATTA, M. *O mundo do trabalho em imagens: A fotografia como fonte histórica (1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP & A / FAPERJ, 2002, 144p.

CRUDER, G; FISCHMAN, G. E. Fotografias Escolares como evento na pesquisa em Educação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.2, n.28, p. 39-53, jul/dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25603/14936>. Acesso em: 21 ago. 2019.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In. GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: CIA das Letras, 1990, p. 143-179.

GREGOLIN, M. R. V. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. *Revista Moara*, Belém, ed.43, p. 06-25, jan/jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2633>. Acesso em: 21 ago. 2019.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Maringá, v.1, n.1, 2001, p. 09-43. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em: 21 ago. 2019.

KNAUSS, P. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*. Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan-jun 2006.

KOSSOY, B. *Fotografia & História*. 3ed. São Paulo: Atêlie Editorial, 2009, 173p.

KOSSOY, B. *Os tempos da fotografia: entre o efêmero e o perpétuo*. 3ed. São Paulo: Atêlie Editorial, 2014, 174p.

KOUTSOUKOS, S. S. M. No estúdio do photographo, o rito da pose/ Brasil, segunda metade do século XIX. *Revista Ágora*. n.5, 2007, p. 01-12. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1904>. Acesso em: 21 ago. 2019.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

KOUTSOUKOS, S. S. M. *No estúdio do fotógrafo*. Representações e auto-representação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. 2006, 382f. Tese (Doutorado em Multimeios). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

KOUTSOUKOS, S. S. M. O aprendizado da técnica fotográfica por meio dos periódicos e manuais – segunda metade do século XIX. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*. v.5, ano V, n.3, jul/ago/set. 2008, p. 01-18. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF16/ARTIGO_03_SANDRA_SOFIA_MACHADO_KOUTSOUKOS_FENIX_JUL_AGO_SET_2008.pdf. Acesso em 22 set. 2018.

LE GOFF, J. *História e memória*. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996. 553p.

MENESES, U. T. B. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MENESES, U. T. B. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 242-262.

MENESES, U. T. B. Rumo a uma "História visual". In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; NOVAES, S. C. (Org.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC. 2005, p.33-56.

OLIVEIRA, J. C. *Educadores ponta-grossenses (1850-1950)*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002, 210p.

POSSAMAI, Z. R. A grafia dos corpos no espaço urbano: os escolares no álbum "Biografia duma cidade", Porto Alegre, 1940. *Revista História da Educação*, v. 19, n. 47, set/dez. 2015, p. 129-148.

POSSAMAI, Z. R. Fotografia, História e Vistas Urbanas. *História*. São Paulo, v.27, n.2, 2008, p. 253-277.

POSSAMAI, Z. R. Uma escola a ser vista: apontamentos sobre imagens fotográficas de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. *História da Educação*. Pelotas, v. 13, n.29, set/dez. 2009, p. 143-169.

SOUZA, R. F. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. *Educar*. Curitiba, n. 18, 2001, p.75-101. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602001000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 21 ago. 2019.

VIANA, I. As fotografias escolares na pesquisa em História da Educação. In. *Anais*. XI Congresso Nacional de Educação, Curitiba, p. 21111-21126, 2013. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7925_5890.pdf. Acesso em: 21 ago. 2019.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**ARA CHICO! AS REPRESENTAÇÕES DE ELEMENTOS
MODERNOS E DO CAMPO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
DE CHICO BENTO MOÇO (2013-2021)**

RODRIGUES, Mirielen Machado¹

*¹Universidade Estadual de Ponta Grossa Mestranda em História, Cultura e Identidades
PPGH*

A presente pesquisa é resultado de um projeto de mestrado submetido ao Programa de Pós Graduação em História no Núcleo de Pesquisa de História e Imagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que buscou apresentar uma problemática para compreender até que ponto as histórias em quadrinhos de Chico Bento Moço, publicadas entre os anos de 2013 e 2021 representam a dicotomia dos elementos entendidos como modernos e do campo, visto que as histórias de Chico Bento, desde sua primeira publicação em 1963 trazem a tona as diferenças entre esses dois mundos muitas vezes estereotipados. As revistas em quadrinhos de Chico Bento Moço (2013-2021) que são a fonte primária desta pesquisa trazem uma releitura do personagem caipira criado por Mauricio de Sousa nas suas altas aventuras, agora quase adulto após sair do campo para morar na cidade fictícia de Nova Esperança para estudar Agronomia. Neste momento começamos a acompanhar sua adaptação à cidade, seus perrengues e sua vida longe de casa, principalmente sua dificuldade em se adaptar a uma realidade totalmente diferente da que tinha no interior. Desta forma, o presente texto buscar refletir e descrever o que foi apresentado no projeto inicial aprovado pelo PPGH1, buscando apresentar o quadrinho e seus personagens, além do conteúdo encontrado nessas histórias e as subjetividades intrínsecas a elas, objetivando problematizar como essa nova releitura das histórias de Chico Bento compõem algo mais concreto sobre conceitos modernos e também do campo.

1. Quadrinhos e sua história no Brasil

É possível perceber que nas produções quadrinizadas, acontecimentos cotidianos da nossa vida prática em sociedade são utilizados como temática em suas histórias. Isso ocorre em diferentes aspectos, sejam eles culturais, linguísticos, políticos e principalmente artísticos. Aparentemente, qualquer pessoa é capaz de identificar uma história em quadrinhos quando vê ou lê alguma, pois, ao longo do tempo, desde pequenos temos contato direto ou indiretamente com essa forma de linguagem, além de que os quadrinhos utilizam diferentes imagens reconhecíveis e seu material de produção são os próprios seres humanos (ou animais), objetos e instrumentos, fenômenos naturais e de linguagem. Neste sentido, os quadrinhos trabalham com imagens e informações recebidas e ninguém precisa de uma educação formal para entender a sua mensagem, pois ela é instantânea (MCCLLOUD, 1995). Além disso, os quadrinhos possuem a função de



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

comunicar ideias através de suas histórias, usando as palavras e figuras, sendo possível identificar seu alto potencial de reconhecimento e alcance dentro da sociedade.

Deste modo, os quadrinhos com os traços que conhecemos atualmente, começaram a se desenvolver no século XX, principalmente nos Estados Unidos, se estabelecendo através de suas principais características como imagens e texto, se ampliando e chegando a muitos países. No Brasil, começaram a aparecer principalmente no desenvolvimento e produção da imprensa do século XIX, especialmente em tiras de jornais, se consolidando no século XX. De acordo com Santo:

As histórias em quadrinhos são, de certa maneira, uma mídia do século XX. Historiadores dos quadrinhos associam sua produção com experimentos da imprensa do século XIX. Mas, seu processo de consolidação, de comércio e como objeto de análise são fenômenos do período seguinte. Foi no século XX que o quadrinhos estabeleceu suas principais características, enquanto arte, enquanto linguagem e enquanto mercado. Sua natureza híbrida, o trabalho com imagem e texto, é considerada, muitas vezes como a responsável pela ampla e rápida difusão que tiveram no meio impresso. (SANTO, 2018, p. 61).

A experiência com quadrinhos no Brasil se iniciou efetivamente com a obra o “*TicoTico*”, publicada entre os anos de 1915 a 1957, desenhada por Renato de Castro e inspirada em revistas infantis francesas. Angelo Agostini também foi um dos primeiros artistas a lançar obras no Brasil, quando publicou as “*Aventuras de Nhô Quin*” e “*Impressões de uma viagem a corte*”. Outro marco na produção de história em quadrinhos no Brasil foi o lançamento da revista “*Gibi*”, em abril de 1939, pelo grupo Globo. Essa revista se popularizou ao ponto de as crianças e jovens começarem a chamar todos os quadrinhos brasileiros de “*Gibis*”, tornando-se uma expressão corriqueira ao se referir a essas revistas ilustradas.

O uso deste termo ao longo dos anos desenvolveu diferentes discussões em relação a forma correta de usar essa palavra para se referir às histórias em quadrinhos. A palavra “*Gibi*” segundo o dicionário Lello, significa “negro de traços grosseiros e rudes” e de acordo com o dicionário Escolar do MEC de 1965 se refere à denominação de “negrinho, moleque” e uma gibizada é uma “molecada negra” (MOYA, 1986). O termo “*Gibi*” era um termo associado com a delinquência entre os anos 1930 e 1940 e após o surgimento da revista seu nome corriqueiro se popularizou tão intensamente no Brasil que até os dias atuais muitas histórias em quadrinhos são chamadas por este nome.

Assim, com o desenvolvimento das produções quadrinizadas no Brasil surgiram vários autores de quadrinhos, um deles foi o paulista Mauricio de Sousa (1935-), fundador da galeria de personagens das histórias em quadrinhos intitulada Turma da Mônica que se tornou ao longo dos anos um dos mais importantes quadrinistas brasileiros, sendo o artista mais conhecido ao longo do século XX e XXI, tornando-se o único artista nacional, neste ramo a ter formado um conglomerado de empresas que formam o Grupo Mauricio de Sousa Produções³⁹, tendo suas obras publicadas em mais de 120 países e ligadas a um número de bens de consumo imediato e a campanhas públicas educativas,

³⁹ Disponível em: <https://turmadamonica.uol.com.br/home/> (acesso em 12 jun de 2022).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

ambientais e sociais evidenciando a influência e o poder de comunicação de seus personagens. (D' OLIVEIRA, 2005)

Maurício de Sousa ingressou na criação de seus quadrinhos em 1959, quando trabalhava no jornal “Folha da Manhã”, criando seus primeiros personagens, como o cãozinho “Bidu” e o menino “Franjinha”. Posteriormente, criou o seu personagem Cebolinha e em 1963 criou sua personagem mais famosa até os dias atuais chamada Mônica. O sucesso desta personagem foi tão grande que durante a década de 1960 no Brasil, ela se tornou a protagonista das histórias de Mauricio, dando nome aos gibis que ele escrevia a partir daquele momento. As histórias da Revista Turma da Mônica reuniam os personagens em seu cotidiano no fictício Bairro do Limoeiro em Arujá, São Paulo, e suas altas aventuras, focando suas histórias no cotidiano dos personagens principais, como Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão, além dos personagens secundários que a turminha convivia. Uma curiosidade das histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa é que todos os seus principais personagens como Monica, Marina, Magali, Nimbus, Vanda e Valéria, Do contra, Marcelinho, Maria Cebolinha e professor Spada são inspirados em seus filhos. Dentre esses personagens tão importantes para as histórias em quadrinhos criadas por Mauricio de Sousa está o personagem caipira Chico Bento que foi criado em 1961 e é fonte principal para o projeto que foi apresentado no Programa de Pós Graduação em História e que dialoga com as pesquisas desenvolvidas dentro do Núcleo de Pesquisa de História e Imagem ao qual foi submetido.

2. De Chico Bento para Chico Bento Moço

Chico Bento foi criado por Mauricio de Sousa na metade do século XX e sua inspiração para criação deste personagem tão individual e cheio de características próprias se deu através das lembranças da figura de seu tio-avô do interior de São Paulo, de quem ele ouvia várias histórias muito engraçadas. Apesar de Chico Bento ter sido criado em 1961 sua primeira aparição nos quadrinhos foi em 1963 quando ainda era coadjuvante das tirinhas do jornal dos personagens Hiro e Zé da Roça, criações também de Mauricio. Chico Bento, após começar a aparecer frequentemente nas tirinhas de Hiro e Zé da Roça começou a fazer sucesso e ganhar o coração dos leitores, passando a ter em 1964 a sua própria história, conquistando seu espaço e possuindo sua primeira revista em quadrinhos. Abaixo temos a primeira tirinha que Chico Bento apareceu nas histórias de Hiro e Zé da Roça.

Figura 1 – Primeira aparição de Chico Bento na história de Hiro e Zé da Roça (1963)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: MAURICIO DE SOUSA on Twitter. Está foi à primeira aparição do Chico Bento, 1963. Disponível em: <https://twitter.com/mauriciodesousa/status/1298413344991457280/photo/1> (acesso em 10 jun de 2022)

Esse novo personagem de Mauricio de Sousa fez e faz tanto sucesso até os dias atuais, pois representa o brasileiro que nasceu no interior e que tem uma vida simples, sem mordomias. As histórias de Chico Bento se ambientam na fictícia pequena vila Abobrinha, no interior de São Paulo. Chico mora em uma casa comum, em um sítiozinho cheio de animais junto com seus pais Nhô Bento e Dona Cotinha. A pequena vila Abobrinha possui estradas de chão, lagos, várias plantações e árvores, detendo uma pequena igreja, pracinha, escola rural, sendo um lugar onde todo mundo se conhece, com poucas casas e nenhum carro nas ruas. Representa em sua essência lugares do interior do Brasil.

Nas histórias de Chico, além de seus pais também encontramos outros personagens como a Rosinha, namorada de Chico, Zé Lelé, Hiro, Zé da Roça, Dona Marocas, sua professora, o padre Lino, seu vizinho Nhô Lau de quem ele rouba goiabas dentre outros.

Criado em um ambiente tranquilo e sossegado andando de pé no chão, falando o seu caipira típico da roça, cuidando dos animais do seu sítiozinho, nadando no rio, fugindo da onça, usando seu chapéu de palha e calça curta, representando a pureza e a simplicidade que caracterizam o estereótipo das pessoas do interior do Brasil, Chico Bento passa a ser símbolo do cotidiano do povo que mora na roça. O único contato que Chico tem com a cidade grande é quando vai visitar os tios e os primos, voltando correndo para sua casa assustado por conta do barulho, da fumaça, da poluição e das pessoas sempre apressadas da cidade. Abaixo observamos uma imagem de Chico Bento na sua versão criança deitado d'baixo de uma árvore na roça.

Figura 2 – Chico Bento.

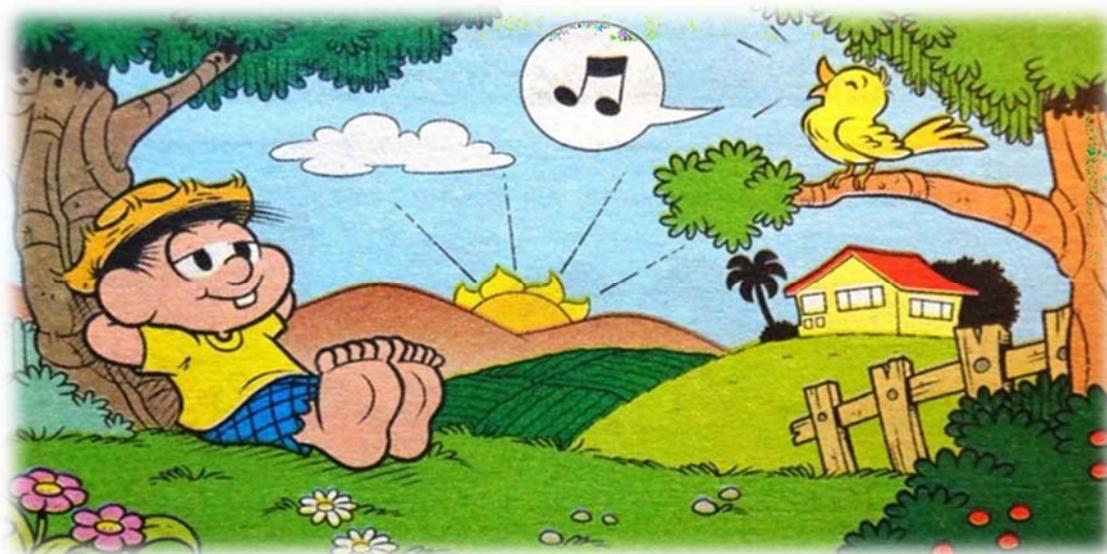


2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: Foto: Divulgação/ Mauricio de Sousa Produções. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/vidaearte/2022/01/24/turma-da-monicapersonagem-chico-bento-vai-ganhar-filme-em-2023.html> (acesso em 09 jun de 2022)

As histórias de Chico Bento de um modo geral trazem dois ambientes dicotômicos como a cidade e o campo, espaços que ao longo e suas histórias se opõem por conta de suas características diferentes. Segundo Parilla (2006) as histórias de Chico Bento estão embasadas em imagens historicamente construídas do Brasil como um país dual, constituindo um dos temas centrais do processo de construção da identidade nacional na virada do século XIX para o XX (PARRILLA, 2006, p.98). É neste ponto que esta pesquisa possui potencial de contribuição para a sociedade e para a historiografia, pois visa trabalhar com esses estereótipos enraizados na sociedade brasileira e que precisam ainda de reflexões mais aprofundadas. As representações da cidade e do campo no Brasil criadas nesse momento reforçaram o imaginário social cheio de estereótipos em torno da população que mora no interior, e essas características permanecem até os dias atuais e podem ser encontradas nas histórias de Chico Bento criado por Mauricio de Sousa no início de 1960.

Nesse sentido, as histórias de Chico Bento constituem fonte privilegiada para a contemplação desta sobrevivência, ao mesmo tempo que atuam como meio difusor de determinada visão destes espaços e seus habitantes. A própria caracterização do personagem e de seu universo ficcional, apresentada acima, demonstra a percepção de um cidadão em relação ao campo e seus habitantes. A aceitação pelo público leitor também pode ser explicada, em parte, pela insistência desta visão dicotômica, demonstrando a força desta representação no imaginário social. (PARRILLA, 2006, p.146-147)

Após anos das primeiras publicações das histórias criadas por Mauricio de Sousa, os Estúdios Mauricio de Sousa Produções, junto com a Editora Panini Comics lançou em agosto de 2008 a Turma da Mônica Jovem com publicação mensal. Esse novo projeto tratava-se de uma releitura dos personagens da Turma da Mônica em versões



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

adolescentes, entre seus 15 anos de idade vivendo altas aventuras no fictício Bairro do Limoeiro. Essas histórias foram feitas com uma nova narrativa que buscava dialogar com o público pré-adolescente. Assim como a releitura feita das revistas Turma da Mônica as revistas da Turma do Chico Bento também receberam adaptações para o público mais jovem. Desta maneira, após 52 anos da criação do personagem Chico Bento, em agosto de 2013 os Estúdios Mauricio de Sousa Produções junto com a Editora Panini também lançaram as histórias de Chico Bento Moço, focando nas altas aventuras de Chico Bento, agora com 18 anos, após sair do campo para a cidade grande para cursar o ensino superior. Abaixo observamos uma imagem de Chico Bento na sua versão jovem nas suas novas histórias.

Figura 3 – Chico Bento Moço (2013-2021)



Fonte: Foto: Pinterest - Chico Bento Moço (2013-2021) Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/309200330638426799/> (acesso em 09 jun de 2022)

Nessa releitura do personagem Chico Bento está crescendo e deixa o campo para viver na cidade fictícia de Nova Esperança, onde fará o curso superior de Agronomia. Nessas novas histórias ele acaba ganhando mudanças físicas e linguísticas, além de conhecer novas pessoas no seu cotidiano na cidade e na universidade aonde vai estudar. Ademais, nessas histórias acompanhamos outros personagens que já faziam parte da Turma do Chico Bento nas histórias antigas e que também cresceram e estão saindo do campo para estudar na cidade grande. A personagem Rosinha, namorada de Chico sai da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Vila Abobrinha para estudar Medicina Veterinária na cidade de Campos Verdes. Os personagens Zé da Roça e Hiro também saem do interior para a cidade de Presidente Fonseca, Zé para estudar Pedagogia e Hiro para estudar Matemática. Zé Lelé escolheu continuar no campo para ajudar o pai no sítio, pois acredita que não nasceu para viver na cidade. Já o primo Zeca (que nas histórias antigas sempre aparece visitando o sítio nas suas férias e levando Chico para passear na cidade grande) começa a estudar Robótica em Nova Esperança.

Em Chico Bento Moço (2013-2021) acompanhamos a vida de Chico no campo antes de sua aprovação na faculdade, em seu cotidiano com a natureza, amigos, família e seus animais de estimação e após sua aprovação na universidade no curso superior de Agronomia. Após passar no curso de Agronomia, Chico se muda para a cidade de Nova Esperança, onde começa a morar em uma república com outros universitários. Neste momento começamos a acompanhar sua adaptação à cidade, seus perrengues como estudante e sua vida longe de casa, principalmente sua dificuldade em se adaptar a uma realidade totalmente diferente da que tinha no sítio. As diferenças de uma vida no campo para uma vida levada na cidade trazem dentro desta nova versão das histórias de Chico Bento a afirmação de alguns estereótipos sobre a pessoa do interior, sendo várias vezes ridicularizadas por seus colegas de república pela sua forma de se vestir, falar e agir.

Nas 75 edições das revistas em histórias quadrinhos de Chico Bento Moço (2013-2021) publicadas no Brasil pela Editora Panini entre agosto de 2013 a abril e 2021 é possível observar as dicotomias entre o campo e a cidade, focando principalmente no cotidiano e adaptação de Chico, principalmente no jeito que ele vive nesses dois ambientes. Em suma, enquanto historiadores e pesquisadores, interessados no trabalho com a imagem, busca-se descobrir o que elas significam e representam, e por esse motivo está pesquisa está sendo desenvolvida dentro do Núcleo de Pesquisa de História e Imagem no Programa de Pós-Graduação em História na UEPG. É neste ponto que esse projeto se desenvolveu, e tentará refletir durante a pesquisa no mestrado as formas que as histórias de Chico Bento Moço (2013-2021) representam e trazem uma visão sobre elementos “modernos” que se referem à cidade em relação às características e estereótipos do campo. Seria possível os quadrinhos representarem não apenas pessoas, paisagens e cidades, mais algo mais concreto, como uma ideia ou um conceito? Ou talvez como conceitos ligados ao campo e a cidade são trazidos na história de Chico Bento e como podemos problematiza-los?

3. Fontes

Para o desenvolvimento do presente projeto a pesquisadora dispõe do acervo completo contendo todas as 75 revistas em quadrinhos das histórias de Chico Bento Moço produzidas desde agosto de 2013 até abril de 2021 pela Editora Panini. Esse material já se encontra todo reunido e lido de forma corriqueira. Abaixo temos as quadro primeiras edições dos quadrinhos de Chico Bento Moço publicadas no ano de 2013.

Figura 4 – Quatro primeiras edições dos quadrinhos “Chico Bento Moço”



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



nº 1
agosto de 2013



nº 2
setembro de 2013



nº 3
outubro de 2013



nº 4
novembro de 2013

Fonte: Capa das 4 primeiras revistas em quadrinhos de Chico Bento Moço (2013-2021) Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/capas/chico-bento-moco/ch007105> (acesso em 09 jun de 2022)

4. Metodologia de pesquisa

A metodologia adotada para a presente pesquisa será iniciada através da revisão bibliográfica de todo o material levantado como o conjunto de livros, teses, dissertações e artigos, que serviram de sustentação teórica para esta pesquisa. Posteriormente serão realizadas leituras e fichamentos de todo o material para dar início às discussões, escrita e análise do objeto de pesquisa desse trabalho. Essa primeira parte é essencial para pesquisas que usam os quadrinhos como fonte e podem ajudar a refletir sobre diversas problemáticas dentro do campo da história. Segundo Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos (2009), nem todos os autores de quadrinhos possuem a preocupação em retratar fielmente os ambientes históricos de forma apropriada, como costumes, locais, hábitos, vestimentas ou regimes políticos dominantes, por isso, pesquisas históricas nesse campo se fazem necessárias para compreender através da teoria da história a articulação desses objetos com o conhecimento histórico.

Feita a primeira parte do levantamento e leitura do material teórico, subsequentemente será feita a relação das discussões teóricas que são apresentadas na historiografia, sobretudo, em relação às teorias da história das histórias em quadrinhos, com enfoque no desenvolvimento dessas histórias no Brasil, especificamente nas produções de Mauricio de Sousa no século XX e XXI, além de discussões em relação à utilização dos quadrinhos enquanto fonte de pesquisa no campo da história. Com base teórica bem fundamentada partiremos para a coleta de dados. Para tanto, faremos a leitura e o fichamento das 75 revistas do Chico Bento Moço (acervo completo da autora) produzidas entre agosto de 2013 e abril de 2021 pela Editora Panini, onde teremos acesso ao conteúdo completo das histórias em quadrinhos. Essas revistas foram lançadas mensalmente de 2013 a 2018 e de dois em dois meses de 2018 a 2021. No decorrer do desenvolvimento da pesquisa pretende-se construir uma tabela para maior organização e visualização das imagens separadas para análise durante a elaboração neste trabalho.

Referências



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

AZEVEDO, I. P. de.; ALVAREZ, P. V. B. H. *A construção da subjetividade nas representações do sujeito do campo em chico bento moço: uma abordagem discursiva.* In: TONELLI, F.; SOUZA, L. (Orgs.). *Linguística, letras e artes: culturas e identidades.* Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

AZEVEDO, I. P. de. *Da vila aboborinha para nova esperança: a construção discursiva do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento.* Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2016.

BERNAVA, C. M. “Caipiras... mas que são os caipiras?” Cornélio Pires e a representação dos “verdadeiros caipiras” (1910-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2001.

BONIFACIO, Selma de Fátima. *História e(m) quadrinhos: análises sobre a História ensinada na arte sequencial.* Dissertação (Mestrado em Educação) – Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2005.

CIRNE, Moacy. *História da história em quadrinhos.* Porto Alegre, Editora L&PM, 1986.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991. p. 173-191.

CHINEN, Nobu. *Linguagem HQ: conceitos básicos.* Editora Criativa, São Paulo. 2011.

COUTINHO, Thais Souza. *O caipira Chico Bento e a preservação do nacional na obra de Maurício de Sousa.* Dissertação (Mestrado em Ciências sociais em desenvolvimento, agricultura e sociedade) – Univerdade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

D'OLIVEIRA, Gêisa Fernandes. *De Jeca a Bento: Identidade nacional nos quadrinhos de Maurício de Sousa.* Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

GERVEREAU, Laurent. *Ver, compreender, analisar as imagens.* Lisboa: Edições 70, 2007.

MUANIS, Felipe de Castro. *Os limites do histórico no quadrinho documental.* In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28, 2019, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019.

PARRILLA, Franciele Aline. *Chico Bento, um caipira do campo ou da cidade? A representação do espaço rural e urbano e de seus habitantes na revista em quadrinhos do Chico Bento (1982-2000).* Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis - UNESP-Assis/SP, 2006.

SANTO, Janaina de Paula do Espírito. *Segunda Guerra Mundial em Mangá: um estudo de Cultura Histórica.* Tese (doutorado em história) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

UTILIZAÇÃO DA FERRAMENTA OPENREFINE COMO TÉCNICA DE TRATAMENTO DE DADOS PARA PESQUISAS HIATORIOGRÁRICAS.

SILVA, Rogério Anderson¹; CERRI, Luis Fernando²

^{1 e 2}Universidade Estadual de Ponta Grossa; Programa de Pós-Graduação em História.

A partir da disseminação do uso da *internet*, em especial as redes sociais, o ciberespaço⁴⁰ tornou-se um imenso depositário de informações históricas. Esse fenômeno influenciou na ampliação da área de pesquisa no campo da historiografia, dentre eles, destacamos a história pública⁴¹ e a história digital⁴². Em meados da década de 1960 estudiosos alemães como Jörn Rüsen, Klaus Bergmann, Karl-Ernst Jeismann, entre outros, realocaram a Didática da História como subdisciplina da História, como afirma Saddi (2010). Os estudos produzidos pela escola alemã atribuíram a Didática da História a função de investigar todos os conhecimentos históricos que circulam na sociedade e que compõem os modos de interpretação temporal operacionalizados pela consciência histórica. O ciberespaço por ser considerado local de produção, circulação e consumo de conteúdo histórico, portanto, é objeto da Didática da História.

Gallini e Noiret (2011) enfatizam que a *internet* desafia a tradição da ciência da história em relação aos modos e tempos de investigação ao oferecer novas ferramentas de trabalho que são capazes de tornar as pesquisas mais cômodas, menos onerosas e mais rápidas. Pois, o ciberespaço oferece informações diversas e abundantes, além disso, permite que pesquisadores e pesquisadoras acessem conteúdo das mais variadas bibliotecas de qualquer parte do mundo sem a necessidade de acesso físico a tais espaços. Essa constatação evidencia uma mudança na relação com as fontes em que os documentos digitais são vulneráveis, portanto, historiadores e historiadoras estão vivendo um novo paradigma na produção do conhecimento histórico, ao mesmo tempo em que existe uma abundância de fontes a fragilidade faz com esses dados rapidamente se tornem ilegíveis onerem altos custos para recuperá-los (ROSENZWEIG, 2003).

A análise de conteúdo é uma das formas possíveis de trabalhar o material retirado dos meios de comunicação mediados por computadores. Núncia Santoro de Constantino (2002), afirma que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de pesquisa eficiente para o historiador em abordagens interdisciplinares que, inclusive, permite ao pesquisador

⁴⁰ 3 O ciberespaço é o espaço de comunicação criado a partir da interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores, envolve um conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou que tenham como destino a digitalização. A interatividade caracteriza o ciberespaço. (LÉVY, 1999).

⁴¹ Para maiores informações ler MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 37, no 74, 2017.

⁴² Para maiores informações ler GALLINI, S; NOIRET, S. La historia digital en la era del Web 2.0. Introducción al dossier Historia digital. Historia Crítica No. 43, Bogotá, enero-abril 2011, 260 pp. ISSN 0121-1617 p. 16-37.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

fazer uso de programas de computadores. Pois, ao compatibilizar as fontes escolhidas com um referencial teórico, o historiador produz inferências que permite descobrir quem é o emissor, quais suas filiações ideológicas, quais suas concepções de mundo, seus interesses de classe e categoria social. Além disso, torna-se possível compreender traços psicológicos, quais motivações e expectativas incutidas no texto.

Portanto, “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1977, p. 38). Outra contribuição significativa dessa abordagem metodológica para as pesquisas no campo da História é a possibilidade de analisar as fontes em duas dimensões: “no sentido manifesto ou ao pé da letra; como leitura soterrada, buscando o sentido latente” (CONSTANTINO, 2002, p. 190).

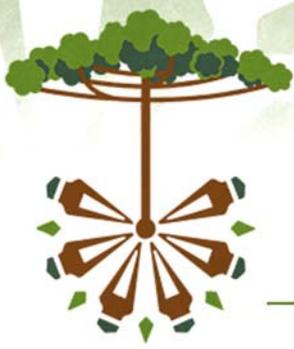
As categorias de análise ou index, no caso de uso ferramentas mediadas por computadores, são essenciais de acordo com Bardin (1977). Pois, por meio de conceitos chaves são criadas unidades de significação e representa uma ligação direta entre análise e o referencial teórico. Em outras palavras, os conceitos chaves são intermediários entre a teoria e os dados brutos extraídos.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como a ferramenta *OpenRefine* pode ser empregada como técnica para auxiliar na construção de uma fonte inteligível para pesquisas historiográficas a qual tem as informações coletadas do ciberespaço como fonte e que utilizam como referencial metodológica a análise de conteúdo. Bem como, apresentar um guia de como trabalhar com a ferramenta *OpenRefine*.

1. OpenRefine: transformando banco dado em fontes analisáveis.

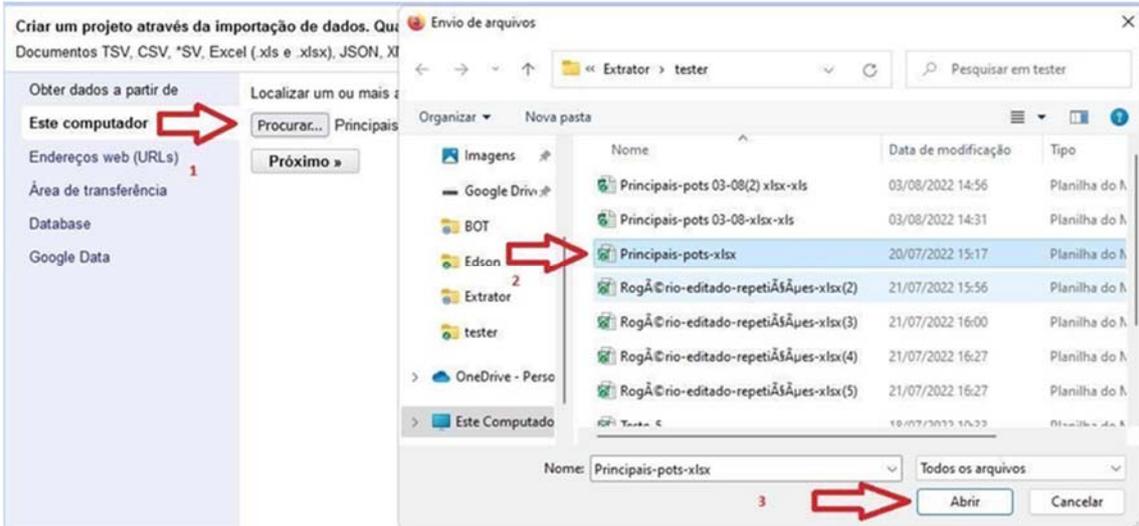
Com a base de dados completa, iniciamos o processo de tratamento da base de dados com o intuito de tornar as informações contidas no material possível de análise. No primeiro momento, utilizamos o programa *OpenRefine* como ferramenta para efetuar a limpeza do texto. Com o objetivo de explicar o processo de tratamento dos dados, iremos apresentar o passo a passo de como realizamos essa tarefa. Observe a figura.

Imagem 1



2º COLÓQUIO PPGH - UEPG EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES: 10 ANOS DE PPGH

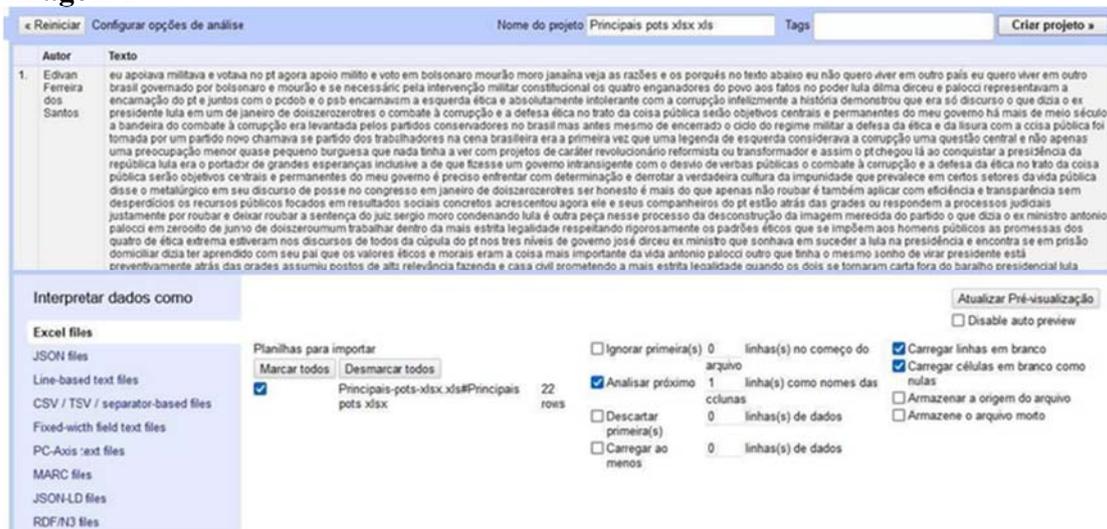
Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: *print* da tela inicial da ferramenta *OpenRefine*.

Após abrir o programa será gerada uma página no navegador de *internet*, com uma interface igual ou semelhante à reproduzida acima. Em seguida selecionamos o arquivo com o qual iremos trabalhar, o próximo passo é abrir o arquivo.

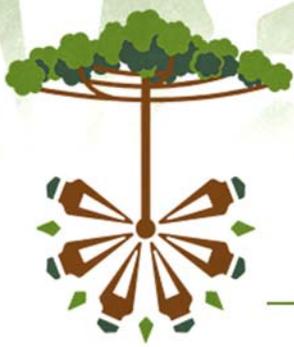
Imagem 2



Fonte: *print* da tela inicial da programa *OpenRefine*.

A figura acima apresenta fragmento do material selecionado, seguimos com a criação do projeto com o qual trabalharemos em nossa pesquisa. O programa reconhece diversos formatos de arquivo como podemos verificar na parte inferior esquerda da imagem.

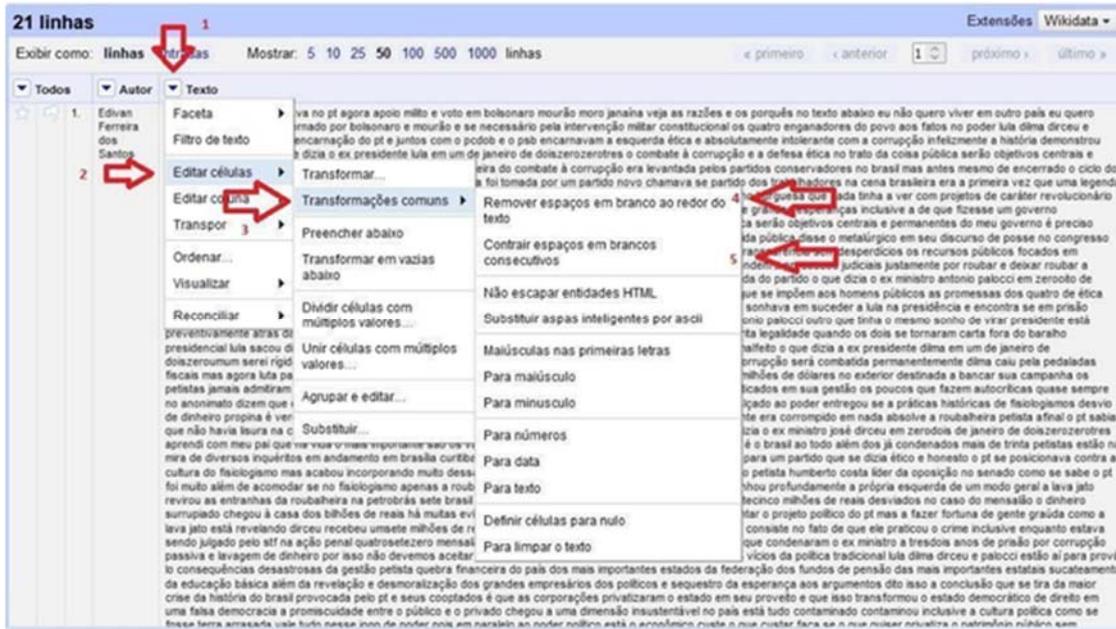
Imagem 3



2º COLÓQUIO PPGH - UEPG EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES: 10 ANOS DE PPGH



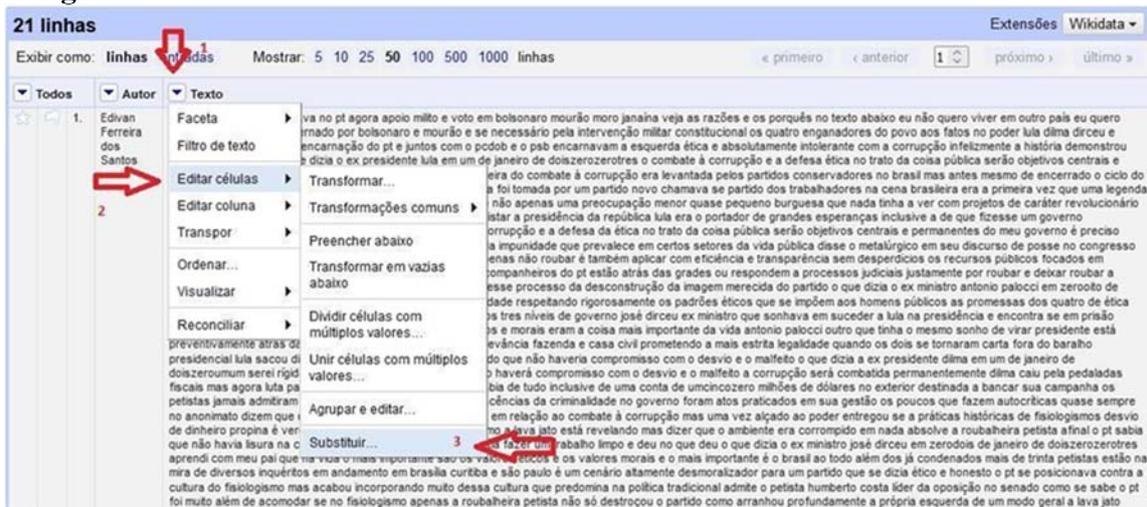
Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: *print* da tela de comandos do programa *OpenRefine*

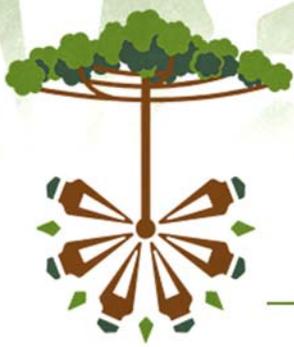
Na tela seguinte iniciamos o processo de tratamento das fontes propriamente, seguindo as setas indicativas, abrimos a caixa de texto, vamos para editar células, remover espaços em branco ao redor do texto e contrair espaços em branco consecutivos. Com isso, eliminamos parte caracteres que não possuem utilidade para a análise.

Imagem 4



Fonte: *print* da tela do programa *OpenRefine*.

Seguimos com o processo de exclusão de itens indesejados do texto, aqui vamos substituir elementos não textuais, pontos, vírgulas e afins que não acrescentam sentido ao que propomos. Para isso, abrimos a caixa de texto, selecionamos editar coluna, substituir.

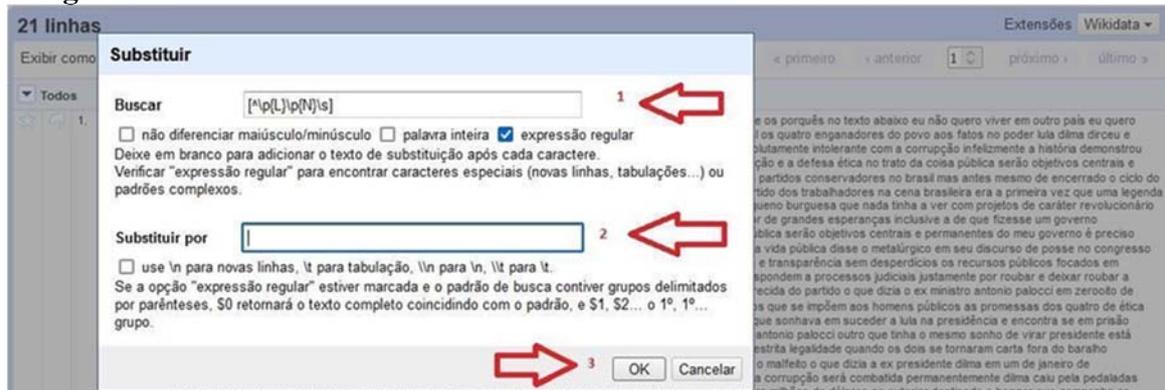


2º COLÓQUIO PPGH - UEPG EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES: 10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

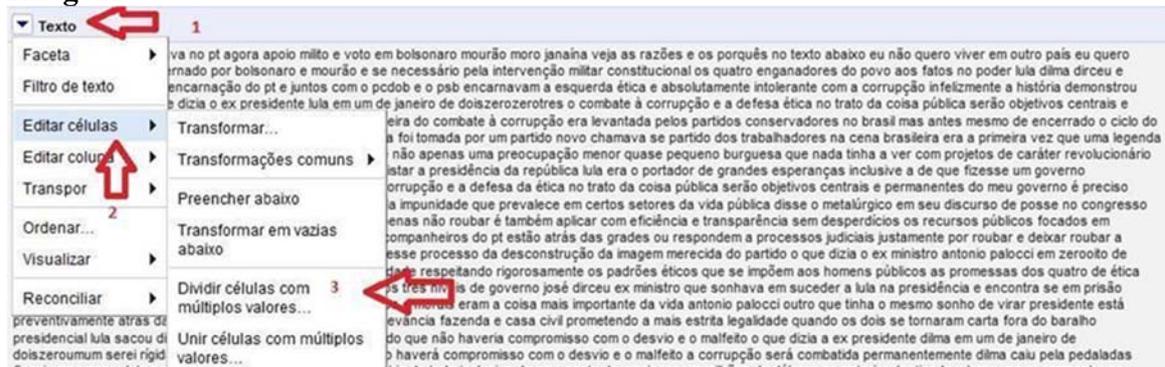
Imagem 5



Fonte: *print* da tela do programa *OpenRefine*.

Na função busca colocamos o comando `[^\p{L}\p{N}\s]`, quer dizer tudo que não for `\p{L}` - letras, `\p{N}` - dígitos e `\s` - espaço em branco serão excluídos da base de dados, importante selecionar a opção “expressão regular”. Assim, estamos prontos para deletar outros elementos indesejados para nossa análise.

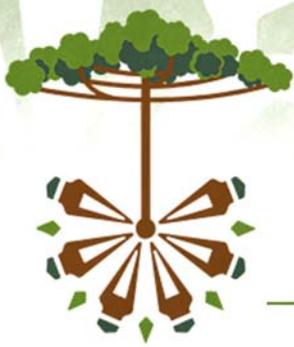
Imagem 6



Fonte: *print* da tela do programa *OpenRefine*.

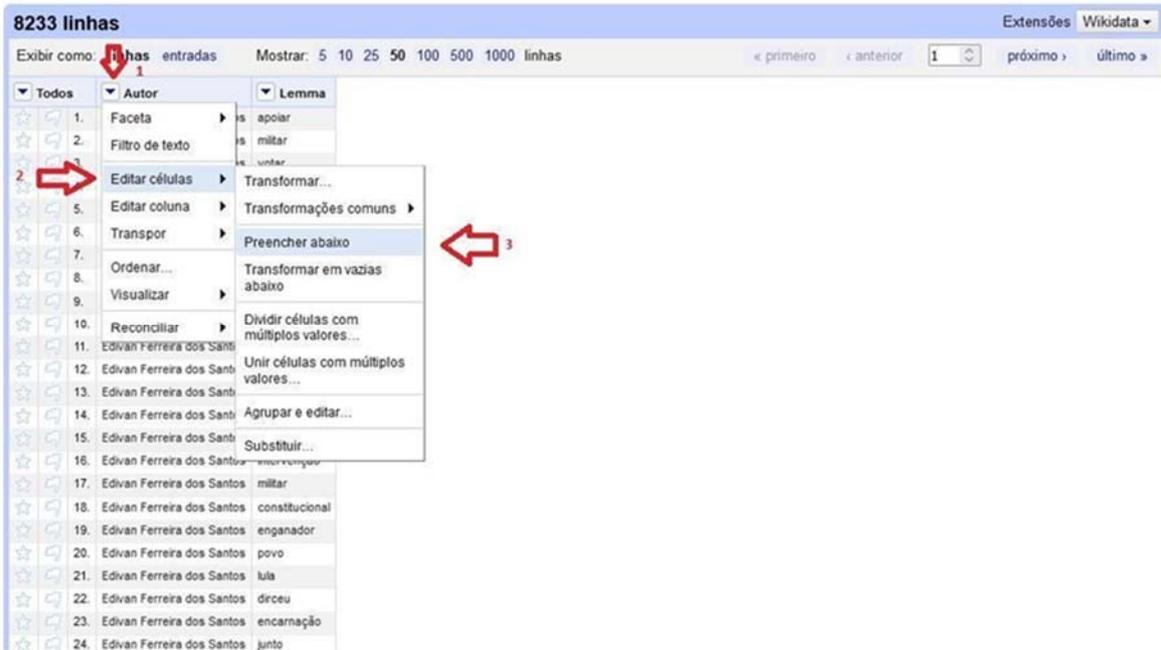
Comando dividir células com múltiplos valores irá distribuir o texto em uma palavra por linha, assim podemos começar o processo de conexão entre o autor e o lema. Para isso, primeiro devemos executar o comando preencher para baixo que irá acrescentar os nomes dos autores em todas as linhas criadas a partir da divisão das células. Isso permitirá criar uma relação entre o lema das palavras e o que o autor ou autora escreveu. Para preencher os campos vazios clicamos na aba autor, editar células e preencher para baixo, como exemplificado na imagem abaixo.

Imagem 7



2º COLÓQUIO PPGH - UEPG EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES: 10 ANOS DE PPGH

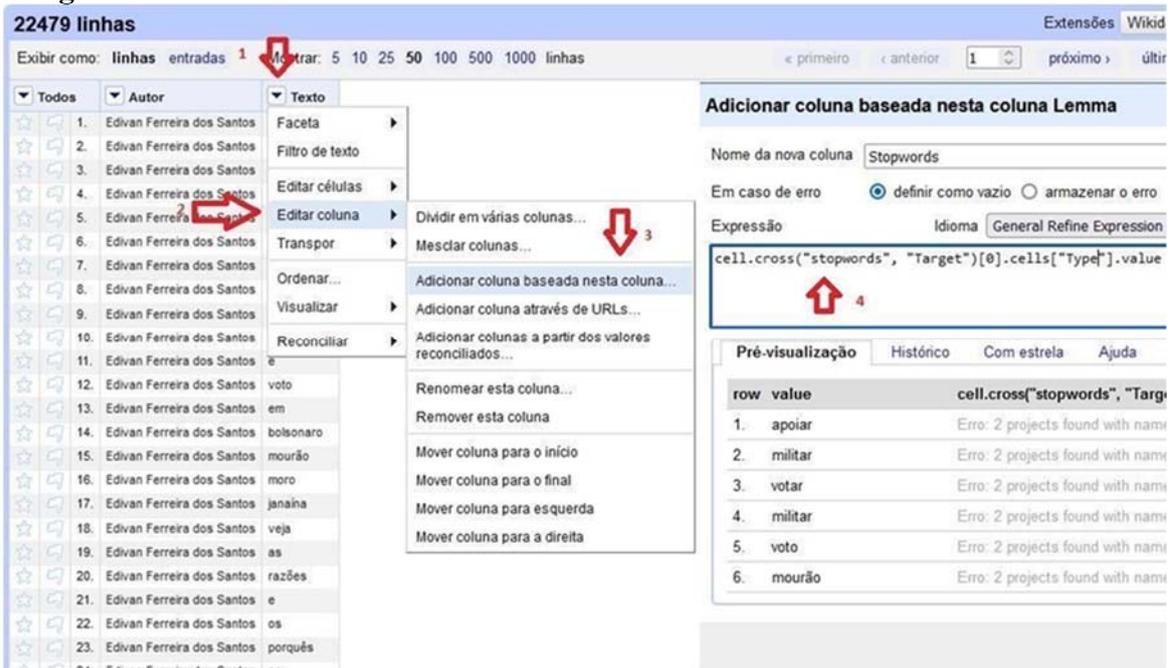
Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: *print* da tela do programa *OpenRefine*.

Ao fundo da imagem podemos verificar como estão as células distribuídas em linhas e o preenchimento de todas as linhas como o autor(a) responsável pela postagem. Na próxima ilustração, exemplificamos como ocorre o trabalho de criação de uma coluna como referência para procedimentos posteriores.

Imagem 8





2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

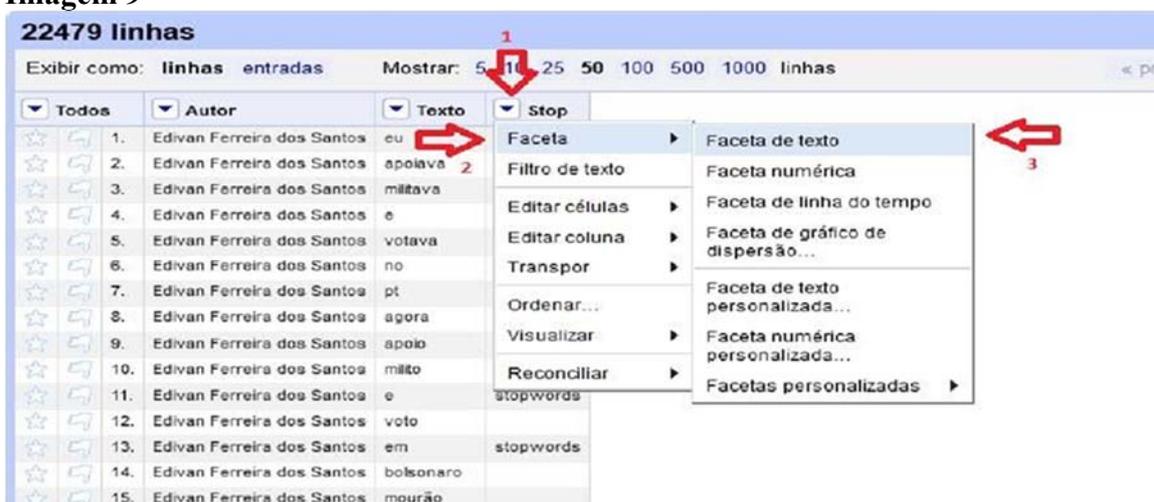


Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Fonte: *print* da tela do programa *OpenRefine*.

Realizamos apenas uma mudança de comando, quando no passo 3 clicamos em adicionar coluna baseada nessa coluna. A primeira coluna a ser adicionada é a *stopwords*, para isso usamos outro projeto contendo os dados que utilizaremos nessa etapa. Por meio do comando “`cell.cross("projeto", "ligação")[0].cells["valor"].value`”, como mencionado no item 4 da imagem, indicamos qual projeto iremos utilizar como base, qual coluna estabelecerá a ligação e qual coluna será recuperada. O comando tem a função de eliminar palavras que não possuem sentido para a produção da análise, portanto, após o processo a coluna gerada pelo comando deve ser deletada.

Imagem 9



Fonte: *print* da tela do programa *OpenRefine*.

Seguindo o tratamento das fontes, iniciamos a partir da faceta de texto o filtro do que será excluído. Aqui o sistema gera uma nova página com informações que não possuem significado, portanto, podemos excluir esses dados sem comprometer as informações das fontes.

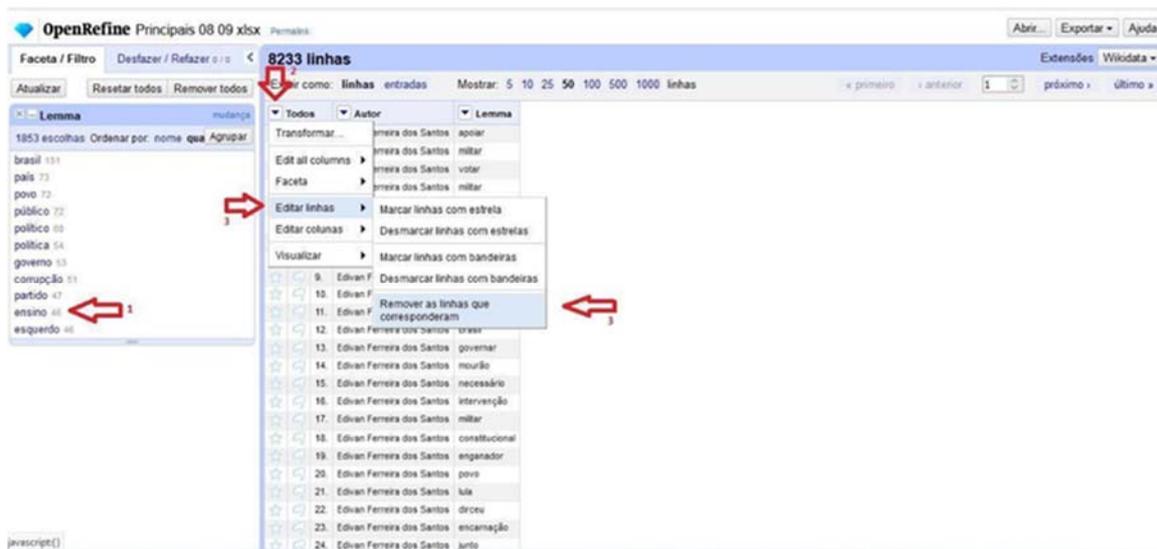
Imagem 10



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: *print* da tela do programa *OpenRefine*.

A imagem demonstra como visualizamos a interface após executar o comando Faceta de texto, aqui começamos, efetivamente excluir as linhas que não vamos usar, para isso selecionamos no canto esquerdo o item desnecessário, seguimos os passos da imagem até remover as linhas. Com isso, os objetos daquelas linhas deixaram de fazer parte do corpo do texto que será analisado.

Imagem 11



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Adicionar coluna baseada nesta coluna Texto

Nome da nova coluna

Em caso de erro definir como vazio armazenar o erro copiar valor da coluna original

Expressão Idioma Não há erro de sintaxe.

Pré-visualização Histórico Com estrela Ajuda

row	value	cell.cross("dicionario", "PALA ...
1.	apoiava	apoiar
2.	militava	militar
3.	votava	votar
4.	pt	null
5.	milito	militar
6.	voto	voto

OK Cancelar

Fonte: *print* da tela do programa *OpenRefine*.

Excluído todos os objetos indesejados, criamos a coluna LEMMA na qual todas as palavras são reconhecidas pelo lema, por exemplo, os verbos são traduzidos para o infinitivo o que permite agrupar diferentes temporalidades verbais em uma mesma célula. Para finalizar, após os processos mecânicos realizamos uma leitura atenta para excluir possíveis elementos textuais que não possuem relevância para esta pesquisa, mas que podem interferir na construção da análise.

2. Algumas considerações

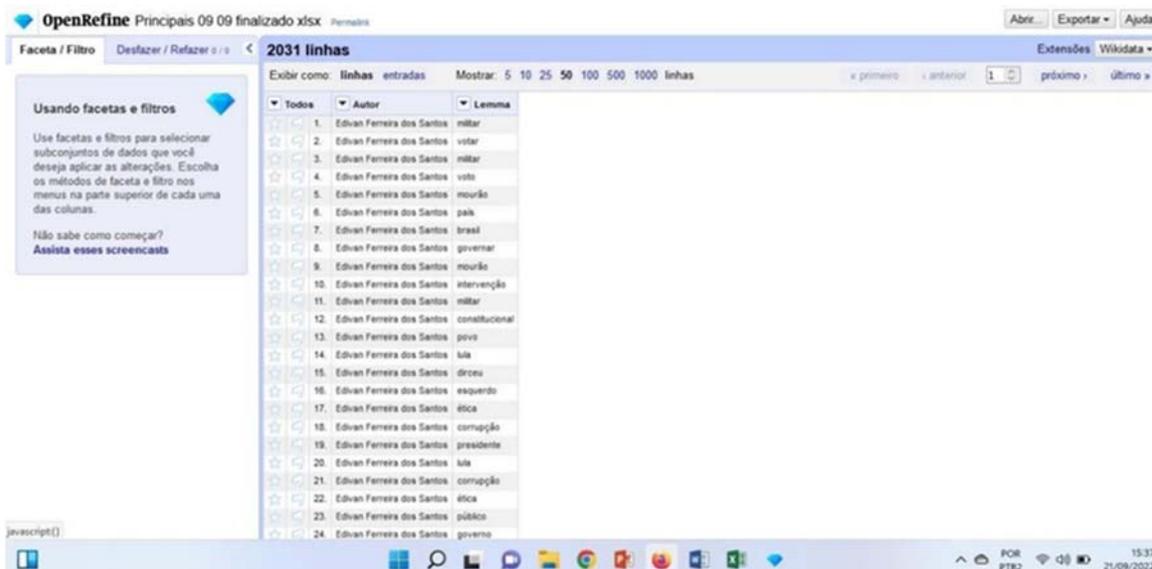
Após aplicarmos os comandos mencionados ao longo do capítulo anterior, o resultado do processo é uma tabela contendo duas colunas, em que na primeira encontramos o autor e a segunda indica o lema correspondente as palavras utilizadas no texto. A próxima imagem representa, justamente, a configuração do trabalho realizado.

Imagem 12



2º COLÓQUIO PPGH - UEPG EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES: 10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Fonte: *print* da tela do programa *OpenRefine*.

Com a exclusão dos itens não textuais e elementos ou palavras que não agregam valor ao texto, temos uma fonte pronta para utilizar em softwares que permitam visualizar conexões, frequências, comunidades semânticas, entre outros. Assim sendo, o *OpenRefine* é uma ferramenta que facilita o trabalho do pesquisador ou pesquisadora, pois por meio da organização demonstrada permite elaborar conexões que não são possíveis sem o auxílio de programas mediados por computadores, nos permite transformar uma vasta base de dados em material analisável, contribuindo de forma significativa para que encontremos sentidos diversos ao texto trabalhado. Portanto, defendemos que o *OpenRefine*, se bem utilizado, é uma ferramenta extremamente relevante na construção de um banco de dados utilizável como fonte para pesquisa no campo da história, pois permite desvendar.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*; Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Ed. edições70, 1977.

CONSTANTINO, S. D. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, vol. XXVIII, n. 1, 2002, p. 183- 194

GALLINI, S; NOIRET, S. La historia digital en la era del Web 2.0. Introducción al dossier Historia digital. *Historia Crítica* N°. 43, Bogotá, enero-abril 2011, 260 pp. ISSN 0121-1617 p. 16-37

LÉVY, P. *Cibercultura*; tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, n° 74, 2017.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

ROSENZWEIG, R. Escassez ou Abundância? Preservando o passado na era digital. *American Historical Review* v. 108, n 3, p. 735-762, 2003.

SADDI, R. Didática da história como sub-disciplina da ciência histórica. *História & Ensino*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**A DESCRIÇÃO DA PAISAGEM E O REGIONALISMO EM O
DRAMA DA FAZENDA FORTALEZA (1941)**

PAULA, Thiago de¹

¹Programa de Pós-graduação em História; Departamento de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa

O presente trabalho apresenta possibilidades de pensar a paisagem a partir de determinados prismas do conhecimento e como ela pode ser refletida, na perspectiva da escrita literária paranaense do início do século XX, como uma ferramenta de construção de narrativas regionalistas e legitimadoras de discursos hegemônicos centrados numa visão que coloca a conquista branca dos Campos Gerais Paranaenses como um símbolo de progresso. Nesse sentido, propõe, também, discutir sobre como o romance histórico *O Drama da Fazenda Fortaleza* (1941), de David Carneiro, pode ser ilustrativo enquanto uma narrativa que expressa um projeto político e historiográfico contextuais ao autor.

1. Discutindo a paisagem

Majestosos pinheiros, uns isolados, outros em grupos de três ou quatro, a se erguerem do seio das culturas rasteiras e dando a tudo um cunho da mais poética perspectiva europeia. (Taunay, 1923)

Uma praia com areia fina e mar de azul cristalino; Uma metrópole feita de arranha-céus que se avizinham criando verdadeiros paredões de concreto e metal; Um polo industrial cujo horizonte está torpe devido a altos níveis de poluição; Paisagens são elementos constitutivos da percepção humana com relação ao ambiente em que vivemos. Não somente isso, paisagens podem servir como referenciais geográficos, cartões-postais, delimitação territorial, podem ser reais ou imaginadas, servindo como cenário de tramas no cinema ou na literatura.

Discutir as percepções diversas acerca das paisagens nas mais variadas práticas ou sociedades fez com que elas se tornassem objeto de análise e discussão em diversas áreas do conhecimento humano.

Em uma perspectiva fenomenológica, o antropólogo britânico Chris Tilley entende a paisagem como uma forma particular de ver o mundo. As representações literárias e artísticas sobre as paisagens, teriam suas origens a partir das pinturas renascentistas e trariam consigo todo um ideário ocidental que permanece até os dias de hoje. Para o estudioso, a pertinência de refletir sobre as paisagens se dá pela possibilidade de conceituá-las como sendo *vividas, mediadas, trabalhadas e alteradas, repletas de significado e simbolismo*. Mais que contemplá-las como mera representação estática de um lugar ou região, as paisagens devem ser vistas como meios de constituição de identidades pessoais e sociais. *Quando as pessoas pensam em suas identidades sociais, culturais ou individuais, elas inevitavelmente as associam a um cenário, as imaginam e se sentem localizadas*. (TILLEY, 2014, p. 50)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Tal reflexão nos permite pensar a paisagem de forma dinâmica, como algo que está em constante transformação. Ao passo que ela é importante meio de construção de identidades, a paisagem também é constantemente construída. Por vezes ela é questionada e disputada, por vezes legitimada. *Mental e material, simbólico e prático, selvagem e doméstico, tudo constitui paisagens, coleções de estruturas e significados vinculados à uma localidade.* (TILLEY, 2014, p. 51)

Nesse sentido, a bióloga Marcela Kropf considera que a paisagem é resultado da interação entre processos naturais e atividades humanas e algo também em constante transformação. *São dinâmicas e mudam conforme os sistemas socioeconômicos e biofísicos, evoluindo em várias escalas espaciais.* Paisagens seriam intrinsecamente culturais e permeadas por questões sociais e econômicas de determinado recorte espacial ou temporal. A paisagem possuiria, portanto, historicidade, sendo importante elemento de *compreensão da história humana, da organização espacial humana ou animal, padrões de ocupação, demografia, mobilidade, fluxos migratórios, etc.* Para Kropf, paisagens são impregnadas de passado e perceber sua historicidade é entender o encontro das paisagens com a intencionalidade humana. (KROPF, 2020, p. 3)

Na literatura, a descrição do ambiente é, em geral, parte essencial da construção de narrativas. Grande parte dos romancistas dedicaram preciosa atenção e algumas tantas páginas de suas obras na descrição do ambiente onde a trama se desenvolve.

Assim como qualquer outro aspecto do processo criativo na literatura, descrever o ambiente onde a trama se passa é também inventá-lo, construí-lo, delimitá-lo. E delimitar é separar em áreas, estipular limites espaciais, estabelecer fronteiras e, dessa forma, criar uma região com características próprias, singulares, expressas por essas mesmas paisagens que criam vínculos de localização e percepção. Considerando o que nos aconselha o antropólogo Chris Tilley e a bióloga Marcela Kropf, em uma perspectiva historiográfica, devemos entender a paisagem como um elemento construído através de narrativas que não são inocentes ou descoladas da sociedade.

Perceber de que forma os ambientes são construídos nas narrativas, o que eles mostram e o que ocultam, pode revelar mais que o próprio ambiente descrito. Narrativas históricas, como o romance histórico - estilo literário que será abordado no presente trabalho - trazem consigo a possibilidade de percebermos como se deram as transformações no ambiente de determinada região e como essas transformações foram compreendidas pelo autor da narrativa, evidenciando, dessa forma, as marcas do tempo em que a narrativa foi produzida, as intencionalidades do autor, as nuances estéticas bem como as ideologias. A narrativa proporciona, através da descrição da paisagem, uma permeabilidade das questões conjunturais que o autor traz em sua escrita, seja explícita ou implicitamente.

2. A construção dos Campos Gerais em *O Drama da Fazenda Fortaleza*

No caso do romance histórico *O Drama da Fazenda Fortaleza* (1941), o autor - David Carneiro - constrói o palco da trama literária com base na fonte histórica da qual se alimenta: os relatos de viagem do botânico francês Saint Hilaire, escritos durante sua passagem pelos Campos Gerais Paranaenses no início do século XIX.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

A primeira coisa apresentada por David Carneiro ao leitor de *O Drama da Fazenda Fortaleza* é o espaço urbano mais próximo da fazenda onde se desenrola a sua trama. A vila de Castro de 1820.

Em pouco mais que uma página, David Carneiro descreve a localização da vila em relação ao Rio Iapó, as características da vegetação ao seu entorno marcada pela presença das Araucárias e um pouco sobre a fundação da vila, em 1788, pelo capitão general da capitania de São Paulo, José Bernardo de Lorena. (CARNEIRO, 1941, p. 9)

A seguir, apresenta ao leitor os relatos de Saint Hilaire sobre sua passagem por Castro em 1820. David Carneiro mostra a fonte histórica da qual alimenta seu texto e a deixa falar, de forma a corroborar com sua modesta apresentação de Castro.

O recorte que David Carneiro apresenta ao leitor se resume a uma sucinta descrição do meio ambiente, a uma pequena ponte de madeira quebrada sobre o Rio Iapó e à existência de uma centena de casas que formavam três ruas. (CARNEIRO, 1941, p. 10)

A Castro de 1820 construída por David Carneiro com base nos escritos de Saint Hilaire remete o leitor a uma pequena vila com três ruas, compostas por cerca de cem casas, envoltas pela mata nativa de onde se destaca a grandiosa Araucária e transpassadas pelo Rio Iapó. Junto com a apresentação dos relatos de Hilaire, ou seja, da fonte histórica, David Carneiro justifica que

Em Castro, e nesse ano de 1820, verificam-se as primeiras cenas desta história que é real, e que constitui o mais emocionante dos romances da antiga comarca de Paranaguá e Curitiba, depois segunda e mais tarde quinta comarca de São Paulo, enfim transformada em Província do Paraná. (CARNEIRO, 1941, p. 10)

A pequena Vila de Castro, lar de não mais que 100 famílias, encontra-se em meio à uma paisagem selvagem, onde a presença constante de índios Caingangues aterrorizava a comunidade local. David Carneiro é enfático, em sua narrativa, em pontuar que, não fosse a ocupação fundiária e a expansão branca liderada pelo coronel José Felix da Silva, personagem histórico apropriado e desenvolvido em sua trama, não haveria nenhuma civilização naquele lugar.

Outros ambientes e paisagens são descritos por David Carneiro. Entre eles, Guarapuava, Paranaguá, Curitiba, a Fazenda Fortaleza nos arredores da Vila de Castro, a natureza e suas características e identidades próprias.

Curitiba naquele tempo pouco diferia da cidade de hoje, e os arredores sempre foram magníficos. Do alto da colina onde está a capela de SÃO FRANCISCO vê-se no horizonte, em semi círculo, a serra de Paranaguá, com seus cumes arredondados, alternando-se em picos que apontam para o céu como as pirâmides antigas. O plano ondulado apresenta uma agradável alternativa de pastagens verdejantes e de capões escuros, no meio dos quais os pinheiros sempre aparecem com os seus característicos perfis. À esquerda via-se, à entrada do mato, um tanque rodeado de casas, e ao longe a paróquia de SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. (CARNEIRO, página 90. 1941)

Mas nenhuma narrativa é inocente. Narrativas são capazes de conectar eventos e dar-lhes sentido. A descrição de paisagens, como argumentado anteriormente, identifica



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

e localiza a trama literária e pode ser uma forma de percebermos transformações ambientais, culturais, sociais, etc. Além disso, um mesmo recorte temporal e espacial pode apresentar diferentes paisagens conforme a narrativa ou o sujeito que buscou representá-la. (CRONON, 1992).

Ubicado en un contexto histórico e ideológico particular, ningún grupo de argumentos es inocente: ambos tienen agendas ocultas que influyen en lo que la narrativa incluye y excluye. Tan poderosas son estas agendas que ni siquiera los historiadores como autores las controlan completamente. (CRONON, página 36. 1992)

Partindo desta reflexão, podemos argumentar que tanto a trama criada por David Carneiro quanto a paisagem descrita por ele são importantes meios de compreensão de como sua narrativa foi construída com base em uma argumentação que é permeada por intencionalidades, ideais, um modo particular de ver o mundo característico do contexto social e cultural no qual o autor está inserido e, não menos importante, que traz consigo evidências de um projeto político de construção do Paraná.

David Carneiro era um proeminente representante do chamado Movimento Paranista e, como tal, preocupou-se em representar as características regionais particulares do Paraná, construindo símbolos, atribuindo costumes e um modo de vida peculiar à sua argumentação. No início do século XX, o Movimento Paranista reuniu intelectuais e artistas dedicados à construção identitária dos paranaenses. Através do teatro, arquitetura e das produções textuais científicas ou literárias, os paranistas vincularam animais, plantas e o próprio relevo como características próprias de uma região⁴³.

A presença da Araucária em todos os ambientes, por exemplo, é de uma força simbólica capaz de delimitar a região descrita por David Carneiro. É como se ela fosse a responsável por caracterizar a paisagem dos Campos Gerais Paranaenses, como se fosse capaz de, através de sua presença, discernir o Paraná de outros Estados.

Como sabemos a Araucária não está presente somente no território paranaense, assim como a gralha-azul ou a erva mate - outros símbolos apropriados pelos paranistas. Por esse motivo, recorrer a esses elementos simbólicos como meio de identificação de uma região demonstra a intencionalidade do autor em definir suas fronteiras, criando uma narrativa histórica com eventos e personagens singulares. Doravante, a descrição da natureza selvagem porém fértil e propícia para o cultivo da terra pelas mãos brancas e civilizadas formam a paisagem dos Campos Gerais Paranaenses na narrativa de Carneiro.

David Carneiro era considerado, na capital paranaense da década de 1940, um porta voz do positivismo. Oferecia cursos no museu que era de sua propriedade sobre a Religião Humanista de August Comte. Apesar de crítico ao trabalho escravo e outras formas de violência, o historiador pensava não só o Paraná como a própria história da humanidade na perspectiva positivista comtiana do progresso.

⁴³ Ver mais em PEREIRA, Luis Fernando Lopes. Paranismo: Cultura e imaginário do Paraná da I república (1996). MACHADO, Daiane Vaiz. O percurso intelectual de uma personalidade curitibana: David Carneiro (2012).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Se Saint Hilaire demonstrava sua expectativa com relação à ocupação e a produção agrícola na região, no contexto da virada do século XVIII para o XIX, David Carneiro reproduziu essa mesma visão em seu romance. Era, portanto, um ambiente que estava à espera da domesticação. Um ambiente onde terras intermináveis estavam *disponíveis* à ocupação branca. (CARVALHO; RUNDVALT, 2017, p. 11)

Em sua trama, David Carneiro relata episódios de genocídio indígena, de escravidão e de violência ambiental, comuns ao contexto de ocupação via guerra de conquista de que foi palco a região hoje denominada Paraná³. Essas ações são condenadas até certo ponto, enfatizando-se a distância temporal entre os acontecimentos representados e a escrita do romance. Mas, em contrapartida, são justificadas e legitimadas pela necessidade de ocupação branca que se mostrava à David Carneiro como sendo uma missão da sociedade civilizada. A missão do progresso.

O ambiente em que José Felix agiu, cresceu e foi útil, TIBAGÍ termo dos Campos Gerais que SAINT'HILAIRE considerava como paraíso terrestre pela beleza, e deserto agreste pela solidão e selvaticidade das impressões que causara; TIBAGÍ, região que herda o nome do rio diamantífero cujas águas refrescam a verdura de um vale riquíssimo e fértil, de campos e matos, imensos na extensão, e imensos na esperança que neles ainda depositamos. (CARNEIRO, página 261. 1941)

Para David Carneiro, José Felix da Silva, conquistador responsável pelo extermínio indígena na região e pelo estabelecimento da Fazenda Fortaleza, considerada marco inicial dos Campos Gerais Paranaenses na perspectiva do mesmo, seria um dos *mais bravos desbravadores da região*, cabendo a este personagem lutar contra os *ferozes coroados ou caingangues* (CARNEIRO, 1941, p. 265) O autor recorre à sua fonte para corroborar o discurso hegemônico transcrevendo as palavras de Saint-Hilaire.

Então, esse lugar era apenas frequentado pelos selvagens (...) vários agricultores fixaram-se nos arredores, encorajados pelo másculo exemplo do primeiro explorador (...). Fortaleza, era na época da minha viagem, a fazenda mais enfiada nas terras ocupadas pelos selvagens, que frequentemente cometiam desordens mas eram perseguidos e mortos. (CARNEIRO, 1941, p. 268-269)

Os relatos de Saint-Hilaire foram produzidos, em conjunto com outros relatos de viajantes estrangeiros, em um contexto de abertura do país e revelam um processo de registro de informações sobre a América com objetivo de produção de enciclopédias para estudos na Europa. Tais relatos, produzidos mais frequentemente após a vinda da coroa portuguesa ao Brasil, refletem projetos de exploração e formas de adquirir conhecimento. No entanto, os relatos do viajante francês jamais foram questionados e problematizados na narrativa literária de David Carneiro, considerando os 121 anos que separam as duas narrativas. Ao contrário, foram defendidos, corroborados e legitimados, o que demonstra as nuances e ideais políticos presentes na literatura de David Carneiro, afinal tratava-se de um intelectual filho de família de industriais da erva-mate e pertencente, portanto, à elite fundiária paranaense.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

3. Conclusão

A literatura, hoje, é vista como um prato cheio de possibilidades para historiadores e historiadoras. Sendo referências bibliográficas ou mesmo fontes primárias, obras literárias são tidas como importantes ferramentas para a compreensão de aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos, religiosos não só da época que buscam representar em suas narrativas como do próprio tempo em que foram produzidas.

Em romances históricos, como *O Drama da Fazenda Fortaleza*, a análise se torna ainda mais instigante. Adiciona-se o elemento da intencionalidade do autor em remeter sua narrativa ao real, ao mundo concreto dos acontecimentos. Fatos que possuem certo grau de verificabilidade conferidos pela utilização de fontes históricas.

Romances históricos geralmente têm suas narrativas associadas à fontes históricas das mais variadas naturezas e que contenham a capacidade de afirmar essa ideia de verdade, de fato concreto ocorrido no mundo real.

Perceber a escrita literária como produto de um sujeito localizado numa determinada época, local e contexto é compreender que um romancista não produz sua obra do vazio, isolado da sociedade que o circula e na qual está inserido. Nesse sentido foi proposto perceber os esforços no sentido de construir uma região idealizada que se mostram presentes na ficção de David Carneiro e também como essa região construída pelo autor revela uma legitimação da ocupação fundiária dos Campos Gerais por uma elite branca através da Guerra de Conquista, revelando um ideário positivista baseado na ideia de progresso.

Dentro dessa produção intelectual positivista e regionalista do início do século XX, símbolos paranaenses como a Araucária remetem tanto às características físicas da paisagem como à ideia de progresso, já que esse tipo de vegetação, nos anos de 1940, foi utilizada amplamente pela indústria madeireira e papelreira, levando em conta que o agronegócio só substituiu essas economias de maneira significativa partir dos anos de 1960.

Nas primeiras décadas do século XX, a Araucária passou a representar não somente as peculiaridades das florestas locais, mas, igualmente, a industrialização crescente e o próprio progresso do Paraná que estariam respaldados nos recursos naturais abundantes da região. É bastante plausível realizar a conexão entre um quadro de crescente inserção de intelectuais e romancistas paranaenses no cenário nacional com uma paulatina industrialização do Paraná e, também, com o desenvolvimento do mercado editorial. Durante os anos de 1939 e 1945, observa-se o início das atividades da indústria papelreira na região dos Campos Gerais paranaenses com a construção da fábrica de papel Klabin Monte Alegre. Em seus primeiros anos de funcionamento, a fábrica produzia papel do tipo imprensa capaz de abastecer o mercado interno brasileiro, que até então importava 100% deste produto⁵. As recém-criadas indústrias madeireiras e papelreiras, que durante os anos de 1940 utilizavam a araucária como recurso primário para produzir papel imprensa, refletem um ambiente nacional em processo de industrialização, oferecendo assim maiores possibilidades editoriais⁶.

O Drama da Fazenda Fortaleza foi construído por David Carneiro de modo a representar o que seria a região dos Campos Gerais paranaenses no contexto da virada do



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

século XVIII para o XIX, mas, além disso, revela muito das preocupações do próprio autor e levantam questões epistemológicas pertinentes ao contexto da própria escrita da obra, como por exemplo: a transformação do território em latifúndios ou a preparação desse território para a indústria da madeira e do papel e a visão de que isso seria o progresso; a ideia de um progresso linear e a transformação do ambiente como causa e consequência do progresso; a história do drama dos assentamentos e do heroísmo dos pioneiros.

Conclui-se, dessa forma, que a construção de uma paisagem idealizada numa perspectiva positivista de progresso perceptíveis no romance histórico *O Drama da Fazenda Fortaleza*, foi utilizada nos discursos produzidos por uma elite intelectual paranaense do início do século XX que buscou legitimar a conquista branca do território além de construir todo um imaginário de identidade regional que, em larga medida, serviu e ainda serve como referencial histórico da região⁴⁴.

Referências

- ALVES, Alessandro Cavassin. *A província do Paraná (1853-1889) A classe política. A parentela no governo*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba - Paraná, 2014;
- BERND, Jorge Antonio; CELLA, Thiana Nunes; SANTOS, Fábio Luis dos. O romance histórico paranaense: Perspectivas e pluralidades, primeiras impressões. *Revista Entreletras*. Araguaína - Tocantins, 2020;
- BRAGUETO, Cláudio Roberto. O processo de industrialização do Paraná até a década de 1970. *Revista Geografia*. Londrina - Paraná, 1999;
- CARNEIRO, David. *O Drama da Fazenda Fortaleza*. Dicesar Plaisant. Curitiba, 1941;
- CARVALHO, Alessandra Izabel. RUNDVALT, Darcio. Narrando a Paisagem: Os Campos Gerais Do Paraná Em Três Relatos De Viagem Do Século XIX. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 6, n. 1, p. 69-94, jan-abr, 2017;
- COMTE, Augusto. *Discurso preliminar sobre o espírito positivo*. Escala. São Paulo.
- CORDOVA, Maria Julieta Weber. *Tinguis, pioneiros e adventícios na mancha loira do sul do Brasil: O discurso regional autorizado de formação social e histórica paranaense*. Biblioteca de Ciências Humanas e Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba - Paraná, 2009;
- CRONON, William. A place for Stories: Nature, History and Narrative. *The Journal of American History*, v. 78, n. 4, p. 1347-1376. 1992;
- FERNANDES, Hellê Vellozo. *Monte Alegre: cidade papel*. Klabin-PR. Curitiba, 1974;

⁴⁴ Ver mais em Julieta Weber (2009); Bernd e Cella (2020).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



MACHADO, Daiane Vaiz. *O percurso intelectual de uma personalidade curitibana: David Carneiro*. Biblioteca de Ciências Humanas e Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba - Paraná, 2012;

MOTA, Lúcio Tadeu. A guerra de conquista nos territórios dos índios Kaingang do Tibagi. *Revista de História Regional*. Universidade Estadual do Paraná. Ponta Grossa – Paraná, 1996;

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 68, 2010.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba - Paraná, 1996;

TAUNAY, Alfredo M. A. d'Escragnolle. *Viagem Philosophica aos Campos Geraes e ao sertão de Guarapuava*. In TAUNAY, Alfredo M. A. d'Escragnolle. *Visões do Sertão*. São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, p. 69-155.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**ANÁLISE DO USO HISTÓRICO DA REPRESA ALAGADOS EM
PONTA GROSSA (PR), NO PERÍODO DE 1950 A 2000, E OS
POSSÍVEIS EFEITOS AO MEIO AMBIENTE.**

LISBOA, Willian Mateus

Situado na região limítrofe dos municípios paranaenses de Ponta Grossa, Castro e Carambeí, a represa do Alagados foi criada em função da construção de uma barragem no rio Pitanguí, em 1929, com o objetivo de geração de energia elétrica pela Companhia Prada de Eletricidade S/A. Em 1974 a represa passou a ser administrada pela Companhia Paranaense de Energia - COPEL, no mesmo ano a Companhia de Saneamento do Paraná – SANEPAR, recebeu outorga para explorar a região. Este estudo busca analisar como tem sido o uso histórico da Represa Alagados, para fins de lazer, moradia, pecuária e agricultura, e como essas práticas interferiram na paisagem socioambiental da região. Para isso, é necessário analisar a presença do Iate Clube Ponta Grossa nas margens do reservatório, e as demais propriedades que infringiram os códigos ambientais sobre as áreas de preservação permanente, pois muitas edificações não apresentam precauções sanitárias, o que levou à contaminação do reservatório por dejetos. O período investigado, apresenta alterações significativas na legislação ambiental, também como na administração da represa que passou a ser controlada pelo governo estadual. Por esse motivo é necessário investigar como foi realizada a gestão ambiental, se eram realizados monitoramentos e manutenções do ecossistema, quais foram os impactos causados, tanto pela ocupação humana, como pela introdução de espécies exóticas na região. Busca-se problematizar a presença humana em torno do manancial por meio do referencial teórico da história ambiental.

1. Introdução.

Nos primórdios da criação das primeiras sociedades humanas, um fator importante para seu florescimento e manutenção, foram as relações construídas com a água e com o meio aquático, mais especificamente com os rios. Seja o Rio Ganges, Yang Tse, Tigre, Eufrates, Amazonas, ou qualquer uma das centenas de milhares de cursos de água, as populações humanas utilizaram e extraíram esses recursos para acabar com sua sede, fome, para irrigar seus campos, nas suas práticas de lazer, higiene, e deram papel de destaque a água em sua cosmogonia.

A capacidade hídrica de uma nação é fator de extrema importância em seu desenvolvimento, ainda mais no mundo globalizado onde a água se torna *commodity*. Essas novas interações globalizadas em relação a recursos naturais, crescem cada vez mais, e manifestam-se em novas formas de imperialismo, guerras de proxy e privatizações de fontes naturais por megacorporações.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Segundo o PNUMA⁴⁵, de toda a água presente no planeta Terra, apenas 3% são de água doce, dentro dessa porcentagem menos 1%, ou 200.000 km³, se encontra em rios, lagos e reservatórios, ou seja, apenas uma fração de toda a água presente no planeta Terra está disponível em localização que permita a fácil captação e distribuição.

Tomando em conta que, nos últimos 50 anos a população mundial triplicou, somada as projeções de que até 2050 o planeta contara com a presença de 9 bilhões de seres humanos, a escassez de água torna-se pauta indispensável na discussão das relações humanas com os sistemas naturais, porém devemos reconhecer que, o problema não reduzido apenas a quantidade massiva de seres humanos, afinal “A Terra tem o suficiente para todas as nossas necessidades. Mas, se você quiser uma casa na praia, um apartamento na cidade e um Mercedes-Benz, não tem para todo mundo” (KRENAK, 2020, p.65), ou seja, o problema da escassez hídrica está fortemente ligado a extração excessiva e insustentável da água, de acordo com o relatório da Comissão Internacional de Barragens, mundialmente, 67% da água é retirada para uso na agricultura⁴⁶, a indústria utiliza 19%, já o uso doméstico fica em apenas 9%, o relatório ainda indica que 5% da água é “consumida” pela estiagem e/ou a presença de reservatórios em locais de clima seco.

O panorama brasileiro em relação a utilização e captação da água também é preocupante, tendo em conta que o Brasil é o país que conta com 17% das fontes e reservatórios de água doce do mundo⁴⁷, é possível constatar um descaso com a qualidade e preservação de rios, lagos e aquíferos. De acordo com o Atlas Águas 2021, produzido pela Agência Nacional de Saneamento Básico (ANA), 44% das sedes urbanas brasileiras apresentam mananciais com algum tipo de vulnerabilidade hídrica, além disso 128,1 milhões de brasileiros estão em situação de segurança hídrica média ou baixa. De acordo com levantamento da ONG, SOS Mata Atlântica, apenas 46% do esgoto brasileiro é tratado, o que resulta no dado de que 60% das doenças que causam internação, no SUS, decorrem da contaminação da água, seja essa por metais pesados, dejetos orgânicos, ou agrotóxicos⁴⁸.

Além dos problemas como o extrativismo insustentável, a poluição e o descaso com os recursos naturais, devemos enfrentar também as consequências do aquecimento global.

Em 167 dos maiores lagos do planeta- aí incluídos os Grandes Lagos, o Tahoe (Califórnia), o Baikal (Sibéria) e o Tanganika -, constata-se um aquecimento entre 1985 e 2009, de até 2,2 °C, o que é, em alguns casos, uma taxa de aquecimento até sete vezes superior à da atmosfera na mesma região e período. (MARQUES, 2011, p. 122).

Esse que está fortemente ligado a emissão massiva de gás carbônico, principalmente de indústrias e da pecuária, que ao acender a atmosfera, prende os raios

⁴⁵ Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/explore-topics/water/about-agua>. Acesso: 27/05/2022.

⁴⁶ Segundo o mesmo relatório, a situação se agrava na América Latina, onde em média, a agricultura chega a utilizar anualmente 85% do volume de água retirado de reservatórios, rios, lagos, etc.

⁴⁷ Dams and development: a new framework for decision-making. (2000).

⁴⁸ Disponível em: <https://www.sosma.org.br/causas/agua-limpa/>. Acesso: 28/05/2022.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

de luz solar, que acarretam o aquecimento não natural do globo, que conseqüentemente agrava efeitos climáticos como secas e estiagens.

A partir do que foi posto, fica claro a necessidade do debate em torno da utilização dos recursos naturais, mais especificamente da água, é necessária a inserção do discurso historiográfico junto aos campos da Biologia, Geografia e Química. A partir disso, o referencial teórico metodológico utilizado para a realização dessa pesquisa, assim como a análise de fontes, foi o da História Ambiental, esse que se caracteriza pelo diálogo interdisciplinar com diversas ciências, ficam aqui destacadas a Geografia, Biologia e Química, porém produções no campo da engenharia, turismo e economia tiveram papel importante na construção do presente trabalho.

Seguindo os preceitos de Drummond (1991), a região do Alagados foi focalizada, primeiramente, pela sua “identidade natural”, pois fica claro a ligação da população pontagrossense, com a localidade, afinal desde o começo do século XX, antes mesmo de ser represado, o trecho do Rio Pitangui servia como local de lazer para os pescadores da região, a partir da década de 1950 com a fundação do Iate Clube Ponta Grossa, há uma ressignificação do local, onde o lazer, antes permitido a penas aos pescadores se torna uma atividade familiar. Essa ligação pode ser observada até os dias de hoje, principalmente se levarmos em conta as tentativas recentes do governo municipal em reconstruir uma identidade natural da cidade de Ponta Grossa, colocando o manancial do Alagados como atrativo turístico, junto do Parque Vila Velha, Buraco do Padre, etc.

Porém, para o local ganhar sua “identidade natural”, primeiramente deve perder seu *status* de natureza selvagem, ou seja, transformar-se naquilo que, Worster (2003); Arruda (2020), denominam de ecossistema domesticado, esse que seria o processo de reestruturação das dinâmicas naturais de um determinado ecossistema, ou conjunto de ecossistemas, com a finalidade de atender uma demanda humana. No caso da Represa do Alagados, fica implícita essa interferência a partir do momento que é construída uma Pequena Central Hidrelétrica na região, que apesar de ser considerada fonte de energia limpa, também acarreta mudanças massivas na fauna e flora da região. Recentemente é observado também o início de um novo processo transformatório, para adequar o Alagados a uma nova demanda humana do século XXI, o turismo vinculado a experiências na natureza.

2. Caracterização geográfica da Represa do Alagados.

A região da Represa do Alagados, se encontra no estado do Paraná, inserida na região dos Campos Gerais, seu reservatório se encontra em maior parte no Primeiro Planalto Paranaense, tem a coordenadas geográficas 24°52’ a 25°05’ de latitude S e 49°46’ a 50°06’ de longitude W de Greenwich, (UTM 592.000 a 624.000 e 7.226.300 a 7.249.800) (UEPG, 2002).

A região pontagrossense, de acordo com Leite; Adacheski e Filho (2011), a média pluviométrica anual da cidade é de 1.546mm. O clima da cidade segundo a classificação de Köppen é Cfb, ou seja, apresenta clima comum a regiões próximas a costa, invernos frios e verões frescos e curtos, os meses são sempre húmidos e com precipitação bem distribuída.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

As rochas da região são em grande parte da classificação sedimentar, ou seja, arenitos, esse que são quebrados com a força das águas e do rio, visto que Pontes (2010), apontam para a existência de diversos Sumidouros na região.

A vegetação pioneira é formada por vegetais arbustivo-arbóreos que formam a mata-ciliar do reservatório, assim como de seus afluentes, além disso podem ser encontradas plantas específicas de brejos nas regiões de baixa correnteza e/ou de diques sedimentares. Nas áreas campestres é comum a infiltração da água, assim podem ser encontradas diversas ervas, que também aparecem nos campos seco e nas áreas com maior concentração de rochas. (MORO, 2001). Além disso como a represa não está presente apenas no Primeiro Planalto Paranaense, existem locais onde há o encontro de vegetação específica do primeiro e segundo planalto, o que se caracteriza como área de tensão biológica (MORO, 2001, p. 16 *apud* LEITE; KLEIN 1990).

Além disso, na região existe trecho ferroviário, pertencente ao Tronco Principal Sul, mais especificamente o trecho norte, porém desde 2014 está interditado pelo Ministério Público do Paraná, devido a degradação dos trilhos.

3. Formação do Reservatório do Alagados

A utilização do Rio Pitangui para a geração de energia, é o fator que causa a formação da região, hoje, denominada de Alagados, em Ponta Grossa.

O início da utilização da sub-bacia do Alagados, para a geração de energia começa em 1911, com a construção da Usina Hidrelétrica do Pitangui, e conseqüentemente a barragem de um trecho do rio Pitangui, pela empresa Martins e Carvalho (SILVA, 1993). Construída pelo engenheiro Álvaro Martins, na região denominada Cachoeira, a represa foi construída em alvenaria de pedra e argamassa de cimento sobre rocha compacta, o local foi escolhido devido a grande quantidade de saltos, que chegavam a um potencial hidráulico⁴⁹ de até 42 metros (SOARES, 1989).

O jornal “O Progresso” de 22 de julho de 1911, parabenizava o engenheiro responsável, comemorava o progresso pontagrossense, visto que essa era apenas a segunda hidrelétrica a ser instalada no Paraná. Além disso, na mesma edição foram compartilhadas com a população as especificidades do projeto tão ambicioso. Na região foram escavados 9000m³ de Rocha Grê, para a instalação da barragem e do prédio da hidrelétrica, outra grande modificação foi o canal adutor, que com uma extensão de 880m era utilizado para retirar água do Rio Pitangui. Em uma análise do projeto, e de acordo com Johansen (2010), a cobertura vegetal da região não sofreu grandes danos em relação a construção da pequena central hidrelétrica, visto que apesar de grande avanço tecnológico na época, foi um projeto pequeno. Em relação a fauna piscícola, é possível afirmar que sim, houve conseqüências, mesmo que mínimas.

Em meio a disputas com a população em relação a qualidade dos serviços prestados, a empresa Martins e Carvalho, no ano de 1923, perde o direito de exploração energética da região, além do contrato firmado com a prefeitura de Ponta Grossa, assim

⁴⁹ Distância correspondente ao nível máximo operativo do reservatório e as turbinas hidráulicas, que convertem a energia hidráulica em energia cinética.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

a Companhia Prada de Eletricidade, vence a licitação e se torna a nova e única fornecedora de energia da cidade (LANGE, 1998). No ano de 1929, em situação de tensão com a população princesina, devido a má qualidade de seus serviços, a Prada inicia processos de expansão da região da Usina Hidrelétrica do Pitangui; até o final desse mesmo ano, a Barragem do Sumidouro já tinha recebido diversas expansões elevando sua crista⁵⁰ até a marca de 12 m.

Porém, nenhuma das medidas tomadas pela Prada surtiam efeito na qualidade de seus serviços prestados, o crescimento urbano e populacional, que aumentavam a demanda estava sempre um passo a frente das obras de infraestrutura. Assim, em 1935, para tentar responder de uma vez por todas ao problema de falta de luz em Ponta Grossa, foi inaugurada a Usina do Sumidouro, que foi construída em uma formação geológica de sumidouro, que foi dinamitado durante o processo de construção. Entretanto, ainda com a construção de uma nova usina, a Prada não conseguiu atender as demandas pontagrossenses em relação a energia, principalmente num período de rápida industrialização.

Seis anos após a sua última e fracassada tentativa de resolver de uma vez por todas o problema de escassez energética em Ponta Grossa, a Prada protocola um pedido direcionado ao ministério Divisão de Águas do Departamento Nacional da Produção Mineral, Ministério da Agricultura, para a construção de uma nova Hidrelétrica, que tem sua construção sancionada por Getúlio Vargas no dia 16 de janeiro de 1941. Com isso é construída a Usina Hidrelétrica São Jorge, que se aproveitaria de uma queda de 36 metros e uma descarga de 2.562 litros de água por segundo.

Além da construção da usina, a principal modificação na região, foi a massiva expansão do reservatório de água; assim o local, que a muitos anos tinha grande popularidade com os pescadores da região, se tornou local de lazer de todos os pontagrossenses, afinal, cria-se um grande lago, calmo, sem ondas, represado, muito mais seguro que os demais trechos do Rio Pitangui.

4. O Alagados após os anos 50

Esclarecido o processo de formação do Reservatório do Alagados, e tomando em conta que não houve grandes mudanças na infraestrutura da região em relação à geração de energia, se faz necessário discutir e debater o papel da ação antrópica na região após a abertura desse novo local de lazer.

De acordo com Rocha (1995), as relações fundiárias na região, também tiveram grandes mudanças na década de 50, pois até esse ano a região do Alagados e afluentes era dividida em três grandes fazendas, Santa Barbara, Boa Vista e Pinheirinho, porém a partir de uma partilha familiar da fazenda Boa Vista, que deu origem a fazenda Boa Esperança e a um novo loteamento, foram introduzidos ao ecossistema uma nova população e novas estruturas de uso temporário. Entre elas podemos dar destaque ao Iate Clube Ponta Grossa, fundado em 1952.

⁵⁰ Parte superior da barragem, limite máximo da água antes do transbordamento.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Até o fim da década de 50, a região do Alagados sofreu algumas mudanças em relação às estruturas em seu redor: loteamentos foram comprados e iniciaram-se construções de casas de veraneio, dando-se assim, o processo de formação da estrutura fundiária ao redor do lago artificial formado pelo represamento do Rio Pitangui, bem como de seus afluentes, Rio São Jorge e Rio Jutuva.

Já no final da década de 60, o governo municipal de Ponta Grossa, dá início a uma grande reforma nos sistemas de abastecimento e tratamento de água e esgoto. Primeiramente, a partir da Lei nº 1479, o engenheiro Gouveia Moura, ficou encarregado de elaborar um projeto que revitalizasse os sistemas já mencionados. O financiamento desse novo projeto, que ainda estava a ser elaborado, proviria do Fundo Municipal de Saneamento (FMS), criado em 10 de junho de 1964; assim, os valores de diversos impostos foram aumentados para poderem subsidiar os novos gastos com a infraestrutura.

Outro órgão criado com financiamento do FMS foi o Serviço de Água e Saneamento de Ponta grossa (SAS-PG), esse que tinha o objetivo de:

- “a) estudar, projetar e executar obras relativas à construção, ampliação ou remodelação dos sistemas de água e esgoto da cidade;
 - b) atuar como órgão coordenador, executor e fiscalizador da execução de convênios celebrados entre o Município de Ponta grossa e órgãos federais, estaduais ou mistos para fins do item anterior; c) operar, manter, conservar-se e explorar os serviços de água e esgotos de Ponta Grossa; d) lançar, fiscalizar e arrecadar as tarifas e taxas dos serviços que prestar, bem como as contribuições de melhoria que incidirem sobre os imóveis beneficiados com tais serviços, por delegação de atribuições do Poder Executivo municipal.”
- (PONTA GROSSA, 1965)

A partir de 1967, iniciam as construções do novo plano de abastecimento de Ponta Grossa, agora com um nome próprio, o Projeto Alagados. Pelo decreto municipal nº 258/1967, foram desapropriadas, mediante indenização, onze casas do bairro Jardim Carvalho, para a construção de um novo reservatório de água, referido como obra complementar ao Projeto Alagados. Essa não foi a única, visto que o decreto nº 497/70, desapropriava três terrenos, que somados resultavam em 180 m², para construção de caixas de quebra de pressão pela SAS-PG, inclusive um deles pertencente a Cia. Antártica Paulista Industria Brasileira de Bebidas e Anexos.

Somadas todas essas mudanças, a região do Alagados se torna extremamente popular, visto que, a partir de 1971 pelo decreto municipal nº 150/71, que estabelece os limites territoriais urbanos de Ponta Grossa, é possível observar pela primeira vez a presença da Vila Ernestina, localizada às margens do reservatório.

Já em 1974, acontecem duas grandes mudanças relacionadas ao Reservatório do Alagados, a primeira iniciada pelo decreto federal nº 75.033, de 4 de dezembro de 1974:

Art. 1º. É declarada a cessação, para os efeitos do artigo 139, § 1º, do Código de Águas, da exploração do serviço de geração de energia elétrica existente no rio Pitangui, nos locais denominados Fazenda Pitangui e Sumidouro, no município de Ponta Grossa, no Estado do Paraná, de que é titular a Companhia Prada de Eletricidade, par averbação à margem do registro de Manifesto de usina hidroelétrica apresentado no processo S.A. nº 85-35.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Art. 2º. É outorgada à Companhia Paranaense de Energia Elétrica - COPEL a concessão para a aproveitamento da energia hidráulica de um trecho do rio Pitangui, o município de Ponta Grossa, Estado do Paraná, e para o serviço público de distribuição de energia elétrica no município de Ponta Grossa, no mesmo Estado. (BRASIL, 1974)

A primeira grande mudança é a encampação da Prada, após 51 anos de exclusividade em relação a exploração energética de Ponta Grossa, pela Companhia Paranaense de Energia - COPEL, que recebeu todos os bens, direitos e deveres da Prada, e isso incluía o direito de utilização das duas⁵¹ usinas hidrelétricas presentes na região do Alagados, assim como a possibilidade de melhoramento e/ou mudanças em sua infraestrutura.

A segunda grande mudança, ocorre no mesmo ano, alguns dias após a publicação do decreto federal nº 75.033, de 26 de dezembro de 1974, quando o governo municipal extingue a SAS-PG, na mesma seção em que é promulgada a Lei nº 2725/74, que autorizou o poder executivo a conceder, com exclusividade, à Companhia de Saneamento do Paraná - SANEPAR, a exploração e operação dos sistemas de abastecimento de água potável e coleta e remoção de esgotos sanitários do município de Ponta Grossa⁵².

No ano de 1982, pode ser observado o primeiro ato legislativo em relação a proteção do manancial do Alagados, assinado pelo prefeito Romeu Almeida Ribas, qual seja, a Lei nº 3488/1982, que declara:

Ficam declaradas como de interesse e proteção especial, as áreas das Bacias dos Rios que compõem o manancial de abastecimento de água para a cidade de Ponta Grossa, proveniente da Represa do Alagados, a saber: 1 - Bacia Hidrográfica do Rio Pintanguí; 2 - Bacia Hidrográfica do Rio Jutuba; 3 - Cursos d'água alimentadores da Represa do Alagados. (PONTA GROSSA, 1982)

As medidas declaradas pela Lei nº 3488, estavam em acordo com o Código Florestal Brasileiro, promulgado pela Lei Federal nº 4.771 de 1965 e com a recente Lei Federal nº 6938, de 31 de agosto de 1981, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente.

Seus pontos mais notórios são o Art. 2º inciso I, que descreve a distância necessária para a preservação das APPs⁵³, e os incisos III e V, que proíbem a utilização de pesticidas ao redor da represa. Ademais o Art. 4º preocupa-se não só com a qualidade das águas, mas também com a preservação do solo.

Porém, a maioria dos artigos decretados pela Lei nº 3488, não foram respeitados pelos moradores, temporários ou permanentes do Alagados. Por exemplo em relação a

⁵¹ Em 1972, a Usina Hidrelétrica do Pitangui foi desativada.

⁵² Também, na década de 70, ocorreu a construção da Estação de Tratamento de Água (ETA) Alagados, que funcionava por método de filtração direta ascendente, porém já nos anos 80, foi substituída pela ETA Pitangui com o método de filtração cinco ciclos.

⁵³ A distância imposta pela Lei 3488, foi de uma faixa marginal numa largura não inferior a 100(cem) metros, e a reconstituição da mata natural ciliar no entorno da represa de, pelo menos 50(cinquenta) metros, essa disposição é muito semelhante a resolução do CONAMA 004/85, que coloca a necessidade de reconstituição do entorno de represas em 100 (cem) metros.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

disposição de esgotos, Segundo Julio *et al*, (2008) em estudo feito com 165 propriedades rurais, cerca de 15% da destinação dos esgotos da região é feitas em valas abertas, 34% são feitas em fossas simples, com contato direto com a terra, e quanto ao restante não há informação ou é utilizado o método da fossa séptica. Porém, para Julio et al (2008), quase 100% do produto do esgoto, independentemente do método de descarte original, em algum momento é descartado no solo da microbacia.

Além disso, em relação às edificações em torno da margem, principalmente, as fazendas de suinocultura, essas contribuem com a eutrofização e assoreamento da represa (SALDANHA; WIECHETECK, 1999; ROCHA; MARTINS, 2011, p. 237-246; CLEMENTE, 2009; FILHO; MARTINS; SILVA, 2013, 24-32). Isso pode ser evidenciado pelas diversas ocorrências de afloração de ciano toxinas, decorrentes de algas que aparecem devido a grande quantidade de fósforo na água do reservatório, as quais podem causar dermatites ao contato e intoxicação se ingerida ou inalada. Entretanto, segundo a SANEPAR, responsável pelo abastecimento da água em Ponta Grossa, isso não afeta a água que chega às casas dos pontagrossenses; de acordo com relatório ambiental encomendado pela COPEL, a água da represa não é recomendada para consumo sem tratamento.

Esse é um panorama preocupante para a população pontagrossense, pois de acordo com Moro et al (2005), entre 1980 e 2001, a área em hectares das edificações na região cresceu em 23,8%; a área reservada para agricultura cresceu em 322,4%, e a área reservada a silvicultura cresceu em 57,2%.

Além disso, como citado anteriormente, é possível observar movimentações do governo municipal para uma “revitalização” do Alagados, com o objetivo de atender novas demandas sociais, como de aproximação com o “natural”. Porém, qual é a identidade que pode ser construída, como inserir nessa nova identidade de paraíso natural os 32 autos de infração lavrados entre 2004 e 2021 na região? como inserir o processo iniciado pelo Ministério Público do Paraná em 2001, em relação as mais de 100 construções que infringem a resolução CONAMA 004/85?

5. Considerações Finais

Foi objetivo desse trabalho, analisar os processos históricos por meio da ótica da História Ambiental, que deram origem à Represa do Alagados, não só sua origem física, mas também os processos que a transformaram em símbolo de “natureza”.

A participação do ser humano nos ecossistemas da região não deve ser esquecida, o que nos possibilita afirmar que os verdadeiros danos ao ambiente do Alagados foram causados pela população humana que transformou o local em seu quintal. Tal afirmação é corroborada pelas entrevistas realizadas por Johansen, Pereira e Gealh (2010) com pescadores da região, que relataram um aumento na quantidade de lixo doméstico no reservatório e em seus afluentes. Além disso, existem efluentes derivados de fazendas próximas e a grande rede de esgoto das residências construídas no entorno da represa, cujos resíduos não tratados são despejados diretamente nas águas. Existem também efeitos sobre o próprio passado da sociedade, como a perda de patrimônio antropológico,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

visto que a região do Alagados foi um ponto importante em relação à movimentação dos povos indígenas.

A situação atual do Alagados é resultado de um processo de ocupação desordenado, e reflete a dualidade presente na sociedade capitalista, que separa o ser humano da natureza, colocando-a como um ser passivo que precisa ser conquistado, domado, ou ainda, no caso em estudo, ter suas águas utilizadas até secar.

Referências

MORO, Jose Carlos et al. Comparação da cobertura vegetal nas áreas de preservação permanente na represa de Alagados (PR), de 1980 a 2001. *Publicatio UEPG Ci. Biol. Saúde*. Ponta Grossa. v. 11, n. 2, p. 13-20, jul. 2009.

MULLER, Carlos Arnaldo. *Hidrelétricas, meio ambiente e desenvolvimento*. São Paulo: Makron Books, 1995.

WOSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*. vol.4, n.8, p. 198-215. Rio de Janeiro, 1991.

ROCHA, Carlos Hugo. *ECOLOGIA DA PAISAGEM E MANEJO SUSTENTÁVEL EM BACIAS HIDROGRÁFICAS: ESTUDO DO RIO SÃO JORGE NOS CAMPOS GERAIS DO PARANÁ*. 1995. Dissertação (Mestrado em Agronomia, área de concentração Ciência do Solo) – Curso de Pós-Graduação em Agronomia Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995.

SILVA, Charles Andrey da; COSTA, Paulo de Oliveira Filho; MARTINS, Kelly Geronazzo. Análise multitemporal do uso e cobertura do manancial alagados e de seu entorno na região de Ponta Grossa-PR. *Ciência e Natura*, Santa Maria vol. 35, núm. 1, 2013, pp. 24-32. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=467546169003>. Acesso em: 29 fevereiro de 2021.

SILVA, Edson Armando. *Energia elétrica e desenvolvimento industrial em Ponta Grossa: 1904-1973*. 1993. Dissertação (Mestrado em História Econômica em História do Brasil) Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curitiba, 1993.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 5

DA FAZENDA A CIDADE: AS RELAÇÕES DA MEMÓRIA SOCIAL E AFETIVA DO CAMPO NA FAZENDA CAPOCU

CARDEAL, Analine Maquea¹

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa

O presente projeto visa analisar como a antiga sede da Fazenda Capocu, em Fazenda Rio Grande - Paraná, representa um ponto de memória e resistência do campo no desenvolvimento da cidade. Por meio da compreensão dos conceitos apresentados por Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Pierre Nora, busca-se considerar as relações das memórias afetivas de antigos moradores do campo com a fazenda, através de entrevistas e fotografias da sede, debatendo de que forma ela pode representar um patrimônio mnemônico entre a expansão urbana.

1. Introdução

Em meio a um caminho esquecido de tropas, destoando-se das grandes indústrias que ocupam a nova paisagem que rodeia um monumento arquitetônico centenário, resistindo aos processos do tempo e modernidade: esse é o cenário que vive a antiga sede da Fazenda Capocu, em Fazenda Rio Grande, terras que já passaram pelas mãos de Manuel Mendes Leitão e que se desmembraram em pequenos polos de agricultura familiar, enfrentando disputas territoriais e ao mesmo tempo a modernização urbana.

Analisando a presença do patrimônio arquitetônico e sua permanência no cenário afastado da movimentação urbana diária, percebe-se que pouco se tem conhecimento da sua história para com a cidade e de suas relações com os pequenos agricultores que formaram seu sustento na região rural do município.

Das olarias até as pequenas produções de erva mate da agricultura familiar, utilizando a única rota disponível entre a futura capital e a cidade de São José dos Pinhais para a comercialização dos produtos, a cidade foi se desenvolvendo através destas relações dos imigrantes com a terra, sendo o principal meio de sobrevivência nos primórdios da construção de cidade e dos processos que levaram sua emancipação tão tardia. Por isso, pretende-se entender como os conceitos de memória social podem ser aplicados para as relações de afetividade das famílias do campo com a figura da Fazenda e nas possibilidades de transformar o lugar em um espaço mnemônico, acolhendo a importância dessas para a história local.

2. A memória social

Para o sociólogo Michael Pollak, a memória parece ser algo íntimo, porém deve ser entendida como um fenômeno social, ele afirma que os elementos constitutivos da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

memória, seja ela individual ou coletiva, são “em primeiro lugar, [...] os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. (POLLAK, 1992, p 201). Fazendo relação com os estudos do sociólogo Maurice Halbwachs, onde discorre que a memória, por ser algo social, também é submetida por transformações e mudanças constantes.

Para Halbwachs (2004), a memória é marcada pelo seu funcionamento coletivo. Na memória individual, há os elementos que constituem a sua história, que geram os vínculos e afetividades entre seus antepassados e que constroem o sentimento de pertencimento aos locais e à história da cidade. Memória coletiva seria, então, uma lembrança vivida ou repassada, que faz referência à comunidade, ou grupo, tornando-se um patrimônio daquela comunidade. As informações mais importantes dessas lembranças são repassadas entre a comunidade e se constituem em história oral desse lugar. É a partir da compreensão de seus conceitos, enquanto função da identidade dos grupos sociais, que ocorre o nascimento do sentimento de pertencimento, assim como para a reconstrução do passado de acordo com interesses particulares desses conjuntos:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que nos tragam seus testemunhos; é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras, para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2004, p. 12).

Tanto Halbwachs quanto Pollak afirmam que a memória é seletiva, conciliando a memória social e a individual. Sendo ela uma operação de ligação para com os acontecimentos e interpretações do passado que é necessário preservar, sendo o elo entre a coesão dos grupos e das instituições. “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e de grupo” (POLLAK, 1989, p .10)

Quando se registra a memória de um determinado grupo que socializaram a mesma experiência, pretende-se reunir os acontecimentos em comum que vivenciaram. Segundo Pierre Nora:

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar algum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mas ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória. (NORA, 1993, p. 18)

A memória é o elemento que constitui a formação dos grupos, sendo responsável pela continuidade e permanência da comunidade através dos acontecimentos, relações e pessoas. É o que realiza a manutenção social, a coerência e continuidade daquele lugar, para que isso funcione é necessário que seja preservada, seja por relatos, documentos ou lugares que demonstre a afetividade, ou até mesmo revolta do grupo.

A problemática de lugares mnemônicos foi levantada pelo historiador Pierre Nora, em 1978, no seminário na École des Hautes Études em Sciences Sociales (Paris), ao analisar as mudanças que ocorriam entre a relação dos grupos sociais e seu passado,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

acreditando que estas relações se cruzam no respeito ao antigo e o sentimento de pertencimento do lugar.

Segundo Nora (1993, p.12): “Os lugares de memória são, antes de mais nada, restos. [...] São rituais de uma sociedade sem ritual, sacralidades passageiras em uma sociedade que dessacraliza, ilusões de eternidade.” Lugares de memória são objetos, que variam do conceito concreto ao abstrato, mas que possuem o mesmo sentido: a emoção e a vontade da memória. Partem do princípio da construção histórica e do interesse em seu valor dado aos processos sociais:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 21, 22).

Para isso, precisamos entender como as relações de história de vida do campo é pensada através de um lugar de memória desta comunidade. Obtendo o foco na Fazenda Capocu, podemos analisar que é necessário realizar este levantamento para entender os processos que levaram ao esquecimento deste lugar e qual a sua importância para a preservação da história deste local.

3. Memória do campo

Em sua obra *O Campo e a Cidade* na história e na literatura, Raymond Williams traça um paralelo sobre os conceitos e as formas como o campo e a cidade são retratados na literatura, analisando-os através de questões históricas e políticas. Para ele, campo e cidade são palavras poderosas pelo que representam para as vivências das comunidades humanas

Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a cidade: a capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização (WILLIAMS, 2011, p.11)

Williams analisa que a forma de vida campestre engloba variadas práticas e organizações. Ao assimilar com o objeto de estudo, observamos que a Fazenda Capocu era um grande território, ocupado com a criação de gado e cavalos, além de várias plantações de milho, feijão, abóbora, fumo e erva-mate.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Com as rotas comerciais dos tropeiros, que iniciou as grandes formações de cidades na região sul, a capital começa a ter os primeiros sinais de crescimento territorial. Com a implantação do Caminho de Viamão, as rotas comerciais com São Paulo tiveram um grande desenvolvimento, gerando assim as fazendas de internadas, levando ao grande fluxo de pessoas do campo para a cidade, além de aumentar o número de comércios nos caminhos das tropas. Uma dessas rotas tropeiras passavam pela região da fazenda, no distrito de São José dos Pinhais, hoje atual município de Fazenda Rio Grande.

Em paralelo à capital, a cidade de Fazenda Rio Grande era território com apenas duas sesmarias, segundo consta no livro *As Sesmarias do Paraná*, de Marina Lourdes Ritter, sendo uma pertencente ao Capitão Manoel Alvares de Abreu:

65 MANOEL ALVARES DE ABREU – 20/05/1707

Localizada nas proximidades do rio Grande (Iguaçu), rio abaixo até as terras de Sebastião Alvares de Abreu [...]. Dimensão: 1 X 2 léguas. Fonte: Arquivo Nacional, livro XVII, folha 17 V, código 77 (RITTER, 1980, p.231).

Vale ressaltar que, no sistema de medidas do século XVI, uma légua de sesmarias correspondia ao que hoje equivale a 6.600 metros. A sesmaria de Manoel Alvares de Abreu, em medidas atuais, corresponde ao território da divisa entre São José dos Pinhais e Curitiba (Umbará) até a divisa de Mandirituba, na região do Passo Amarelo.

Figura 1 – Mapa das Sesmarias do Paraná



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

região. Devido ele não ter deixado o testamento, enquanto ocorria o espólio⁵⁴ dos bens para a herança dos filhos, sua viúva Anna Maria de Sá Ribas ficou responsável pelas propriedades, porém, houve a venda de pequenas porções de terra por sua filha ao “primeiro” pioneiro, Francisco Claudino Ferreiro Filho, que formou uma pequena comunidade com sua família.

Podemos observar que por mais que houvesse a herança deixada pelo Manoel Mendes de Leitão, ela não foi respeitada em sua legalidade. Seus filhos viram a oportunidade de dar continuidade ao poder do pai, mesmo sendo obrigados a seguir regras conservadoras imposta pelo progenitor, mas foram surpreendidos pela decisão da irmã mais nova, que rompeu com o convencionado, vendendo parte das terras ao pioneiro em 1859.

Anos mais tarde, a esposa de um dos herdeiros do Manoel Mendes de Leitão entrou na justiça para requerer novamente as terras compradas pelo pioneiro, as quais já haviam feito da terra o seu sustento primário. Reportagens da época indicam que houve uma grande batalha judicial que durou de 1894 a 1934, porém não se encontra mais informações sobre a tomada de posse.

Sob essa dominação não havia mais um campesinato, no sentido clássico do termo, e sim uma estrutura cada vez mais regular de arrendatários e trabalhadores assalariados: as relações sociais que podem ser consideradas próprias do capitalismo agrário. Cada vez mais, a produção era regulada através de um mercado organizado (WILLIAMS, 2011, p.104).

Vimos que independente da determinação da justiça, houve a formação do núcleo pelo novo proprietário, que viu um poder de investimento ignorado por Maria da Glória Mendes, se transformando na figura antes não assumida pela família, o de percussor das terras fazendeiras.

A propriedade deixou de ser considerada uma herança que gerava uma determinada renda, passando a ser vista como uma oportunidade de investimento, que traria um lucro muito maior. Assim, uma ideologia do melhoramento - da transformação e organização da terra - tornou-se importante e dominante (WILLIAMS, 2011, p.105).

Após a formação do núcleo agricultor, o pioneiro viu a oportunidade de vender mais e mais terras a pequenos imigrantes que não conseguiam mais encontrar locais na capital. Através do povo ucraniano, japonês e italiano começou a fase de ocupação do território do município. A partir deste momento, o campo e a agricultura viraram o sustento e a primeira forma de economia da cidade.

Assim, muitas vezes é difícil, diante desse processo contínuo que contém a substância de uma parte tão substancial de nossas vidas, reconhecer de modo adequado o caráter específico do modo capitalista de produção, o qual não consiste, na utilização de máquinas nem de técnicas de melhoramento, e sim

⁵⁴ Espólio: conjunto dos bens e direitos deixados por um falecido, que ainda esteja pendente da conclusão de um inventário. Nota da autora.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

no fato de que a propriedade de tais coisas está concentrada nas mãos de uma minoria (WILLIAMS, 2011 p.479)

Os primórdios da Fazenda Capocu foram de determinado modo habitual, uma família poderosa de elite, mas que chegou a um ponto de incertezas. Hoje permanece somente os resquícios arquitetônico da casa grande e do celeiro, que demonstra os tempos de grandes farturas da cidade. Na memória do povo, segue de modo confuso sua origem e processos que se passaram na sua história.

Figura 2 – Fazenda Capocu



Fonte: Plano de Preservação do Acervo Cultural da Região Metropolitana de Curitiba, 1977.

Atualmente a casa e o celeiro mantem-se intactos com a expansão industrial moderna na região. A área ao seu entorno está sendo degradada aos poucos, abrindo caminhos e novos loteamentos. O casarão datado de 1912 é um marco arquitetônico que chama a atenção de quem segue pela rota do turismo rural e do caminho dos trabalhadores das fábricas.

É necessário analisar quais as memórias que os remanescentes destas famílias e de outros povos possuem sobre este local, que de certa forma marca o início das relações com o campo. Para isso, as entrevistas com estes moradores são de suma importância para a história local, sendo uma das poucas fontes principais que restou desta fase.

4. Considerações finais



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Construir a memória é necessariamente alinhar o trabalho com o reconhecimento da realidade social em que se insere o local. Quando Nora começa a definir os conceitos de lugares de memória, eleva-se o patrimônio como uma forma de afirmação política da sociedade, tornando-a uma história social.

A memória, em sua grandiosidade, excede o tempo individual. Através da tradição oral é construído a memória de um tempo que antecedeu a vida de uma pessoa. É no encontro das memórias individuais com as memórias coletivas que nascem a fonte para a discussão do conhecimento histórico.

Na Carta de Cracóvia de 2000, fica claro que as comunidades têm a sua própria memória coletiva, sendo responsáveis pelo seu passado, pela sua identificação e pela gestão do seu patrimônio cultural. É nesse aspecto que desenvolvemos a imagem da cidade ao pensar que ela é constituída e influenciada por práticas e valores socioculturais, simbólicos, históricos, políticos, artísticos, entre outros.

A partir do momento em que o homem percebe ser formador do ambiente, começam os processos de se construir a sua cultura. É onde a cidade torna-se o órgão que institucionaliza a cultura, ao transformar o instinto de construir um local para sobreviver nos grandes monumentos arquitetônico.

Assim, o uso do patrimônio torna-se uma forma de salvaguardar as memórias do passado. Em seu sentido mais amplo, patrimônio cultural são os bens de uma sociedade que remetem a suas origens e identidade. É através dele que a comunidade se encontra e se reconhece, reafirmando as vivências em conjuntos.

Os municípios, os bairros e as vilas são espaços conflitantes, em que tradições ancestrais cruzam-se com a própria tradição moderna. Os caminhos e o desenho das malhas urbanas, resultantes de costumes e passagens de décadas ou de séculos atrás, são transitados por novos meios de transportes.

Ao ocorrer o deslocamento para uso cultural, também se desloca o reconhecimento pela cidade. Segundo Pelegrine (2006, p.126): “Quando a sociedade não respeita o patrimônio cultural e natural, ela corre o risco de perder a identidade e enfraquecer seus valores, o que inviabiliza o exercício da cidadania.” Dessa forma, buscase meios de orientar a sociedade para que ela volte o olhar a sua comunidade, valorizando os bens e história de sua região.

Como o tema em questão é uma preocupação atual, fica evidente que não há indícios de pesquisas desenvolvidas ou em andamento sobre o assunto. No entanto, há pequenos debates levantados pelo município sobre a importância de criar um plano de ações que envolva a questão de identificação cultural, criando uma proposta de levantamento histórico que abranja a comunidade. É nesse ponto que a pesquisa se torna necessária, para dar início ao movimento de reconstrução da memória da cidade.

O trabalho aqui proposto tem como uma das questões centrais compreender por como os conceitos de memória social aplicados nas relações de afetividade e identificação do campo com o patrimônio.

Para responder aos questionamentos se propõe a análise das obras relacionadas ao estudo da memória, bem como das publicações referentes as relações de lugar, identidade e patrimônio. A metodologia utilizada, para tanto, será a de história oral aplicada através da análise dos patrimônios materiais, focadas nos estudos de Alberti (2004) e Portelli



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

(2016), que trarão os embasamentos teóricos necessários para as entrevistas com os responsáveis pelas pesquisas do Ipardes/Comec, poder público e moradores da comunidade estudada.

Em relação à concepção dos conceitos de memória, serão utilizados os estudos de Aleida Assmann, Jöel Candau, Pierre Nora e Michel Pollak, que são os responsáveis pelo debate acerca da memória individual e de lugares e sua relação com a construção da identidade cultural na sociedade.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural*. São Paulo: Unicamp, 2011.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- CANDAU, Jöel. *Antropologia da memória*. São Paulo: Instituto Piaget, 2013.
- CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 1ª edição, 2011
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. São Paulo: Editora Celta, 1999.
- FAZENDA RIO GRANDE. *Lei ordinária nº 112/2002*. Dispõe sobre a preservação do patrimônio natural e cultural do Município de Fazenda Rio Grande; cria o Conselho Municipal do Patrimônio Artístico Cultural e institui o Fundo de Preservação e Proteção do Patrimônio Cultural de Fazenda Rio Grande. Fazenda Rio Grande: Câmara Municipal, 2002. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/fazenda-rio-grande/lei-ordinaria/2002/12/112/lei-ordinaria-n-112-2002-dispoe-sobre-a-preservacao-do-patrimonio-natural-e-cultural-do-municipio-de-fazenda-rio-grande-cria-o-conselho-municipal-do-patrimonio-cultural-e-institui-o-fundo-de-protecao-do-patrimonio-cultural-de-fazenda-rio-grande?q=112>. Acesso em 14/12/2022.
- FAZENDA RIO GRANDE. *Lei ordinária nº 1637/2022*. Altera a redação de dispositivos legais constantes da Lei Municipal nº 112, de 16 de maio de 2002, e suas alterações, conforme específica. Fazenda Rio Grande: Câmara Municipal, 2022. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/fazenda-rio-grande/lei-ordinaria/2022/163/1637/lei-ordinaria-n-1637-2022-altera-a-redacao-de-dispositivos-legais-constantes-da-lei-municipal-n-112-de-16-de-maio-de-2002-e-suas-alteracoes-conforme-especifica>. Acesso em 14/12/2022.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- LEÃO, Ermelino de. *Diccionário Histórico e Geográfico do Paraná*. Volume 1. Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba, 1994.
- NORA, P. *Entre Memória e História - a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, v. 10, dez. 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 3, 1989/1.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RITTER, Marina Lourdes. *As sesmarias do Paraná no século XVII*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense: Conselho Federal de Cultura, 1980.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Paraná: EDUEL, 2012.

UGLIONE, Paula. *Arquivo mnemônico do lugar: memória e histórias da cidade*. – Rio de Janeiro: UFRJ.

Fontes:

Carta de Cracóvia: princípios para a conservação e o restauro do patrimônio construído. Cracóvia (Polónia), 2000.

IPARDES/COMEC – Plano de preservação do acervo cultural da região metropolitana de Curitiba. 1977



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**MULHERES MIGRANTES: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS
CAMPO- CIDADE EM TELÊMACO BORBA/PR**

BAHRI, Camille Machado¹

*1Iniciação Científica (PICV), Universidade Estadual de Ponta Grossa Orientação:
CARVALHO, Alessandra Izabel; LAVERDI, Robson*

As Indústrias Klabin de Papel e Celulose adquiriram o espaço da Fazenda Monte Alegre localizada no estado do Paraná em 1934, iniciando a construção da fábrica em 1942. Um município que se encontra na região centro leste do Estado do Paraná, a aproximadamente 241 km da capital Curitiba. Houve um processo de atração regional para formação de uma população interligada ao desenvolvimento fabril. Ocorreu dessa forma a formação de vilas, como por exemplo “Harmonia” e “Lagoa” mantida pela indústria. Porém com a superlotação desses locais inicia um processo de “emancipação” dessa população que dependia dos benefícios distribuídos pela empresa.

Com o desenvolvimento de agrupamentos clandestinos no outro lado do Rio Tibagi, como “Mandaçaia”, Horácio Klabin, diretor administrativo da I.K.P.C. inicia o investimento na construção de uma cidade nesse local. Houve o crescimento do interesse em formá-la com os nomes de “Klabinópolis”, “Wolfilândia” entre outras denominações que impunham uma visão de poder da empresa sob o território. Inicialmente foi nominada Cidade Nova.

É visto que a emancipação completa da população sobre a empresa não ocorreu. O processo que desencadeado foi a formação populacional ao redor desse complexo econômico, que engloba Telêmaco Borba. Sendo assim, a história oficial que se desenvolve é vista a partir do meio fabril, entretanto pouco destaque se dá aos trabalhadores, vendo os idealizadores políticos, empresários e investidores desse processo como os provedores principais da cidade. Assim sendo, os operários se tornam homogeneizados pela classe dominantes, como um grupo qual não recebe destaque e valorização de sua identidade cultural, conceito observado por Williams: “Massa tornou-se a nova palavra para substituir turba: os outros, o desconhecido, os sujos, a multidão que não me inclui.” (WILLIAMS, 2015, p.16)

Dessa forma, encontrar grupos a pesquisar, para entender como se relacionam com o meio e produzem suas culturas nesse espaço é uma maneira de compreender o outro, e retirá-lo da massificação. Um conjunto colocado nessa formação local, seria a comunidade de migrantes que expressam sua cultura através da Igreja Ucrâniana São José Operário de Telêmaco Borba. As mulheres são ativas neste espaço, além de participarem do meio municipal, e a partir destas é possível uma análise de relações de gênero, com suas histórias de migrações a procura de melhores condições financeiras, também baseado em como sua identidade cultural afeta seus convívios.

A presente pesquisa se insere no “Núcleo de Memória Cultura e Natureza” e encontra-se na fase inicial. A investigação será a partir do uso de história oral, fontes pesquisadas com veemência no laboratório citado, além de envolver discussões sobre



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

classe, cultura e migrações, presentes em suas discussões. Procura-se com esta pesquisa contribuição a historiografia regional, envolvendo cultura ordinária, buscando abordar as relações de gênero e expressões culturais que envolvem o ambiente frequentado por essas mulheres, além dessas relações com a dinâmica do município.

O método de pesquisa busca o uso de entrevistas orais de modalidade temáticas. Deve-se transcrevê-las, e interpretá-las, buscando produzir uma pesquisa entendendo que há subjetividade nos relatos, o que forma as particularidades e potencialidades desse processo. “A história oral se preocupa fundamentalmente com aquilo que o narrador viveu ou testemunhou. Ela registra relatos e interpretações sobre experiências próximas.” (SANTHIAGO, MAGALHÃES, 2015, p. 44).

1. Migrações femininas, e expressões de cultura.

As mulheres escolhidas como possíveis entrevistadas fizeram suas migrações para cidade de Telêmaco Borba entre as décadas de 1970, 1980 e 1990. Elas participam do grupo religioso mas possuem outras características em comum, como suas formações familiares se encontrarem em dinâmicas da sociedade patriarcal qual valoriza o trabalho masculino. “A arquitetura do lar feliz aprisionou homens e mulheres dentro de uma moldura estritamente normativa” (MOTT, MALUFF, 1998, p. 382). Suas presenças no município dessa forma foram negligenciadas, visto que as movimentações ao local em sua maioria eram vistas como mudanças estimuladas por motivos financeiros, quais eram exigidos que fossem providos por seus maridos. Para a sociedade patriarcal, desde o começo da integração feminina nos empregos dificultou-se pela ideia de que estas eram incapazes e necessitavam de seus maridos para os fins monetários. “Uma perversão jurídica, no entanto, perpetuava a submissão da esposa ao marido: o direito da mulher casada ao trabalho iria depender da autorização dele ou, em certos casos, do arbítrio do juiz.” (MOTT, MALUF, 1998, p.375-376)

As migrações femininas, que nos casos a pesquisar, encontram-se junto aos seus maridos, são vistas apenas como secundárias desse protagonismo, por seus papéis como esposas. E quando chegam a cidade que foi a escolhida a mudar, a empregabilidade local prefere operários homens.

A mentalidade do marido como provedor fora construída e mantida por muitas décadas, assim sendo, é possível ver suas raízes até 2022. No momento das migrações esse discurso possuía ainda mais força. Sobre o início da presença feminina no mercado de trabalhado brasileiro no início do século XIX Mott e Maluf discorrem:

Qual a missão da mulher? E qual é a do homem? Essas eram indagações com as quais homens e mulheres, maridos e esposas se debatiam na tentativa de delinear para si mesmos e para a sociedade em mudança seus respectivos papéis sociais e familiares. (MOTT, MALUF, 1998, p.386).

Assim sendo, a mulher como operária, era visto com maus olhos, e quando se tornavam provedoras, quebravam sistemas já preestabelecidos, desafiava as normais de gênero. E as Industrias Klabin de Celulosa e Papel entre as décadas de 1970 encaixava-se a essas dinâmicas limitantes.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Para a natureza feminina era visto que o mercado de trabalho pesado não era o ideal por visões patriarcais. Sobre o mercado de trabalho que as mulheres encontram inicialmente Maluf e Mott afirmam:

Muitas dessas atividades eram extremamente pesadas, em nada correspondendo a frágil natureza feminina ensinada pelos médicos e juristas, como a derrubada de matas, construção civil além de outras mais conhecidas como a confecção de produtos manufaturadas, o pequeno comércio e o artesanato doméstico. (MOTT, MALUF, 1998, p.400-401.).

Não era diferente nos cargos oferecidos pela indústria papelreira em Telêmaco Borba, os migrantes em sua maioria, que se fixavam não o faziam por empregos de cargos altos, que já eram preestabelecidos a profissionais escolhidos, então o que restavam eram os afazeres no denominado “chão de fábrica”, ou criação de comércio local atraído pelo crescimento regional.

É possível ver que a criação da esposa-mãe-doméstica montou essas narrativas de subordinação ao marido, e outras formas de empregos deveriam ser buscados pelas mulheres. Na dinâmica regional de Telêmaco Borba, como no caso de quem foi escolhida da comunidade escolhida, elas procuravam arrecadar lucro através dos empregos vistos como mais “frágeis” ou “femininos”, como cargo de professoras, ou artesãs autônomas. Essas práticas são afetadas por suas expressões culturais na produção de roupas típicas, enxovais, e artesanatos de origem ucraniana. “Assim, os trabalhos manuais em geral e a costura em particular constituíam uma importante atividade realizada no “recôndito do lar” eram consideradas como sendo mais importantes, uteis e agradáveis ocupações femininas.” (MALUF, MOTT, 1998, p. 415). Maneiras mais valorizadas, e normativas das mulheres entrarem na dinâmica do mercado de trabalho. Também foram apenas requisitados se houvessem necessidades. “(...) atividade que só era considerada legítima quando necessária para o sustento da família, raramente para realização pessoal.” (MALUF, MOTT, 1998, p.402)

Os cargos além do que era restringido ao papel feminino, quando alcançado por elas, era visto como um “ponto fora da curva”, algo extremamente difícil de ser atingido, como analisado por Souza-Lobo. “Nesse caso, também a “mulher-excepcional” se vê como tal, como um espécime da humanidade particularmente bem-sucedido, sólido e inteligente.” (SOUZA-LOBO, 2021, p.102)

Um fato sobre jornadas de trabalho das mulheres a partir de sua inserção no mercado, é que se tornou dupla, já que eram responsáveis pelas tarefas domésticas em casa além de seus empregos que visavam lucro. O trabalho doméstico faz parte da condição de mulher, o emprego faz parte da condição de mulher pobre.” (SOUZA-LOBO, 2021, p.85). Como discorrido por Maluf e Mott (1998), em muitos casos, no início da inserção da mulher no mercado de trabalho, o pedido de que os homens ajudassem nos afazeres domésticos eram vistos como ofensivos. Desde a imposição destas dinâmicas de gênero é requisitado a uma esposa, que está consiga realizar esses afazeres sem ajudas masculinas.

Assim sendo, o mundo do trabalho e as dinâmicas familiares afetam essas mulheres que passaram por processos de migrações. Elas se inserem no ambiente



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

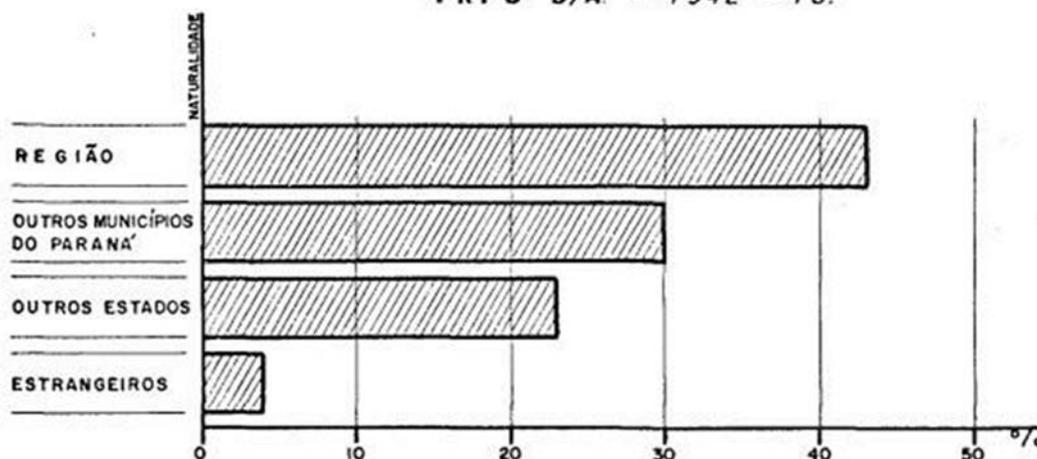
patriarcal da sociedade brasileira, que sobrecarrega as mulheres, assim como as limita. As dicotomias criadas sobre os papéis de gênero afeta suas relações e suas trajetórias. A classe operária não deve ser homogeneizada, em sua pluralidade há o papel da mulher, que não deve ser apagado.

No ambiente escolhido é possível analisar essas mulheres que se estabeleceram em famílias abalada por estas relações, e também por suas expressões culturais, etnicamente envolvidas com este meio, que deve ser analisada a partir das entrevistas orais.

2. Narrações de gênero, na migração e na cultura local

Um recorte a se pensar, seria o do início da construção do edifício que engloba a comunidade a compor a pesquisa, que ocorreu em 1966, qual se desenvolve próximo a emancipação de Telêmaco Borba, em 1963, e relaciona-se com as trajetórias itinerantes dessas mulheres que regem a esfera cultural citada, entre as décadas de 1960 a 1980. Em sua maioria, pelas oportunidades, acompanhavam os seus maridos, operários que passavam por migrações, até se estabelecerem na região. Essa ligação com a classe operária é constante no município, porém o grupo é visto como o “outro” formador, que é subordinado à indústria, mesmo que este grupo seja o maior número desses habitantes. Para entender a expressão da população itinerante nesse meio urbano é possível vê-la a partir dos dados coletados em pesquisa feita com acesso aos dados de operários das Indústrias Klabin Papel e Celulose S/A entre 1942 a 1978. Apesar do número significativo da população autóctone na produção fabril, ocorre a presença de imigrantes, e migrantes brasileiros de outros estados, como exposto no gráfico a seguir:

GRAFICO 6 – NATURALIDADE DOS EMPREGADOS DAS
IKPC S/A. – 1942 – 78.



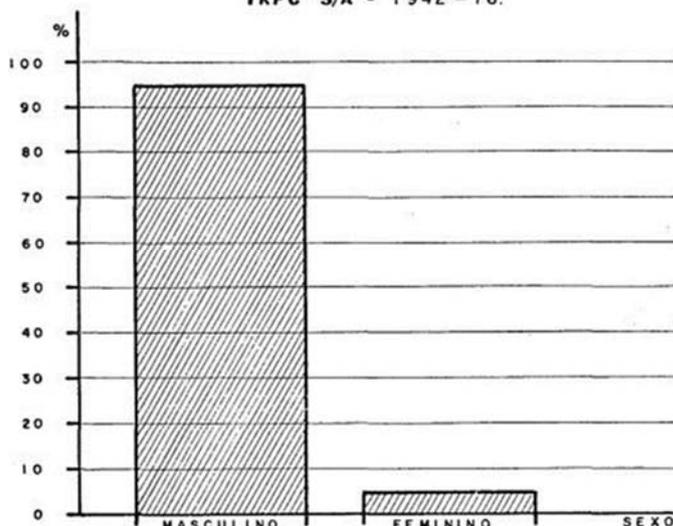
FONTE : TABELA A.6



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

GRÁFICO 2 - COMPARATIVO ENTRE OS TRABALHADORES
DO SEXO MASCULINO E FEMININO DAS
IKPC S/A - 1942 - 78.



FONTE : TABELA A.1

Fonte: CUNHA (1982).

Os aspectos populacionais foram encontrados em registros empresariais da I.K.P.C. pela pesquisadora Anacília Carneiro da Cunha: “A defasagem entre o percentual de trabalhadores naturais do próprio Estado (73%) em relação ao percentual de naturais de outros estados (23%) e estrangeiros (4%) é bem marcante.” (CUNHA, 1982, p.90). Através desses dados mostra-se como a migração é expressiva para a formação da população local. Essa movimentação traz sujeitos de trajetórias próprias, e ao se encontrarem localmente, recorrem aos espaços que se identificam, como ocorre com o grupo abordado.

Como as mulheres da primeira geração da Igreja Ucrâniana de Telêmaco Borba, que migraram acompanhando seus maridos entre as décadas de 1960 a 1980, exercem um papel de impacto no meio cultural regional? Entender o contexto municipal que se encontram torna a entender como elas se expressam nesse espaço. A migração que atrai os moradores é majoritariamente influenciada pelas I.K.P.C. S/A, principalmente no contexto dessa primeira composição da população. Os empregos oferecidos são destinados predominantemente à população masculina. Então, o que restam as mulheres? Outras formas de trabalhos e deveres acabam sendo procuradas.

Ao mapear quem deveriam ser entrevistadas, foi possível notar como essa realidade interfere a cultura religiosa, de festividades, e expressividades que se cria. Pois, acompanhando seus cônjuges, que poderiam variar os ofícios, mas, relevantemente se relacionam com a fábrica de força local, às mulheres resta-se compor o município de outras formas, procurar as produções que poderiam e as permitiriam exercer. Como no caso selecionadas que tornaram-se professoras, costureiras, ou permaneceram no serviço doméstico. Essa dinâmica nos lares brasileiros era comum, como vistor Maluf e Mott: “Juntamente com os serviços domésticos realizados da maneira mais dura e tradicional,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

cuidavam dos filhos e exerciam várias atividades ao mesmo tempo, para prover a própria subsistência e a da família.” (MALUF, MOTT, 1998, p.400)

Outro fator a se notar, é as origens migrantes dessas mulheres, que provém de culturas do campo, que passam por coerção na cidade, pela forte industrialização, qual desvalorizou e monopolizou majoritariamente os espaços de campo próximos. “A experiência da migração contínua durante toda a trajetória de vida do migrante.” (THOMSON, 2002, p.358- 359). Assim sendo, elas não apagam suas origens, sendo que suas expressões culturais são sempre ligadas a cultura de descendentes imigrantes, além desses terem se constituído em um espaço de campo inicial, qual formou a trajetória migratória dessas pessoas, através de costumes ou outras expressões que demonstram em meio a comunidade que se estabeleceram em Telêmaco Borba.

As jornadas específicas dessas mulheres a corporificaram no mundo, então deve-se entender a maneira que se estabeleceu suas trajetórias, dos espaços em que iniciaram seus caminhos, como, quando e por que permaneceram em um município como este no Paraná, e suas relações com suas identidades, além de étnicas, de gênero. Estas que, se formaram através das dinâmicas, dificuldades, e relações que passaram e estabeleceram, suas ligações com o mundo do trabalho, com os matrimônios, com suas culturas e origens.

Sobre suas transições campo-cidade, elas encontram outras características de nesses espaços isso também fora analisado por Maluf e Mott, no momento em que um Brasil com uma população majoritariamente rural encontra-se com as mudanças da mão de obra feminina no meio urbano. “Diante de tanto perigo e incertezas geradas pelo ambiente urbano, o amanho do lar e da família foi convertida em ancoradouro da moral sagrada.” (MOTT, MALUF, 1998, p.385). Portanto, segundo a citação, as moralidades interferem as dinâmicas, e o meio urbano parece perigoso por trazer algumas mudanças ao funcionamento familiar, e as narrativas geradas sobre o papel da mulher as coagem durante o processo de propagação.

Entendendo a especificidade do grupo a se estudar, é possível analisar que a postura de liderança em meios religiosos cristãos não é formalizada, no sentido em que figuras institucionalizadas, como padres, bispos, entre outros, tornam-se o foco representante. Porém, na expressão cotidiana, da cultura ordinária, essa comunidade é erguida por mulheres, responsáveis pela disseminação dessas crenças e expressões da cultura imigrante. Como no caso da produção de roupas típicas, no desenvolvimento de catequeses, de “terços”, de festividades, culinária, oficinas de artesanatos, entre outras formas de demonstrar cultura. Cria-se assim expressão cultural, em um meio urbano fortemente interferido por um monopólio industrial.

3. História oral e a voz feminina.

A maneira de produzir visibilidade a essas expressões é por meio da história oral, trabalhando com o processo de memória dessas mulheres, que criam esse coletivo. “O pertencimento a essa coletividade faz com que ele se identifique com seu grupo, isto é, que tenha uma identidade.” (SANTHIAGO, MAGALHÃES, 2015, p.37) A memória é social, e precisa de grupos para emergir. A constante imposição das Indústrias Klabin no



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

meio, tenta trazer um apagamento das expressões culturais locais, como estas que provêm de origem da classe trabalhadora.

Todas as dimensões de uma cultura – da comida à música, da arquitetura à roupa e tantas mais – são pequenos conjuntos padronizados que trazem dentro de si algum tipo de informação sobre quem somos, o que pensamos e fazemos. Estes conjuntos são logicamente entrelaçados e compõem o código, o sistema de comunicação mais amplo, que seria a própria cultura de determinada sociedade. (ROCHA, 1988, p.35)

As demonstrações de cultura nesse espaço liderado por mulheres, então são uma forma de resistência ao apagamento implantado pela indústria. E a história oral é a metodologia empregada durante a pesquisa para escutar essas vozes, que são tratadas como as “outras” num espaço local qual são ativamente formadoras. “A história oral se consagrou por ser não somente a história dos grandes homens, dos heróis, dos líderes, dos grandes políticos, mas, principalmente por ser a história das pessoas comuns.” (SANTHIAGO, MAGALHÃES, 2015, p.25). O objetivo também se encontra em produzir uma historiografia longe da história única. “

Para as entrevistas, o que devesse buscar são as mulheres da primeira geração da comunidade, quais foram formadoras desse coletivo. Entender como essas se relacionaram com o processo de migração, como elas instigam-se a migrar de origem campesina ao município de Telêmaco Borba, um espaço de complexo industrial, como elas viam-se nesse espaço, trazendo sua cultura a ele. Além de problematizar as relações de gênero desse meio. “Estudos sobre as mulheres migrantes, por exemplo, evidenciam a premência de capturar as diferentes narrações de gênero. Há trabalhos que mostram que, no processo migratório, a mulher tem um papel importante nas decisões familiares atrelado a uma mudança de atitude frente à família e à sociedade.” (SANTHIAGO, MAGALHÃES, 2015, p.175)

O uso de história oral pode ser um mecanismo para a problematização de gênero, pois busca um protagonismo delas como sujeitos históricos. Sendo uma prática de entender essa memória que transparece na entrevista de uma maneira mais perceptível suas nuances como afirma Pedro: “Diferente do depoimento escrito – seja na forma de diário, carta, relato, biografia, autobiografia - a história oral, para bem e para o mal, traz a memória em clima de tensão. O ambiente, a relação com a pessoa que entrevista, o momento da narração, tudo isso interfere no que é dito.” (PEDRO, 2017, p.1)

Procura-se entender as identidades que se formaram através dessa migração, e também de estabelecimento neste município. “A história oral se preocupa fundamentalmente com aquilo que o narrador viveu ou testemunhou. Ela registra relatos e interpretações sobre experiências próximas.” (SANTHIAGO, MAGALHÃES, 2015, p.44). Preocupa-se com a memória daquilo que ainda não foi registrado, além de entendê-lo a partir de sua subjetividade.

4. Conclusão



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Ao finalizar, podemos perceber as relações das dicotomias impostas pela sociedade patriarcal interferem na pesquisa que deve utilizar de fonte oral. Uso qual permite a exteriorização das memórias de tensão dessas mulheres por entrevistas. Suas práticas culturais e religiosas as incorporam em um grupo específico, que as fazem interagir e se interligar por suas experiências.

As abordagens ainda estão sendo estabelecidas, mas a preocupação pelas dinâmicas da subjetividade da memória dessas mulheres é um fio condutor, entendendo elas como sujeitos históricos em um meio que valoriza o trabalho e o protagonismo masculino pelas necessidades de um complexo industrial. A força política da indústria sobre o município é visto nas relações do indivíduos de várias maneiras, incluindo em nomenclaturas ou em uma valorização exacerbada daqueles que adquirem um cargo nesse espaço. Dessa forma procura-se entender como isso interfere no cotidiano feminino e migrante.

Referências

CUNHA, Anacília Carneiro da. “O HOMEM DE PAPEL: *Análise Histórica do Trabalhador das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A 1942-1980*”. Orientador: Carlos Roberto Antunes dos Santos, 1982. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1982.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa. SANTHIAGO, Ricardo. “*HISTÓRIA ORAL NA SALA DE AULA*” 1º ed. Belo Horizonte – MG, Autêntica Editora, 2015. (Coleção Práticas Docentes).

MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. “*Recôndito do mundo feminino*” In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) *História da Vida Privada no Brasil – República: da Belleépouque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 368- 421.

PEDRO, Joana Maria. “*Viver o gênero na clandestinidade*”. In: Marta Gouveia de Oliveira Rovai. (Org.). *História Oral e história das mulheres: rompendo silenciamentos*. 1 ed. São Paulo: Letra e Voz, 2017, v. 1, p. 33-55.

ROCHA, Everaldo P. Guimarães. “*O QUE É ETNOCENTRISMO?*” 5º ed. São Paulo – SP, Editora Brasiliense, 1988.

SOUZA-LOBO, Elisabeth, “*A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação, resistência*” 3º ed. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021.

THOMSON, Alistair. “*História (co) movedoras: História oral e estudos de migração.*” *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 341-364. Dezembro de 2002.

VIEIRA, Ana Flávia Braun. “*PARA ALÉM DO PAPEL: O jornal O Tibagi e a construção do discurso fundador de Telêmaco Borba – PR.*” Ponta Grossa, Texto e Contexto Editora, 2019.

WILLIAMS, Raymond. “*RECURSOS DA ESPERANÇA: CULTURA, DEMOCRACIA, SOCIALISMO*” Editado por Robin Gable; introdução Robin Blackburn; tradução Nair Fonseca; João Alexandre Peschanski. 1º ed. São Paulo – SP; Editora Unesp, 2015



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**CONSOLIDAÇÃO DO SINDICADO DOS METALÚRGICOS DE
PONTA GROSSA/PR: A AÇÃO E IMPORTÂNCIA DO SINDICATO
PARA OS TRABALHADORES ORGANIZADOS 1993-2000**

SCREMIN, Francisco L.¹ (Bolsista PIBIC/Fundação Araucária); PETUBA, Rosângela M.S;² (orientadora)

¹e ²Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de História;

A importância das organizações sindicais, consolidou o sindicalismo brasileiro na construção e ascensão de diversos direitos, lutas, perseguições, reivindicações, frustrações e conquistas para a classe trabalhadora. Para problematização no trabalho proposto, destacou-se a importância de compreender a conjuntura desses trabalhadores sindicalizados representados pelo Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Ponta Grossa. Por conta disso, este trabalho teve como objetivo analisar o período entre 1993-2000 nos Campos Gerais através das memórias e narrativas dos trabalhadores sindicalizados. Pretendeu-se relacionar as experiências de resistências desses trabalhadores e a luta sindical frente as mudanças e ataques pelas políticas neoliberais. A partir da metodologia da história oral, através dessas narrativas, compreender estes sujeitos dentro do processo cultural que estão inseridos a fim de construir a historicidade deste campo.

Palavras-chave: *sindicato; metalúrgicos; trabalhadores; experiência; classe;*

1. Introdução

Esta pesquisa surgiu através das experiências de trabalho em uma das Indústrias Metalúrgicas de Ponta Grossa, no desejo de organização e reivindicação enquanto classe trabalhadora. A aproximação ao Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Ponta Grossa se deu a partir do contato com esses trabalhadores em importantes manifestações organizadas na cidade.

A importância das organizações sindicais, nas últimas três décadas no Brasil, consolidou a construção de inúmeras greves e a ascensão de lideranças políticas vindas do meio sindical. Para o professor Francisco de Oliveira (1999, p.25) no livro Pós-Neoliberalismo de Emir Sader esse período a sociedade demonstrou uma extraordinária capacidade de responder ao ataque neoliberal através de sua organização. Nesta década foram construídas as três grandes centrais sindicais de trabalhadores: CUT (Central Unica dos Trabalhadores), FS (Força Sindical) e CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores).

Estas demonstraram a posição central dos trabalhadores organizados em qualquer proposta para o Brasil, mesmo que de tendências diferentes. Na década de 1990, recorte deste trabalho, nos Campos Gerais em geral, através de todo material obtido durante a pesquisa se elucidou o caráter persecutório aos trabalhadores e à luta sindical. No Brasil contou com a ascensão do neoliberalismo, privatizações em larga escala, redução drástica dos investimentos do Estado em políticas sociais, reforma administrativa, reforma previdenciária, flexibilização da legislação trabalhista, foram ensaiados por Fernando



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Collor de Melo e levados adiante por Fernando Henrique Cardoso. Esses planos foram marcados pelo caráter reformistas e tiveram impactos diretos no processo de reestruturação dos mundos do trabalho e por consequência na organização sindical brasileira. Tais modificações se deram a partir de transferências de indústrias para áreas de menor atividade sindical, desregulamentando do mercado de trabalho, encolhendo setores tradicionais do sindicalismo operário típico, refletindo na fragmentação das organizações e diminuição da filiação sindical. Para tal afirmação recorro ao professor Francisco de Oliveira:

Na entrevista que o presidente da General Motors do Brasil deu recentemente, ao tratar da localização da nova fábrica da empresa, explicitamente ele mandou o recado: a fábrica não será em São Paulo, nem em São Caetano, tampouco em São Bernardo e muito menos em São José dos Campos. Ela irá para uma cidade do interior de Minas, porque lá não tem sindicato. A arrogância da grande burguesia num encontro justamente chamado Decola Brasil, para apoiar a candidatura de Fernando Henrique Cardoso. (OLIVEIRA, 1998, p.27).

Esses são os objetivos propostos, concerne em acabar com a capacidade de luta e de organização importante que o sindicalismo brasileiro mostrou. O planejamento neoliberal a todo vapor: acabar com a perspectiva por um futuro próspero e desarticular as organizações sindicais, populares e de movimentos sociais.

A história se faz analisando as ações dos seres humanos, essa análise das ideias e dos pensamentos só faz sentido quando confrontada com a história factual, é preciso entender o contexto que está entreposto. Refletir sobre a importância da luta sindical e o contexto que esses trabalhadores estão inseridos, foi importante o diálogo com o historiador inglês E.P. Thompson na obra *A Miséria da Teoria* (1981), esta leitura ajudou a pensar a necessidade como um fator inerente ao ser humano, transpassam as necessidades do cotidiano, não apenas o que o sujeito precisa para sobreviver. Ao nos retermos a discussão sobre a consciência de classe e ao conceito de classe, entende-se o sujeito toma consciência de si, do outro e do mundo, quando ele se percebe como um ser social, histórico e temporal, e também no comando de suas próprias ações. Thompson irá argumentar que o conceito de experiência histórica serviria para que os historiadores percebessem que não é possível pensar determinada classe social separada da outra, o processo de auto formação acontece efetivamente a partir das experiências históricas conquistadas e apreendidas pelos sujeitos. (THOMPSON, 1981, p.13-18).

Como um dos suportes de investigação, o trabalho com as narrativas orais, a fim de contribuir com a historicidade deste campo, de forma qual o sujeito seja o eixo central da história, compreendendo que as participações desses sujeitos é indispensável para construção deste trabalho de forma ativa, enquanto elemento formador de todo esse processo estudado. Para Raphael Samuel (1990) o uso do método permite ao historiador, em conjunto com a memória do entrevistado, desenhar novos mapas, possibilitando compreender a visão, em uma perspectiva historiográfica destes indivíduos.

Um valioso elemento que os historiadores tem com as narrativas orais é a subjetividade do expositor, para Alessandro Portelli na obra *Projeto História 14: Cultura e representação*:



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos; (PORTELLI, 1997, p.31).

Para a análise, foram feitas 4 entrevistas, com trabalhadores sindicalizados aposentados, que atuaram e de alguma forma construíram politicamente no Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Ponta Grossa, no período proposto na pesquisa. As questões norteadoras para realização das entrevistas foram sobre: infância, família, trabalho, luta sindical, formações políticas, perspectivas no movimento sindical. Questões essas que foram levantadas com base a partir do material bibliográfico já realizado.

Também foi realizado um levantamento dos documentos existentes no Sindicato, dentre eles estão as ATAS de reuniões, principalmente da primeira metade da década de 1990, fotos de manifestações, reuniões, assembleias, além registros de cursos de formação. Foi feito também levantamentos em acervos documentais da cidade, especificamente nos jornais do período, entre eles: *O Legislador* (1994), *Página Um* (1995), *Jornal da Manhã* (1990).

Para a compreensão histórica da fotografia sua relação com a experiência vivida e com o conhecimento construído, foram das contribuições de Ana Maria Mauad (1996), apresenta a fotografia como uma mensagem que se elabora através do tempo, tanto como testemunho direto como indireto do passado:

A análise histórica da mensagem fotográfica tem na noção de espaço a sua chave de leitura, posto que a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, como, por exemplo, o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), o espaço da figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais. (MAUAD, 2008, p.40).

Essa visão permitiu analisar as imagens longe da concepção de registro neutro do passado, de um “espelho” do real, a fotografia revela o que está sendo mostrado, mas também quem está mostrando.

2. Sindicalismo nos Campos Gerais e a Luta Sindical

No processo de resistência do Sindicalismo na década de 1990 frente os ataques neoliberais, o Sindicato dos trabalhadores Metalúrgicos de Ponta Grossa, objeto desta pesquisa, não contava com uma eleição concorrendo uma chapa de oposição há 38 anos.

Esse fato nos fez refletir, pois, um sindicato que congregava aproximadamente 4 mil metalúrgicos, não ter como ponto norteador uma democracia sindical interna coesa. Em 1994, a chapa “Metal Urgente” ganha as eleições, e começa um novo período no Sindicato de transformações, de certa forma, o abrir das portas para uma política sindical mais receptiva aos trabalhadores, horizontal, com ponto norteador um sindicalismo combativo que será problematizado ao decorrer da pesquisa. Nos ajuda a problematizar, evidenciar que a chapa Metalurgente contava com o apoio da CUT (Central Unica dos Trabalhadores), organização que tinha em seus horizontes o objetivo de construir um “novo sindicalismo” como cita Ricardo Antunes (2016). Para a problematização desse



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

tema, recorro a um recorte do O Legislador, de 1994, jornal interno da camara legislativa de Ponta Grossa-PR, que aborda tal questão:

Figura 1 – Sindicato dos metalúrgicos conta com diretoria de oposição



Fonte: jornal O Legislador, 1993, Ponta Grossa.

Nessa matéria (figura1) aparece alguns pontos que são importantes para reflexão nesse primeiro momento. Sobre a abertura do sindicato recorro a entrevista feita com Mauro Cesar Carvalho Pereira, que na época, era secretário geral, e narra sobre o processo de abertura do Sindicato:

O sindicato ele na época estava em um processo muito moroso, eles não faziam luta, eles não apresentavam propostas que envolvesse os trabalhadores, mas tinha uma greve que ainda pesava naquela direção, que os dirigentes venderam a greve, sabe, se é possível isso, mas pesava na direção que eles traíram a base [...] Ai a gente ganhou o sindicato, a gente viu a necessidade de não fazer a mesma coisa que os caras, a gente sabia o que o trabalhador queria e esperava do sindicato, se sentir representado e contemplado, e ao mesmo tempo, resgatar-se um pouco o papel do sindicato, e foi nesse momento de abertura do sindicato, de trazer agenda, de trabalhar com formação. (PEREIRA, 2022).

A diretoria eleita empenhou-se para que o Sindicato fosse assumido pelos trabalhadores como um instrumento de luta e não somente como uma sede com seus serviços assistenciais. Problematizando o período e as condições nas quais era feita a luta sindical, destaco a matéria do jornal *O Legislador* (1995) (figura 1), a perseguição patronal através das demissões aos sindicalistas por formarem uma chapas de oposição, confrontando as decisões patronais disputando um novo sindicalismo e uma democracia sindical.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Nesse sentido, aprofunda a problematizar dos desafios de fazer a militância sindical de oposição nos Campos Gerais na década de 1990, como podemos perceber na leitura do jornal *Página Um* (1995) na cidade de Carambeí:

Figura 2 – Atentado a Diretor Sindical



Fonte: *Página Um* (1995).

Na matéria o diretor sindical Donizete Gelinski sofre um atentado em frente a indústria na qual passava informes aos trabalhadores sobre a Campanha Salarial, quando um dos sócios da cooperativa, ao não ser atendido pedindo que o sindicalista parasse de falar, disparou tiros contra Donizete e seu carro de som. São essas ações que demonstram o desespero do patronado frente a organização dos trabalhadores. Para o sindicalista essas atitudes não intimidaram a luta sindical e a reivindicação por seus direitos.

Em consonância com essa matéria, destaco a entrevista dada pelo metalúrgico e sindicalista aposentado Sr. Adenilson Barbosa. Nela o entrevistado fala do medo das perseguições ao receber convites para participar do sindicato, em uma empresa de alimentação, por volta de 1989 a 1990, também em Carambeí:

...o sindicalismo tava iniciando naquela época em Carambeí, não tinha assim, parâmetros de outras épocas, tava iniciando, montaram e daí foram convidando as pessoas para participar sabe, daí me fizeram convite, por que já viram em mim tipo de liderança, só que a princípio não quis sabe, ficava com medo, naquela época, quando você entrava no sindicato, você já arriscava seu emprego, que era osustendo da tua família, então você arriscava muito, mas eu tinha aquela vontade: "poxa vida, eu tinha que fazer alguma coisa acontecer,



2º COLÓQUIO PPGH - UEPG EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES: 10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

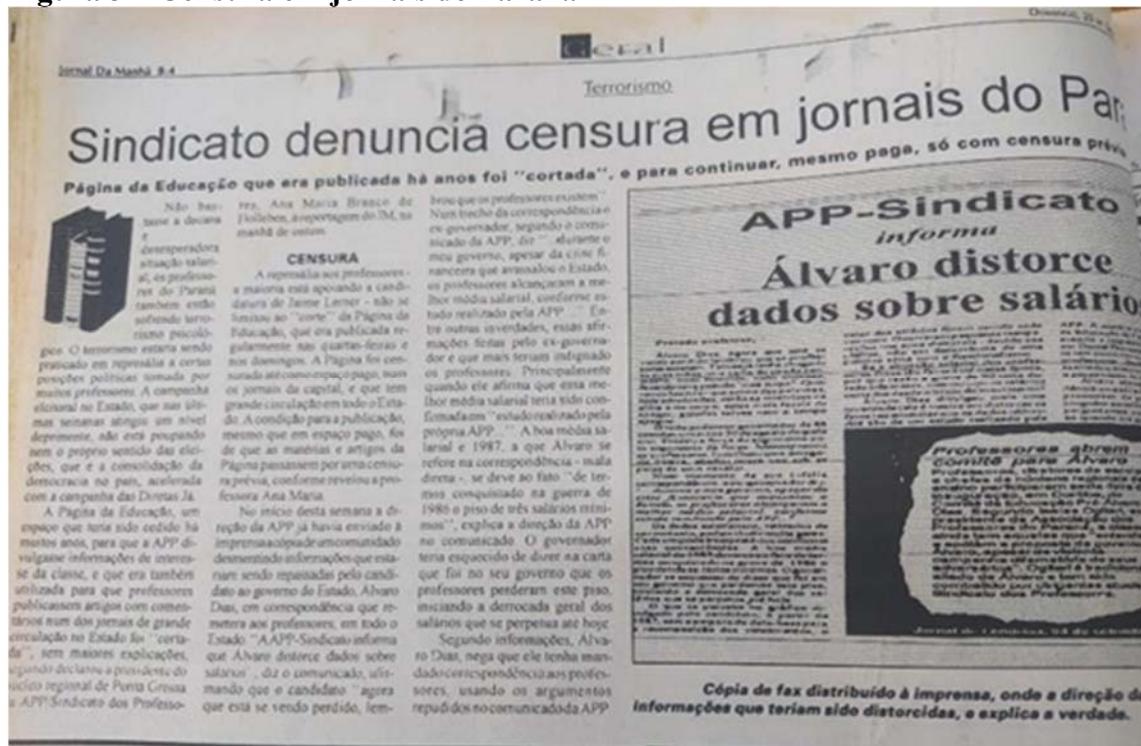
que mude essa realidade" que naquela época era muito terrível cara, complicado mesmo." (BARBOSA, 2022).

Referente a figura 1 é importante destacar o trecho onde é apontado as "terríveis condições de exploração que o trabalhador metalúrgico sofre com as longas e exaustivas num turno de 12 por 12, isto é completamente ilegal" (Figura 1). Para isso, trago o depoimento do metalúrgico aposentado Sr. Sebastiao Gonçalves de Paula, na qual expõe sua experiência no começo da indústria Metalgráfica Iguazu em Ponta Grossa-PR:

...nós quando começamos, nos estávamos em 500 pessoas, 500 empregado, não dava bem 500, e daí o ministério do trabalho proibiu a hora extra, porque nos fazíamos 12 horas, eu trabalhava das 18 horas da tarde as 6 horas da manhã, então pra fazer 8 horas tiveram que pegar quase mais 1000 pessoas, pra dar três turnos, e hoje tão lá em, não chega a 150 pessoas. (PAULA, 2022).

No contexto de luta sindical dos trabalhadores no Paraná. A exemplo disso categoria dos professores da rede pública, historicamente perseguida pelos governos do Estado, no Jornal da Manhã, de 25 de setembro de 1990, mostra a denúncia da APP-Sindicato contra a censura em seu espaço de publicação sobre Educação, na qual foi cortada arbitrariamente em retaliação diante das eleições do período:

Figura 3 – Censura em jornais do Paraná



Fonte: Jornal da Manhã, 25 de setembro de 1990.

A manchete é importante para pensar a luta dos trabalhadores - não só dos trabalhadores metalúrgicos, que se faz essa pesquisa- mas do Estado do Paraná, e



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

demonstrou uma represália aos professores, que tiveram sua voz censurada até em espaços pagos, em um dos jornais da capital e que tinha grande circulação em todo o Estado, espaço esse, que servia para que a APP-Sindicato divulgasse informações de interesse da classe, e que era também utilizada para que os professores publicassem artigos.

O apoio da CUT à chapa METALURGENTE, eleita em 1994, foi importante para entendermos essa entidade de base em seu momento embrionário, na coalização de um lado, as denominadas "lideranças autênticas" que se apresentavam já como expressão do "novo sindicalismo", do outro lado as oposições sindicais que se destacavam pelas lutas contra a estrutura sindical, dessa ação convergente se formou no início dos anos de 1980, uma central sindical de âmbito nacional (ANTUNES, 2015). Para Antunes esse esforço de unificação foi a cristalização das diferenças no interior do movimento sindical brasileiro, a Central nasceu da associação de diversas forças sindicais distintas: sindicalistas independentes, oposições sindicais, militantes da pastoral operária, setores da esquerda, todos com o objetivo de construir um sindicalismo autônomo, em oposição ao atrelamento das entidades sindicais as estruturas do Estado, com princípio de liberdade e autonomia, além de amplo direito de greve.

Para problematizar melhor esse tema, o Sindicato dos Metalúrgicos de Ponta Grossa, durante a década de 1990 mostrou sua força e representação nas ruas, destacando grandes manifestações, atos e greves, analisando as imagens a seguir, coletadas no acervo do Sindicato.

Figura 4 – O povo com a corda no Pescoço





2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Fonte: Acervo documental Sindicato dos Metalúrgicos, entre 1994-2000.

A figura 4 tem referência da música de Beth Carvalho “o povo com a corda no pescoço”, um ato do Sindicato dos metalúrgicos no dia 15 de novembro, proclamação da República. A letra da música faz referência em como os trabalhadores são boicotados, suas demandas ignorados, seus problemas deixados para trás. A fotografia expressa a exploração na qual os trabalhadores sofrem, ligados uns aos outros por uma corda no pescoço, a fome, desemprego, dívidas. Atrás a bandeira nacional, que nos faz refletir qual o papel do trabalhador nesse país? O que representa a bandeira Nacional para esses sujeitos. Evidencia o incômodo desses trabalhadores diante o dia da proclamação da República.

Figura 5 – Ocupação Fábrica de cofres



Fonte: Acervo documental Sindicato dos Metalúrgicos.

Na figura 5 apresenta uma ocupação feita pelo trabalhadores a uma fábrica de cofres, na qual estava entrando a falência e os metalúrgicos confiscaram os materiais e máquinas como forma de garantia, caso os patrões não pagassem os salários atrasados e as dívidas com a categoria. Esse acontecimento demonstra o nível de articulação e a radicalidade dos metalúrgicos.

3. Formação Sindical de base



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

A formação Sindical historicamente tem um papel importante e estratégico na construção coletiva da concepção sindical, de uma cultura de classe e da identidade da classe trabalhadora. Importante para colocar os trabalhadores enquanto agentes de transformação da sociedade. O Sindicato dos Metalúrgicos teve em seu quadro, muitos cursos de formação de base, incluindo viagens por todo o Brasil, para isso é preciso abordar duas entrevistas. A primeira do Sr. Sebastião Gonçalves de Paula que compartilhou uma de suas viagens:

Viajei com o Sindicato, fui conhecer Maceió, jamais poderia ir lá [...] de todas as cidades do Brasil, vinha um punhadinho, quatro, cinco, seis pessoas de cada cidade, mais ou menos 380 pessoas, pra cada um discutir o problema de sua cidade, ali nós fazíamos o planejamento e cada um apontava o que era prioridade em sua cidade, estado, e assim a gente aprende um pouco mais também, aí que foi uma verdadeira realidade do mundo hoje né [...] quando terminava o almoço, o pessoal que estava ali, não esperava, a uma quadra do mar, se apencavam tudo, pra água, eu ficava dentro de casa, porque eu achava ali era um trabalho e a gente tinha que fazer, eu vim pra trabalhar aqui. (PAULA, 2022).

Uma valiosa experiência na qual o Sr. Sebastião transparece sua dedicação e seriedade com a luta sindical, na qual tratava sua viagem de formação como um trabalho, deixando de lado momentos de lazer para estudar e se capacitar. A fala também expõe a construção na qual cada dirigente leva as demandas da sua região para que possa ser feito um planejamento das diligências e necessidades de cada trabalhador.

Eu não tinha conhecimento nenhum, só tinha vontade de fazer com que a coisa mudasse, mas eu não tinha conhecimento nenhum, aí eu cheguei e perguntei "viu, eu não tenho conhecimento, mas quero ver a coisa mudar" aí "Não Barbosa, venha, você vai fazer cursos, e vai entender como funciona, vai viajar, vai conhecer muita coisa, e daí a partir daí, você vai crescer seu jeito de trabalhador dentro da indústria, e do chão de fábrica" e a partir daí eu comecei a fazer uma infinidade de cursos, meu conhecimento era pouco, e acabei conhecendo muita coisa, e daí me abriu mais a mente, e aí que eu vi, eu posso brigar. [...] fizemos módulos I, II e III de conhecimento das políticas sindicais, cheguei a fazer curso de oratória. (BARBOSA, 2022).

Para o Sr. Adenilson o conhecimento adquirido no sindicato através da militância, foi político-pedagógico, transformou a realidade que estava inserido, o capacitando e dando oportunidade. Já para o Sr. Sebastião o sindicato vai além das conquistas por direitos, assistências, evidenciou que os companheiros o ajudaram quando mais precisava:

“Pois foi assim, falar bem a verdade, o primeiro, o presidente, o candidato a presidência do sindicato me convidou, e eu no começo, comecei a correr, tinha medo, pois não tinha informação nenhuma, pra mim o sindicato era um paredão, medo que dava, parece sei lá o que, e eu não tinha informação, vim lá do interior, falavam do sindicato ficava arrepiado, o Buiú, ele veio, me fez um favor muito grande, porque a empresa se negou, a Metalgráfica, falar a verdade, se negou a me ajudar na hora que eu mais precisei, que meu sogro tinha falecido, e ele se negaram me adiantar, adiantar não, porque o dizimo do



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

13º, porque não queria só metade que liberava, eu tinha que sair correndo atrás de dinheiro pra fazer o funeral, o homem morto lá no hospital, [...] Ai o Buiu...e o Seu José de Freitas foram lá em casa, e eu não tava "diga a ele quantos (dinheiro) ele precisa, que arrumamos pra ele [...] pois então, veja a situação que passei [...] graças ao Sindicato eu me aposentei também, então devo muito ao Sindicato, devo muita oração, me favoreceu muito". (PAULA, 2022).

É muito importante refletir o papel que o Sindicato teve em um período muito difícil na vida desse trabalhador, o negligenciamento dos patrões perante a uma instabilidade, negar o pagamento que era seu direito. Sr Sebastião demonstrava o medo de se organizar mas também por perseguição diante da conjuntura, o medo que era entreposto, essa análise se faz também em qual abordagem o Sindicato precisava ter para aproximar novos membros e as dificuldades existentes. Destacou-se nas falas dos entrevistados a existência das relações coletivas firmadas em ajuda mútua, não somente no cotidiano do fazer-se ou na militância.

4. Considerações Finais

O Sindicato dos Metalúrgicos de Ponta Grossa representa uma grande força na luta sindical da cidade, os trabalhadores frente a uma década marcada pela forte pressão imposta pelo capital, objetivando em uma fusão entre neoliberalismo e uma reestruturação produtiva (ANTUNES, 2015).

As reflexões que foram propostas neste trabalho em torno das memórias dos trabalhadores. Contribuímos para que suas memórias e experiências como protagonistas na história da luta sindical da cidade diante outras representações na história da cidade, a fim de notabilizar novas perspectivas. É importante destacar que novos caminhos emergiram para a continuidade nas problematizações iniciadas nessa pesquisa. Este trabalho teve por objetivo não revolucionar e trazer uma grande reviravolta ao mundo do trabalho, e sim contribuir com a produção científica e mostrar as particularidades do cenário sindical na cidade de Ponta Grossa-PR, podendo servir de fonte para futuras pesquisas na área.

O trabalho com as fontes orais ampliaram as perspectivas de análise do tema e os aspectos sociais desses trabalhadores no espaço socio-histórico na qual estavam inseridos. Esse trabalho requer uma interlocução constante com as discussões em torno da memória, experiência e é importante que ao trabalhar com as narrativas orais não seja somente esse o apoio investigativo da pesquisa.

Toda a construção feita pela organização sindical dos metalúrgicos contribuem para uma maior representatividade da sua base, que tem uma entidade alinhada a sua luta e identidade.

Referências

ANTUNES, R. SILVA, J. B. *Para onde foram os Sindicatos? Do sindicalismo de confronto ao sindicalismo negocial*. Dossiê, São Paulo, 2015.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

CANDAU, J. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

SADER, E.; GENTILI, P.; BARON, A. *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado Democrático*. São Paulo: Paze Terra, 2008.

MATTOS, M. B. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

MAUAD, A. M. *Através da Imagem: Fotografia e História interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, 1996.

MAUAD, A. M. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora UFF, 2008.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992

PORTELLI, A. História Oral como Gênero. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 22, p. 9-36, 2001.

PORTELLI, A. *Projeto História: Cultura e Representação*. Cap 1: O que faz a História Oral Diferente. PUC-SP, São Paulo, 1981.

RAMALHO, J.R, RODRIGUES, I.J. *Sindicalismo do ABC e a era Lula: Contradições e resistências*. Artigos Lua Nova, 2018.

SAMUEL, R. História Local e História Oral. São Paulo: *Revista Brasil de História*, 1990.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA RELAÇÃO ENTRE O FICAR E SAIR: A PERMANÊNCIA DOS JOVENS NO ASSENTAMENTO PIRITUBA/ SP.

MARTINS, Giovana R.¹; LAVERDI, Robson (orientador)²

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa. ²Departamento de História (DEHIS).

A educação é um importante elemento na vida camponesa, já que por muito tempo esses sujeitos tiveram o seu acesso negado. Assim, no decorrer da minha trajetória como pesquisadora identifiquei a mesma como um elemento da permanência dos jovens pela terra. Assim, tendo em vista a necessidade de debater acerca da educação camponesa, uma vez que compõe a vida dos sujeitos do campo, demonstrando ser um ponto de significância, viu-se a necessidade de discutir acerca do tema. O objetivo deste texto é analisar a educação camponesa e suas nuances, tendo em vista as particularidades do contexto local a ser pesquisado. Para isso, foi escolhido entrevistas com jovens e pais que constituem a cena da luta por educação, bem como o cenário das instituições que compõe o local da pesquisa. Para tanto, escolheu-se o assentamento Pirituba, localizado nas cidades de Itapeva/ SP e Itaberá/ SP, visto como local que expressa as conflitualidades camponesa, com um longo percurso de lutas por educação do campo.

Palavras-chave: Educação; assentamento Pirituba; juventude; permanência.

1. Ser jovem e o assentamento Pirituba.

Fazer uma análise sobre juventude sem-terra não foi tarefa fácil, contudo, durante os anos de graduação me propus a tal, a qual início já a respondê-la. Isso porque não tenho como intenção dedicar as próximas linhas apenas a permanência dos jovens sem-terra no campo. Pretendo analisar um pouco mais qual o papel da educação nesta relação entre o ficar e o sair da terra, já que a mesma foi vista como importante elemento de permanência, sendo essencial para aqueles que compuseram o trabalho em questão. Assim, recorrerei ao uso das entrevistas que realizei entre os anos de 2020 e 2021, para a pesquisas de Iniciações científicas (IC), em conjunto com os jovens e seus pais do assentamento Pirituba/ SP, onde se localiza a análise⁵⁵. Ao todo, foram realizadas 9 entrevistadas, mas apenas 5 serão recorridas no presente texto, as quais foram selecionadas pela proximidade com o tema proposto. Todavia, antes de adentrar discussão, creio ser necessário mostrar um apanhado tanto da pesquisa mencionada, como do local da análise.

Como já citado, iniciarei pelos resultados alcançados anteriormente. Por meio da pesquisa de campo, bem como do material bibliográfico levantado chegou-se a conclusão de que os jovens não permanecem na luta pela terra, contudo, há motivos materiais e

⁵⁵ Essa pesquisa faz uso da história Oral, para que os sujeitos da pesquisa participassem de maneira ativa do processo de sua elaboração. Além disso, devido a escassez de fontes acerca do tema no local pesquisado, o método foi visto como favorável ao trabalho.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

sociais para que isto não ocorra. Pautados por suas experiências, conceito que retiro de E. P Thompson (THOMPSON, 1981) os jovens são, em certa medida, direcionados⁵⁶ pelas possibilidades reais a eles fornecidas. Segundo o autor a experiência permite que os sujeitos fujam de todos os sistemas densos, sejam eles familiares ou sociais, que estejam estritamente condicionados, levando em conta o contexto real em que os indivíduos estão assujeitados. E é isso que ocorre com os objetos desta pesquisa. Porém, antes de aprofundar nesta questão, vejo como necessário apresentar o local do trabalho, assim como a relação de pertença do jovem com o campo, uma vez que há ligações diretas com os objetivos propostos.

Localizado entre as cidades de Itapeva/ SP e Itaberá/ SP, o Assentamento Pirituba possui longa trajetória em prol da classe camponesa. A primeira ocupação iniciou em 1981, tendo em seguida em 1982 e 1984⁵⁷, sendo apenas a última liderada pelo Movimento dos Trabalhadores sem-terra (MST). Todavia, seu percurso pela dignidade camponesa se inicia anteriormente, na década de 1950, com o governo de Adhemar de Barros no Estado de São Paulo. O até então governador ofereceu as terras ao agrônomo Lino Vicenzi, com o intuito de ampliar as lavouras de trigo em prol da industrialização estadual. O uso indevido da localidade virou a regra da vez, o que deixou os camponeses que residiam a região a mercê dos mandos e desmandos dos novos dominantes.

Os anos que se seguiram teve o marco de grilagens e desapropriações de terras, já que o engenheiro responsável “doou” às a parentes e amigos próximos. Todo o processo, que se estendeu até o início dos anos de 1980 deixou a classe trabalhadora camponesa da região as margens sociais, como afirma Ana Terra Reis (REIS, 2013). A autora garante que os interesses dos grandes proprietários, assim como de funcionários públicos que passaram a usufruir da localidade foram assegurados, ainda que o mesmo não acontecesse com os reideiros da região. Esse foi o cenário que deu corpo histórico para as ocupações que se seguiram, que tiveram como emblema a conflitualidade territorial.

Como já citado, ficou perceptível, por meio da análise das entrevistas que os jovens não permanecem na terra. A evasão do campo teve como pauta a realidade concreta destes sujeitos. O senso comum, assim como parte da literatura contemporânea alegam que esses jovens saem do campo sem a contextualização do fenômeno, o que reduz a complexidade analítica apresentada no mesmo. Isso pode acarretar problemas sérios para o movimento como um todo, uma vez que se descredibiliza a continuidade da luta; foi a estas conclusões que cheguei em parte da pesquisa realizada. Todavia, o que também ficou esclarecido é a existência de um processo de resistência para a permanência desses sujeitos ao campo, uma vez que há a identificação dos entrevistados com o local⁵⁸.

Para compreender o processo de identificação e identidade dos jovens a terra, utilizarei o conceito de Memória desenvolvido por Ulbiano T. Meneses (MENESES, 1992), que diz que a memória é produto do presente sobre o passado. Esse conceito é

⁵⁶ É preciso mencionar que este condicionamento não é determinante, uma vez que muitos jovens procuram meios viáveis de se estabelecerem no campo.

⁵⁷ O assentamento Pirituba integrou os movimentos “espontaneístas”, como era titulado, que ocorreu no final da década de 1970 e início dos anos de 1980, antes da criação e institucionalização do MST.

⁵⁸ Exemplo disso é a dissertação de mestrado de Carlos Eduardo da Silva.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

valido para o trabalho, uma vez que afirmo a interferência da temporalidade, tendo ela como crivo das relações sociais vivenciadas. Os eventos passados foram reestruturados por meios das narrativas dos jovens, o que demonstrou a importância da história oral para a pesquisa, afim de privilegiar a narrativa dos sujeitos.

A memória estrutura e aparata o ser social para que o mesmo construa sua identidade a partir das relações que foram vividas ao longo da vida. Identificado a necessidade que parte dos jovens tem em permanecer na terra, motivados por diversos fatores, percebesse ligações com este passado de lutas. Isso pode ser identificado na fala de Cauê Roman Sanchez, um dos jovens entrevistados:

Essa pertença de sem-terrinha, a é muito boa, é muito bom! Sempre senti isso, sempre. Principalmente porque também a minha mãe sempre procurava me envolver nessas atividades, não só ela procurava como eu também gostava, e procurava me envolver também. Ela que tipo, me empurrava, e eu... e eu gostava. É isso. (SANCHEZ, 2020)

Por meio da fala do entrevistado há uma ligação clara com a identidade sem-terra, que foi construída socialmente por meio de processos históricos. A família, representada neste caso pela mãe, foi um dos fatores identificados como relevantes na permanência na terra, contudo, não é fator decisório. O que determina são as viabilidades apresentadas. Acerca das dinâmicas familiares e suas influências, é preciso destacar que família é a primeira instituição em que o sujeito tem contato na vida, e por isso a rede relacional acopla a construção identitária do sujeito. Outros pesquisadores investigam este aspecto, como o caso de Maria Tereza Castelo Branco. Segundo a socióloga “são os sentidos dos pais que se constituem como primeiras estruturas dos gestos intencionais que as crianças passam a dirigir quando desejam alguma coisa” (BRANCO, 2020, p.150). Já nos jovens da análise, muitos dos sentidos de importância são construídos ainda na infância. Ou seja, a família aparece como produtor de significados, visto que integram as atividades do sujeito. Contudo, os jovens não replicam as percepções e sentidos dos pais, eles realizam suas ações e escolhas a partir do seu próprio tempo. É o que mostra Geovanna Mariosi, ao dizer como a identidade sem-terra veio por meio de um momento decisório em sua vida:

Eu sinto que foi necessário, esse período, tipo, de sair do espaço que eu tava, pra perceber minha identidade sem-terra, porque quando a gente tá inserido naquele espaço, parece que tudo é muito natural. [...] Então, **depois que eu fui para um ambiente, onde essa cooperação era muito fraca, eu percebi que... o ambiente que eu tava era muito raro, e que era muito bonito.** E aí, através disso, eu fui começando a identificar que, tipo, ser sem terra é uma identidade mesmo! (grifo nosso) (MARIOSI, 2020)

Percebe-se por meio da fala da entrevistada, dois pontos importantes. O primeiro é o pertencimento construído individualmente por meio da experiência de cada sujeito, realizado por processos históricos vivenciados no campo real. Isso fica perceptível ao fazer uma análise comparativa entre ambas as entrevistadas apresentadas. Apesar dos jovens compartilharem vivências em comuns, são os aspectos objetivos que determinam suas concepções. O segundo são as questões de significâncias e do diferencial por eles



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

apresentadas. Os entrevistados, em sua totalidade, evidenciaram que parte do desejo de permanecer na terra está vinculado aos elementos que são encontrados apenas neste espaço, como a boa qualidade de vida, bastante citada, e a cooperatividade presente neste espaço. Para eles, essa relação da comunhão é apenas possível no campo, já que na cidade a vida se encontra mais individualizada⁵⁹.

Ainda acerca da análise da identidade, ficou claro que se entender quanto sem-terra é compreender as diferenças que a realidade exige, com isso o conceito de cultura se faz válido, afim de pensar quais os fatores que permeiam o local do trabalho. Segundo Raymond Williams (WILLIAMS, 2015), a cultura é tantos aspectos comuns, quantos os mais refinados significados individuais, assim, ela está ligada com a materialidade vivida na localidade. Os entrevistados apresentaram além de características próprias, aquelas que comuns e importantes a toda comunidade. Evidente exemplo foi a educação, vista como elemento de importância para todos os jovens, bem como por aqueles que antecederam a eles. Afim de exemplificar recorri a fala de Dyane Proença, uma das entrevistadas, que explicita sua experiência nas escolas fora do campo:

[...]quando eu comecei a estudar no bairro, eu tive muito preconceito por ser do MST. Então sempre as crianças do bairro que se achava melhor que a gente, por ser do movimento, então sempre teve preconceito com nós. Só que a gente levava de boa, sempre meus pais falavam: não, você tem que relevar, porque eles não têm o conhecimento que você tem sobre o que é o MST. Eles sempre achavam que a gente era um bando de zoero, que só faz coisa errada, então com esse conhecimento[...]. Porque eu tive preconceito, mas eu soube relevar esse preconceito, porque eu entendi o que nós era (grifo nosso). (PROENÇA, 2020)

Há na fala da entrevistada elementos importantes a serem avaliados. Destaco o papel significativo que os pais exercem por meio de suas percepções, o qual já evidenciei em entrevista anterior. A família, neste caso, teve função fundante para que a jovem se reconhecesse e tivesse orgulho de ser sem-terra. Com isso, percebe-se novamente que compreensão sobre si acontece por meio das relações ali desenvolvidas, e principalmente de quebra de percepções⁶⁰. Outro ponto é a importância da educação do campo. Dyane não se reconhece e nem se sente pertencente aquele espaço, uma vez que não partilham da mesma história a vivência. Essa relação desenvolvida dentro dos muros escolares vem acrescida do preconceito por ser do MST.

Por meio da fala exibida ficou perceptível que a escola é espaço de identificação com o campo, através da interação com os pares que compartilham a mesma realidade e das atividades pedagógicas que englobam a vida rural. Durante a pesquisa de campo a instituição surgiu como importante para os jovens entrevistados pela representação de luta que o espaço proporciona, e que citarei a frente. Além disso, no percurso das

⁵⁹ São estas interações sociais que dão corpo histórico para os sujeitos da pesquisa. Além disso, é necessário contextualizar o processo de identidade dos sujeitos a terra para entender a relação existente com a educação e o conhecimento formado no local do trabalho.

⁶⁰ Embora a legitimação das conquistas dos sem-terra tenha acontecido por meio da legitimação do Estado do direito, é muito comum ainda hoje o questionamento das mesmas. Essa afirmativa faço por meio das falas dos entrevistados, bem como das pesquisas que realizei.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

narrativas se falou sobre a importância que as instituições tem como lugares de socialização e identificação. Paulo Freire (FREIRE, 1996), já década de 1990, dizia da importância do sujeito se reconhecer no espaço escolar, e de se assumir enquanto ator social por meio da identificação cultural com o local. Essa percepção ainda se faz atual e pertinente na análise pretendida. Assim, me dedicarei no próximo tópico acerca da educação no Assentamento Pirituba, e sua relevância enquanto fator de permanência.

2. A permanência e a educação do campo.

Segundo Roseli Salete Caldart (CALDAR, 2020) para compreender o papel da educação na vida da juventude sem-terra é preciso que olhar do pesquisador não permaneça fixo na escola. Para tanto, tenho como intuito não apenas analisar a escola em si, mas também a educação como elemento constitutivo da luta pela terra no assentamento Pirituba, analisando os aspectos culturais e sociais neste âmbito.

Em minhas pesquisas, assim como no trabalho de campo, ficou evidente que a luta por educação ocorreu juntamente por terra nos limites de Pirituba¹⁷. Para Caldart (CALDART, 2001) esse era um movimento recorrente nas ocupações do MST, tendo como principal motivação dar aportes para que os mais jovens pudessem sair do campo, que ainda era visto como representação do atraso. Como mostra Edvaneide Barbosa da Silva (SILVA, 2008) o mesmo acontecerá com o assentamento Pirituba, mas acredito que tal afirmativa reduza a complexidade que o local apresenta, já que falas como a Lourdes Sanchez Sanchez, professora e militantes no assentamento do estudo, foram recorrentes entre a geração que antecedeu a juventude. A entrevistada relata que:

no acampamento conseguimos montar uma sala de EJA, para as pessoas adultas não alfabetizadas. Fizemos um barraquinho, e em outro lote que fomos, que conseguimos colher feijão, em cima desses sacos eram as nossas mesas e as nossas carteiras, onde sentávamos nos sacos de feijão com o nosso caderninho, e lá que dávamos, em baixo do lampião, de gás, ali que acontecia as nossas primeiras aulas de EJA. (SANCHEZ, 2021)

A fala da entrevistada revela que a preocupação acerca da alfabetização, com caráter emancipatório, não estava restrita apenas aos mais jovens. Além disso, evidencia uma discussão bastante pertinente, a educação popular. Segundo Freire (FREIRE, 2001) é preciso ter um ensino que reconheça as classes populares para uma prática democrática. Ou seja, uma educação dada por meio da interação entre comunidade, cultura e instituições formadoras. Sendo as escolas tradicionalmente instituições burguesas, e como assevera Miguel Arroyo²², que aprofunda as desigualdades marcadas pelos sujeitos que a ela tem direito, é preciso haver a participação da população, assim como comprometimento da equipe técnica com a efetivação deste saber. Ainda que não haja respostas conclusivas acerca deste assunto, e que mereçam uma dedicação a mais, creio ser válido contextualizar o cenário que encontrei no local da pesquisa.

Como mencionado a luta por escolas ocorreu juntamente a por terra, todavia, houve um longo processo para as conquistas que os assentados exibem. Isso porque o contexto local não colaborava. Os anos iniciais foram marcados pelo descaso dos



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

governos locais, que não forneciam meios básicos para que os assentados permanecessem nas escolas da cidade, uma vez que não havia tais instituições no campo. Exemplo disso é a fala Célia Aparecida de Carvalho, ao relatar sobre sua infância. A entrevistada, que hoje é professora substituta nas escolas do assentamento, conta que “o prefeito parou de mandar transporte, na troca de políticas, aí a gente ficou sem, e aí que parei e não voltei”(CARVALHO, 2021). A fala evidencia o descompromisso do poder público para com a população camponesa, além disso demonstra as diferenças geracionais expostas, visto que a mesma afirma ser:

[...]muito diferente da nossa juventude, que se você quisesse era difícil mesmo. A minha, por exemplo, eu poderia ter estudado antes também, né, porque a vários anos atrás ninguém me incentivou por exemplo, a pegar e estudar fora, como fez o Eleidimar o meu esposo. Ele, foi difícil, né, é diferente da juventude e agora, olha temos escola aqui, como eu te falei, desde a educação infantil até e o ensino médio. Tudo é mais fácil (CARVALHO, 2021)

As modificações geracionais são evidentes, já que existem marcos sociais e temporais que distanciam os públicos apresentados, isso porque o tempo é balizador dos sujeitos e das experiências que os circundam. Essa ideia retiro de François Hartog (HARTOG, 2013), que afirma que as ordens do tempo submetem os personagens da análise sem ao menos que eles percebam. Percebe-se que a educação funciona como espaço do diferencial para os mais jovens, que tiveram uma oportunidade renegada aos mais velhos. Esse fato é significativo, uma vez que entendo a escola como espaço importante de socialização, e de enraizamento do sujeito ao espaço, como conta Caldart (CALDART, 2009). Tendo como base reflexiva a autora citada, ficou claro a importância que as instituições do saber exercem no local, ainda mais ao analisar a fala de Cauê, que diz:

Uma questão também que é muito trabalhada no encontro do sem-terrinha, é essa questão da educação no campo: **não vou sair do campo pra poder ir pra escola, educação do campo é direito e não esmola**. Essas coisas são trabalhadas no encontro dos sem-terrinha. Tipo criar, fazer com que as crianças enxerguem que elas são do assentamento, tipo, **que elas não têm necessidade de sair daqui pra buscar...** pra buscar... oportunidade de viver melhor lá pra fora, elas têm que trazer... as coisas aqui pra dentro (grifos nossos) (SANCHEZ, 2020)

Novamente enfatizo duas questões por meio da fala do entrevistado. A primeira é a escola como elemento de permanência no campo, já que aqueles que estão em fase escolar não precisam sair do campo para tal direito. Enquanto a segunda é o que tentarei enfatizar: a comunidade como figura de formação. A identificação com o campo pode vir através da vivência educacional por meio de alguns fatores, sendo os principais deles a relação entre sujeito, espaço, cultura e realidade material.

Não somente a escola, como a comunidade corrobora no aspecto formativo com o auxílio para a identificação dos mais novos com a terra. Entretanto, o intuito não é colocar o projeto educacional vigente nas escolas no assentamento Pirituba como



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

concluído⁶¹. Apesar dos avanços feitos tanto pela comunidade quanto pelos professores das instituições, há vários obstáculos a serem superados. Mesmo com a identificação ou/ e respeito por parte dos profissionais que pertencem o quadro escolar as exigências burocráticas feitas pelo sistema dificultam a inserção da problemática em aula. Lourdes explicita que “é um desafio bem grande, e estamos com essa questão aí, dentro da escola da Agrovila I⁶², para que seja de fato uma prática dentro da escola. Mas por enquanto temos pequenas experiências, mas não é de fato é um projeto incorporado, ainda. Solidificado ainda” (SANCHEZ, 2021).

Apesar das dificuldades na inserção do tema no cotidiano escolar a interação com crianças e jovens que compartilham das mesmas experiências se mostrou significativa aos entrevistados. É importante que o aluno se reconheça no espaço escolar, que é um meio de combate aos ideais hegemônicos que regem na sociedade regional. Dessa forma, o relato de Cauê ilustra as diferenças na vivência de estudar dentro e fora do campo:

Você estudar com pessoas da cidade e pessoas do campo, alunos da cidade, alunos campo. Porque são vivências diferentes, são, tipo... eu sempre, eu penso, eu sempre digo... não sempre digo, mas eu muito, que tipo, eu penso que pessoas são lugares. Tipo... onde você, onde o meio que você tá, determina quem você é. Não determina quem você é, mas... não determina quem você é, mas você tem muita influência no meio que você tá. Tipo, o meio que você tá influencia muito sobre a pessoa é, a pessoa que você vai ser (SANCHEZ, 2020).

A educação é um dos proponentes para a identificação do sujeito a terra, assim como da permanência. Para tanto, não me refiro a um espaço da diferença, uma vez que parte dos jovens partilham de vivências semelhantes, bem como os demais integrantes que compõe as instituições. O que quero evidenciar é como a escola é um espaço de permanência e significância para a trajetória desses sujeitos, mesmo que não vigore em seus limites um projeto concluso e perfeito. Contudo, apesar das conquistas, sendo a escola uma delas, que o assentamento Pirituba teve com os longos anos de luta, não é certa a permanência dos jovens campo, visto que não refiro a sujeitos determinados. Se estivesse a fazer isso estaria a divergir com os princípios do ser social.

De volta a análise sobre a comunidade como formadora, ficou evidente no decorrer da pesquisa como a educação é um elemento de relevância para aqueles que integraram o presente estudo. A institucionalização do saber é vista como uma das maiores conquistas, todavia, é necessário entender que tipo de educação rege sobre o

⁶¹ O assentamento Pirituba conta com duas escolas que compõe o local, sendo elas a Escola Municipal Terezinha de Moura Rodrigues Gomes, pertencente ao município de Itapeva, já que a segunda a Escola Estadual Agrovila III, situada no município de Itaberá. Diferentemente da segunda instituição citada, a escola Terezinha, como é chamada, faz parte de um projeto piloto de educação do campo, contudo, como afirma Carlos Eduardo da Silva não houveram grandes mudanças para que se tornasse vigente. Recorro a reflexão do autor para o trabalho, visto que foi uma realidade apresentada pelos entrevistados em conversas informais, registradas em diários de campo.

⁶² A assentada se refere a E. M. Terezinha de Moura Rodrigues, popularmente conhecida como Terezinha apenas, ou escola da Agrovila I.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

local. Ainda que não tenha respostas conclusivas⁶³ sobre, creio ser relevante levantar a alguns apontamentos, que me aprofundarei em trabalhos futuros.

O assentamento Pirituba conta hoje com duas escolas, sendo elas a E. M. Terezinha de Moura Rodrigues Gomes e a E. E. Agrovila III. A primeira integra ao projeto de educação do campo integrado ao município de Itapeva/ SP. Contudo, apesar do documento em vigor é preciso enfatizar que não houveram mudanças significativas no currículo e cotidiano escolar, como mostra Carlos Eduardo da Silva (SILVA, 2015). A afirmativa do autor corresponde ao que encontrei em meio caminho, uma vez que os entrevistados alegaram que não tiveram tanto contato com temáticas do mundo camponês no período escolar. Para eles, parte disso está associado aos professores, já que “cada professor vai lá, dá sua aula e beleza, num faz uma questão, num tem... não faz questão de trazer o tema do movimento pra dentro da sala de aula”³⁴, como conta Cauê, que viveu seus anos iniciais na escola citada. Muitos dos professores que integram o quadro escolar das instituições não residem na localidade, gerando não identificação com o local.

Recorrendo novamente a Silva (SILVA, 2015), o autor afirma que governo local não teve interesse que o projeto da localidade se tornasse efetivo, todavia, considerado haver esforço para que ele ganhasse maior fôlego. Os militantes que conseguiram ingressar enquanto professores nas escolas dentro do assentamento se dedicaram a realizar uma pedagogia da alternância, voltada para as necessidades dos sem-terra e manutenção do espaço. Entretanto, ao avaliar a afirmativa do entrevistado Cauê, que não foi feita de forma isolada, sendo recorrendo entre os jovens, é preciso entender os processos sociais e históricos que envolvem a realidade. A materialidade encontrada é produto bruto de seu próprio tempo, e das relações por ela atravancada, ainda assim é necessário entender qual a colaboração da historicidade para aquilo que será encontrado na pesquisa de campo.

Para aquém do que foi apresentado, entendo que a escola é formadora de consciências na mobilização e organização de projetos societários, assim como assevera Caldart (CALDART, 2009). Por meio do que fora apresentado ficou evidente que as instituições em Pirituba ultrapassam o espaço de reprodução do conhecimento, sendo também lugar de socialização e do reconhecer de si, por isso a necessidade e a importância de estudar e entender a atuação política dentro das escolas e qual a historicidade da realidade. Mas essas são análises que, infelizmente, não cabem nessas poucas linhas, e que deixarei para projetos futuros. Ainda assim, espero que tais considerações sejam válidas para ideias iniciais no que tangencia a educação do campo e a sua relevância.

3. Considerações finais.

O objetivo deste texto foi fazer uma breve análise sobre o papel da educação para a juventude sem-terra no assentamento Pirituba, mesmo que de maneira inicial. No decorrer da pesquisa que baseou a presente produção, ficou evidente o papel que a

⁶³ O objetivo principal do trabalho realizado era compreender a relação entre a permanência, ou não, do jovem sem-terra. Logo, por se tratar de uma pesquisa com tempo determinado, não foi possível me aprofundar no tempo com a devida atenção. Ainda assim, acredito que os levantamentos de tais questões sejam pertinentes para trabalhos futuros.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

educação exerceu como elemento da permanência, além de evidenciar a trajetória significativa que a mesma tem no local, tendo em vista o histórico de lutas que se entrelaça com a vida educativa.

A conquista pela terra do assentamento Pirituba caminha em conjunto com a luta por ensino. Isso demonstrou não apenas uma movimentação em contexto nacional, como também as necessidades em esfera regional, uma vez que havia preocupações imediatas com este setor. Contudo, o que diferenciou o lugar da pesquisa foi a necessidade da alfabetização de jovens e adultos que não tiveram acesso a escola. A emancipação, por vias educacionais não estava restrita apenas as crianças, e sim a todos que compunham o movimento, demonstrando o caráter político da questão.

Percebeu-se que a educação não fica restrita apenas aos muros escolares, que foram conquistados por meio do esforço camponês. Ela está ligada a comunidade e seus aspectos culturais e locais, contudo, há fatores materiais que dificultam a realidade encontrada na localidade. As escolas ali situadas não necessariamente têm contato com a realidade camponesa. Há empecilhos cotidianos, vinculados ao sistema de ensino e a equipe escolar, que não permitem que os assuntos acerca da materialidade sejam tratados. Isso é um ponto importante, uma vez que a instituição é um espaço do reconhecer de si.

O texto aqui escrito trata apenas de observações iniciais e inconclusas, entretanto, espero que sejam válidas para pensar como a educação se insere nestes espaços, avaliando as particularidades do local estudado. Para além disso, a análise permite reflexões para trabalhos futuros, que contribuam para o saber científico sobre o MST, bem como o assentamento Pirituba.

Referências.

BRANCO, M. T. C, *Jovens sem-terra: Identidade em movimento*, Curitiba: Editora da UFPR, 2003.

CALDART, R. S. *A escola do campo em movimento*. Currículo sem Fronteiras, 2003.

_____. *Educação do campo: notas para uma análise do percurso*. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, 2009.

_____. O MST e a formação dos sem-terra: o movimento social como princípio educativo. *Estudos avançados*, 2001

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo* Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MENESES, U. T. B. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Rev. Inst. Et. Bras.*, 1992.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

MOLINA, M. C. *Educação do campo e pesquisa: Questões para reflexão*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

SILVA, C. E. *Educação no Campo e a memória social: percursos, afetos e paisagens possíveis na (res)significação da participação da comunidade escolar*. Dissertação de mestrado pela Universidade Federal de São Carlos, 2015.

SILVA, E. B. ENCONTROS E DESENCONTROS: *A ação política entre educadores e famílias no assentamento Pirituba II- Sudoeste Paulista- (1984-2006)*. Dissertação de doutorado pela Universidade de São Paulo, 2008.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

WILLIAMS, R. *Recursos da Esperança: cultura, democracia, socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFPR: A CONTRIBUIÇÃO DA HISTORIADORA ALTIVA PILATTI BALHANA

ALMEIDA, Leticia Leal de¹

¹*Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina e Departamento de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa.*

Em estudo realizado entre os anos de 2013 e 2017, analisamos parte da produção da historiadora paranaense Altiva Pilatti Balhana (1929-2009), a qual integra o processo de organização do departamento de História da Universidade do Paraná. Ela, ao lado dos demais professores, construíram as bases da historiografia acadêmica que se estabelecia a partir dos rigores científicos da Historiografia contemporânea. A dissertação de mestrado foi orientada pela professora doutora Helena Isabel Mueller, defendida em 2017 sob o título: *A Construção da História Demográfica na Historiografia Paranaense: A historiadora Altiva Pilatti Balhana*”.

A metodologia empregada na pesquisa foi a da análise de discurso da vertente francesa, além de pesquisa bibliográfica documental, articulando a teoria dos campos de Pierre Bourdieu. Entre os objetivos, estava relacionar os discursos produzidos pelos seguintes intelectuais: Altiva Pilatti Balhana, Brasil Pinheiro Machado, Cecília Westphalen e Bento Munhoz da Rocha Netto, bem como as intersecções do campo intelectual com o campo político na produção de um *habitus*. Este, enquanto processo continuado de inculcação transformado em prática, permitiu a consolidação de um regionalismo paranaense, além de constituírem um conjunto de referências e instrumentos para a historiografia paranaense.

1. Entre as primeiras experiências de pesquisa: os estudos de imigração.

Parte da produção de Balhana concentra-se no período de constituição disciplinar da História a partir dos anos 1960, na organização do departamento de História (então recém-separado da Geografia). Nesse processo de organização das suas atividades de pesquisa, a historiadora pode aprofundar e apropriar-se dos critérios de validação e legitimação da ciência historiográfica. As fontes do trabalho foram possíveis devido aos esforços da amiga e provavelmente principal leitora, Cecília Westphalen, que organizou uma coletânea dos textos, reunidos em três volumes, intitulada *Un Mazzolino di Fiori*, publicada em 2002. Nesta obra, Westphalen reuniu textos esparsos de Balhana, escritos individualmente ou com outros autores, compreendidos entre 1950 e 2002. A relação acadêmica e pessoal das pesquisadoras sempre foi de muita cumplicidade, desde a formação acadêmica até as suas inserções como professoras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná e, mais tarde, compondo o primeiro quadro de docentes do departamento de História na Universidade do Paraná.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Há tempos, minha colega e amiga, Professora Doutora Altiva Pilatti Balhana, brincava conosco que, quando ficasse velhinha e, se necessário fosse, publicaria uma versão abreviada, mas fartamente ilustrada, dos seus livros sobre a colônia italiana de Santa Felicidade e que ela própria, iria vendê-la à porta dos restaurantes do bairro turístico gastronômico de Curitiba e para cujo conhecimento muito contribuiria.

Zombava de nós, pois, pesquisadora universitária que, na Itália, estudara com Biasutti, Maugini, Sestini, Toschi, consagrada nacional e internacionalmente como especialista em imigração no Brasil e em demografia histórica. (WESTPHALEN, 2002, p. 5)

Conforme podemos observar na apresentação acima, Balhana era uma pesquisadora bastante respeitada e em 1950 foi para a Itália pesquisar a imigração italiana na Faculdade de Scienze Politiche e Sociali dell'Università degli Studi di Firenze e na Universidade de Paris, entre 1953 e 1954⁶⁴. Foi uma das pioneiras dessa prática no Paraná e tornou-se referência para outros pesquisadores que desejavam realizar estudos no exterior.

A organização da história regional paranaense a partir do século XX, também esteve presente na organização da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná em 1938 e contribuiu para a organização da História enquanto disciplina.

Altiva Pilatti Balhana, graduada em História e Geografia pela FFCL-PR em 1950, escreveu seus primeiros textos, com destaque ao seu trabalho de livre-docência: Santa Felicidade: um processo de assimilação, defendida em 1959. Naquele mesmo ano a História separava-se da Geografia na FFCL-PR. Balhana passou a interessar-se em questões relativas à História e a organização desta enquanto disciplina, sem perder de vista as preocupações relativas a seu tempo, e as expectativas que se organizam em torno do papel da Universidade. A emergência de novas categorias e metodologias, impulsionadas por novos projetos políticos e de mudança social, consolidou determinadas interpretações sobre o passado paranaense em diálogo com a historiografia brasileira.

A historiografia paranaense estabelecida na Universidade Federal do Paraná, buscava construir uma especificidade para sua produção. A partir de Westphalen pode-se compreender as perspectivas que então se abriam para estes professores nos anos 1960:

Começamos, porém, a entrar numa conjuntura em que a moderna historiografia paranaense tem já produzido obras de grande significação científica, considerando novos temas, novos atores, novas perspectivas conceituais e metodológicas da História, razão pela qual devo desde logo sistematizar uma proposta de periodização para a história da historiografia paranaense. (WESTPHALEN, 1980, p. 108)

Balhana afastou-se das atividades acadêmicas no final dos anos 1980, mas sua produção tornou-se referência em se tratando da imigração italiana, como mencionara Westphalen. Balhana e Westphalen participaram da instituição da Associação dos Professores Universitários de História, a ANPUH, bem como no rompimento com a

⁶⁴ Curriculum Vitae Altiva Pilatti Balhana. Disponível em: Arquivo Público do Paraná. Fundo Cecília Maria Westphalen, p. 7.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

ANPUH, na organização de uma outra associação de professores universitários, a Sociedade Brasileira de Pesquisa História (SBPH), demonstrando as tensões na organização da historiografia acadêmica entre 1960-1980.

Assim, foi possível compreender a configuração do departamento de História da UFPR como espaço de produção e pesquisa, transformado a partir do contato com novas metodologias e conceitos que modificariam a prática historiográfica no Paraná. Os professores buscaram consolidar uma produção científica a partir da recepção da Escola dos Annales, com a ampliação da noção de fonte, organização de arquivos e projetos de pesquisa em História do Paraná.

Em seus primeiros textos, O “Fandango em Caiobá” (1950), “Aspectos da Geografia Humana do Paraná” (1955), “L’Immigration Italiene au Paraná” (1957), “Duas Pequenas Indústrias Agrárias em Santa Felicidade” (1960), “Contribuição ao Estudo de História Agrária dos Campos Gerais” (1963), “Mudança na Estrutura Agrária dos Campos Gerais” (1963), “Alguns Problemas de Aculturação nos Campos Gerais” (1963), todos presentes no I volume da coleção Un Mazzolino de fiori organizado por Westphalen em 2002, pudemos compreender a construção de Balhana enquanto pesquisadora, as preocupações relativas à organização da História enquanto disciplina, sua concepção de História, a apropriação de metodologias de pesquisa e os referenciais teóricos que permitiram a ela ampliar a produção do conhecimento historiográfico. Portanto, a produção de Balhana confunde-se com a organização desse espaço de produção do conhecimento, permitindo que este espaço de produção dialogasse com a historiografia brasileira e por ela fosse reconhecida.

Ao organizar metodologias, produziu uma prática, participando ativamente da profissionalização do historiador no Paraná, na centralização da produção historiográfica na Universidade. Balhana e os historiadores estabeleceram um ponto de partida para a historiografia paranaense o Paranismo, produção do início do século XX que tinha como objetivo a organização de uma identidade paranaense e a projeção do Estado na lógica nacional. Entre as temáticas do Paranismo, está a preocupação com uma identidade, o que pode ser identificada nos autores paranistas, com destaque para Romário Martins. Objetivaram universalizar um discurso partindo da capital, Curitiba, buscando compreender as especificidades regionais do estado Paraná e a organização de uma identidade regional. (CORDOVA, 2009, p. 60)

As novas perspectivas conceituais e metodológicas que se abriram a estes historiadores possuíam um tom de reivindicação do estatuto da cientificidade do conhecimento histórico, a partir de técnicas e operações específicas. Por isso, o discurso de Balhana deve ser compreendido a partir de uma organização epistemológica da história no Paraná, no que se refere à preocupação com critérios de validação e regimes de historicidade.

A atuação dos historiadores na organização de projetos de pesquisa, definição de metodologias, técnicas de pesquisa e escolhas teóricas possibilitaram que suas produções fossem reconhecidas e legitimadas pela historiografia. Portanto, partimos da ideia que a produção historiográfica supõe uma comunidade de leitores, regida por leis e códigos que estabelecem relações entre si, no qual os textos são manejados e apreendidos. (CHARTIER, 1994, p. 14). Neles, Balhana vai traçando uma individualidade, na relação



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

entre objetos, metodologias e fontes de pesquisa e instaura um lugar para sua produção na historiografia paranaense.

Entre as preocupações da autora em suas pesquisas, está a organização socioeconômica do Paraná, a partir dos estudos de população, presente nos textos “Formação da População Paranaense” (1969), “Levantamento e Arrolamentos de Arquivos” (1970), “O emprego de Computadores na História” (1973), “Comentários à Obra de Romário Martins ‘Quantos Somos e Quem Somos’, dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná” (1974), “Estudos de Demografia Histórica no Paraná” (1976), “Nupcialidade e Fecundidade” (1978), “A Experiência paranaense no Levantamento de Arquivos”, (1979), o que nos deu dimensão da sua atuação na organização e preservação de fontes de pesquisa em História do Paraná.

Outra fonte relevante para compreensão da sua atuação na Universidade foi a Ata da Reunião do departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, realizada em 02 de Dezembro de 1964 [registrando a sua constituição em princípios de 1959]”, publicada em 2009 na revista História: Questões & Debates. Essa fonte permite compreender as aspirações de Balhana e dos demais historiadores que compunham a FFCL-PR na institucionalização do departamento no qual foram definindo diretrizes metodologias, apresentando projetos de pesquisa em História do Paraná e questões de como se deu o processo de transformação da prática historiográfica.

Nos anos 1960, segundo Cunha (2003, p.8), o estado do Paraná apresentou o maior crescimento demográfico do Brasil. Portanto, os projetos de pesquisa para estudos da população paranaense correspondiam aos anseios dos pesquisadores em problematizar sua constituição demográfica. Por isso, Balhana e os demais professores construíram objetos em história do Paraná que permitissem compreender a si mesmo, ao mesmo tempo em que instauravam um espaço para essa produção na Universidade do Paraná;

A história quantitativa atendia às preocupações dos historiadores regionais, que buscavam identificar a composição da estrutura demográfica do estado.

Os estudos de imigrantes vão se ampliando e anos mais tarde ela analisou a imigração menonita nos Campos Gerais, no livro Campos Gerais: Estruturas Agrárias, juntamente a Brasil Pinheiro Machado. O livro foi resultado de um projeto de pesquisa que contou com pesquisadores das demais ciências sociais (geógrafo, economistas, sociólogos e cientista social). O livro retratou as transformações na economia regional dos Campos Gerais, dialogando com um projeto modernizador do qual o imigrante seria o agente principal.

A essas fontes foram somados documentos do fundo Cecília Maria Westphalen, no Arquivo Público do Paraná, que, mesmo estando em fase de organização, foram disponibilizados à pesquisa. No arquivo, tomamos contato com correspondências trocadas entre Westphalen e outros intelectuais como Fernand Braudel, Frédéric Mauro, que nos permitiu compreender as relações que os historiadores paranaenses estabeleceram com a historiografia francesa entre os anos 1960 e 1970.

A introdução da pesquisa em História a partir de uma perspectiva quantitativa e demográfica na Universidade fez com que os historiadores paranaenses estabelecessem interlocuções com centros de pesquisa no Brasil e na Europa. Esse trabalho forneceu as diretrizes para a produção historiográfica na Universidade do Paraná, que mais tarde se



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

desdobrou na organização do Programa de Pós-Graduação em História, nível de Mestrado, em 1972 e à criação do curso Pós-Graduação em História em nível de doutorado em 1981.

O discurso historiográfico pode ser compreendido como uma memória construída institucionalmente, na medida em que esta é mobilizada pelos historiadores e incorporada à narrativa, o que demonstra tensões relativas à legitimidade e reconhecimento dessa produção.

Como destaca Ricoeur (2014, p. 98):

De fato, uma memória exercida é, no plano institucional, uma memória ensinada; a memorização forçada encontra-se assim arrolada em benefício da rememoração das peripécias da história comum tidas como os acontecimentos fundadores da identidade comum. O fechamento da narrativa é assim posto a serviço do fechamento identitário da comunidade. História ensinada, história apreendida, mas também história celebrada.

Ou seja, visitar esses textos fundadores possibilita identificar o processo de organização de uma identidade historiográfica paranaense, marcada pelas pesquisas de imigração, de composição da demografia histórica, constroem uma memória disciplinar e uma memória institucional.

A metodologia da história quantitativa e as condições sociais de emergência dessa produção na UFPR estabelecem uma relação com o passado, presente nos seus discursos, buscando compreender como ela operacionalizou conceitos e categorias e como construiu sua problemática da pesquisa em História. Sobre o conceito de discurso, nos apropriamos de Foucault (1999, p. 10), segundo o qual,

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

O discurso historiográfico organiza enunciados regidos por códigos institucionais, que são mobilizados pela historiadora como uma arquitetura conceitual que confere inteligibilidade e legitimidade ao discurso. Assim, a produção de Balhana também cumpria com os objetivos do departamento de História em instaurar um espaço de produção. É possível identificarmos em sua escrita inúmeros não-ditos, que podem ser compreendidos a partir da posição discursiva ocupada por ela e também funcionam como ferramenta de legitimação social de um grupo, atento à preocupação de dominação sobre a produção historiográfica no Paraná. Assim, a constituição desse espaço de produção significou também a adoção de um determinado tipo de discurso.

Mas vê-se logo que tal unidade longe de ser apresentada imediatamente, é constituída por uma operação; que essa operação é interpretativa (já que decifra no texto, a transcrição de alguma coisa que ele esconde e manifesta ao mesmo tempo); que finalmente a operação determina o opus em sua unidade e, por conseguinte a própria obra, não será a mesma (...). (FOUCAULT, 2013, p. 29)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O que significa imergir na experiência do autor e como o discurso enquanto fragmento é interligado aos demais. Deste modo, compreender o fio condutor entre os discursos produzidos, mesmo dentro da dispersão temporal, possuem um conjunto de regularidades, organizam os objetos dos quais se fala. (FOUCAULT, 2013, p. 60)

Os discursos podem ser analisados enquanto práticas discursivas, formações de enunciados e regularidades discursivas. Segundo Foucault (2013, p. 59-60),

Já que é preciso, às vezes, acentuar as ausências, embora as mais evidentes, direi que, em todas essas pesquisas em que avancei ainda tão pouco, gostaria de mostrar que os “discursos”, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como e poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras; trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras próprias da prática discursiva.

O historiador adquire um status que permite a ele proferir tais discursos, a partir do qual visou constituir uma série de diferenciações, afirmando o seu papel na sociedade, no qual o discurso visa atestar uma determinada eficácia. Ao trabalhar com a temporalidade o historiador organiza um tempo, que se dá a partir de um ponto de vista, o qual articula um determinado tempo histórico,

Admite-se que, como parte da humanidade, também o historiador tenha um ponto de vista condicionado pelas circunstâncias. Fundamentalmente, por meio da crítica de fontes e da interpretação, a totalidade do mundo histórico se abre a ele. Dessa forma, o indivíduo histórico contemporâneo, ao participar da objetivação histórica do passado ou do futuro, torna-se capaz de objetivar ele mesmo a história. (KOSELLECK, 2006, p. 313).

Ao tornar a História do Paraná uma condição objetiva, a partir de um conjunto de fontes, do estabelecimento de técnicas de pesquisa, o texto estabelece uma relação com a temporalidade. A respeito do tempo histórico, Koselleck afirma que este remete às condições sociopolíticas da produção historiográfica. Balhana opta pela longa duração braudeliana, enquanto definição do tempo histórico no discurso. Nas palavras de Koselleck (2012, p. 162-163): “Dessa forma, o indivíduo histórico contemporâneo, ao participar da objetivação histórica do passado ou do futuro, torna-se capaz de objetivar ele mesmo a história”.

2. Considerações finais

Altiva Pilatti Balhana foi uma historiadora de seu tempo. Seu envolvimento com a pesquisa em História, desde os anos 1950, constrói para ela uma rede de pertencimento ao ofício do historiador e à Universidade, como um espaço almejado de produção acadêmica. Balhana, vai modificando seu olhar ao passado, percebe-se nos seus primeiros trabalhos, inicialmente marcados pela influência da Geografia de Vidal de La Blache e também na relação com a Antropologia. Sua tomada de consciência em relação à



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

necessidade de especialização e de definições de pesquisa contribuiu para a consolidação da Universidade como lugar de produção acadêmica.

A explosão demográfica dos anos 1950 despertou o seu interesse em estudos sobre população e mais precisamente sobre a contribuição do imigrante na economia regional. A preocupação com o desenvolvimento socioeconômico e com a modernidade incitam um conjunto de reflexões sobre as possibilidades de se escrever a História do Paraná. Não obstante, Balhana e Westphalen foram à Europa atualizar os referenciais teóricos e metodológicos em História e a partir da Historiografia dos Annales construíram e delimitaram seus objetos de pesquisa. A partir de sua escrita, é possível percorrer parte do processo da sua construção como historiadora e de que forma sua prática contribuiria para a autonomização da História em relação à Geografia, instaurando um espaço para a História junto às demais Ciências Sociais, o que se concretizou na institucionalização do Departamento de História e mais tarde na organização dos Programas de Pós-Graduação.

O contato com a Historiografia francesa foi imprescindível, tanto nas preocupações relativas ao ofício do historiador, a história problema, quanto na revolução epistemológica dos Annales, o que despertaria nela uma nova compreensão do trabalho do historiador, sobretudo no que se refere à documentação. A possibilidade de se escrever a História a partir de fontes inéditas, delimitando objetos em História Regional, apresentou-lhe acervos repletos de possibilidades de pesquisa, provocando um fascínio pelos arquivos. A preocupação com os levantamentos, sua organização e também preservação, a destaca como uma precursora da arquivologia no estado. A partir dos projetos de organização de arquivos, muitas pesquisas puderam ser realizadas ao longo dos anos 1960. Foi a partir de seus estudos sobre a imigração italiana que seu nome se tornou referência em estudos sobre imigração italiana no Brasil e no exterior.

A Universidade do Paraná, após a criação do departamento de História em 1959, dialogou e participou ativamente dos principais debates envolvendo a Historiografia e o Ensino de História. Seja buscando melhores condições de trabalho para os professores do Ensino Superior bem como recursos públicos para que estes pudessem se dedicar à pesquisa. Balhana, junto aos demais professores, estreitaram as relações da UFPR com os principais centros de pesquisa, compartilhando a construção da pesquisa em História do Paraná.

Devido aos esforços de Balhana e dos demais historiadores, a produção em História do Paraná aumentou consideravelmente, divulgando-a em congressos nacionais e internacionais, ou seja, entendia o conhecimento historiográfico como um progresso contínuo, tanto na ampliação das fontes quanto nas novas metodologias que foram desenvolvidas.

A História Quantativa se apresentou à Balhana como uma metodologia que atendia à sua preocupação com o tratamento de fontes que levantara. Os arquivos paroquiais, judiciários e cartorários foram sistematizados à pesquisa a partir do emprego de técnicas da Economia Histórica, o que garantiria critérios de validação e de reconhecimento para a historiografia paranaense. Balhana empenhou-se em consolidar um estatuto científico da História, presente no rigor metodológico que fora objeto de muitos textos, sobretudo no que se refere à História Demográfica.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Apropriou-se do método de reconstituição de famílias de Louis Henry e Michel Fleury, visando compreender melhor o objeto que lhe despertou maior interesse: a imigração. Foi uma das primeiras historiadoras a trabalhar com esse método no Brasil, adaptando-o e ressignificando à situação paranaense. Outro fator que pode ser problematizado, é a não menção a ela nas pesquisas de História Demográfica ou nos textos que apresentam balanços sobre a Demografia Histórica no Brasil. Em geral, apresentam a criação do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade do Paraná em 1972 como um eixo de produção em História Demográfica, presente em uma das suas linhas de pesquisa.

O trabalho, não encerrou as possibilidades de pesquisa que a produção de Balhana possibilita, mas pretende instaurar um lugar para ela na historiografia brasileira e na historiografia paranaense. Balhana contribuiu de forma sistemática para as bases da historiografia acadêmica no Paraná, influenciando um conjunto de historiadores, que ainda se dedicam aos estudos em História Demográfica na Universidade Federal do Paraná. Sua atuação foi basilar para a organização da História enquanto disciplina no Paraná, conferindo novos sentidos à escrita da História e a apreensão do passado paranaense.

Referências

ATA da Reunião do Departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, realizada em 2 de dezembro de 1964 [registrando sua constituição em princípios de maio de 1959]. *História: Questões & Debates*, Curitiba, UFPR, n.50, jan-jun., 2009.

CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

CORDOVA, Maria Julieta. *Tinguis, Pioneiros e Adventícios na Mancha Loira do Sul do Brasil: o discurso regional autorizado de formação social e histórica paranaense*, 2009, 296 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

CUNHA, Luiz A. G. *Desenvolvimento rural e desenvolvimento territorial: o caso do Paraná tradicional*. 147 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

Curriculum Vitae Altiva Pilatti Balhana. Disponível em: Arquivo Público do Paraná. Fundo Cecília Maria Westphalen.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**VIVÊNCIAS DE UMA VIDA SEM FILHOS: AMORES E
DESAMORES NO CONTEXTO DE TERESINA-PI (1950-1970)**

MARTINS, Thayná Guedes Assunção¹; VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil
(orientadora)².

¹Mestranda em História, Cultura e Identidades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Capes. E-mail: thaynaguedes1996@gmail.com. ²Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná-UFPR. Professora do departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG e dos Programas de Mestrado em História (PPGH/UEPG) e PROFHISTÓRIA/UEPG. E-mail: profgeorgiane@hotmail.com.

A maternidade como parte de um contexto específico de mulheres mães dentro da História, frequentemente esteve e ainda persiste em um cenário de imposições ao feminino, embora sob um viés atualmente mais velado. Uma imposição que carrega consigo diversas intencionalidades políticas e sociais, que construídas e consolidadas culturalmente diante das desigualdades entre os gêneros, foram pautadas muitas vezes pela diferenciação sexual, acentuando ainda mais a disparidade entre homens e mulheres nos cenários familiares, profissionais e educacionais. A partir de maiores direitos e atuação nas esferas pública e privada, as mulheres continuam se constituindo a partir de realizações e aspirações que transcendem muitas vezes aquelas relacionadas exclusivamente à maternidade, sendo que esta vai ganhando o espaço do adiamento ou mesmo da inexistência na vida de muitas mulheres nas últimas décadas do século XXI.

Desse modo, o não desenvolvimento da condição materna torna-se uma realidade que se afirma cada vez mais, sendo esta inexistência ocasionada por diversos fatores, inclusive pelas impossibilidades vinculadas à saúde feminina. Contudo, apesar de ser uma realidade, ainda é uma discussão pouco presente no meio social.

Para tanto, esse texto trata da experiência de vida de mulheres sem filhos por uma ótica que transcende os limites do imediatismo, ou da objetividade segundo o objeto de estudo, mas sim, da busca de evidenciar os meandros de uma vida sem filhos a partir de suas variadas configurações que foram sendo possíveis a mulheres que possuíram suas construções culturais e sociais na cidade de Teresina-PI nascidas entre as décadas de 1950 e 1970. Na busca de ultrapassar os limites do imediatismo é que o presente estudo tem como objetivo analisar as memórias das mulheres colaboradoras dessa pesquisa, a partir de suas lembranças sobre os amores vividos e sobrevividos ao longo do tempo na vida dessas mulheres.

Na busca de responder ao objetivo proposto nessa pesquisa, estabeleceu-se como fonte primária o uso de entrevistas fundamentadas no uso da História Oral, que na perspectiva de Verena Alberti (2013), a História Oral utiliza testemunhos de sujeitos históricos que vivenciaram contextos a partir de suas diversas visões de mundo, permitindo uma interpretação do passado vivido.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Optou-se pelo anonimato das colaboradoras da pesquisa, resultando em nomes fictícios dado a cada uma das senhoras que concederam entrevista a esse estudo. Sendo assim, para o presente texto tem-se: Virginia Woolf e Frida Kahlo, nomes escolhidos pela pesquisadora diante de mulheres que foram de alguma maneira revolucionárias a seu tempo.

Quanto ao cenário de estudo será Teresina, capital do Piauí. Ela possui uma população estimada em 868.075 pessoas (IBGE, 2021). Instalada em 1852, havendo a transferência da então capital Oeiras para Vila Nova do Poti, que viria a ser a atual Teresina, com o intuito de romper com as dificuldades de comunicação do Estado com as outras províncias do país, bem como diminuir a dependência econômica junto ao Estado vizinho, Maranhão. Nisso, a atual capital do Piauí nasceu a partir da ideia de modernidade, com a perspectiva de ruptura com o atraso. (NASCIMENTO, 2015).

Quanto ao foco temporal desse estudo, décadas de 1950 até 1970, devendo-se ao fato dessa temporalidade localizar-se no período antecedente a inserção da pílula contraceptiva no Brasil, a própria inserção do contraceptivo na década de 1960 e por fim, se caracteriza e é definido pelo fato de ser um período de aceleração de mudanças na vida das mulheres, no que tange a aspectos como uma relativa abertura para a liberdade sexual com a difusão da pílula contraceptiva e maior acesso do público feminino aos setores públicos, sobretudo, com os aspectos escolar e profissional. compreendendo que esse é um processo ainda longo, possuindo em Teresina- PI um cenário menos desenvolvido do que as capitais metropolitanas, nota-se na década de 1970 um período mais consolidado dessa inovação para a vida das mulheres.

Para tanto, o estudo traz sua relevância para o campo da história, seguindo a linha de pesquisa sobre gênero, por buscar compreender as perspectivas das mulheres quanto a não realização da maternidade. No campo social, a referida pesquisa tem a importância de possibilitar o reconhecimento da transformação da consciência feminina em relação aos seus desejos, pois ao adquirir uma escolarização razoável e participar do mercado de trabalho, as mulheres passaram a procurar novas formas de satisfação, sejam estas no campo profissional e/ou pessoal.

A presente proposta de estudo encontra-se articulada com a linha de pesquisa Identidades e Sujeitos: saberes e práticas ao buscar investigação diante do rompimento da cultura tradicional sobre a maternidade, bem como saberes médicos que se vinculam ao modo de viver e sua investida diante das mulheres não mães ao campo do patológico, discutindo também como a maior participação feminina no mercado educacional e profissional a partir das práticas educacionais podem ter relação com o adiamento ou não vivencia da condição materna pelas mulheres teresinenses nascidas até a década de 1970.

Diante disso, o texto apresenta o tópico a seguir, no qual abordou a vida de mulheres casadas ou que viveram uma relação marital, perspectivando compreender os caminhos de uma experiência a dois diante de um casal sem filhos, produzindo um retrospecto da ideia de casamento produzida pela sociedade mediante os interesses de uma camada dominante da sociedade.

1. A chegada do matrimônio: vivências de uma vida a dois



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O casamento como instituição social passou por diversas mudanças ao longo do tempo. De arranjos contratuais entre famílias, para a escolha do parceiro através do amor romântico. Pautado em estudos como o de Jurandir Costa (2004), o matrimônio durante o período colonial no Brasil estava configurado sob a vertente da manutenção e união de riquezas a partir da escolha de maridos para filhas pertencentes a famílias abastadas, pertencentes a núcleos familiares similares no quesito condição econômica.

Seguindo o autor supracitado, o dote era uma maneira de passar parte dos bens da família da então jovem noiva para o futuro marido. Para aquelas cujas famílias não possuíam condições financeiras capazes de ofertar um bom dote para o pretendente da filha, restava, muitas vezes, o celibato. Outras questões encontravam-se em torno das configurações matrimoniais no período colonial no Brasil, como o eram os fatores raciais, onde muitas vezes as relações de casamento se formavam a partir de parentes próximos ou afastados, visando a não possibilidade de união que pudesse revelar a condição de ex-escravos no sangue. Aliado a essas escolhas de casamento para jovens moças de famílias abastadas, havia a forte presença de casamentos consanguíneos, de primos com primos e tios com sobrinhas, aliado a esses fatores era predominante a união matrimonial entre jovens moças e senhores mais velhos.

Tais razões afastavam as possibilidades da existência de amor no desenvolvimento do casamento. Concepções que encontravam-se asseguradas pelo caráter também religioso, onde no catolicismo predominava a ideia de casamento para procriação, e que estes cônjuges não deveriam se amar mais do que amar a Deus, pois a Deus deveria dar a devoção que Lhe era devida, em que o amor conjugal poderia Lhe roubar. Sendo assim, “o casamento não celebrava, portanto, o reconhecimento social da união amorosa entre indivíduos. O amor não era um pressuposto necessário à ligação conjugal. Como, aliás, a atração física, cuja ausência ou presença em nada alterava a composição da aliança.” (COSTA, 2004, p. 216).

Contudo, no século XIX foi sendo corroída a visão de casamento de razão⁶⁵, pois novos ideais foram sendo incorporados na sociedade, e a criança vai ganhando grande espaço. Assim, pensar no matrimônio apenas sob os aspectos econômicos não mais fazia parte dos novos caminhos a que a sociedade esperava das atribuições a que o casamento deveria fornecer para a sociedade. Mulheres e crianças vão tornando-se o centro da instituição familiar, onde o pai modelo chefe de família a partir dos aspectos políticos e econômicos ia perdendo espaço. Não sem intencionalidades, a criança possuindo grande prestígio social, tem na figura da mulher-mãe aquela que iria ser a responsável pelo futuro dessa criança, na qual traria prosperidade para o país, a partir de sua futura mão de obra.

Desse modo, vai ganhando espaço o amor romântico, a escolha do parceiro que seria o futuro pai de seus filhos, com quem dividiria a sua vida a partir de então. Passaria a entrar em vigor o que foi denominado por Jurandir Costa (2004), como o casamento como instituição higiênica. A reviravolta diante daquilo que era considerado imprescindível para o matrimônio foi substancial. Se no modelo antigo de casamento o que predominava eram os fatores econômicos, agora, com o modelo de casamento higiênico, o que estava em voga era a hereditariedade. Aos homens era indicado a busca

⁶⁵ Termo utilizado por Jurandir Costa (2004), para se referir aos matrimônios no período colonial no Brasil.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

de uma esposa com a pureza da alma e vigor do corpo. À mulher, haviam as mesmas recomendações, a busca girava em torno de um homem sadio. Ambas as recomendações se dariam pela busca de uma prole saudável.

Tais preceitos quanto aos novos ideais de busca pela formação do matrimônio encontravam-se relativamente contrários ao que pôde ser observado na vivência de Virginia Woolf, em que “eu me casei com uma pessoa que é estéril. Não faz filho.” (WOOLF, 2022). Foi assim que Virginia Woolf se referiu ao fator de interferência para o não desenvolvimento de uma maternidade biológica, a partir da esterilidade do marido. Seguindo a ideia de casamento como instituição higiênica, Virginia Woolf foge à regra, e constituiu o seu matrimônio com uma pessoa estéril. Mesmo não sendo uma situação de conhecimento da família, o casal já era ciente, ainda no período do namoro, sobre a esterilidade do homem.

Em meio a essa configuração é importante analisar aspectos da vida de Virginia Woolf, na qual possuiu uma infância e adolescência voltada para o cuidar dos irmãos e irmãs mais novos e novas. A mãe de Virginia Woolf tendo falecido muito cedo, impulsionou Virginia Woolf aos cuidados de uma prole que não era sua. Marcada por muitas obrigações, a vida da colaboradora foi cercada de muitos enfrentamentos, em que pouco teve tempo para se ocupar com a sua própria vida. Indagada sobre relacionamentos, ela narra:

Ah, meu Deus para ser sincera, eu não tive nenhum namorado na minha vida. Porque minha mãe faleceu e eu só fui cuidar da minha família. Das minhas irmãs, dos meus irmãos. Tudo criancinha. A escadinha assim. Com 1 ano e 8 meses até... 20 anos. Fui cuidar dos meus irmãos. Nunca arranjei... As pessoas simpatizavam comigo. Mas, eu corria, eu não aceitava. Eu não aceitava. Se fosse possível eu corria até chegar em casa. Nunca me aproximei. Ai, o pessoal dizia que eu não me casava porque eu queria dar exemplo para minhas irmãs e eu dizia. “Gente, eu tenho oito irmãos.” “Se eu der mal exemplo.” “O que vai acontecer?” Ai, eu nunca dei mal exemplo para elas... (WOOLF, 2022)

Virginia Woolf desviava de todas as regras dos novos padrões impostos sobre o casamento, a idealização do amor, da vivência de uma vida amorosa para se sentir completa e realizada. Em suas lembranças há muito mais a presença da preocupação com as responsabilidades que possuía com sua família do que com a possibilidade de um amor. Virginia Woolf evidencia a preocupação em, além de cuidar dos irmãos e irmãs, de dar bons exemplos a eles, algo percebido até mesmo pelas pessoas de fora da família. Lembra que haviam aqueles que até simpatizavam com ela, porém, como ela mesma pontua, ela “corria”. Embora tenha chegado a casar-se, nesse trecho da narrativa de Virginia Woolf ela pontua que nunca se apaixonou. Foi então que inseriu-se as suas lembranças de como conheceu, se envolveu e chegou a casar com o seu marido.

Esse namorado [único namorado da vida de Virginia Woolf, e marido até hoje] é porque a gente trabalhava junto na farmácia. Esse rapaz insistia tanto. Até que eu perdi minha paciência. Ai, eu comecei a assistir filme que nesse tempo era no Royal, que ficava ali, na Treze de Maio. A farmácia era ali. Ai, eu comecei a assistir filme. Saía oito horas da farmácia. Comecei até que eu aceitei, mas eu ainda não queria. (WOOLF, 2022).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Em nenhum momento do diálogo foi possível ouvir e perceber na narrativa de Virginia Woolf a presença daquele amor incondicional, regado a uma paixão avassaladora, características típicas desse amor projetado como o amor a ser idealizado e buscado para uma vivência plena (COSTA, 1999). O amor de Virginia Woolf foi permeado por proposições do destino e convencionalidade. Foi a partir da insistência daquele que viria a ser seu marido que Virginia Woolf acabou perdendo a paciência e aceitando, inicialmente assistir a filmes com ele e posteriormente iniciar um relacionamento.

Depois de oito anos de namoro, então decidem casar. Virginia Woolf relatou que todos eram contra o casamento. Tanto da família dele, como suas irmãs. O motivo se dava pelo fato de ambos serem os responsáveis familiares por aqueles. As irmãs de Virginia Woolf sentiam necessitar da proteção e cuidados dela e a mãe e irmãos do noivo de Virginia Woolf também eram dependentes dele. Sobre o desenvolvimento para a chegada de fato do casamento, a colaboradora discorre:

Eu me casei no dia 7 de outubro de 1978 [...] Minhas irmãs não queriam que eu me casasse... De jeito nenhum... Eu tinha uma irmã que tacava até a cabeça na parede ((Risos)). “Vamos morrer todo mundo.” “Se você se casar, vamos morrer todo mundo.” “Porque é você que cuida das coisas.” “Quem toma conta das coisas.” E eu disse. “Morre nada.” “Vocês tem que seguir a vida de vocês.” “E eu seguir a minha.” (WOOLF, 2022).

Diante de tamanha resistência familiar, os noivos optaram por preparar tudo que viesse a envolver a vida conjugal deles para então, somente depois de tudo organizado, avisar as famílias.

Passamos um ano e seis meses com a casa alugada. E quando nós já montamos tudo. A gente disse. “Nós vamos dizer, só quando tiver bem pertinho.” Ai, eu tinha uma irmã que trabalhava na Universidade. Essa mulher descobriu. Ai, descobriu e eu disse. “Mulher, é ele que mora sozinho.” “Não tenho nada a ver com isso não.” “A casa não é para ser minha não.” Ai, nós marcamos o casamento. Assistimos tudo escondido e tudo. A união e tudo. Fazia parte da Igreja das Dores. [...] e o Padre Luís disse que queria... Padre nesse tempo... Já falecido. Ali, é a Igreja das Dores. Eu morava ali pertinho na casa que papai deu. Ai, ele disse. “Olha, quando você casar, eu quero filmar seu casamento.” “Para passar lá no encontro de casal.” “Lá da Piçarra.” E eu disse. “Está bom.” Ai, nós marcamos tudo direitinho. Foi ele que fez nosso casamento. Ai, deu certo, mas desse jeito. (WOOLF, 2022).

Alugaram a casa, planejaram o casamento, participaram das reuniões na igreja para receber a consagração do matrimônio, marcaram a data, e só então comunicaram de fato para as famílias. Apesar de uma das irmãs de Virginia Woolf ter descoberto a casa alugada pelo noivo, Virginia Woolf conseguiu inverter a situação e convencer de que a casa não era para ela também. Entretanto, quando chegou o momento de anunciar para as duas famílias que haveria o casamento, foi motivo de muita contrariedade.

Faltavam cinco dias para o casamento. Ai, ele avisou na casa dele e eu avisei na minha. Eu não estou lhe dizendo que na minha família, eu tinha uma irmã



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

que tacava até a cabeça na parede e eu dizia. “Mulher tu quebra tua cabeça desse jeito.” E eu dizia. “Mulher te acalma.” “Uma mulher nova dessa.” Ai, a mãe dele atacou um dor de barriga... Febre. E outros vomitando. Tudo doente. Minhas irmãs ficaram tudo doente. Ele era quem cuidava da casa dele e ajudava a sustentar os irmãos. Ele tinha condição elevada. E ele era que era o da casa e eu era a lá de casa. Ai, ele disse. “Se não fizer assim, a gente não casa não.” Ai, a mãe dele disse que não dava certo. Os irmãos dele disse que não queria, as minhas irmãs não queriam e eu disse. “Olha com fé em Deus e nossa senhora.” “Não passa não.” (WOOLF, 2022).

Virginia Woolf relembra os detalhes de como se dera o seu casamento. Narra que queria um vestido de noiva, e que embora o noivo houvesse oferecido ajuda financeira para comprar, ela não aceitou e pediu ao pai que vendesse duas cabeças de gado a que ela tinha direito para comprar o seu vestido de noiva. Vem a sua memória que foi até a loja e “Cheguei lá. Desarrumada. Não queria me vender o vestido pensando que eu não tinha dinheiro. Ai, eu comprei o vestido muito bonito. Ai, ele foi e se arrumou. Colocou um palito.” (WOOLF, 2022). Ela mesma cuidou dos preparativos a que envolvia o seu vestido de noiva sozinha. As famílias contrárias a união dos noivos, ao serem informadas do casamento, logo adoeceram tamanha era a resistência na saída de ambos os noivos das casas de seus familiares. Diante disso, é perguntado a Virginia Woolf se os parentes então compareceram à cerimônia, em que “Foram. Compareceram. Não estavam muito alegres. Nem a dele e nem a minha. Mas, compareceram. A gente foi para uma churrascaria. Oferecemos um jantar e fomos para nossa casa.” (WOOLF, 2022).

Assim findam as lembranças do namoro até a chegada do casamento na vida de Virginia Woolf. Destaca-se o impacto das atribuições (im) postas à Virginia Woolf desde o falecimento de sua mãe, sua própria resistência em não desenvolver um relacionamento, não apaixonar-se. Virginia Woolf permanece casada, pelo menos até o momento da entrevista. Ela conclui suas percepções sobre o seu casamento e sua independência, assim:

Eu sou casada. Mas, vivi uma vida até bem... Depois de tudo. O homem foi para o mundo... Para as bebedeiras. Para os botecos. A essas alturas está dentro dos botecos bebendo. Eu nunca bebi. Eu nunca fui do mundo. Ai, Deus preparou. Eu vivo bem. Graças a Deus, eu sou aposentada... Ai, o casamento só quem separa é Jesus. Não vivo de brigas, não vivo de confusão, mas eu tenho minha independente. Eu vou... Eu só faço dizer. “Eu vou em tal lugar.” Mas, tenho minha dependência. Hoje em dia é diferente, né? Graças a Deus. (WOOLF, 2022).

Pode-se concluir nessa fala que Virginia Woolf apesar de ser casada até que viveu bem. Depois de uma vida a dois, o marido foi para o mundo, como ela nomeia as saídas para os bares. De modo a buscar representar a ideia de decência ela relata e enfatiza que nunca foi do mundo, nunca ingeriu bebida alcoólica. Que embora ela tenha sua independência, de poder sair para onde queira ir, é notável em sua fala que o seu casamento na atualidade não se configura a partir de um amor romântico, mas que estão juntos até hoje porque o “casamento só quem separa é Jesus”. se para Virginia Woolf o casamento é indissolúvel, para Frida Kahlo a realidade se configura a partir de outra



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

perspectiva, pois “namorar, eu namorei um bocado. Eu não queria casar não.” (KAHLO, 2022).

Frida Kahlo foi bem enfática diante da certeza de que nunca quis casar. Ela narrava que sem o casamento seria mais fácil para sair da relação caso não desse certo. E é nessa perspectiva que Frida Kahlo não chegou a casar contratualmente, mas desenvolveu uma relação marital durante quinze anos.

Frida Kahlo agregava a ideia de não querer desenvolver a maternidade igualmente relacionada ao que ela jugava ser também motivo de, caso a união matrimonial não desse certo, sair da relação com mais facilidade, bem como o medo das dores do parto, algo que ela enfatizou bem ter receio, questões que serão abordadas com maiores detalhes mais a frente. A colaboradora relata ter vivido bons primeiros anos com seu então companheiro, em que “Ele era uma pessoa trabalhadora. Me ajudou muito também. No momento de precisão. Me ajudou muito, mas as amigas... Eu acho que ele usava droga. Assim...” (KAHLO, 2022). Ainda que no início da entrevista Frida Kahlo tenha buscado demonstrar que apenas suspeitava que o seu ex companheiro fosse usuário de drogas, no desenrolar da conversa ela vai relatando as dificuldades enfrentadas no relacionamento por conta das drogas. Um relacionamento que foi narrado apenas, ou pelo menos em sua maior parte, pelas dificuldades.

Frida Kahlo era artesã, e possuía um stand de vendas no mercado central da cidade de Teresina-PI. No início do relacionamento os dois chegaram a trabalhar juntos, a conseguir um ganho financeiro razoável. No entanto, a entrevistada relata ter começado a desconfiar de algumas atitudes do companheiro.

Eu percebi pela falta de um cheque meu. Porque, eu peguei a numeração e ficou faltando um pouco. Acho que ele pegou o cheque pré datado para comprar essa droga. Ai, o homem veio me cobrar e eu disse. “Não, esse cheque aqui, eu não assinei não.” Ele falsificou a assinatura. Eu cancelei e resguei logo tudo. Ai, o homem disse. “Encerrou a conta?” “Encerrei.” “Não estou precisando de conta não.” Então, eu procurava de tudo para não ter agressão. Porque eu tinha medo, sabe? (KAHLO, 2022).

Nota-se a busca de Frida Kahlo em tentar guiar o relacionamento ainda pautado por meio do diálogo, muito por medo de possíveis agressões. Os relatos seguiram sobre furtos de coisas de dentro da própria casa do casal, do desmonte de uma casa no interior que ela possuía e ele foi destruindo, vendendo o que havia na residência. Em meio ao caos da situação a que Frida Kahlo encontrava-se exposta estava ainda as cobranças amorosas do companheiro, onde:

ele primeiro disse assim. “Não, tu deve ter outro que não me quer mais.” E eu disse. “Rapaz, primeiro tu te ajeitava e tudo.” “Agora tu fede só a fumaça.” “Magro.” “Está com os dentes tudo coisado.” “Vai ti para lá.” Ai, ele dizia. “Não, tu deve ter outro.” E eu dizia. “Né outro não” “O desleixo que tu está ai.” “Mulher nenhuma quer mais.”... “Cuida.” “É assim que se vive bem.”. Pois é, ele só fede a fumaça. E eu disse. “Vá... Vá se curar.” E ele. “Não, eu pelejo.” E eu dizia. “Peleja não.” Quem peleja tenta... (KAHLO, 2022).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Segundo a fala de Frida Kahlo, o companheiro encontrava-se em uma situação deplorável, em decorrência do uso de drogas. Ela não mais conseguindo sentir desejo e manter uma relação homem e mulher a partir dos aspectos sexuais, era condenada e acusada pelo homem de estar se envolvendo com outro. O que estabelece o caráter violento que estava sendo vivenciado por Frida Kahlo nessa relação. A história de Frida Kahlo evidencia as ainda existentes dificuldades que tornam-se ainda mais latentes para as mulheres, quanto a saída de uma relação, sobretudo, abusiva. Justamente para Frida Kahlo que nunca quis casar por imaginar uma maior facilidade em sair da relação caso não viesse a dar certo, mostrou-se se não igualmente difícil comparada a quem estabelece uma relação marital através do casamento contratual, mas também com enfrentamentos passíveis a toda e qualquer relação.

Frida Kahlo, então, pontua como estopim para o fim de sua relação um fim de semana em que ela seguiu para o interior com os dois filhos do então companheiro e o mesmo decide ficar na cidade. Ao chegar em casa de volta, Frida Kahlo se depara com a ausência do botijão de gás de sua casa e com seu companheiro cozinhando no carvão, pois ele havia vendido o objeto para o uso de drogas. Naquele momento, Frida Kahlo entrou em contato com a família dele, e disse:

[...] “Olha, eu quero todos vocês aqui em casa.” “Seu filho dona Anita e os irmãos estarem tudo aqui.” “Pode levar ele para lá.” “Eu não quero mais não.”... “Quem quer casa tem ajeitar casa não é vender tudo não.” “O que eu vou fazer aqui sem um bujão de gás?”... “O bujão tava com três dias que eu tinha comprado.” “Uma pessoa dessa quer casa?” “Uma pessoa já velha como essa daí” E eles estavam dizendo. “Será que ele faz isso aí?” Não estavam acreditando não. E eu disse. “Leve.” “Vá.” E assim ele foi. Troquei a chave e tudo. “Vá e não olhe nem para trás não.” “Porque eu já disse” “Der errado.” “Não dar certo.” Ai, ele foi. Minha filha, quando começou a roubar lá foi que vieram dizer. “Ah, era verdade mesmo.” “Ele realmente era assim.”...(KAHLO, 2022).

Elizângela Cardoso (2010, p. 297) pontua que “Ainda que o cotidiano do amor transbordasse o casamento, dentre as formas de significar o matrimônio, figurava o casamento como promessa de felicidade e de realização do amor.” Contrariando essa perspectiva implantada na sociedade desde o século XIX, e possuindo no século XX um período de forte presença dos ideais de casamento e procriação como indispensáveis as mulheres como função social feminina, as mulheres colaboradoras dessa pesquisa, não incorporaram tais preceitos, nem as solteiras, nem mesmo as casadas, que, embora tenham desenvolvido a relação conjugal a dois, não viveram essas experiências pela perspectiva do romantismo, da busca da mais alta felicidade, mas sim, pela ótica daquilo que foi possível ser experienciado e até onde foi e está sendo possível, desde a que nunca casou-se ou dividiu moradia com um companheiro, perpassando pelas casadas, até as separadas.

2. Considerações Finais

Pensar uma vida sem filhos está relacionado a aspectos muito maiores que apenas a ausência da prole em si, mas de como essa ausência é vivida e consentida na vida dessas



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

mulheres. Até que ponto a interferência social e cultural vem agindo em suas vidas, quais os impactos de processos vivenciados na infância tiveram relação com a inexistência dessa maternidade biológica e até que ponto a presença ou a ausência de uma relação matrimonial impactou na não maternidade.

Para as senhoras que desenvolveram uma relação marital em algum momento de suas vidas e que colaboraram com essa pesquisa, a maternidade não chegou por razões distintas, Woolf pelo fato da impossibilidade advinda do marido, Frida a partir de sua concepção pessoal de nunca ter desejado a condição materna em sua vida. Ambas não viveram a maternidade biológica, mas também, ambas construíram novos significados a suas vidas que não necessariamente houvesse relação direta com o desenvolvimento da condição materna. Portanto, casar-se, amar, separar, gestar, são condições de vida passíveis de escolhas pessoais, em que pode vir a estar presente na vida feminina, ou mesmo se tornar inexistente. Ser mãe, casar, portanto, não define o ser mulher.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. – revista atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. Tese (doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

Fonte

Frida Kahlo, solteira, nascida em 16 de agosto de 1953.

Virginia Woolf, casada, nascida em 20 de maio de 1952.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**SAGA DA ESPERANÇA: REPRESENTAÇÕES PARANISTAS
ACERCA DE JEAN MAURICE FAIVRE E A COLÔNIA THEREZA
CHRISTINA**

SUCHECKI, Tiago¹

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

O presente trabalho apresenta discussões parciais relacionadas a pesquisa de mestrado em história em andamento, vinculada ao Programa de Pós Graduação em História - PPGH da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, tal dissertação tem como foco a trajetória do médico francês Jean Maurice Faivre, com ênfase na colônia agrícola Thereza Christina fundada em 1847, as margens do rio Ivaí na quinta comarca da província de São Paulo. Dentre as questões que encabeçaram a pesquisa, destaca-se a categorização de socialismo utópico empregada à Faivre e sua experiência colonizatória. Tal atribuição conceitual advém do romance histórico *Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Rio Ivaí*, escrito pelo advogado Josué Corrêa Fernandes⁶⁶, livro que é tido atualmente como a principal referência bibliográfica das pesquisas e trabalhos que tem como tema a colônia Thereza Christina.

Cabe ressaltar que a dissertação utiliza outras fontes como relatórios de presidente de província, cartas de comunicação, jornais de época além de livros e artigos que contemplam a temática abordada. Contudo este trabalho visa problematizar a categorização socialista. Para alcançar tal objetivo faz um resgate da trajetória de Jean Maurice Faivre a partir da produção bibliográfica de Fernandes, buscando compreender a categorização de socialismo utópico empregado ao mesmo. Utilizando os romances como fontes de pesquisas foram levados em consideração os interesses associados, as produções de sentidos e os círculos de sociabilidades que cercam o autor, visto que os conceitos não são neutros, mas sim acompanhados de sentidos e interesses políticos.

Este trabalho dialoga com as discussões realizadas no Núcleo de História Intelectual do PPGH da UEPG, à medida que questiona as produções intelectuais de Fernandes, percebendo influências da corrente paranista. O jurista é compreendido como Intelectual Regional, categoria que relaciona a história intelectual com a história regional, interligando as produções de sentidos aos círculos intelectuais e tradições institucionais.

Neste sentido este trabalho contribui para problematizar a relação existente entre história e literatura, à medida que analisa os romances históricos enquanto fonte histórica para compreender as representações criadas a partir desta. Os estudos de trajetórias e

⁶⁶ O advogado é graduado em Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, foi subprocurador do Estado do Paraná e secretário de assuntos jurídicos da Prefeitura de Ponta Grossa. Fora do campo jurídico desenvolveu obras literárias de história, sendo autor de *História de Sangue e Luz* (1999); *Das colinas do Pitanguí* (2003); *O Alfanje e o Centeio: Crônicas da Imigração Eslava* (2006); e *Ponta Grossa História Mínima* (2017).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

biografias não são relativamente recentes, remontam a antiguidade e permanecem aos dias atuais, com mudanças e permanências. Um dos pontos de crítica que o gênero sofre é o próprio enfoque do objeto de estudo, a história de grandes homens, grandes feitos, num espectro de exemplo a ser seguindo, *história maestra vida*. Tal modelo se aproxima da história oficial, da história dos vencedores e por conseguinte ignora a trajetórias das minorias sociais.

Além disso, cabe-se pensar no boom biográfico de 1980. Depois de cair em desuso o gênero biográfico volta a ganhar espaço em paralelo com o desenvolvimento da micro história. Todavia, os mais beneficiados pela volta do gênero foram os jornalistas e outros escritores que incorporam em suas narrativas elementos ficcionais, pois usufruem de uma liberdade poética própria de sua área, liberdade esta que os historiadores não possuem pelo seu compromisso metodológico com as fontes históricas.

O historiador Hayden White problematiza as ficções da representação factual na obra *Trópicos do Discurso*, ressaltando que tais produções não são menos importantes do que as produzidas pelos historiadores, sendo importante compreender seus espaços de representação.

O romancista pode apresentar sua noção de realidade de maneira indireta, isto é, mediante a técnicas figurativas, em vez de fazê-lo diretamente, ou seja, registrando uma série de proposições que supostamente devem corresponder detalhe com detalhe a algum domínio extra textual, de ocorrência ou acontecimentos, como o historiador afirma fazer. Mas a imagem assim construída pelo romancista pretende corresponder, em seu esquema geral, a algum domínio da experiência humana que não é menos “real” do que o referido pelo historiador (WHITE, 1994, p. 138).

Ao levar em consideração como fontes os romances de Fernandes, buscou-se compreender a trajetória de Faivre e os sentidos da representação socialista. Contribuindo para pensar e problematizar uma história oficial tida muitas vezes como consolidada.

1. A trajetória de Faivre e a Colônia Thereza Christina

Fernandes escreveu dois livros sobre a trajetória de Faivre, o primeiro é intitulado como *Saga da Esperança Trajetória de Jean Maurice Faivre*, publicado em 1996 e o segundo foi uma republicação do primeiro em 2006, qual ganhou um novo título *Saga da Esperança: Socialismo Utópico à Beira do Rio Ivaí*. Foram os primeiros trabalhos bibliográficos realizados sobre Thereza Christina e Faivre, sendo estes utilizados como referências para outros trabalhos bibliográficos e acadêmicos.

Segundo Fernandes, Jean Maurice Faivre nasceu em 21 de setembro de 1795, na Grange Combe Raillard, uma pequena comunidade rural integrada ao município de Saint-Maurice, Departamento de Jura, França. Estudou medicina em Paris na venerada École de Médecine, formou-se e exerceu a profissão em Paris até os 30 anos. Mudou para o Brasil, em 1826, e trabalhou no Hospital Militar da Corte, no Rio de Janeiro, conquistando grande prestígio. Atuou como médico particular da Imperatriz Theresa Christina Maria, também a ensinou francês e trocou impressões sobre os mais variáveis assuntos,



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

tornando-se amigo da Imperatriz. Amigo pessoal de Dom Pedro II, recebeu a comenda⁶⁷ da Imperial Ordem da Rosa e a comenda da Imperial Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, as duas no grau de Cavaleiro. Em junho de 1829, ajudou a fundar a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, que, 60 anos depois, passaria a se chamar Academia Nacional de Medicina. Como médico contribuiu grandemente com estudos na cura da lepra, hoje popularmente conhecida como hanseníase (FERNANDES, 2006).

De acordo com Fernandes (1996, p. 70) em 1840, Faivre casou com Anne Zoé Bricquelet Taulois, filha de Pierre Louis Tulois, que veio a falecer já em 28 de março de 1841, 44 dias após dar à luz uma menina à quem dera o nome de Marie, ambas estão sepultadas no Cemitério dos Ingleses, no Rio de Janeiro. Fernandes (1996, p. 74), ressaltou que Faivre, com o coração sangrando após a morte de sua esposa e filha, das quais jamais se esqueceria, resolve abandonar todas as benesses e badalações da corte, e resolve reviver um sonho, criado nas várias visitas por províncias, sonho esse de fundar sua própria colônia, para perseguir a ideia de que a verdadeira felicidade consistia em fazer os outros felizes.

Durante as viagens conheceu João da Silva Machado, um latifundiário que gozava de prestígio do governo, um dos homens que trabalhou na emancipação do Paraná em 1853. João e Faivre tornaram-se amigos, e nas conversas que tiveram Faivre se empolgou com a qualidade das terras e a possibilidade de exploração fluvial do Rio Ivaí. Visitou as terras a convite de João da Silva Machado⁶⁸, com seus pensamentos voltados a realização de seu sonho, decidiu então fundar a colônia naquelas terras. Seria para ele e para as pessoas que acreditavam nele, o verdadeiro eldorado, um local onde não existissem escravos, onde o índio seria civilizado sem passar pelo estágio de escravidão, onde houvesse felicidade e igualdade, uma concepção verdadeiramente socialista, sem ambições de riquezas pessoais, mas sim riqueza para todos. Faivre, então, retornaria à França com a esperança de conseguir adeptos que o acompanhassem na sua aventura. A Imperatriz Theresa Christina o apoiou, achando que a vinda de colonos da Europa para o Brasil seria muito interessante para o país, e, assim, lhe ofereceu seis contos de réis para pagar parte das despesas. Para juntar mais dinheiro, o doutor Faivre vendeu todos os seus bens adquiridos no Brasil, só não vendeu livros e instrumentos médicos (FERNANDES, 2006).

Em maio de 1846 ele voltou à França, local em que “recrutou”⁶⁹ franceses em sua terra natal no Jura, e também em Paris, conseguiu reunir 63 pessoas, em sua maioria pobres, incluindo cidadãos de Bruxelas e embarcaram no navio hamburguês *Fides*, com este grupo na Antuérpia, em 21 de dezembro daquele mesmo ano, chegando em Paranaguá, após uma viagem marítima de 58 dias. Faivre que havia pagado do próprio

⁶⁷ Era um benefício e uma honra concedida à eclesiásticos e cavaleiros de ordens militares. Atualmente refere-se à uma homenagem em forma de distinção honorífica, dada a personalidades que contribuem para o engrandecimento da sociedade, seja por seus trabalhos ou influência social, política ou econômica.

⁶⁸ Primeiro e único barão com grandeza de Antonina, foi um político, catequizador, militar e grande tropeiro agropecuarista brasileiro. Foi o grande criador do hoje estado do Paraná, na época, parte pertencente ao estado de São Paulo.

⁶⁹ Os imigrantes foram atraídos pela propaganda de que o Brasil se colocava no cenário mundial como uma grande potência geradora de riquezas.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

bolso a viagem marítima de todos eles, tinha investido no seu projeto de fundar a colônia, em Paranaguá ele comprou utensílios agrícolas para o grupo todo e então, em 17 de fevereiro de 1847 embarcaram em outro navio, para chegar ao porto de Antonina, três dias após a chegada em Antonina, começaram a caminhada rumo a terra prometida na margem do rio Ivaí. A viagem até o local do destino durou mais de dois meses, haviam atravessado a Serra do Mar pelo caminho conhecido hoje como Itupava. O grupo chegou ao destino em maio de 1847 e logo começou a trabalhar nas terras, a propriedade fora batizada de Vila Agrícola Thereza Christina, abreviada como “Colônia Thereza”, em homenagem à imperatriz (FERNANDES, 2006).

O grupo de franceses limpou a mata, construiu as primeiras moradias e preparou o terreno para o plantio de café, baunilha, algodão, milho, trigo e cana-de-açúcar. Faivre escreveu avisos, para disciplinar o uso da terra e a convivência entre os moradores, mas, grande parte de seus conterrâneos não se adaptaram ao sistema e abandonaram o local em aproximadamente um ano. Mesmo com a debandada, o francês seguiu firme na proposta de implantar uma sociedade igualitária, sem espaço para escravidão e individualismo (FERNANDES, 1996).

O ideal de solidariedade e coletividade fez com que aquele empreendimento prosperasse, apesar das dificuldades com as influências externas da colônia. Faivre, finda sua participação como diretor da referida colônia no ano de 1858, depois do agravamento de um problema de saúde, vindo a falecer em 30 de agosto, sendo sepultado na própria colônia conforme ele mesmo tinha sugerido. Como sucessor pelos anos seguintes o Sr. Gustavo Rumbelsperger⁷⁰, homem de confiança de Faivre, mas, o sonho da colônia socialista naufragou, aos poucos, as pessoas decidiram sair da colônia e tentar a sorte em outras cidades, terminando assim 11 anos depois o sonho de Faivre (FERNANDES, 1996).

Percebemos que a trajetória de Faivre é vinculada por Fernandes como um filantropo, humanístico, um exemplo da história brasileira, pois aboliu a escravidão na colônia 41 anos antes da abolição institucional brasileira, no campo médico seus estudos ajudaram no desenvolvimento da medicina brasileira, sendo condecorado por suas ações. Seria correto a partir dos elementos humanísticos a categorização de socialista? Quais os sentidos atrelados a esta representação?

2. Representações Paranistas: O romance Saga da Esperança

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e

⁷⁰ Era francês, nasceu na província da Jura. Estudou na Ecole impériale des Arts et Métiers, modelo de escola criado por Napoleão a fim de dar técnicas de engenharia. Em 1831, muda-se para o Brasil, no qual permaneceu durante seis anos e, em seguida, muda-se para os EUA para estudar engenharia, retornando ao Brasil em 1840 para trabalhar como engenheiro naval na marinha da Corte. Depois de alguns anos, D. Pedro II atribuiu que Gustavo fosse trabalhar na Província do Paraná, para auxiliar Faivre em um empreendimento.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

se apresentam como naturais, dispensando reflexão (PESAVENTO, 2003, p. 41).

A historiadora Pesavento problematiza a literatura como uma importante fonte histórica. Neste sentido, o objetivo é desnaturalizar a literatura, para compreender suas representações. Segundo os historiadores Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira,

a proposta é historicizar a obra literária –seja ela conto, crônica, poesia ou romance –, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social–algo que faz mesmo ao negar fazê-lo (CHALHOUB E PEREIRA, 1998, p. 7).

O historiador francês Roger Chartier define o estudo das representações, como o estudo da forma e do mundo social. Nesta perspectiva os atores sociais em seus trabalhos traduzem suas posições e seus interesses, e ainda paralelamente descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. Nas palavras do autor,

as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação (CHARTIER, 2002, p. 17).

Na citação, Chartier problematiza a produção das representações, como materiais que acompanham uma intencionalidade. Deste modo as representações de Faivre e Thereza Christina, através dos romances históricos possibilitam a compreensão dos autores e dos espaços que estão inseridos, que por sua vez dão sentido as suas representações.

Fernandes foi um dos fundadores da *Academia de Letras dos Campos Gerais – ALCG*⁷¹. Esta instituição fundada em 1999, na cidade de Ponta Grossa, tem como objetivo a preservação e divulgação do vernáculo e da literatura nos aspectos científicos, históricos, literário e artístico. Fernandes ocupou diversos cargos na academia, sendo inclusive presidente na gestão 2001-2003, neste período realizou em 20 de setembro de

⁷¹ Academia de Letras dos Campos Gerais foi fundada no dia 20 de março de 1999, na cidade de Ponta Grossa, Paraná, com a finalidade do cultivo, da preservação e da divulgação do vernáculo e da literatura, nos seus aspectos científico, histórico, literário e artístico. A Academia promove iniciativas na região dos Campos Gerais do Paraná, bem como participa de ações promovidas por outras entidades cujo interesse seja o desenvolvimento cultural do Paraná.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

2001, a inauguração da biblioteca da ALCG, que desde então também é a sede da Academia. A biblioteca foi batizada de Paranista Eno Teodoro Wanke⁷², em homenagem a um dos fundadores da ALCG, que faleceu em maio de 2001. Wanke também é considerado um expoente autor da literatura paranista.

Atualmente Fernandes é assessor dos estudos históricos na Academia e também é membro do *Instituto Histórico e Geográfico do Paraná – IHGPR*⁷³. O Instituto foi fundado em maio de 1900, sendo um centro cultural de arquivos localizado em Curitiba, com objetivo de promover a intelectualidade paranaense. Tal instituição tem fortes vínculos com o movimento Paranista. Segundo Rosevics (2009, p. 8) “os documentos do Instituto foram produzidos ou coletados pelos mesmos intelectuais que desenvolveram o movimento paranista, demonstrando a relação intrínseca entre o Instituto, seus objetivos e o movimento”.

Tais associações pessoais de Fernandes são evidenciadas em seus escritos sobre Faivre e a colônia Thereza, à medida que utiliza como base documental as sínteses biográficas realizadas por Joaquim Antunes Almeida (1934) e Lourival Ribeiro (1990), publicadas na revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, instituição que o próprio Faivre tinha vínculos. Além disso, destacam-se trabalhos publicados em revistas médicas, cujo conteúdo enobrece a trajetória de Faivre, como os trabalhos de Alfredo Nascimento (1937) e Loureiro Fernandes (1945) que também possuem formação médica e vinculação ao IHGB.

Segundo Schwarcz (1993, p.100) as biografias realizadas pelos Institutos Históricos e Geográficos à época visavam glorificar seus próprios membros, “como sistema de classificação, balcões de nobilitações para a consagração dos sócios”. Neste sentido, “tratava-se de recriar o passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando a homogeneidade e eventos até então dispersos”, sistematizando em uma história oficial. O resultado são biografias heroicas, que produzem padrões de comportamentos e modelos de conduta com objetivo de transmitir os valores dominantes as gerações futuras.

Logo na introdução de sua primeira obra, Fernandes (1996, p. 19) escreveu: “mas ousou, agora pedir vênias a pessoas como David Carneiro⁷⁴, um dos maiores paranistas, intelectual que sempre insistiu em que se desvendasse a vida de Faivre, para trazer as informações que recolhi ao longo dos anos”.

Nas palavras de Romário Martins:

Paranista é simbolicamente aquele que em terra do Paraná lavrou um campo, vadeou uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça,

⁷² Foi um engenheiro e poeta brasileiro. Formou-se em engenharia civil na Universidade Federal do Paraná.

⁷³ O IHGP ou IHGPR é um instituto cultural, arquivístico e científico localizado em Curitiba, capital do estado do Paraná, que tem como função a promoção da intelectualidade paranaense. Ele é fundado em contexto semelhante ao do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dos outros institutos históricos e geográficos.

⁷⁴ David Antonio da Silva Carneiro foi um engenheiro, historiador, escritor, poeta e positivista brasileiro.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore (MARTINS, 1948, p. 38).

Martins, idealizador do movimento paranista, foi considerado um dos mais influentes para os intelectuais e artistas paranaenses. Ao longo de sua trajetória empenhou-se na divulgação da história e folclore do Estado do Paraná. Apesar de ter sido um movimento organizado no período de 1920 à 1930, reproduziu as bases de pensamentos do final do século XIX, ligadas a modernização e ao desenvolvimento. A República teve grande papel neste sentido, houve a necessidade apresentar o país rumo a industrialização, além de criar uma identidade nacional, constituindo imagens de heróis nacionais com intuito de criar um certo orgulho e o sentimento de pertença.

Contudo não podemos fazer uma análise meramente estruturalista, ligadas as questões econômicas, mas sim levar em conta toda a produção cultural do movimento que tinha por base o imigrante europeu. Após formar essa identidade paranista, houve a preocupação com o presente e a manutenção destas ideias visando o futuro. Deste modo o movimento enaltecia todas as belezas geográficas e demográficas do Paraná, criando símbolos e rituais no imaginário popular, tais como monumentos, obras de arte e festas, produções que são realizadas até hoje, cem anos depois.

Alguns trabalhos que estudam o paranismo na contemporaneidade, utilizam a denominação de neoparanismo, para a retomada de força que o movimento ganhou a partir de 1950. Na historiografia diversos trabalhos destacam-se por influências paranista, como a obra *Um Brasil Diferente* (1955) de Wilson Martins. Segundo Pereira (1996 p. 97) “Os paranistas vão elaborar um discurso histórico marcado pelas influências positivistas e historicistas. Uma história marcada por grandes heróis e pela ligação mecânica entre passado e presente”.

Deste modo os paranistas ou neoparanistas lutam para criarem tradições do Paraná, uma história de glórias do Estado, considerada hoje como história oficial. Utilizando documentos oficiais para tirar suas informações, sem uma devida crítica e problematização, acabam por produzir uma história em que as minorias, como os povos indígenas e africanos são colocados como inferiores num processo de aculturação em que o europeu é tido como agente civilizador.

Os romances de Fernandes acompanham o viés paranista, que idealiza o progresso e apresenta a província do Paraná como um espaço sem preconceitos, no caminho da civilização por meio da colônia agrícola sob direção de Faivre, visto como uma grande personalidade humanística.

Faivre foi um halo de permanente luz em meio ao egoísmo e à desesperança. A saga de sua vida, põe em relevo o homem merecedor da gratidão e do respeito daqueles que lhe vêm fruindo a obra humanística e civilizatória, mostrando, ao mesmo tempo, o antídoto contra a indiferença e o exclusivismo, na titânica empreitada a que todos se lançam, buscando o bem-estar e a verdadeira felicidade. Exemplo de trabalho e de fé, de retidão e de amor, Faivre é patrimônio alienável do Brasil e glória definitiva da Terra das Araucárias. Abençoado seja! (FERNANDES, 1996, p. 419).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Apesar de ser vinculado como uma personalidade humanística, não é associado a uma doutrina socialista em seu primeiro volume. Considerando a colônia mais próxima à uma experiência idealista, como apresentou Thomas Morus na obra *Utopia* de 1516. Entretanto na segunda obra percebemos que o nome do livro muda, considerando o empreendimento como uma experiência socialista utópica, tal categorização é acompanhada de uma justificativa nas notas à segunda edição.

Aprendemos, porém, no correr das pesquisas que nunca pararam, que Faivre, sem se ligar especificamente a esta ou aquela doutrina, comungava dos princípios gerais que norteavam o chamado socialismo utópico, tão em voga na primeira metade do século XIX (FERNANDES, 2006).

O socialismo utópico é uma atribuição criada pelos filósofos Karl Marx e Friedrich Engels, que consideravam idealistas os pensadores do cooperativismo como Saint Simon, Robert Owen e Charles Fourier, por isso a atribuição de utópicos. Tais pensadores realizaram um contraponto as transformações econômicas da sociedade em paralelo as consequências do capitalismo. Pensando na situação que vivia a classe trabalhadora em detrimento da classe burguesa, estes intelectuais começaram a se preocupar com uma readaptação da estrutura social, baseada na cooperação e na equidade social, focando nas condições da classe trabalhadora, seja ela rural ou industrial.

Contudo as vias pensadas por esses teóricos não produziam sérias mudanças na sociedade, o que respaldava as críticas. Marx e Engels apontaram que os socialistas utópicos não levam em conta as estruturas do sistema capitalista, não produzindo mudanças concretas. Como contraponto os autores apresentam a teoria do socialismo científico, que diferente dos caracterizados como utópicos e idealistas, visavam transcender os problemas que desencadeavam os conflitos históricos entre burgueses e proletariados. Nesse sentido ao examinar essa categorização idealista, devemos lembrar que não foi cunhada por Owen, Simon e Fourier, mas sim por seus “adversários ideológicos”.

Segundo Fernandes (2006, p. 101), “Faivre dizia que o dinheiro era o inimigo número um da felicidade humana e que esta somente seria conquistado quando se criasse um sodalício igualitário, sem escalas sociais criadas pelos bens da fortuna”. Tal posicionamento do médico francês é descrito pelo autor como uma vinculação aos ideais do cristianismo primitivo que antecedeu o socialismo utópico e do cooperativismo francês. Entretanto Fernandes (2006, p. 102) ressalta que “da breve síntese dos pensamentos desses que também foram chamados socialistas associacionistas, constata-se que Faivre, na verdade, não se perfilhou a nenhuma das respectivas doutrinas, procurando segui-las ao pé da letra”.

Apesar de não estar vinculado efetivamente com as ideias socialistas, o autor justifica a categorização com partes das ideias de Fourier e Owen, teóricos do socialismo utópico.

De Charles Fourier, Faivre adotou a ideia do retorno da agricultura, do trabalho comedido e espontâneo; da reunião de famílias em locais mais ou menos assemelhados aos falanstérios, onde avulta a ideia de associação e cooperação, ignorados os excessos dos tais costumes fanerogâmicos (...) as ideias de Faivre



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

encontram ressonância no sistema cooperativista de Robert Owen, socialista utópico inglês que defendia o fim da propriedade privada, com a criação de uma sociedade comunista, auto-gerida, onde a educação, saúde e assistência social seriam organizadas de forma comunitária (FERNANDES, 2006, p. 103).

Em resumo percebemos que a primeira vez que a representação, mais substancial de socialismo empregada a colônia agrícola Thereza Christina, advém de Fernandes (2006). E ainda que o autor partilhava de uma noção de intelectual associada a construção da nação, portador de uma identidade nacional e um viés ligado as leis da evolução histórica. Contudo, cabe-se pensar que os conceitos sociais ligados a uma palavra, são sempre mais do que a palavra.

Conforme Reinhart Koselleck:

Conceitos sociais e políticos possuem uma pretensão substancial à generalidade e têm sempre muitos significados. Uma palavra torna-se um conceito quando a plenitude de um contexto político-social de significado e experiência no e para o qual uma palavra é usada pode ser nela condensado. Por isso, conceitos são o concentrado de inúmeros significados substanciais, (KOSELLECK 1993, p. 84).

Na citação o historiador nos alertando acerca do universo por traz dos conceitos, logo ao emprega-los ou estuda-los deve se ter em mente essa amplitude, principalmente quando estas terminologias são empregadas a pessoas.

3. Conclusão

A história é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo, já que, ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres sociais, o conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem enquanto ser que constrói seu tempo, fazer uma análise generalizadora para contextos tão complexos pode ser insuficiente. O próprio Fernandes (2006) encontra dificuldades em categorizar Faivre a uma corrente do cooperativismo francês.

Deste modo compreendemos os sentidos das representações em paralelo as influências do movimento paranista e grupos institucionais fomentados pelos Estado, tais como o IHGB, IHGPR e a ALCG, que nutrem e fomentam a história desenvolvida pelos paranistas, compreendidos como intelectuais regionais

O conceito Intelectual Regional advém de discussões realizadas no Núcleo de História Intelectual, do Programa de Pós Graduação em História – PPGH da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. Um indivíduo que através de sua atividade desencadeou transformações políticas, econômicas e sociais em uma região. O regionalismo extrapola as dimensões meramente geográficas, os elementos simbólicos culturais são componentes que constituem a definição de região. Os historiadores Chaves e Karvat ressaltam aproximações nos campos de estudo de História Intelectual e História regional,

Neste sentido, ressalve-se, interessa-nos, sim, a própria constituição (fomentada via um processo de invenção de tradição (2) dessa noção (local, regional) e sua legitimidade (ou uso consensual, em dada época e espaço) –



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

instauração e uso que passa pela produção intelectual, de indivíduos e/ou círculos intelectuais. Neste sentido, se (re)conhecer tais indivíduos e/ou círculos(3) – e seus discursos – passa por uma possível história de intelectuais, a problematização em torno dessa invenção de tradição/tradições, seus usos, controles e instauração/institucionalização, diz respeito, prioritariamente, às possibilidades daquilo que estamos entendendo – e nomeando – de História Intelectual (CHAVES e KARVAT, 2013, p. 5).

As produções predominantes nos estudos biográficos e de trajetórias são construções de heróis nacionais, uma perspectiva que aborda o intelectual tradicional letrado. Entretanto, constantes debates no campo historiográfico buscam problematizar tal prática. Falar de um intelectual regional não é colocá-lo em um espaço de inferioridade, ou ignorância, mas apresenta-lo em um espaço de complexibilidade histórica, política e cultural que os cercam.

Deste modo as representações de Faivre e a colônia agrícola Thereza Christina, através dos romances históricos possibilitam a compreensão de Josué Corrêa Fernandes e dos espaços que estão inseridos, que por sua vez dão sentido as suas próprias representações.

Referências

ALMEIDA, Joaquim Antunes de. *Jean-Maurice Faivre – Síntese biográfica*. Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. vol.169, p.211, 1934.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CASA GRANDE, André Jorge Catalan. *A Utópica Tereseville*. São Paulo: Editora Garimpo, 2016.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (org.) *A história contada: capítulos de História social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 2002.

CHAVES, Niltonci Batista. KARVAT, Erivan Cassiano. *Intelectuais, Discursos e Instituições: as relações entre a História Intelectual (e/ou de Intelectuais) e a História Local (reflexões sobre possibilidades de pesquisa)* In: VI Congresso Internacional de História. Maringá, 2013, Maringá. **Anais** do VI Congresso Internacional de História. Maringá: UEM, 2013.

FERNANDES, Josué Corrêa. *Saga da esperança: socialismo utópico à beira do Ivaí*. Curitiba Imprensa Oficial, 2006.

FERNANDES, Josué Corrêa. *Saga da esperança: trajetória de Jean-Maurice Faivre*. Ponta Grossa, Editora Planeta, 1996.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

FONSECA, Barbara. Paranismo, neo-paranismo e as mídias sociais: um estudo dos símbolos paranaenses na gestão Greca a partir do Facebook (2016 – 2021). *Tematicas, Campinas*, SP, v. 29, n. 58, p. 192–222, 2021.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado: para una semantica de los tiempos historicos*. Buenos Aires: Paidós, 1993.

MANFREDINI, Luiz. *Retrato no Entardecer de Agosto*, Editora Ipê Amarelo, Autores Paranaenses, Curitiba 2016.

MARTINS, Romário. Paranística. *A divulgação*, Curitiba, Ano I, n. 3-4, pp. 37-39, fev./mar. 1948.

MARTINS, Wilson. *Um Brasil Diferente*. Editora T. A. Queiroz, 2ª ed. São Paulo, 1989.

MARX, Karl. ENGELS, Frederich. *Manifesto do Partido Comunista*. 1ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

NASCIMENTO, Alfredo. João Mauricio Faivre médecin et colonisateur: in *Revista Syniatria*, 1937. In: *Revue d'histoire de la pharmacie*, 26^e année, n°102, 1938. pp. 312-313.

NASCIMENTO, Alfredo. *O centenário da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro (1829- 1929): primórdios e evolução da medicina no Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1929.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PEREIRA, Luiz Fernando Lopes. *Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da Ia república*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

RIBEIRO, Lourival. Jean Maurice Faivre. In: *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Volume 151, n° 367, 1990.

ROSEVICS, Larissa. *O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARANAENSE E A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO REGIONAL*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Setor Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2009.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-22, jul. 1997.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: EDUSP, 1994.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO 6

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE DOENÇA MENTAL CONSTRUÍDAS DENTRO DA COMISSÃO FORMADA NA SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROLOGIA, PSQUIATRIA E MEDICINA LEGAL (1908– 1910)

PINTO, Arthur F.¹

¹*Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa*

Na pesquisa em desenvolvimento, nos debruçarmos sobre a investigação dos personagens integrantes da comissão, formada em 1908, que desenvolveram a classificação das doenças mentais, aprovada no ano de 1910 no Brasil. Para essa investigação utilizaremos as publicações, dos médicos que compuseram a comissão, sobre doenças mentais no *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, revista criada pelo médico Juliano Moreira, diretor do Hospital Nacional dos Alienados e membro da comissão citada, com a finalidade de viabilizar um espaço de debate e divulgação de conhecimentos médicos. Após o levantamento das informações, trabalharemos em encontrar as apropriações, as representações e as práticas (esses conceitos terão como base as obras de Roger Chartier e de Michel Certeau), presentes nessas publicações desses personagens e compreender o quanto essas questões impactaram na formação da classificação. Isso nos faz refletir sobre o papel da cultura por trás da classificação das doenças mentais, colocando a categoria médica psiquiátrica como personagem que afeta e é afetada pela cultura. Dessa forma, contemplamos o conhecimento psiquiátrico para além de uma noção naturalista, e começamos a compreendê-lo também no contexto de constructo social e cultural.

1. Comissão de psiquiatria formada em 1908

Durante as leituras realizadas sobre doença mental na Primeira República do Brasil, foi possível verificar uma ênfase na área de pesquisa na Psiquiatria, em razão de sua construção e evidência naquele momento histórico. Percebemos três principais objetos de estudo da época: o desenvolvimento de um método de trabalho para cuidar da loucura, alienação e anormalidades; uma nova classificação em relação às doenças mentais que acometia as pessoas no Brasil; e o início de uma higiene social, oriunda de crenças sobre civilização vindo da Europa, principalmente a partir de ideias de degenerescência mental pela miscigenação (Facchinetti e Muñoz, 2013).

Um dos principais locais para a assistência aos alienados, como aponta Oliveira (2019), era na cidade do Rio de Janeiro, o Hospício Nacional dos Alienados (HNA), antigo Hospício Pedro II, instituição dirigida pelo médico Juliano Moreira, entre 1903 e 1930. Além de diretor de serviços sanitários do HNA, também fazia parte da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (SBNPML). No ano de 1908 fez



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

parte da comissão da SBNPML, que procurou desenvolver uma nova classificação das doenças mentais no Brasil. Essa nova classificação foi aprovada no ano de 1910 (Cerqueira, 2014).

Segundo Facchinetti, Cupello e Evangelista (2010) Juliano Moreira criou a revista Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins no ano de 1905. Essa revista representou durante anos um campo de diálogo e expressão sobre o cuidado na assistência dos alienados no mundo e no Brasil, discussões sobre diagnósticos ou divulgações de embates travados na área da medicina legal. Isso demonstra que a descontinuidade nas práticas de cuidados dos alienados ocorrida a partir da atuação de Juliano Moreira, relatada por Portocarrero (2002), produziu um contexto de busca por conhecimentos de diferentes médicos da época, e como consequência diferentes representações acerca das doenças mentais. Alguns desses médicos sofriam influência das escolas francesas com base em Pinel e Morel, outros, como Juliano Moreira, eram influenciados pela escola alemã com base em Kraepelin, conhecimento inicialmente adquirido durante o seu tempo de estudos na Europa.

Esse contexto nos faz refletir sobre as diferentes representações e práticas debatidas pelos profissionais, para que dessa forma fosse desenvolvido uma classificação das doenças mentais no território brasileiro. Teixeira (2013) relata sobre Juliano Moreira que, além de trazer pressupostos alemães sobre a psiquiatria, ele não abria mão da autonomia brasileira para poder trabalhar com os próprios problemas regionais, e assim desenvolver seus próprios estudos, ainda com base em estudos kraepeliniano. Isto posto mostra-se que Juliano Moreira, além de demonstrar uma “descontinuidade”, segundo Portocarrero, ele também trazia uma “continuidade” na preocupação da parte corporal das doenças mentais como Teixeira (2013) relatou, continuando os pensamentos de Kraepelin. Nesse pequeno levantamento já é possível compreender as apropriações das representações pessoais e científicas para o direcionamento da sua compreensão de mundo. Desse modo, demonstra-se que para entendermos mais sobre as classificações de doenças mentais de 1910, também temos que olhar para as pessoas que compuseram a comissão e produziram essa classificação, nesse trabalho ela será compreendida como representação de um modo de ver o mundo, pois essas pessoas possuíam biografias diferentes, logo possuíam pontos de vistas diferentes.

O período elencado para pesquisa corresponde aos anos de 1908 até 1910, em razão do trabalho psiquiátrico que estava sendo produzido acerca do método de cuidado dos alienados, loucos e anormais, apresentado por Portocarrero (2002). Nesse período, os médicos estavam estudando uma classificação das doenças mentais, um modo de normatizar a loucura. Em 1908 a SBNPML iniciou a formação de uma comissão para que fosse desenvolvida uma classificação de doença mental. Pensando nessa comissão formada pelos médicos Juliano Moreira, Carlos Eiras, Ulysses Vianna Filho, Afranio Peixoto, Henrique Rôxo e Antonio Austregesilo (Cerqueira, 2014), podemos investigar suas ideias por detrás dessa construção da classificação das doenças mentais. Colocando em ênfase a participação das representações e práticas particulares de cada médico como material que causava influência nas suas produções científicas.

A questão que gostaria de focar é na construção dessas representações e práticas que constituíam a construção que estava sendo desenvolvida na comissão formada na



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Nesta parte iremos trabalhar com a noção de representação apresentada por Barros (2005) “A “representação”, conforme poderemos entendê-la a partir deste e de outros exemplos, está associada a um certo modo de “ver as coisas”, de dá-las a ver, de refigurá-las.” A partir dessa definição de representação podemos compreender que a classificação das doenças mentais pode ser entendida como representação, da visão médica psiquiátrica, dos pacientes e dos possíveis pacientes, pois a preocupação não era somente com os pacientes internos, mas com as pessoas que poderiam desenvolver alguma doença mental. Existia uma preocupação com um projeto civilizatório para a educação e higiene no Brasil, entendendo que os médicos visavam o modelo europeu como civilizado e um norte a ser seguido pela sociedade brasileira (Oliveira, 2017).

Nesse ponto me apresenta a provocação, “Como era as orientações médicas brasileiras vistas através da construção da nova classificação das doenças mentais na comissão que a desenvolveu durante 1908 e aprovou em 1910?”. Dado que a medicina brasileira, do início do século XX, se debruçou a desenvolver teorias e práticas que fossem científicas, para desenvolver a psiquiatria enquanto ciência. Podemos evidenciar como personagem particular dessa busca por conhecimento o Juliano Moreira, que em 1903 assume a direção sanitária do HNA, e posteriormente a direção geral. Ele já estava pesquisando sobre modelo de teoria e prática na área de psiquiatria, baseando o seu estudo no modelo europeu, mais especificamente o alemão, desenvolvido previamente por Kraepelin. Após assumir a direção do HNA, ele começou a transformar a instituição em uma efetiva difusora de assistência psiquiátrica clínica, ensino e pesquisa em psiquiatria (Portocarrera, 2002).

Durante os anos de sua permanência no HNA, Moreira realizava o trabalho de tradução das classificações de doenças mentais vinda da Alemanha e feitas por Kraepelin e por outros autores de outros países, porém irei me atentar mais ao principal influenciador de Juliano Moreira. Esse trabalho algumas vezes era realizado com Afrânio Peixoto, ambos foram alunos de Nunes Rodrigues, alienista brasileiro que deu aula na Faculdade de medicina da Bahia. No artigo de Oda (2010), ela discorre sobre o conceito de paranoia que Moreira e Peixoto ao traduzirem para o português não concordam totalmente com o que Kraepelin definia, e buscaram outras formas de compreender esse fenômeno, em 1905. A partir disso, Moreira e Peixoto começam a produzir conhecimento através de sua identidade cultural, que segundo Hall, é composta por representações, e do conhecimento médico advindo da sua vivência no HNA. À vista disso, mostra-se a importância de olhar para além das apropriações que ocorrem, mas também para a interação entre os conhecimentos externos ao país e os conhecimentos produzidos nas instituições nacionais, nesse caso do Brasil da Primeira República.

Pelo conteúdo estudado, o projeto partirá de uma breve história do HNA, uma vez que a instituição foi um ponto de ignição para a psiquiatria no Brasil. Seguindo para os principais fatos das biografias dos autores que constituíram a comissão, esse ponto se torna relevante, pois poderemos compreender representações em comum entre eles para verificar as proximidades das representações na qual cada médico tinha sobre as doenças mentais, com isso o método de análise discursiva das publicações desses médicos, entre 1907 e 1910, se tornam úteis, com o objetivo de construir uma “biografia coletiva” da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

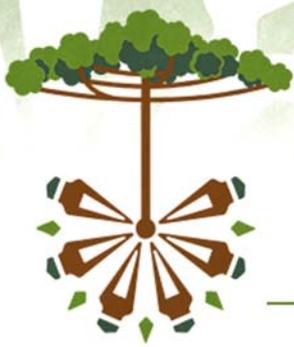
comissão. Assim chegando na comissão que apresentou o projeto de classificação das doenças mentais e em 1910 a aprovação da seguinte classificação:

Classificação da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal segundo Moreira (1910, p.109-113 apud Cerqueira, 2014, p.224):

- 1) Psicoses Infecciosas
- 2) Psicoses auto tóxicas
- 3) Psicoses heterotóxicas
- 4) Demência Precoce
- 5) Demência paranóide
- 6) Paranoia
- 7) Psicose maníaco-depressiva
- 8) Psicose de involução.
- 9) Psicose por lesões cerebrais e demências terminais
- 10) Paralisia Geral
- 11) Psicoses epilépticas.
- 12) Psicoses ditas nevrósicas
- 13) Psicopatias constitucionais
- 14) Imbecilidade e idiotia.

As publicações que sustentam a classificação se tornam documentos representativos das discussões e dos pontos de vista destes médicos que formaram a comissão. Ressaltando a questão das discussões, pois como Facchinetti, Cupello e Evangelista (2010) relataram, não existia total concordância sobre o modo de tratamento dos diferentes doentes mentais, entre os médicos que formaram a comissão. E a partir dessas discussões se torna mais evidente a singularidade de cada indivíduo da comissão, pois é na divergência de ideias que encontraremos o individual, o que o sujeito irá trazer além das representações apresentadas por outros autores.

Na imagem que virá a seguir cada círculo exemplifica-rá as representações médicas sobre as doenças mentais de cada médico que fez parte da comissão de 1908, sendo Juliano Moreira (J.M), Afranio Peixoto (A.P), Ulysses Vianna Filho (U.V.F), Henrique Rôxo (H.R), Antonio Austregesilo (A.A) e Carlos Eiras (C.E). Esse esquema tenta mostrar as intersecções de representações individuais, que existiam entre os médicos, sendo objeto que influencia na classificação de doenças mentais aprovada em 1910.

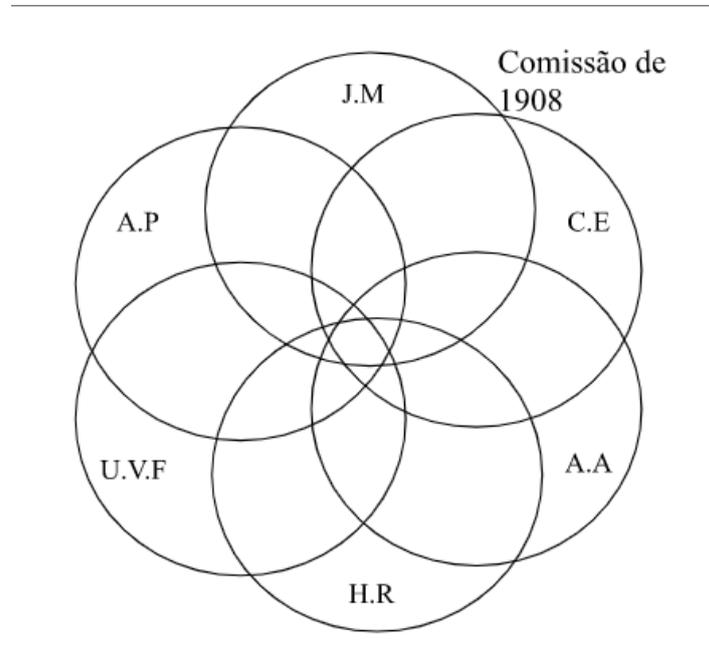


2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



Vamos tomar que o centro que une todas as intersecções representa a classificação que resultou da comissão. A partir disso, podemos entender que essa classificação resultou nas intersecções mútuas das representações individuais, contribuindo mutuamente para algo comum a todos na comissão, e esse comum a todos, será trabalhado como uma ideologia desta comissão, ideologia dentro do conceito apresentado anteriormente. As informações necessárias para estabelecer essas intersecções serão os documentos nos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* entre os anos selecionados e as bibliografias para verificar os elos existentes entre eles e as suas discordâncias.

Também será levado em conta que essa classificação tem como base a classificação anterior, somada às pesquisas estatísticas que estavam sendo realizadas nos hospícios da época. Portanto, entende-se que apesar do objeto de pesquisa ser complexo e multifatorial, esta pesquisa irá se direcionar com ênfase apenas nas questões culturais médicas da época e mais especificamente, dos médicos da comissão.

2. Justificativa

A história sobre a relação entre o conhecimento psiquiátrico e as pessoas que os produzem é um campo com uma grande quantidade de fontes a serem estudadas, principalmente no Brasil do início do século XX, que além do início da psiquiatria no Brasil também recentemente tinha se tornado uma República. Ao compreender que a psiquiatria não trabalha somente com questões biológicas do ser humano, mas também com questões de comportamentos humanos esperados e tidos como “normais” ou como no início do século XX falava-se em “moralidade”.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Com isso devemos olhar que as classificações de doenças mentais não possuem somente questões biológicas, elas também representam questões culturais de relações humanas, relações do sujeito com o meio. Existe também a questão “quem são as pessoas que delimitavam os comportamentos tidos como normais ou moralmente aceitos?”, para entendermos mais sobre essa pergunta temos que olhar para a história e as pessoas que desenvolviam essas classificações. A classe social dessas pessoas, áreas de estudos dessas pessoas, suas histórias pessoais, momentos históricos que elas estão inseridas, local geográfico no qual elas viveram. Todas essas variáveis presentes na cultura irão construir um sujeito com representações e práticas que afetam o seu modo de ver o mundo. Esses pontos elencados são como Certeau (1982) apresenta a operação histórica, por possuir a combinação de “um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita”. Neste quesito colocamos as produções científicas e as bibliografias como fonte de pesquisa, por se tratar do modo como os indivíduos viam o mundo, através das produções deles, e como eram vistos por outros indivíduos, as bibliografias.

Com as informações relatadas no parágrafo anterior mais a provocação trazida por Facchinetti, Cupello e Evangelista (2010), os autores que apresentam que existe muito a ser pesquisado e estudado nos documentos do *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* nos colocando a frente de documentos que podem ser trabalhados de diferentes formas. Deste modo irei me atentar somente na relação entre cultura e construção da visão de loucura, pois Foucault no livro *História da Loucura na Idade Clássica*, apresenta que a loucura não é algo “natural”, mas um fato cultural. Pensando nesse contexto, a compreensão da loucura não é somente objeto de estudo para as ciências biológicas, mas também para a área das ciências humanas, mais especificamente neste uma visão através da história cultural, por possibilitar a compreensão da loucura para o contexto cultural, deixando de lado a perspectiva somente biológica. Será levado em consideração as questões de cunho biológicos, porém podemos trabalhar com a construção cultural até sobre essa perspectiva.

Trabalhamos muitas vezes como se os conhecimentos psiquiátricos fossem uma questão natural, como se fosse uma descoberta na natureza biológica, talvez algumas sejam, porém podem existir outras que não são naturais e são construções de culturas médicas que são deixadas passar sem ser olhadas. Como Certeau (1982) apresenta, é preciso encarar como se lida com os elementos “naturais”, para que assim possa se transformar em um ambiente cultural.

Certeau (1982) trabalha a história como uma ciência “auxiliar” as demais, podendo pesquisar em paralelo com elas, para que assim ela possa exercer a função crítica que cabe a ela. Peter Burke ao se dedicar à história cultural também mostra o papel dessa ciência crítica, neste caso em alguns momentos ela se torna crítica dela mesma como, por exemplo, em relação à história globalista e a historiografia regional ou até mesmo a micro história, essas áreas que em alguns momentos se tornaram críticas uma a outra, e que com o desenvolvimento das pesquisas podemos dizer que esse embate foi se tornando mais tranquilo e estabelecendo uma área comum de compreensão do valor da pesquisa de cada área.

Tragamos essa criticidade para a compreensão sobre as doenças mentais e sua história, na qual existem muitos modos de compreensão, porém podem ser neutralizados



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

e petrificados se focarmos apenas nas questões biológicas delas. Existe a possibilidade de isso ocorrer por conta do local de surgimento dessa ciência, a medicina, na qual vem de uma ciência natural, porém ao se falar de psique, também devemos trabalhar com a cultura na qual o sujeito está inserido. Como é pretendido nesta pesquisa, compreender a cultura na qual surge a classificação de doenças mentais de 1910, precisamos ter um olhar além da ciência natural nesse ponto, por se tratar também de uma ciência humana, pois ela está trabalhando com as questões morais e com as representações sociais que, segundo Hall (1992), estão ligadas às identidades pessoais e sociais. Evidenciando que nesse momento histórico também se direcionava para um processo de higiene social, mais fortemente na cidade do Rio de Janeiro, por ser o porto onde chegavam os imigrantes e escravos, e por ser a capital do Brasil nesse período (Oliveira, 2017).

3. Metodologia

Após a seleção do objeto de estudo, que é a comissão médica formada na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (SBPNML) formada em 1908, foi realizada uma busca sobre as publicações feitas pela SBPNML durante o tempo que a comissão estava desenvolvendo a classificação de doenças mentais. Essa busca chegou à publicações da revista criada por Juliano Moreira em 1905, o *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, responsável em publicar questões relacionadas à SBPNML, e para a divulgação dos conhecimentos que estavam sendo realizados pelos médicos. Nessa revista, segundo Facchinetti, Cupello e Evangelista (2010), haviam discussões médicas sobre classificações, bibliografias, congressos, artigos e notas terapêuticas. Conteúdo que pode expressar muito sobre os sujeitos que estavam atuando para desenvolver a classificação, além de ser um documento que, segundo as autoras citadas anteriormente, possui uma riqueza de informações históricas a serem visitadas e exploradas. Também buscarei bibliografias externas à revista anteriormente citada, para que haja uma melhor compreensão dessas pessoas que estavam formando a comissão.

O objeto, que é a cultura por trás da comissão, faz com que a pesquisa fique entre dois grandes campos da história, a História Intelectual por se tratar de uma pesquisa que seu objeto está ligado ao conhecimento científico, neste caso o psiquiátrico, por outro lado também irá olhar para a cultura presente nesta comissão, pois como Chartier (1990) relata "...onde cada indivíduo se encontra inscrito de múltiplas formas, as quais são todas culturalmente construídas." mostrando que o modo de ver os seres humanos é culturalmente construída, e essa cultura pode ser olhada através das obras publicadas pela comissão. Mostrando assim que além de olhar para o conhecimento intelectual, também podemos perceber a cultura expressa através desse conhecimento, com o intuito de compreender ainda mais sobre esse objeto de estudo. Como Barros (2011) dialogando teoricamente com Thompson aponta "Ao velho dito de que "sem produção não há história", acrescenta que "sem cultura não há produção", evidenciando a cultura por detrás das produções, e nesse caso as produções científicas.

Essa possibilidade de pesquisa nos faz refletir sobre quais conceitos utilizar para trabalhar os conteúdos disponíveis. Podemos considerar os conceitos que Roger Chartier



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

apresenta no seu livro *História Cultural entre práticas e representações*, trabalhando com as informações coletadas como representações do objeto escolhido para a pesquisa, e olhando para as práticas que foram relatadas nos documentos selecionados. Em paralelo, perceber as apropriações que ultrapassam os discursos comuns de diferentes médicos.

Outra lente que podemos utilizar para auxiliar e complementar a visão em relação ao objeto de pesquisa é o conceito de loucura a partir das ideias apresentadas por Michel Foucault. Ele apresenta uma visão de loucura como algo que é produzido através da cultura presente no espaço e tempo delimitado. Indo para uma compreensão da loucura através das ciências humanas, se distanciando das questões biológicas. É possível entender que as doenças mentais podem ter origens biológicas, porém o modo de trabalhar com ela será uma questão tanto biológica quanto cultural do espaço em que ela está inserida.

Com a perspectiva de que a loucura pode ser trabalhada como uma construção social, espacial e temporal, retornaremos aos conceitos de representações e práticas de Roger Chartier(1990), dado que através desses conceitos perceberemos os sujeitos por trás dos documentos históricos. Pois tão importante quanto os documentos produzidos, são os sujeitos e as culturas que produziram os documentos. A partir disso se torna relevante compreendermos a cultura médica por trás das classificações que surgiram durante o período escolhido, a comissão selecionada para estudo.

Partirei da noção de que as representações contemplam um modo de perceber os fatos. O autor José D'Assunção Barros apresenta no seu artigo A Nova História Cultural - considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos, um exemplo sobre o papel das representações na sociedade, demonstrando as representações acerca dos mendigos durante a Idade Média e a partir do século XVII. Indicando que durante a idade média os mendigos possuíam como imagem lembrar os nobres de suas caridades, já durante e após o século XVII começam a ter outra representação, uma imagem de algo marginalizado, que não estava trabalhando. Essa última representação foi muito influenciada pelo sistema Capitalista do momento.

Com base nisso, mostra-se que as representações que Barros apresenta têm uma influência de como ver as pessoas e seu papel social, fundamentadas na teoria de Chartier. Desse modo, resulta-se que essas representações têm uma participação dialética com a cultura na qual ela está presente.

É compreendido que existem pesquisas que trabalham com objetos paralelos aos que se pretende estudar aqui, porém neste trabalho teremos como perspectiva e base conceitual autores na área da história cultural, dando ênfase em Roger Chartier pelos seus trabalhos relacionados a representações e práticas, e às obras de Michel Foucault por ser um dos autores de principal representação na área da história da loucura e da genealogia. O modo como Foucault trabalha a genealogia contribui para compreender ainda mais as diversas influências nas representações e nas práticas que os médicos da comissão sofreram. Quebrando assim com perspectivas “acausal” de formação do conhecimento médico na área da Psiquiatria. Explorando a construção do conhecimento e mudando a visão de ser algo “descoberto”, devemos ampliar a visão e ver as diversas influências que colaboraram para a formação desse conhecimento.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Bibliografia

BARROS, José D'Assunção. Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos - DOI: 10.5752/P.2237-8871.2011v12n16p38. *Cadernos de História*, v. 12, n. 16, p. 38-63, 1 maio 2011. Acesso em 12 de maio de 2022.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. 2014. 234 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. 1ª reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.527-535.

FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.239-262.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Ligia Vassalo. Petrópolis: Vozes, Lisboa : Centro do Livro Brasileiro, 1972.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002.

OLIVEIRA, William Vaz de. *Assistência a Alienados na cidade do Rio de Janeiro (1852 – 1930)*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2017.

TEIXEIRA, José Paulo Antunes. *O discurso de Juliano Moreira: psiquiatria e política no processo de modernização do Brasil republicano*. 2013. 110f. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

A PAISAGEM ENQUANTO ELEMENTO DE ANÁLISE DO TRABALHO DOS ERVEIROS E ERVEIRAS NA FLORESTA COM ARAUCÁRIA NA REGIÃO CENTRO-SUL DO PARANÁ

ROTTER, Brenda Carolina Busato¹

*¹Bacharela em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2020),
Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Estadual
de Ponta Grossa. Bolsista pela CAPES.*

Este trabalho tem como objetivo pensar a paisagem da região Centro-Sul do Paraná a partir do trabalho de agricultores e agricultoras na produção tradicional de erva-mate em agrofloresta, e de que maneira a análise destas paisagens dimensionam o valor cultural, comercial e tradicional do trabalho realizados por eles acerca da Floresta com Araucárias. Para a construção das análises utiliza especialmente dos textos *Conhecimentos ecológicos indígenas e recursos naturais: a descolonização inacabada* (2018) de Gonzalo Aguilar Cavallo e *Sujeitos ocultos na paisagem: desvelando a cultura material e o trabalho humano* (2020) de Kropf, de Oliveira e Ruíz.

1. Contexto

O meio rural viveu nas últimas décadas, significativas mudanças para o futuro da agricultura, principalmente a familiar. Da perspectiva ambiental e da segurança alimentar, os produtores da agricultura familiar são os principais responsáveis pelo fortalecimento e permanência de seus conhecimentos tradicionais em conexão com novas tecnologias agrárias, dando novo significado às formas de interação com e ao uso da terra, produzindo alimentos de qualidade em busca de uma relação mais equilibrada e sustentável com a natureza.

Na região Centro-Sul do Paraná, encontramos produtores de erva-mate em sistemas tradicionais e agroflorestais que desenvolvem papel fundamental na tomada de espaço da agroecologia no campo, não apenas em suas produções agrícolas, mas também na conservação de seu ecossistema. Estes agricultores são figuras chaves na manutenção dos remanescentes da Floresta com Araucária no estado, assim como para a produção local da erva que garante o desenvolvimento socioeconômico de sua região, de seus agricultores e de suas famílias. É a Floresta com Araucária que permite a produção tradicional e agroecológica da erva-mate, indicando a existência de uma cooperação ambiental entre comunidades humanas e sistemas naturais.

Em direção de reconhecer que estes agricultores são guardiões da floresta e que ela tem se mantido por conta do trabalho deles, este texto pretende discutir e compreender de que maneira se reconhece ou não, o papel destes sujeitos enquanto trabalho humano e elaborar uma discussão que apresente as razões cujas quais esse sistema deve ser reconhecido através das práticas sustentáveis dos agricultores, erveiros, com o ambiente.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O texto pretende dialogar a experiência dos agricultores produtores de erva mate em agrofloresta com as leituras e discussões propostas na disciplina Tópicos especiais em História, Cultura e Natureza. Como base para as discussões, este trabalho utiliza de dois campos de investigação, a história oral e ambiental. Aqui, a história ambiental busca compreender as interações sociais e as naturais, tendo a Floresta com Araucárias como cenário de lutas e resistências, mas também como razão de ser de um contexto histórico de preservação agroflorestal e cultural dos sujeitos que vivem para colaborar com a permanência da floresta e suas práticas locais, suas tradições e seu trabalho. A história oral como ponte de acesso às narrativas de agricultores e agricultoras, narrativas essas que nos possibilitam dimensionar a relação de vida, trabalho e memórias desses sujeitos com o ambiente natural ao redor.

Neste trabalho, a história oral é grande aliada no processo de historicizar o trabalho dos agricultores junto à floresta e aos ervais, o acesso à memória mediante a narrativa permite ampla contribuição ao democratizar a história, dar visibilidade e proporcionar entendimento sobre formas de conhecimento popular e tradicional a partir da memória, bem como conhecer as nuances que permeiam as práticas sustentáveis desenvolvidas pelos agricultores da região Centro-Sul do Paraná. (MONTENEGRO, página, 40, 1994).

2. Discussão

Dentro do histórico de ocupação da região Sul do Brasil, nota-se intenso processo de eliminação das florestas na região Centro e Centro Sul paranaense e Norte catarinense, isso ocorre em resposta aos ciclos de extração de madeira, seguido de outros ciclos como o do café e também a extração da erva-mate, alterando completamente a paisagem do estado. Ainda assim, a região centro-sul do Paraná, em seus mais de vinte municípios, concentra em sua extensão grande número de agricultores familiares e agroecológicos, proporcionando vasto eixo de preservação ambiental, bem como uma rede organizada de coletivos de agricultores que têm em comum pontos relevantes para esta discussão como a preservação da paisagem, os valores de trabalho, a importância da floresta e claro, o contexto social da região.

Em seu texto *Sujeitos ocultos na paisagem: desvelando a cultura material e o trabalho humano* (2020), Kropf nos conta que paisagens são dinâmicas, móveis, e mudam conforme os sistemas socioeconômicos e biofísicos, afirma que são intrinsecamente culturais e capazes de refletir a história social e econômica de uma região. Mas para esta discussão, o mais interessante é vê-la definir que paisagens são ao mesmo tempo portadoras de uma forte historicidade, “a floresta é profundamente humana”, afirma a autora.

O aspecto relativo ao trabalho na paisagem diz respeito à avaliação das condições de sua realização. Ao se observar uma determinada paisagem é difícil reconhecer marcas do passado na mesma e, mais ainda, se perceber o esforço despendido pelo trabalho em toda a sua extensão. Os motivos uma vez mais remetem ao distanciamento de quem a estuda em relação ao trabalho produzido. Trata-se de um efeito parecido com o ditado popular *o que os olhos*



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

não veem, o coração não sente. (KROPF, DE OLIVEIRA e RUIZ, página 7, 2020)

Os sistemas tradicionais de produção de erva-mate em agrofloresta garantem a manutenção das áreas de Floresta com Araucária restantes na região Centro-sul em comparação a outras áreas do estado em que a agricultura convencional corrói as florestas nativas. Estes sistemas tradicionais seguem sendo sufocados diante a outras dinâmicas agrícolas, como a soja e o fumo, este que afeta não apenas o solo e água, mas igualmente e de forma avassaladora a saúde dos agricultores, causando problemas do pulmão e doenças cardiovasculares severas, bem como doenças psíquicas que afetam diretamente a qualidade de vida dos produtores.

Sendo a floresta profundamente humana, segundo Kropf, como dimensionar sua humanidade diante o trabalho de preservação dos agricultores e apresentar esta relação de trabalho e permanência, me pergunto. Compreender que essa ação de perpetuação das floresta é *trabalho* e deve ser reconhecido como tal, se faz necessário realizar diversas reflexões sobre o tema e pensar em ações diretas, não somente no tocante monetário, mas também social e cultural. Ao nos aproximarmos de qualquer produtor, percebemos tão logo que a produção de erva-mate é extremamente rentável à indústria, mas sua distribuição não é suficiente para as demandas financeiras dos agricultores que realizam o manejo do erval.

Para que essa realidade seja minimamente alterada, se faz necessário instalar políticas que visem valorizar esta mão de obra e distribuir de maneira mais justa a renda gerada pela produção sustentável de erva-mate. Mais do que isso, criar políticas e projetos que compreendam estes sistemas como ponto de valor e pertencimento cultural, entendendo o papel da agricultura familiar neste ciclo produtivo e de que maneira os sistemas ambientais, estando ameaçados, modificam e sufocam essas dinâmicas sociais dos agricultores e agricultoras envolvidas.

Dentro deste plano de projetos que compreendam estes sistemas, podemos usar de exemplo o trabalho desenvolvido na região pela Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), que tem como objetivo o desenvolvimento de agricultores familiares a partir do incentivo da aplicação de tecnologias agroecológicas em suas produções. Analisando as entrevistas realizadas pelo projeto, podemos observar que a partir das ações da AS-PTA junto de lideranças regionais que buscavam a implementação de uma articulação local voltada para a promoção do desenvolvimento agrícola sustentável, e do fortalecimento de conselhos regiões que promoviam espaços de diálogo entre os agricultores da região Centro-Sul, surge a demanda da criação de uma entidade que atendesse as necessidades de organização coletiva dos produtores e que colocasse em discussão as pautas agroecológicas.

Essas ações e discussões são amplamente lembradas pela comunidade de agricultores e agricultoras da região Centro-Sul do Paraná, bem como reconhecidas como parte de um movimento social que visava, e visa até hoje, o fortalecimento e emancipação da produção tradicional e agroecológica de erva-mate no estado. Sendo o foco deste trabalho discutir de que maneira se reconhece o trabalho desses agricultores, se faz necessário chamar as instituições para a conversa, pois são elas que muitas vezes se fazem



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

presente no cotidiano dos agricultores e observam, se não de perto, com intensa frequência, as demandas e as ausências institucionais presenciadas pelos mesmos.

Em seu trabalho *Agroecologia e Agricultura Familiar na Região Centro-Sul do Estado do Paraná* (2005), os autores Assis e Romeiro também observam a atuação da AS-PTA e apontam que quando as ações dos sindicatos locais e associações comunitárias são complementadas pelo trabalho da ONG, aumenta os mecanismos de pressão sobre o poder público, e continuam

O nível de organização dos agricultores apresenta-se como extremamente elevado na região, tendo sido ponto fundamental para a AS-PTA na escolha desta como área de atuação. O destaque é para a atuação dos sindicatos dos trabalhadores rurais, que tem funcionado como elo de ligação entre a AS-PTA e os agricultores. (ASSIS, ROMEIRO, 2005, p. 162)

Essa complementação é parte importante no processo de valorização do trabalho do agricultor, que não pode e nem deve viver apenas de ideais em relação a sua produção, a agroecologia, a agricultura sustentável deve ser respeitada enquanto luta e resistência, mas também é importante, até mesmo para permanência do trabalho no campo, que seja reconhecida como algo a agregar valor ao produto advindo desta realidade.

Sendo assim, se faz importante comunicar que existe forte ligação entre a tríade núcleo familiar, conhecimento tradicional do manejo da erva-mate e floresta com araucária. Quando observamos de que maneira esses três se relacionam no mesmo ambiente, entendemos que o conhecimento é passado e transferido entre as gerações nas práticas vivenciadas juntas, apresentando a floresta e a colocando no cotidiano do lar, essa natureza que é viva e não somente parte de uma dinâmica extrativista.

Então a gente vê isso. Eu criei as minhas crianças, o Márcio e a Ana Paula, desde pequeno, iam na roça com nós, eu levava rede, levava lanche, levava caderno. Ela ficava dando aula pros cavalos. É... sentava na carroça e ficava dando aula pros cavalos [risos]. Mas eu sempre levava. E nós até às veis plantava fumo, porque plantemo um bom tempo. Daí o pessoal dizia: não, isso não pode ir pra roça tudo. Mas eu sempre levei. E não que judiei eles assim, tavam na sombra e tudo, e aprenderam e até hoje eles gostam disso. (ROVAI (org), 2021, p. 207)

Como comentado anteriormente, da perspectiva ambiental e segurança alimentar, são os produtores da agricultura familiar os principais responsáveis pelo fortalecimento e permanência de seus conhecimentos tradicionais em conexão com novas tecnologias agrárias. Não somente através de seu trabalho de produção agrícola, mas especial a partir da aplicação de seu conhecimento pessoal naquilo que planta, é a partir de seu conhecimento, intrínseco no processo, que as renovações e aprimoramento do uso da terra e manejo de sua propriedade são realizados. Quando comentamos sobre trabalho, é de grande importância que não seja visado apenas a mão de obra física, mas sim o emprego de sua cultura e experiências naquilo que produz, as práticas subjetivas estão embrenhadas na produção de alimentos saudáveis da mesma que estão nas paisagens citadas por Kropf.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Cavallo comenta em seu texto *Conhecimentos ecológicos indígenas e recursos naturais: a descolonização inacabada* (2018), sobre o conhecimento tradicional indígena, que ao falarmos destes conhecimentos não estamos nos referenciando apenas aos diversos saberes e sabedorias advindas das experiências, mas também dessa forma distinta de ver o mundo, a visão holística. Comenta ainda, que em 2001, segundo a Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) os conhecimentos tradicionais incluiriam o que se denomina folclore, mas também o conhecimento tradicional

de plantas y animales en los tratamientos médicos y como alimento, por ejemplo. En tales casos, el análisis pasaría del sector del derecho de autor al de legislación de patentes o al de derechos sobre diversidad biológica⁷⁵. (OMPI, 1999, p. 3)

Me permito trazer outra definição importante, o Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), trouxe em seu boletim *Radar Tecnológico “Análise do Patenteamento de Tecnologias Relacionadas à Agricultura Sustentável Depositadas no Brasil”* de 2022, a definição de MacRae para agricultura sustentável,

Agricultura Sustentável compreende procedimentos de gestão que trabalham com processos naturais para conservar todos os recursos, minimizar desperdícios e impactos ambientais, prevenir problemas e promover resiliência do agroecossistema, autorregulação, evolução e produção sustentada para a nutrição e satisfação de todos. (WEID, 2022, p. 9)

Quando pensamos no trabalho realizado pelos erveiros na região Centro-Sul do Estado, podemos associar a definição de MacRae a esta dinâmica. O processo natural de conservar recursos seria a manutenção e preservação da Floresta com Araucárias, e a produção em agrofloresta da erva-mate sombreada que é renda mas é também a resiliência ao agroecossistema citado acima. Não há captação monetária nesta dinâmica se não houver manutenção ambiental da área, e é essa junção de intenção, conhecimento, trabalho e cuidado que resulta na permanência e conservação de suas práticas ambientais.

Apresentado alguns pontos que acredito serem relevantes para chegarmos à discussão seguinte, voltemos à temática trabalho e paisagem. Para Kropf et al., muitas vezes os bastidores da paisagem contêm informação sobre sua existência e isso não é facilmente perceptível, e para ele existem alguns fatores que corroboram essa dificuldade (página 3). Neste trecho do texto, gostaria de comentar estes pontos trazidos pelos autores ao longo do artigo que me saltam aos olhos quando pensamos maneiras de fomentar a discussão acerca do trabalho na paisagem.

No trecho sobre *trabalho e energia*, o autor convida a física para conversar com a história ambiental e nos mostra que ela é a capacidade de realizar trabalho ao mesmo tempo em que transfere força ao longo do deslocamento. A primeira vez que li este trecho, e talvez a segunda também, discordei dos autores ao afirmarem que

⁷⁵tradução: “de plantas e animais em tratamentos médicos e como alimento, por exemplo. Nesses casos, a análise passaria do setor de direitos autorais para o de lei de patentes ou direitos de diversidade biológica.”.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

[...] de uma maneira geral, os termos aplicação de força e deslocamento podem ser detectados ou inferidos no estudo da paisagem. Já energia não aparece de forma visível na paisagem, embora a mesma só exista por conta de sua conversão e distribuição. A aparente estabilidade de elementos da paisagem (como o clima, as formas do relevo, as construções, etc.) (KROPF, DE OLIVEIRA e RUÍZ, 2020, p. 4)

É claro que falamos de maneira subjetiva, e talvez este seja o ponto que instiga a discussão, tentar mensurar essa energia em matéria, e mais ainda, encontrá-la demarcada na paisagem tal qual figuras rupestres delimitando a aplicação de tempo e esforço humano em seu relevo.

Anteriormente citei o trecho da entrevista realizada com Olga Wenglarek, agricultora e faxinalense, que ao longo de sua narrativa em diferentes momentos encontramos trechos que nos remetem a energia que Olga deposita em sua relação com a floresta, com a natureza. Acordar cedo, sair para andar pela propriedade, se reunir em grupos de cooperativa, estar disposta a participar de eventos e projetos de extensão com instituições que acreditam na sua maneira sustentável de gerir a propriedade, e é esta energia eu gostaria de colocar como mensurável.

Não apenas impregnada na paisagem, na floresta, no faxinal, mas igualmente no seu produto de trabalho, essa energia que aqui poderia ser, talvez, chamada de tempo dado ao sistema (agrícola), ela é presente em cada ação realizada pelos agricultores e agricultoras, aqui exemplificados por Olga. Por este motivo, muito me é gentil poder afirmar a aqui a relevância desta discussão para a produção historiográfica recente, partilhar das idéias que nós, da história ambiental, temos de nossa própria relação com as pesquisas naturais, e de que maneira podemos recondicionar nosso olhar ao nos encontrarmos com relações diferentes, interações diferentes entre humanidade e natureza.

“Entrevistadores: Como é o seu dia, conta pra nós como é o seu dia a dia aqui?
Olga: Ah o meu dia é corrido [risos]. Eu levanto sempre às sete, sete e pouco. Porque às vezes eu tenho vaca pra esgotar, daí eu esgoto vaca, trato as galinhas, trato porco, vejo lá o que tem que fazer. Se curar uma vaca, se... eu faço tudo, sabe? Assim, curo uma vaca de berne, se ela tem algum! É... uma porca de leitão precisa da uma, vê ela mais diferente dos outros, uma atenção pra ela, pra alguma criação. E daí eu limpo a casa, faço almoço, lavo a roupa. Eu, um dia assim... vou pra roça ajudar também, porque sempre ajudo na roça. Temo horta, até entregamo pra merenda escolar, vou, ajudo a colher, ajudo a plantar. Nós temo o grupo da cozinha então, os dias da cozinha [comunitária] lá, a minha casa já abandono [...]” (ROVAI (org), 2022, p. 209)

Para continuar, o segundo ponto que gostaria de comentar sobre o texto de Kropf et al. é sua analogia ao lugar de fala, em que o autor comenta sobre a valorização do conhecimento tradicional daquele que o tem, que o pratica, e daquele que o observa e o repassa enquanto informação técnica (página 15). Este ponto me remete ao conhecimento tradicional comentado anteriormente, dos agricultores e os ervais, mas em especial do conhecimento sobre a erva-mate que é observado por técnicos e instituições, o papel da extensão, tema de minha pesquisa.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Em meu trabalho, utilizo Paulo Freire para elucidar as percepções e interações da extensão rural na região Centro-Sul do Paraná. Em *Extensão ou comunicação?* (1983), Freire inicia sua obra colocando em voga a semântica da palavra extensão, quase como se nos perguntasse qual é a função dela de fato. Compreende e elabora sua crítica ao entender que o extensionista que contrõe sua formação de maneira puramente técnica, sem levar em consideração a ação humana sobre o meio que trabalha, realiza apenas o fazer e não o compreender, resultando em “sua extensão se dá no domínio do humano e não do natural [...]” (página 20), quando na realidade, e espero ter comunicado no decorrer deste texto, a compreensão se dá na junção de ambos, humano e natural, e não especificidade de um só.

Desejo dizer então que, o lugar de falar do agricultor é o campo, é a floresta, é o território, o espaço do trabalho. Esse trabalho que também é de mapear seu lugar, de entender a fundo as dinâmicas naturais e sociais do ambiente, e que precisa ser reconhecido pelo técnico extensionista, e igualmente por nós da história ambiental, nós pesquisadores.

Nós, historiadores ambientais, estamos envolvidos em um contexto cultural e técnico que em certa medida condiciona o olhar que temos sobre a paisagem. Fatalmente o contato com a mesma é feito a partir de encadeamentos lógicos que seguem a cultura de quem a observa. Geralmente a reconstrução da história da atividade humana sobre as paisagens é feita sob os mais distintos enfoques, mas dificilmente se chega próximo do ponto de vista de quem a modificou no passado. (KROPF, DE OLIVEIRA e RUÍZ, 2020, p. 8)

3. Conclusão

Sendo assim, finalizo este texto reafirmando que seu intuito foi pensar e mostrar as potentes discussões que podem ser realizadas a partir das narrativas dos agricultores produtores de erva-mate em agrofloresta e de suas dinâmicas e vivências com a Floresta com Araucária. Quando tocamos no tema trabalho, que este texto tenha possibilitado a abertura de nossa lente para observarmos a dimensão do trabalho humano na paisagem ao nosso redor, aqui, com o recorte de floresta e agricultores, mas nas dinâmicas cotidianas, alteramos nós a paisagem de diferentes formas e se atentos, podemos notá-las.

Quando em contato com os textos de Cavallo e a Kropf et al, nos encontramos com a possibilidade de, ao mesmo tempo, abraçarmos o subjetivo dessas relações humanidade e natureza, mas igualmente encontrarmos uma linguagem e discussão que possibilite amarrar estas experiências. Natureza, em sua definição imagética mais conhecida, o ambiente distante cercado por árvores e vegetações, mas o centro da cidade também é natureza, é paisagem, é alterado, é humano.

Começamos por afirmar que somente o homem, como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser da práxis. Somente ele vem sendo um ser de relações num mundo de relações. (FREIRE, 1983, p. 24)



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Por fim, entendo que perceber a conjuntura de determinado contexto é compreender que um agricultor não muda sua realidade sem se perceber como parte dela, como parte de algo que nutre sua identidade. Nesse pensamento, entendo que para alcançarmos a valorização do trabalho dos mesmo dentro da floresta, é precisar darmos um passo para trás e observarmos seu contexto do macro, reconhecendo sua cultura, suas escolhas e posicionamentos diante a sociedade, mas principalmente, observando a maneira como estes sujeitos se colocam no mundo rural, compreendendo a importância de seu papel e se apoderando dele.

Referências

ASSIS, R. L. D.; ROMEIRO, A. R. (2005). Agroecologia e agricultura familiar na região centro-sul do estado do Paraná. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 43, 155-177.

CAVALLO, Gonzalo Aguilar. Conhecimentos ecológicos indígenas e recursos naturais: a descolonização inacabada. *Estudos avançados*, v. 32, p. 373-390, 2018.

FREIRE, P. F934e *Extensão ou comunicação?* tradução de Rosisca Darcy de Oliveira, prefácio de Jacques Chonchol. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 93 p. 1983.

KROPF, Marcela Stüker; DE OLIVEIRA, Rogério Ribeiro; RUÍZ, Adi Estela Lazos. Sujeitos ocultos na paisagem: desvelando a cultura material e o trabalho humano. *Estudios Rurales*, v. 10, n. 19, 2020.

MONTENEGRO, A. T.. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1994. 156 p. (Caminhos da História)

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (organizadora), *Escutas sensíveis, vozes potentes: diálogos com mulheres que nos transformam*. Teresina: Cancioneiro, 2021. 478 f. : il.

WEID, Irene von der. *Análise do patenteamento de tecnologias relacionadas à agricultura sustentável depositadas no Brasil.* / Irene von der Weid. Rio de Janeiro: Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Brasil) – INPI, Diretoria de Patentes, Programas de Computador e Topografia de Circuitos Integrados – DIRPA, Coordenação Geral de Estudos, Projetos e Disseminação da Informação Tecnológica - CEPIT e Divisão de Estudos e Projetos - DIESP, 2022. Radar tecnológico, 53 p.; figs.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

**NO UNIVERSO DUNA (1965): IMPERIALISMO NA LITERATURA
DE FRANK HERBERT E PERSPECTIVAS FUTURAS.**

ROSA, Caroline D.¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de História

A ficção científica (FC), popularizada em meados da década de 1950, nos revela uma grande tensão entre o conhecido e o desconhecido, levando seus personagens – e consequentemente, seus leitores – a rumos e situações “além da imaginação”; gerando em nós a sensação do estranhamento, do encanto com aquilo que é novo, desconhecido e fantástico. Sendo primariamente um gênero literário, acompanha as mudanças e conquistas científicas do século XX e XXI; além de acompanhar, inspirou muitas dessas mudanças e principalmente: promoveu uma mudança, uma expansão das mentalidades dos seus leitores de uma forma geral (ROBERTS, 2018). De forma consciente ou inconsciente, o escritor de FC parece desenvolver um processo de consciência histórica (RÜSEN, 2010) muito pessoal. Quando destrinchamos uma obra do gênero, notamos que o seu criador descreve o momento presente no qual vive através da análise das permanências históricas e projeta um possível futuro, esse me parece ser o grande “trunfo” da utilização da FC pelos historiadores – seja esse uso didático ou teórico. Pensar na FC é pensar como a sociedade imagina que será seu futuro ao analisar os caminhos e decisões que tomamos ao longo de nossa trajetória pelo planeta terra. Aproximar ficção científica e história pode ser uma tarefa que parece muitas vezes complicada, especialmente por estar no âmbito dos documentos que foram durante muito tempo rejeitados pelos historiadores (cinema, literatura popular, etc). Porém, acredito e concordo com Jacques Le Goff (1984) quando define que o documento é o resultado de uma montagem realizada pela sociedade ou época que o produziu, e também é resultado das épocas pelas quais ele continua sobrevivendo, por mais esquecido ou manipulado que esse documento tenha sido. Cabe aos historiadores o papel de realizar perguntas aos documentos, e as obras da FC podem gerar inúmeras dessas perguntas. Pensando na literatura enquanto uma fonte, procuro trabalhar Duna dentro do campo das sensibilidades da obra, definindo o lugar social (CERTEAU, 1982) do escritor como um intelectual que viveu a maior parte da sua vida durante o período da Guerra Fria e influenciou fortemente a contracultura (ROBERTS, 2018).

Conhecer esse lugar social de autores de obras culturais é importante para que possamos criticar suas obras e historicizá-las, localizando seu espaço-tempo, entender as sensibilidades que compõem os temas abordados e como eles são construídos. Realizar essa atividade intelectual nos permite destrinchar uma parte que constitui um imaginário social, como essa obra alcança um público e é percebido por ele.

É pensando em todos esses aspectos que procurei me aprofundar no escritor Frank Herbert (1920-1986), o qual inicia sua carreira como jornalista em jornais como o *Oregon*



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

*Statesman*⁷⁶, *Seattle Star*⁷⁷ e *Santa Rosa Press-Democrat*⁷⁸; e posteriormente consegue realizar seu sonho de se tornar um escritor de romances, lançando seu primeiro livro “*The Dragon in the Sea*” em 1956. Mas é com o livro “*Dune*” (Duna) de 1965 que alcança sucesso imediato, lançando posteriormente mais cinco livros do mesmo universo e até a sua morte em 1986, a saga Duna já tinha vendido um total de 35 milhões de cópias. O primeiro livro, Duna, ganhou dois prêmios importantes dentro da FC: o *Hugo Awards* em 1966 (HUGO AWARDS, 1966) e o *Nebula* de 1965 (SFWA, 1965) e é considerado como o livro de ficção científica mais influente pela revista *Wired* (WIRED, 2020) estando também entre os cem romances mais inspiradores pela *BBC Arts* (BBC, 2019). Mas o que leva Duna a alçar tão imediato e estrondoso sucesso?

1. O nascimento de Duna (1965).

Roberts (2018) em seu livro “A verdadeira história da ficção científica”, nomeia Frank Herbert como um dos expoentes do movimento *new wave* da FC; o qual surge entre meados de 1960-1970, uma época em que a contracultura está no seu auge nos EUA e a FC muda seus paradigmas. O homem finalmente pisa na lua, então a viagem espacial - que era objeto de grandes obras da FC antes de 1960 - começa a ser algo desinteressante. Durante a *new wave*, a FC começa a dar as costas ao espaço, as viagens interestelares, formas alienígenas; tentando trazer algo de inovador para o gênero, como: metáforas, obscuridades, obscenidades, drogas, religiões orientais e políticas de esquerda. Com a *new wave*, a contracultura está a todo vapor, modificando as sensibilidades das novas gerações e recebe Duna de braços abertos; se tornando um grande sucesso nos meios acadêmicos. Pensar e articular a obra de Herbert com as movimentações da contracultura é perceber de que forma esse movimento reconhece e descreve o mundo, usando a linguagem para representar as categorias da vida, do pensamento e da experiência.

Escrito por Frank Herbert em 1965, Duna narra o desenvolvimento do protagonista *Paul Atreides* e sua ascensão ao poder imperial. Herbert narra Duna como um futuro distante da humanidade, ou seja, a história da vida humana no planeta terra é levada em consideração durante a escrita de sua saga. Porém, a história fictícia narrada na saga Duna centrará em um império interestelar absoluto, chamado de *Landsraad*⁷⁹. No início do livro somos apresentados ao planeta conhecido por *Caladan*⁸⁰, um feudo integrante do *Landsraad* e governado pela família *Atreides*. O protagonista Paul Atreides

⁷⁶ Ao longo de sua história, o *Oregon Statesman* tem sido um cronista da política do estado de Oregon. Em seus primeiros anos, o jornal literalmente seguiu a sede do governo de Oregon quando se mudou de Oregon City para Salem em 1853, para Corvallis em 1855, e depois para sua localização final em Salem no final daquele ano (MCKAY, 2022).

⁷⁷ Após o ataque a Pearl Harbor, o jornal assumiu um caráter fortemente anti-japonês de ataque aos grupos japoneses dos EUA (KRONA, 2008), Herbert começou a trabalhar no jornal durante esse período.

⁷⁸ O *Press Democrat*, com a maior circulação na Baía Norte da Califórnia, é um jornal diário publicado em Santa Rosa, Califórnia.

⁷⁹ O *Landsraad* é o corpo que representa as grandes casas (famílias) durante os tempos do império, essas grandes casas são por vezes chamadas de “feudos”.

⁸⁰ É o planeta natal do protagonista Paul, e governado pela família *Atreides*, descrito como um planeta que possui vastos mares e rios.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

é filho do duque Leto Atréides, governador de Caladan; assim sendo, Paul recebe desde cedo um treinamento especial por parte de seu pai e de sua mãe. Sua vida muda radicalmente quando o imperador convoca seu pai, o duque Leto, para governar outro feudo, ou seja, outro planeta: *Arrakis*, conhecido também como Duna. Diferentemente de Caladan, no qual existe muita água, *Arrakis* é árida e possui um vasto deserto. Porém, há um fluido extremamente precioso e valioso que corre embaixo do deserto de *Arrakis*, a especiaria *Mélange*⁸¹. O *Mélange* é utilizado em toda a galáxia, possuindo características únicas como o rejuvenescimento daqueles que o ingerem, expande a capacidade mental de alguns indivíduos e também permite que o indivíduo faça previsões do futuro.

Duna apresenta uma compreensão da ecologia em uma escala planetária, uma vez que Herbert mostra que cada planeta teria sua ecologia particular. O planeta principal do livro (*Arrakis*) é um lugar onde a água é escassa e se torna o bem mais precioso para seus habitantes nativos (*Fremen*). Mas para o resto do universo o bem mais precioso que existe em *Arrakis* é outro: o *Mélange*; assim, Herbert constrói o *Mélange* e sua exploração de forma equivalente ao petróleo. Apesar de possuírem finalidades diferentes, tanto o *Mélange* quanto o petróleo possuem algumas características parecidas: possuem reservas de certa forma finitas, são extraídos do seu planeta de origem e seu preço é inestimável. E assim como o *Mélange* permite a viagem interplanetária, funcionando como uma espécie de combustível para locomoção, o petróleo também é utilizado em larga escala para a nossa locomoção e é igualmente extraído de forma extensiva e destruidora, não importando as consequências (BRANDÃO, 2016), assim como a extração do *Mélange* em Duna.

A especiaria em Duna (*Mélange*), se torna uma representação da ideologia capitalista de uma substância fantasiosa que substituiria o próprio dinheiro, e como podemos observar durante toda a narrativa do livro fica evidente que aqueles que controlam o fluxo de especiaria, controlam o universo. Assim, Duna coloca a busca feudal por produtos de luxo dentro da cultura capitalista e suas preocupações como navegação e tecnologia, enfatizando a desconstrução da oposição entre a fase medieval e fases modernas da civilização (MORTON, 2009).

Para escrever Duna, Herbert estudou contextos como a extração de petróleo na plataforma continental, agricultura Mexicana e a história ambiental da reserva indígena *Quileute*⁸². Assim, a obra de Herbert nutre profundas relações com o imperialismo, e percebe-se que para o autor o império não era uma abstração, mas sim investimentos em torno dos quais vidas foram vividas e carreiras realizadas.

Durante o século XX os Estados Unidos da América (EUA) estavam totalmente envolvidos em projetos de colonialismo, mantendo territórios ultramarinos e intervindo

⁸¹ A “especiaria das especiarias”, o produto que tem em *Arrakis* sua única fonte. A especiaria, célebre principalmente por suas características geriátricas, causa dependência moderada quando ingerida em pequenas quantidades, e dependência grave quando sorvida em grandes quantidades diárias. Sua ingestão fornece capacidades proféticas e permite o transporte intergaláctico.

⁸² O historiador Daniel Immerwahr em seu artigo “The Quileute Dune: Frank Herbert, Indigeneity, and Empire.” publicado na revista *Journal of American Studies* em 2021, descreve paralelos entre as obras de Herbert e a sua vida pessoal de relações com dois amigos de descendência Quileute. Para o historiador, Duna é muito mais sobre as angústias e problemáticas Quileutes do que qualquer outra coisa.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

em outros países pelos mais diversos meios. Duna se torna então um exemplo poderoso da presença insistente do império na cultura e na política dos EUA. Se considerarmos que o movimento da contracultura surge como um movimento que deseja romper com o maniqueísmo instaurado na Guerra Fria, podemos entender o motivo de Duna ter sido tão bem acolhida pela juventude do movimento, uma vez que não há uma definição das ideologias políticas de Herbert como x ou y, elas são permeadas por vivências pessoais do autor e que se alteram através das suas relações interpessoais. Em Duna, existem críticas ao poder destrutivo do imperialismo e do capitalismo, mas há também o desejo de perpetuar o imperialismo, de consumir ou de alterar um planeta.

2. Frank Herbert e o Imperialismo

À primeira vista, Duna parece um livro com teor majoritariamente ambientalista, porém, olhando novamente vemos também uma escrita sobre império. Principalmente quando levamos em conta que o autor trabalhou na política com homens que supervisionavam os territórios externos dos EUA (BLACK, 2018). A ecologia é um tema importante para Duna, mas o livro também ilumina questões como guerras, colonização e choque entre culturas. Isso não é uma novidade quando consideramos que a FC é um gênero que está enraizada na história do imperialismo (CSICSERY-RONAY, 2003), e assim, estudiosos têm pensado Duna como uma reflexão de um império que está no apogeu da descolonização (IMMERWAHR, 2021).

O historiador Daniel Immerwahr (2021) acredita que o império não apenas é um tema textual presente em Duna, mas também um contexto aprofundado. Uma vez que, Frank Herbert antes de se tornar romancista em tempo integral, trabalhava como assessor político. Ao mesmo tempo, morava em um local (Noroeste Pacífico) que permitia o contato com interlocutores indígenas, principalmente a comunidade *Quileute*; onde o legado do colonialismo ainda é muito vivido. Porém, mesmo tendo uma forte relação com descendentes quileutes, Herbert também cresceu lendo histórias como *Coração das Trevas* de Joseph Conrad alimentando um fascínio e ansiando por aventuras em lugares “remotos” da terra (HERBERT, p 52, 2003).

A partir desse fascínio, Herbert procurava por suas aventuras indo frequentemente caçar e acampar no estado de Washington. Durante uma pescaria em 1930, em uma ilha, Herbert conheceu um homem pertencente à tribo Hoh⁸³, chamado de “índio Henry”. Segundo seu filho (Brian Herbert), Frank foi “semi-adoptado” por Henry, que o ensinava muitas coisas da cultura Hoh, desde identificação de plantas úteis a encontrar comida (HERBERT, p 31-32, 2003). Embora a história sobre Henry -que Frank contou ao seu filho Brian-, pareça uma fantasia que se encaixa com os escritos mais jovens do autor, existe, segundo o historiador Immerwahr (2021), uma lacuna dentro da história de vida de um indígena Hoh chamado Henry Martin que pode ser preenchida com a história contada por Frank Herbert. Immerwahr descreve que Henry Martin era um indígena Hoh, pescador que nasceu por volta de 1890; os Hoh habitavam a reserva de *La Push*⁸⁴, porém,

⁸³Uma casa menor pertencente aos Quileutes.

⁸⁴ Localiza-se a cerca de 14km da cidade Forks no estado de Washington.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

devido as diversas pressões como a queima intencional da reserva Quileute, abuso de poder policial e fluxo de álcool para a reserva, fez com que os Quileutes saíssem de La Push e se espalhassem. Após esses acontecimentos, Henry Martin (aos 40 anos) provavelmente se mudou para a Ilha Fox onde conheceu Frank Herbert (ainda adolescente) (IMMERWAHR, p. 5-7, 2021).

Notamos a importância desse encontro para Herbert ao encontrarmos ressonâncias dessa relação em seus livros, quando o protagonista Paul Atreides (um menino branco) cria uma forte relação com um nativo do planeta *Arrakis*, Stilgar. Podemos notar na construção de relacionamento dos dois personagens, quase uma relação de parentesco, como se Stilgar adotasse Paul; assim como Herbert foi adotado por Henry. Provavelmente por ecos dessa relação com Henry, Frank Herbert desenvolveu pensamentos mais críticos com relação ao colonialismo, escrevendo em seus textos jornalísticos críticas ao tratamento opressivo que povos indígenas norte-americanos recebiam. Não era comum em 1951 que essas críticas fossem realizadas por jornalistas brancos, Immerwahr transcreve um trecho da matéria publicada no Santa Rosa Press Democrat em 27 de março de 1951, intitulada “*Frank Herbert Contemplates a Motion Picture and the Matter of Genocide*”:

Como jornalista no Santa Rosa, Herbert utilizou a crítica de um filme de faroeste de Jimmy Stewart para indiciar o governo de ter “violado os direitos humanos da Convenção do Genocídio por atos contra mais de 11 nações indígenas”, ele escreveu “Nós utilizamos uísque, promessas quebradas, distinção de classe, mentiras, subterfúgios, indução, meias verdades, e mais uísque”. Herbert notou que “brancos avarentos e sem consciência, incluindo o exército e o Serviço Indígena” haviam queimado lares indígenas e matado suas crianças (IMMERWAHR, p 7, 2021).

Frank Herbert parece moldar suas opiniões de acordo com as relações interpessoais que adquire ao longo da vida, construindo uma disparidade no seu posicionamento político, que ao mesmo tempo escreve artigos jornalísticos que criticam ações colonialistas, mas também escreve discursos políticos para Guy Cordon afirmando que “nosso novo império é a crosta continental” (O'REILLY, 1981). Herbert pesquisou a crosta continental de forma extensa para Cordon, o petróleo, o gás natural e minerais raros estavam na mira dessas novas explorações, e Herbert escreve ainda que seria melhor os peixes se mudarem, pois, a humanidade estava tomando posse desses recursos: “nós temos um império para construir” (IMMERWAHR, p. 8, 2021).

Herbert também trabalhou para uma empresa madeireira em Tacoma e para um senador que era a favor da extração de madeira; nesse período da sua vida, sua visão ambientalista era indiferente ou muito pequena (HERBERT, 2003). Isso muda ao desenvolver uma amizade com Howard Hansen, criado na reserva indígena La Push por várias famílias *Quileutes*. Hansen notou que a extensiva extração de madeira na região de La Push e Forks estava transformando a reserva, de um dos locais mais úmidos dos EUA, para uma terra seca e árida; na visão dele: um massacre.

A perda da terra ancestral poderia resultar na perda do estilo de vida *Quileute*, e todas essas questões, Hansen escreveu em seu livro *Twilight on the Thunderbird* que começou a escrever em 1958, mas publicou apenas em 2013 (HANSEN, 2013). Durante



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

a amizade de Howard Hansen com Frank Herbert, os dois trocavam muitas informações e ideias, Howard também emprestou para Frank um livro sobre ecologia que falava abertamente sobre a dizimação do planeta. Para Hansen os “homens brancos estão comendo a terra” e que iriam transformar o planeta inteiro em um terreno baldio, Herbert já em processo de criação de seu romance concordava com o amigo dizendo que o mundo se transformaria em uma grande duna (HERBERT, p.147, 2003). Assim, segundo o filho de Frank, Brian, o ambientalismo de Duna é baseado em partes nas discussões de Frank com seu “melhor amigo” Howard Hansen.

Ao longo do livro Duna, Herbert constrói uma relação entre o protagonista branco (*Atreides*) e os nativos do deserto (*Fremen*), sendo a vitória de Paul Atreides contra o Império apenas possível devido a essa relação. Podemos traçar esse paralelo entre a relação fictícia *Atreides-Fremen* com a relação verdadeira de Herbert com dois habitantes quileutes: Henry Martin e Howard Hansen. Vemos que os *Fremen* ecoam muito dos costumes nativos dos EUA, especialmente dos *Quileutes*: no livro, fazem pouco uso das tecnologias imperiais, vivem no deserto como pessoas reclusas perseguidas pelo governo vigente, no deserto praticam seus ritos religiosos.

Os eventos contraditórios da vida de Herbert ajudaram a moldar sua saga; em 1956, Frank estava envolvido diretamente nos projetos imperiais dos EUA, mas, sua infância mostrava uma grande conexão com Henry Martin e sua amizade adulta com Howard Hansen permitiram que Frank enxergasse um pouco da capacidade destrutiva desse mesmo império que ele apoiou. Teve anseios de ser um agente modernizador em locais como o México, mas percebeu o que a perda das tradições estava acarretando para a comunidade Quileute. Frank escreveu discursos apoiando a extração de recursos (madeira e petróleo), mas seu amigo Hansen mostrou como isso pode ser danoso (IMMERWAHR, p 20, 2021).

3. Frank Herbert e o movimento ambientalista: perspectivas futuras.

Eu acho que ficção científica ajuda, e aponta em direções muito interessantes. Ela aponta para direções relativas. Dizem que temos imaginação para essas outras oportunidades, essas outras escolhas. Nós tendemos a nos prender às escolhas limitadas. Nós dizemos “Bem, a única resposta é...” ou “Se você apenas...” qualquer coisa que se siga a essas duas afirmações elimina as alternativas aí mesmo. Coloca a visão tão próxima ao chão que você não consegue ver nada mais do que ocorre a sua volta. Humanos tendem a não olhar à longa distância. Agora, somos requisitados, nessas gerações, a ter uma visão mais ampla sobre o que infligimos ao mundo a nossa volta. Aqui é, eu acho, onde a ficção científica está ajudando. Eu não acho que apenas escrevendo um livro como *Incrível Mundo Novo* ou *1984* evita as coisas ali retratadas de acontecerem. Mas eu acho que elas nos alertam e tornam a possibilidade menos provável. Ela nos torna conscientes de que podemos estar indo nessa direção. (HERBERT, Entrevista para Revista Vertex, 1973).

Duna é considerada a primeira obra de FC que aborda e se aprofunda em ecologia e temas ambientais de forma geral, e Herbert é colocado em uma posição de difusor de ideias científicas e ambientalistas. Como o próprio autor comenta, as “coisas” escritas em



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

seu livro alertam para direções sobre as quais a sociedade pode estar caminhando, e para ele, as questões ambientais precisavam receber maior atenção; acredito e vejo a necessidade de entender de qual lugar social surgem essas ideias ambientais de Frank Herbert. Olhando para a produção de Frank Herbert dessa forma, percebo que falar sobre esse autor é falar sobre História Intelectual. Para a História Intelectual, as estruturas do pensamento e dos significados simbólicos fazem parte daquilo que conhecemos como história, analisando essas estruturas e esses significados em textos de sociedades anteriores encontramos essas mesmas estruturas nos textos do presente de forma semelhante (KRAMER, p.133, 1992).

Assim, a história intelectual visa interpretar os processos, os agentes, as práticas e os produtos que se encaixam como intelectuais, os quais estão presentes em todos os processos históricos. Os atores sociais discutem, argumentam e projetam o futuro, demonstrando a importância de estudarmos esses intelectuais dentro das sociedades; uma vez que eles acabam detendo grande poder ideológico. Para a História Intelectual, o intelectual é o sujeito que elabora e transmite conhecimento, teoriza, projeta soluções para problemas da sociedade, opina sobre assuntos diversos e constrói concepções sobre o mundo.

Dessa forma, o intelectual que produz no meio cultural —como um escritor —, atuará no processo de construção de conhecimento na sociedade em que vive, intervindo nos assuntos públicos (WASSERMAN, 2015). Frank Herbert foi um intelectual que deixou sua marca em diversos assuntos públicos, provavelmente o mais marcante seja no ambientalismo, alçado a essa posição pelo público leitor e crítico. Assim, para contextualizar e localizar Frank Herbert como um agente produtor de sensibilidades acerca do tema, volto meu olhar para a História Ambiental; campo da história que se firma como tal na década de 70. As discussões sobre o campo começam interligadas às metamorfoses que ocorrem na sociedade norte-americana entre a década de 60 e 70, quando crescem exponencialmente os movimentos sociais como o ambientalismo (PÁDUA, 2010).

Através da História Ambiental, podemos perceber as relações do ser humano com a natureza e como essas relações se modificam ao longo do tempo, em um esforço para analisar de forma interativa três dimensões que se misturam na experiência das sociedades: (1) a natureza, seja orgânica ou não e sua relação com os ecossistemas; (2) a constituição socioeconômica das sociedades; (3) as dimensões cognitivas, culturais e mentais dos seres humanos (WORSTER, 1991). Herbert explora esses três níveis durante a construção da saga Duna, mostrando como seus personagens se relacionam com o meio ambiente e como incorporam a mesma nos seus rituais sagrados e políticos; através das suas entrevistas e livros, espero futuramente situar o autor na discussão do ambientalismo.

O movimento ambientalista surge na década de 60, quando a sociedade constata a degradação dos recursos naturais e o rápido crescimento do industrialismo. Com o reforço desse movimento, os sociólogos percebem que a questão ambiental não era apenas um movimento de modismo, nem uma dramatização. Analisando que Duna é escrito no mesmo período de surgimento do movimento ambientalista, coloco algumas perguntas para o meu projeto de trabalho de conclusão de curso (em andamento): Como se constrói o ambientalismo de Frank Herbert? As discussões levantadas pelo autor também ressoam



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

em outras discussões que eram contemporâneas a ele? Herbert investe em sua imagem como ambientalista ou é alçado a essa posição por outros?

Compreender a alusão aos sentidos ambientalistas de Frank Herbert é entender também sobre um conjunto de transformações das sensibilidades contemporâneas sobre o mundo, sobre as transformações do meio ambiente e de como nós enxergamos esse meio. Minha discussão sobre o ambientalismo de Frank Herbert acompanha também o esforço de entender como as sociedades contemporâneas foram se ressignificando e se redescobrando, e de que forma essas pessoas se sensibilizam quanto aos desafios da continuidade da vida humana e não humana. Assim, meu projeto de TCC abordará não apenas a obra de Herbert, mas também sobre a sociedade na qual ele estava inserido, e as leituras de mundo que foram utilizadas para produção dessas sensibilidades; sejam essas leituras provenientes dos intelectuais que faziam parte do círculo de relações pessoais do autor, dos povos norte-americanos originários dos quais Herbert retira muitas de suas visões, ou ainda dos laços afetivos com seu filho Brian Herbert.

4. Conclusões

Ao dedicar seu primeiro livro “às pessoas cuja labuta ultrapassa as ideias e invade o domínio do “real”: aos ecólogos das terras áridas [...]”, assim como todas as discussões apresentadas, Frank Herbert, parece não enxergar uma fuga do império ou do capitalismo. Talvez ele nem deseje uma fuga do imperialismo, pois foi nesse sistema no qual dedicou boa parte de seu trabalho e vida. Pensando na saga Duna, parece impossível desvincular a ideia de guerra pelo poder ecológico das ideias e ações imperialistas, ou vice e versa. Assim, Duna, como outras obras de Ficção Científica e Fantasia que se dedicam à criação de mundos (*worldbuilding*), analisam as pessoas, como elas se relacionam com o ambiente construído, como a economia e a ecologia respondem a essas ações, como um governo se constrói e como o poder pode impactar na vida dessas pessoas. Constrói-se um mundo a partir de um real vivido, e assim, esse mundo fictício e especulativo pode parecer mais real do que o real. Através desse mundo fictício que o autor pode desenvolver suas ideias sobre a sociedade na qual está inserido, e estudar essas relações fictícias pode nos revelar tudo aquilo que não se quer dizer em voz alta.

Referências

BBC. *Explore the List of 100 Novels that Shaped Our World*. BBC Arts: 5 Nov, 2019.

BLACK, Megan. *The Global Interior: Mineral Frontiers and American Power*. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

BRANDÃO, Lázaro Augusto Guimarães Andrade. *Poder e Petróleo: Estratégia na Era Reagan sob o prisma da longa duração*. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) - Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 223p, 2016.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CSICSERY-RODAY, Istvan Jr. Science Fiction and Empire. *Science Fiction Studies*: v. 30, n. 2, p 231-245, 2003.

HANSEN, Howard. *Twilight on the Thunderbird: A Memoir of Quileute Indian Life*, Third Place Press: 288p, 2013.

HERBERT, Brian. *Dreamer of Dune: The Biography of Frank Herbert*. 1 ed. Tor Books, 2003.

HERBERT, Frank. *Duna*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2017.

HERBERT, Frank. *Dune Genesis*. Omni Magazine, 1980.

HERBERT, Frank. *Filhos de Duna*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2017.

HERBERT, Frank. *Messias de Duna*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2017.

HERBERT, Frank. *Vertex The Magazine of Science Fiction Interviews Frank Herbert*. Entrevista concedida a Paul Turner. Vertex, Estados Unidos, v 1, n 4, out. 1973.

HUGO AWARDS, disponível em <www.thehugoawards.org/>. Acessado em 05 de Junho de 2020.

IMMERWAHR, Daniel. Heresies of Dune. *Los Angeles Review of Books*: Los Angeles, 19 Nov, 2020.

IMMERWAHR, Daniel. The Quileute Dune: Frank Herbert, Indigeneity, and Empire. *Journal of American Studies*: p 1-26, 2021.

KRAMER, Lloyd. *Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra*. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*, São Paulo: Martins Fontes, p.131-173, 1992.

KRONA, Rochelle. *World War II and Japanese Internment in the Seattle Star*. Seattle Civil Rights & Labor History Project, University of Washington, 2008.

LEGOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. Lisboa: Enciclopédia Einaudi, 1984.

MCKAY, Floyd. Oregon Statesman. Disponível em: <https://www.oregonencyclopedia.org/articles/oregon_statesman/#.YzOjrXbMJEY>. Acesso em: 27 de Setembro de 2022

MORTON, Timothy. *Imperial Measures: Dune, Ecology and Romantic Consumerism*. Romanticism on the Net, 2009.

MORTON, Timothy. *The Poetic of Spice: Romantic Consumerism and the Exotic*. New York: Cambridge University Press, 300p, 2006.

O'REILLY, Tim. *The Maker of Dune: Insights of a Master of Science Fiction*. Frederick Ungar Publishing Co., 1981.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022



PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*: v. 24, n. 68, p.81-101, 2010.

ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da Ficção Científica*: Do preconceito à conquista das massas. 1 ed. São Paulo: Seoman, 2018.

RÜSEN, Jörn. *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

SFWA, *Nebula Awards*; disponível em <www.sfwawards.org/awards/>. Acessado em 05 de Junho de 2020.

WASSERMAN, Claudia. História Intelectual: Origem e Abordagens. *Tempos Históricos*: v. 19, p.63-79, 2015.

WIRED. *Dune is One of the Most Influential Sci-Fi Books Ever*, Wired: 6 Jun, 2020.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*: v.4, n.8, p.198-215, 1991.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

ALMOÇOS E TROPEÇOS: UMA ANÁLISE METODOLÓGICA DA CONSTRUÇÃO DE ENTREVISTAS EM HISTÓRIA ORAL.

ALMEIDA, Kamile Aparecida Lemes de Lima de¹

¹Bacharela em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Licenciada em História pela Universidade Cruzeiro do Sul. Pós-Graduada em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade São Luís. Mestre em História, Cultura e Identidade pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Historiadora no Memorial do Basquetebol de Ponta Grossa. E-mail: kamile.a.l.l.almeida@gmail.com

A discussão abordada nesta síntese é uma análise metodológica da construção das entrevistas em história oral, que foram as fontes utilizadas na dissertação de Mestrado em História, Cultura e Identidades, intitulado: “Parecia que não tinha dia, todo dia era noite”. Narrativas de egressos do sistema penitenciário de Ponta Grossa (2007-2019), com orientação do Professor Dr^o Robson Laverdi. A história oral como metodologia de pesquisa proporcionou a fala, escuta, gravação e transcrição das lembranças da experiência de privação da liberdade. Permitindo realizar conexões com as categorias teóricas de análise como memória de Bezerra de Menezes, e identidade a partir de Michael Pollak. A história oral proporcionou a compreensão das dificuldades de esquecer as memórias do período de reclusão; e o sonho de utilizar a própria história de vida para inspirar outros que venham a passar pela mesma situação.

Palavras Chaves: *História Oral; Egressos (as); Prisão; Memória.*

1. Os primeiros contatos com os entrevistados.

Possuindo como objetivo problematizar a narrativa de pessoas que ficaram em reclusão pelo conflito com a lei, em uma cidade que foi construída uma imagem de pacata, organizada e ordeira. Buscou-se apresentar uma contranarrativa de experiências de conflito com a lei, violência, apartações sociais, preconceitos e estigmas do passado e do presente que constituem os sujeitos.

A pesquisa foi pensada a partir das vivências da pesquisadora que sempre morou em uma região mais afastada do centro da cidade, popularmente reconhecida como periferia. No seu cotidiano conheceu pessoas que passaram pelas instituições penais da cidade. E também, a análise dessas tensões e conflitos, começaram a ser pensados no trabalho de conclusão de curso sobre a trajetória do Programa Patronato Penitenciário de Ponta Grossa (PAT-UEPG), que realiza assistência sociojurídica com assistidos do regime aberto, ou cumprimento de penas alternativas.

Sempre tive o sonho de estudar na UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), desde criança quando recebia atendimento odontológico, questionei a minha mãe porque aqueles adultos ainda estudavam e chamavam um outro adulto de professor. Minha mãe me explicou que aquele lugar era uma universidade. Questionei se um dia estudaria ali. No contexto social dos anos de 1990 minha mãe falou que era um lugar apenas para filhos de gente rica.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Como todos os pesquisadores e estatísticas já demonstraram que os anos 2000 foram um momento de virada na sociedade brasileira, surgiram e muitas foram reformuladas as tão importantes políticas de inclusão social. Aquele sonho de estudar na UEPG foi se tornando cada vez mais próximo, comecei a ver (ainda que pouquíssimas) pessoas moradoras do meu bairro, e até mesmo meu primo por parte materna a passar no vestibular.

Quando chegou o meu momento de prestar vestibular, mas uma vez as políticas públicas se fizeram necessária em minha vida, e mostrou a sua importância. Precisei solicitar a taxa de isenção, não possuía condições de pagar o valor naquele momento.

Sempre brinco que não fui eu que escolhi o curso de história, foi a história que me escolheu. É uma decisão muito difícil escolher uma profissão recém-formada no ensino médio, com toda a pressão social que existe. Simplesmente, realizei um sorteio.

No primeiro ano de curso, a minha intenção era somente me formar e prestar algum concurso público, a intenção era ter uma melhor condição financeira. Durante a graduação compreendi que as conquistas somente são possíveis a partir das lutas coletivas. Demorei um pouco para conseguir encontrar uma linha de pesquisa que me identificasse, e principalmente a metodologia que me encantasse e me desafiasse a ser uma pesquisadora.

Durante a graduação, como já citei anteriormente, conheci o professor Robson e a história oral. Como sempre gostei muito de ter contato com pessoas, de ouvir e falar. Conte para meu eterno orientador, que a minha grande inquietação era pesquisar a história cultural da criminalidade e do conflito com a lei. Como moradora da periferia, como uma egressa de escola pública, que ouviu muito rap nacional durante sua adolescência, que discutia muito temas sobre desigualdade social, violência e prisão.

Diante de um tema de pesquisa desafiador trilhamos juntos a construção do trabalho de conclusão de curso sobre o PAT-UEPG e a trajetória de egressos e egressas da prisão em Ponta Grossa.

O trajeto metodológico de construção das fontes orais para a dissertação, foi construído junto ao anseio de que essas narrativas fossem conhecidas em espaços que muitas vezes o acesso desses sujeitos é dificultado ou negado. Foi realizado primeiramente o levantamento de um possível número de entrevistados, que seria um total de vinte homens, pois até aquele momento não tinha sido encontrada nenhuma mulher que desejasse participar das entrevistas. Sempre foi pensado que esses números fossem corporificados em experiências vividas e narradas.

Assim, compreende-se que “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”. (PORTELLI, 2012, p. 31). Nas narrativas gravadas é perceptível a construção das lembranças passadas a partir de seus significados e motivações do presente, na construção de uma memória coletiva.

No percurso, foi necessário utilizar a sub-metodologia de bola de neve de indicações, pois, dos possíveis vinte homens que seriam entrevistados, apenas quatro conseguiram de fato participar. A amostragem em “bola de neve pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados” (VINUTO, 2016, p. 201).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Nesse viés de dificuldade para a gravação das entrevistas, conseguimos indicações de que três mulheres poderiam aceitar participar.

De modo a cumprir com o objetivo de pesquisa, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCL). O próximo passo a seguir seria a aproximação com os possíveis entrevistados, apresentá-los o projeto de pesquisa, fazer-lhes compreender a nossa ética de preservação de suas identidades e conquistar a sua confiança para que pudessem compartilhar as suas memórias de uma experiência traumática.

O ponto mais complexo do trabalho de campo foi estabelecer a relação de confiabilidade entre pesquisador e entrevistados, era uma relação profissional e ética de construção de saberes para uma instituição. Mas, ao mesmo tempo, era necessário lidar com os traumas, medos e desconfiança que os mesmos possuíam. A violência, as represálias poderiam ser sofridas tanto pelos entrevistados como pelos pesquisadores. Foi necessário mapear todos os possíveis riscos que poderiam ocorrer durante a pesquisa. Assim, foi realizado um perfil de quem poderia ser entrevistado, maior de 18 anos e que não fosse membro batizado de nenhuma organização criminosa. Foi necessário verificar quais lugares poderiam ser usados para a realização das entrevistas, e quais territórios poderiam ou não ser entrados.

Foi necessário respeitar o tempo de cada um, o desejo de falar, ou de se calar, o silêncio, o corpo e o gestual também expressão muito. Na transcrição das entrevistas é crucial que a audição esteja afinada, para compreender o significado de cada suspiro, pausa ou risos.

Existia um medo mútuo entre entrevistados e pesquisadores, foi muito nítida a desconfiança de cada um, no início das conversas. Sempre me questionavam se eu era da polícia, ou se pretendia me tornar policial futuramente. É importante salientar que em 2019 a cidade de Ponta Grossa não estava vivenciando uma disputa entre as organizações criminosas, hoje em 2022 seria um fator externo que prejudicaria ainda mais a realização das entrevistas.

2. Luz, gravador e ação!

Após a realização de todo o mapeamento das pessoas indicadas para as entrevistas, por intermédio de amigos em comum, de conhecer ainda que de vista alguns, ou por participantes do Programa Patronato Penitenciário, foi iniciada a aproximação.

Todos os nomes mencionados ou citados na dissertação foram nomes fictícios, escolhidos pelos entrevistados. Após muitos diálogos estabelecidos (tanto no espaço virtual, quanto no espaço pessoal) aguardou-se cuidadosamente para que as gravações das entrevistas fossem realizadas quando eles se sentissem confortáveis para se reportarem à memória da experiência de prisão.

O tempo de conversa para agendamento das gravações variou muito de entrevistado para entrevistado, assim como o tempo da entrevista em si. O questionário semiestruturado foi iniciado com perguntas sobre a história de vida antes do período de reclusão, que foram utilizadas para compreender a história de vida como substância da experiência, e poder entrar no assunto das lembranças da prisão e do retorno à liberdade.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Todavia, o objetivo principal sempre foi que pudessem narrar de acordo com suas memórias, para não precisarmos realizar grandes interferências de questionamentos, os quais poderiam despertar sensibilidades e sofrimento momentâneo e, até mesmo posterior à gravação da entrevista.

Dos vinte nomes masculino que foram mencionados anteriormente que se encaixavam no perfil de pesquisa, não foi possível estabelecer contato com seis deles, e quatro possíveis colaboradores não quiseram participar da pesquisa. Dois retornaram à prisão, quatro foram a óbito: dois foram assassinados, um deles foi espancado, ficou 32 dias em estado vegetativo e veio a óbito, por uma dívida de droga no valor de R\$30,00, no dia em que ele foi espancado tinha o visto a 6h00 antes do ocorrido. Um morreu em um acidente de motocicleta e outro teve problemas de saúde. Participei de todos os velórios, naquele contexto era impossível não prestar solidariedade à família, era impossível não se abalar com o que estava acontecendo. Diante do sentimento de luto e impotência, acreditei que a dissertação pode ser uma ferramenta para que outras vidas não tenham a mesma trajetória que a deles.

Um das grandes preocupações era para que a dissertação transmitisse ao leitor cheiro, sabores, cores e sentimento, que a imaginação fosse criando e interpretando as imagens por cada leitor. O desejo sempre foi construir uma história humanizada, daqueles que passaram por uma instituição que possui a finalidade de codificar, controlar e desumanizar.

O primeiro contato estabelecido com um entrevistado foi com Antônio, 34 anos, através de conversas via redes sociais, que foi possível, inicialmente, a partir de conhecidos em comum. Nas primeiras conversas, Antônio contou que estava no regime semiaberto e realizava visitas à sua família de três em três meses. Eram nessas visitas que utilizava seu perfil nas redes sociais para se comunicar. Foram apresentados sucintamente os objetivos do trabalho.

No dia da gravação da entrevista buscamos (pesquisadora e sua mãe que acompanhou em todos os locais que seriam gravadas as entrevistas, mas não participou da escuta) na frente da Penitenciária Estadual de Ponta Grossa, ele estava saindo da portaria. Aquela manhã foi uma das mais longas que já vivi, não consigo esquecer do vento frio que estava. Também, não esquecerei da receptividade dos familiares dos outros internos, que conversaram muito conosco e até ajudaram minha mãe a se levantar quando caiu na frente da penitenciária. Naquele contexto, aparentemente foi possível observar que existe solidariedade entre as famílias de internos.

Quando Antônio saiu da penitenciária, de cabeça baixa, a timidez estava presente por parte de ambos os lados. Fomos conversando até a residência de sua avó, que estava nos esperando com o almoço feito no fogão à lenha. Na chegada, provavelmente por estar tomada de vergonha, acabei tropeçando na calçada da casa da sua avó. Após o almoço fomos para a sala para gravar a entrevista. Antônio iniciou contando que viveu sua primeira experiência de prisão aos 23 anos e a segunda com 31 anos. Seu tempo de reclusão na primeira vez foi de 3 anos e 1 mês e a segunda de 4 anos. Sua escolaridade é ensino fundamental anos iniciais, seu estado civil atual é casado e possui um filho. Já morou nas cidades de Imbituva, Ponta Grossa (em sua infância e, no período da sua segunda reclusão) e Teixeira Soares. As instituições penais pelas quais passou foram: a



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Cadeia Pública de Teixeira Soares, Cadeia Pública Hildebrando de Souza em Ponta Grossa e a Penitenciária Estadual de Ponta Grossa [regime fechado e semiaberto]. As duas vezes que foi preso, foi por homicídio, o primeiro em uma festa e o segundo em seu local de trabalho.

O segundo contato foi com o entrevistado Carlos, a partir de amigos em comum no âmbito virtual. Com 26 anos, Carlos se demonstrou um pouco tímido nas primeiras conversas, mas aos poucos as curtas conversas foram se tornando mais longas. Na pesquisa de campo, seus familiares demonstraram certo espanto por Carlos ter aceitado participar da pesquisa, pois relataram que ele nunca havia falado sobre sua experiência de prisão. A entrevista foi marcada para um domingo após o almoço, gravada na casa de sua tia. No dia, todos foram receptivos, e já nos primeiros momentos de conversa foi perguntado ao Carlos qual seria o ambiente mais propício para gravar a entrevista, então fomos até seu quarto e a pesquisadora se sentou ao lado do entrevistado. Carlos é técnico em Enfermagem, o tempo em que ficou recluso foi de 10 meses, sua escolaridade é Ensino Médio completo com curso técnico e, no momento da entrevista estava começando a cursar ensino superior. Seu estado civil é casado e não possui filhos. Sempre morou em Ponta Grossa e ficou recluso na Cadeia Pública Hildebrando de Souza. Foi preso por tráfico de entorpecentes.

O terceiro contato foi com o entrevistado Ney, que foi possível através de um amigo em comum que auxiliou nas indicações. Em um domingo de 2019, foi marcado um almoço na casa desse amigo para gravar a entrevista. Ficou marcada a lembrança o cheiro do churrasco e o gosto, também teve muita música e outros amigos deles acabaram chegando após o almoço. Antes do almoço, foi gravada a entrevista no quarto de nosso amigo em comum. Ney que é uma pessoa animada e que gosta muito de conversar, no momento que foi explicado sobre a pesquisa, aceitou participar. Ney tem 32 anos, sua profissão é de serviços gerais, ficou recluso por 8 meses, sua escolaridade é Ensino Fundamental completo, seu estado civil é solteiro e tem um filho. Sempre morou em Ponta Grossa e ficou recluso na Cadeia Pública Hildebrando de Souza. O mesmo relatou que foi preso por um assalto que seus amigos realizaram, no período ele era o único maior de idade e acabou ficando recluso. Sua então companheira estava grávida, de seu primeiro e único filho (até o momento). O mesmo só chegou a conhecer o bebê na sua primeira audiência no fórum, vendo ele pelo “cantinho” da cela. Ney descreveu que foi “uma sensação da hora” declarando que foi um momento de muita alegria, mesmo diante da decepção de não ser inocentado naquele momento Ney precisou cumprir o tempo de reclusão estipulado pelo juiz.

O próximo contato foi com o entrevistado Rodrigo, que se estabeleceu a partir de sua esposa. Rodrigo é extremamente tímido, uma pessoa que gosta de ouvir mais e falar menos (assim ele declarou). A entrevista de Rodrigo foi gravada em uma tarde de domingo chuvoso, aqueles dias que a maioria das pessoas não gostam de sair de casa. Compreendo que foi um momento muito oportuno, pois a casa de Rodrigo sempre possui muitas visitas, e naquele dia estava apenas ele, sua esposa e seus filhos. Ficamos conversando na cozinha de sua casa, sua esposa, minha mãe e seus filhos foram para a sala ver televisão e conversarem. Rodrigo me explicou que nunca havia falado para ninguém sobre o que passou na prisão e que talvez não conseguisse chegar até o final da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

gravação, devido às lembranças serem muito sensíveis. Foi necessário criar um ambiente para que o mesmo se sentisse tranquilo e conseguisse narrar sua trajetória. Ele me pediu para ir escrevendo no caderno de campo tudo que ele estava falando junto com a gravação.

Rodrigo é muito observador, o mesmo queria ter certeza de que não seria acrescentada nenhuma vírgula na transcrição de sua narrativa. Rodrigo tem 31 anos e sua profissão é pintor. Tem Ensino Fundamental completo, seu estado civil é união estável e possui dois filhos. Nasceu na cidade de Imbituva, em sua infância foi com sua família para Ponta Grossa. Ficou recluso por 1 ano e 28 dias, passou pela Cadeia Pública Hildebrando de Souza e pela Penitenciária Estadual também em Ponta Grossa. Foi preso por tráfico de entorpecentes. Ao final da entrevista relatou que se sentiu bem ao contar a sua história, e resignificou suas lembranças traumáticas, como também uma história de superação. Para o mesmo, não ter voltado a ser preso depois de dez anos que já está na rua, possui o significado de que ele rompeu completamente com as práticas de criminalidade e conseguiu ir contra as estatísticas do grande número de reincidentes na prisão. Rodrigo foi o único que informou com certeza a quantidade de dias que teve a sua liberdade restrita, na sua interpretação foi a pior experiência já vivida.

Por incrível que pareça, após serem gravadas todas as entrevistas masculinas, e não conseguirmos ninguém mais com interesse em participar da pesquisa. Aconteceu algo que sempre foi desejado, mas no primeiro momento parecia impossível. Conseguimos o contato com a primeira mulher que aceitou se narrar como egressa do sistema prisional. A mesma escolheu o pseudônimo de uma atriz, pois contou que se sentiu uma “estrela importante” em poder contar sua história de vida. As nossas conversas foram intermediadas por uma amiga em comum que conhecia a trajetória de Elisabete Taylor através da irmã da entrevistada. As primeiras conversas com Elisabete Taylor foram por ligação e sempre longas. Em pouco tempo conseguimos estabelecer uma relação de confiabilidade. A mesma marcou um almoço na casa de sua irmã em um domingo de 2019 (na sua casa a mesma falou que o acesso era mais difícil, e por ela ter ficado presa as pessoas ficavam vigiando ela, e até mesmo as pessoas que tem atualmente um envolvimento com o tráfico de entorpecentes poderia questioná-la para saber o que estávamos fazendo lá). Para evitar transtornos para a nossa entrevistada e para nós, concordamos em realizar a entrevista na casa de sua irmã que estava tão empolgada como Elisabete Taylor para nos receber em sua casa. Elas realizaram um almoço especial de domingo, reuniram toda a família envolta da mesa, foi um momento regado de conversa.

Elisabete Taylor tem 31 anos e já trabalhou como diarista, auxiliar de serviços gerais em madeireira, empresa de ônibus, pizzaria e restaurante. Sua escolaridade é Ensino Fundamental completo, seu estado civil é solteira e possui quatro filhos: dois meninos e duas meninas. O tempo que ficou em reclusão foi de 3 anos e 2 meses. Sempre morou em Ponta Grossa e ficou reclusa na Cadeia Pública Hildebrando de Souza, no Complexo Médico Penal em Pinhais e na Penitenciária Feminina em Piraquara (regime fechado e semiaberto). Foi presa por tráfico internacional de entorpecentes, estava gestante no período, passou pela experiência de ser mãe no cárcere na sua terceira gestação, suas lembranças são marcadas pela negligência do Estado com ela, sua filha e suas companheiras de cela. A prisão é um ambiente pensado por homens, para punir



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

outros homens, as mulheres que passam por essa experiência de estar gestante e ir presa, são duplamente punidas. Pois as mesmas acabaram rompendo com o normativo de gênero social do papel da feminilidade, de não ser capaz de se envolver com as práticas culturais da criminalidade. No final da gravação da entrevista Elisabete Taylor indicou sua amiga Tânia para participar da pesquisa e passou o seu contato.

Os primeiros contatos com Tânia foram via mensagens de texto, foram conversas curtas, mas a mesma demonstrou confiança em todo o processo de pesquisa e na ética que embasaria todo o caminho metodológico. A confiança que Tânia possui em Elisabete Taylor também acabou se aplicando a mim, é muito forte os resquícios da cultura prisional nos egressos (as), pois a palavra e a indicação de uma pessoa possui o peso de lei. Marcamos o encontro para gravar a entrevista em sua casa, a mesma solicitou para que sua mãe estivesse presente no dia e pudesse ficar conversando com a minha mãe em outro cômodo. Tânia contou que se sentia mais segura e amparada em saber que sua mãe estava por perto, e também por sua mãe ter vivido acompanhado toda a sua estadia na prisão, realizando visitas, pagando advogado e mandando mantimentos para ela. Fomos até a casa de Tânia, em um terça-feira de 2019, um dia ensolarado, em que a mesma estava muito ansiosa para nos conhecer e também aguardava a resposta de uma entrevista de emprego. Uma mulher simpática, mas de poucas palavras. Aos 46 anos de vida é mãe de três filhas, cozinheira, viúva e ficou 1 ano e 4 meses reclusa na Cadeia Pública Hildebrando de Souza. É moradora da cidade de Ponta Grossa, mas já residiu por um tempo em Santa Catarina. Foi presa por tráfico de entorpecentes, foi separada de suas filhas, e uma delas menor de idade acabou engravidando quando a mesma estava em reclusão, relatando que foi a sua pior dor da vida, por não estar presente quando a filha mais precisava dela. A entrevista com Tânia foi marcada de momentos em que a mesma

A última entrevistada foi Bruna, o contato com ela foi possível pela indicação de um amigo, porém foi um processo delicado até ela conseguir estabelecer uma relação de confiança para compartilhar as narrativas de memórias traumáticas de sua vida. Foram alguns meses de conversa com Bruna, cheguei a conhecer sua filha e ganhei a simpatia da pequena, foi um ponto que Bruna considerou para continuar as conversas. Quando menos esperava, Bruna falou que se sentia pronta para gravar a entrevista. Lembro como se fosse ontem, era uma quinta-feira de tempo nublado, marcamos para o mesmo dia. Estava apenas ela e eu em sua residência, procurei não fazer nenhuma interferência em sua narrativa, pois eram lembranças muito sensíveis, a mesma chegou a se emocionar em alguns momentos, eu apenas perguntava se a mesma desejava parar a gravação. Porém ela estava decidida a ir até o final de suas lembranças. Após o término da gravação Bruna me abraçou e falou que se sentiu bem em lembrar de tudo que já havia passado, e que ter se narrado fez ela se sentir melhor diante das experiências de seu cotidiano. A mesma ressignificou sua conduta diante dos obstáculos cotidianos e declarou que percebeu como é forte. Bruna tem 23 anos, possui Ensino Médio completo e é operadora de caixa. Seu estado civil é solteiro e possui uma filha, ficou reclusa por 6 meses na Cadeia Pública Hildebrando de Souza e sempre morou em Ponta Grossa. Foi presa por tráfico de entorpecentes, contou que na ocasião da prisão de seu esposo, o mesmo conseguiu fugir e ela foi detida em seu lugar, ficando separada da sua filha de um ano de idade.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

3. Ser egresso (a) da prisão em Ponta Grossa.

As lembranças narradas foram marcadas por todo tipo de violência sofrida, psicológica, física, simbólica, tensões de gênero. Relatos das hierarquias existentes, e marcados pela perda da individualidade.

Analisarem as similaridades narradas na construção de um memória e identidade coletiva “a memória não é a seiva viva do passado, ela se constitui no presente, para responder às solicitações da dinâmica histórica de seu tempo” (MENEZES, 2000). O contexto das gravações das entrevistas era de uma pesquisa sobre a experiência de prisão, então muitas vezes as lembranças dos homens e das mulheres entrevistadas se entrelaçaram, mesmo sem se conhecerem.

Os episódios de sofrimento é relatado com muita frequência como Tânia narou:

Lá é mais tristeza, porque alegria lá dentro é difícil. Uma senhora lá que nós chamava ela de tia, não sei o que que deu na coitada que começou a estourar sangue por todo o lado, pelo ouvido. E eles deixaram ela jogada parecendo um animal, e a gente não podia fazer nada. Nossa, a mulher saía pra tudo quanto era lado sangue dela, foi duro. E deixaram ela lá, passado uma hora que foram buscar ela. Lá não tem nada pra dizer que tem alguma coisa boa, a gente é tratada igual animal lá dentro (informação verbal). (Entrevista concedida à autora, em agosto de 2019).

A narrativa de Tânia destaca que a dinâmica da vivência cotidiana do sistema penitenciário acaba desumanizando os seres humanos. Quando a mesma salienta que sua colega de reclusão ficou “jogada como um animal” é sobre essa desumanização a que ela está se referindo, ao corpo e a vida ser tratado apenas como um número, e terem negado direitos básicos como acesso a atendimento de saúde.

Para Rodrigo, as lembranças entre os escombros de sua memória são muito mais ligadas à negatividade e aos traumas da experiência:

Eu acho que o sofrimento dos cara lá é meio, sabe? É o que mais me marcou, eu acho que ali na 13ª é pior ainda sabe, na matéria de você conviver, de você ficar preso sabe. Um tempão, porque ali sabe, tá tudo, os esturador, os que devem, os que não podem entrar lá dentro no convívio lá, ali é um cubículo, sabe? É muito ruim de você ficar ali, sabe um troço imundo mesmo (informação verbal). (Entrevista concedida à autora, em maio de 2019).

A memória narrada de Rodrigo aborda muito a questão de precisar aprender a viver e conviver com o desconhecido. Destaca ainda, a perda da individualidade, da construção de uma identidade coletiva, embasada por práticas coletivas e apartações sociais que foram criadas a partir da ética cultural da prisão. A cultura prisional delimita e define os espaços que cada pessoa ocupa na prisão, de acordo com o delito cometido. A cultura de delimitação de espaços e aceitação de quem pode, ou quem não pode, estar em alguns ambientes acaba sendo comum nas regiões em que muitos dos nossos entrevistados vivem como já mencionado anteriormente. O que acaba sendo também uma prática de imposição de poder e controle, até mesmo pelos pares.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Assim compreende-se que as lembranças, sentimentos e experiências em comum acabam configurando uma identidade coletiva, no sentido da imagem de si, para si e para os outros. [...] a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 205). É diante de um cenário de conflito, de afirmações, negações, discursos, contra narrativas que as identidades de egressos (as) da prisão se constituem como uma identidade de tensões.

As memórias narradas por egressos da prisão em Ponta Grossa são recheadas por situações de violência, sofrimento, apartações, preconceitos e negligências. Também apresenta algumas peculiaridades como por exemplo: por ser uma cidade de médio porte e possuir apenas duas instituições penais, as pessoas que passam, ou passaram, pelas medidas de restrição da liberdade conhecem uns aos outros, pois viveram a mesma situação, o que pode ser diferente e de outras cidades com um número maior de instituições penais e rotatividades de internos. Por ser uma cidade de porte médio, ainda que as pessoas tentem esconder da melhor e maior maneira possível que passaram pela prisão, sempre suas trajetórias acabam se entrelaçando com pessoas que sabem, ou ficaram sabendo por outros da sua experiência de reclusão. Todavia, ser egresso (a) da prisão, independentemente da cidade é viver sob vigilância social contínua, estipulada pelos preconceitos e estigmas.

4. Considerações Finais:

A comunicação apresentada, como já mencionada anteriormente, é uma análise do percurso metodológico da construção da história oral de vida de egressos do sistema penitenciário de Ponta Grossa. A relação que a pesquisa teve com o Núcleo Memória Cultura e Natureza é intrínseca, pois foi a partir das atividades propostas pelo Núcleo de leitura, discussão de textos, que foi possível estruturar uma base teórica, metodológica e reflexiva para a construção da dissertação. Além de tudo, as discussões proporcionaram a capacidade de realizar uma escuta empática e sensível.

O potencial de contribuição para o campo historiográfico em que se insere está presente na compreensão de que a história oral como metodologia de pesquisa não dá voz a ninguém! Ainda assim, contribui para o reconhecimento das narrativas desses sujeitos em diferentes espaços, que muitas vezes os mesmos foram colocados às margens.

A dissertação de mestrado possuiu como âncora o engajamento pela diminuição das apartações sociais, problematizando as questões de gênero, de vulnerabilidade social, de conflito com a lei, e de violência física e psicológica. Buscou corporificar números através das vozes daqueles que tiveram sua liberdade restrita e sentiram toda a vigilância e controle sobre seus corpos por parte do Estado.

Os conceitos teóricos se fizeram narrados na utilização da metodologia de história oral de vida. As categorias teóricas como a memória, lembrança, esquecimento, identidade, cultura, experiência, gênero fizeram parte da construção da imagem que cada um fez de si e do coletivo prisional.

Trabalhar com história oral, principalmente com temáticas sensíveis é muitas vezes um caminho doloroso e cansativo. Porém, a magnitude da pesquisa é construída no



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

percurso. Após a defesa da dissertação demorei um ano e nove meses para assimilar todo o processo, e ainda tenho a certeza de que as entrevistas que foram gravadas ainda tem potências que não foram exploradas, como também outros caminhos para pesquisas futuras que se abrem.

Aqueles que passaram pela prisão já foram julgados e punidos, a dissertação nunca almejou realizar um novo julgamento, ou reafirmar estereótipos de heróis e vilões. E sim, a construção de uma história que academicamente chamamos de “vista de baixo”, narrada e ressignificada por seus protagonistas.

No percurso de pesquisa presenciei o que ouvi muitas vezes falar: a população carcerária tem classe social (majoritariamente pobre) e tem etnia (majoritariamente parda ou negra). Em alguns momentos de escrita, sentia que estava fazendo mais do mesmo, mas o impacto das ciências humanas é plural na vida das pessoas. O importante foi perceber que eles (entrevistados) de alguma maneira se sentiram “vistos” por uma instituição de ensino superior, e sem julgamentos. E esse sentimento de visibilidade não interferiu apenas na vida dos egressos (as), mas também na vida de seus familiares. Quando seus filhos (as) decidem prestar vestibular e escreverem uma história diferente de seus progenitores, eles compreenderam que a UEPG também é para eles.

E aos profissionais de história, sejam eles atuando na educação pública ou particular, ou até mesmo em instituições de guarda de memória. Muitas vezes esses egressos (as), podem ser seus alunos, ou seu público. Ou ainda, os filhos (as) e familiares dessa pessoas podem ser seus alunos, ou seu público. Deixo aqui minha indagação: Como não reproduzir estereótipos, apartações, preconceitos, julgamentos nos espaços que precisam ser de acolhimento e inclusão?

Pela pouca experiência em sala de aula, algo aprendi. O educando que menos se enquadra nos padrões educacionais estabelecidos (sem realizar uma discussão teórica sobre o tema) é aquele que mais precisa de nossa atenção. Não é romantizar o ofício do historiador, mas é sim lembrar todo o dia a importância de nossa profissão, e ter consciência que podemos fazer a diferença na vida das pessoas, não importa que seja apenas na vida de uma pessoa, mas já é uma pessoa.

Referências

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Educação e museus: sedução, riscos e ilusões*. Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n. 27, p. 91-101, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S.l.], v. 14, set. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233/8240> . Acesso em: 03. fev. 2022.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

UM ESTUDO HISTÓRICO DO MOSTEIRO DA RESSURREIÇÃO: O USO DE VÍDEO DO *YOUTUBE* COMO FONTE HISTÓRICA

PAULUK, Luiz Ricardo¹

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa;

A partir da década de 1960, os historiadores passaram a se interessar mais amplamente por assuntos que antes não eram pensados pela ciência histórica. Ocorreu, neste período, uma “descoberta do povo”, ou seja, “uma história vista de baixo” (DENIPOTI; JOANILHO; LOPES, 2010, p. 52). Essa virada histórica teria, nas décadas seguintes, desembocada na vertente da Nova História Cultural:

Como quarta fase na história da história cultural, a emergência da “Nova” História Cultural pode ser interpretada como sendo o produto de uma série de questionamentos que vinham acometendo o fazer do historiador pelo menos desde o final da década de 1960. Esses questionamentos, estimulados ou apenas potencializados pelo efeito do chamado “giro linguístico”, acabaram provocando mudanças significativas no modo tanto de se pensar como de se escrever a história. As novas orientações daí resultantes, entretanto, mobilizavam agora historiadores de várias tendências e de diversas regiões do globo, o que colocava um fim na hegemonia historiográfica dos *Annales* não só dentro como fora do contexto francês. (DENIPOTI; JOANILHO; LOPES, 2010, p.52-3).

Nosso objetivo é, neste trabalho, buscar analisar alguns aspectos da identidade dos monges beneditinos da Abadia da Ressurreição⁸⁵ (Ponta Grossa, Paraná). Buscaremos fundamentar este trabalho nas considerações de R. Chartier, destacando os conceitos de *representações, práticas e apropriação*, enquadrando-nos na abordagem da Nova História Cultural.

Defendemos a ideia de que, assim como outras práticas sociais, o fenômeno religioso pode ser entendido no jogo sempre complementar que existe entre as práticas e representações sociais. Assim, nos alinhamos com R. Chartier, que afirma:

Daí as tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nas meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles. (CHARTIER, 1991, p. 177).

Utilizando essas contribuições, aqui temos um primeiro aspecto teórico de relevância: o ser monge, enquanto uma prática religiosa, é produzido por representações

⁸⁵ Uma vez que toda abadia é um mosteiro, no decorrer deste trabalho utilizaremos as expressões “Mosteiro da Ressurreição” e “Abadia da Ressurreição” como sinônimos.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

que guardam em si certas tensões e contradições em confronto, mas também que dão sentido à vida social. Assim, entendemos que os monges estudados constroem, a partir da apropriação da Regra de São Bento, a qual os ordena e do entendimento que possuem sobre a vida monástica, exibem uma maneira própria de estar no mundo, “a significar simbolicamente um estatuto e uma posição” (ANDRADE, 2013, p.27).

Podemos questionar, neste momento, como uma determinada norma religiosa é apropriada? Defendemos a posição que a identidade religiosa se forma através de “verdadeiras comunidades emocionais” (SANCHIS, 1995, p. 93).

Isso significa que não podemos considerar que os aspectos da formação da identidade religiosa ocorrem apenas por critérios intelectuais: não se trata, em nosso exemplo, de avaliar apenas como os monges leem a Regra de São Bento, mas sim, compreender que certos aspectos afetivos e, portanto, também contraditórios estão em jogo neste processo de apropriação. Assim, jamais podemos pensar que análise deva enveredar para responder quem estaria mais próximo ou não do fundador da Ordem, mas sim que os sentidos construídos pelas práticas e representações são condizentes com grupos específicos.

Assim, também alinhamos nossa análise à concepção de identidade defendida por HALL (2006): as identidades sociais da pós-modernidade devem ser compreendidas em suas contradições, de forma mutável e fluída. Assim, não nos deve surpreender perceber que existem diversas identidades, por vezes conflitantes, que afirmam o que é ser monge beneditino. Em nossa análise histórica, observamos essa tensão entre as identidades, possivelmente, mesmo entre os monges de uma mesma instituição.

Finalizamos esta introdução apresentando nossa proposta metodológica. Tendo em vista os aspectos teóricos levantados acima, propomos utilizar produções audiovisuais publicadas na plataforma online YouTube, as quais têm a temática relacionada com o Mosteiro da Ressurreição. Como os limites deste trabalho não possibilitam análises profundas, utilizaremos apenas um exemplo, o qual associa certos aspectos das práticas monásticas com a representação do ser monge, ligada à práticas cotidianas no mosteiro e à hospitalidade beneditina.

Esse tipo de fonte histórica já vem sendo abordada dentro do campo da história há algum tempo, apesar de ser recente (uma vez que a própria disseminação da internet é algo da contemporaneidade).

1. Uma narrativa histórica do Mosteiro da Ressurreição

]Para iniciarmos nossa discussão, precisamos estabelecer alguns pontos historiográficos de relevância. Observamos que as bases da identidade monástica dos monges da Abadia da Ressurreição já estavam presentes em seu processo de formação. Por isso, utilizando a bibliografia atual sobre este mosteiro, propomos uma síntese historiográfica que leva em conta, mais ou menos, as duas primeiras décadas de existência do Mosteiro da Ressurreição. Nosso recorte temporal, neste trabalho, abarca o final da década de 1970 e o início dos anos 1990, os quais são cruciais para a construção da identidade monástica desse grupo.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Sem essa perspectiva histórica, as conclusões tiradas das análises dos vídeos do *YouTube* podem ser arbitrárias e não corresponder fielmente ao nosso objeto de análise. Deste modo, justificamos a necessidade de apresentar esta narrativa.

1.1 A origem do Mosteiro da Ressurreição e sua relação com o Concílio Vaticano II

Uma das formas de compreender o histórico da Abadia da Ressurreição e, conseqüentemente, a identidade monástica, é lançar um olhar sobre as complexidades que envolvem sua história de origem. Para os fins deste trabalho, trabalharemos com a temporalidade que vai da década de 1970 até o ano de 1991, quando D. André Martins tornou-se abade do Mosteiro da Ressurreição.

O ano oficial de sua fundação é 1981, mas as primeiras discussões envolvendo sua criação datam da década anterior. Nos anos de 1970, um grupo de jovens do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, liderados por D. Lucas Torrell de Almeida Costa, que era Mestre de Noviços, iniciou uma série de reuniões para discutir a criação de um novo mosteiro. Deve-se destacar que essas reuniões não possuíam o consentimento do abade (SCHACTAE, 2003, p. 110).

Os motivos que levaram esse grupo de jovens a intentar a criação de um novo mosteiro foram: o desejo de viver uma vida monástica longe da cidade, uma vez que o Mosteiro de São Bento está localizado em área urbana (SCHACTAE, 2002, p. 19); retornar à tradição beneditina (conforme sua própria interpretação da Regra de São Bento) (SCHACTAE, 2002, p. 01); retornar às “fontes” da Igreja Católica, conforme a orientação do Concílio Vaticano II (DOM ABADÉ ANDRÉ MARTINS apud BRANDELLERO, 2011, p. 96).

Podemos identificar um aspecto pessoal de D. Lucas que poderia ter influenciado esses jovens a pensarem em criar um novo mosteiro. Segundo BRANDELLERO (2011, p. 95), este monge havia tido uma experiência em Cuernavaca, no México, caracterizada como “muito original”. Viviam a tradição beneditina centrando numa celebração “viva”, em espanhol, o que seria proibido na época, pois se trata de um período pré-concílio Vaticano II. O prior belga Lemercier, o qual comandava essa comunidade, removeu a formalidade entre os membros deste mosteiro e que a vida entre eles fosse marcada pela fraternidade. Esse mosteiro mexicano tinha o nome de “Ressurreição”, o que motivou D. Lucas a nomear o futuro mosteiro com o mesmo nome em sua homenagem.

Essas reuniões não foram, desde cedo, recebidas com tranquilidade pelos demais membros da Congregação Beneditina do Brasil. Segundo BRANDELLERO (2011, p. 94), houveram “tensões e divisões”. No mês de junho do ano de fundação do Mosteiro, este grupo (sem a presença de D. Lucas, o qual ainda estava envolvido com suas responsabilidades monásticas em São Paulo), partiu para Ponta Grossa (PR) para fundar o Mosteiro da Ressurreição. Em novembro do mesmo ano (BRANDELLERO, 2011, p. 96), uma Junta Abacial no Rio de Janeiro, que teria enxergado nestes jovens uma “rebeldia” e “desobediência”, reuniu-se para fechar o mosteiro nascente:

Em novembro de 1981, “reuniu-se uma junta abacial no Rio de Janeiro, inclinada a decidir-se pelo fechamento da fundação, ou sua exclusão da Congregação Brasileira”. A convocação da “Junta Abacial” revela que havia



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

uma tensão dentro da Congregação com relação à nova fundação. (SCHACTAE, 2002, p. 20).

A situação do Mosteiro precisou da intervenção do Vaticano para regularizar a situação. Em novembro de 1981, a permissão para a fundação do mosteiro, ad experimentun por três anos, chegou ao Brasil (SCHACTAE, 2003, p. 110). Ao que nos parece, supostamente, o Bispo de Ponta Grossa naquele momento, D. Geraldo Micheletto Pellanda, teria ido a Roma interceder pela criação do Mosteiro da Ressurreição (SCHACTAE, 2002, p. 20).

Como compreender, de forma contextualizada, essa tensão existente dentre os próprios beneditinos? Como monges que se auto-identificam como “tradicionalistas” podem ser vistos como “rebeldes”? Parte dessas respostas podem ser entendidas a partir do contexto mais geral da Igreja Católica deste período, que vivia uma adaptação em relação ao Concílio Vaticano II. Por isso, neste momento, se faz necessário traçar alguns elementos que são essenciais para se compreender a relação entre a origem do Mosteiro da Ressurreição e certos aspectos do Concílio, já que uma de nossas hipóteses principais é que existe uma forte relação entre esses aspectos históricos.

Ainda no contexto pré-conciliar (ou seja, antes da década de 1960), o Papa Pio XII e seus antecessores haviam desenvolvido dentro da Igreja um movimento de “volta as fontes”. Portanto, o clima de “retorno a tradição”, o qual está presente no discurso inaugural dos primeiros monges deste mosteiro, já era uma realidade dentro da Igreja Católica. Essa ideia de voltar às fontes, próprio do início do século XX, embasou o movimento da “Nova Teologia”⁸⁶. Assim, pode-se perceber que já havia na Igreja do século passado indícios de transformação (BETTENCOURT, [s. d.], p. 201).

O Papa João XXIII (1958-1963), o qual sucedeu a Pio XII, foi responsável por convocar o Concílio. Manifestou, em seu papado, uma forte preocupação ecumênica (ou seja, de diálogo com os demais cristãos, com os judeus e com membros de outras religiões). É preciso lembrar que estamos muito próximos, temporalmente falando, do final da II Guerra Mundial (1939-1945). Deste modo, o antissemitismo seria um aspecto de importância para a sociedade ocidental deste período, pois este sentimento antissemita estaria muito próximo do fascismo e do nazismo, que marcaram as décadas anteriores.

Consequente, devemos também acrescentar que o Papa João XXIII modificou radicalmente o estilo do papado: pela primeira vez o Papa estava mais próximo das pessoas e hierarquicamente inferiores.

Saia a pé, caminhava pelas ruas da cidade; visitava sacerdotes, doentes e prisioneiros, mostrando sempre fisionomia amiga bonachã e bem humorada;

⁸⁶ A nova teologia constituiu-se praticamente num movimento de volta às fontes originárias, porém com uma nova linguagem condizente à realidade hodierna. Ao mesmo tempo, não somente a teologia, mas todo o movimento intelectual passou por uma renovação estrutural e linguística desde a entrada do período contemporâneo. A linguagem tomou assim, uma importância muito mais expressiva do que tivera ao longo dos períodos da história. Isso porque, diferentemente da tradição filosófica moderna que tomou a consciência como núcleo em torno do qual se constituiu uma metafísica da subjetividade, a vertente contemporânea, de modo geral, optou por deslocar o centro de suas atenções para fora do sujeito³. Com isso, para uma grande parte de autores do pensamento contemporâneo, a linguagem tornou-se um referencial paradigmático. (FABIANI, 2020, p. 02).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

estes seus traços foram considerados nos Fioretti do "Papa Buono".
(BETTENCOURT, [s.d.], p. 203).

É possível conjecturar que as atitudes deste Papa alteraram a ideia que se tinha do clérigo católico. Não é por acaso que, após isso, o clericalismo típico da Igreja pré-conciliar entra em crise. Há assim uma diminuição da distância hierárquica dentro da Igreja Católica (que inclusive irá, depois do Concílio, culminar no “protagonismo leigo” típico de nossa época).

Porém, não devemos pensar que o Concílio e as transformações na Igreja ocorreram também sem tensões. Podemos propor que a existência de grupos distintos dentro da Ordem de São Bento seria um reflexo das divisões inerentes ao Concílio Vaticano II, conforme pode-se perceber:

A liberdade de expressão, defendida por João XXIII, levou cedo à formação de **dois agrupamentos**: uma corrente mais progressista, que reunia – no decorrer das sessões – uma maioria dos Padres Conciliares, e uma corrente mais tradicional, a qual pertencia várias personalidades importantes da Cúria Romana (...). (MATOS, 1997, p. 306, grifos do autor).

Mas, assim como o Concílio Vaticano segundo foi preparado desde o final da década de 1950, também não deve nos espantar que movimentos semelhantes ocorressem em lugares mais distantes do centro da Igreja. A experiência do mosteiro em Cuernavaca, a qual influenciou D. Lucas pode ser contextualizada deste modo, uma vez que existem características presentes nos dois contextos (destacamos: anticlericalismo ou flexibilização da hierarquia, e o uso do vernáculo na liturgia).

O Papa João XXIII morreu antes do Concílio ser finalizado. Coube ao Papa Paulo VI (1963-1978) dar continuidade aos objetivos de seu antecessor. No intuito de integrar as expressões da Igreja Católica aos valores do mundo moderno, podemos destacar aqui a renovação da liturgia, a qual agora deveria ser mais comunitária e acessível aos fiéis (BETTENCOURT, [s.d.], 203). Desta forma, um novo ritual da Missa foi elaborado e aplicado agora na língua vernácula de onde fosse realizada. Vemos aqui uma coincidência entre o intuito dos monges do Mosteiro da Ressurreição de promover o canto gregoriano em português exatamente no contexto em que a própria liturgia foi modificada com objetivo de ser acessível ao homem moderno.

Esses são aspectos do chamado *aggiornamento*, ou atualização, da forma da expressão da Igreja Católica. Nos parece que o retorno à tradição proposto pelo grupo original do Mosteiro da Ressurreição está alinhado com parte significativa das propostas do Concílio Vaticano II, sem deixar de perceber que essas propostas já estavam em forma nascente na Igreja pré-conciliar. Aqui podemos propor que a noção de tradição dos monges está relacionada a obediência ao Vaticano, e não há repetição exata do passado, uma vez que a cúpula da Igreja Católica decidiu que essa expressão estaria incoerente com o contexto atual.

Neste ponto, buscamos demonstrar que o nascimento do Mosteiro da Ressurreição está ligado ao *aggiornamento* da Igreja Católica. Não é, portanto, um evento desarticulado de uma situação histórica específica, mas sim faz parte de um sistema de práticas e representações que já vinham se implementando na Igreja desde de décadas antes. Com



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

esse sentido histórico, podemos concordar com a fala do abade D. André: “O Mosteiro da Ressurreição nasceu como um dos frutos do Vaticano II” (DOM ABADE ANDRÉ MARTIS apud BRANDELLERO, 2011, p. 96).

1.2 Os primeiros tempos

Tendo obtido a aprovação de Roma, o grupo originário do Mosteiro dirigiu-se à Ponta Grossa. Como citado anteriormente, foram acolhidos pelo Bispo local, D. Geraldo, o qual abriu a diocese para diversas ordens religiosas (SCHACTAE, 2002, p. 17). Este mesmo bispo foi o primeiro a se manifestar interessado e comprometido com a criação de um mosteiro beneditino em Ponta Grossa (BRANDELLERO, 2011, p. 95). Também, um dos motivos da escolha do Paraná seria a praticamente inexistência de vida monástica no Sul do país neste período.

Percebemos que, neste momento, uma questão de grande importância identitária para os monges pode ser observada: a beleza da paisagem e as dificuldades climáticas presentes neste local. Essas características podem ser encontradas em vários relatos sobre a história do Mosteiro, como, por exemplo, o seguinte:

Encantados com a beleza do local, de imediato os monges compreenderam a razão da região seduzir a todos que por ela passam. Porém, o vento fino e incessante, típico dos Campos Gerais, parecia prenunciar os tempos difíceis que teriam pela frente. Os primeiros meses foram de privação total. O dinheiro que possuíam mal dava para custear a alimentação e os gêneros de primeira necessidade. Um casarão de madeira, quase um arremedo de mosteiro, foi construído graças às doações de madeireiras e serrarias pontagrossenses. Sua rusticidade evidenciava a simplicidade e a pobreza que tomaram conta do cotidiano monástico. (CHAVES, 2006, p. 22)

A vida monástica do Mosteiro da Ressurreição propriamente dita nasce, quando estavam localizados ao lado do santuário Mãe da Divina Graça (entre 1981-1985), próximo ao parque estadual da Vila Velha, em situação de austeridade, frio causado pelo “vento fino” e, ao mesmo tempo, numa contemplação da beleza da paisagem. Esse fato, repetido em diversas narrativas sobre a origem do Mosteiro da Ressurreição parece conferir identidade aos monges e, assim sendo, a identidade monástica deste grupo se configura em relação, num sentido macro, à Regra de São Bento e num sentido específico, à sua própria história marcada por questões ambientais.

Nestes primeiros anos, as condições de vida foram precárias. As condições financeiras e materiais eram providas do trabalho artesanal dos monges e de doações (BRANDELLERO, 2011, p. 97). Mas, em 1983, graças a doação de uma instituição europeia e das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo foi possível adquirir o terreno onde o mosteiro está localizado atualmente (SCHACTAE, 2002, p. 18). Em 1984 iniciou-se a construção e em 1985 os monges puderam mudar-se para o novo local. Também no ano de 1984, o período de experiência concedido pelo Vaticano terminou e o mosteiro foi elevado à condição de Priorado Simples, dependente do Abade Presidente da Congregação Beneditina do Brasil, o que contraria a normalidade conforme as regras da



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Congregação, já que estes monges deveriam responder ao Abade do Mosteiro de São Bento, em São Paulo (SCHACTAE, 2002, p. 26).

Por fim, em 1987, o Mosteiro da Ressurreição adquiriu o estatuto de Priorado Conventual, tendo número suficiente de monges, quando adquiriu sua autonomia de noviciado e patrimônio próprio (SCHACTAE, 2002, p. 26). Ao adquirir sua autonomia, D. Lucas foi nomeado Prior do Mosteiro. Neste ponto, podemos perceber que tomou força certas tensões que até então pareciam adormecidas (ou, pelo menos, não apareceram nas narrativas da história do mosteiro):

Desde as primeiras reuniões, ainda na Abadia de Nossa Senhora da Assunção, o grupo divergia nas concepções sobre vida monástica, principalmente com relação às do Prior D. Lucas, que propunha um “projeto secularizado” em contraposição com as concepções da maioria, que buscava uma “vida contemplativa”, retornando aos ideais monásticos propostos por Bento e pelo Decreto Unitatis Redintegratio, do Vaticano II, que por sua vez propunha a busca dos bens espirituais do Oriente, (...). (SCHACTAE, 2002, p. 24)

Vemos que, novamente, a identidade dos monges entra em conflito. Esses conflitos fariam com que o grupo pedisse a renúncia de D. Lucas da posição de prior, o que ocorreu em novembro de 1990 e no abril seguinte, D. André Martins foi feito Prior do mosteiro. Sete anos depois, o Mosteiro da Ressurreição tornou-se Abadia e mantém D. André na liderança, agora como abade, até a atualidade.

1.3 A identidade monástica

Nesse momento, temos elementos históricos para propor uma reflexão sobre a identidade dos monges nestes primeiros anos de existência do Mosteiro da Ressurreição. Inicialmente, tendo o grupo formador, liderado por D. Lucas, divergido da identidade do Mosteiro de São Paulo, podemos elencar alguns pontos de contradição: para o grupo, o monge deveria viver afastado da cidade, o mosteiro paulista estava distante da tradição beneditina e que deveriam se adequar às propostas do Concílio Vaticano II. Especialmente, estes dois últimos aspectos estão ligados à concepção do que é ser um monge católico tradicional: retorno à tradição e obediência ao Papa.

Curiosamente, nos chama a atenção que a inspiração para iniciar os debates veio da experiência “desobediente” de Cuernavaca, México. Aparentemente, D. Lucas teria levado essa influência para dentro do Mosteiro de São Bento. Essa mesma visão seria compreendida décadas depois como um projeto “secularizado”, o qual se contrapõe ao ideal de vida contemplativa defendido por D. André. Vemos aqui uma delimitação da identidade monástica do Mosteiro da Ressurreição. Nem tanto seguiria a vida urbana de São Paulo, mas também não iria aderir à vida “secularizada” proposta por D. Lucas.

O que a narrativa histórica acima aponta é que não existe uma concepção unificada dentro da Ordem de São Bento do que é ser monge. Fundamentalmente, a narrativa aponta para três concepções distintas e irreconciliáveis. Podemos explicar isso a partir do conceito de apropriação da própria Regra de São Bento. O que está em jogo nesta disputa de identidades monásticas é, dentre os fatores, a forma como a Regra de São Bento é lida e aplicada na prática de vida. Existe, portanto, na leitura da Regra, certas representações que estariam orientando as práticas e legitimando esta ou aquela autoridade. A forma



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

como se apropria da regra reflete no modo de vida dos monges, na localidade do mosteiro, nas práticas e estratégias de sobrevivência - enfim, na própria forma de viver a sua proposta religiosa.

Ter em mente a forma como a representação do ser monge foi construída ao longo do processo histórico é de grande importância para a análise das fontes históricas. Nosso objetivo, a partir deste ponto, será propor uma metodologia de análise do discurso dos monges tornados públicos pelos vídeos no YouTube, os quais os próprios monges produzem ou são protagonistas, como, por exemplo, em entrevistas para jornais.

2. YouTube como fonte histórica

Dentro de uma perspectiva de análise social da contemporaneidade não podemos deixar de considerar a *internet* como um dos mais importantes fenômenos atuais. O sociólogo CASTELLS (2003) é um dos principais representantes dos estudos sobre o que entendemos por sociedade de rede. Sobre a rede mundial de computadores, esse autor afirma:

Nesse sentido, a *Internet* não é simplesmente uma tecnologia; é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades; é o equivalente ao que foi a fábrica ou a grande corporação na era industrial. A *Internet* é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a *Internet* faz é processar a virtualidade e transforma-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos. (CASTELLS, 2003, p. 287)

Na *internet*, um dos principais sites de divulgação de conteúdo por mídia audiovisual é o *YouTube*⁸⁷. Já há algum tempo essa plataforma tem sido tomada como objeto de pesquisa por diversos cientistas sociais.

“[as] novas tecnologias possuem um lado intimidador, que mexe com relações de poder há muito estabelecidas e arraigadas em todos os círculos profissionais, inclusive na história”. Nessa perspectiva, as tecnologias digitais colocam em questão a necessidade de novas práticas e pontos de reflexão em meio ao campo da história, bem como um olhar atento do/a historiador/a para com elas. (CARNEIRO; LAITANO, 2019, p. 240).

Nesse sentido, se faz necessário desenvolver uma metodologia de pesquisa para abordar este tipo de fonte histórica. A nossa proposta metodológica visa refletir como essa produção audiovisual pode servir o historiador.

A escolha deste tipo de fonte não é gratuita. Os monges da Abadia da Ressurreição divulgam materiais midiáticos desde a década de 1990, quando lançaram os primeiros CDs de canto gregoriano em português (SCHACTAE, 2002). Desde então, vem

⁸⁷ O YouTube é um serviço online de vídeos que permite a seus usuários carregá-los, compartilhá-los, produzi-los e publicá-los em formato digital através de web sites, aparelhos móveis, blogs e e-mails. É possível também participar de comunidades e canais, em que seus usuários podem se inscrever e obter vídeos de seu interesse. Através de programas específicos para o YouTube, pode-se fazer download de vídeos para o computador, utilizando-os como se desejar. (PELLEGRINI et al, 2010, p. 3).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

marcando presença em diversas plataformas, inclusive *online*. O *YouTube* é um exemplo. A própria Abadia mantém um canal, no qual publicam vídeos sobre a liturgia utilizada nas celebrações do mosteiro, homilias do Abade, entrevistas, palestras e outros vídeos de divulgação.

Também existem vídeos na plataforma que abordam o mosteiro, mas que foram publicados por outros usuários da plataforma. Estas também podem ser utilizadas como fonte histórica. Temos aqui uma primeira distinção: vídeos que seriam, por assim dizer, “oficiais” (pois foram publicados pelo perfil da Abadia da Ressurreição) e vídeos “não-oficiais” que são publicados pelos demais usuários do *YouTube*. Estes últimos podem ser divididos em “profissionais” (quando publicados por empresas de divulgação e notícias) e “amadores” (quando produzidos por pessoas comuns).

Os vídeos publicados apresentam os monges em suas práticas cotidianas, dando entrevistas, respondendo perguntas dos entrevistadores e em outras situações. Podemos tomar a produção e participação nos vídeos como uma prática comum do próprio Mosteiro. Desta forma, propomos que participar destas produções está, de algum modo, relacionado com a identidade do ser monge deste mosteiro. Assim, é possível observar certos aspectos da construção identitária destes monges.

Selecionamos um breve exemplo de uma entrevista concedida por Irmão Eduardo ao programa Marcelo Almeida Cultura, que foi ao ar no dia 26 de fevereiro de 2016. Para analisar este vídeo, além das informações citadas acima, transcrevemos as verbalizações presentes no vídeo. Em determinado momento, observa-se o seguinte diálogo entre o entrevistado e o entrevistador:

Entrevistador: Você como um irmão, como monge, você não tem um papel de evangelizar pessoas? Não?

Irmão Eduardo: O nosso papel de evangelizar pessoas é aqui no mosteiro. É, então nós temos a hospedaria...

Entrevistador: Posso dizer que isso é um retiro? Posso vir aqui e ficar cinco dias aqui?

Irmão Eduardo: Pode. É uma casa de retiro, para retiro. De terça a domingo.

Entrevistador: Você hoje está no papel...

Irmão Eduardo: de irmão hospedeiro. (MARCELO ALMEIDA CULTURA, 2016).

Aqui vemos um aspecto mais passivo daquilo que seria a missão evangelizadora do monge (que é típica do Cristianismo e de outras religiões de missão). Os monges não deveriam, necessariamente, sair em busca das pessoas a serem evangelizadas, mas este papel deve ser desempenhado dentro do mosteiro. Isto entraria em consonância com o ideal de vida contemplativa defendida por D. André, o qual teria entrado em conflito com o projeto secularizado de D. Lucas. Os monges beneditinos deste mosteiro oferecem a hospedaria e aguardam os hóspedes, para assim fazer a evangelização. O Mosteiro, dentro desta perspectiva, é uma casa de retiro. Novamente aparece o ideal da localização geográfica do mosteiro como algo determinante para as práticas que orientam a vida dos monges. O retiro deve ser realizado em um local afastado da cidade.

Neste exemplo simples, podemos compreender uma parte do significado do sentido de mundo e da leitura da Regra de São Bento que os monges estudados possuem.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Na fala do Irmão Eduardo vemos condensados diversos aspectos identitários do ser monge. Porém, não os afirmamos de forma arbitrária, mas sim em consonância a construção da historiografia do mosteiro apresentada acima.

3. Considerações finais

Um ponto central deste trabalho foi buscar demonstrar que a identidade monástica não está livre de tensões e contradições. O processo histórico, que tem o seu grau de complexidade, carrega em si esses embates identidades que existem dentro da própria ordem beneditina. Também, a análise da identidade deve levar em conta as relações complementares entre práticas e representações, as quais dão sentido à vida dos monges do Mosteiro da Ressurreição.

Compreendemos que a produção de conteúdos audiovisuais, bem como sua participação nos mesmos, está impregnada de ideias do que é ser monge, pois essa produção é em si mesma uma prática social. A pesquisa histórica não deve deixar de utilizar fontes produzidas para o meio virtual, como os vídeos do YouTube, os quais revelaram ser uma fonte riquíssima para análise que nos propomos.

Referências

- ANDRADE, Solange R. *História das Religiões e das Religiosidades: uma breve introdução*. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de A. (org.). (Re)conhecendo o sagrado: reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- BETTENCOURT, Estevão Tavares. *Curso de História da Igreja por correspondência*. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae, [s. d.].
- BRANDELLERO, Neuza de Fátima. *Ser monge na “Era do Vazio”*: um estudo do Mosteiro da Ressurreição e sua mensagem de felicidade na sociedade pós-moderna. 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- CARNEIRO, A. N.; LAITANO, Bruno Grigoletti; *YouTube como fonte histórica: uma proposta de metodologia*. In: BASSO, Alana et al. (Org.). *Comunicações do 3 Encontro Discente de História da UFRGS*. 1ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, v., p. 239-247.
- CASTELLS, Manuel. *Internet e Sociedade em Rede*. In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991.
- CHAVES, Niltonci Batista. *Visões de Ponta Grossa: Mosteiro da Ressurreição, 25 anos*. Curitiba: Pós Escrito, 2006.
- DENIPOTI, Cláudio; JOANILHO, André Luiz; LOPES, Itamar Cardoso. *Teoria da história IV*. Ponta Grossa: ed: UEPG/NUTEAD, 2010.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

FABIANI, C. A hermenêutica como um pressuposto para a teologia atual. *Revista Opinião Filosófica*, [S. l.], v. 11, 2020.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, E Guaracira Lopes Louro. 11ª. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARCELO ALMEIDA CULTURA. *Mosteiro da Ressurreição*. YouTube, 23 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O2-7nia7fdQ>>. Acesso em: 29 de setembro de 2022.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à História da Igreja – Vol. 2*. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1997.

PELLEGRINI, Deise et al. *Youtube: uma nova fonte de discursos*. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-pelegrini-cibercultura.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2022.

SANCHIS, Pierre. *O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995)*. Petrópolis: Vozes-CEHILA, 1995.

SCHACTAE, Andrea Mazurok. *Mosteiro da Ressurreição na representação de um monge. Rever (PUCSP)*, PUC São Paulo, v. 3, p. 108-131, 2003.

SCHACTAE, Andrea Mazurok. *O ser monge no Mosteiro da Ressurreição: práticas e rituais (1981-2000)*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Dissertação (Mestrado em História), 2002.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

HISTÓRIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DOS SISTEMAS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE

SIQUEIRA, Murilo Carlos¹; CARVALHO, Alessandra Izabel de²

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa; ²Departamento de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa

As famílias de agricultores agroecológicos do Centro-sul do Paraná desenvolveram com a erva-mate e outras espécies de plantas da Floresta Ombrófila Mista (FOM) um conjunto de conhecimentos e práticas continuados ao longo de gerações no decorrer dos anos. Esse conjunto de práticas e saberes no manejo das diferentes espécies e demais interações socioecológicas com a floresta imprimiu na paisagem camadas históricas e ecológicas que conferem a esses sistemas uma identidade ambiental que, mesmo frente aos projetos de ocupação e desenvolvimento do Estado que promovem o seu desmatamento, permitiram a preservação desse importante patrimônio cultural e biológico. Mesmo assim, esses sistemas permanecem ameaçados pela pressão econômica do agronegócio, a especulação imobiliária rural e o êxodo dos jovens (Nogueira, 2021).

Neste contexto se insere o projeto de extensão “Educação Ambiental no Contexto dos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos da Erva-Mate: Valorização Cultural e Produção Socioeconômica da Agricultura Familiar em Inácio Martins” do programa “Universidade Sem Fronteiras” executado por professores pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG entre os meses de abril de 2022 e março de 2023. O projeto tem como objetivo promover ações educativas em escolas do município de Inácio Martins voltados à história da erva-mate e dos sistemas tradicionais e agroecológicos de produção da agricultura familiar. Também tem como objetivos específicos a execução de oficinas de formação (workshops) com professores, a elaboração de materiais didáticos e de um site de narrativas digitais, com alguns dos produtos das atividades realizadas com professores e estudantes.

A presente pesquisa tem como objetivo entender como esses sistemas tradicionais de produção de erva-mate, enquanto patrimônio cultural e biológico, podem subsidiar essas ações de educação ambiental. A proposta de uma unidade temática de educação ambiental para o ensino infantil e fundamental no município de Inácio Martins pode ser justificada de várias formas. A primeira é pela relevância ecológica do município que se localiza na Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra da Esperança, importante área para a preservação dos remanescentes de florestas com araucária na região Centro-sul do Paraná. Apesar dessa importância, existem situações de conflitos na vida cotidiana dos moradores ligadas ao processo de implantação da APA.

Segundo Gonzaga et. al. (2021), cerca de 70% de toda a população do município vive dentro da unidade, os moradores das comunidades rurais não têm clareza sobre quais atividades são permitidas ou não e por vezes percebem a legislação ambiental como um empecilho para o desenvolvimento, carecendo de orientação, instrução e promoção de debates para discutir as potencialidades da região, bem como alternativas de atividades



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

econômicas neste contexto. Neste sentido, Sirlei Terezinha Gadomski Rocha, pesquisadora e professora da rede de educação do município, ao realizar um estudo de caso em sua dissertação das comunidades rurais de Inácio Martins verificou a necessidade de ações de educação ambiental na região que envolvam esses moradores. Apesar dessas dificuldades, a autora conclui que “as comunidades conseguem conservar e preservar seus recursos naturais, por meio de hábitos e costumes adquiridos ao longo dos anos” (Rocha, 2016 p.126).

A segunda justificativa está ligada às determinações legais sobre o planejamento da educação. A educação ambiental foi instituída no ensino básico, médio e superior por força de lei desde o ano de 1999 (lei 9.795) e por isso as instituições educacionais e instâncias governamentais que tratam da educação precisam contemplar a educação ambiental em seus documentos. A BNCC (BRASIL, 2017), seguindo as determinações desta lei, estabelece que cabe aos sistemas de ensino e as escolas incorporar o tema aos seus currículos de forma transversal e integradora nas diferentes dimensões e escalas de reflexão (familiar, comunitária, municipal, local, regional e nacional).

Se envolveram no projeto 10 professores de 3 escolas com turmas de ensino infantil e fundamental que totalizam 113 estudantes. Em função de uma greve dos trabalhadores da educação deflagrada no município no mês de julho houve atrasos no cronograma do projeto devido ao período de paralisação das aulas e posteriormente de suas reposições. Foram feitas no período de pesquisa uma reunião presencial com professores, uma reunião on-line com a secretaria de educação do município e uma visita às escolas. Assim, os resultados foram obtidos de forma parcial.

1. Material e Métodos

A pesquisa-ação, segundo Barbier (2007 p.18), mais do que uma metodologia participativa em pesquisa social, propõe uma nova dimensão existencial ao pesquisador, que “passa a perguntar sobre o lugar do homem na natureza e sobre a ação organizada para dar-lhe um sentido”. O autor caracteriza esse tipo de pesquisa-ação como “existencial” por abordar temas enraizados nas afetividades humanas, como por exemplo vida social, interculturalidade, amor, nascimento e morte. Para o autor, essa metodologia de pesquisa “expressar-se-á antes como uma arte de rigor clínico, com o objetivo de uma adaptação relativa de si ao mundo” (Barbier, 2007 p.67).

Existem algumas noções centrais nessa metodologia como o processo de planejamento e realização em formato de espiral e a constituição de um “pesquisador coletivo”. Essas duas noções referem-se a um movimento dialético entre o pesquisador e o coletivo/grupo-alvo em um sistema interativo em que os objetos pesquisados são co-construídos como consequência das ações, em uma articulação de ação e pesquisa “num vaivém entre a elaboração intelectual e o trabalho de campo com os atores” (Barbier, 2007 p.121).

Para o autor, todas as técnicas usuais em ciências sociais podem ser utilizadas em uma pesquisa-ação, destacando-se a observação participante e o diário de itinerância, enfatizando as “técnicas do banal e do cotidiano”, que “trata de todas as formas de escuta



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

e de observação não codificadas, não estruturadas”, nesta abordagem, a presença no “lugar do acontecimento” é privilegiado no processo de pesquisa (Barbier, 2007 p.129).

Os lugares do acontecimento na presente pesquisa podem ser divididos entre as ações em campo, junto aos professores de Inácio Martins que são o "público" previsto do projeto de extensão, e as ações desenvolvidas pela equipe do projeto, como reuniões de planejamento, formação e estudo. Nas reuniões da equipe também acontecem importantes momentos de trocas de percepção, análise e reflexão sobre as ações em campo.

Tendo em vista que as ações do projeto de extensão preveem a construção de oficinas, sequências didáticas e elaboração de materiais didáticos em conjunto com os professores da rede de educação de Inácio Martins, escolheu-se a metodologia de pesquisa-ação para analisar este processo em função do papel protagonista que os sujeitos da pesquisa (ou “grupo-alvo”) desempenham nessa metodologia.

2. Discussão e resultados

As perspectivas de educação ambiental podem variar conforme o contexto e atores, Matos (2009), ao fazer uma revisão da história da educação ambiental, afirma que o V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, realizado em novembro de 2004 na cidade de Goiânia, foi um marco para a educação ambiental no Brasil, pois permitiu uma visualização ampla sobre o tema. Para a autora predominou neste evento, apesar da diversidade de abordagens, temas vinculados a uma vertente naturalista ou conservacionista da educação ambiental, ou seja, que privilegia mais questões tecnológicas e ecológicas e pouco questões econômicas, políticas e culturais.

Outra característica importante apontada pelo estudo é que o objetivo principal dos trabalhos apresentados é o de sensibilização dos educandos, privilegiando uma dimensão afetiva. Carvalho (2001) defende uma perspectiva de educação ambiental diferente da tradicionalmente abordada enquanto prática pedagógica inovadora que se vincule a um novo paradigma ambiental, ou seja, que entenda o ambiente como um “sistema complexo de relações e interações da base natural e social e, sobretudo, definidos pelos modos de apropriação pelos diversos grupos, populações e interesses sociais, políticos e culturais que aí se estabelecem” (Carvalho, 2001 p.45).

Essa perspectiva é chamada de Educação Ambiental Popular que se vincula à noção de educação popular, além de compreender um ecossistema natural, conscientizar ou induzir novos comportamentos em relação aos ecossistemas, essa perspectiva de educação ambiental se pauta em um espaço de relações socioambientais e historicamente configurados. Essa perspectiva de educação ambiental é sensivelmente importante no contexto de extensão rural que visa promover novas práticas sociais e culturais de um ideário de valores ambientais, como a conversão agroecológica, ecoturismo e o turismo rural.

Esse paradigma se aproxima da noção de educação para uma vida sustentável adotada por Stone e Barlow (2006) que, segundo Capra (2006), visa ensinar os princípios básicos da ecologia através de uma abordagem interdisciplinar, baseada na experiência e na participação. O autor aborda várias experiências trazidas pelos professores do Centro de Ecoalfabetização de Berkeley, localizado no estado norte americano da Califórnia que



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

buscam promover processos de educação através a ação e relação dos educandos com suas comunidades e ambientes, valorizando iniciativas inovadoras e a relação com os conhecimentos tradicionais, como as dos povos originários que fazem parte das comunidades onde o projeto se insere.

Para Capra (2006), são três os pilares dessa educação: o primeiro é o entendimento de que o padrão básico de organização da vida se aproxima de uma rede ou teia, o segundo é que a matéria percorre ciclicamente essa teia e o terceiro é que esse trajeto depende de energia, que também flui nesse sistema, proveniente do sol. Esses três fenômenos básicos são vivenciados e experienciados pelas crianças nas atividades promovidas pelo centro, pelas quais, segundo o autor permitem tomar “consciência de como estamos inseridos num ecossistema, numa paisagem com uma flora e uma fauna características, num determinado sistema social e cultural” (p.14).

Neste mesmo sentido de promover aprendizado através da experiência, pode-se relacionar o conceito de educação patrimonial que, segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999), trata-se de um processo educacional em que o patrimônio cultural é a fonte primária do conhecimento. O contato direto com a fonte visa promover um processo ativo de construção do conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural dos educandos. Para essas autoras, o objetivo de usar objetos reais como fontes de informações é abordar a rede de relações que se estabelece sobre eles como o contexto histórico em que foram produzidos e utilizados, os significados que lhe foram dados, os seus usos diferenciados, enfim, tudo que pode dar “sentido às evidências culturais e nos informam sobre o modo de vida das pessoas do passado e no presente, em um ciclo constante de continuidade, transformação e reutilização é a tarefa específica da educação patrimonial” (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999 p.7).

A noção de patrimônio se vincula a algo ligado ao passado e que se pretende preservar, os objetos do patrimônio permitem “interpretar a história e o território no tempo e no espaço” (Hernandez, 2005 p.129). Essa ação é particularmente importante para resistência de grupos em sua diferenciação frente à globalização, entendida como um processo progressivo de permeabilidade, homogeneização e, conseqüentemente, perda de diversidade cultural, econômica, ecológica, etc.

Os professores do município de Inácio Martins manifestaram o interesse na abordagem da produção de erva-mate como um patrimônio histórico e citaram outros projetos executados na região orientados ao desempenho econômico da produção. A proposta de um projeto que valorize a história e a cultura dessa produção os remeteram às suas próprias histórias e de suas famílias, que estiveram e ainda estão envolvidas na produção da erva-mate sombreada, nesse sentido propor-se-ia uma atividade de mapeamento de antigas estruturas de processamento (barbaquás) e levantamento de materiais como imagens, documentos, objetos, dentre outros.

Esse primeiro exercício de pesquisa nas famílias dos professores poderia subsidiar a construção de uma primeira experiência de narrativas digitais e ser replicada e aperfeiçoada com os estudantes no futuro, entretanto, em função da interrupção das visitas ao município esta atividade não foi executada e está prevista para a primeira semana do mês de novembro.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Para Horta, Grunberg e Monteiro (1999), um objeto patrimonial não é somente um artefato ou um fragmento, mas pode incluir um conjunto de habitações, uma cidade, uma paisagem ou uma manifestação popular. Dessa forma, abordar os sistemas tradicionais de produção da erva-mate como objeto cultural para a educação patrimonial pressupõe abordá-lo a partir de suas mudanças socioambientais e como eles podem representar as relações humanas com a natureza. Além dessas relações existe um primeiro nível de análise, conforme salientado por Gerhardt (2013), que é entre a erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e um conjunto de outras plantas, insetos e animais, integrando uma teia da vida, visto que estes por sua vez interagem com outros conjuntos de plantas, animais, insetos, fungos, etc.

A equipe de execução do projeto buscou incorporar esses princípios nas primeiras elaborações de sequências didáticas desenvolvidas que propõe aos estudantes uma reflexão sobre a floresta e as relações que ela estabelece entre animais, plantas e seres humanos através da observação de seu entorno. Para promover essa reflexão propõe-se atividades como leituras, contação de histórias, elaboração de desenhos, cartazes e entrevistas com familiares mais velhos sobre a flora local, com a identificação de uma planta medicinal ou comestível e suas principais características.

Já um segundo nível de relações, que se referem à cultura, processos produtivos e economia da erva-mate serão abordados em atividades que proporão a análise dos símbolos regionais que trazem esse elemento como o brasão da cidade, visitas à barbaquás ou ervateiras, análise de embalagens e rótulos.

Buscando explorar também a dimensão sensorial ou sinestésica da educação ambiental propõe-se também atividades como coletar uma folha ou galho de uma planta manejada pela família, o plantio de uma muda de *Ilex-paraguariensis* no espaço externo das escolas e de experimentação de chás. A proposta de experiência que envolvam os sentidos do tato e paladar, que põe as crianças em contato direto com os elementos naturais, visa apresentá-las à matéria como objeto da cultura. Conforme salientado por Vieira (2018) as crianças se apropriam das coisas à medida em que interagem com os objetos pela manipulação e percepção de suas propriedades.

O termo “Sequência didática” foi escolhido para designar uma proposta de planejamento das atividades aos professores pois, no decorrer das pesquisas sobre o ensino infantil e básico, verificou-se que o plano de aula não é a melhor ferramenta a ser utilizada nessas etapas de ensino. As propostas de sequências didáticas são flexíveis, não pré-determinam a quantidade de aulas necessárias mas sim uma série de passos ou de atividades inter-relacionadas, uma forma de “roteiro” que envolve a investigação de um objeto ou situação como pressupõe um processo de educação patrimonial.

Como dito anteriormente, as demais reuniões com os professores não ocorreram dentro do cronograma previsto e as sequências didáticas elaboradas serão apresentadas aos professores no decorrer dos meses de outubro e novembro e posteriormente testadas com os estudantes. Assim, dentro da proposta de procedimento de pesquisa-ação avançou-se apenas na primeira etapa, que é a constituição do objeto abordado com o grupo. A estratégia adotada pela equipe do projeto é a elaboração das sequências didáticas de forma simultânea à do material didático, que foi subdividido em diferentes unidades que serão apresentadas e discutidas com os professores nos encontros subsequentes.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O material didático é elaborado para consulta dos professores, com partes destinadas para o uso dos estudantes. Sua elaboração no decorrer de diversos encontros, para além do objetivo do produto final, servirá como um “fio condutor” para discutir como os professores desejam que o seu território, meio ambiente e a produção de erva-mate sejam representados e quais discussões, reflexões e atividades desejam propor aos alunos do município. A partir desse debate, do “o que” e “como” deve estar representado no livro, pretende-se iniciar o processo dialógico de identificação de temas e objetos de investigação. O material está dividido nas seguintes unidades:

- Memória, cultura e natureza: é um capítulo teórico que abordará as noções básicas de história ambiental, educação patrimonial e história oral. A ideia desse primeiro capítulo é determinar o “lugar” ou campo historiográfico do qual pertence o grupo de pesquisa de onde partem as ações do projeto. Uma atividade prevista pelo projeto que se relaciona diretamente à essa unidade é uma formação em história oral que será ministrada para os professores com a finalidade de instrumentalizá-los para a produção de entrevistas;

- A construção do lugar: Este capítulo visa caracterizar o território do projeto, seus principais elementos, história e atores. Conta com textos e referências destinados para a consulta dos professores mas também textos acessíveis aos estudantes já alfabetizados do ensino básico;

- Floresta: contará com textos e propostas de sequências didáticas sobre a flora paranaense, a floresta de araucária e a produção de erva-mate sombreada;

- Erva-mate: abordará especificamente a história da erva-mate, trazendo textos e fontes históricas para análise e os sistemas tradicionais de erva-mate. Nesta unidade serão propostas sequências didáticas de produção de entrevistas de história oral em sala de aula;

- Narrativas digitais: Esta unidade propõe a elaboração de um site através de plataformas gratuitas e acessíveis com o produto das investigações nas sequências didáticas;

- Produtos finais: Propõe a elaboração de outros produtos possíveis tais como exposições, teatros, livros, revistas, etc.

3. Considerações finais

A partir das pesquisas sobre o município e do contato com os professores pode-se observar os seguintes pontos:

- A proposta de educação ambiental a partir dos sistemas tradicionais de produção de erva-mate se relaciona diretamente com a história de vida dos professores que também são oriundos de famílias de produtores. Nesse sentido, antes de propor um processo de investigação com os estudantes, os educadores se interessaram em promover um processo de pesquisa em suas próprias famílias, com levantamento de imagens, objetos, edificações e relatos sobre a produção de erva-mate.

Há também a consciência ou percepção de diferentes projetos de desenvolvimento da região e pressões de diferentes forças políticas, econômicas e sociais sobre os sistemas de produção tradicionais como o plantio de fumo, de madeira e demais atividades ligadas a grandes setores do agronegócio, bem como de distintos projetos de valorização da erva-



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

mate. Neste sentido, reside um certo ineditismo em um projeto de valorização dos elementos históricos e culturais dos sistemas sombreados em detrimento a projetos que objetivam apenas o incremento da produtividade e escoamento da produção.

- A necessidade de construção de alternativas de meios de vida na floresta. Durante as reuniões relatou-se que os conflitos ambientais, já abordados em pesquisas acadêmicas na região, não se dão apenas entre a necessidade econômica e de subsistência material das famílias e restrições da legislação ambiental, mas também de reprodução social e cultural das comunidades frente ao avanço de importantes setores econômicos e projetos de desenvolvimento do município e do Estado.

A partir da conversa, manifestou-se o desejo neste grupo de professores de “despertar a consciência” dos munícipes para a “possibilidade de viver ali dentro (da APA ou da floresta)”, ou seja, buscar uma espécie de caminho do meio entre viabilidade econômica e o conservacionismo, pensando a sustentabilidade de maneira mais complexa e multidimensional (ambiental, econômica, social, cultural, espacial, etc.). Essa perspectiva está fundamentada no reconhecimento de que, essas comunidades historicamente foram as responsáveis pela preservação da floresta através das práticas e conhecimentos tradicionais de produção.

- O reconhecimento da complexidade do projeto que envolve os estudantes da rede de educação básica do município frente ao processo de desmonte ou precarização da rede de atendimento público como saúde e educação. Como apontado pela pesquisa de Gonzaga et. al. (2021), das dez comunidades rurais pesquisadas pelo seu grupo no município, sete haviam tido suas escolas fechadas, obrigando os alunos a fazerem grandes deslocamentos diários para continuar seus estudos. Os professores relataram durante as visitas nas escolas que há estudantes que precisam sair de suas casas às 4h da madrugada para frequentar as aulas pela manhã. Por outro lado, o grupo identifica na educação básica e na educação no campo potencial para o projeto em função da maior receptividade e engajamento desses estudantes. Os professores também acreditam que o esforço da mudança de mentalidade da população sobre a vida no meio rural e produção agroecológica tem maior sucesso a longo prazo quando orientado aos jovens e à infância.

Neste sentido, a metodologia de pesquisa-ação é útil para subsidiar metodologicamente a pesquisa e reflexão sobre esses processos que envolvem a equipe do projeto USF, professores e estudantes da rede de educação básica do município de Inácio Martins. As ações do projeto de extensão continuam em andamento e as reflexões e apontamentos permitidos pela presente pesquisa serão aproveitados e utilizados nas metas finais do projeto de extensão que incluem submeter artigos sobre o projeto em revistas científicas e apresentar os resultados em congresso nacional.

Referências

BARBIER, Rene. *Pesquisa - ação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. *Base Nacional Curricular Comum (BNCC)*. 2017 Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>

CAPRA, Fritjof. *Alfabetização ecológica*. Editora Cultrix, 2006.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v.2, n.2, p. 43 – 51, abr./jun.2001.

GERHARDT, Marcos. *História ambiental da erva-mate*. 2013. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GONZAGA, Carlos Alberto Marçal; GADOMSKI, Sirlei Terezinha; KNOREK, Reinaldo; DOLIVEIRA, Sérgio Luiz Dias. Estudo sobre o desenvolvimento local sustentável na APA da Serra da Esperança. *Revista Humus*. V. 11, n. 25, p. 227 – 244, Maio, 2021,

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Iphan, 1999.

MATOS, Maria Cordeiro de Farias Gouveia. *Panorama da Educação Ambiental Brasileira a Partir do V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NOGUEIRA, João Francisco Miró Medeiros. *Historicidade e Significado nas Paisagens dos Sistemas Tradicionais de Produção de Erva-Mate na Bacia do Alto Iguaçu, Sul do Paraná*. 2021. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2021.

ROCHA, Sirlei Terezinha Gadomski. *Desenvolvimento Local Sustentável em Comunidades de uma Área de Proteção Ambiental no Estado do Paraná, Brasil*. 2016. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário) Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro, Irati, 2016.

VIEIRA, Daniela Marques. Imagens Benjaminianas para pensar relações entre infância, educação de crianças pequenas e natureza. *Contrapontos*. v. 19, n.4, p 374-389.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

SCOTT, SHACKLETON E AMUNDSEN: MEDOS, ANSIEDADES E A EXPERIÊNCIA SINESTÉSICA

SCHNELL JUNIOR, Renato Ricardo¹; CARVALHO, Alessandra Izabel de²

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa; ²Departamento de História, Universidade Estadual de Ponta Grossa

“Duas pessoas não veem a mesma realidade”, já escrevera Tuan (2012, p.21). Os sentidos são, acima de tudo, “modalidades de existência” do nosso corpo no mundo em que habitamos e interagimos, sendo eles essenciais para esse exercício de percepção. Desta maneira, a forma como experimentamos o mundo consiste em algo único que pertence somente a cada indivíduo. Todo o conhecimento que adquirimos a partir da existência é resultante do uso dos sentidos, assim como destacado por Christoffer Tilley (2014, p.39): “Conhecer realmente é sentir e perceber através de todos os sentidos”. Esse exercício implica na utilização de todos eles ao mesmo tempo, realizando uma prática de sobreposição e que resulta em nossa experiência corporal no mundo. Hoje, muito se fala e se estuda a respeito dos sentidos separadamente, o que facilita sua compreensão, mas também fornece uma visão empobrecida sobre a realidade (TILLEY, 2014, p.38-40). Nesse sentido, os relatos de viagem das expedições ao continente antártico apresentam um rico material para a compreensão das relações do corpo, dos sentidos e das sensibilidades provenientes do contato com um meio que até então representava uma incógnita para o ser humano.

Este artigo deriva da dissertação de mestrado intitulada: “Ultrapassando a superficialidade do mundo: Percepções e sensações em meio a imensidão gelada (1910-1917)”, que tem como objetivo analisar três das expedições que mais se destacaram no início do século XX, em um fenômeno que ficou conhecido como “Idade Heroica da Ciência Antártica”. São elas: a expedição inglesa do *Terra Nova*, a missão norueguesa do *Fram* e a expedição inglesa do *Endurance*. Para essa análise, as fontes se constituem nos próprios relatos do comandantes dessas missões: “A última expedição: Diário pessoal do Capitão Scott em sua viagem ao Polo Sul” (2002) de Robert Falcon Scott, “Polo Sul – Relato da expedição norueguesa a bordo do Fram – 1910-1912” (2001) de Roald Amundsen, e “Sul: A fantástica viagem do *Endurance*” (2002) de Sir Ernest Shackleton. Todas essas obras pertencentes a coleção Mundo Afora da Editora Alegro.

As discussões que atravessam a realização desta pesquisa ocorrem principalmente através dos estudos e leituras realizadas pelo Núcleo de Pesquisa Memória, Cultura e Natureza. Através das discussões incitadas pelo núcleo, busca-se a partir deste trabalho ir além das análises que cotidianamente são realizadas sobre relatos de viagens. A intenção é apresentar uma contribuição historiográfica que problematize as relações do corpo com o ambiente no qual este se insere. Tranzendo essa discussão para o diálogo é possível formular novas compreensões sobre nossa presença no mundo e como interagimos com este, ultrapassando pensamentos que resultam em uma cisão entre os humanos e a natureza e entre a mente e o corpo. noção de sentimentos ligados ao medo, suas



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

preocupações, assim como todas as outras sensibilidades provenientes do contato humano com um meio, estão profundamente relacionados com a forma como a natureza antártica é experienciada através dos sentidos sensoriais: o tato, o paladar, o olfato, a audição e a visão. Assim, não de maneira a limitar a compreensão de como vivemos através da sensibilidade sinestésica, cabe nesta reflexão analisar as implicações de medos, até então comuns em toda a sociedade humana, e como se fazem presentes nas expedições se relacionando com os sentidos do corpo.

1. Contextualização: Expedições Científicas em meio a imensidão Antártica.

A história da Antártica é também a história de sua exploração pela espécie humana. As primeiras menções a sua existência datam desde a antiguidade clássica com Pitágoras (500 a.C) e com Ptolomeu de Alexandria (150 a.C). Contudo, foi somente após séculos de hipóteses, estudos e expedições que o continente foi observado pela primeira vez pela expedição inglesa comandada pelo Capitão James Cook (1728-1779) em 1772, e em seguida, com maior confiabilidade, com a descoberta de terras pela expedição do explorador inglês Edward Bransfield (1785-1852) em 1820. Desta forma, a história do continente⁸⁸ pode se dividir em três momentos, sendo o primeiro o de realização das expedições de Francis Drake e de Fernão de Magalhães (1570-80), que acarretaram nas primeiras informações acerca do continente¹. Em seguida, a segunda fase alcançou seu ápice com a expedição de James Cook e com a “descoberta” do continente por Bransfield. E, por fim, a terceira fase consiste na ação das nações em colonizar e explorar a região, enviando diversos empreendimentos em um exercício que podemos observar presente ainda atualmente (SHELLMANN, 2005, p.46).

Acompanhando o entusiasmo científico, durante os primeiros anos do século XX diversas expedições foram realizadas com o objetivo de conquistar o continente, através da exploração do Polo Sul, a latitude 90°Sul. Assim, por mais de duas décadas, entre 1895 e 1917, a chamada “Idade Heroica da Ciência Antártica” resultou em inúmeras missões das mais variadas nacionalidades. Entre elas, as três analisadas nesta pesquisa que se destacaram sobre as demais, sobretudo devido aos seus comandantes e os relatos que encantaram e inflamaram a ideia daquela natureza inóspita e violenta sobre a qual narravam.

A expedição Britânica-Antártica ou expedição do *Terra Nova*, como ficou conhecida foi uma importante missão inglesa comandada Robert Falcon Scott, um importante explorador britânico que já havia realizado outra incursão ao continente antártico a bordo do *Discovery*⁸⁹. A missão teve seus preparativos iniciados logo após o

⁸⁸ Essas informações dizem respeito ao fato de o continente não possuir nenhuma ligação com a América ou com a África (SHELLMANN, 2005, p.46).

⁸⁹ Considerada uma das grandes empreitadas já realizadas, a expedição ficou mundialmente conhecida devido aos conhecimentos adquiridos ao longo de sua realização e por ter alcançado a posição mais ao Sul do planeta até então, a latitude 82°,17’S. Contudo, mais do que acarretar descobertas científicas, também levou o nome de Scott a encabeçar o topo de uma lista de grandes exploradores, ressoando como uma “primeira demonstração pública de seu valor”. A missão do *Discovery* tinha entre suas principais metas a realização de dragagens do fundo dos oceanos e a execução de observações magnéticas ao longo de sua



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

retorno de Scott à Europa. Para custear a expedição, diferente da anterior que fora financiada através do patrocínio da *Royal Society* em parceria com a *Royal Geographical Society*, a expedição do *Terra Nova* teve patrocínio do setor privado, principalmente com a promessa da venda de itens adquiridos durante a viagem, seus relatos e fotografias.

Para este artigo foi escolhida a discussão sobre os medos, ansiedades e as capacidades sinestésicas do corpo humano. Os sentimentos relacionados ao medo, preocupações e ansiedades nos relatos se destoam na maioria das vezes se relacionando com a própria experiência vivida por aqueles sujeitos, contribuindo para a sobrevivência diante do risco que suas vidas correm em um ambiente inóspito. Essa

A expedição teve início no dia 01 de junho de 1910, quando zarparam dos cais de Londres em direção a Nova Zelândia, onde Scott subiria a bordo e seguiriam rumo ao sul. O objetivo central da missão, como destaca Larson, foi a declarada marcha até o Polo Sul geográfico. Contudo, Scott salientou também a importância das observações científicas em sua missão e na necessidade de desenvolver expedições para o interior do continente (LARSON, 2015, p.221).

Em 24 de janeiro de 1911, iniciou a primeira etapa da jornada em busca do Polo Sul, que consistia no estabelecimento dos depósitos ao longo da região na qual se encontravam. Contudo, em seu retorno ao Cabo Evans, local de sua base principal, em fins de fevereiro, a expedição reencontra com o *Terra Nova*, que tinha partido para explorar o litoral. Em seu encontro, Scott fica ciente de que a tripulação fez contato com a expedição liderada pelo norueguês Roald Amundsen, que se encontrava algumas milhas a Oeste. Mesmo que Scott já tivesse recebido, ainda na Nova Zelândia, uma carta escrita pelo próprio Amundsen comunicando-o de sua decisão de seguir para o Sul, em seus relatos destaca: “A conduta mais digna, e também a mais sábia para nós, é proceder exatamente como se tal fato não houvesse ocorrido. Seguir adiante e fazer o melhor que pudermos pela honra de nosso país, sem medo ou pânico.” (2001, p.176)

Mesmo com a presença norueguesa, a expedição manteve seus planos originais. A marcha até o polo iniciou no mês de janeiro de 1912, sendo marcada pela presença de ventos fortes, tempestades e temperaturas que variaram entre os 29° negativos. Após aproximadamente quatorze dias de caminhada sobre o planalto antártico, a equipe alcançou a aclamada latitude 90° Sul no dia 17 de janeiro. Contudo, para sua surpresa e decepção os noruegueses já haviam estado ali semanas antes, deixando uma barraca e bandeira sinalizando sua conquista.

A expedição norueguesa do *Fram* teve início em julho de 1910, sendo comandada pelo explorador norueguês Roald Amundsen. O objetivo inicial da missão era o de realizar observações científicas nas regiões Árticas. Contudo, após saber da conquista do Polo Norte pelo explorador e seu antigo colega, Robert Peary em 1909, Amundsen decide alterar seu destino voltando seus interesses ao Polo Sul (CASSEL, 2013, p.81). Temendo que ao expor seus novos objetivos pudesse ter sido impedido de realizar a jornada, Amundsen decidiu ocultar seus planos até que o empreendimento já tivesse iniciado, incluindo de sua tripulação que só soube da nova rota em sua última parada antes da

rota e principalmente no continente. A expedição nunca teve como um de seus objetivos pré-estabelecidos a conquista do Polo Sul, contudo, os anseios por esse objetivo eram evidentes (LARSON, 2015, p.79).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

viagem ao continente antártico. A expedição teve uma estratégia semelhante à de Scott, contudo, escolheu a região chamada de Baía das Baleias⁹⁰ para o estabelecimento de sua base de inverno.

No que diz respeito especificamente à jornada ao Polo Sul, Amundsen inicialmente desejava garantir a conquista do Polo começando a sua missão ainda em setembro, no entanto, diante de climas adversos, precisou retornar para a base após a realização de uma jornada de algumas milhas. Após aproximadamente um mês, a missão ao polo teve oficialmente início em 20 de outubro de 1911, com um avanço excelente, graças à força de tração dos cães que proporcionaram que Amundsen e mais quatro de seus colegas (Helmer Hansen, Oscar Wisting, Sverre Hassel, Olav Bjaaland) chegassem à latitude 90°Sul em 14 de dezembro de 1911⁹¹. A diferença de tempo entre as expedições foi fundamental para que Amundsen evitasse o mal tempo e retornasse para Framheim em 25 de janeiro, e para a Europa logo em seguida. Em contrapartida, em seu retorno Scott e seus homens são surpreendidos por tempestades e condições climáticas muito amenas. Devido também à falta de alimentos frescos, a equipe acabou enfraquecendo e sucumbindo em meio a jornada⁹².

Após a conquista norueguesa e da morte de Scott, Shackleton observou a possibilidade de uma nova missão. A Expedição Transantártica Imperial, ou como ficou conhecida a Expedição do Endurance, tinha como objetivo, como o próprio nome destaca, a primeira travessia antártica. Nas palavras de Shackleton: “Meu desejo era garantir que a primeira travessia do último continente fosse uma conquista britânica.” (SHACKLETON, 2002, p.13).

Financiada através de recursos privados vindos, sobretudo, da venda dos direitos sob as notícias, imagens e dos diários de viagem de Shackleton, a missão teria zarpado no começo de 1914, contudo, com o início da Primeira Guerra Mundial, Shackleton planejava cancelar sua missão para auxiliar nos conflitos, mas o Almirantado rejeitou sua oferta e insistiu para que a expedição fosse mantida. Ao longo do percurso ao polo, o Endurance foi pressionado incontáveis vezes pelos blocos móveis de gelo localizados na região chamada de Mar de Wendell, até que em outubro de 1914 encarou sua fase final com seu naufrágio. Após a destruição do navio, a tripulação é obrigada a rapidamente descarregar o necessário para sobreviver, e iniciar uma longa jornada sobre as banquisas de gelo, com o intuito de chegar até uma das estações baleeiras presentes nas ilhas da Geórgia do Sul, a centenas de milhas de distância. Após um longo percurso, passando pela Ilha Elephant, onde 22 membros da tripulação ficaram acampados, um menor grupo liderado por Shackleton seguiu para seu objetivo em busca de resgate.

⁹⁰ Descoberta por Shackleton durante a missão do Nimrod anos mais cedo, a baía era uma região no seio da Grande Barreira de gelo, em uma abertura que permitia além de adentrar a barreira do Mar de Ross, também se situava a 96 km mais próximo do que Scott do Polo Sul.

⁹¹ Neste momento, Scott se localizava a aproximadamente seiscentos quilômetros do Polo. (AMUNDSEN, 2001, p.365).

⁹² O primeiro a sucumbir diante as adversidades foi o suboficial Edgar Evans, em 17 de fevereiro. O próximo a falecer foi Oates, entre os dias 16 ou 17 de março desaparecendo entre as nevascas. Poucos dias após o desaparecimento, o restante do grupo composto por Scott, Wilson e Bowers também acabou sucumbindo. As últimas palavras de Scott em seu relato foram em 29 de março de 1912. (SCOTT, 2001).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Mesmo após alcançar as estações baleeiras e sua ajuda, Shackleton ainda precisava destinar seus esforços para resgatar a tripulação do *Endurance* que havia ficado para trás e o grupo do Mar de Ross, com o qual haviam perdido contato. Em 30 de agosto de 1916, a embarcação chilena *Yelcho* conseguiu alcançar a Ilha Elephant, resgatando todo o restante do grupo ainda com vida depois de 105 dias em que ficaram acampados no local (CAPOZOLLI, 2001, p.137). Após o resgate, Shackleton voltou sua atenção para o grupo do Mar de Ross⁹³.

2. Ansiedades, medos e a sinestesia da experiência

As capacidades sinestésicas humanas – os sentidos – em parte se diferem se comparadas com as de alguns animais. Nossa visão, como primeiro exemplo, consiste no sentido mais amplo e de grande predominância em nossa sociedade ocidental, muitas vezes aparecendo como sentido privilegiado negligenciando os demais (TILLEY, 2014, p.39). Nossa capacidade de visão assim como a de outros primatas se desenvolveu a partir do ambiente arbóreo, evoluindo de olhos pequenos para grandes enquanto os narizes se tornaram menores permitindo uma visão sem impedimentos. A localização dos olhos na face, torna o ser humano um animal binocular, o que limita sua capacidade de adquirir informação do meio, mas garante a habilidade de decifrar mais nitidamente objetos tridimensionais. A visão possui a característica de se desenvolver na medida em que os seres humanos envelhecem necessitando de tempo para que as capacidades de visualização tridimensionais estejam plenamente desenvolvidas (TUAN, 2012, p.23).

O tato é o sentido de que menos somos conscientes, mas o mais fundamental para nosso exercício de viver. A todo tempo estamos em contato com o meio e conosco. Mesmo sem a visão uma pessoa pode existir e conhecer o mundo através da utilização dos seus pés e mãos. Mesmo que essas não sejam as únicas maneiras de experienciar pelo tato, são as que mais nos concentramos e somos conscientes, sendo “aperfeiçoados para funções diferentes, mas complementares, respectivamente, de suporte e locomoção, e de preensão e manipulação” (INGOLD, 2015, p.71).

A respeito do olfato, os humanos não possuem esse sentido muito desenvolvido, outros animais como os cães possuem um olfato até cem vezes mais agudo. Contudo, consiste em um sentido de grande importância para a o desenvolvimento das sensibilidades, uma vez que, quando um cheiro ruim é percebido, pode levar a sentimentos negativos, como por exemplo o cheiro dos litorais que durante a história integrava os motivos da repulsa e do medo desses locais (CORBIN, 1989, p.26-27). Da

⁹³ Para muitos estudiosos do tema, como Caroline Alexander (1999), Roland Huntford (2002) e Ulisses Capozoli (2001), a expedição do *Endurance* é considerada a última do período da “Idade Heroica da Ciência na Antártica”. Como destaca Capozoli as expedições que se seguiram, além de serem realizadas anos após a missão de Shackleton em função dos acontecimentos da Primeira e da Segunda Grande Guerra, também contavam com os avanços tecnológicos que amparavam e tornavam esses empreendimentos mais seguros, não apresentavam tanto risco a vida de seus participantes (2001, p.140).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

mesma forma, um cheiro bom pode gerar sentimentos de familiaridade, tranquilizando ou evocando lembranças de um passado⁹⁴.

Já o paladar, assim como o olfato desempenha um grande papel na evocação de lembranças e emoções. Além disso, dentro da evolução humana o paladar adquiriu a capacidade de discernir entre alimentos benéficos e maléficos ou venenosos e contribuir para nossa sobrevivência no meio através de uma relação com o corpo (FRANCO, 2018, p.13).

Por fim o último sentido consiste na audição, sentido de grande importância principalmente pela sua capacidade de contribuir para a sobrevivência, alertando de perigos próximos que ameaçam o indivíduo. A capacidade auditiva do ser humano está bastante ligada à sobrevivência da espécie, uma vez que estudos demonstram que o ouvido é mais sensível a sons de choro de outros humanos que aos demais sons em um mesmo ambiente (TUAN, 2012, p.25). Além disso, a audição possui uma capacidade fundamental para a apreensão do real, capacidade que é demonstrada por aqueles que acabam ficando surdos subitamente que demonstram os impactos físicos e mentais, como sentimentos de solidão, debilidade de locomoção e em piores casos a depressão (TUAN, 2012, p.26). A audição está profundamente relacionada com os sentimentos de ansiedade e medo.

Esses cinco sentidos, juntos, realizam a troca de informações que constitui a vida humana em determinado ambiente. Em diferentes culturas, diferentes sentidos podem ser privilegiados, mas seu funcionamento ocorre sempre em conjunto. Nos relatos de viagens os sentidos estão constantemente fazendo parte das experiências de maneira silenciosa, desde o paladar curioso ao gosto da carne de foca (AMUNDSEN, 2001, p.121), ao som do gelo esmagando um navio (SHACKLETON, 2002, p.95), ao sentir o gelo sob os pés e o vento gelado no rosto (SCOTT, 2002, p.469), ou simples visão de um dia claro parecendo “sorridente” (AMUNDSEN, 2001, p.269).

Se relacionando aos sentidos, o medo constitui-se em um assunto bastante explorado pelas ciências, sobretudo as da psicologia e da psicanálise. Nas ciências humanas isso não é diferente, graças aos avanços de várias áreas que questionaram as velhas noções cartesianas de compreensão da mente e do corpo como categorias distintas e isoladas. Segundo Emilio Mira y Lopez (2002, n.p. apud SILVA, 2018, p.21), na psicologia o medo pode ser classificado em até três formas: o medo racional, o imaginário e o instintivo⁹⁵. Já na história, o medo está presente desde os primórdios da vida humana em cada uma das sociedades e culturas. Por muito tempo o medo consistia em um sentimento desprezado diante da ideia de honradez e coragem. Desde a antiguidade até a

⁹⁴ Segundo Tuan, diferente da visão que através de uma perspectiva salva a imagem de uma paisagem que pode ser alterada na medida em que o tempo passa e que nós mesmos mudamos, o odor permanece inalterado na maioria das vezes, nos levando a viajar por nossas lembranças. (2012, p.27).

⁹⁵ Para os autores o medo instintivo se relaciona como uma forma mais básica e natural, pode ser sentido com muito mais facilidade do que pensado e que se caracteriza pela baixa no metabolismo vital diante de ameaças ao sujeito. O racional, ao contrário, surge a partir do conhecimento proporcionado por experiências prévias e que pode proporcionar bases para que outras pessoas também o sintam. Por fim, o medo imaginário, como a própria nomenclatura sugere, consiste em um medo que deriva do imaginário do sujeito, sendo muitas vezes o mais torturante dos medos e levando até mesmo a estímulos agressivos, sem que nunca tenham tido razões para que fossem sentidos. (2002, n.p. apud SILVA, 2018, p.21).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

renascença, o sentimento que perpetrava era o da valentia em busca de uma exaltação da figura heroica. Desta forma, e ainda hoje, o medo se tornou sinônimo de covardia e algo vergonhoso (DELUMEAU, 2009 p.17).

Nos relatos das três expedições aqui analisadas as ansiedades e medos constantemente se associam aos aspectos da natureza experienciada por aqueles indivíduos, como: O mar, o gelo (incluindo os icebergs), a noite entre outros. Muito destes sentimentos advêm de interpretações enraizadas na sociedade, como é o caso do mar. Desde a antiguidade, os mares e o litoral sempre foram locais “enigmáticos” e portadores do desconhecido (CORBIN, 1989, p.21). Segundo Delumeau (2009, p.54), para a sociedade europeia do período medieval, o mar representava um universo a parte, sendo o portador de grande temor, mas também de grande importância. Na medida em que a sociedade foi se modificando ao longo dos séculos, a relação com o mar se tornou ainda mais complexa passando a sofrer transformações na medida em que o anseio por expandir o conhecimento do mundo e das relações de comércio entre regiões tomaram as viagens marinhas necessárias. Concebido inicialmente através de um olhar depreciativo, a viagem marítima e também o veículo para a realizar – no caso a embarcação – eram concebidos como ambientes putrefatos⁹⁶:

A viagem pelo mar, nos relatos de Scott, Shackleton e Amundsen, não recobre muito mais do que poucos capítulos, mas suas menções são sempre descritas com diferentes sentimentos, desde apreensão e medo, até afeto e encantamento. Essas sensibilidades podem ser encontradas logo nos primeiros momentos da obra de Scott, em dezembro de 1910, momento em que a expedição seguia rumo ao sul e acabara enfrentando as primeiras más condições: “O mês parece iniciar-se bem. Durante a noite a força do vento aumentou e conseguimos gradualmente atingir a velocidade de 8,9 e até 9,5 nós. Com o vento soprando forte do Noroeste, o mar encontrava-se muito encapelado, não nos permitindo relaxar ou dormir” (2002, p.20).

Os relatos destacam uma das principais características dos mares e que ao longo dos tempos foram um dos principais temores dos navegantes naquele momento e na atualidade: as tempestades. Responsáveis por mexer com o imaginário daquele que se vê diante dela, no caso de Scott, as difíceis condições encontradas durante os dias e a possibilidade de novas tempestades tinham um forte impacto nos ânimos da expedição (SCOTT, 2002, p.26-27). Já nos textos de Amundsen, poucas são as descrições sobre os mares, ou as dificuldades e as tempestades encontradas. Em uma dessas raras exceções, Amundsen, em novembro de 1910, destaca as condições encontradas através de expressões como “ameaçadoramente violento”, mas logo modificando sua narrativa demonstrando a superação dessas dificuldades e exaltando as qualidades do equipamento da missão. O autor procura demonstrar sua sorte em não presenciar tais calamidades, como por exemplo na descrição realizada acerca da véspera do Natal de 1910, quando Amundsen destaca o aproximar de uma “tempestade de sudoeste nada animadora”, mas

⁹⁶ Grande parte da repugnância que os sujeitos sentiam referente ao litoral, sobretudo entre os séculos XVII e XVIII, estaria ligada à experiência sinestésica olfativa adquirida por aqueles sujeitos que frequentavam a região. Pois, os fortes cheiros exalados pelo mar ligados aos apodrecimentos dos depósitos marinhos, somado ainda com os detritos (algas, excrementos marinhos e detritos orgânicos), contribuíam para que as pessoas considerassem as costas zonas malcheirosas (CORBIN, 1989, p. 26-27).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

que ao se aproximar mudou de forma e permitiu uma véspera de Natal “com o melhor clima e o mais plácido mar que havíamos visto nas últimas semanas” (p.117). Nos relatos de Shackleton existe a ausência de narrativas sobre a viagem até o continente Antártico. Sendo assim, menções sobre o mar e as percepções daquele grupo não surgem logo de início, só se tornando presentes nos últimos momentos da expedição durante a busca pelo resgate a bordo de um barco a remo junto a uma pequena equipe. Nesse momento o mar parece semelhante aos antigos escritos que narravam as dificuldades de se estabelecer relações e seu potencial de violência perante o homem: “Foi uma noite medonha. Os homens, exceto o escalado como vigia, ficavam curvados e amontoados no fundo do bote, tentando obter o máximo de calor que pudessem de seus *sleepings* encharcados e dos corpos de seus companheiros mais próximos.” (SHACKLETON, 2002. p.207)

Segundo Delumeau, as tempestades eram uma das grandes responsáveis pelo medo das populações acerca do mar. Nos relatos, pode se observar que as tempestades estão associadas aos transtornos de ansiedade proveniente do contato com algo desconhecido e que remetem perigo as suas vidas. Ansiedade nada mais é do que variações do sentimento vago de medo e que são desagradáveis para as pessoas que as sentem, podendo se desenvolver e acarretar inúmeros problemas mentais, fobias e ataques de pânico (CASTILLO, et al. 2000, p.20).

O medo do escuro, um dos medos mais presentes na humanidade, também se faz presente nas obras. O escuro não apenas consiste em um medo historicamente desenvolvido através do imaginário, como local onde demônios e bruxas habitam e se escondem, capacidade essa que está condicionada pela falta de visualização que permite que a mente reproduza essas imagens em sua frente. Além destas consequências, Yi-Fu Tuan também destaca implicações com o próprio corpo na medida em que impõe limitações para a locomoção e visibilidade acarretando muitas vezes em isolamento e desorientação. Estudos demonstram que desde as crianças recém-nascidas logo nos primeiros meses em que começam a se locomover pelos espaços tem preferência por zonas mais iluminadas (TUAN, 2005, p. 25-26).

Outro elemento importante ao longo dos relatos de viagem consiste no gelo, sobretudo, no formato das nevascas, das grandes banquisas e dos *icebergs*. Além das percepções daqueles homens sobre o gelo, seus efeitos nos corpos dos marinheiros e exploradores ganham grande destaque. Esses efeitos, tanto físicos quanto psicológicos, contribuem para corroborar com os sentimentos topofóbicos⁹⁷ que vão se construindo ao longo das obras.

As banquisas, fenômeno antártico que se relaciona com os mares e ao gelo, consistem em extensas regiões onde os mares diante das baixas temperaturas acabam sendo congelados formando uma superfície sólida que pode possuir espessuras de 2 metros e chegar até 4.000 metros⁹⁸. Ao se desprenderem da banquisa seus fragmentos

⁹⁷ 10 Valores topofóbicos fazem referências aos sentimentos de repulsa, medo e insegurança a lugares (TUAN, 2013).

⁹⁸ 11 Essas camadas de mares congelados podem chegar a possuir milhares de quilômetros de extensão, principalmente entre o período do verão ao inverno quando essas massas de gelo passam de 3,0 milhões de km² (no mês de fevereiro) para até 18 milhões de km² (em meados de setembro). Sua dimensão chega



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

resultam em enormes icebergs tabulares (MACHADO, 2019, p.04-05). Nos relatos do *Endurance*, o manto de gelo é uma figura predominante em grande parte da obra, sendo responsável pela destruição da embarcação, mas também pela base de sobrevivência dos participantes. Nas expedições antárticas, o gelo poderia representar um dos maiores inimigos para as campanhas, podendo tornar a viagem mais longa e demorada ou significar até mesmo o seu fim. Os sentimentos controversos criados diante da paisagem gelada nos fazem recorrer à ideia de uma natureza ou paisagem sublime. Como destaca Alessandra Izabel de Carvalho (2005), o sublime se refere a um prazer estético e de profundas emoções que são contraditórias, pois ao mesmo tempo em que atraem, também causam repulsa.

As três expedições se colocaram diante de uma natureza que se impunha como dominante diante ao grupo. Um exemplo de sua força de dominação aparece nos relatos durante as descrições dos últimos dias do *Endurance* que, a partir do mês de outubro, começou a passar por sua fase final, após vários meses de luta contra o gelo. A partir desse ponto, os relatos de Shackleton sofrem uma transformação, deixando de expor o encantamento e acentuando a frustração. Após esse episódio em que o navio foi destruído, as sensibilidades provenientes do contato com aquele ambiente e a ambivalência de sentimentos se alteram assim como a própria escrita. O medo daquele ambiente e de outros perigos que ele oferecia substituem as expressões positivas e de familiaridade, deixando a narrativa mais intransigente e preocupada. Nos relatos de Scott, o gelo e a banquisa proporcionam os mesmos medos que nos anos seguintes foram sentidos por Shackleton.

Diferente dos demais, Amundsen em sua escrita busca realizar uma descrição mais voltada para os sucessos e as adversidades vencidas por ele e seu homens, exaltando a dominação das condições encontradas (AMUNDSEN, 2001, p.126). Um dos momentos de maiores ansiedades na obra ocorrem durante a expedição ao polo devido as condições dos solos cobertos por espessas camadas de gelo fofo que poderiam conter fendas que levariam os trenós a destruição e seus homens a morte (AMUNDSEN, 2001, p.284). Até mesmo nesses momentos, o medo e as preocupações parecem serem sufocados por outros sentimentos associados à coragem, ou ainda, é possível perceber nos relatos de Amundsen uma ideia de desprezo pelos sentimentos de medo e a apreciação pela coragem diante as adversidades, tal como analisadas por Delumeau (2009, p.17). Esta questão se torna mais clara ao retornarmos aos relatos quando o autor descreve os sentimentos de seus colegas após a queda de um dos trenós em uma fenda profunda, e da necessidade de resgate de alguns cães e dos mantimentos do trenó: “Não nego que admiro a coragem e o desprezo pelo perigo, mas percebi que o extremo a que chegavam era demais para ser considerado admirável. Eles simplesmente estavam brincando de esquiva com a foice do destino.” (AMUNDSEN, 2001, p.285). A citação demonstra não apenas a sobreposição de sentimentos de valentia, mas também apresentam uma ambivalência de sensibilidades diante aquelas circunstâncias que relacionam ao afeto pelos seus companheiros, preocupações com seu destino e medo pelas suas atitudes. Além disso, as citações

até a latitude 60° Sul, e tem importância nas implicações da circulação das correntes oceânicas e em todo o clima do hemisfério sul (SIMOES, 2011, p.22).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

mencionam silenciosamente a necessidade dos sentidos sinestésicos para mantê-los a salvo das adversidades do solo, seja na visão para encontrar possíveis fendas e os melhores caminhos, ou na audição para ouvir estalos de gelo fino sobre os abismos.

Referências

ALEXANDER, Caroline. *Endurance: a lendária expedição de Shackleton à Antártica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ALMEIDA, Ana Teresa Moreira Dos Santos. *O treino do paladar: marcadores precoces de uma alimentação saudável para a vida: Monografia (Ciências da Nutrição e Alimentação)*. Universidade do Porto. Porto, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/54777>. Acesso em: 01 de mar. de 2022.

AMUNDSEN, Roald. *Polo Sul: relato da expedição antártica norueguesa a bordo do Fram: 1910-1912*. Alegro, 2001. Coleção Mundo afora.

BYINGTON, Carlos Amadeu B. Los sentidos como funciones estructurantes de la conciencia: Un estudio de la psicología simbólica. *Junguiana*, v. 37, n. 1, p. 201-208, 2019. CAPOZOLI, Ulisses. *Antártica: a última terra*. 3ªEd. São Paulo: Edusp, 2001.

CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Montanhas e memórias, uma identificação cultural no Marumbi*. Tese de Doutorado em História. UNICAMP, 2005.

CASSEL, Gastão. *A experiência e o narrador: a escrita-viagem de Shackleton, Scott, e Amundsen na conquista do Polo Sul*. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122587>. Acesso em: 23 de out. 2021.

CASTILLO, Ana Regina GL et al. Transtornos de ansiedade. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 22, p. 20-23, 2000.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso. 2009.

DE SOUZA PINTO, Júlia Paula Motta; DE JESUS, Adilson Nascimento. A transformação da visão de corpo na sociedade ocidental. *Motriz*, v. 6, n. 2, p. 89-96, 2000.

FRANCO, Ana Leonor de Abreu Ladeira Franco. *Correlação dos sentidos do olfato e paladar entre si e com comportamentos sociais*. Trabalho final de mestrado integrado em medicina .Faculdade de Medicina de Lisboa. 2018. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/6324156de5dd97d893e6ad080a015d92/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 26 de fev. de 2022.

HUNTFORD, Roland. *O último lugar da Terra: A competição entre Scott e Amundsen pela conquista do Polo Sul*. Trad. José Geraldo Couto, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes – (Coleção Antropologia), 2015.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medo, vida cotidiana e sociabilidade. *Revista de Ciências Sociais-Política & Trabalho*, p. 9-19, 2002.

LARSON, Edward J. *Um Império de gelo: Scott, Shackleton e a Idade Heroica da ciência na Antártica*. [trad. Camila Werner]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

MACHADO, Reinaldo Caixeta; DE PAIVA TOLEDO, André. A exploração dos icebergs à luz do Tratado da Antártica. *Revista de Direito, Economia e Desenvolvimento Sustentável*, v. 5, n. 2, p. 1-18, 2019.

PAULUK, Luiz Ricardo; BALLÃO, Cléa Maria. Considerações sobre o medo na História e na Psicanálise. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, p. 60-66, 2019.

PRESTON, Diana. *Rumo ao Polo Sul: a trágica história de Robert Falcon Scott*; trad. Cristina Fino e Beatriz Guimaraes. São Paulo: Ed. 34, 1999.

RIFFENBURGH, Beau. *A expedição esquecida de Shackleton: A viagem do NIMROD*. São Paulo: Editora Planeta, 2005.

SCHELLMANN, Karin. *Do mito à realidade: um olhar sobre a Antártica através dos signos e representações*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, 2005. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/2565>. Acesso em: 23 de out. 2021.

SCOTT, Robert F. *A última Expedição: A dramática corrida pela conquista do Polo Sul*. Alegre, 2002.

SILVA, João Tadeu Abreu da. *O medo e suas origens: um estudo fenomenológico com jovens executivos*. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional executivo em gestão empresarial). Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/27155/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Entrega_Jo%C3%A3o_Abreu_O_medo_e_suas_origens.pdf?sequence=1. Acesso em 13 de fev. de 2022.

SIMOES, Jefferson. *O ambiente antártico: domínio de extremos*. In.: GOLDEMBERG, José et al. *Antártica e as mudanças globais: um desafio para a humanidade*. São Paulo: Editora Blucher, 2011

SHACKLETON, Ernest. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. Trad. Roberto C. dos Santos. São Paulo: Alegre, 2002. Coleção mundo afora.

TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios- Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Ed. Eduel, 2013.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O HISTORIADOR COMO INTELLECTUAL DE MUSEUS: PRESERVAR, PESQUISAR, COMUNICAR.

LIMA, Samara¹; ZAN, André Kugler²

¹*Doutoranda em Museologia – Universidade Lusófona, Mestre em História – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Bacharel em História – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Bacharel em Museologia – Rede de Ensino Claretiano.*

²*Licenciado em História – Universidade Estadual de Ponta Grossa*

Resumo: O presente artigo consiste em uma discussão de cunho teórico, tendo como foco a contextualização do campo museal e a defesa do historiador como intelectual inserido dentro dos espaços de guarda de memória. O Historiador como articulador de discursos presente nas funções primárias de um museu.

Palavras chaves: *Historiador; Museus; Funções Primordiais.*

1. Introdução

Quando analisamos o papel do historiador em relação a preservação de memória, principalmente a memória museal, erroneamente pensamos nesse profissional como agente externo que apenas usufrui da fonte museal em prol da sua pesquisa. Neste contexto, a presente pesquisa visa mostrar o papel do historiador dentro de um museu, sua importância e o seu papel primordial ao exercer funções primárias em um espaço de guarda de memória, atuando como agente intelectual dinâmico no quesito preservar, pesquisar e comunicar.

Como forma de situar a pesquisa dentro da discussão historiográfica, o primeiro tópico, intitulado “A nova História Cultural e a nova Museologia” faz um breve traçado, cronológico, dos principais fatores que culminaram no novo olhar sobre o indivíduo e sua cultura dentro das áreas de história e museologia, tendo por base dois teóricos Peter Burke e Dominique Poulot.

O segundo tópico, intitulado IBRAM, faz um apanhado geral e histórico sobre como se originou o Instituto Nacional que regulamenta as ações e estimula o desenvolvimento do campo museal no Brasil. Já o terceiro tópico define quais as funções primordiais de um museu, usando a base das recomendações da UNESCO, definindo-as como preservar, pesquisar e comunicar.

Em consequência dessas definições, o quarto tópico se apresenta como uma defesa do papel do historiador no desenvolvimento dessas funções museais. Ressalta sua importância no que tange as funções de caráter primário de um museu, e claro, observando o historiador ativo em diferentes áreas, dentro de espaço de guarda de memória, mas com foco na sua importante atuação na pesquisa, preservação e comunicação do acervo e da memória coletiva.

2. A Nova História Cultural e a Nova Museologia



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH

UEPG
Universidade Estadual
de Ponta Grossa

10 Anos
PPGH
UEPG

Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Quando observamos os caminhos traçados dentro da nova história cultural e da nova museologia, percebemos algumas semelhanças estruturais na noção do que é cultura e de como os indivíduos interagem dentro dela. Essa visão permite um novo caminhar do ofício do historiador, mas também o novo panorama do que é museu e suas funções básicas. Traz-se para essa discussão dois teóricos, das diferentes áreas sugeridas no título deste tópico: Peter Burke na abordagem historiográfica e Dominique Poulot na abordagem museológica.

Peter Burke, no primeiro capítulo (BURKE, 2005, p.15) de sua obra intitulada “O que é história cultural”, faz uma abordagem sobre a desconstrução da história cultural e sua forma e análise dos indivíduos, em uma ordem cronológica dividida em 4 fases. Na primeira fase, denominada fase clássica (1800 a 1950) (BURKE, 2005, p. 16) Burke aponta que os historiadores culturais se concentravam nos estudos da história dos cânones, das obras primas da arte, literatura, filosofia, como se esses campos traduzissem uma época. Buscavam quais elementos eram recorrentes e constantes e exemplificavam de forma geral o sentimento e os pensamentos correspondente de um grupo ou período, a busca por um “espírito da época” (BURKE, 2005, p.17) que engloba um todo.

Coexistindo com a fase clássica, está a fase da Sociologia à História da Arte (1930 e 1940) (BURKE, 2005, p.20). Os pesquisadores desta época buscavam entender a cultura não com um viés unificador, mas fragmentado. Pensar em indivíduos dentro de redes de socialização, em relação a outros indivíduos e em relação a sociedade, abordagem sobre um senso de pertencimento, sobre a identidade e sobre a identificação: se identificar com símbolos (BURKE, 2005, p.23) e ícones, e deles entender a visão de mundo de uma cultura ou de um grupo social.

Entre os anos de 1950 a 1960 (BURKE, 2005, p.29), ocorreu uma redescoberta da história da cultura popular. Os pesquisadores mostram um interesse na relação entre a cultura e a sociedade ocorrendo uma releitura sobre a cultura popular. Essa discussão promove entender a cultura através da base, das classes tidas como “dominadas” por uma elite cultural “dominante”. Um olhar sobre o povo, que fuja do discurso nacional, mas busque analisar as minúcias dos ambientes fabris, das áreas periféricas, da musicalidade, poesia, o saber fazer em oposição ao consumo de massas.

A necessidade de se debater a história cultural popular surge, segundo Burke, por dois fatores (interno e externo) (BURKE, 2005, p.31): interno seria uma reação as formas de abordagem anteriores que excluía grupos ditos como “comuns” e uma reação à história política e econômica, que excluía a história cultural. O fator externo seria a crítica à ênfase que os próprios intelectuais pesquisadores davam para uma cultura tradicional e elitista, que acabava sendo generalizadora.

A partir dos anos de 1970 (BURKE, 2005, p.48), começa a se debater uma Nova História Cultural, período em que a influência da antropologia nos estudos históricos, permitem ampliar a gama sobre o que é cultura, e o que é sociedade, e como elas coexistem, sendo construído novas formas de análise, como a micro história e os estudos da cultura dentro da globalização, sendo intensificado termos como multiculturalismo e hibridismo cultural, então a cultura e os indivíduos históricos se tornam muito mais complexos do que a visão clássica que se tinha.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Dominique Poulot, em sua obra intitulada “Museu e museologia” (POULOT, 2013) faz um aporte sobre a história e o desenvolvimento do que é um museu, bem como do campo da museologia. Fazendo referência a Alma S. Wittlin, Poulot, define três momentos para uma cronologia do que é museu:

A era clássica dos museus se apoia na centralização, na especialização e na classificação das coleções, mas assiste também à primeira preocupação com o público. O período entre as duas guerras se satisfaz com uma temática da educação que define a ambição dos novos museus e, ao mesmo tempo, suscita oposições declaradas. Enfim, os anos posteriores à guerra são um momento “de busca e de conflito, de gestação e de realizações, tal como os museus nunca haviam conhecido”. (POULOT, 2013, p. 136)

Em meados do século XV o colecionismo torna-se uma das principais formas de demonstração cultural na Europa, sendo uma prática perpetuada até meados do século XVIII. Este momento caracteriza os museus como “Gabinetes de Curiosidades, os quais se configuram como coleções reunidas com o objetivo de acumular riquezas e sanar a curiosidade. Com o tempo tais gabinetes ganham funções muito mais políticas, econômicas e científicas. (POULOT, 2013, p. 55)

Inicialmente o acesso a essas coleções eram restritos aos proprietários - nobres, políticos e estudiosos - porém a especialização das coleções e o desenvolvimento do cientificismo sobre elas, permitiu uma abertura ao público em meados do século XVIII (POULOT, 2013, p. 141), permitindo a consolidação dos principais museus de história nacional do mundo, bem como as primeiras abordagens sobre a discussão de preservação de bens e coleções e a manutenção de uma memória nacional.

Após os acontecimentos das duas grandes guerras mundiais, iniciou-se uma nova abordagem no campo museológico, com o foco em transformar os espaços de guarda de memória em espaços educacionais e dinâmicos, cada vez mais próximos do público, porém, seu discurso ainda se focava nos mitos heroicos e momentos marcantes da narrativa histórica.

Na década de 1960 (POULOT, 2013, p. 139) a história presencia um crescimento de movimentos sociais, insatisfeitos com as situações políticas vigentes e com as estruturas sociais desiguais. Dentro dessa conjuntura há uma rejeição sobre o modelo museal elitista, ocorrendo um novo processo de reformulação, em consonância com as insatisfações mundiais. Assim, os museus passam a ser espaços cada vez mais dinâmicos e abertos as discussões sociais e lutas de grupos e minorias que até então não eram valorizados no campo da memória.

Nos anos seguinte, nas décadas de 1970 e 1980 (POULOT, 2013, p. 129) vemos a ascensão da Nova Museologia⁹⁹, pautada no debate sobre o papel social dos museus, como espaços inclusivos, focados no diálogo, em transformar o público para além de espectadores, mas transformadores e formadores de discurso.

3. IBRAM

⁹⁹ Movimento Internacional da Nova Museologia fundado em 1984 em Quebec no Canadá.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Os primeiros museus brasileiros foram organizados no século XIX, seguindo as discussões europeias, possuindo caráter elitista, enciclopédico. Com os movimentos intelectuais da década de 1920, as concepções sobre patrimônios nacionais ganharam novos contornos, pautada na exaltação de símbolos físicos, artísticos e patrióticos que expressassem o nacionalismo em ascensão (FONSECA, 2009, p.81). Nesse debate modernista, é criado o Museu Histórico Nacional- MHN através do do Decreto nº

15.596 de 02 de agosto de 1922, evidenciando os debates sobre nacionalismo e educar a população pautado nessa visão (SILVA, 2015, p.63).

Dentro desse seguimento modernista, foi possível na década de 1930, a constituição do Decreto-Lei nº 25 de 1937, elaborado pelo jurista Rodrigo de Mello Franco de Andrade, baseado no projeto de Mario de Andrade, a criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), atual IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), órgão integrado inicialmente a estrutura do Ministério da Educação e Saúde Pública, (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p.45) promovendo a proteção física, o debate, a valorização do patrimônio nacional.

A partir da década de 1970, a concepção de patrimônio nacional, passa a ser delimitada por novos conceitos, vinculados principalmente a necessidade da ampliação das noções de políticas públicas patrimoniais, essenciais para a preservação do patrimônio, através de incentivos, proteção através de instrumentos legais e, principalmente, educação patrimonial.

Esse debate nacional acarretou em alterações dentro do sistema organizacional do IPHAN, suas diretrizes foram alteradas para comportar os diferentes segmentos impostos, um deles é a criação de um setor, dentro do Instituto, para o debate museal. Assim é criado através da portaria nº 230 de 26 de março de 1976, a Divisão de Museus e de Difusão Cultural, atribuindo a esse setor coordenar os museus nacionais e estimular seu desenvolvimento, sendo substituído em 1986 pela Coordenadora do Sistema Nacional de Museus (IPHAN, 2008, p.17-20).

O estímulo destinado a criação e vinculação de museus de diferentes segmentos, permitiu que, em 2003, o Ministério da Cultura lançasse a Política Nacional de Museus (PNM). O principal objetivo da criação da PNM, como descreve atualmente o IBRAM, consistiu “em promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio museológico brasileiro a partir de sua diversidade cultural e, com isso, desenvolver e revitalizar as instituições museológicas” (IBRAM, 2013). No mesmo ano, é criado o Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU), no âmbito do IPHAN, e o desenvolvimento do Sistema Brasileiro de Museus (SBM). Segundo definição atual do IBRAM, a finalidade do SBM é:

[...] facilitar o diálogo entre museus e instituições afins, objetivando a gestão integrada e o desenvolvimento dos museus, acervos e processos museológicos brasileiros. Além disso, propicia o fortalecimento e a criação dos sistemas regionais de museus, a institucionalização de novos sistemas estaduais e municipais de museus e a articulação de redes temáticas de museus (IBRAM, 2013).



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

O DEMU passa a desenvolver instrumentos normativos, programas e ações de promoção do trabalho museal, porém desperta a necessidade da criação de um órgão que atue de forma mais autônoma na estrutura federal. Atendendo esta necessidade, é aprovado, em 2009, o Estatuto de Museus e criado o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) responsável pela gestão e estímulo dos museus nacionais (SILVA, 2015, p. 69.).

Desta forma, ao analisarmos a trajetória de formação do IBRAM, podemos melhor compreender como os museus foram e são compreendidos em território nacional, assim como as mudanças políticas pelas quais a definição do que é um museu passou até os dias de hoje. Neste contexto, o museu pode ser compreendido como um espaço educacional, social e cultural, com caráter dinâmico e permeado de aprendizados, troca de informações e crescimento, características bem diferentes da visão clássica de museu como um espaço estático e de demonstração.

Após a criação do Instituto Brasileiro de Museus, e sua definição sobre os museus nacionais, o Instituto começou a identificar lacunas dentro das normativas mundiais, no que tange o desenvolvimento dos museus no mundo. Isto porque havia a necessidade da construção de um documento contemporâneo, dentro da UNESCO, que visasse a proteção dos museus e sua função ativa na sociedade.

Em prol de desenvolver o debate sobre o campo museológico, o IBRAM a partir de 2010, com apoio do Programa Ibero-museus – uma iniciativa criada para desenvolver o diálogo e o intercâmbio entre os países ibero-americanos, no campo de atuação museal (IBERMUSEUS) –, teve a iniciativa de colocar em pauta o debate sobre a estruturação de um instrumento normativo de proteção ao patrimônio museológico, a proposta foi debatida no V Encontro Iberoamericano de Museus, em 2011, no México, e na XIV Conferência Iberoamericana de Cultura, em 2011, no Paraguai (CHAGAS et al., 2016, p. 7).

A proposta inicial foi aceita pela UNESCO, sendo necessário a construção de um texto base que gerisse os pontos fundamentais de uma recomendação, o texto foi organizado em 2012, no Rio de Janeiro, e contou com membros do IBRAM, UNESCO e especialistas de diferentes segmentos para sua elaboração, o qual foi aprovado e culminou, em 2015, no desenvolvimento de um documento normativo contemporâneo a respeito da promoção e proteção museal, o documento foi formalizado como “Recomendação Referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade”, oficializado durante a 38ª Conferência Geral da UNESCO (IBRAM, 2012).

4. As funções primárias de um museu

As funções primordiais de um museu, são definidas conforme as Recomendação da UNESCO, como: a preservação, a pesquisa, a comunicação e a educação. Para Desvallées e Mairesse (2013, p.22-23), essas funções podem ser organizadas por “[...] preservação (que compreende a aquisição, a conservação e a gestão das coleções), a pesquisa e a comunicação. A comunicação, ela mesma, compreende a educação e a exposição”. É imprescindível perceber que essas funções não são executadas individualmente, elas exigem um comprometimento coletivo e inter-relacionado.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

A preservação envolve diretamente as atividades dentro da gestão das coleções, desenvolvendo mecanismos que melhor salvaguardem os acervos sob custódia da instituição. Para Nicola Ladkin (2004, p. 18-25), a preservação pode ser definida como procedimentos de caráter técnico visando a perpetuação física e memorial do acervo, permite que os objetos-documentos que compõe o museu estejam integrados com a missão a qual o espaço se propõe a disseminar, garante que o acervo seja conservado ativamente e preventivamente, intensificando sua longevidade e conseqüentemente seu discurso.

É necessário que o museu e a sociedade tenham em mente os riscos em acondicionar acervos, não levando em conta somente possíveis catástrofes, mas na vida útil natural da matéria. Sendo assim fundamental a estipulação de uma política de proteção e conservação dentro do plano de gestão do museu, debatendo ações de redução dos riscos a longo prazo. Como forma inicial de preservação, a instituição deve classificar os riscos ao qual o acervo pode estar propício, que vão desde o conhecimento da equipe, a eventos naturais, condições estruturais, etc. Michalski (2004, p.57) define que podemos apresentar nove agentes degradantes, que podem provar danos irreversíveis ao acervo: “1 forças físicas diretas, 2 ladrões, vândalos e pessoal distraído, 3 incêndio, 4 água, 5 pragas, 6 contaminantes, 7 radiação, 8 temperatura incorreta e 9 humidade relativa incorreta.”

São agentes internos e externos que oferecem riscos aos museus, e necessitam de avaliação constante, sendo necessário o envolvimento de toda a equipe nesse processo, para o levantamento dos riscos ao acervo, planejar e efetivar melhorias para combater ou retardar os riscos, como a conservação preventiva, o desenvolvimento de mecanismos de segurança para o acervo e para o espaço, o controle de agentes biológicos, a manutenção e limpeza regulares, e até, em caso de necessidade, o restauro de um objeto.

Vinculado ao processo de preservação, a pesquisa está inserida como instrumento de conhecimento sobre o acervo e suas ligações com a história narrada no museu. Segundo Julião (2006, p. 95), a pesquisa pode ser subdividida em duas percepções: a investigação do acervo como documento museológico, executando assim a documentação museológica, permitindo que as coleções museais sejam interpretadas como fontes de informação e a pesquisa que permite explorar interpretações e conceitos histórico-culturais vinculados ao acervo como uma fonte, e colocam o acervo em dinâmica com a memória e a sociedade.

Essa transformação de objeto singular em fonte histórica plural proporciona que as coleções de acervos sejam analisadas como base para o conhecimento, onde o acervo torna-se parte importante no diálogo entre a narrativa e a sociedade, exercendo papel relevante na comunicação museal. A historicidade de um acervo não está atrelada a sua materialidade, é necessário interrogá-lo, colocá-lo como agente de informação, isso coloca o historiador como agente chave da pesquisa museológica, ficando a seu cargo converter o suporte físico em fonte de conhecimento (JULIÃO, 2015, p.7).

A comunicação museal pode ser analisada como a ação de propagar informação entre fonte e emissor, (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 35-36) que utiliza não somente de uma estrutura de linguagem, ela pode ser expositiva, visual, tátil, audível, digital, ela é variante e permite a interatividade espontânea da sociedade, permite que o receptor da informação fique à vontade para conhecer e entender como funciona a



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

instituição museal, caracterizando o espaço de guarda de memória como um espaço educador e formador de opinião.

5. O historiador no museu

Para entender o papel do historiador em museus, é necessário entender qual a função social de um historiador, nesse sentido Le Goff (2001, p.16-24), discursa que o historiador não reproduz o passado de uma forma estática, pautado apenas no homem, como fonte única, cabe ao historiador analisar o tempo e seus agentes, de uma forma dinâmica, aberta a mudanças. Desta forma, o historiador, precisa “compreender o presente pelo passado e, correlativamente, compreender o passado pelo presente” (LE GOFF, 2001, p. 26), percebendo que as temporalidades não se aplicam isoladamente, estão correlacionadas.

Sendo assim, cabe ao historiador interpretar as variâncias temporais, e delas extrair informações relevantes para as discussões sociais de diferentes vertentes. Muitas vezes o historiador preenche lacunas temporais, em outras cria espaço para novas discussões, mas principalmente, torna-se agente propagador.

Os museus são espaços interdisciplinares, como apontado por Cândido (2009, p.4), são espaços “com grande potencial para experimentação do conhecimento interdisciplinar”, sendo espaços propícios para profissionais que se dispõem a discutir os vestígios do passados e desenvolver ações que permitam analisar, interpretar, debater e disseminar, construir o saber em torno da memória e construir o debate educacional, profissionais como: historiadores, museólogos, arquivistas, antropólogos, que assumem a função de agentes de memória.

Diante das várias tipologias de museu – seja ele etnográfico, artístico, tecnológico, histórico, entre outros – a função do historiador não se limita a ser somente um acessório, o aprendizado histórico se torna plural, abrindo o leque de pesquisas e trabalhos desenvolvidos por esse profissional no intuito de refletir sobre a diversidade cultural do homem dentro do seu tempo, permitindo o estudo de diferentes memórias e identidades, interrogando os testemunhos do passados e traçando uma concepção sobre esse passado.

Não somente o ato da pesquisa limita o saber historiográfico dentro do museu. A partir do momento que a pesquisa reflete sobre a importância da memória dentro daquele espaço, ela também permite que os acervos sejam integrados dentro desse discurso, garantindo sua preservação. Sem o elemento da pesquisa, todas as funções desenvolvidas em relação ao acervo tornam-se incompletas, falhas. Ela permite o conhecimento sobre o acervo, permite a musealização de objetos, o mesmo perde suas características funcionais e passa a ser um agente de saber. O objeto torna-se uma fonte histórica, permitindo que o conhecimento gerido com esse acervo, seja disseminado ao público. Por essa perspectiva Schmidt (2008, p.190) ressalta que “O historiador [...] seria aquele profissional mais capacitado para perceber esta historicidade dos acervos, para evidenciar os diferentes “estratos do tempo” neles imbricados”. Esse processo de musealização do objeto garante a sua preservação física e simbólica, garante que um objeto singular, passe a ser integrado a um coletivo vinculado diretamente à identidade e o discurso do museu.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

Schimdt (2008, p. 187-196) levanta um ponto interessante em seu artigo a respeito do papel do historiador em museus vinculado a formação, onde dentro do saber da história, desenvolvido nas universidades, cada vez mais está acontecendo a inserção do historiador dentro dos espaços de guarda de memória e construção do saber. Dentro dessa discussão a Associação Nacional de História (ANPUH), no final de 2012, divulgou um documento em torno do debate do papel do historiador em espaços de preservação, pesquisa e difusão da memória, conforme salientado no documento a:

[...] participação do historiador torna-se fundamental sempre que o produto de difusão cultural envolva análise e narrativa histórica, já que é a sua formação profissional específica que o capacita a contribuir com competências como: atenção a múltiplas temporalidades; capacidade de crítica, contextualização e interpretação de documentos e de seus produtores; atualização historiográfica; capacidade de relacionar história acadêmica e história ensinada, e história e memória, respeitando referenciais teórico-metodológicos próprios da História.(ANPUH, 2012, p. 7)

Esse documento, incorpora a importância do historiador em museus, como um agente ativo dentro das funções primordiais da instituição, onde, como abordado por Schmidt (2008, p.189), o historiador não assume o papel de "consulente", como aquele que se dispõe a usar as fontes museais e arquivísticas em prol de sua pesquisa acadêmica, mas como agente voltado a oferecer serviços a pesquisadores, público, comunidade em geral. Porém essa aplicação não deve ser feita isoladamente, o profissional da história necessita estar interligado com as diferentes áreas do saber dentro do museu, promovendo um debate enriquecedor.

6. Considerações finais

O propósito desse trabalho se constituiu em fazer uma breve defesa do papel dos historiadores em museus, pois a maioria destes espaços comportam estes profissionais em seu quadro de funcionários, porém muitas instituições não valorizam a profissão dos agentes da história, considerando-os "acessórios", importantes, mas não necessários. Um dos principais motivos que leva a este pensar é a tardia regulamentação da profissão do historiador no Brasil, a qual apenas foi reconhecida em agosto de 2020, após um longo processo de luta em busca dos direitos de atuação destes profissionais.

Porém, mesmo com o reconhecimento da profissão, esta ainda sofre as consequências dos anos em que ficou relegada a um segundo plano na sociedade e também nos espaços museais. Neste contexto, há a necessidade de uma legislação efetiva que ofereça direitos de atuação a estes profissionais, como a obrigatoriedade de concursos, da presença de historiadores em espaços sociais de narrativa história e guarda de memória, como os museus.

Muitas vezes cria-se a ideia errônea do profissional da história, atuando em museus como para "preencher lacunas profissional", ou até mesmo substituir o saber-fazer de outros, muito se fala sobre a atividade do historiador assumindo o papel do arquivista e do museólogo, por exemplo. Mas o museu deve ser multidisciplinar, deve integrar os diferentes conhecimentos, não deve ser entendido como setores isolados que



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

exercem funções fechadas. O espaço de trabalho museal deve ser colaborativo, permitir que os diferentes setores estejam integrados e cooperados para a melhor construção do saber, onde cada um exerce uma parcela significativa na construção da identidade do espaço.

Referências

ANPUH-BRASIL. *O perfil profissional dos historiadores atuantes em arquivos*. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://apalopez.info/bieau/ANPUH-historiadores_em_arquivos.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2017.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009*. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm. Acesso em: 17 abr. 2017.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. *Museus como espaço de interdisciplinaridade e o ofício do historiador*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.

CHAGAS, Mário; LEITE, Pedro; MOUTINHO, Mário; STORNINO, Claudia. A nova recomendação da UNESCO sobre museus coleções sua diversidade e função social. *Informal Museology Studies* nº 13. 2016. Lisboa.

CIAMPA, A. *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensino de Psicologia Social*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CURY, Marília X. Os usos que o público faz do museu: a (re)significação da cultura material e do museu. *Revista Brasileira de Museus e Museologia*, 2004 (p. 89-106).

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

FONSECA, Maria C. L. *O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FUNARI, Pedro P. A; PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 2º reimpressão.

GUILLEN, Isabel C. M. Patrimônio e história: reflexões sobre o papel do historiador. *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, 2014.

IBERMUSEUS. *O Programa Ibermuseus.s.d*. Disponível em: <<http://www.ibermuseus.org/instit/conheca-o-programa-ibermuseus>>. Acesso em: 24 mai. 2017.



2º COLÓQUIO
PPGH - UEPG
EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS
E POSSIBILIDADES:
10 ANOS DE PPGH



Dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Memória*: Política Nacional de Museus completa dez anos de lançamento. 16 de maio de 2013. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/memoria-politica-nacional-de-museus-completa-dez-anos-de-lancamento-hoje-16>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

_____. *Sistema Brasileiro de Museus*. s.d. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/sistemas/sistema-brasileiro-de-museus>>. Acesso em: 24 de mai. 2017.

_____. *Unesco referenda proposta brasileira para proteção ao patrimônio musealizado*. 19 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/unesco-referenda-proposta-brasileira-para-protecao-ao-patrimonio-musealizado>>. Acesso em: 35 mai. 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Cadernos de Pesquisa e Documentação do IPHAN*. Programa de Gestão Documental do IPHAN. n. 5. Rio de Janeiro: Copedoc, 2008.

JULIÃO, Letícia. *Museu, Patrimônio e História: Cruzamentos Disciplinares*. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2015, João Pessoa: ANCIB

_____. *Pesquisa histórica no museu*. In: CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

LADKIN, Nicola. *Gestão do Acervo*. In: Como Gerir um Museu: Manual Prático. França: ICOM, 2004. p.17-32. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

LE GOFF, J. *Prefácio*. In: BLOCH, M. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.15-34.

MICHALSKI, Stefan. *Conservação e Preservação do Acervo* In: Como Gerir um Museu: Manual Prático. França: ICOM, 2004. p. 55-98. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

POULOT, Dominique. *Museu e museologia*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. - Belo Horizonte : Autêntica Editora 2013 - (Coleção Ensaio Geral)

SCHMIDT, Benito Bisso. Os historiadores e os acervos documentais e museológicos: novos espaços de atuação profissional. *Anos 90*. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 187-196, dez. 2008.

SILVA, Marcela V. T. Do SPHAN ao IBRAM: Subsídios para compreender a produção documental dos museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). *Revista Eletrônica Ventilando Acervos*, v.3, n.1, p.60-75, nov.2015.